A fascinante sequência de *O Enigma de Rama*

# O JARDIM DE RAMA

ARTHUR C. CLARKE
& GENTRY LEE

EDITORA NOVA FRONTEIRA

SHOUT
SHARE
IT

# Annotation

Nesta sequência de O Enigma de Rama, é mostrada a vida dos astronautas que foram deixados a bordo da espaçonave extraterrestre Rama. Em sua interação com esse estranho habitat vão descobrir que existem outros tripulantes que os acompanham na viagem para fora do Sistema Solar.


- Arthur C. Clarke e Gentry Lee
- SUMÁRIO
- Contracapa
- Agradecimentos
- O DIÁRIO DE NICOLE
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- DENTRO DO NODO
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- ENCONTRO MARCADO EM MARTE
- 1
- 2
- 3
- 5
- 6
- 7

- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- EPITALÂMIO
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- O JULGAMENTO
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10

# Arthur C. Clarke e Gentry Lee
# O jardim de Rama

Arthur C. Clarke
e
Gentry Lee

# O JARDIM DE RAMA

Tradução de Barbara Heliodora

Editora Nova Fronteira

Título original: The Garden of Rama
© Arthur C. Clarke e Gentry Lee 1991

ISBN 85-209-0584-6

Digitalizado por: SCS
Completado em 15/06/2010

*Tradução de Barbara Heliodora*
*Editora Nova Fronteira*
*Título original: The Garden of Rama*
*Arthur C. Clarke e Gentry Lee 1991*

# SUMÁRIO

O DIÁRIO DE NICOLE
DENTRO DO NODO
ENCONTRO MARCADO EM MARTE
EPITALÂMIO
O JULGAMENTO

# Contracapa

No ano 2130, uma misteriosa espaçonave, Rama, chegou ao sistema solar.

Era imensa — suficientemente grande para conter uma cidade e um mar em seu cilindro de cinquenta quilometros — e vazia, aparentemente abandonada por seu construtores. Quando Rama partiu para seu destino seguinte e desconhecido, muitas maravilhas haviam sido descobertas, mas poucos mistérios solucionados.

Só uma coisa ficara esclarecida: tudo o que os enigmáticos construtores de Rama faziam, o faziam em grupos de três.

Oitenta anos mais tarde, a segunda nave alienígena chegou ao sistema solar. Desta vez, a Terra a observara e estava à sua espera. Mas nem todos aqueles anos de preparação foram suficientes para que se penetrasse no enigma ramaiano. A cada descoberta o mistério mais se adensava e a nova expedição terminou em tragédia — e com uma tentativa da Terra de destruir a nave alienígena.

Agora, Rama II está caminhando para fora do sistema solar. A bordo estão três humanos, dois homens e uma mulher, deixados para trás quando a expedição partiu. À frente, o desconhecido, uma viagem que humano algum jamais experimentara. E ao final desta podia estar a verdade a respeito de Rama.

Em O jardim de Rama Arthur C. Clarke e Gentry Lee produziram um estonteante episódio na história que começou no clássico Encontro com Rama, de Clarke, o único romance de ficção científica a abocanhar todos os principais prêmios do gênero.

# Agradecimentos

Muitas pessoas fizeram contribuições valiosas para este romance. A primeira dentre essas, em termos de impacto geral, foi nosso editor Lou Aronica.

Seus comentários, logo no inicio, deram forma à estrutura de todo o romance e sua percuciente editoração final fortaleceu de modo significativo a fluência do livro.

Nosso bom amigo e polimatemático Gerry Snyder foi novamente de imensa ajuda, enfrentando todos os problemas técnicos com generosidade, fossem eles grandes ou pequenos. Se as passagens médicas da história são precisas e têm verossimilhança, quem merece o credito e o dr. Jim Willerson. Quaisquer erros nas mesmas passagens são da estrita responsabilidade dos autores.

Durante o início da redação, Jihei Akita não poupou esforços na busca das locações adequadas para as cenas japonesas. E mostrou-se, também, mais do que disposto a discutir cm profundidade os costumes e a história de seu pais.

Na Tailândia, a sra. Watcharee Monviboon foi excelente guia para as maravilhas daquele país.

O romance trata, com considerável detalhe, de mulheres, particularmente sua maneira de sentir e pensar. Tanto Bebe Barden quanto Stacey Lee sempre se mostraram disponíveis para conversas sobre a natureza feminina. A sra. Barden foi de particular ajuda, também, quanto a idéias para a vida e a poesia de Benita Garcia.

Stacey Kiddo Lee fez muitas contribuições diretas para O jardim de Rama, porém foi seu altruísta apoio ao empreendimento como um todo que foi decisivo.

Durante o tempo em que o romance foi escrito, Stacey deu à luz seu quarto filho, Travis Clarke Lee. Por tudo, Stacey, muito obrigado.

# O DIÁRIO DE NICOLE

# 1

29 DE DEZEMBRO DE 2200

Há duas noites, às 10:44h, hora de Greenwich na Terra, Simone Tiasso Wakefield ajudou o universo. Foi uma experiência inacreditável. Pensei que já sentira antes emoções fortes, porém nada em minha vida — nem a morte de minha mãe, nem a medalha de ouro nas Olimpíadas de Los Angeles, nem minhas 36 horas com o príncipe Henry, e nem mesmo o nascimento de Geneviève sob o olhar alerta de meu pai no hospital de Tours — foi tão intenso quanto minha alegria e alívio quando finalmente ouvi o primeiro choro de Simone.

Michael previra que o bebê chegaria no Dia de Natal. Com seu costumeiro jeito amoroso, ele nos dissera que Deus ia "dar-nos um sinal", ao fazer com que nossa filha espacial nascesse no dia universalmente aceito como o do nascimento de Jesus. Richard riu-se da idéia, como acontece sempre com meu marido cada vez que o fervor religioso de Michael fica fora de controle. Mas depois que senti as primeiras contrações fortes na Véspera de Natal, até mesmo Richard começou a crer.

Tive um sono inquieto na noite antes do Natal. E logo antes de acordar tive um sonho profundo e vivido. Eu estava caminhando junto ao nosso lago em Beauvois, brincando com meu pato favorito, Dunois, e seus companheiros selvagens, quando ouvi uma voz que me chamava. Não conseguia identificar a voz, mas sabia sem dúvida que era uma voz de mulher. Ela me disse que meu parto seria extremamente difícil e que eu precisaria de todas as minhas forças para dar à luz minha segunda filha.

No próprio Dia de Natal, depois de trocarmos os singelos presentes que cada um de nós havia encomendado secretamente aos ramaianos, comecei a treinar Michael e Richard para toda uma gama de possíveis emergências. Creio que Simone teria efetivamente nascido no Dia de Natal se no plano consciente minha mente não estivesse tão cônscia de que nenhum dos dois homens estava sequer remotamente preparado para ajudar-me em caso de algum problema sério. É provável que minha força de vontade, e mais nada, tenha adiado o nascimento do bebê por aqueles dois últimos dias.

Uma das contingências discutidas no Natal foi a de o bebê estar com apresentação de nádegas. Há cerca de dois meses, quando ao bebê ainda por nascer restava alguma liberdade de movimentos dentro de meu útero, eu estava bastante certa de ele estar de cabeça para baixo. Porém, pareceu-me que ela havia invertido a posição na última semana antes de baixar para sua posição préparto. Eu estava apenas

parcialmente correta. Ela havia conseguido entrar com a cabeça na frente no canal de parto; no entanto, estava com o rosto para cima, voltado para a minha barriga, e depois da primeira série forte de contrações, o alto da cabecinha dela viu-se incomodamente encalhado de encontro à minha pélvis.

Em um hospital na Terra é provável que o médico houvesse feito uma cesariana. Sem dúvida, o médico ficaria alerta a sinais de estresse do bebê e começaria bem cedo a usar todo o seu instrumental robótico para lutar para girar a cabeça de Simone antes de ela encalhar em situação tão desconfortável.

Mais para o fim a dor estava arrasadora. Entre uma e outra das fortes contrações que a empurravam contra minha ossatura inamovível, eu tentava gritar ordens a Michael e Richard. Meu marido foi praticamente inútil. Ele não sabia como administrar minha dor (ou "aquela porcaria", como mais tarde veio a chamá-la), e muito menos ajudar com a episiotomia ou usar o fórceps improvisado que conseguíramos com os ramaianos. Michael, que Deus o abençoe, com suor jorrando da testa apesar da temperatura baixa da sala, lutou bravamente para seguir minhas instruções por vezes incoerentes. Ele usou o meu bisturi para me abrir ainda mais e então, depois de hesitar por um momento diante de todo aquele sangue, ele encontrou a cabeça de Simone com o fórceps.

De algum modo ele conseguiu, na terceira tentativa, tanto empurrá-la de volta para o caminho certo quanto girá-la para que pudesse nascer.

Ambos os homens gritaram quando a cabeça apareceu. Eu continuei a me concentrar na respiração correta, preocupada com a possibilidade de não conseguir ficar consciente. Apesar da dor intensa, eu também gritei quando minha contração forte seguinte disparou Simone para as mãos de Michael. Como pai, era tarefa de Richard cortar o cordão umbilical, e quando ele concluiu, Michael levantou Simone para que eu a visse. "E uma menina", disse ele com lágrimas nos olhos. Ele a pousou delicadamente sobre meu estômago e eu me alcei ligeiramente para vê-la. Minha primeira impressão foi a de que ela era uma réplica exata de minha mãe.

Forcei-me a ficar alerta até a placenta ser removida e acabei de costurar, com a ajuda de Michael, os cortes que ele fizera com o bisturi. E depois entrei em colapso. Não me lembro dos detalhes das 24 horas seguintes.

Estava tão cansada do longo trabalho e do parto em si (minhas contrações já estavam em cinco minutos onze horas antes de Simone nascer) que eu dormi todos os momentos que me foi possível. Minha nova filha mamou prontamente, sem qualquer necessidade de estímulo, e Michael insiste em que ela até mesmo mamou umas duas

vezes enquanto eu estava apenas parcialmente acordada.

Meu leite agora inunda o seio tão logo Simone começa a sugar e ela parece perfeitamente satisfeita quando acaba. Fico encantada que meu leite lhe seja suficiente — estava preocupada que tivesse com ela o mesmo problema que tivera com Geneviève.

Um dos dois homens está sempre a meu lado quando acordo. Os sorrisos de Richard me parecem um tantinho forçados, mas são bem-vindos mesmo assim. Michael está sempre pronto para colocar Simone em meus braços ou em meu peito quando estou acordada. Ele a carrega muito à vontade, mesmo quando ela chora, e fica resmungando: "Ela é linda."

Neste instante Simone está dormindo a meu lado, envolvida em um quase cobertor feito pelos ramaianos (é muito difícil definir tecidos, particularmente em termos qualificativos como "macio", ou em quaisquer termos quantitativos que nossos anfitriões possam compreender). Ela realmente se parece com minha mãe. A pele é bem escura, talvez mais do que a minha, e seu chumaço de cabelo é negro como azeviche. Seus olhos são de um marrom forte, mas com sua cabeça ainda afunilada e deformada pelo parto difícil, não é fácil dizer que Simone seja bonita. Mas é claro que Michael tem razão. Ela é deslumbrante. Meus olhos podem perceber, com facilidade, a beleza que está por trás daquela criatura frágil e avermelhada que respira com velocidade tão frenética. Bem-vinda ao mundo, Simone Wakefield.

# 2

6 DE JANEIRO DE 2201

Já há dois dias que estou deprimida. E cansada, muito cansada. Mesmo sabendo que estou sofrendo de um caso típico de síndrome pós-parto, não tenho sido capaz de me livrar de meus sentimentos depressivos.

A manhã de hoje foi a pior. Acordei antes de Richard e fiquei quieta no meu lado da esteira. Olhei para Simone, que dormia tranqüilamente em seu berço ramaiano encostado na parede. Apesar do amor que sinto por ela, não posso elaborar qualquer pensamento positivo quanto a seu futuro. A aura de êxtase que envolvera seu nascimento e durara 72 horas desaparecera completamente. Um fluxo sem fim de observações sem esperança e de questões sem resposta ficava percorrendo minha mente. Que espécie de vida será que vai ter minha pequena Simone? Como poderemos nós, seus pais, de algum modo garantir sua felicidade?

Minha filhinha querida, você vive com seus pais e seu bom amigo Michael O'Toole em uma toca subterrânea a bordo de uma espaçonave gigantesca de origem extraterrestre. Os três adultos em sua vida são todos astronautas do planeta Terra, parte da tripulação da expedição Newton, enviada para investigar um pequeno mundo cilíndrico chamado Rama há quase um ano. Sua mãe, seu pai e o general O'Toole eram os únicos humanos que permaneciam a bordo dessa nave alienígena quando Rama alterou abruptamente sua trajetória para evitar ser aniquilada por uma falange nuclear lançada por uma Terra paranóica.

Acima de nossa toca fica uma ilha de misteriosos arranha-céus, a que chamamos Nova York. Ela é circundada por um mar gelado que dá a volta a toda esta imensa espaçonave e a divide em duas. Neste momento, segundo os cálculos de seu pai, penetramos ligeiramente na órbita de Júpiter (muito embora a vasta bola de gás em si esteja lá longe, no outro lado do Sol), seguindo uma trajetória hiperbólica que eventualmente irá abandonar inteiramente o sistema solar. Não sabemos para onde estamos indo. Não sabemos quem construiu esta espaçonave ou por que eles a haviam construído. Sabemos que há outros passageiros a bordo, mas não temos idéia de onde terão vindo e, além do mais, temos razões para desconfiar que ao menos alguns deles sejam hostis.

Nestes últimos dois dias, é esse esquema que meus pensamentos não têm parado de remoer. E todas as vezes chego à mesma conclusão deprimente: é impossível que nós, supostamente adultos maduros, trouxéssemos um ser tão desamparado e inocente para um ambiente

que conhecemos tão pouco e sobre o qual não temos o menor controle. Hoje de manhã, tão logo tomei consciência de que estávamos no meu 37º aniversário, comecei a chorar. A princípio as lágrimas foram suaves e silenciosas, porém à medida que lembranças de todos os meus aniversários anteriores foram inundando minha mente, soluços profundos foram substituindo as lágrimas suaves. Estava sentindo uma tristeza profunda e dolorosa, não só por Simone como também por mim mesma. E quando me lembrei do magnífico planeta azul de nossa origem e não consegui incluí-lo no futuro de Simone, fiquei fazendo-me sempre a mesma pergunta. Por que haveria eu de parir uma criança no meio desta porcaria?

Lá estava a palavra de novo. Era uma das favoritas de Richard. Em seu vocabulário, "porcaria" tinha usos virtualmente ilimitados. Qualquer coisa que estivesse caótica e/ou fora de controle, seja um problema técnico ou uma crise doméstica (tal como uma esposa aos prantos tomada por uma violenta crise de depressão pós-parto), é chamada de porcaria.

Os homens não foram de grande ajuda hoje de manhã. Suas tentativas de me fazer sentir melhor só ampliavam minha tristeza. Uma pergunta. Por que é que quase todo homem, quando defrontado com uma mulher infeliz, supõe imediatamente que essa infelicidade é de algum modo relacionada com ele? Para falar a verdade, não estou sendo justa. Michael já teve três filhos, ao longo dos anos, e tem certo conhecimento sobre os sentimentos que estou tendo. O que fez, principalmente, foi perguntar se havia alguma coisa que pudesse fazer para me ajudar. Mas Richard ficou arrasado com minhas lágrimas. Assustou-se quando acordou e me encontrou em prantos. A princípio pensou que eu estivesse sentindo alguma horrenda dor física. E não ficou mais do que ligeiramente consolado ao saber que eu estava simplesmente deprimida.

Depois de estabelecer que ele não era culpado por meu estado de ânimo, Richard ficou ouvindo em silêncio enquanto eu expressava minha preocupação quanto ao futuro de Simone. Confesso que eu estava um tanto perturbada, mas ele não parecia compreender nada do que eu dizia. Ele ficava repetindo a mesma frase — que o futuro de Simone não era de modo algum mais incerto do que o nosso — acreditando que, não havendo base lógica para eu ficar tão agitada, minha depressão deveria desaparecer instantaneamente. Afinal, depois de mais de uma hora de problemas de comunicação, Richard concluiu corretamente que ele não estava me ajudando em nada e resolveu me deixar sozinha.

(Seis horas mais tarde.) Estou me sentindo melhor agora. Ainda faltam três horas para o meu aniversário acabar. Tivemos uma festinha de noite. Eu acabo de amamentar Simone e ela está

novamente deitada ao meu lado — Michael nos deixou há uns quinze minutos e foi para seu quarto, do outro lado da sala. Richard adormeceu cinco minutos depois de pousar a cabeça sobre o travesseiro. Tinha gasto o dia inteiro trabalhando no meu pedido de umas fraldas mais aprimoradas.

Richard tem muito prazer em supervisionar e catalogar nossas interações com os ramaianos, ou sei lá com quem seja que opera os computadores que nós ativamos com o teclado em nosso quarto. Jamais vimos alguém ou alguma coisa no túnel escuro que fica exatamente atrás da tela negra. De modo que não temos certeza de que haja criaturas por lá reagindo a nossos pedidos e ordenando suas fábricas a manufaturar este ou aquele objeto para nós, mas por conveniência nós nos referimos a nossos anfitriões e benfeitores como ramaianos. Nosso processo de comunicação com eles é a um tempo complicado e direto. É complicado porque falamos com eles usando figuras na tela negra e fórmulas quantitativas precisas na linguagem da matemática, da física e da química. É direto porque as frases que nós efetivamente imputamos usando o teclado são de sintaxe espantosamente simples. Nossas frases mais usadas são “Gostaríamos de” ou “Nós queremos” (é claro que não tínhamos a menor possibilidade de saber a tradução exata de nossas necessidades, e apenas supúnhamos estar sendo polidos — havia a possibilidade de que as instruções que estávamos ativando tivessem forma de ordens grosseiras começando por “Dêem aqui”), seguidas de uma descrição detalhada daquilo que gostaríamos que nos fosse fornecido.

A parte mais difícil é a química. Objetos simples de uso quotidiano como sabão, papel e vidro são muito complexos do ponto de vista químico, e extremamente difíceis de especificar com exatidão em termos de seu número e espécie de compostos químicos. Às vezes, como Richard descobriu logo no início de seu trabalho com o teclado e a tela negra, temos também de esboçar o processo de manufatura, inclusive os regimes termais, pois de outro modo o que recebemos pode não ter a menor semelhança com o que foi requisitado. O processo de requisição implicou altíssimo número de tentativas e erros. A princípio o intercâmbio foi muito ineficiente e frustrante. Nós três ficávamos desejando que nos lembrássemos melhor de nossa química de faculdade. Na verdade, nossa incapacidade para alcançar progresso satisfatório no sentido de nos equiparmos com os objetos essenciais do quotidiano foi uma das forças catalisadoras no sentido da Grande Excursão, como Richard gosta de chamá-la, que ocorreu há quatro meses.

Aquela altura a temperatura ambiente, tanto na superfície de Nova York quanto no resto de Rama, já estava a cinco graus abaixo do ponto de congelamento, e Richard já confirmara que o Mar Cilíndrico

voltara a ficar inteiramente congelado. Eu estava começando a ficar seriamente preocupada por sentir que não íamos estar devidamente preparados para o nascimento do bebê.

Nós levávamos tempo demais para realizar toda e qualquer tarefa. Conseguir e instalar uma privada operacional, por exemplo, acabou sendo um esforço de um mês, e o resultado era pouco satisfatório. Na maioria das vezes nosso problema básico era o de que fornecíamos especificações insuficientes a nossos anfitriões.

No entanto, por vezes a dificuldade eram os próprios ramaianos. Muitas vezes eles nos informaram, usando nossa linguagem mútua de símbolos matemáticos e químicos, que eles não podiam concluir a manufatura de algum item específico dentro do tempo previsto.

Seja como for, Richard anunciou certa manhã que ele ia deixar nossa toca e tentar alcançar a nave militar de nossa expedição Newton, que continuava atracada. Seu objetivo proclamado era a recuperação dos componentes-chave de dados científicos arquivados nos computadores da nave (o que nos ajudaria muito em nossos pedidos aos ramaianos), mas ele reconhecia também que estava terrivelmente faminto de comida decente. Nós vínhamos conseguindo manter-nos saudáveis e vivos com a gororoba química que nos era fornecida pelos ramaianos.

No entanto, a maior parte da comida era ou totalmente sem sabor ou horrível.

Justiça lhes seja feita, nossos anfitriões vinham correspondendo corretamente às nossas demandas. Embora nós soubéssemos grosso modo descrever os ingredientes químicos essenciais de que nossos corpos necessitavam, nenhum de nós jamais estudara em detalhe o complexo processo bioquímico que tem lugar quando provamos alguma coisa. Freqüentemente a papa era difícil, quando não impossível, de se engolir. Mais de uma vez a refeição foi seguida de náuseas.

Nós três passamos a maior parte de um dia discutindo os prós e contras da Grande Excursão. Eu estava na fase de azia de minha gravidez e sentindo-me bastante desconfortável. Mesmo que não me agradasse a idéia de ficar sozinha em nossa toca enquanto os dois homens atravessavam o gelo a pé, localizavam o jipe, cruzavam com ele a Planície Central e depois subiam, de elevador ou a pé, os muitos quilômetros até a estação rebatedora Alpha, reconheci que havia um grande número de circunstâncias nas quais um poderia ajudar o outro.

Concordei com eles também que a idéia de fazer tal viagem sozinho seria uma grande loucura.

Richard tinha certeza de que o jipe continuava funcionando, mas tinha menos esperança em relação ao pequeno elevador de cadeira. Discutimos longamente os danos que poderiam ter atingido a nave

militar Newton, exposta como estava, do lado de fora de Rama, às explosões nucleares que haviam ocorrido fora do escudo protetor trançado. Richard conjecturou que já que não havia danos estruturais visíveis (usando nosso acesso ou produto dos sensores ramaianos, havíamos observado imagens da nave militar Newton na tela negra várias vezes nos meses anteriores), era possível que a própria Rama houvesse inadvertidamente protegido a nave de todas as explosões nucleares, o que resultava em não existir danos de radiação pelo lado de dentro, tampouco.

Eu era menos otimista em minhas perspectivas. Havia trabalhado com os engenheiros ambientais nos desenhos do escudo para a espaçonave, e tinha consciência da susceptibilidade à radiação de cada subsistema da Newton.

Embora pensasse que havia grande probabilidade de a base de dados científicos estar intacta (tanto o seu processador quanto todas as suas memórias eram feitas com componentes resistentes à radiação), estava virtualmente certa de que quaisquer reservas de comida estariam contaminadas. Sempre soubemos que nossos pacotes de comida ficavam em local relativamente desprotegido. Antes do lançamento, na verdade, tinha havido até mesmo certa preocupação de que um jato solar inesperado pudesse produzir radiação suficiente para deixar a comida imprópria para consumo.

Eu não tinha medo de ficar sozinha pelos poucos dias ou uma semana que poderiam levar os dois homens para fazer a viagem de ida e volta à espaçonave militar. Preocupava-me mais com a possibilidade de um ou outro, ou ambos, não voltarem. Não era só uma questão das octoaranhas, ou de quaisquer outros alienígenas que pudessem estar coabitando conosco esta imensa espaçonave. Havia incertezas ambientais a serem consideradas, também. O que aconteceria se Rama de repente começasse a manobrar? Ou se algum outro acontecimento inopinado ocorresse e eles não pudessem voltar para Nova York?

Richard e Michael garantiram-me que não incorreriam em riscos desnecessários, que não fariam nada a não ser ir até a nave militar e voltar. Os dois partiram na madrugada de um dia ramaiano de 28 horas. Era a primeira vez que eu ficava sozinha desde minha prolongada permanência solitária em Nova York, que começara quando eu caí no buraco. É claro que eu não estava realmente só, pois podia sentir Simone dar pontapés dentro de mim. Carregar em nós um bebê é um sentimento extraordinário. Há esquina de cada prédio antes de me aventurar. Afinal, descobri a fonte do ruído: Richard estava cortando pedaços de treliça, usando uma serra elétrica em miniatura que trouxera da Newton. Na verdade, ele e Michael estavam discutindo quando os descobri. Uma treliça relativamente pequena, com cerca de quinhentos nódulos quadrados, e talvez três metros de

lado, estava presa a uma daquelas cabanas inexpressivas a cerca de cem metros a leste da entrada de nossa toca. Michael questionava o acerto de se atacar a treliça com a serra elétrica. Quando me viram, Richard justificava sua ação fazendo o elogio das virtudes do material elástico da treliça.

Nós três nos abraçamos e nos beijamos por vários minutos, e depois eles me fizeram seu relatório da Grande Excursão. Fora uma viagem muito fácil. Seus instrumentos mostraram que ainda havia boa quantidade de radiação por toda a nave militar, de modo que não ficaram lá muito tempo e nem trouxeram comida.

A base de dados científicos, no entanto, estava em ótimas condições. Richard usara suas sub-rotinas de compressão de dados para transferir muitos deles para cubos compatíveis com nossos computadores portáteis. Haviam trazido também uma grande mochila cheia de ferramentas, tais como a serra, que julgavam ser útil para terminar nossa nova habitação.

Richard e Michael trabalharam sem cessar daquele momento até o nascimento de Simone. Usando novas informações químicas que encontraram no banco de dados, tornou-se mais fácil pedir o que precisávamos aos ramaianos.

Cheguei até a experimentar salpicar ésteres inócuos e outros elementos orgânicos simples na comida, o que resultou em certa melhoria no gosto. Michael completou o quarto no fim do corredor, o berço de Simone foi construído, e nossos banheiros enormemente aprimorados. Considerando as limitações, nossas condições de vida tornaram-se então bastante aceitáveis. Talvez em breve… Um momento. Estou ouvindo um chorinho a meu lado; é hora de alimentar minha filha.

Antes que os últimos trinta minutos de meu aniversário passassem à história, quero voltar às vividas imagens de aniversários anteriores que precipitaram o agravamento de minha depressão esta manhã. Para mim, o dia do meu aniversário sempre foi o dia mais importante do ano. A época de Natal e Ano Novo é especial, porém de modos diferentes, para todos os que compartilham dessa celebração. Já um aniversário focaliza mais especialmente o indivíduo. Eu sempre usei meus aniversários como um momento para reflexão e contemplação sobre a direção de minha vida.

Se tentasse, é provável que eu pudesse lembrar-me de praticamente todos os meus aniversários, a partir dos cinco anos. Algumas lembranças, é claro, são mais pungentes do que outras. Na manhã de hoje muitas das imagens de comemorações passadas evocaram sentimentos de nostalgia e saudades de casa.

Em meu estado de depressão, deblaterei contra minha

incapacidade de providenciar ordem e segurança para a vida de Simone. Mas bem no mais profundo de minha depressão, confrontada com a imensa incerteza que cerca nossa existência aqui, eu não desejaria realmente que Simone não estivesse aqui para experimentar viver comigo. Não, nós somos viajantes ligadas pelos mais profundos liames, mãe e filha, compartilhando o milagre de consciência que chamamos de vida.

Eu compartilhara de liame semelhante antes, não só com minha mãe e meu pai, como também com minha primeira filha, Geneviève. Bem… É espantoso que todas as imagens de minha mãe ainda se delineiam de modo tão incisivo em minha mente. Embora ela tenha morrido há 27 anos, quando eu tinha apenas dez, legou-me uma cornucópia de lembranças maravilhosas. Meu último aniversário com ela foi absolutamente extraordinário: nós três fomos a Paris de trem. Papai usava seu novo terno italiano e estava lindo. Mamãe optara por usar um de seus vestidos nativos brilhantes e multicoloridos. Com o cabelo arrumado em camadas, ela parecia a princesa Senoufo que fora antes de se casar com papai.

Jantamos em um restaurante sofisticado perto do Champs-Elysées, e depois caminhamos até um teatro onde vimos uma trupe negra executar um conjunto de danças nativas da África Ocidental. Depois do espetáculo tivemos permissão de ir aos camarins, onde mamãe me apresentou a uma das dançarinas, uma mulher alta e linda de excepcional negror. Era uma prima distante de mamãe, da Costa do Marfim.

Eu fiquei ouvindo a conversa das duas na língua tribal Senoufo, relembrando uns pedacinhos dos tempos de minha preparação para o Poro três anos antes, deslumbrando-me mais uma vez com o modo como o rosto de minha mãe sempre se tornava mais expressivo quando ela se via entre seu povo. Mas, por mais fascinada que me sentisse por toda aquela noitada, eu só tinha dez anos e teria preferido uma festa de aniversário normal, com minhas colegas de colégio.

Mamãe percebeu meu desapontamento quando viajávamos no trem de volta para nossa casa no subúrbio de Chilly-Mazarin. “Não fique triste, Nicole”, disse ela, “no ano que vem você pode ter uma festa. Seu pai e eu quisemos aproveitar esta oportunidade para lembrá-la um pouco mais da outra metade de sua herança cultural. Você é cidadã francesa e viveu toda a sua vida na França, mas parte de você é Senoufo pura, com raízes nos hábitos tribais da África Ocidental.”

Hoje cedo, ao relembrar as danses ivoiriennes executadas pela prima de mamãe e suas companheiras, imaginei por um momento, com o olhar da mente, entrar em um teatro lindo com minha filha Simone, de dez anos, a meu lado — mas a fantasia logo terminou. Não

há teatros para além da órbita de Júpiter. Na verdade, todo o conceito de um teatro provavelmente jamais terá qualquer significação para minha filha. E isso me deixa perplexa.

Algumas de minhas lágrimas desta manhã caíram porque Simone jamais conhecerá seus avós, e vice-versa. Eles serão personagens mitológicos na trama de sua vida, e ela os conhecerá apenas por fotos e vídeos. Jamais terá a alegria de ouvir a espantosa voz de minha mãe. Nem jamais verá o suave e terno amor nos olhos de meu pai.

Depois que mamãe morreu, meu pai tomou o maior cuidado para fazer com que cada um de meus aniversários fosse muito especial. No décimo segundo, logo depois que nos mudamos para a villa em Beauvois, papai e eu caminhamos juntos sob a neve que caía pelos tratadíssimos jardins do Château de Villandry.

Naquele dia ele prometeu-me que estaria sempre a meu lado quando eu precisasse dele. Apertei mais a mão dele quando caminhamos ao longo das sebes.

Naquele dia eu também chorei, confessando a ele (e a mim também) o medo que tinha que ele também me abandonasse. Ele aconchegou-me contra o peito e beijou-me a testa. Jamais quebrou sua promessa.

Ainda no ano passado, no que agora parece ter sido em uma outra vida, meu aniversário começou em um trem de esquiadores perto da fronteira da França. Ainda continuava acordada à meia-noite, rememorando meu encontro com Henry no chalé na encosta do Weissfluhjoch. Não lhe havia dito, quando me perguntou indiretamente, que ele era o pai de Geneviève. Não lhe daria tal satisfação.

Mas lembro-me de ficar pensando, no trem, se era justo eu negar à minha filha o fato de seu pai ser o rei da Inglaterra. Serão meu auto-respeito e orgulho tão importantes que justifiquem impedir que minha filha saiba que é uma princesa? Eu estava remoendo a mesma indagação em minha mente, olhando sem ver a noite escura, quando Geneviève, como se atendendo a uma deixa, apareceu ao lado de meu leito. “Feliz aniversário, mamãe”, disse ela sorrindo.

Deu-me um abraço e quase que eu falei a respeito de seu pai. E o faria, estou certa, se soubesse o que iria acontecer na expedição Newton. Eu sinto sua falta, Geneviève. Queria que me tivesse sido permitido me despedir direito de você.

As lembranças são uma coisa muito esquisita. Hoje de manhã, em minha depressão, o fluxo de imagens de aniversários anteriores deu ênfase a minhas sensações de isolamento e perda. Agora, que estou me sentindo mais forte, saboreio as mesmas lembranças. Não me sinto mais tão terrivelmente triste por Simone jamais poder vivenciar o que conheci. Seus aniversários serão completamente diferentes dos meus,

mas serão únicos para a vida dela. É meu privilégio e dever torná-los tão memoráveis e plenos de amor quanto me for possível.

# 3

26 DE MAIO DE 2201

Há cinco horas uma série de acontecimentos extraordinários começou a ocorrer dentro de Rama. Estávamos sentados juntos, naquele momento, comendo nossa refeição noturna de carne assada, batatas e salada (como tentativa de nos convencermos de que o que estamos comendo é delicioso, temos nomes em código para cada uma das combinações químicas que obtemos dos ramaianos — sendo o nome em código aproximadamente derivado da espécie de nutrição ali oferecida, de modo que "carne assada" é rica em proteínas, "batatas" são basicamente carboidratos etc.) quando ouvimos um apito puro e distante. Todos nós paramos de comer e os dois homens se cobriram de roupas para subir à superfície. Quando o apito persistiu, eu agarrei Simone e minhas roupas pesadas, enrolei o bebê em inúmeros cobertores, e segui Richard e Michael para o frio lá fora.

O apito ficava muito mais forte na superfície. Estávamos bastante certos de que vinha do sul, mas como estava escuro em Rama, relutávamos em sair andando para longe de nossa toca. Após alguns minutos, no entanto, começamos a ver manchas de luz refletidas na superfície espelhada dos arranha-céus circundantes, e não foi mais possível conter nossa curiosidade. Com muito cuidado, nos arrastamos na direção da margem sul da ilha, onde não haveria prédios entre nós e os imponentes chifres da Concavidade Sul de Rama.

Quando chegamos às margens do Mar Cilíndrico, um show espetacular de luzes estava acontecendo. Arcos de luzes multicoloridas voando para todo lado e iluminando as gigantescas espiras da Concavidade Sul continuaram, a aparecer por mais de uma hora. Até a pequena Simone ficou hipnotizada pelas longas réstias de amarelo, azul e vermelho que pulavam entre as espiras criando desenhos de arco-íris no escuro. Quando o espetáculo acabou repentinamente, acendemos nossas lanternas de mão e nos dirigimos de volta para a toca.

Após alguns minutos de caminhada, nossa conversa animada foi interrompida por um guincho longo e distante, sem sombra de dúvida o som de uma das imensas aves que ajudaram a mim e a Richard a fugir de Nova York no ano passado. De súbito, paramos e ficamos ouvindo. Já que não havíamos ouvido ou visto qualquer ave desde que voltamos a Nova York para avisar aos ramaianos sobre os mísseis nucleares que se aproximavam, Richard e eu ficamos muito excitados. Richard fora à sua toca algumas vezes, porém jamais obtivera resposta a seus gritos ao longo do grande corredor vertical. Havia apenas um mês Richard dissera que pensava que as aves haviam abandonado

Nova York de vez — mas o guincho desta noite indicava que ao menos um de nossos amigos ainda estava por ali.

Em poucos segundos, antes que tivéssemos tempo de debater se deveríamos ou não seguir em direção ao guincho, ouvimos um outro som, também familiar, alto demais para deixar qualquer um de nós sentir-se confortável.

Felizmente, os pêlos que se arrastavam não estavam entre nós e nossa toca. Eu pus o braço em torno de Simone e disparei para casa, por duas vezes quase batendo de encontro a prédios, em minha corrida, em razão da pressa no escuro.

Michael foi o último a chegar. A essa altura eu já abrira tanto a tampa quanto a grade. “São várias delas”, disse Richard arfando, à medida que o ruído das octoaranhas, cada vez mais forte, nos cercava. Ele dirigiu o raio da lanterna para o caminho que ia de nossa toca para o leste, e vimos dois objetos grandes e escuros movendo-se em nossa direção.

Normalmente vamos dormir umas duas ou três horas após o jantar, mas esta noite foi um caso excepcional. O espetáculo das luzes, o grito da ave e o quase encontro com as octoaranhas haviam estimulado a energia de todos nós.

Ficamos falando e falando, com Richard convencido de que algo de realmente importante estava a ponto de acontecer. Lembrou-nos que a manobra do impacto da Terra realizada por Rama também fora precedida de um pequeno espetáculo luminoso na Concavidade Sul. Naquele momento, lembrou-se, houvera consenso entre todos os cosmonautas da Newton de que toda aquela demonstração servia como anúncio ou, talvez, como alguma espécie de sinal de alerta. Qual seria, indagava-se Richard, o significado da apresentação esplendorosa desta noite?

Para Michael, que não estivera dentro de Rama por qualquer período mais longo de tempo antes de sua passagem próximo à Terra, e jamais tivera qualquer contato com as aves ou as octoaranhas, os acontecimentos desta noite ganharam vasta proporção. A fugidia visão que tivera daquelas criaturas tentaculares vindo em nossa direção pelo caminho deu-lhe alguma medida do terror que Richard e eu sentíramos quando corríamos por aqueles bizarros espetos acima, no ano passado, fugindo da toca das octoaranhas.

“Serão as octoaranhas os ramaianos?” perguntou Michael esta noite. “Se forem”, continuou,”por que razão haveríamos de fugir delas? Sua tecnologia avançou tão mais além da nossa que podem fazer conosco o que bem entenderem.”

“As octoaranhas são passageiras neste veículo”, respondeu Richard, depressa, “exatamente como nós. As aves também. As octos pensam que nós podemos ser os ramaianos, mas não têm certeza. As

aves são um enigma. Por certo não podem ser uma espécie que viaje pelo espaço. Como será que chegaram à nave? Serão elas parte, talvez, do ecossistema ramaiano original?"

Instintivamente, eu apertava Simone contra meu corpo. Tantas perguntas.

Tão poucas respostas. A lembrança do pobre dr. Takagishi, empalhado como um grande peixe ou tigre, posto de pé no museu das octoaranhas atravessou-me a mente e deu-me arrepios. "Se somos passageiros", disse eu, falando baixo, "então para onde estamos indo?"

Richard suspirou. "Andei fazendo umas computações", disse. "E os resultados não são muito encorajadores. Mesmo que estejamos viajando muito rapidamente em relação ao Sol, nossa velocidade é mínima quando o sistema de referência é nosso próprio grupo de estrelas. Se nossa trajetória não mudar, sairemos do sistema solar na direção geral da estrela Barnard. Atingiremos o sistema Barnard dentro de vários milhares de anos."

Simone começou a chorar. Era tarde e ela estava muito cansada. Escuseime e fui até o quarto de Michael para amamentá-la enquanto os homens observavam os outputs dos sensores na tela negra, a fim de ver se conseguiam determinar o que poderia estar acontecendo. Simone mamou agitada, chegando mesmo a machucar-me o seio uma vez. Sua inquietação era muitíssimo inusitada. Normalmente é uma criança muito suave. "Está sentindo o nosso medo, não é?", disse eu a ela. Li em algum lugar que os bebês podem sentir as emoções dos adultos que os cercam. Talvez seja verdade.

Eu não conseguia descansar, nem mesmo depois de Simone já estar dormindo confortavelmente sobre seu cobertor no chão. Meus sentidos de premonição estavam me avisando que os acontecimentos da noite sinalizavam uma transição para nova fase de nossa vida a bordo de Rama. Não me encorajara muito o cálculo de Richard de que Rama poderia navegar pelo vácuo interestelar por mais de mil anos. Tentei imaginar nossas condições atuais para o resto de minha vida, mas minha mente refugou. Seria uma existência entediante para Simone. Descobri-me a formular uma prece a Deus, ou aos ramaianos, ou sei lá quem que tivesse poder para alterar o futuro. Minha oração era simples. Pedia que as mudanças a ponto de acontecer pudessem de algum modo enriquecer a vida futura da minha filhinha.

28 DE MAIO DE 2201

Novamente, esta noite, houve um apito prolongado seguido por espetacular demonstração de luzes na Concavidade Sul de Rama. Não fui ver. Fiquei na toca com Simone, porém Michael e Richard não encontraram nenhum dos outros ocupantes de Nova York. Richard disse que o espetáculo teve aproximadamente a mesma duração que o

primeiro, mas que as exibições em si foram consideravelmente diferentes. A impressão de Michael foi a de que a única mudança significativa no espetáculo estivera nas cores. Em sua opinião, a cor dominante de hoje fora o azul, enquanto que há dois dias fora o amarelo.

Richard tem a certeza de que os ramaianos amam o número três e que, portanto, haverá um outro show de luzes quando a noite cair de novo. Já que os dias e as noites de Rama agora correspondem aproximadamente a 23 horas — um período de tempo que Richard chama de Equinócio Ramaiano, corretamente previsto por meu brilhante marido no almanaque que ele distribuiu para Michael e para mim há quatro meses —, a terceira exibição começará dentro de dois dias terrenos. Todos nós esperamos que alguma coisa inusitada ocorra pouco depois dessa terceira demonstração. A não ser que a segurança de Simone seja posta em questão, eu estarei observando.

30 DE MAIO DE 2201

Nosso monumental lar cilíndrico está agora passando por uma rápida aceleração, iniciada há mais de quatro horas. Richard está tão excitado que mal se contém. Está convencido de que por debaixo do elevado Hemicilindro Meridional há um sistema de propulsão que opera em princípios físicos muito além das mais delirantes imaginações de cientistas e engenheiros humanos. Ele fica olhando para os dados do sensor externo na tela negra, com seu amado computador portátil na mão, e faz anotações ocasionais baseadas no que vê no monitor. De tempos em tempos ele resmunga para si mesmo ou para nós sobre o que julga que a manobra está fazendo à nossa trajetória.

Eu estava inconsciente no fundo do buraco quando Rama realizou a correção de meio-curso para alcançar a órbita de impacto terrestre, de modo que não sabia o quanto o chão sacudira durante aquela primeira manobra. Diz Richard que as vibrações de então foram triviais comparadas com o que estamos experimentando agora. No momento, até andar de um lugar para outro está difícil. O chão pula para cima e para baixo com muita freqüência, como se uma britadeira estivesse operando ali por perto. Temos ficado com Simone em nossos braços desde que a aceleração começou. Não podemos pousá-la no chão ou no berço, porque a vibração a assusta. Sou a única que se move com Simone, e assim mesmo tomando o maior cuidado. Perder o equilíbrio e cair é uma preocupação constante — tanto Michael quanto Richard já caíram por duas vezes — e Simone poderia se machucar gravemente se eu caísse de mau jeito.

Nossa precária mobília está saltando por toda a sala. Uma das cadeiras de fato pulou para fora, para o corredor, e depois partiu em

direção da escada não faz meia hora. A princípio repúnhamos a mobília em sua posição correta a cada dez minutos, mais ou menos, mas agora não prestamos mais atenção — a não ser quando ela se encaminha pela porta para o vestíbulo.

De modo geral tem sido uma época inacreditável, a começar do terceiro e último espetáculo de luzes para o sul. Richard saiu primeiro, sozinho, naquela noite, logo antes do escurecer. Voltou correndo muito excitado uns poucos minutos mais tarde e agarrou Michael. Quando voltaram os dois, Michael parecia ter visto um fantasma. "Octoaranhas", bradou Richard. "Dúzias delas estão reunidas ao longo da orla marítima, dois quilômetros para leste."

"Agora, você não sabe realmente quantas são", disse Michael. "Só as vimos por dez segundos no máximo antes de as luzes se apagarem."

"Observei-as por mais tempo quando fui sozinho", continuou Richard.

"Pude vê-las com muita clareza através dos binóculos. A princípio era só um punhado, mas de repente começaram a chegar aos montes. Eu estava a ponto de começar a contá-las quando elas se organizaram em algum tipo de disposição.

Uma octo gigante, com cabeça listrada de vermelho e azul, pareceu estar sozinha na frente da formação." "Eu não vi nenhum gigante azul e vermelho, nem qualquer espécie de formação", acrescentou Michael enquanto eu olhava os dois com descrença.

"Porém, com certeza, vi muitas das tais criaturas com cabeças escuras e tentáculos dourados e pretos. Na minha opinião, estavam olhando para o sul, esperando que o show de luzes começasse."

"Vimos as aves, também", disse-me Richard. E voltando-se para Michael: "Quantas, naquela manada, você diria que voavam?"

"Vinte e cinco, talvez trinta", respondeu Michael.

"Subiram bem alto acima de Nova York, gritando enquanto subiam, e voaram para o norte, cruzando o Mar Cilíndrico." Richard parou por um momento. "Creio que esses pássaros mudos já passaram por isto antes. Creio que eles sabem o que vai acontecer."

Comecei a embrulhar Simone em seus cobertores. "O que está fazendo?", indagou Richard. Expliquei que não queria perder o espetáculo final de luzes.

Lembrei também a Richard que ele mesmo jurara que as octoaranhas só se aventuravam a sair à noite. "Esta é uma ocasião especial", replicou ele, confiante, no momento em que o apito começou a soar.

O show desta noite pareceu-me mais espetacular. Talvez por minha própria sensação de expectativa. O vermelho foi sem dúvida a grande cor da noite. A certo ponto um arco cor de fogo formou um hexágono completo e contínuo ligando as pontas dos seis chifres

menores. Mas por mais espetacular que fossem as luzes ramaianas, elas não foram o ponto alto da noite. Cerca de trinta minutos depois da exibição começar, Michael de repente gritou “Olhem!”, e apontou para a orla da praia na direção em que ele e Richard viram as octoaranhas antes.

Várias bolas de luz se haviam acendido simultaneamente no céu acima do Mar Cilíndrico congelado. Os foguetes de iluminação ficaram a mais ou menos cinqüenta metros do chão e iluminaram uma área de cerca de um quilômetro quadrado da área de gelo abaixo deles. Durante quase um minuto pudemos ver alguns detalhes de uma vasta massa negra que atravessava o gelo em direção ao sul. Richard entregou-me o binóculo quando a luz já se acabava e pude ver algumas criaturas em separado naquela massa. Um número surpreendente de octoaranhas tinha desenhos coloridos em suas cabeças, porém a maioria era cinza-carvão, como a que nos perseguira na toca. Tanto os tentáculos preto e ouro quanto a forma dos corpos confirmavam que aquelas criaturas eram da mesma espécie das que víramos subindo pelos espetos no ano passado. E Richard tinha razão: havia dúzias delas.

Quando a manobra começou, nós voltamos rapidamente para a toca. Era perigoso ficar do lado de fora em Rama durante essas vibrações violentas.

Ocasionalmente, pequenos pedaços dos arranha-céus à nossa volta se soltavam e caíam no chão. Simone desatou a chorar tão logo tudo começou a se sacudir.

Depois da dificultosa descida para nossa toca, Richard começou a verificar os sensores externos, observando principalmente as posições de estrelas e planetas (Saturno pode ser muito bem identificado em alguns dos quadros ramaianos), fazendo a seguir computações a partir dos dados observados.

Michael e eu nos alternávamos em segurar Simone no colo — acabamos por sentar-nos em um canto do quarto, onde a junção das duas paredes dava-nos alguma sensação de estabilidade — e conversamos sobre aquele dia espantoso. Quase uma hora mais tarde Richard anunciou os resultados de sua determinação preliminar de órbita. Deu-nos primeiro os elementos orbitais, em relação ao sol, de nossa trajetória hiperbólica antes de começarem as manobras.

Depois apresentou dramaticamente os novos elementos, que ele chamava de osculantes, de nossa trajetória instantânea. Em algum caminho de minha mente eu devia ter arquivado informações que definem o termo elemento osculante, mas por sorte não tive de procurar por ela. Pude, pelo contexto, compreender que Richard estava usando um processo taquigráfico de nos informar o quanto nossa hipérbole se havia alterado durante as primeiras três horas de

manobra. No entanto, as implicações totais da mudança na excentricidade hiperbólica escaparam-me.

Michael lembrava-se de sua mecânica celeste. “Você tem certeza?”, indagou ele imediatamente.

“Os resultados quantitativos têm largas margens de barras de erros”, respondeu Richard. “Porém, não pode haver dúvida quanto à natureza qualitativa da mudança de trajetória.”

“Então nossa média de fuga do sistema solar está aumentando?”, insistiu Michael.

“Isso mesmo”, concordou Richard. “Nossa aceleração está virtualmente toda indo na direção que aumenta nossa velocidade com respeito ao Sol. A manobra já adicionou vários quilômetros por segundo à nossa velocidade de base solar.”

“Puxa”, respondeu Michael. “Isso é avassalador.”

Compreendi a essência do que Richard estava dizendo. Se vínhamos mantendo a esperança de que pudéssemos estar em uma viagem circular que por mágica nos trouxesse de volta à Terra, tais esperanças acabavam de ser despedaçadas. Rama ia deixar o sistema solar muito mais depressa do que qualquer um de nós esperava. Enquanto Richard tornava-se lírico sobre o tipo de sistema de propulsão capaz de imprimir tal mudança de velocidade a esta “espaçonave beemôntica”, eu amamentava Simone e refletia novamente a respeito de seu futuro. Então, agora estamos definitivamente deixando o sistema solar, pensei, e indo para outro lugar. Será que algum dia verei um outro mundo? Ou verá Simone? Será possível, minha filha, que Rama seja seu lar durante toda a sua vida?

O chão continua a sacudir vigorosamente, mas me dá certo conforto. Diz Richard que nossa velocidade de escape continua aumentando. Ótimo. Já que vamos para algum lugar novo, quero chegar lá o mais rápido possível.

# 4

5 DE JUNHO DE 2201

Despertei no meio da noite depois de ouvir o som persistente de batidas que vinham da direção do corredor vertical de nossa toca. Muito embora o nível normal do ruído do sacudir constante seja considerável, Richard e eu pudemos ouvir as batidas com clareza e sem dificuldade. Verificamos que Simone estivesse dormindo confortavelmente em seu novo berço, que Richard construíra de modo a minimizar as vibrações, depois caminhamos com cuidado no sentido do corredor vertical.

As batidas foram ficando mais altas à medida que subíamos a escada que dava na grade que nos protegia de visitantes indesejados. Em um dos patamares, Richard inclinou-se para mim e sussurrou que "devia ser Macduff batendo no portão" e que nossa "má ação" seria em breve descoberta. Eu estava tensa demais para rir. Quando estávamos ainda a vários metros da grade, vimos uma grande sombra que se movia, projetada na parede à nossa frente. Paramos para estudála. Tanto Richard quanto eu compreendemos imediatamente que a tampa exterior da toca estava aberta — era dia agora na superfície de Rama — e que a criatura ou bioma ramaiano responsável pelas batidas é que estava criando a bizarra sombra na parede.

Instintivamente, eu agarrei a mão de Richard. "Mas que coisa neste mundo será essa?", indaguei-me em voz alta.

"Deve ser uma coisa nova", respondeu Richard muito baixinho.

Disse-lhe que a sombra parecia uma bomba de petróleo antiquada, que ficava subindo e descendo no meio de um campo petrolífero. Ele deu um sorriso nervoso e concordou.

Depois de esperar o que devem ter sido uns cinco minutos, sem ver ou ouvir qualquer mudança na batida rítmica conferida pelo visitante, Richard disseme que ia subir até a grade, de onde poderia ver algo mais definido do que uma sombra. É claro que isso significava que fosse o que fosse que estivesse do lado de fora batendo também poderia vê-lo, supondo-se que tivesse olhos ou seu equivalente aproximado. Por alguma razão, lembrei-me do dr. Takagishi naquele momento, e uma onda de medo me invadiu. Beijei Richard e recomendei-lhe que não fizesse imprudências.

Ao alcançar o patamar final, bem em cima de onde eu esperava, seu corpo ficou parcialmente na luz e bloqueou a sombra que se movia. As batidas pararam repentinamente. "É mesmo um bioma", gritou Richard. "Parece um louva-a-deus com uma mão extra no meio da cara."

Seus olhos arregalaram-se de repente. "E agora ele está abrindo a

grade", acrescentou, pulando imediatamente para fora do patamar.

Um segundo mais tarde, ele estava a meu lado. Agarrou minha mão e corremos vários andares escada abaixo juntos. Só paramos ao chegarmos ao nosso nível normal de moradia, vários patamares abaixo.

Podíamos ouvir o som de movimento acima de nós. "Havia um outro louva-a-deus e pelo menos um bulldozer biótico atrás do da frente", disse Richard, sem fôlego. "Tão logo me viram, começaram a abrir a grade… Aparentemente só estavam batendo para alertar-nos quanto à sua presença."

"Mas o que querem?", indaguei, mas minha pergunta era retórica. O ruído acima de nós continuou a aumentar. "Parece um exército", comentei.

Em poucos segundos, pudemos ouvi-los descendo as escadas. "Temos de ficar preparados para fugir correndo", disse Richard já frenético. "Você pega Simone que eu vou acordar Michael." Fomos depressa pelo corredor na direção da área de estar. Michael já fora despertado pela barulhada e até mesmo Simone começava a mexer-se. Juntamonos bem agarrados em nossa sala principal, e esperamos os invasores alienígenas. Richard havia preparado no teclado um pedido que, com o manejo de mais dois comandos, faria a tela preta levantar-se exatamente quando nossos benfeitores invisíveis estavam a ponto de suprir-nos com algum produto novo. "Se formos atacados", disse Richard, "vamos nos arriscar pelos túneis atrás da tela."

Passou-se uma meia hora. Pelo burburinho vindo do lado da escada, sabíamos que os invasores já estavam em nosso nível na toca, porém nenhum deles entrara ainda na passagem para nossa área de estar. Depois de mais quinze minutos, a curiosidade tomou conta de meu marido. "Vou dar uma verificada na situação", disse Richard, deixando Michael comigo e com Simone.

Voltou em menos de cinco minutos. "São quinze ou talvez vinte deles", disse-nos com o cenho franzido. "Ao todo, três louva-a-deuses, mais dois tipos diferentes de bulldozers bióticos. Parecem estar construindo alguma coisa no lado oposto à toca."

Simone adormecera novamente. Botei-a no berço e depois segui os dois homens na direção do barulho. Quando chegamos à área circular onde a escada sobe para a abertura em Nova York, encontramos um turbilhão de atividade. Era impossível seguir todo o trabalho que estava sendo realizado do outro lado da sala. Os louva-a-deuses pareciam estar supervisionando os biomas bulldozers que estavam alargando o corredor horizontal do outro lado da sala circular.

"Alguém tem alguma idéia do que estão fazendo?", perguntou Michael em um sussurro.

“Nem a mais vaga”, respondeu Richard.

Já se passaram quase 24 horas agora, e ainda não estava bem claro o que os biomas estavam construindo. Richard pensa que o alargamento do corredor tem como objetivo acomodar alguma nova facilidade. Sugeriu também que toda aquela atividade na certa tinha alguma coisa a ver conosco, pois, afinal, estava sendo levada a efeito em nossa toca.

Os biomas trabalham sem parar para descanso, alimentação ou sono.

Parecem estar seguindo algum plano geral ou procedimento que já lhes tinha sido integralmente comunicado, pois nenhum deles em momento algum parou para qualquer consulta. É um espetáculo impressionante ver toda aquela atividade implacável. Por seu lado, os biomas nem uma só vez admitiram ter consciência de que estávamos a observá-los.

Há uma hora Richard, Michael e eu conversamos um pouco sobre a frustração que todos sentíamos por não saber o que estava acontecendo à nossa volta. A certa altura, Richard sorriu. “Não é assim tão dramaticamente diverso da situação na Terra”, disse ele vagamente. Quando Michael e eu insistimos em que explicasse o que dissera, Richard apenas sacudiu a mão em movimento amplo.

“Até mesmo em casa”, respondeu meio distraído, “nosso conhecimento é severamente limitado. A busca da verdade é sempre uma experiência frustrante.”

8 DE JUNHO DE 2201

É inconcebível para mim que os biomas tivessem acabado a instalação tão depressa. Há duas horas, o último deles, o louva-a-deus capataz, fez-nos um sinal (usando a “mão” no meio da sua “face”) para que inspecionássemos o novo espaço no início da tarde, depois subiu pesadamente a escada e desapareceu.

Richard disse que ele ficara em nossa toca até se certificar de que nós compreendêramos tudo.

O único objeto na nova sala é um tanque estreito e retangular que obviamente foi desenhado para nós. Ele tem lados de metal brilhante, de cerca de três metros de altura. Em cada extremidade há uma escada que leva até a borda do tanque. Uma plataforma-caminho corre ao longo do perímetro exterior do tanque, alguns centímetros abaixo da borda.

Do lado de dentro da estrutura retangular há quatro redes trançadas presas às paredes. Cada uma dessas criações fascinantes foi individualmente desenhada para cada membro de nossa família. As redes de Michael e Richard ficam a cada ponta do tanque; Simone e eu temos camas trançadas no centro, com a redinha dela bem ao lado da

minha.

É claro que Richard já havia examinado todo o arranjo em detalhe. Porque o tanque tem uma tampa e as redes estão instaladas na cavidade, a um metro ou metro e meio do alto, ele concluiu que o tanque pode ser fechado quando então será provavelmente enchido com um fluido. Mas por que foi construído? Será que deveremos passar por alguma série de experiências planejadas? Richard tem a certeza de que estamos a ponto de sermos testados de algum modo, porém Michael acha que sermos usados apenas como cobaias é "incoerente com a personalidade ramaiana" observada até aqui. Tive de rir desse comentário.

Michael agora já conseguiu espraiar seu incurável otimismo religioso para englobar também os ramaianos. Ele sempre supõe, como o dr. Pangloss de Voltaire, que estamos vivendo no melhor de todos os mundos possíveis.

O louva-a-deus capataz tinha ficado por ali, observando do caminho em torno do tanque, até que cada um de nós efetivamente tivesse feito a experiência de deitar-se em sua rede. Richard ressaltou que muito embora as redes tivessem sido posicionadas em profundidades variadas ao longo das paredes, nós todos "afundaríamos" aproximadamente no mesmo nível quando ocupássemos nossas camas trançadas. A trama é ligeiramente elástica, lembrando o material das treliças que encontramos antes em Rama. Enquanto eu estava "testando" minha rede hoje à tarde, seu balanço lembrou-me tanto o medo quanto a euforia durante meu fantástico vôo com o arreio de treliça através do Mar Cilíndrico.

Fechando os olhos era fácil imaginar-me novamente sobre a água, suspensa debaixo das três grandes aves que me carregaram para a liberdade.

Ao longo da parede da toca, atrás do tanque do ponto de vista de nossa área de estar, há um conjunto de grossos canos ligados diretamente ao tanque.

Suspeitamos que seu objetivo seja o de conduzir algum tipo de fluido que irá encher o volume do tanque. Suponho que descubramos tudo muito em breve.

Então o que devemos fazer agora? Nós três concordamos que devemos apenas esperar. Sem dúvida, esperam que uma hora dessas passemos algum tempo naquele tanque. Mas supomos que seremos informados de quando será a hora certa.

10 DE JUNHO DE 2201

Richard tinha razão. Ficou certo de que o apito intermitente, de baixa freqüência de ontem, logo cedo, anunciava nova fase de transição da missão.

Sugeriu até mesmo que talvez devêssemos ir para o tanque e ficar preparados para tomar nossas posições nas redes individuais. Michael e eu discutimos com ele, insistindo em que não tínhamos nem de longe informações suficientes para tal conclusão precipitada.

Devíamos ter seguido os conselhos de Richard. Essencialmente, ignoramos o apito e prosseguimos com nossa rotina normal (se é que esse termo pode ser usado para nossa existência dentro de uma espaçonave de origem alienígena).

Cerca de três horas mais tarde, o louva-a-deus capataz apareceu repentinamente na porta de nossa sala principal e me deu um susto terrível. Ele apontou para o corredor com seus dedos esquisitos, deixando claro que devíamos seguir com certa pressa.

Simone ainda estava dormindo e não ficou nada contente quando eu a acordei. Estava também com fome, mas o louva-a-deus não permitiu que eu parasse para amamentá-la, de modo que Simone estava tendo acessos de choro quando fomos tangidos através da toca para o tanque.

Um segundo louva-a-deus estava à nossa espera no caminho que ladeia o tanque, segurando capacetes transparentes em suas estranhas mãos. Ele devia ser também o inspetor, pois não permitiu que descêssemos para nossas redes antes de verificar e ter a certeza de que os capacetes estavam corretamente colocados em nossas cabeças. O composto plástico ou vítreo que forma o capacete é notável; pode-se ver perfeitamente através dele. E as bases dos capacetes também são extraordinárias. São feitas de um composto grudento, meio borrachoso, que se adere muito firmemente à pele, criando um selo impermeável.

Fazia apenas trinta segundos que estávamos deitados em nossas redes quando um jato poderoso apertou para baixo os componentes trançados com tal força que afundamos até a metade do tanque vazio. Um momento depois, fios mínimos (que pareciam crescer do material das redes) envolveram os torsos de nossos corpos, deixando-nos livres apenas pernas, braços e pescoço. Dei uma olhada para Simone, para ver se estava chorando, mas tinha um vasto sorriso no rosto.

O tanque já começara a ser enchido com um líquido verde claro. Em menos de um minuto estávamos envolvidos pelo fluido. Sua densidade era muito próxima da nossa, pois ficamos meio flutuando na superfície até a tampa do tanque fechar-se e o líquido enchê-lo completamente. Embora eu julgasse pouco provável que estivéssemos correndo qualquer perigo real, fiquei assustada quando a tampa do tanque fechou-se por sobre nossas cabeças. Todos nós, afinal, somos ao menos um pouquinho claustrofóbicos.

Durante todo esse tempo a aceleração continuara. Por sorte, o interior do tanque não ficava inteiramente escuro. Havia pequenas

luzinhas distribuídas pela tampa. Eu podia ver Simone a meu lado, seu corpinho pulando como uma bóia, e podia até ver Richard a distância. Ficamos dentro do tanque por um pouquinho menos de duas horas.

Richard estava excitadíssimo quando tudo acabou. Disse a Michael que por certo havíamos feito um "teste" para que vissem se poderíamos suportar forças "excessivas".

"Eles não estão satisfeitos com as insignificantes velocidades que vínhamos experimentando até então", informou-nos ele com entusiasmo. "Os ramaianos querem aumentar mesmo sua velocidade. Para fazê-lo, a espaçonave precisa ficar sujeita, por longos períodos, a forças-G de alto nível. Este tanque foi desenhado para fornecer-nos amortecedores suficientes para que nossa construção biológica possa assimilar ambientes inusitados."

Richard passou o dia inteiro fazendo cálculos, e há poucas horas mostrounos sua reconstituição preliminar do "evento de aceleração" de ontem. "Olhem só isso!", gritou, mal conseguindo conter-se. "Fizemos uma mudança de velocidade equivalente a setenta quilômetros por segundo, naquele breve período de duas horas. É uma coisa absolutamente monstruosa para uma espaçonave das dimensões de Rama! Estávamos acelerando a quase dez gês durante todo o tempo." Depois ele riu. "Esta nave tem um modo de overdrive e tanto!"

Quando acabou o teste no tanque, inseri um novo conjunto de sondas de biometria em todos nós, inclusive Simone. Não notei até agora quaisquer reações inesperadas, pelo menos nada que detonasse um aviso, mas confesso que continuo um pouco preocupada com a maneira como nossos corpos reagirão a tais pressões. Há alguns minutos, Richard repreendeu-me. "Os ramaianos estão sem dúvida observando também", disse ele, indicando que considerava a biometria desnecessária. "Creio que estão coletando seus próprios dados por intermédio daqueles fios."

# 5

19 DE JUNHO DE 2201

Meu vocabulário é insuficiente para descrever minhas experiências nestes últimos dias. A palavra “espantoso”, por exemplo, fica muito aquém para transmitir a verdadeira sensação de como têm sido extraordinárias essas longas horas no tanque. As duas únicas experiências remotamente semelhantes em minha vida foram ambas induzidas pela ingestão de catalíticos químicos, primeiro durante a cerimônia Poro na Costa do Marfim quando eu tinha sete anos e depois mais recentemente, depois de beber do vidrinho de Omeh quando estava no fundo daquele buraco em Rama. Mas ambas essas viagens ou visões, ou seja lá o que sejam, foram incidentes isolados e comparativamente curtos de duração. Meus episódios recentes no tanque duraram horas.

Antes de atirar-me inteiramente à descrição do mundo dentro de minha mente, deveria resumir primeiro os acontecimentos “reais” da última semana, a fim de que os episódios alucinatórios possam ser inseridos em seu contexto.

Nossa vida quotidiana mudou agora para um esquema que se repete. A espaçonave continua a manobrar, porém de dois modos separados: o “regular”, quando o chão sacode e tudo se move, porém uma vida quase normal pode ser vivida, e o “overdrive”, quando Rama acelera em velocidade feroz que Richard agora calculava como ficando acima de onze gês. Quando a espaçonave está em overdrive, nós quatro temos de ficar dentro do tanque. Os períodos de overdrive duram um pouquinho menos de oito horas em cada ciclo de 27 horas e 6 minutos, em esquema sempre repetitivo. Fica claro que a intenção é a de que nós durmamos durante os segmentos de overdrive. As luzinhas acima de nossas cabeças na tampa do tanque são apagadas após os primeiros vinte minutos de cada segmento, e ficamos ali deitados em escuridão total até cinco minutos antes do período de oito horas.

Toda essa rápida mudança de velocidade, segundo Richard, está apressando nossa fuga do Sol. Se a manobra em curso permanecer assim em magnitude e direção, e continuar pelo período de um mês, estaremos então viajando à metade da velocidade da luz em relação a nosso sistema solar.

“Para onde estamos indo?”, perguntou Michael, ainda ontem.

“Ainda é cedo para dizer”, respondeu Richard. “Só o que sabemos é que estamos disparando a médias fantásticas.”

A temperatura e a densidade do líquido dentro do tanque vêm sendo ajustadas a cada período, até que agora tornaram-se exatamente

iguais às nossas. Como resultado, quando estou deitada no escuro, não sinto nada a não ser uma força para baixo quase imperceptível. Minha mente sempre me informa que estou dentro de um tanque de aceleração, cercada por algum tipo de acolchoado fluido que protege meu corpo daquela poderosa força, mas a ausência de sensação eventualmente acaba por me fazer perder inteiramente meu sentido de corpo. E é então que começam as alucinações. É quase como se algum input sensorial normal no cérebro fosse necessário para manter-me funcionando adequadamente. Se nenhum som, ou visão, ou gosto, ou cheiro, ou dor atinge meu cérebro, seu funcionamento parece tornar-se desregulado.

Tentei discutir o fenômeno com Richard há dois dias, porém ele olhou-me como se eu fosse louca. Ele não tem tido alucinações. Ele gasta seu tempo na "zona crespúsculo" (seu nome para o período sem input sensorial que precede o sono profundo) fazendo cálculos matemáticos, evocando uma série de mapas da Terra, ou até mesmo revivendo seus mais notáveis momentos sexuais. Ele positivamente gerencia seu cérebro. Até mesmo a ausência de inputs sensoriais.

É por isso que somos tão diferentes. Minha mente quer encontrar um caminho próprio quando não está sendo utilizada para tarefas como processar os bilhões de dados que chegam de todas as outras células em meu corpo.

As alucinações normalmente começam com um pontinho vermelho ou verde que aparece na total escuridão que me cerca. A medida que o ponto aumenta, juntam-se a ele outras cores, muitas vezes o amarelo, o azul ou o roxo.

Cada cor configura-se, rapidamente, em seu próprio esquema irregular e se expande através do meu quadro de visão. O que vejo transforma-se em um caleidoscópio de cores vivas. O movimento no campo vai acelerando até que centenas de tiras e manchas mesclam-se em uma explosão insana.

No meio desse delírio de cor, uma imagem coerente sempre se forma. A princípio não sou capaz de saber exatamente qual é ela, pois a figura ou figuras são muito pequenas porque estão muito, muito longe. A medida que a imagem se aproxima, ela muda de cor várias vezes, ampliando tanto a sobrecarga surreal da visão quanto minha sensação interior de pavor. Mais de metade das vezes a imagem que eventualmente se define contém minha mãe, ou algum animal como uma chita ou uma leoa, que intuitivamente reconheço como minha mãe sob disfarce. Desde que eu apenas observe e não faça qualquer tentativa volitiva para interagir com minha mãe, ela permanece um personagem na imagem cambiante.

No entanto, se tento de qualquer forma entrar em contato com minha mãe, ou com o animal que a representa, ela desaparece

imediatamente, deixando-me presa de uma avassaladora sensação de abandono.

Durante uma de minhas alucinações recentes, as ondas de cor se decompuseram em desenhos geométricos, que por seu turno transformaram-se em silhuetas humanas marchando em fila indiana através de meu campo de visão.

Omeh liderava a procissão, com longa túnica verde. As duas figuras no final do grupo eram ambas mulheres, as heroínas de minha adolescência, Joana d'Arc e Eleonor de Aquitânia. Quando comecei a ouvir suas vozes, a procissão dissolveuse e a cena mudou instantaneamente. De repente, estava em um pequeno barco a remo, na neblina matinal do lago dos patos na villa em Beauvois. Eu tremia de medo e comecei a chorar de forma incontrolável. Joana e Eleonor apareceram na neblina para garantir-me que meu pai não ia casar-se com Helena, a duquesa inglesa com quem ele fora passar umas férias na Turquia.

Em outra noite a abertura de cores foi seguida por um bizarro espetáculo teatral em algum ponto do Japão. Havia apenas dois personagens na peça alucinatória, ambos os quais usavam máscaras brilhantes e expressivas. O homem estava vestido com terno e gravata ocidentais, declamava poesia e tinha olhos magníficos, claros e abertos, que podiam ser vistos através de sua máscara amistosa. O outro homem parecia um guerreiro samurai do século XVII. Sua máscara era uma carranca perene, que começou a ameaçar tanto a mim quanto a seu colega mais moderno. Gritei no final dessa alucinação, porque os dois homens se encontraram no centro do palco e mesclaram-se em um único personagem.

Algumas de minhas mais fortes imagens alucinatórias não duravam mais que alguns segundos. Na segunda ou terceira noite, o Príncipe Henry, nu, ereto de desejo, seu corpo de um roxo vibrante, apareceu por dois ou três segundos no meio de uma outra visão na qual eu cavalgava uma octoaranha gigantesca e verde.

Durante o sono de ontem não apareceram cores durante horas. Depois, quando tomei consciência de estar incrivelmente faminta, um melão gigante, corde-rosa, apareceu na escuridão. Quando tentei comer o melão, em minha visão, ele criou pernas e saiu correndo, desaparecendo em meio a cores indefinidas.

Será que alguma dessas coisas tem algum significado? Poderei aprender alguma coisa a respeito de mim ou de minha vida por meio desses fluxos aparentemente aleatórios de minha mente sem rumo?

O debate acerca da significação dos sonhos já segue acalorado há quase três séculos, e ainda não está resolvido. Estas minhas alucinações, parece-me, são ainda mais afastadas da realidade do que os sonhos normais. Em certo sentido, eles são primos distantes das

duas viagens psicodélicas que fiz na minha juventude, e qualquer tentativa de as interpretar logicamente seria absurdo. No entanto, de algum modo ainda creio que algumas verdades fundamentais estão contidas nesses desatinos loucos e aparentemente desconexos de minha mente.

Talvez porque não aceite que o cérebro humano jamais opere de forma puramente aleatória.

22 DE JULHO DE 2201

Ontem o chão finalmente parou de sacudir. Richard o predissera. Quando não voltamos para o tanque, há dois dias, na hora costumeira, Richard conjecturou corretamente que a manobra estaria quase completada.

De modo que assim entramos em uma outra fase de nossa incrível odisséia. Meu marido informou-nos que estamos agora viajando a uma velocidade igual a metade da velocidade da luz. Isso significa que cobrimos a distância Terra-Lua a aproximadamente cada dois segundos. Estamos indo, mais ou menos, na direção da estrela Sirius, a mais brilhante estrela verdadeira do céu noturno de nosso planeta natal. Se não houver mais manobras, estaremos na vizinhança de Sirius em mais uns doze anos.

É um alívio que nossa vida possa agora voltar a alguma espécie de equilíbrio local. Simone parece ter ultrapassado os longos períodos no tanque sem quaisquer dificuldades aparentes, mas não acredito que uma experiência como essa possa deixar um bebê inteiramente ileso. É importante para ela que nós agora restabeleçamos nossa rotina diária.

Nos momentos em que estou só, penso muitas vezes naquelas vividas alucinações durante os primeiros dez dias no tanque. Devo admitir que fiquei encantada ao resistir finalmente a várias “zonas de crepúsculo” de total privação sensorial sem desenhos loucos e coloridos ou imagens desconexas inundarem minha mente. Aquela altura eu já começava a me preocupar com minha sanidade e, falando a verdade, eu já ultrapassara de muito o “avassalador”. Embora as alucinações parassem de repente, minhas lembranças da força de tais visões ainda me deixavam assustada cada vez que as pequenas luzes da tampa do tanque se apagavam, durante as últimas semanas.

Tive apenas mais uma visão depois daqueles primeiros dez dias — que pode efetivamente ter sido apenas um sonho extremamente vivido durante um período normal de sono. A despeito do fato de esta imagem em particular não ser tão nítida quanto as anteriores, eu a retenho mesmo assim em detalhe em função de sua semelhança com um dos segmentos alucinatórios ocorridos enquanto estava no fundo do buraco no ano passado.

Em meu sonho ou visão final estava eu sentada com meu pai

ouvindo um concerto ao ar livre em local indeterminado. Um cavalheiro oriental idoso, com longa barba branca, estava sozinho no palco, tocando alguma espécie de instrumento de cordas. Ao contrário de minha visão no fundo do buraco, no entanto, meu pai e eu não nos transformamos em passarinhos e voamos para Chinon, na França. Ao invés disso, o corpo de meu pai desapareceu completamente, ficando apenas os olhos. Em poucos segundos, cinco outros pares de olhos formaram um hexágono no ar, acima de mim. Reconheci imediatamente os olhos de Omeh, e os de minha mãe, porém os outros três pares eram desconhecidos. Os olhos nos vértices do hexágono olhavam todos fixamente para mim, sem piscar, como se estivessem tentando comunicar-me alguma coisa.

Logo antes de a música parar, ouvi um único som distinto. Várias vozes emitiram simultaneamente a palavra "Perigo".

Qual a origem de minhas alucinações, e por que fui eu a única dos três a experimentá-las? Richard e Michael também foram sujeitados à privação sensorial, e ambos confessaram que alguns desenhos bizarros flutuaram "em frente a seus rostos", porém suas imagens jamais foram coerentes. Se, como conjecturamos, os ramaianos de início injetaram-nos com um ou dois elementos químicos, usando os fios finíssimos que se enrolavam em nossos corpos, para ajudar-nos a dormir naquele ambiente desconhecido, por que seria eu a única a reagir com visões tão delirantes?

Tanto Richard quanto Michael acreditam que a resposta é simples, que eu sou um "indivíduo drogável de imaginação hiperativa". No que lhes concerne, com isso fica tudo explicado. Sem querer entrar mais no assunto, eles são corteses quando levanto questões ligadas às minhas "viagens", porém não se mostram interessados. Eu poderia esperar esse tipo de reação de Richard, mas certamente não de Michael.

Na verdade, nem mesmo nosso previsível general O'Toole tem se mostrado inteiramente ele mesmo desde que começaram nossas sessões no tanque. Fica claro que ele tem se preocupado com outros assuntos. Mas ainda hoje pela manhã consegui ter ao menos um vislumbre do que lhe anda indo pela mente.

"Sem que o admitisse conscientemente", disse Michael afinal, lentamente, depois que eu o importunei com um interrogatório amistoso por vários minutos, "eu sempre redefini e relimitei Deus a cada novo avanço da ciência. Eu havia conseguido integrar um conceito dos ramaianos em meu catolicismo, mas ao fazê-lo eu apenas expandira minha definição limitada d'Ele. Agora, quando me encontro a bordo de uma espaçonave robô viajando a velocidades relativistas, vejo que preciso liberar Deus completamente. Só então pode Ele ser o ente supremo de todas as partículas e processos do universo."

O desafio de minha vida no futuro próximo fica no outro extremo. Richard e Michael estão fixados em idéias profundas, Richard no campo da ciência e da engenharia, Michael no mundo da alma. Embora me dêem o maior prazer as idéias estimulantes produzidas por cada um dos dois em sua busca particular da verdade, alguém tem de prestar atenção às tarefas quotidianas da vida. Nós três temos a responsabilidade, afinal, de preparar nossa única integrante da nova geração para sua vida adulta.

Está parecendo que a tarefa de ser, entre pai e mãe, a dominante, sempre recairá sobre mim.

É uma responsabilidade que abraço com alegria. Quando Simone me sorri, radiosa, quando descansa em meio a uma mamada, não me preocupo com minhas alucinações, não me importa realmente se Deus existe ou não, e não sinto que tenha maior importância os ramaianos haverem desenvolvido um método para utilizar a água como combustível nuclear. Nesses instantes, a única coisa que realmente importa é ser eu a mãe de Simone.

31 DE JULHO DE 2201

A primavera positivamente chegou em Rama. O degelo começou tão logo a manobra se completou. Aquela altura, a temperatura na superfície atingira uns frígidos vinte e 25° abaixo de zero, e já começávamos a nos preocupar com o quanto a temperatura exterior poderia ainda baixar antes que o sistema de regulagem das condições termais de nossa toca chegasse a seu limite. A temperatura vem subindo uniformemente quase um grau por dia desde então e, se continuar assim, atravessaremos a linha de congelamento em duas semanas. Estamos agora fora do sistema solar, no vácuo quase perfeito que ocupa os imensos vazios entre estrelas vizinhas. Nosso sol ainda é o objeto dominante no céu, porém nenhum dos planetas é sequer visível. Duas ou três vezes por semana Richard procura nos dados telescópicos por algum sinal dos cometas na Nuvem Oort, porém até aqui não viu nada.

De onde vem o calor que esquenta o interior de nosso veículo? Nosso mestre em engenharia, o bonitão cosmonauta Richard Wakefield, deu uma resposta rápida quando Michael lhe fez essa pergunta ontem. “O mesmo sistema nuclear que estava municiando a vasta mudança de velocidade provavelmente está agora gerando o calor. Rama deve ter dois regimes operacionais diferentes.

Quando chega perto de uma fonte de calor, como uma estrela, são desligados todos os seus sistemas primários, inclusive o controle térmico e de propulsão.”

Tanto Michael quanto eu congratulamo-nos com Richard por tal explicação eminentemente plausível. “Porém”, questionei, “ainda há

muitas outras perguntas. Por que, por exemplo, teriam de ser dois sistemas diversos de engenharia? E por que desligar todo o sistema primário?"

"Quanto a isso, posso apenas especular", respondeu Richard com seu sorriso habitual. "Talvez o sistema primário necessite de reparos periódicos que só possam ser levados a cabo quando houver fonte externa de calor e força. Vocês já viram como os vários biomas fazem a manutenção da superfície de Rama.

Talvez haja um outro conjunto de biomas que executem a manutenção dos sistemas primários."

"Tenho uma outra idéia", disse Michael lentamente. "Você acredita que seja por algum motivo predeterminado que estamos a bordo desta espaçonave?"

"O que quer dizer com isso?", perguntou Richard, com o cenho franzido.

"Você julga que é por acontecimento aleatório que estamos aqui? Ou seria acontecimento provável, dadas todas as probabilidades e a natureza de nossa espécie, que alguns membros da raça humana estivessem dentro de Rama neste momento?"

Gostei da linha de raciocínio de Michael. Estava insinuando, embora não o compreendesse inteiramente, que talvez os ramaianos não fossem apenas gênios na área das ciências exatas e em engenharia. Talvez eles soubessem alguma coisa sobre psicologia universal, também. Richard não estava seguindo a idéia.

"Está sugerindo", perguntei, "que os ramaianos tenham usado propositadamente seus sistemas secundários na vizinhança da Terra, esperando com isso atrair-nos para um encontro?"

"Isso é um despropósito", disse Richard imediatamente.

"Mas, Richard", retrucou Michael, "pense um pouco. Qual seria a probabilidade de qualquer contato se os ramaianos tivessem entrado feito um raio em nosso sistema em fração significativa da velocidade da luz, tivessem dado a volta ao sol e ido alegremente embora? Absolutamente zero. E, como você mesmo sugeriu, pode haver outros 'estrangeiros', se assim podemos nos chamar, conosco nesta nave. Duvido que muitas espécies tivessem a capacidade…"

Durante uma pausa na conversa lembrei aos homens que em breve o Mar Cilíndrico iria degelar-se a partir do fundo, e que logo após haveria furacões e maremotos. Todos concordamos que deveríamos recolher o barco a vela de apoio que estava no sítio Beta.

Os homens levaram um pouco mais de doze horas para atravessar o gelo ida e volta. Já era noite quando retornaram. Quando Richard e Michael chegaram na toca, Simone, que sempre tem plena consciência de tudo à sua volta, estendeu os braços para Michael.

"Já vi que alguém está contente porque voltei", brincou Michael.

“Desde que seja apenas Simone”, disse Richard. Parecia estranhamente tenso e distante.

Na noite passada, esse estranho clima emocional perdurou. “O que foi, querido?”, perguntei-lhe, quando já estávamos sozinhos em nossa esteira. Ele não respondeu logo, de modo que lhe beijei o rosto e fiquei esperando.

“É Michael”, disse ele, afinal. “Eu só compreendi hoje, quando estávamos carregando o barco através do gelo, que ele está apaixonado por você. Precisava ouvi-lo. Ele só fala de você. Você é a mãe perfeita, a esposa perfeita, a amiga perfeita. Chegou até a confessar que tem inveja de mim.”

Acariciei Richard durante alguns segundos, tentando descobrir como deveria responder. “Acho que você está dando importância demais a meia dúzia de comentários casuais, querido”, disse eu finalmente. “Michael estava apenas expressando sua afeição honesta. Eu também gosto muito dele…”

“Eu sei — e é isso que me incomoda”, interrompeu-me Richard abruptamente. “Ele toma conta de Simone a maior parte do tempo, quando você está ocupada, vocês dois conversam horas a fio enquanto fico ocupado com meus projetos…”

Ele calou-se e ficou a me fixar, com um olhar estranho e desamparado.

Era algo de assustador. Esse não era o mesmo Richard Wakefield que eu conheço intimamente há mais de um ano. Um arrepio me percorreu todo o corpo antes que seus olhos se suavizassem e ele me beijasse.

Depois que fizemos amor e ele adormeceu, Simone ficou inquieta e resolvi amamentá-la. Enquanto o fazia, fiquei pensando em todo o tempo passado desde que Michael nos encontrou na base do elevador de cadeiras. Não havia nada que eu pudesse mencionar que devesse causar o mínimo ciúme em Richard. Até mesmo fazer amor tem continuado a ser uma atividade regular e satisfatória, embora confesse que não muito imaginativa desde o nascimento de Simone.

O olhar de louco que eu vira nos olhos de Richard continuou a me assombrar mesmo depois de eu ter acabado de amamentar Simone. E prometi a mim mesma que encontraria mais ocasiões para ficar sozinha com Richard nas próximas semanas.

# 6

20 DE JUNHO DE 2202

Verifiquei hoje que estou realmente grávida de novo. Michael ficou encantado, Richard surpreendentemente quase sem reação. Quando falei com Richard em particular, ele admitiu que seus sentimentos eram confusos, porque Simone finalmente atingira o estágio no qual já não precisava de atenção constante. Lembrei-o de que quando conversamos, há dois meses, sobre termos um outro filho, ele concordara com entusiasmo. Richard sugeriu-me que sua ansiedade por ser pai uma segunda vez fora muito influenciada por eu estar "obviamente excitada" no momento.

O novo bebê deve chegar em meados de março. A essa altura já devemos ter concluído o quarto das crianças, ficando com bastante espaço para toda a família. Lamento que Richard não esteja emocionado com a idéia de ser pai novamente, mas fico contente que Simone vá ter uma companhia para brincar.

15 DE MARÇO DE 2203

Catherine Colin Wakefield (nós a chamaremos de Katie) nasceu a 13 de março, às 6:16h, da manhã. Foi um parto fácil, só quatro horas entre a primeira contração forte e o nascimento em si. Não houve dor maior na ocasião. Partejei acocorada e estava em tão boas condições que eu mesma cortei o cordão umbilical.

Katie chora muito. Tanto Geneviève quanto Simone foram bebês doces e suaves, mas já está claro que Katie vai ser barulhenta. Richard ficou contente por eu ter dado a ela o nome de sua mãe. Tive esperanças que desta vez ele se interessasse mais por seu papel de pai, mas no momento ele está ocupado demais com o trabalho em seu "banco de dados perfeito" (que irá indexar e permitir acesso fácil a todas as nossas informações) para poder dar muita atenção a Katie.

Minha terceira filha pesou um pouquinho menos de quatro quilos ao nascer e media 54 centímetros. Simone, sem dúvida, nasceu pesando menos, mas não tínhamos uma balança suficientemente exata naquele tempo. Katie tem a pele bem clara, na realidade quase branca, e seu cabelo é muito mais claro do que os cachos escuros de sua irmã. Seus olhos são de um azul surpreendente.

Sei que não é pouco usual bebês terem olhos azuis, e que muitas vezes eles escurecem bastante durante o primeiro ano de vida. Porém jamais esperei que uma filha minha tivesse olhos azuis sequer por um momento.

18 DE MAIO DE 2203

É difícil acreditar que Katie já esteja com mais de dois meses. Ela é uma criança muito exigente! A esta altura eu já deveria ter conseguido treiná-la para não puxar meus mamilos, mas não consigo quebrar o hábito. Ela fica especialmente difícil quando alguma outra pessoa está presente enquanto eu a amamento. Se eu viro a cabeça para falar com Michael ou Richard, ou especialmente se tento responder uma das perguntas de Simone, então Katie puxa o mamilo com toda a força.

Richard anda muito instável ultimamente. Às vezes, é aquele homem brilhante e espirituoso que conhecemos, a fazer Michael e eu rirmos com suas brincadeiras eruditas, mas seu humor é capaz de se alterar em um momento.

Uma única observação aparentemente inócua feita por qualquer um de nós é capaz de afundá-lo em depressão, ou até mesmo provocar raiva. Desconfio que o verdadeiro problema de Richard hoje em dia seja o tédio.

Já terminou seu projeto de banco de dados, e ainda não começou nenhuma outra grande atividade. O fabuloso computador que ele construiu no ano passado contém sub-rotinas que tornam nossa interface com a tela negra quase rotineira.

Ele poderia ampliar a variedade de seus dias tomando parte mais ativa no desenvolvimento e na educação de Simone, mas acho que ele simplesmente não dá para isso. Ele não parece ficar fascinado, como Michael e eu ficamos, com as complexas estruturas de crescimento que estão emergindo em Simone.

Quando estava grávida de Katie, fiquei muito preocupada com a aparente falta de interesse de Richard por crianças. Resolvi atacar o problema de frente, pedindo-lhe que me ajudasse a criar um minilaboratório que nos permitisse analisar parte do genoma de Katie a partir de uma amostra de meu fluido amniótico. O projeto envolvia química complexa, um nível de interação com os ramaianos mais profundo do que qualquer outro que houvéssemos tentado até então, e a criação e calibração de alguns instrumentos médicos sofisticados.

Richard adorou a tarefa. Eu também, pois ela lembrou-me meus dias de escola de medicina. Trabalhávamos juntos por doze, às vezes quatorze horas por dia (deixando Michael encarregado de tomar conta de Simone — os dois se dão realmente muito bem) até que terminássemos. Em certas ocasiões conversávamos a respeito de nosso trabalho até tarde da noite, até mesmo enquanto estávamos fazendo amor.

Quando chegou o dia, no entanto, em que completamos a análise do genoma de nosso bebê por vir, para espanto meu, Richard estava muito mais excitado com o fato de o equipamento e a análise corresponderem a todas as nossas especificações do que a respeito das

características de nossa segunda filha. Fiquei atônita. Quando lhe disse que ia ser uma menina, e que não tinha as síndromes de Down ou Whittingham, e que nenhuma de suas tendências a priori para o câncer ficava fora dos âmbitos aceitáveis, ele reagiu sem entusiasmo. Mas quando elogiei a velocidade e a precisão com que o sistema completara o teste, Richard abriu-se num sorriso. Que homem diferente está o meu marido! Está muito mais à vontade com o mundo da matemática e da engenharia do que com o das pessoas.

Michael também notou a recente inquietação de Richard. Ele o encorajou a criar brinquedos para Simone, como as brilhantes bonecas que fez nos últimos meses de minha gravidez de Katie. Essas bonecas continuam a ser os brinquedos favoritos de Simone: elas caminham sozinhas e até mesmo obedecem a uma dúzia de comandos verbais. Certa noite, quando Richard estava em uma de suas fases de exuberância, ele programou OB para interagir com as bonecas. Simone ficou quase histérica de tanto rir quando O Bardo (Michael insiste em chamar o robô de Richard que jorra Shakespeare por seu nome completo) perseguiu as bonecas até cercá-las em um canto e então disparou um pot-pourri de sonetos de amor.

Nem OB tem conseguido alegrar Richard nestas últimas duas semanas.

Ele não tem dormido bem, o que não é usual nele, nem se tem mostrado apaixonado por nada. Até mesmo nossa vida sexual regular e variada foi suspensa, de modo que Richard deve estar em luta feia com seus demônios interiores. Há três dias ele saiu de manhã bem cedo (também logo depois da aurora em Rama — de vez em quando nosso relógio terrestre e o relógio exterior ramaiano entram em acordo) e ficou lá em cima em Nova York durante mais de dez horas. Quando lhe perguntei o que tinha feito, respondeu que se sentara no muro e olhara o Mar Cilíndrico. Depois, mudou de assunto.

Tanto Michael quanto Richard estão convencidos de que estamos sós em nossa ilha. Richard entrou duas vezes na toca das aves, recentemente, ficando em ambas do lado do corredor vertical afastado da sentinela do tanque. Chegou mesmo a descer uma vez para a segunda passagem horizontal, onde eu dera meu pulo, mas não viu qualquer sinal de vida. A toca das octoaranhas agora tem um par de complicadíssimas grades entre a tampa e o primeiro patamar. Nos últimos quatro meses Richard vem monitorando eletronicamente a toca octo de novo; embora ele admita que possa haver certas ambigüidades em seus dados de monitor, Richard insiste em afirmar que é capaz de determinar apenas com base em inspeção visual que faz muito tempo que as grades não são abertas.

Os homens armaram o barco à vela há uns dois meses, depois passaram um par de horas testando-o no Mar Cilíndrico. Simone e eu

ficamos acenando para os dois, da praia. Temendo que os biomas caranguejos classificassem o barco como “lixo” (como, ao que parece, fizeram com o outro barco — jamais conseguimos descobrir o que acontecera com ele, mas uns dois dias depois de escaparmos da falange de mísseis nucleares voltamos ao ponto onde o havíamos deixado e ele desaparecera), Richard e Michael o desarmaram de novo e trouxeram-no para a proteção do interior da toca.

Richard tem dito várias vezes que gostaria de velejar para o outro lado do mar, na direção sul, para ver se podia encontrar algum lugar onde o penhasco de quinhentos metros pudesse ser escalado. Nossas informações a respeito do Hemicilindro Sul de Rama são muito limitadas. A não ser pelos poucos dias em que participamos da caçada aos biomas com o time de cosmonautas original da Newton, nosso conhecimento da região é limitado aos grosseiros mosaicos montados em tempo real a partir das imagens iniciais dos zangões da Newton.

Seria por certo fascinante e excitante explorar o sul — talvez descobríssemos até mesmo para onde iam aquelas octoaranhas todas. Mas a esta altura não podemos nos permitir nenhum risco. Nossa família é extremamente dependente de cada um dos três adultos — a perda de qualquer um de nós seria devastadora.

Acredito que Michael O’Toole contenta-se bem com a vida que fizemos para nós em Rama, especialmente desde que a adição do grande computador de Richard deixou quantidade tão maior de informações a nosso dispor. Temos agora acesso a todos os dados enciclopédicos arquivados a bordo da nave militar da Newton. A “unidade de estudo” de Michael, no momento, e é assim que ele chama sua recreação organizada, é a história da arte. No mês passado a conversa esteve repleta de Medicis e dos papas católicos da Renascença, juntamente como Michelangelo, Rafael e os outros grandes pintores da época. Agora está a braços com o século XIX, momento que acho mais interessante na história da arte. Mais recentemente temos tido conversas a respeito da “revolução” impressionista, mas Michael não aceita meu argumento de que o Impressionismo foi simplesmente uma conseqüência natural do advento da câmera.

Michael passa horas com Simone. Ele é paciente, terno e cuidadoso. Tem monitorado detalhadamente o desenvolvimento da menina, arquivando todos os seus momentos importantes em sua agenda eletrônica. No momento, Simone reconhece visualmente 21 das 26 letras (confunde C e S, assim como Y e V, e por alguma razão não consegue aprender o K), e em um bom dia consegue contar até vinte. Simone sabe, também, identificar desenhos de uma ave, de uma octoaranha e dos quatro tipos mais freqüentes de biomas. Ela sabe também o nome dos doze discípulos, fato que não deixa Richard muito

feliz. Já tivemos um "encontro de cúpula" sobre a educação espiritual de nossas filhas, e o resultado foi um desacordo educado.

E agora resto eu. Sou feliz a maior parte do tempo, embora haja dias em que a inquietação de Richard, ou o choro de Katie, ou simplesmente o absurdo de nossa estranha vida nesta espaçonave alienígena combinam-se para me arrasar.

Estou sempre ocupada. Planejo a maior parte das atividades familiares, decido o que vamos comer e quando, e organizo o dia das crianças, inclusive seus horários de sono. Nunca paro de indagar para onde estamos indo, porém não fico mais frustrada por não saber a resposta.

Minha atividade intelectual pessoal é um pouco mais limitada do que seria se só tivesse de pensar em mim, mas argumento comigo mesma que o dia só tem um número limitado de horas. Richard, Michael e eu temos freqüentes conversas muito interessantes, de modo que não há falta de estímulo. Mas nenhum dos dois se interessa muito por algumas áreas intelectuais que sempre foram parte de minha vida. Meus talentos em línguas e lingüística, por exemplo, sempre foram para mim fonte de orgulho, desde meus tempos de colégio. Há algumas semanas, tive um sonho apavorante, no qual eu esquecera como escrever ou falar qualquer coisa a não ser inglês. Durante duas semanas, depois disso, passei duas horas por dia sozinha, não só revendo meu amado francês como também estudando italiano e japonês.

Uma tarde, no mês passado, Richard projetou na tela negra um produto de telescópio externo ramaiano que incluía nosso sol e outros milhares de estrelas na visão do campo. O sol era o mais brilhante dos objetos, mas apenas um pouquinho. Richard lembrou a mim e a Michael que já estávamos a mais de doze mil bilhões de quilômetros de nosso planeta natal oceânico, em sua órbita fechada em torno daquela estrela insignificante.

Mais tarde, na mesma noite, vimos Eleonor, a rainha, um dos cerca de trinta filmes originalmente a bordo da Newton para entreter a tripulação de cosmonautas. O filme era vagamente baseado nos bem-sucedidos romances de meu pai sobre Eleonor de Aquitânia e fora filmado em muitas locações que eu visitara com meu pai quando era adolescente. As cenas finais do filme, mostrando os anos que precederam a morte de Eleonor, tinham lugar na Abadia de Fontevrault.

Lembro-me de, aos quatorze anos, ficar de pé na abadia, ao lado de meu pai, em frente à efígie esculpida de Eleonor, minhas mãos trêmulas de emoção ao apertar as dele. "Você foi uma grande mulher", dissera eu certa vez ao espírito da rainha que dominara a história do século XII na França e na Inglaterra, "e estabeleceu um

exemplo para eu seguir. Não a desapontarei."

Naquela noite, depois de Richard adormecer e enquanto Katie estava temporariamente quieta, voltei a pensar naquele dia e fui tomada da mais profunda tristeza, com uma sensação de perda que não chegava a poder expressar. A justaposição do sol que se afastava com a imagem de mim mesma aos quatorze anos, a fazer promessas ousadas a uma rainha que morrera mil anos antes, lembrou-me de tudo o que eu conhecera antes de Rama agora estava acabado. Minhas duas novas filhas jamais veriam qualquer dos lugares que significavam tanto para mim e para Geneviève. Jamais conhecerão o cheiro de grama recém-cortada na primavera, a radiosa beleza das flores, o canto dos pássaros, ou a glória de uma lua cheia nascendo do oceano. Elas não conhecerão o planeta Terra totalmente, ou qualquer de seus habitantes, a não ser esse bandinho esquisito que elas chamarão sua família, uma pobre amostragem da vida que transborda em um planeta abençoado.

Naquela noite chorei em silêncio por vários minutos, sabendo, mesmo enquanto chorava, que quando chegasse a manhã eu estaria novamente ostentando meu rosto otimista. Afinal, poderia ser ainda pior. Nós temos o essencial: comida, água, abrigo, roupas, boa saúde, companheirismo e, é claro, amor. O amor é o ingrediente de maior importância para a felicidade da vida humana, tanto na Terra quanto em Rama. Se Simone e Katie só aprenderem o amor em relação ao mundo que deixamos para trás, isso será o bastante.

# 7

1º DE ABRIL DE 2204

Hoje foi um dia inusitado sob todos os aspectos. Primeiro, logo que todos acordaram, anunciei que iríamos dedicar o dia à memória de Eleonor de Aquitânia, que morrera, se os historiadores estiverem corretos e se nós andarmos seguindo corretamente o calendário, exatamente há mil anos. Para prazer meu, toda a família apoiou a idéia e tanto Richard quanto Michael imediatamente ofereceram-se para colaborar nas festividades. Michael, cuja unidade de história da arte fora agora substituída por outra de culinária, sugeriu que preparássemos um brunch medieval especial em honra da rainha. Richard saiu correndo com OB, sussurrando-me que o robozinho ia voltar com Henry Plantageneta.

Eu desenvolvera uma lição de história para Simone, para apresentá-la a Eleonor e ao mundo do século XII. Ela ficou excepcionalmente atenta. Até Katie, que jamais fica sentada quieta por mais de cinco minutos, cooperou e não nos interrompeu. Ela ficou brincando sozinha com seus brinquedos para bebê durante a maior parte da manhã. Simone perguntou-me por que a rainha Eleonor tinha morrido. Quando lhe respondi que a rainha tinha morrido de velhice, minha filha de três anos me perguntou se a rainha Eleonor tinha "ido para o céu".

"Onde foi que você arranjou essa idéia?", perguntei a Simone.

"Com o tio Michael", respondeu ela. "Ele me disse que quem é bom vai para o céu quando morre, e quem é mau vai para o inferno."

"Algumas pessoas acreditam que exista um céu", disse eu após uma pausa reflexiva, "outros acreditam no que é chamado de reencarnação, na qual as pessoas voltam e vivem de novo como uma pessoa diferente ou como uma outra espécie de animal. Algumas pessoas também acreditam que nossa existência seja um milagre finito, com um começo específico e um fim que termina com a morte de cada indivíduo particular e único." Depois sorri e despenteei-lhe os cabelos.

"E você acredita em que, mamãe?", indagou minha filha.

Senti algo bem próximo do pânico. Eu contemporizei com comentários circunstanciais enquanto planejava o que dizer. Uma expressão de meu poema favorito de T.S. Eliot, "conduzi-lo a um questionamento avassalador", passou como um raio por minha mente. Por sorte, fui salva. "Que tenha bons dias, senhorita." OB, o robozinho, vestido no que suponho que deveria passar por um traje de montaria medieval, entrou no quarto e informou Simone que ele era Henry Plantageneta, rei da Inglaterra, e marido de Eleonor. O sorriso

de Simone ficou mais brilhante. Katie levantou os olhos e ficou sorridente.

"A rainha e eu construímos um grande império", disse o robô, fazendo um largo gesto com seus bracinhos, "que eventualmente incluiu toda a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, Gales e metade do que hoje é a França." OB recitou sua aula preparada com entusiasmo, divertindo Simone e Katie com suas piscadelas e gestos de mão. Depois ele meteu a mão no bolso, tirou miniaturas de um garfo e uma faca, afirmando que ele é que introduzira o conceito de uso de talheres na "Inglaterra bárbara".

"Mas por que botou a rainha Eleonor na prisão?", perguntou Simone depois que o robô acabou. Eu sorri. Ela realmente prestara atenção à sua aula de história. A cabeça do robô girou na direção de Richard. Este levantou a mão, indicando que esperassem um momento, e saiu correndo pelo corredor. Em não mais do que um minuto, OB, também conhecido no momento como Henry II, voltou. O robô caminhou até Simone. "Apaixonei-me por uma outra mulher e a rainha Eleonor ficou zangada. Para se vingar, ela fez meus filhos voltarem-se contra mim…"

Richard e eu estávamos começando uma ligeira discussão a respeito das verdadeiras razões pelas quais Henry aprisionara Eleonor (descobrimos em várias ocasiões que aprendemos versões diferentes de história anglo-francesa) quando ouvimos um guincho distante mas inconfundível. Em poucos instantes nós cinco já estávamos na superfície. O guincho repetiu-se.

Olhamos para o céu acima de nós. Uma ave solitária estava descrevendo um grande desenho com seu vôo umas poucas centenas de pés acima dos arranha-céus. Corremos para o parapeito, no lado do Mar Cilíndrico, para poder ver melhor. Uma, duas, três vezes a grande criatura voou dando a volta do perímetro da ilha. Ao final de cada volta a ave emitia um único e longo guincho.

Richard sacudiu os braços e gritou durante todo o tempo do vôo, mas não houve indicação de que tivesse sido notado.

As crianças ficaram inquietas ao final de mais ou menos uma hora. Concordamos que Michael as levasse de volta para a toca, enquanto Richard e eu permaneceríamos ali, durante todo o tempo em que houvesse alguma esperança de contato. A ave continuou a voar, sempre na mesma rota. "Acha que ela está procurando alguma coisa?", perguntei a Richard.

"Não sei", disse ele, tornando a gritar e a acenar para a ave, quando ela atingia o ponto, em seu circuito, mais próximo a nós. Dessa vez ela alterou a rota, descrevendo arcos longos e graciosos em sua descida helicoidal. Quando se aproximou, Richard e eu pudemos ver tanto sua barriga aveludada e cinzenta quanto as duas argolas

vermelho-cereja em torno do pescoço.

"É a nossa amiga", sussurrei para Richard, lembrando-me da ave líder que concordara em transportar-nos através do Mar Cilíndrico quatro anos antes.

Porém, esta ave não era a criatura saudável e robusta que voara no centro da formação quando nós fugimos de Nova York. Esta estava magra, esquálida, com seu veludo sujo e maltratado. "Ela está doente", disse Richard quando a ave pousou a uns vinte metros de nós. A ave balbuciou alguma coisa suavemente e sacudiu a cabeça com nervosismo, como se esperasse companhia. Richard deu um passo em direção a ela, mas a criatura sacudiu as asas, bateu-as uma vez e recuou alguns metros.

"Que comida temos aí", indagou Richard falando baixo, "que mais se aproxime quimicamente ao melão maná?"

Sacudi a cabeça. "Não temos comida nenhuma a não ser o resto da galinha de ontem… espere", disse eu, interrompendo-me, "nós temos aquele ponche verde que as crianças gostam. Ele lembra o líquido que fica dentro do melão maná."

Richard sumiu antes que eu acabasse. Durante os dez minutos que ele levou para voltar, a ave e eu olhamos uma para a outra. Tentei concentrar minha mente em pensamentos amigáveis, esperando que de algum modo minhas boas intenções se comunicassem através de meus olhos. Em um momento vi a ave mudar de expressão, mas é claro que não tinha a menor idéia do que a expressão significava.

Richard voltou trazendo uma de nossas tigelas pretas cheia de ponche verde. Pousou a tigela à nossa frente e apontou para ela, enquanto recuávamos uns seis ou oito metros. A ave aproximou-se dela em passos pequenos e hesitantes, mas eventualmente parou bem defronte à tigela. A ave abaixou o bico até mergulhá-lo no líquido, experimentou um pouco, depois atirou a cabeça para trás para engolir. Aparentemente, o ponche foi aceitável, pois o líquido esgotou-se em menos de um minuto. Quando acabou, deu dois passos para trás, abriu as asas ao máximo, e deu uma volta completa.

"Agora nós devíamos dizer 'De nada'", disse eu, estendendo minha mão para Richard. Nós, por nossa vez, também demos uma volta completa, como havíamos feito ao dizer adeus e obrigado quatro anos antes, e nos curvamos ligeiramente na direção da ave depois que acabamos.

Tanto Richard quanto eu pensamos que a criatura sorriu, mas logo admitimos que poderíamos tê-lo imaginado. A ave de veludo cinzento abriu as asas, decolou e ficou pairando no ar sobre as nossas cabeças.

"Aonde acha que ela vai?", perguntei eu.

"Ela está morrendo", respondeu ele suavemente. "Ela vai dar uma

última olhada no mundo que conheceu.

6 DE JANEIRO DE 2205

Hoje é meu aniversário. Estou com 41 anos. Ontem à noite tive um de meus sonhos vividos. Eu era muito velha. Meu cabelo estava inteiramente grisalho e meu rosto muito enrugado. Eu estava morando em um castelo — em algum ponto do Loire, não muito longe de Beauvois — com duas filhas já crescidas (nenhuma das quais se parecia, no sonho, com Simone e Katie ou Geneviève) e três netos. Os meninos eram todos adolescentes, fisicamente saudáveis, mas havia algo de errado com cada um deles. Eram todos burros, talvez até retardados. Lembro-me que, no sonho, eu tentava explicar a eles como a molécula da hemoglobina carrega oxigênio do sistema pulmonar para os tecidos. Nenhum deles conseguia compreender o que eu dizia. Despertei do sonho deprimida. Estávamos no meio da noite e todo o resto da minha família estava dormindo. Como faço muitas vezes, caminhei pelo corredor até o quarto das crianças para ver se elas estavam cobertas por seus cobertores leves. Simone quase não se move à noite, mas Katie, como sempre, já havia jogado fora o cobertor de tanto sacudir as pernas. Tornei a cobrir Katie e depois sentei-me em uma das cadeiras.

O que me estaria incomodando? Fiquei imaginando. Por que será que ando tendo tantos sonhos sobre filhos e netos? Um dia, na semana passada, fiz uma referência de brincadeira à possibilidade de termos um terceiro filho e Richard, que anda atravessando outra de suas fases de depressão, quase morreu de susto. Acho que ele lamenta ter deixado que eu o convencesse a termos Katie.

Mudei de assunto imediatamente, sem querer provocar outro de seus discursos niilistas.

Será que eu mesma quereria um novo bebê a esta altura? Será que ele faria algum sentido, na situação na qual nos encontramos? Deixando de lado, no momento, quaisquer razões pessoais que eu pudesse ter para dar à luz uma terceira criança, existe sempre um forte argumento biológico em favor da continuidade da procriação. Nossa melhor probabilidade de destino leva a crer que jamais venhamos a ter contatos com outros membros da espécie humana. Se nós somos os últimos de nossa linhagem, seria bom que prestássemos a devida atenção aos princípios fundamentais da evolução: um máximo de variação genética produz a mais alta probabilidade de sobrevivência em meio ambiente incerto.

Depois de ter acordado inteiramente de meu sonho de ontem à noite, minha mente levou o cenário ainda mais adiante. Suponhamos, indaguei-me, que Rama na realidade não esteja indo para lugar nenhum, pelo menos por enquanto, e que nós devamos passar o resto

de nossas vidas nas condições atuais. Nesse caso, o provável é que Simone e Katie sobrevivam a nós, os três adultos. O que acontecerá depois? perguntei-me. A não ser que de algum modo preservássemos um pouco de sêmen ou de Michael ou de Richard (e ambos os problemas biológicos e sociológicos seriam formidáveis), minhas filhas não poderiam reproduzir. Elas talvez venham a chegar ao paraíso ou ao nirvana, mas eventualmente perecerão e os genes que carregam consigo morrerão com elas.

Mas imagine, continuei, que eu tenha um filho. As duas meninas terão um companheiro da mesma idade e o problema das gerações futuras será sensivelmente diminuído.

Foi nesse ponto dos meus pensamentos que uma idéia verdadeiramente louca explodiu em meu cérebro. Uma de minhas principais áreas de especialização durante minha formação fora a genética, em particular os defeitos hereditários. Lembrei-me de meus estudos de casos das famílias reais da Europa entre os séculos XV e XVIII, e os muitos indivíduos "inferiores" produzidos por excesso de endogenia. Um filho produzido por Richard e por mim teria os mesmos ingredientes genéticos que Simone e Katie. Os filhos desse filho com qualquer uma das duas meninas, nossos netos, teriam risco altíssimo de defeitos. Um filho produzido por Michael e por mim, por outro lado, compartilharia apenas de metade de seus genes com as meninas e, se minha memória não me falha sobre os dados, seus descendentes com Simone ou Katie teriam risco de defeitos drasticamente menor. Rejeitei imediatamente esse pensamento chocante. Ele, no entanto, não foi embora. Mais tarde, naquela noite, quando deveria estar dormindo, minha mente voltou ao mesmo tópico. E se eu ficasse grávida de Richard e nascesse uma terceira menina? Teríamos de repetir o processo todo. Já estou com 41 anos.

Quantos mais me restam antes da chegada da menopausa, mesmo que eu a retarde por processos químicos? Com base nos dois dados concretos que temos até agora, não há evidências de que Richard seja capaz de produzir algum dia um menino. Poderíamos criar um laboratório que permitisse uma seleção de esperma em seu sêmen, mas isso exigiria um esforço monumental de nossa parte e meses de interação detalhada com os ramaianos. E ainda restariam as questões de preservação de esperma e de fazê-lo chegar aos ovários.

Examinei todas as técnicas comprovadas para o processo de alteração da seleção natural do sexo (a dieta do homem, o tipo e a freqüência das relações sexuais, planejamento de tempo em relação à ovulação etc.) e concluí que Richard e eu provavelmente teríamos uma boa possibilidade de termos um menino naturalmente, se tivéssemos muito cuidado. Mas no fundo de minha mente persistia o pensamento de que as probabilidades seriam muito mais favoráveis se

Michael fosse o pai. Ele, afinal, tinha dois filhos homens (em três) como resultado de comportamento aleatório. Por mais que eu pudesse melhorar as probabilidades com Richard, as mesmas técnicas com Michael virtualmente garantiriam um filho.

Antes de tornar a adormecer, considerei por um instante o quanto toda a idéia era pouco prática. Um método sem falhas de inseminação artificial (que eu teria de supervisionar, mesmo sendo a paciente) teria de ser elaborado. Será que poderíamos fazê-lo, em nossas circunstâncias atuais, e garantir tanto a saúde quanto o sexo do embrião? Até mesmo hospitais na Terra, com toda espécie de recursos à sua disposição, nem sempre têm sucesso. A outra alternativa seria fazer sexo com Michael. Embora a idéia não me parecesse desagradável, as ramificações sociológicas pareceram-me de tal magnitude que abandonei completamente a idéia.

(Seis horas mais tarde.) Os homens surpreenderam-se esta noite com um jantar especial. Michael está ficando um ótimo cozinheiro, a comida, de acordo com o anunciado, teria gosto de Beef Wellington, embora parecesse mais creme de espinafre. Richard e Michael também serviram um líquido vermelho rotulado de vinho. Não era horrível, de modo que eu o bebi, descobrindo para grande surpresa minha que ele continha algum álcool, deixando-me até perceber um ruído de espumante.

Todos nós estávamos ligeiramente empilecados depois do jantar. As meninas, particularmente Simone, ficaram atônitas com nosso comportamento.

Durante nossa sobremesa de torta de coco, Michael disse-me que 41 era "um número muito especial". Passou então a explicar-me que ele era o maior número primo que dava início a uma longa seqüência quadrática de outros primos.

Quando perguntei-lhe o que era uma seqüência quadrática, ele riu e disse que não sabia. Mas ele escreveu, na realidade, a seqüência de quarenta elementos de que estava falando: 41, 43, 47, 53, 61, 71, 83, 97, 113… terminando em 1601.

Garantiu-me que cada um daqueles quarenta números era primo. "E portanto", acrescentou, dando uma piscadela, "quarenta e um deve ser um número mágico." Enquanto eu ria, nosso gênio residente, Richard, olhou para os números e a seguir, não mais de um minuto depois de brincar com seu computador, explicou a Michael e a mim por que a seqüência era chamada "quadrática". "As segundas diferenças são constantes", disse ele, mostrando-nos o que queria dizer com um exemplo. "Portanto, toda a seqüência pode ser gerada por uma simples expressão quadrática. Tome-se $f(N) = N2\text{-}N + 41$", continuou, "onde N é qualquer integral de 0 a 40. Essa função gerará a

seqüência inteira."

"Melhor ainda", riu-se ele, "tomem f(N) = N2-81N + 1681, onde N é uma integral que vai de 1 a 80. Essa fórmula quadrática começa no fim da sua fileira de números, f(1) = 1601, e vai passando pela seqüência em ordem crescente. Ela se inverte em f(40) = f(41) = 41, e então gera todo o seu quadro numérico do novo, em ordem crescente."

Richard sorriu. Michael e eu ficamos olhando para ele com o maior respeito.

13 DE MARÇO DE 2205

Katie teve hoje seu segundo aniversário e todos estavam de muito bom humor, particularmente Richard. Ele gosta muito da caçulinha, e ela o manipula escandalosamente. Porque era seu aniversário, ele a levou até a tampa da toca das octoaranhas, e eles sacudiram as grades juntos. Tanto Michael quanto eu expressamos nossa desaprovação, mas Richard riu-se e piscou para Katie.

Na hora do jantar, Simone tocou uma pequena peça que Michael estava lhe ensinando, ao piano, e Richard serviu um vinho bastante notável, um Chardonnay ramaiano, como o chamava, com nosso salmão poché. Em Rama, salmão poché é muito parecido com ovos mexidos na Terra, o que fica um pouco confuso, mas nós continuamos fiéis à nossa convenção de rotular todos os nossos alimentos segundo seu conteúdo nutritivo.

Estou me sentido muito, muito feliz, embora admita estar um pouco nervosa quanto à conversa que estou para ter com Richard. Ele anda muito bemhumorado no momento, principalmente porque está trabalhando não em um mas em dois projetos de monta. Não só ele está fazendo uns preparados líquidos cujo gosto e teor alcoólico rivalizam-se com os dos bons vinhos do planeta Terra, como também está criando um novo conjunto de robôs de vinte centímetros baseados em personagens das peças do vencedor do Prêmio Nobel no século XX, Samuel Beckett. Michael e eu vimos insistindo para que Richard reviva sua trupe shakespeariana há alguns anos, mas as lembranças de seus amigos perdidos sempre o impediu de fazê-lo. Mas um novo dramaturgo — isso é outra questão.

Ele já acabou os quatro personagens de Fim de partida. Esta noite as crianças riram-se alegremente quando os velhos "Nagg" e "Nell" apareceram de dentro de suas latas de lixo gritando "Meu papá. Tragam o meu papá."

Pretendo positivamente apresentar a Richard minha idéia de ter um filho com Michael como pai. Estou certa de que ele verá a lógica e o mérito científico da sugestão, embora dificilmente eu espere que ele fique muito entusiasmado sobre o assunto. É claro que ainda não

mencionei de todo a minha idéia a Michael. Ele sabe que eu ando com algo de sério na cabeça, porque perguntei-lhe se poderia tomar conta das meninas esta tarde enquanto Richard e eu subíamos à superfície para um piquenique e uma conversa. Meu nervosismo em torno dessa questão provavelmente não tem razão de ser. Mas sem dúvida ele se baseia em um conceito de comportamento correto que simplesmente não se aplica à nossa situação atual. Richard tem se sentido bem nestes últimos tempos. Seu espírito anda afiadíssimo. É possível que ele atire algumas farpas bem cortantes na minha direção durante nossa discussão, mas aposto que no fim ele ficará a favor da idéia.

# 8

7 DE MAIO DE 2205

Esta tem sido a primavera de nosso descontentamento. Senhor, que tolos somos nós, os mortais. Richard, Richard, volte por favor.

Por onde começar? E como começar? Será que ouso comer um pêssego?

Em um minuto há visões e revisões que um minuto… No quarto ao lado, Michael e Simone vão de cá para lá conversando sobre Miguel Ângelo.

Meu pai sempre me disse que todo mundo comete erros. Por que o meu teve de ser tão colossal? A idéia fazia sentido. Meu cérebro esquerdo me dizia que era lógico. Mas lá no fundo do ser humano a razão nem sempre triunfa. As emoções não são racionais. O ciúme não é resultado de um programa de computador.

Não faltaram avisos. Naquela primeira tarde, sentados junto ao Mar Cilíndrico fazendo nosso "piquenique", os olhos de Richard já me diziam que havia algum problema. Hum, hum, Nicole; é melhor recuar, disse eu a mim mesma.

Porém, mais tarde, ele me pareceu tão razoável. "É claro", disse Richard naquela mesma tarde, "que o que você está sugerindo é a coisa geneticamente correta a ser feita. Eu irei com você falar com Michael. Vamos acabar com isso o mais rápido possível, esperando que um encontro seja suficiente."

Senti-me entusiasmada naquele momento. Jamais me ocorrera que Michael pudesse recusar. "Seria um pecado", disse ele naquela mesma noite, depois que as meninas já tinham ido dormir, segundos depois de compreender o que estávamos propondo.

Richard passou à ofensiva, argumentando que todo o conceito de pecado era um anacronismo até mesmo na Terra e que ele, Michael, estava sendo apenas tolo. "Você realmente quer que eu faça isso?", Michael perguntou diretamente a Richard, no final da conversa.

"Não", respondeu Richard após uma pequena hesitação; "mas é claramente o melhor para as meninas." Eu devia ter prestado mais atenção naquele "não".

Jamais me ocorreu que meu plano pudesse não funcionar. Eu controlei com o maior cuidado meu ciclo de ovulação. Quando a noite escolhida finalmente chegou, informei a Richard e ele saiu da toca pisando forte, para uma de suas longas caminhadas por Rama. Michael estava nervoso e lutando contra seus sentimentos de culpa, mas nem em meu pior cenário do Julgamento Final eu imaginara que ele poderia ser incapaz de ter uma relação sexual comigo. Quando tiramos nossas roupas (no escuro, para que Michael não se sentisse

desconfortável) e nos deitamos lado a lado na esteira, descobri que seu corpo estava rígido e tenso. Eu lhe beijei a testa e as faces. Depois tentei relaxá-lo massageando-lhe as costas e o pescoço. Ao fim de cerca de trinta minutos de toques (mas nada que se pudesse considerar como jogos sexuais preliminares) aconcheguei-me sugestivamente contra seu corpo. Ficou óbvio que tínhamos um problema. Seu pênis continuava totalmente flácido.

Eu não sabia o que fazer. Meu primeiro pensamento, que é claro que era totalmente irracional, foi o de que Michael não me achava atraente. Fiquei me sentindo péssima, como se alguém tivesse me esbofeteado. Todos os meus sentimentos reprimidos de inferioridade afloraram e eu fiquei surpreendentemente zangada. Por sorte eu não disse nada (nenhum de nós dois falou durante todo o tempo) e Michael não podia ver meu rosto no escuro. Mas minha linguagem corporal deve ter sinalizado meu desapontamento.

"Eu sinto muito", disse ele baixinho.

"Tudo bem", respondi eu, tentando parecer despreocupada.

Apoiei-me em um cotovelo e acariciei sua testa com a outra mão. Fui ampliando minha massagem leve, deixando meus dedos correrem delicadamente por seu rosto, pescoço e ombros. Michael estava inteiramente passivo. Ficou deitado de costas sem se mover e com os olhos fechados durante a maior parte do tempo. Embora esteja certa de que ele estava gostando da massagem, ele não disse uma só palavra e nem emitiu qualquer som prazeroso. A essa altura eu já estava ficando muito ansiosa, e me vi querendo que Michael me acariciasse, me dissesse que tudo estava bem comigo.

Afinal, deslizei meu corpo para cima do dele. Deixei meus seios penderem delicadamente sobre seu torso enquanto minha mão direita brincava com o cabelo em seu peito. Debrucei-me para beijá-lo nos lábios, planejando excitá-lo em outras áreas com a mão esquerda, mas ele se afastou rapidamente e sentouse.

"Não posso fazer isto", disse ele, sacudindo a cabeça.

"Por que não?", perguntei suavemente, com meu corpo agora em canhestra posição a seu lado.

"É errado", respondeu ele de forma muito solene.

Tentei várias vezes, nos minutos seguintes, iniciar uma conversa, porém Michael não queria falar. Eventualmente, porque não havia mais nada a fazer, vesti-me silenciosamente no escuro. Michael mal conseguiu dizer um débil "boa noite" quando saí.

Não voltei logo para o meu quarto. Quando cheguei ao corredor, constatei que ainda não estava pronta para enfrentar Richard. Encostei-me na parede e lutei com as fortes emoções que me avassalavam. Por que havia eu suposto que as coisas seriam tão simples? E o que diria agora a Richard?

Pelo som da respiração de Richard, sabia que ele não estava dormindo quando entrei no quarto. Se tivesse um pouco mais de coragem, poderia ter-lhe dito de imediato o que acontecera com Michael. Mas foi mais fácil ignorar tudo naquele momento. Foi um erro muito sério. Os dois dias que se seguiram foram tensos. Ninguém falava do que Richard, a certa altura, chamara de "evento fertilizador". Os homens tentavam agir como se tudo estivesse normal. Depois do jantar, na segunda noite, persuadi Richard a ir dar um passeio comigo enquanto Michael punha as crianças na cama.

Richard estava explicando a química de seu novo processo de fermentação de vinho quando paramos junto ao parapeito que domina o Mar Cilíndrico. A certa altura, eu o interrompi e tomei-lhe a mão. "Richard", disse eu, com meus olhos buscando amor e apoio nos dele, "isto é muito difícil…" — minha voz foi sumindo.

"O que foi, Nikky?", perguntou ele, forçando um sorriso.

"Bem, é Michael. Sabe", botei para fora, em um repente, "na verdade não aconteceu nada… Ele não pôde…"

Richard ficou me olhando por muito tempo. "Está me dizendo que ele é impotente?", perguntou.

Eu primeiro acenei com a cabeça e depois o confundi totalmente abanando-a de um lado para outro. "É provável que não, na verdade", gaguejei, "mas foi na outra noite, comigo. Acho que ele só ficou tenso demais, ou se sente culpado, ou então já faz tanto tempo…" De repente, eu parei, vendo que estava falando demais.

Richard ficou olhando para o mar durante o que me pareceu uma eternidade. "Você quer tentar de novo?", disse ele eventualmente, com voz totalmente inexpressiva, e sem se virar para me olhar.

"Eu… eu não sei", respondi, apertando-lhe a mão. Eu queria dizer outra coisa, perguntar como ele enfrentaria a situação se eu tentasse outra vez, mas Richard afastou-se repentinamente de mim. "Faça o favor de me dizer quando se resolver", disse ele, bem curto.

Durante uma semana fiquei certa de que ia abandonar de vez toda aquela idéia. E muito aos pouquinhos um arremedo de alegria começou a voltar à nossa pequena família. Na noite seguinte ao término de minha menstruação, Richard e eu fizemos amor duas vezes pela primeira vez em um ano. Ele parecia particularmente contente, estava muito falante, e ficamos bem juntos depois da segunda relação.

"Devo dizer que fiquei muito preocupado por uns tempos", disse ele. "A idéia de você fazer sexo com Michael, até mesmo por razões supostamente lógicas, estava me deixando louco. Eu sei que não faz nenhum sentido racional, mas eu estava morrendo de medo de que você gostasse — compreendeu? — e que de algum modo o nosso relacionamento pudesse ser afetado."

Richard estava obviamente supondo que eu não ia tentar de novo

ficar grávida de um filho de Michael. Não discuti com ele naquela noite porque no momento estava muito contente. Alguns dias mais tarde, no entanto, quando comecei a ler a respeito de impotência em meus livros médicos, compreendi que ainda estava resolvida a levar avante o meu plano.

Durante a semana antes de eu ovular de novo, Richard esteve ocupado preparando seu vinho (e talvez provando um pouquinho mais do que o necessário — mais de uma vez ele apareceu meio bêbado antes do jantar) e criando os robozinhos com os personagens das peças de Samuel Beckett. Minha atenção estava focalizada na impotência. Meu currículo na escola de medicina virtualmente ignorara o assunto, e já que minha própria experiência sexual fora relativamente limitada, eu jamais estivera exposta ao problema antes. Fiquei surpreendida ao descobrir que a impotência é uma moléstia extremamente comum, primordialmente psicológica mas quase sempre com um componente de exacerbação física também, porém existem linhas de tratamento muito bem definidas, todas elas concentradas na atenuação da "ansiedade de desempenho" do homem.

Richard viu-me preparando minha urina para os testes de ovulação certa manhã, não disse nada, mas eu senti, por sua expressão, que ele ficara desapontado. Tive vontade de reconfortá-lo, mas as crianças estavam no quarto e fiquei com medo de que ele fizesse uma cena.

Não disse a Michael que iríamos fazer uma segunda tentativa. Julguei que sua ansiedade ficaria menor se não tivesse tempo para pensar a respeito. Meu plano quase funcionou. Fui com Michael para seu quarto depois de termos posto as meninas na cama, e expliquei-lhe o que estava acontecendo enquanto nos despíamos. Ele começou a ter uma ereção e, apesar de seus tímidos protestos, eu me mexi rapidamente a fim de sustentá-la. Estou segura de que teríamos tido sucesso se Katie não tivesse começado a gritar "Mamãe! Mamãe!" no momento em que nossa relação estava começando.

É claro que deixei Michael e corri pelo corredor para o quarto das crianças. Richard já estava lá, segurando Katie em seus braços. Simone estava sentada em sua esteira, esfregando os olhos. Os três ficaram olhando para o meu corpo nu, na porta. "Eu tive um sonho horrível", disse Katie, agarrando-se com força a Richard. "Uma octoaranha estava me comendo."

Eu entrei no quarto. "Está se sentindo melhor agora?", perguntei, estendendo os braços para Katie. Richard continuou a abraçá-la, e ela não fez o menor esforço para vir para mim. Depois de um momento meio constrangido, fui até Simone e passei meu braço sobre os seus ombros.

"Onde estão seus pijamas, mamãe?", perguntou minha filha de

quatro anos. Richard e eu quase sempre dormimos com versões ramaianas de pijamas.

As meninas estão perfeitamente habituadas com meu corpo nu — nós três tomamos banho de chuveiro juntas quase todos os dias — mas de noite, quando entro no quarto das crianças, estou quase sempre de pijamas.

Estava a ponto de dar uma resposta engraçada a Simone, quando reparei que Richard estava de olhos fixos em mim. Seu olhar era positivamente hostil.

"Eu posso dar conta das coisas aqui", disse ele em tom rude. "Por que não vai terminar o que estava fazendo?"

Voltei para Michael, para mais uma tentativa de conseguir uma relação sexual e a conseqüente concepção. Foi uma péssima decisão. Foi inútil a tentativa de excitar Michael durante uns dois minutos, até que ele afastou minha mão. "Não adianta", disse ele. "Estou com quase 63 anos e há cinco que não tenho uma relação sexual. Jamais me masturbei e faço um esforço consciente para não pensar em sexo. Minha ereção de há pouco foi apenas uma questão de sorte temporária." Ficou em silêncio por quase um minuto. "Sinto muito, Nicole", acrescentou então, "mas não vai funcionar".

Ficamos deitados lado a lado em silêncio por vários minutos. Eu estava me vestindo e me preparando para sair quando notei que a respiração de Michael caíra no esquema rítmico de respiração que antecede o sono. De repente, lembreime de ter lido que homens com impotência psicológica muitas vezes têm ereções durante o sono, e minha mente concebeu uma outra idéia louca. Fique acordada, deitada ao lado de Michael, esperando até ter a certeza de que ele estava em sono profundo.

Toquei-o muito de leve, a princípio, e fiquei encantada quando ele reagiu rapidamente. Após algum tempo, aumentei um pouco o vigor da massagem, porém tomando o maior cuidado para não acordá-lo. Quando ele ficou definitivamente pronto, preparei-me e passei para cima dele. Estava a instantes de conseguir concretizar meu objetivo quando esbarrei nele com força demais e o acordei. Tentei continuar, mas em minha pressa devo tê-lo machucado, pois ele soltou um ganido e olhou-me assustado e feroz. Em segundos, sua ereção desaparecera.

Rolei para ficar de costas e soltei um profundo suspiro. Estava muitíssimo desapontada. Michael estava me fazendo perguntas, mas eu estava aflita demais para poder responder. Meus olhos ficaram rasos de lágrimas, vesti-me depressa, beijei Michael levemente na testa e saí aos tropeços para o corredor. Ah fiquei por uns cinco minutos até ter forças para voltar para Richard.

Meu marido ainda estava trabalhando, ajoelhado ao lado do

Pozzo, de Esperando Godot. O robozinho estava no meio de uma de suas falas longas e aparentemente confusas sobre a inutilidade de tudo. A princípio, Richard ignorou-me. Depois, após silenciar Pozzo, virou-se para mim: "Você acha que demorou o tempo suficiente?" indagou ele com sarcasmo.

"Continuou a não funcionar", respondi deprimida. "Acho que…"

"Não me venha com essa merda", gritou Richard de repente, com raiva.

"Não sou estúpido a esse ponto. Você espera que eu acredite que você passou duas horas nua com ele e não aconteceu nada? Eu sei como são as mulheres.

Você pensa que…"

Não me lembro do resto do que ele disse. Lembro-me do meu pavor quando ele avançou para mim, com os olhos injetados de raiva. Pensei que ele fosse me bater e preparei-me para o golpe. Lágrimas jorraram de meus olhos e derramaram-se por minhas faces. Richard chamou-me de nomes horríveis e chegou mesmo a fazer um ataque racista. Estava enlouquecido. Quando ele levantou o braço em fúria, eu fugi correndo do quarto, disparando pelo corredor até subir as escadas para Nova York. Quase atropelei a pequena Katie, que acordara com a gritaria e estava de pé, atônita, na porta de seu quarto.

Já era dia em Rama. Eu saí caminhando, chorando e parando de chorar, durante quase uma hora. Estava furiosa com Richard, mas também profundamente infeliz comigo mesma. Em sua fúria, Richard dissera que eu estava obcecada com a minha idéia, e que esta não passava de uma "desculpa esperta"

para ter relações com Michael, para que pudesse me tornar "a rainha da colméia". Eu não respondera a nenhuma de suas agressões. Será que haveria algum mínimo grão de verdade em sua acusação? Seria alguma parte de meu entusiasmo pelo projeto um desejo de minha parte de fazer sexo com Michael?

Convenci-me de que todos os meus motivos haviam sido corretos, seja lá o que isso queria dizer, mas que eu fora inacreditavelmente estúpida a respeito de todo o caso, desde o início. Por certo, depois de ver a reação inicial de Richard (e a de Michael também, para falar a verdade), eu deveria ter abandonado a idéia imediatamente. Talvez Richard estivesse certo sob alguns aspectos. Talvez eu seja teimosa, e esteja obcecada com a idéia de fornecer um máximo de variações genéticas para nossos descendentes. Mas tenho a certeza de que não inventei toda essa história só para fazer sexo com Michael.

Estava escuro em nosso quarto quando eu voltei. Vesti meu pijama e desabei, exausta, em minha esteira. Após alguns segundos, Richard virou-se para mim, abraçou-me fortemente e disse: "Meu bem,

Nicole, eu sinto muito, muito, mesmo. Por favor, perdoe-me."

Desde então não ouço sua voz. Há seis dias que ele se foi. Eu dormi profundamente naquela noite, sem ter consciência de que Richard arrumou suas coisas para sair e deixou-me um bilhete. Às sete da manhã, o despertador tocou.

Uma mensagem ocupava toda a tela negra, dizendo:

"EXCLUSIVAMENTE PARA NICOLE DES JARDINS —

Aperte o K quando quiser ler."

As crianças ainda não tinham acordado, de modo que apertei o K no teclado.

> "Minha querida Nicole", começava a mensagem, "esta é a carta mais difícil que escrevo em minha vida. Vou deixar você e a família por uns tempos. Sei que isso vai criar muitas dificuldades para você, Michael e as meninas, mas creia que é o único jeito. Depois da noite passada ficou claro para mim que não há outra solução.
>
> "Minha querida, eu te amo de todo o coração e sei, quando meu cérebro tem controle sobre minhas emoções, que o que você está tentando fazer é pensando no que seja melhor para a família. Sinto-me péssimo a respeito das acusações que fiz ontem à noite. Sinto-me pior ainda por causa de todas as coisas de que eu a chamei, em particular as ofensas raciais e o uso freqüente da palavra 'cadela'. Espero que possa me perdoar, embora não tenha a certeza de poder perdoar a mim mesmo, e em minha lembrança o que fica é o meu amor e não minha raiva insana e desatinada.
>
> "O ciúme é uma coisa terrível. Dizer que ele 'debocha da carne que o alimenta' é muito pouco. O ciúme nos consome inteiramente, é totalmente irracional e enfraquece de modo absoluto. As pessoas mais maravilhosas do mundo não passam de animais ferozes quando apanhadas nas garras do ciúme.
>
> "Nicole, querida, eu não lhe contei toda a verdade a respeito do final de meu casamento com Sarah. Eu suspeitei durante meses que ela estava se encontrando com outros homens nas noites que passava em Londres. Havia toda uma série de sinais reveladores — seu interesse desigual no sexo, roupas novas que não eram nunca usadas comigo, fascinação repentina por posições novas e práticas sexuais diferentes, telefonemas sem ninguém no outro lado da linha — mas eu a amava tão loucamente, e tinha tamanha certeza de que nosso casamento estaria terminado se eu a confrontasse com esses

fatos, que não fiz nada até ficar enlouquecido de ciúmes.

"Para falar a verdade, quando me deitava em minha cama em Cambridge e imaginava Sarah tendo relações sexuais com algum outro homem, meu ciúme adquiria tal força que eu não podia adormecer antes de imaginar Sarah morta.

Quando a sra. Sinclair me telefonou naquela noite e eu soube que não podia mais fingir que Sarah fosse fiel, fui a Londres com o objetivo expresso de matar tanto minha esposa quanto seu amante.

"Por sorte eu não tinha arma de fogo e minha raiva ao vê-los juntos fez-me esquecer da faca que colocara no bolso de meu sobretudo. Mas eu positivamente a teria matado se a briga não tivesse acordado os vizinhos e eu não tivesse sido fisicamente impedido.

"Você deve estar se perguntando o que tudo isso tem a ver com você. Mas compreenda, meu amor, que todos nós evoluímos para modelos de comportamento definitivos na vida. Meu modelo de ciúme insano já estava presente quando eu a conheci. Durante as duas oportunidades em que você foi tentar uma relação íntima com Michael, não consegui evitar que as lembranças de Sarah voltassem. Eu sei que você não é Sarah, e que você não está me traindo, mas mesmo assim minhas emoções estão voltando àquele modelo lunático. Por motivos estranhos, porque a idéia de você me trair é tão impossível de ser concebida, sinto-me pior, mais assustado, quando você está com Michael do que quando Sarah estava com Hugh Sinclair ou qualquer de seus outros amigos atores.

"Espero que tudo isto faça sentido. Vou-me embora porque não posso controlar meu ciúme, mesmo sabendo que ele é irracional. Não quero ficar igual a meu pai, bebendo a minha infelicidade e arruinando a vida de todos à minha volta. Eu sinto que você há que conseguir essa concepção, de uma maneira ou de outra, e prefiro poupar-lhe meu comportamento durante o processo.

"Creio que voltarei em breve, a não ser que encontre perigos imprevisíveis em minhas explorações, mas não sei exatamente quando. Preciso um período de cura, para que possa voltar a ser um contribuinte firme para o bem de nossa família. Diga às meninas que eu fui fazer uma viagem. Seja particularmente bondosa para com Katie — ela é a que vai sentir mais a minha falta.

"Eu te amo, Nicole. Sei que será difícil para você

compreender por que eu estou partindo, mas por favor tente.

*Richard”*

13 DE MAIO DE 2205

Hoje passei cinco horas na superfície, em Nova York, procurando por Richard. Fui até os grandes buracos, às duas áreas das treliças, e às três praças.

Percorri todo o perímetro da ilha ao longo do parapeito, sacudi a grade da toca das octoaranhas e desci um pouquinho para a terra das aves. Por toda parte chamei seu nome. Lembro-me de que Richard me achou há cinco anos por causa de um sinal de navegação que ele colocara em seu robô shakespeariano Príncipe Hal. Bem que eu podia usar um sinal daqueles hoje.

Não havia sinal de Richard em parte alguma. Creio que ele deixou a ilha.

Richard é excelente nadador — podia facilmente atingir o Hemicilindro Norte — mas o que fazer com as estranhas criaturas que habitavam o Mar Cilíndrico?

Será que elas o deixariam passar?

Volte, Richard. Eu sinto a sua falta. Eu te amo.

Ficou claro que ele vinha pensando em ir embora havia vários dias. Ele pusera em dia e organizara nosso catálogo de interações com os ramaianos de forma a tornar a tarefa fácil para Michael e para mim. Levou a maior de nossas mochilas e levou consigo seu melhor amigo, OB, mas deixou para trás os robôs de Beckett.

Nossas refeições familiares têm sido momentos atrozes desde que Richard se foi. Katie está quase sempre zangada. Quer saber quando seu papai volta e por que está demorando tanto. Michael e Simone suportam sua tristeza em silêncio.

A ligação entre eles fica cada vez mais profunda — parecem consolar-se um ao outro muito bem. Quanto a mim, tenho tentado dar mais atenção a Katie, mas não consigo substituir seu bem-amado papai.

As noites são terríveis. Eu revejo sem cessar todos os meus momentos com Richard nos últimos dois meses, e revivo todos os meus erros. Sua carta de despedida foi muito reveladora. Jamais me ocorrera que suas dificuldades anteriores com Sarah pudessem causar o menor impacto em seu casamento comigo, mas reconheço agora o que ele disse a respeito de modelos.

Há modelos em minha vida emocional, também. A morte de minha mãe quando eu tinha apenas dez anos ensinou-me o terror do abandono. O medo da perda de uma ligação forte tornou as relações íntimas e a confiança difíceis para mim. Depois de minha mãe, já perdi Geneviève, meu pai, e agora, ao menos temporariamente,

Richard. Cada vez que o modelo é revivido, todas as quimeras do passado são reativadas. Quando chorei até dormir, há duas noites, compreendi que estava sentindo falta não só de Richard mas também de minha mãe, de Geneviève, e de meu maravilhoso pai. Senti cada uma dessas perdas de novo, de modo que posso compreender como eu estar com Michael pode detonar as dolorosas lembranças de Sarah em Richard.

O processo de aprendizado não pára nunca. Aqui estou eu, com 41 anos, a descobrir uma nova faceta da verdade a respeito das relações humanas. É óbvio que eu feri Richard profundamente. Não importa que não haja base lógica para a preocupação de Richard com a possibilidade de minha afeição por ele mudar caso eu venha a dormir com Michael. A lógica não é aplicável, no caso. A percepção e a sensibilidade é que contam.

Eu esquecera o quanto a solidão pode ser devastadora. Richard e eu já estamos juntos há cinco anos. Ele pode não ter todos os atributos de um Príncipe Encantado, mas tem sido um companheiro maravilhoso, e é, sem dúvida, o ser humano mais inteligente que jamais encontrei. Seria uma tragédia incomensurável se ele não voltasse. Sofro quando me ocorre, nem que seja por um momento, que eu possa tê-lo visto pela última vez.

A noite, quando me sinto particularmente só, muitas vezes leio poesia.

Baudelaire e Eliot têm sido meus favoritos desde os tempos de universidade, mas nestas últimas noites venho encontrando consolo nos poemas de Benita Garcia.

Durante seu período como cadete da Academia Espacial no Colorado, sua delirante paixão pela vida causou-lhe muita dor. Ela se atirou em seus estudos cosmonáuticos e nos braços dos homens que a cercavam com igual ímpeto.

Quando chamada ante o comitê disciplinar dos cadetes por nenhuma transgressão senão a de sua sexualidade desabrida, Benita compreendeu o quão esquizofrênicos os homens são no que concerne ao sexo.

A maioria dos críticos literários prefere seu primeiro volume de poesia, Sonhos de uma moça mexicana, que fez seu nome quando ela ainda era uma adolescente, ao livro de poemas mais sábios e menos líricos que publicou em seu último ano na Academia. Com Richard agora sumido e minha mente ainda a braços com a luta pela compreensão do que realmente acontecera nestes últimos meses, são os poemas de angústia de final de adolescência, de Benita, bem como seus questionamentos, que mais ressoam dentro de mim. Seu caminho para a idade adulta foi dos mais difíceis. Embora sua obra permanecesse rica de imagens, Benita não era mais Pollyanna

perambulando entre as ruínas de Uxmal.

Esta noite reli várias vezes um de seus poemas universitários de que gosto particularmente:

> Os meus vestidos luzem o meu quarto
> Quais flores do deserto após a chuva.
> Meu novo amor, vens a mim esta noite,
> Mas qual de mim será que queres ver?
> Tons pastel são melhores para os livros,
>
> Meus verdes e azuis fazem a noite
> Ser amiga ou até futura esposa.
> Mas se é em sexo que tu estás pensando,
> Vermelho ou preto, mais olhos escuros,
> Criam a puta que terei de ser.
>
> Não era assim que a infância sonhava,
> Só um beijo meu príncipe regava,
> E toda dor que eu tinha então cedia,
> Não poderei vê-lo de novo um dia?
> As máscaras me ofendem, meu rapaz,
> O meu vestido alegria não traz.
> O preço pra sentir a sua mão
> Me humilha, como foi tua intenção.

# 9

14 DE DEZEMBRO DE 2205

Creio que devia estar comemorando, mas tenho a impressão de que tive uma vitória de Pirro. Estou finalmente grávida de Michael. Mas a que preço!

Continuamos sem qualquer notícia de Richard e temo haver me distanciado de Michael também. Michael e eu, cada um por seu lado, havíamos ambos aceitado plena responsabilidade pela partida de Richard. Lidei com minha culpa o melhor que pude, reconhecendo que teria de superá-la inteiramente para poder ser qualquer tipo de mãe válida para as minhas filhas. Michael, por sua vez, reagiu ao ato de Richard e à sua própria culpa afundando-se em devoção religiosa. Ele continua a ler sua Bíblia pelo menos duas vezes ao dia, reza antes e depois de cada refeição, e volta e meia opta por não tomar parte nas atividades familiares a fim de se "comunicar" com Deus. A palavra "expiação" tem hoje lugar muito proeminente no vocabulário de Michael.

Ele arrastou Simone consigo na onda desse renascimento de seu zelo cristão. Meus tímidos protestos foram ignorados, e ela ama a história de Jesus, muito embora não possa ter mais do que vaguíssima noção da razão de ser daquilo. Os milagres, em particular, fascinam Simone. Como a maioria das crianças, ela não tem qualquer dificuldade em eliminar sua capacidade para descrer, e sua mente jamais indaga "como" quando Jesus caminha sobre as águas ou transforma água em vinho.

Meus comentários nem sempre são justos, e provavelmente sinto ciúmes da amizade que existe entre Michael e Simone. Como mãe dela, deveria sentir-me feliz por eles serem tão compatíveis. Eles ao menos têm um ao outro, enquanto Katie e eu continuamos incapazes de estabelecer qualquer ligação mais profunda.

Parte do problema nasce do fato de tanto Katie quanto eu sermos muito teimosas. Embora só tenha dois anos e meio, ela já quer controlar sua própria vida. Vejam o caso de uma coisa bem simples, por exemplo, como as atividades planejadas para o dia. Eu venho criando horários para todos da família desde nossos primeiros dias em Rama; nunca ninguém jamais reclamou seriamente comigo, sequer Richard. Michael e Simone sempre aceitam o que quer que eu recomende — desde que haja bastante tempo livre.

Mas Katie é outra história. Se prevejo um passeio na superfície, em Nova York, antes da aula de alfabetização, ela quer inverter a ordem. Se planejo frango para o jantar, ela quer carne de porco ou de vaca. Começamos praticamente todos os dias com uma discussão a

respeito das atividades do dia. Quando não gosta de minhas decisões, Katie fica emburrada, ou faz bico, ou chora pedindo seu "Papai?", e dói vê-la chamar por Richard.

Michael diz que eu deveria ceder aos seus desejos, insistindo em que se trata apenas de uma fase do crescimento. Mas quando lembro que nem Geneviève e nem Simone foram assim como Katie, ele sorri e dá de ombros.

Michael e eu nem sempre concordamos a respeito de técnicas parentais.

Já tivemos várias discussões interessantes a respeito de vida familiar em nossas circunstâncias bizarras, e ao fim de uma destas fiquei um tanto aborrecida com a afirmação de Michael de que eu era "rígida demais" com as meninas, de modo que levantei a questão religiosa. Perguntei a Michael por que seria tão importante que Simone aprendesse tantas minúcias da vida de Jesus.

"Alguém tem de continuar a tradição", disse ele vagamente.

"Então você acredita que haverá uma tradição a ser levada avante, que não vamos ficar eternamente à deriva no espaço e morrer, um a um, na mais aterradora solidão?" "Eu acredito que Deus tenha um plano para todo ser humano", retrucou ele.

"E qual é o plano d'Ele para nós?"

"Não sabemos. Exatamente como aqueles bilhões de pessoas que continuam na Terra ignoram qual sejam Seus planos para elas. O processo da vida é uma busca do Seu plano."

Eu sacudi a cabeça e Michael continuou: "Sabe, Nicole, devia ser bem mais fácil para nós. Temos muito menos distrações. Não há desculpa para que não fiquemos perto de Deus. É por isso que minhas antigas preocupações com história da arte e alimentação são tão difíceis de perdoar. Em Rama, os seres humanos devem fazer um esforço maior para preencher seu tempo com algo que não orações e devoções."

Confesso que a certeza dele me apoquenta às vezes. Em nossas circunstâncias atuais, a vida de Jesus não parece ser mais relevante do que a de Atila, o Huno, ou qualquer outro ser humano que tenha existido naquele planeta distante há dois anos-luz. Nós não fazemos mais parte da raça humana; somos ou condenados ou iniciadores do que virá a ser em essência uma nova espécie. Terá Jesus morrido por nossos pecados, também, nós que jamais tornaremos a ver a Terra?"

Se Michael não fosse católico e programado desde o nascimento para ser favorável à procriação, eu jamais o teria persuadido a conceber uma criança. Ele tinha cem razões para afirmar que era errado o que eu queria fazer; mas no fim, talvez porque eu andava perturbando suas devoções noturnas diárias com meus persistentes apelos, ele finalmente consentiu. Avisou-me que "provavelmente

jamais daria certo" e que não "assumiria qualquer responsabilidade por minha frustração".

Levamos três meses para produzir um embrião. Durante os dois primeiros ciclos de ovulação não consegui excitá-lo. Tentei riso, massagem, música, comida — tudo o que encontrei em todos os artigos sobre impotência. Sua culpa e sua tensão eram sempre mais fortes que meu ardor. Foi a fantasia que finalmente forneceu a solução. Quando certa noite sugeri a Michael que ele imaginasse ser eu sua esposa Kathleen durante todo o processo, ele finalmente foi capaz de sustentar adequadamente uma ereção. A mente é realmente uma invenção maravilhosa.

Mesmo com fantasia, no entanto, fazer amor com Michael não foi tarefa fácil. Em primeiro lugar, e isto provavelmente é maldade minha dizer, só as suas preparações são o bastante para tirar a vontade de qualquer mulher. Logo antes de tirar a roupa, Michael sempre oferece uma oração a Deus. Para o que será que ele reza? Seria fascinante saber a resposta.

O primeiro marido de Eleonor de Aquitânia, Luís VII da França, fora criado como monge até tornar-se rei da França graças a um acidente histórico.

No romance de meu pai sobre Eleonor há um longo monólogo no qual ela se queixa de fazer amor "cercada de solenidade, piedade e o tecido áspero dos Cirtercianos". Ela ansiava por alegria e riso no quarto, por conversa safada e paixão desabrida. É fácil compreender por que ela se divorciou de Luís e casou-se com Henry Plantageneta. De modo que agora estou grávida do filho homem (espero) que há de trazer variedade genética à nossa prole. Foi uma luta tremenda e muito provavelmente não valeu a pena. Por causa de meu desejo de ter um filho de Michael, Richard se foi e Michael, ao menos temporariamente, não é mais aquele amigo íntimo e grande companheiro que foi durante nossos primeiros anos em Rama. Paguei o preço de meu sucesso. Agora tenho de ter esperança de que esta espaçonave tenha na realidade algum destino.

1º DE MARÇO DE 2206

Repeti o teste genoma parcial hoje de manhã para verificar meus primeiros resultados. Não há dúvida. Nosso futuro bebê tem positivamente a síndrome de Whittingham, felizmente não há outros defeitos identificáveis, mas Whittingham já é bastante.

Mostrei os dados a Michael quando tivemos alguns momentos a sós depois do desjejum. A princípio, ele não compreendeu o que eu estava lhe dizendo, mas quando usei a palavra "retardado" ele reagiu imediatamente. Pude ver que ele estava imaginando uma criança totalmente incapaz de cuidar de si mesma, e suas preocupações só

diminuíram um pouco quando expliquei que a síndrome não é nada além de uma deficiência de aprendizado, uma simples falha de funcionamento do processo eletroquímico do cérebro.

Quando fiz o primeiro teste parcial de genoma na semana passada, suspeitei da presença do Whittingham, mas como havia uma possível ambigüidade nos resultados, não disse nada a Michael. Antes de colher uma segunda amostra amniótica, eu queria rever o que se conhecia a respeito da síndrome. Minha enciclopédia médica resumida infelizmente não continha informações que me satisfizessem.

Hoje de tarde, enquanto Katie dormia, Michael e eu perguntamos a Simone se ela poderia ler um livro na sala de estar das crianças durante cerca de uma hora. Nosso anjo concordou tranqüilamente. Michael estava bem mais calmo do que estivera pela manhã. Reconheceu que ficara arrasado pelas primeiras notícias sobre Benjy (Michael quer que a criança se chame Benjamin Ryan O'Toole, como seu avô). Ao que parece, uma leitura do livro de Jó desempenhara importante papel como auxílio à reconquista de seu equilíbrio.

Expliquei a Michael que o desenvolvimento mental de Benjy seria lento e doloroso. Ele sentiu-se reconfortado, no entanto, quando informei-o de que muitas vítimas do Whittingham eventualmente atingiam uma equivalência de doze anos de idade após vinte anos de escolaridade. Garanti a Michael que não haveria sinais físicos de deficiência, como acontece na síndrome de Down, e que já que Whittingham é um traço recessivamente bloqueado, havia muito poucas probabilidades de qualquer possível prole sua ser afetada antes de pelo menos a terceira geração.

"Há maneira de sabermos qual de nós tem a síndrome em seus genes?", indagou Michael no final de nossa conversa.

"Não. É uma desordem muito difícil de isolar porque, ao que parece, se origina de vários genes defeituosos diferentes. O diagnóstico só é claro quando a síndrome é ativada. Nem mesmo na Terra tem tido sucesso a tentativa de se identificar transmissores." Comecei a contar-lhe que desde que a moléstia foi identificada pela primeira vez em 2068, praticamente não ocorreram casos na África ou na Ásia. Tem sido basicamente uma doença caucasiana, com o índice mais alto de incidência ocorrendo na Irlanda. Resolvera que muito em breve Michael iria descobrir essas informações de qualquer modo (estão todas no principal artigo da enciclopédia médica, que ele está lendo), e não queria que ele se sentisse ainda pior do que já se sente agora. "Não há cura?", perguntou ele a seguir.

"Não para nós. Apareceram indicações na última década de que algumas medidas genéticas poderiam ter eficácia, se usadas durante o segundo trimestre de gravidez. No entanto, o procedimento é complicado, até mesmo na Terra, e pode resultar em perda total do

feto.”

Seria o momento perfeito para que Michael mencionasse a palavra “aborto”, mas ele não o fez. Suas convicções são tão firmes, tão inapeláveis que estou certa de que ele sequer jamais admitiu a possibilidade. Para ele, o aborto é um erro absoluto, em Rama como na Terra. Dei por mim imaginando se haveria condições nas quais Michael consideraria a possibilidade de um aborto. E se o bebê, além de ter a síndrome, também fosse cego? Ou se tivesse problemas congênitos múltiplos que determinassem uma morte precoce?

Se Richard estivesse aqui, nós teríamos uma discussão lógica a respeito das vantagens e desvantagens de um aborto. Ele teria criado um de seus famosos quadros Ben Franklin, com os prós e os contras listados separadamente nos dois lados da tela negra. Eu acrescentaria uma longa lista de razões emocionais (que Richard não teria incluído em sua lista original) para não fazer um aborto, e no final quase que certamente nós todos concordaríamos em trazer Benjy para Rama. Seria uma decisão racional e comunitária.

Eu quero ter este bebê. Mas também quero que Michael reafirme seu compromisso como pai de Benjy. Uma discussão sobre a possibilidade de aborto teria provocado uma renovação desse compromisso. A aceitação cega das regras de Deus ou da Igreja ou de qualquer dogma estruturado pode por vezes tornar fácil para o indivíduo sustentar seu apoio pessoal a determinada decisão específica. Espero que Michael não seja esse tipo de pessoa.

# 10

30 DE AGOSTO DE 2206

Benjy chegou adiantado. Apesar de todas as garantias de que ele teria aspecto perfeitamente normal, Michael pareceu aliviado quando o menino nasceu há três dias sem anomalias físicas. Foi outro parto fácil. Simone foi de surpreendente ajuda tanto durante o trabalho de parto quanto na hora do parto em si. Para uma menina de seis anos ela é muito madura.

Benjy também tem olhos azuis, embora não tão claros quanto os de Katie, e não creio que permaneçam azuis. Sua pele é marrom claro, só um pouquinho mais escura do que a de Katie, e mais clara do que a minha ou a de Simone. Ele pesou três quilos e meio ao nascer, e media cinqüenta e dois centímetros.

Nosso mundo permanece inalterado. Não falamos muito a respeito dele, mas todos nós, exceto Katie, já perdemos as esperanças de que Richard volte um dia. Estamos a ponto de começar um novo inverno ramaiano, com as noites mais longas do que os dias. De tempos em tempos, Michael ou eu subimos à superfície para procurar algum sinal de Richard, mas é um ritual mecânico. Não esperamos realmente encontrar nada, e a situação já está assim há dezesseis meses.

Michael e eu agora nos revezamos computando nossa trajetória com o programa de determinação de órbita que Richard elaborou. A princípio levamos várias semanas para descobrir como utilizá-lo, apesar de Richard haver deixado instruções explícitas conosco. Tornamos a verificar, uma vez por semana, se continuamos na direção de Sirius, sem qualquer outro sistema ao longo de nosso caminho.

A despeito da presença de Benjy, parece-me que tenho mais tempo para mim mesma do que jamais tivera. Tenho lido vorazmente e reacendi meu fascínio pelas duas heroínas que dominaram minha mente na adolescência. Por que Joana d'Arc e Eleonor de Aquitânia tiveram sempre tanto apelo para mim?

Porque não só ambas exibiram força interior e auto-suficiência, mas também cada uma delas teve sucesso em um mundo dominado pelos homens, em última análise apoiada em sua própria capacidade.

Tive uma adolescência muito solitária. Meu ambiente físico em Beauvois era magnífico e o amor de meu pai sem limites, mas passei virtualmente toda a minha adolescência sozinha. No fundo de minha mente sentia-me sempre aterrorizada que a morte ou um casamento me tirassem meu precioso pai. Queria tornar-me mais contida em mim mesma, a fim de evitar a dor que ocorreria se algum dia me visse separada de meu pai. Joana e Eleonor eram modelos perfeitos de

comportamento. Até hoje sinto-me mais segura ao ler a respeito de suas vidas.

Nenhuma das duas jamais permitiu que o mundo à sua volta definisse o que seria realmente importante na vida.

A saúde de todos continua boa. Nesta última primavera, tanto para manter-me ocupada quanto por qualquer outro motivo, inseri um conjunto de sondas de biometria que ainda restavam em cada um de nós e monitorei os dados durante algumas semanas. O processo de monitoramento lembrou-me os dias da missão Newton — será que foi realmente apenas há seis anos que nosso grupo de doze deixou a Terra para ir ao encontro de Rama?

De qualquer maneira, Katie ficou fascinada com a biometria. Ficava sentada a meu lado enquanto eu fazia varreduras em Simone ou Michael, e fazia centenas de perguntas sobre os dados que apareciam na tela. Em pouco tempo, já compreendera como o sistema funcionava e o que significavam os arquivos de aviso. Michael comentou que ela era excepcionalmente inteligente, como seu pai.

Katie continua a sentir uma falta terrível de Richard.

Embora Michael fique dizendo que se sente arcaico, está em ótima forma para um homem de 64 anos. Ele se preocupa muito em permanecer suficientemente ativo do ponto de vista físico por causa das crianças, e vem fazendo seu jogging duas vezes por semana desde o início de minha gravidez. Duas vezes por semana, que conceito engraçado. Temos nos mantido fiéis a nosso calendário terreno, muito embora ele não faça o menor sentido em Rama. Outra noite Simone fez-me perguntas a respeito de dias, meses, anos. Quando Michael explicou-lhe a rotação da Terra, as estações do ano, e a órbita terrestre em torno do sol, repentinamente tive uma visão de um magnífico pôr-do-sol em Utah que compartilhei com Geneviève em nossa viagem pelo Oeste americano. Quis contar tudo a Simone, mas como explicar um pôr-do-sol a alguém que jamais viu o sol? O calendário lembra-nos do que éramos. Se jamais chegarmos a um novo planeta, com dia e noite de verdade em lugar destes artificiais de Rama, então certamente teremos de abandonar o calendário terrestre. Porém, por enquanto, os feriados, a passagem dos meses, e principalmente os aniversários, todos nos lembram nossas raízes naquele lindo planeta que agora não podemos mais sequer achar no melhor telescópio ramaiano.

Benjy está pronto para mamar. Sua capacidade mental talvez não seja das melhores, mas por certo ele não tem problemas em me informar de que está com fome. Michael e eu, de comum acordo, ainda não contamos a Simone e Katie nada sobre o caso do irmão. A atenção que ele terá de roubar delas enquanto é bebê já será suficientemente difícil para elas enfrentarem. A necessidade de

atenção por parte dele, que tende a continuar ou até mesmo aumentar quando ele começar a engatinhar ou se tornar um menininho, é mais do que podemos esperar que elas compreendam nesta altura de suas jovens vidas.

13 DE MARÇO DE 2207

Katie fez quatro anos hoje. Quando lhe perguntei, há duas semanas, o que queria para seu aniversário, não hesitou um segundo: "Quero meu papai de volta."

Ela é uma menininha solitária, isolada. Com incrível velocidade de aprendizado, ela é, de meus filhos, de longe, a mais temperamental. Richard também mudava a todo momento. Às vezes, ficava tão contente e exuberante que mal conseguia conter-se, normalmente quando acabava de ter pela primeira vez alguma experiência excitante, mas suas depressões eram monumentais. Por vezes passava toda uma semana sem rir ou sequer sorrir.

Katie herdou seu dom para a matemática, e já sabe somar, diminuir, multiplicar e dividir — ao menos com números pequenos. Simone, que não tem nada de preguiçosa, parece ser ainda mais talentosa, e interessada num leque de assuntos ainda mais amplo. Mas Katie certamente chega muito perto dela na matemática.

Já faz quase dois anos que Richard desapareceu e eu tenho tentado, sem sucesso, substituí-lo no coração de Katie. A verdade é que Katie e eu entramos sempre em conflito. Nossa personalidade não é compatível enquanto mãe e filha.

A individualidade e independência que eu admirava em Richard tornam-se ameaçadoras em Katie. Apesar de minhas melhores intenções, sempre acabamos competindo.

Não nos foi possível, é claro, fazer Richard aparecer para o aniversário de Katie. Mas Michael e eu tentamos produzir alguns presentes interessantes para ela. Apesar de nenhum de nós dois ser particularmente talentoso em eletrônica, conseguimos criar um pequeno vídeo game (o que exigiu inúmeras interações com os ramaianos para conseguir os componentes certos — e muitas noites de trabalho conjunto, para fabricar algo que Richard provavelmente faria em um dia). O jogo se chama "Perdidos em Rama". Como Katie só tem quatro anos, o jogo era bastante simples; depois de brincar com ele por duas horas, ela já exauriu todas as possibilidades e descobriu como voltar para nossa toca a partir de qualquer ponto de partida em Rama. Nossa maior surpresa teve lugar esta noite, quando lhe perguntamos (o que é uma tradição para nós, em Rama) o que gostaria de fazer na noite de seu aniversário. "Quero entrar na toca das aves", disse Katie com um brilho travesso no olhar.

Tentamos dissuadi-la, salientando que a distância entre as

plataformas é maior do que sua altura. Em resposta, Katie foi até a escada de corda feita com o material das treliças, pendurada ao lado do quarto das crianças, e mostrou-nos que sabia subir nela. Michael sorriu. “Algumas coisas ela herdou da mãe”, disse ele.

“Por favor, mamãe”, disse Katie com sua vozinha precoce; “tudo o mais é tão chato. Quero olhar eu mesma para a sentinela do tanque, só de uns poucos metros.”

Embora com certas reservas interiores, caminhei com Katie até a toca das aves, dizendo-lhe que esperasse na superfície até que eu pusesse a escada de corda no lugar. Na primeira plataforma, defronte da sentinela do tanque, parei por um momento e olhei para o outro lado do abismo, para aquela máquina de movimento perpétuo a proteger a entrada do túnel horizontal. Será que você está sempre aí? indaguei-me. Ou será que em algum momento tem de ser substituída ou consertada, nesse tempo todo?

“Está pronta, mamãe?”, ouvi minha filha chamar, lá de cima. Antes que pudesse subir para encontrar com ela, Katie já estava descendo a escada. Passeilhe um pito quando a alcancei no segundo patamar, porém ela me ignorou, terrivelmente excitada. “Viu só, mamãe? Eu desci sozinha.”

Dei-lhe meus parabéns, embora ainda estivesse assustada com a visão de Katie escorregando da plataforma, batendo em uma das paredes e despencando para o fundo do abismo. Continuamos a descer a escada, eu sempre ajudando-a por baixo, até chegarmos à primeira plataforma e a um par de túneis horizontais.

Do outro lado do abismo a sentinela do tanque continuava seu movimento repetitivo. Katie estava em êxtase.

“O que fica por trás daquela coisa do tanque? Quem o fez? O que é que ele está fazendo ali? Você pulou de um lado para o outro do buraco de verdade?…”

Em resposta a uma de suas perguntas, virei-me e dei vários passos para dentro do túnel atrás de nós, seguindo o facho de minha lanterna e supondo que Katie estivesse atrás de mim. Alguns momentos mais tarde, quando descobri que ela continuava no limiar do abismo, fiquei paralisada de medo. Eu a vi tirar um pequeno objeto do bolso de seu vestido e jogá-lo, do outro lado do abismo, no sentido da sentinela do tanque.

Gritei, mas era tarde demais. O objeto atingiu a frente do tanque. Imediatamente houve um estampido como tiros de revólver, e dois projéteis metálicos penetraram a parede da toca, a não mais de um metro acima da cabeça dela.

“Obaaaa!”, gritou Katie, enquanto eu a puxava para longe do abismo. Eu estava furiosa e minha filha começou a chorar. O barulho na toca estava ensurdecedor.

Ela parou de chorar de repente alguns segundos mais tarde. “Você ouviu?”, perguntou-me. “O quê?”, disse eu, com o coração ainda batendo violentamente. “Bem para lá”, disse ela. Apontou para a escuridão do corredor vertical, atrás da sentinela. Apontei a lanterna para o vazio, mas não pudemos ver nada.

Ficamos as duas absolutamente imóveis, de mãos dadas. Havia um som que vinha do túnel atrás da sentinela. Mas estava no extremo limite de minha audição, e não pude identificá-lo.

“É uma ave”, disse Katie com convicção. “Estou ouvindo suas asas batendo. Obaaa!”, gritou ela novamente com toda a voz.

O som cessou. Embora esperássemos por quinze minutos antes de sairmos da toca, não ouvimos mais nada. Katie contou a Michael e Simone que nós tínhamos ouvido uma ave. Eu não podia confirmar sua história, mas achei melhor não discutir com ela. Ela estava feliz; seu aniversário fora um dia de grandes acontecimentos.

8 DE MARÇO DE 2208

Patrick Erin O’Toole, um bebê saudável e perfeito sob todos os aspectos, nasceu ontem às 2:15 da tarde. O pai, orgulhoso, está no momento com ele nos braços, sorrindo enquanto meus dedos correm pelas teclas de meu caderno de notas eletrônico.

É tarde da noite. Simone botou Benjy para dormir, como faz toda noite, depois foi deitar-se, muito cansada. Ela cuidou de Benjy sem auxílio de ninguém durante meu trabalho de parto surpreendentemente longo. Cada vez que eu gritava, Benjy reagia gritando também, e Simone é quem o aquietava.

Katie já tomou Patrick para ela, como o seu irmãozinho. Ela é muito lógica, e se Benjy pertence a Simone, então Patrick tem de ser dela. Ao menos está mostrando interesse em outro membro da família.

Patrick não foi planejado, mas tanto Michael quanto eu estamos encantados que ele tenha aparecido para juntar-se à nossa família. Sua concepção teve lugar em algum momento da última primavera, provavelmente durante o primeiro mês no qual Michael e eu começamos a compartilhar o seu quarto de noite. A idéia de dormirmos juntos foi minha, embora acredite que Michael também já pensara nisso.

Na noite em que se completaram dois anos desde que Richard partiu, eu simplesmente não conseguia dormir. Sentia-me só, como de hábito. Tentei imaginar dormir sozinha por todo o resto de minhas noites e fiquei muito deprimida. Logo depois da meia-noite atravessei o corredor e fui para o quarto de Michael.

Michael e eu temos estado relaxados e à vontade um com o outro desde o começo, desta vez. Creio que estávamos ambos prontos para isso. Depois do nascimento de Benjy, Michael ficou muito ocupado

ajudando-me com todas as crianças. Durante esse período, ele atenuou um pouco suas atividades religiosas, deixando-se ficar mais acessível a todos nós, inclusive eu mesma.

Eventualmente, nossa compatibilidade natural se reafirmou. A única coisa que faltava era nós dois reconhecermos que Richard não voltaria nunca mais.

Confortável. Essa é a melhor maneira de descrever meu relacionamento com Michael. Com Henry, foi o êxtase. Com Richard, fora paixão e excitação, uma montanha-russa tanto na vida quanto na cama. Michael me reconforta.

Dormimos de mãos dadas, o símbolo perfeito de nosso relacionamento. Fazemos amor raramente, mas o bastante.

Tenho feito algumas concessões. Chego até a rezar, de vez em quando, porque isso deixa Michael feliz. Por seu lado, ele se tem mostrado mais tolerante quanto a expor as crianças a idéias e sistemas de valores fora de seu catolicismo.

Concordamos em que o que buscamos é harmonia e coerência em nossa mútua atividade parental.

Agora somos seis, uma única família de seres humanos mais próximos de várias outras estrelas do que do planeta e estrela de nosso nascimento. Ainda não sabemos se este cilindro gigantesco a voar pelo espaço está realmente indo para algum lugar. Às vezes, parece não importar, pois criamos nosso próprio mundo aqui em Rama e, embora este seja limitado, creio que somos felizes.

# 11

30 DE JANEIRO DE 2209

Eu esquecera o que era ter adrenalina correndo por meu sistema. Nas últimas trinta horas, nossa vida calma e plácida em Rama foi completamente destruída.

Tudo começou com dois sonhos. Ontem de manhã, logo antes de acordar, tive um sonho extraordinariamente vivido com Richard. Ele não aparecia pessoalmente no sonho, quer dizer, ele não aparecia junto com Michael, Simone, Katie e eu. Mas o rosto de Richard aparecia em recorte no canto esquerdo superior de meu sonho enquanto nós quatro executávamos alguma atividade rotineira e diária. Ele me chamava sem parar, e seu chamado era tão forte que eu ainda o ouvia quando acordei.

Eu acabava de começar a contar meu sonho a Michael quando Katie apareceu na porta, de pijama. Estava trêmula e assustada. "O que foi, querida?", perguntei, abrindo os braços para acolhê-la.

Ela veio e me abraçou com força. "É o papai, ele ficou me chamando ontem de noite, no meu sonho."

Um arrepio percorreu-me a espinha e Michael sentou-se em sua esteira.

Eu disse o que pude para consolar Katie, mas fiquei transtornada com a coincidência. Teria ela ouvido minha conversa com Michael? Impossível; nós a vimos no momento em que entrou em nosso quarto.

Depois de Katie voltar para seu quarto a fim de trocar de roupa, eu disse a Michael que não podia de forma alguma ignorar os dois sonhos. Ele e eu já discutimos várias vezes meus poderes psíquicos ocasionais. Embora de modo geral ele não dê muita importância a toda a idéia de percepção extra-sensorial, Michael sempre admitiu que seja impossível afirmar categoricamente que meus sonhos e visões não prevejam o futuro.

"Tenho de ir à superfície procurar Richard", disse-lhe depois do café.

Michael esperava que eu fizesse esse tipo de tentativa e se mostrava disposto a cuidar das crianças. Mas estava escuro em Rama. Ambos concordamos que seria melhor se eu esperasse até o anoitecer, quando novamente estaria claro na espaçonave acima de nossa toca.

Dormi bastante de dia para ter bastante energia e fazer uma busca completa. Mas o sono foi descontínuo, e eu ficava sonhando que estava em perigo.

Antes de sair, verifiquei que houvesse um desenho gráfico de Richard razoável em meu computador portátil. Queria poder mostrar o objeto de minha busca a quaisquer aves que encontrasse.

Depois de dar um beijo de boa noite nas crianças, eu me dirigi diretamente à toca das aves. Não fiquei muito surpreendida ao ver que a sentinelatanque tinha sumido. Há anos, quando pela primeira vez fui convidada a entrar lá por uma das aves residentes, a sentinela-tanque também estivera ausente.

Será que eu estava de algum modo sendo convidada a entrar de novo? E que ligação teria aquilo com meu sonho? Meu coração estava batendo como louco quando eu passei o cômodo com a cisterna de água e avancei mais profundamente para o túnel que a sentinela ausente normalmente guardava.

Não ouvi qualquer som. Caminhei quase um quilômetro antes de encontrar o portal à minha direita. Espiei com cuidado para o outro lado da esquina. O cômodo estava escuro, como tudo na toca das aves, a não ser o corredor vertical. Acendi minha lanterna. A sala não era muito funda, talvez uns quinze metros no máximo, mas era muito alta. De encontro à parede do lado oposto à porta havia filas e filas de cestas ovais. O facho de luz de minha lanterna mostrou-me que as filas iam até o teto altíssimo, que devia ficar logo embaixo de uma das praças de Nova York.

Não levei muito tempo para descobrir a função da sala; todas as cestas eram do tamanho certo para um melão-maná. É claro, pensei eu, devia ser ali que era guardada a comida. Não é de surpreender que não quisessem que ninguém entrasse.

Depois de verificar que todas as cestas estavam efetivamente vazias, comecei a voltar na direção do túnel vertical. Depois, por um palpite, inverti meu rumo, passei além da sala que seria de depósito, e continuei pelo túnel. Ele tem de dar em algum lugar, pensei eu, pois de outro modo acabaria na sala dos melões.

Depois de mais meio quilômetro, o túnel foi se alargando gradativamente até desaguar em um grande salão circular. No centro, que tinha teto alto, ficava uma estrutura larga, abobadada. Nas paredes circundantes havia cerca de vinte alcovas, cavadas a espaços regulares. Não havia qualquer luz senão a de minha lanterna, de modo que levei vários minutos até integrar todo o salão, com sua edificação abobadada no centro, em uma imagem completa.

Caminhei toda a volta do perímetro, examinando uma alcova após a outra.

A maioria estava vazia. Em uma encontrei três sentinelas-tanques idênticas, cuidadosamente enfileiradas junto à parede do fundo. Meu primeiro impulso foi o de desconfiar das sentinelas, mas não foi necessário, pois estavam todas adormecidas.

Mas a alcova mais interessante, no entanto, era a que ficava no centro do salão, a exatamente 180° do túnel de entrada. Essa alcova especial era cuidadosamente organizada e tinha prateleiras grossas

talhadas em suas paredes.

Havia ao todo quinze prateleiras, cinco em cada uma das paredes laterais e mais cinco na que ficava oposta à porta da alcova. As estantes nas laterais tinham objetos arrumados nelas (tudo estava em perfeita ordem), mas as da parede do fundo tinham cada uma cinco buracos redondos cavados ao longo de sua extensão.

O conteúdo desses buracos — cada um deles subdividido em segmentos, como em uma torta — era fascinante. Uma das fatias em cada um dos buracos continha um material muito fino, parecendo cinza. Uma segunda continha um, dois ou três anéis, ou cor de cereja ou dourados, que reconheci imediatamente em função de sua semelhança com os anéis que víramos no pescoço de nossa ave amiga de veludo cinzento. Não parecia haver nenhum plano reconhecível no resto dos artigos encontrados nos buracos — alguns, de fato, estavam vazios, a não ser pela cinza e pelos anéis.

Afinal, voltei-me para aproximar-me da estrutura abobadada. Sua porta ficava voltada para a alcova especial. Examinei a porta com minha lanterna. Um desenho complicado fora talhado em sua superfície retangular. Havia quatro painéis, ou quadrantes, separados no desenho. Uma ave aparecia no quadrante do alto à esquerda, com um melão-maná no painel adjacente à direita. Os dois quadrantes inferiores continham figuras desconhecidas. No lado esquerdo havia a talha de uma figura engonçada e listrada, correndo sobre seis pernas. No painel final, embaixo, à direita, aparecia uma grande caixa cheia de uma rede ou um trançado muito fino.

Após alguma hesitação, empurrei a porta, e quase morri de susto quando um alarme altíssimo, como uma buzina, rasgou o silêncio. Fiquei parada junto à porta, sem me mexer, enquanto o alarme continuou tocando por quase um minuto. Quando acabou, continuei sem me mexer. Fiquei tentando ouvir se alguém (ou alguma coisa) atendia ao alarme.

Nenhum som perturbou o silêncio. Após alguns minutos, comecei a examinar o interior da edificação. Um cubo transparente, com mais ou menos dois metros e meio em cada lado, ocupava o centro da sala única. As paredes do cubo estavam manchadas em alguns pontos, obscurecendo em parte minha visão, mas pude ver que, na base, dez centímetros estavam cobertos por um material fino e escuro. O resto do edifício em torno do cubo era decorado com desenhos geométricos, nas paredes, no chão e no teto. Uma das faces do cubo tinha uma entrada estreita que permitia o acesso ao interior.

Entrei. O material preto e fofo parecia cinza, mas era de consistência ligeiramente diferente do material parecido que eu vira nos buracos nas alcovas.

Meus olhos seguiam o facho de luz da lanterna quando este se

movia ao longo de um desenho sistemático em torno do cubo. Perto do centro havia um objeto parcialmente enterrado na cinza. Caminhei até lá e apanhei o objeto, sacudiu-o, e quase desmaiei. Era OB, o robô de Richard.

OB estava bastante mudado. O exterior estava todo preto, seu pequenino painel de controle derretera e caíra, e ele não funcionava mais. Mas era ele, sem dúvida. Levantei o robozinho até meus lábios e o beijei. Com o olhar da mente podia vê-lo a jorrar os sonetos de Shakespeare enquanto Richard ouvia embevecido.

Era óbvio que OB estivera em um incêndio. Teria Richard também sido apanhado em um inferno dentro do cubo? Peneirei cuidadosamente as cinzas, mas não achei nem traço de ossos. Fiquei imaginando, no entanto, o que teria queimado e criado aquela cinza? E o que estaria OB fazendo dentro do cubo, para início de conversa?

Fiquei convencida de que Richard estava em algum lugar no interior da toca das aves, de modo que passei mais oito longas horas lutando para subir e descer de patamar em patamar e explorando túneis. Visitei todos os lugares onde havia estado antes, durante minha breve estada de há tanto tempo, e até descobri alguns cômodos novos, interessantes mas sem possibilidade de identificação funcional. Mas não havia sinal de Richard. Na verdade, não havia sinal de qualquer espécie de vida. Lembrando-me de que o breve dia ramaiano estava quase acabando e que as quatro crianças em breve estariam acordando em nossa própria toca, finalmente voltei, cansada e desapontada, para meu lar ramaiano.

Tanto a tampa quanto a grade de nossa toca estavam abertas quando cheguei. Embora tivesse bastante certeza de as ter fechado antes de partir, não conseguia lembrar-me de minhas ações exatas na hora da saída. Acabei por dizer a mim mesma que talvez eu estivesse excitada demais naquele momento e tivesse esquecido de fechar tudo. Tinha acabado de começar a descer quando ouvi Michael chamando "Nicole" atrás de mim.

Virei-me. Michael estava se aproximando, vindo do caminho do leste.

Estava andando depressa, o que não é comum nele, e carregava o pequeno Patrick em seus braços. "Aí está você", disse ele arfando, quando caminhei até ele, "estava começando a me preocupar…"

Ele parou de repente, olhou para mim um momento, depois espiou em volta. "Mas onde está Katie?", disse ele preocupado.

"O que está dizendo, onde está Katie?" retruquei, com a expressão no rosto de Michael me alarmando.

"Ela não está com você?", perguntou ele.

Quando abanei a cabeça e disse que não a tinha visto, Michael repentinamente caiu em prantos. Eu avancei correndo e consolei o

pequeno Patrick, que se assustara com os soluços de Michael e começara a chorar também.

"Ah, Nicole, eu sinto tanto, tanto. Patrick esteve muito inquieto à noite e eu o levei para o meu quarto. Hoje Benjy teve dor de barriga e Simone e eu tivemos de cuidar dele por umas duas horas. Caímos todos no sono enquanto Katie estava sozinha no quarto das crianças. Há cerca de duas horas, quando acordamos, ela tinha desaparecido."

Eu jamais vira Michael tão desesperado. Tentei consolá-lo, dizendo que provavelmente Katie estava brincando pela vizinhança (e quando a acharmos, pensei eu, passarei um pito que ela nunca mais há de esquecer), mas Michael argumentou comigo.

"Não, não; ela não está em nenhum lugar por aqui. Patrick e eu já procuramos por mais de uma hora."

Michael, Patrick e eu descemos para ver se estava tudo bem com Simone e Benjy. Simone informou-nos de que Katie ficara desapontadíssima ao saber que eu fora procurar Richard sozinha. "Ela esperava", acrescentou Simone serenamente, "que você a levasse junto." "Por que não me disse isso ontem à noite?", perguntei eu à minha filha de oito anos.

"Não me pareceu importante. E jamais imaginei que Katie fosse tentar encontrar papai por si mesma."

Tanto Michael quanto eu estávamos exaustos, mas um de nós dois tinha de ir procurar Katie. Eu era a escolha certa. Lavei o rosto, pedi aos ramaianos desjejum para todos, e contei uma versão abreviada de minha descida à toca das aves. Simone e Michael examinaram lentamente com as mãos o enegrecido OB, e percebi que ambos estavam imaginando o que teria acontecido a Richard.

"Katie disse que papai tinha ido procurar as octoaranhas", comentou Simone pouco antes de eu sair. "Ela disse que o mundo delas era mais excitante."

Foi apavorada que me arrastei caminhando até a praça perto da toca das octoaranhas. Enquanto andava, as luzes se apagaram e era noite novamente em Rama. "Bonito", resmunguei, "nada melhor do que procurar uma criança desaparecida no escuro".

Tanto a tampa quanto as grades protetoras das octoaranhas estavam abertas. Eu jamais vira aquelas grades abertas antes. Meu coração deu um salto.

Senti instintivamente que Katie descera para a toca e que, apesar do medo que sentia, estava a ponto de segui-la. Primeiro ajoelhei-me e gritei "Katie!" duas vezes na direção da escuridão lá embaixo. Ouvi seu nome ecoando pelos túneis.

Esforcei-me tentando ouvir qualquer resposta, mas não havia nenhum tipo de som. Pelo menos, disse para mim mesma, não ouvi o arrastar de escovas ou o guincho de alta freqüência.

Desci a rampa até a vasta caverna com os quatro túneis que certa vez Richard e eu chamamos de “Mindinho, Seu Vizinho, Pai de Todos e Fura-Bolos”.

Foi difícil, mas forcei-me a entrar no túnel que Richard e eu havíamos seguido antes. Após alguns passos, no entanto, parei, voltei e depois entrei pelo túnel adjacente. Este segundo corredor também levava ao corredor redondo descendente com espetos protuberantes, mas passava, no caminho, pelo salão que Richard e eu havíamos chamado de museu das octoaranhas. Lembrei-me com clareza do terror que sentira nove anos antes ao encontrar o dr. Takagishi, embalsamado como um troféu de caça, pendurado no museu.

Havia uma razão para eu querer visitar o museu das octoaranhas não necessariamente relacionada à procura de Katie. Se Richard tivesse sido morto pelas octoaranhas (como Takagishi parece que foi — embora eu ainda não esteja convencida de que ele não tenha morrido de um ataque cardíaco), ou se elas houvessem encontrado seu corpo em algum outro ponto de Rama, então talvez ele também estivesse naquela sala. Dizer que eu não estava nada ansiosa por encontrar a versão de meu marido por algum taxidermista alienígena é dizer muito pouco; entretanto, acima de tudo, eu queria saber o que acontecera a Richard. Ainda mais agora, depois de meu sonho.

Respirei fundo quando cheguei à entrada do museu, e virei lentamente para a esquerda quando passei pela porta. As luzes se acenderam tão logo cruzei o portal, mas por sorte o dr. Takagishi não estava ali, olhando diretamente para o meu rosto. Ele tinha sido levado para o outro lado da sala. Na verdade, todo o museu fora rearrumado durante todos esses anos. Todas as réplicas de biomas, que ocupavam a maior parte do espaço da sala quando Richard e eu fizemos nossa breve visita, haviam sido retiradas. Os novos “objetos expostos”, se assim os devemos chamar, eram as aves e os seres humanos.

A exposição de aves ficava mais perto da porta. Três exemplares pendiam do teto, com as asas abertas. Uma das aves era a de veludo cinzento com dois anéis cor de cereja que Richard e eu víramos logo antes de ela morrer. Havia outros objetos fascinantes e até mesmo fotografias na exposição de aves, mas meus olhos eram atraídos para o outro lado da sala, para a exposição que cercava o dr. Takagishi.

Suspirei aliviada ao verificar que Richard não estava na sala. Nosso escaler estava lá, no entanto, o que Richard, Michael e eu usamos para cruzar o Mar Cilíndrico. Estava no chão bem ao lado do dr. Takagishi. Havia também uma variedade de itens colhidos dos restos de nossos piqueniques e outras atividades em Nova York. Mas o núcleo da exposição era um conjunto de quadros emoldurados nas paredes do fundo e dos lados.

Aqui do outro lado da sala não dava para perceber muito bem o que aparecia nos quadros. Fiquei sem fôlego, no entanto, quando me aproximei deles.

As imagens eram fotografias, em molduras retangulares, muitas das quais mostravam a vida dentro de nossa toca. Havia fotos de todos nós, inclusive das crianças. Mostravam-nos comendo, dormindo, até mesmo indo ao banheiro. Fui ficando arrasada enquanto examinava a coleção. Nós estávamos sendo observados, comentei comigo mesma, até mesmo dentro de nosso lar. Senti um arrepio terrível.

Na parede lateral estava uma coleção especial de fotos que me desarvorou e deixou envergonhada. Na Terra, elas seriam candidatas a um museu erótico. As imagens mostravam a mim fazendo amor com Richard em várias posições. Havia uma foto minha com Michael, também, mas não era muito clara porque estivera escuro em nosso quarto naquela noite.

A fila de fotografias abaixo das cenas de sexo era toda de fotos do nascimento das crianças. Todos os partos eram mostrados ali, até mesmo o de Patrick, o que demonstrava que a observação ainda continuava. A justaposição de sexo e parto deixava claro que as octoaranhas (ou os ramaianos?) tinham sem dúvida compreendido nosso processo reprodutivo.

Fiquei absolutamente absorvida com as fotografias por talvez uns quinze minutos. Minha concentração afinal foi quebrada quando ouvi um som muito forte de escovas se arrastando contra metal vindo da direção da porta do museu.

Fiquei absolutamente aterrorizada. Permaneci imóvel, congelada em meu lugar, mas olhei em volta desesperadamente. Não havia qualquer outro meio de fuga da sala.

Dentro de segundos, Katie apareceu aos pulos na porta. “Mamãe!”, gritou ao me ver. Ela atravessou o museu correndo, quase derrubou o dr. Takagishi, e pulou nos meus braços.

“Ah, mamãe”, disse ela me abraçando e beijando com ardor, “eu sabia que você vinha.”

Fechei os olhos e abracei minha filha perdida com todas as minhas forças.

As lágrimas rolavam por minhas faces. Eu balançava Katie de um lado para outro, acalmando-a e dizendo: “Está tudo bem, querida; está tudo bem.” Quando enxuguei meus olhos e os abri, uma octoaranha estava na porta do museu. No momento, não se movia, quase como se estivesse observando a reunião de mãe e filha. Fiquei paralisada, varrida por uma onda de emoções que iam da alegria ao mais puro terror.

Katie sentiu meu medo. “Não se preocupe, mamãe”, disse ela, olhando para a octoaranha por cima do ombro. “Ela não vai machucar

você. Só quer olhar. Já chegou perto de mim um porção de vezes."

Meu nível de adrenalina ainda estava batendo todos os recordes possíveis.

A octoaranha continuava de pé (ou sentada, ou seja lá o que fazem as octos quando não se movem) na porta. Sua vasta cabeça preta era quase esférica e pousava sobre um corpo que se abria, perto do chão, em oito tentáculos listrados de preto e dourado. No centro de sua cabeça havia duas reentrâncias simétricas em torno de um eixo invisível, que corriam do alto para baixo. Precisamente no meio dessas duas reentrâncias, mais ou menos a um metro do chão, havia uma espantosa estrutura quadrada de lente, com dez centímetros de lado, que era uma combinação gelatinosa de linhas de uma grade com um material preto e branco em fluxo. Enquanto a octoaranha nos olhava fixamente, a lente pululava de atividade.

Havia outros órgãos embutidos no corpo, entre as duas reentrâncias, tanto acima quanto abaixo da lente, porém não tive tempo para estudá-los. A octoaranha veio em nossa direção na sala, e, a despeito das garantias de Katie, meu temor retornou com toda força. O som de escova era feito por uma espécie de cílios agregados à parte inferior dos tentáculos quando se moviam pelo chão. O guincho de alta freqüência emanava de um pequeno orifício na parte inferior direita da cabeça. Por vários segundos o medo paralisou meus processos mentais.

A medida que a criatura se aproximava, minha reação natural de fuga assumiu o controle. Infelizmente, nas circunstâncias ela não adiantou nada, pois não havia para onde correr.

A octoaranha não parou enquanto não chegou a uma distância de uns meros cinco metros. Eu encostara Katie contra a parede e fiquei de pé entre ela e a octoaranha. Levantei uma das mãos e novamente houve imensa atividade na misteriosa lente. Repentinamente, tive uma idéia. Enfiei a mão dentro de meu traje de vôo e tirei meu computador. Com dedos trêmulos (a octoaranha levantara dois tentáculos para ficarem na frente da lente — em retrospecto me pergunto se ela pensou que eu ia tirar uma arma) chamei a imagem de Richard no monitor, que então mostrei à octoaranha.

Como não fiz nenhum outro movimento, a criatura retornou devagar ao chão seus dois tentáculos. Ela fixou o monitor durante quase um minuto e depois, para grande espanto meu, uma onda de cor roxo vivo correu em toda a volta de sua cabeça, a partir do limiar da reentrância. Esse roxo foi seguido alguns segundos mais tarde por um desenho como um arco-íris em vermelho, azul e verde, cada faixa de uma largura diferente, que também saiu da mesma reentrância e, depois de dar a volta à cabeça, desapareceu na reentrância paralela depois de quase 360°.

Tanto Katie quanto eu ficamos olhando aparvalhadas. A octoaranha levantou um de seus tentáculos, apontou para o monitor e repetiu a onda roxa larga. Alguns momentos depois, como antes, sobreveio o desenho de arco-íris. “Ela está falando conosco, mamãe”, disse Katie baixinho. “Acho que você tem razão; mas não tenho idéia do que ela possa estar dizendo.”

Depois de esperar o que me pareceu uma eternidade, a octoaranha começou a se mover de costas para a porta, com seu tentáculo esticado chamandonos para que a seguíssemos. Não apareceram mais faixas de cor. Katie e eu nos demos as mãos e a seguimos, cautelosamente. Ela começou a olhar em volta e notou as fotos nas paredes pela primeira vez. “Olhe só, mamãe, eles têm retratos da nossa família.”

Fiz sinal para que se calasse e pedi-lhe que por favor prestasse atenção à octoaranha. Esta recuara até o túnel e se dirigia agora para o corredor vertical com os espinhos e as passagens subterrâneas. Era a oportunidade que eu procurava. Peguei Katie no colo, mandei que se agarrasse a mim com força e corri pelo túnel afora na máxima velocidade. Meus pés mal tocaram o chão até eu chegar ao alto da rampa e me ver de volta a Nova York.

Michael ficou deslumbrado ao ver Katie em segurança e de volta, embora muito preocupada (como eu continuo) com a existência de câmeras ocultas nas paredes e tetos de nossa moradia. Jamais repreendi Katie adequadamente por ter saído sozinha — estava aliviada demais por a ter encontrado. Katie disse a Simone que tinha tido uma “aventura fabulosa” e que a octoaranha era “boazinha”. Assim é o mundo das crianças.

4 DE FEVEREIRO DE 2209

Oh alegria das alegrias! Encontramos Richard! Ele ainda está vivo! Mal e mal, pois está em coma profundo e tem uma febre altíssima, mas mesmo assim está vivo.

Katie e Simone encontraram-no hoje pela manhã, deitado no chão a menos de cinqüenta metros da entrada de nossa toca. Nós três tínhamos combinado jogar um pouco de futebol na praça e estávamos prontas para sair quando Michael me chamou de volta para alguma coisa. Disse às meninas que me aguardassem na área em torno da abertura da toca. Quando as duas começaram a gritar daí a alguns minutos, pensei que algo horrível acontecera.

Corri escada acima e imediatamente vi o corpo comatoso de Richard a distância.

A princípio temi que Richard estivesse morto. Meu lado médico entrou em funcionamento imediatamente, verificando os sinais vitais. As meninas ficaram em cima de mim enquanto eu o examinava.

Particularmente Katie, que ficava dizendo sem parar: “Papai está vivo? Ah, mamãe, faz Papai ficar bom.”

Uma vez tendo confirmado que ele estava em coma, Michael e Simone ajudaram-me a carregar Richard para baixo. Injetei uma série de sondas biométricas no sistema dele e venho monitorando as observações desde então.

Tirei-lhe as roupas e examinei-o da cabeça aos pés. Está com alguns arranhões e machucados que eu jamais vira antes, o que é natural depois de todo esse tempo. Sua contagem de células no sangue está estranhamente próxima do normal — eu esperaria anomalias das células brancas com sua febre de quase 40°.

Tivemos outra grande surpresa quando examinamos em detalhe as roupas de Richard. Em sua jaqueta encontramos os robôs shakespearianos, o Príncipe Hal e Falstaff, que haviam desaparecido há nove anos no estranho mundo abaixo do corredor de espinhos do que nós julgávamos ser a toca das octoaranhas. De algum modo, Richard deve tê-las convencido a devolver seus brinquedos.

Há sete horas que estou sentada ao lado de Richard. Durante a maior parte do tempo, esta manhã, outros membros da família também estiveram aqui, mas faz uma hora que Richard e eu estamos sozinhos. Meus olhos banquetearam-se com seu rosto por vários minutos, minhas mãos já passearam por seu pescoço, seus ombros, suas costas. Jamais esperei tornar a vê-lo e tocálo. Richard, bem-vindo ao lar! Bem-vindo de volta para sua mulher e sua família.

# 12

13 DE ABRIL DE 2209

Tivemos um dia incrível. Logo depois do almoço, quando estava sentada ao lado de Richard, fazendo uma verificação de rotina em sua biometria, Katie perguntou-me se poderia brincar com o Príncipe Hal e Falstaff. “É claro”, respondi, sem pensar. Estava certa de que os robozinhos não estavam funcionando e, para falar a verdade, queria que ela saísse do quarto para eu tentar uma nova técnica para fazer Richard sair do coma.

Nunca vi coma nem de longe parecido com o de Richard. A maior parte do tempo seus olhos estão abertos, e ocasionalmente ele até parece estar seguindo algum objeto em seu campo de visão. Porém, não há outros sinais de vida ou de consciência. Nenhum músculo se move. Tenho usado uma grande variedade de estímulos, alguns mecânicos, a maioria químicos, tentando fazê-lo despertar de seu estado comatoso. Nenhum funcionou. Foi por isso que me senti tão despreparada para o que aconteceu hoje.

Uns dez minutos depois que Katie saiu, ouvi uma mistura muito estranha de sons vindo do quarto das crianças. Deixei Richard e caminhei pelo corredor.

Antes que chegasse ao quarto das crianças, o ruído estranho transformou-se em fala escandida de ritmo muito peculiar. “Olá”, disse uma voz que soava como se estivesse no fundo de um poço. “Somos de paz. Está aqui o seu homem.”

A voz estava vindo do Príncipe Hal, que estava de pé no centro do quarto quando eu entrei. As crianças estavam no chão, em volta do robô, meio desconfiadas, a não ser Katie, que estava excitadíssima.

“Eu estava só brincando com os botões”, disse Katie para me explicar, quando eu lhe dei um olhar de indagação, “e de repente ele começou a falar.”

Nenhum movimento acompanhava a fala do Príncipe Hal. Que coisa esquisita, pensei eu, lembrando-me do orgulho de Richard com o fato de seus robôs sempre coordenarem fala e movimento. “Richard não fez isto”, disse-me uma voz interior, mas de início recusei essa idéia. Sentei no chão ao lado das crianças.

“Olá. Somos de paz. Aqui está o seu homem”, repetiu o Príncipe Hal alguns segundos mais tarde. Dessa vez, um sentimento estranhíssimo passou por mim. As meninas ainda estavam rindo, mas pararam logo ao ver a estranha expressão em meu rosto. Benjy engatinhou por cima delas e veio agarrar minha mão.

Estávamos sentados no chão de costas para a porta. Repentinamente, tive a sensação de que havia alguém atrás de mim.

Virei-me e vi Richard de pé na passagem. Sufocada, levantei-me de um pulo exatamente no momento em que ele caiu e perdeu a consciência.

As crianças todas gritaram e começaram a chorar. Tentei acalmá-las ao mesmo tempo em que examinava Richard. Já que Michael estava na superfície, em Nova York, dando sua caminhada da tarde, cuidei de Richard no chão, do lado de fora do quarto das crianças, por mais de uma hora. Durante todo esse tempo observei-o muito cuidadosamente, e ele estava exatamente como quando eu o deixei em seu quarto antes. Não havia o menor sinal de que ele tivesse acordado por trinta ou quarenta segundos nesse meio tempo.

Quando Michael voltou, ajudou-me a carregar Richard para o quarto de dormir. Conversamos por mais de uma hora sobre por que Richard haveria de despertar de modo tão abrupto. Mais tarde, li e reli todos os artigos sobre coma que achei em meus livros médicos. Estou convencida de que o estado de Richard é causado por uma mistura de problemas físicos e psicológicos. Em minha opinião, o som daquela voz estranha induziu um trauma nele que por um tempo determinado dominou os fatores que produzem o estado de coma.

Mas por que razão tivera recaída tão imediata? Essa é questão bem mais difícil. Talvez houvesse esgotado sua pequena reserva de energia ao caminhar pelo corredor. Não há meios de sabermos, realmente. Na verdade, não somos capazes de responder a maioria das perguntas sobre o que aconteceu hoje, inclusive a que Katie fica repetindo — quem é de paz?

1º DE MAIO DE 2209

Que fique registrado que no dia de hoje Richard Colin Wakefield efetivamente conheceu sua família e disse suas primeiras palavras. Durante quase uma semana ele vinha demonstrando progressos nesse sentido, a princípio dando sinais de reconhecimento com o rosto e os olhos, depois movendo os lábios como se quisesse formar palavras. Ele sorriu para mim hoje de manhã e quase disse meu nome, mas sua primeira palavra verdadeira foi “Katie”, dita hoje à tarde depois que sua filha querida deu-lhe um de seus enérgicos abraços.

Há um clima de euforia na família, particularmente entre as meninas.

Elas estão comemorando a volta do pai. Eu já repetira muitas vezes para Si-mone e Katie que a reabilitação de Richard certamente será longa e dolorosa, mas creio que são jovens demais para compreender o que isso significa.

Sou uma mulher muito feliz. Foi-me impossível reter as lágrimas quando Richard sussurrou distintamente “Nicole” em meu ouvido pouco antes do jantar.

Mesmo compreendendo que meu marido não está nem de longe de volta à normalidade, tenho hoje a certeza de que eventualmente ele há de se recuperar, o que enche meu coração de alegria.

18 DE AGOSTO DE 2209

Lenta porém firmemente Richard continua a melhorar. Só dorme doze horas por dia agora, consegue caminhar quase uma milha antes de se mostrar fatigado e de vez em quando mostra-se capaz de se concentrar em algum problema particularmente interessante. Ainda não começou a interagir com os ramaianos por meio do teclado e da tela, mas desmontou o Príncipe Hal, na esperança de descobrir o que causara aquela estranha voz ouvida no quarto das crianças.

Richard é o primeiro a admitir que ainda não é ele mesmo. Quando pode falar a respeito, diz que está "em uma neblina, como um sonho, porém não tão nítida". Já se passaram mais de três meses desde que recobrou a consciência, mas ainda não se lembra de muita coisa a respeito do que aconteceu depois que nos deixou, acreditando que tenha estado em coma pelo último ano, mais ou menos. Seu cálculo é baseado mais em sentimentos vagos do que em qualquer fato em particular.

Richard insiste em afirmar que viveu na toca das aves por alguns meses e que esteve presente em uma cremação espetacular. Não sabe fornecer quaisquer outros detalhes. Duas outras vezes ele proclamou ter explorado o Hemicilindro Sul e encontrado a principal cidade das octoaranhas na Bacia Sul, mas como o que consegue lembrar-se muda de dia para dia, é difícil acreditar em qualquer lembrança específica.

Já substituí duas vezes o conjunto biométrico de Richard e tenho longa documentação sobre todos os seus parâmetros críticos. Seus gráficos são normais, a não ser em duas áreas — atividade mental e temperatura. Suas ondas cerebrais diárias desafiam qualquer descrição; não há nada nas enciclopédias médicas que me permita interpretar qualquer par desses gráficos, que dirá o conjunto. Às vezes, o nível de atividade em seu cérebro é astronomicamente alto, outras vezes parece parar completamente. As medições etetroquímicas também são peculiares. Seu hipocampo está virtualmente adormecido — o que pode explicar as dificuldades de Richard com a memória.

Sua temperatura também é muito esquisita. Ela ficou estável, há dois meses, em 37,8 °Celsius, oito décimos de um grau acima da média do ser humano. Verifiquei todos os seus gráficos pré-vôo e a temperatura "normal" de Richard na Terra era de 36,9° exatos. Não consigo explicar a persistência dessa elevação de temperatura. É quase como se seu corpo e algum componente patogênico estivessem em um equilíbrio estável, nenhum dos dois sendo capaz de dominar o outro. Mas que patogenia seria essa, que escapa a qualquer tentativa de

identificação?

Todas as crianças ficaram particularmente desapontadas com o comportamento desligado de Richard. Durante sua ausência é provável que o tenhamos mitificado um pouco, porém não há dúvida de que antes ele fora um homem muito mais cheio de energia… Esse novo Richard não passa de uma sombra de sua personalidade anterior. Katie jura que se lembra de lutar e brincar com muito vigor com seu papai quando tinha apenas dois anos (sua memória foi sem dúvida reforçada pelas histórias que Michael, Simone e eu lhe contávamos enquanto ele esteve ausente), e muitas vezes fica zangada por ele passar tão pouco tempo com ela agora. Tento explicar que "papai ainda está doente", mas não creio que ela se conforme com minhas explicações. Michael trouxe tudo o que é meu de volta para este quarto nas 24 horas que se seguiram ao retorno de Richard. Que homem doce! Passou por uma nova e violenta crise religiosa por várias semanas (acho que em sua mente andou precisando de perdão por pecados bastante graves), mas já diminuiu um pouco desde então, por causa da carga de trabalho que estava recaindo sobre mim. Ele tem um jeito fantástico com as crianças.

Simone funciona como mãe de apoio. Benjy a adora e ela tem paciência infinita com ele. Já que por várias vezes ela comentou que Benjy "é um pouquinho lento", Michael e eu falamos com ela sobre a síndrome de Whittingham do menino. Ainda não contamos a Katie, que no momento está passando por um período difícil. Nem mesmo Patrick, que a segue por todo canto como um cachorrinho, consegue alegrá-la.

Todos nós sabemos, até as crianças, que estamos sendo observados. Fizemos uma busca cuidadosa pelas paredes e os tetos do quarto das crianças, como se fosse um jogo, e encontramos várias irregularidades mínimas no acabamento da superfície, que concluímos serem as câmeras. Conseguimos raspá-las com nossas ferramentas, mas não podíamos afirmar positivamente que houvéssemos na verdade achado os instrumentos com que somos monitorados.

Estes talvez sejam tão pequenos que não os podemos ver nem mesmo com microscópio. E Richard lembrava-se pelo menos de sua afirmação favorita, de que a tecnologia alienígena não pudesse ser diferente da mágica.

Katie foi quem mais se perturbou com as câmeras xeretas das octoaranhas. Falava aberta e ressentidamente da invasão do que ela chamava de sua "vida privada". Ela provavelmente tem mais segredos do que qualquer outro de nós. Quando Simone disse à irmã mais moça que na verdade não tinha a menor importância, porque "afinal, Deus também nos observa o tempo todo", tivemos nossa primeira discussão entre irmãs por motivos religiosos. Katie respondeu com um "merda",

palavra um tanto desagradável para ser usada por uma menina de seis anos. A expressão que usou lembrou-me de passar a ter mais cuidado com minha própria linguagem.

Um dia, no mês passado, levei Richard até a toca das aves, a fim de ver se refrescaria sua memória. Ele ficou muito assustado tão logo entramos no túnel que sai do corredor vertical. "Escuro", ouvi-o resmungar, "eu não posso ver no escuro, mas eles podem." Recusou-se a continuar caminhando depois que passamos pela cisterna de água, de modo que eu o trouxe de volta para nossa toca.

Richard sabe que Benjy e Patrick são filhos de Michael, e provavelmente suspeita que Michael e eu vivêssemos como marido e mulher por parte do tempo em que ele esteve ausente, mas jamais comenta o assunto. Tanto Michael quanto eu estamos preparados para pedir perdão a Richard e para ressaltar que não fôramos amantes (a não ser pela concepção de Benjy) antes de ele estar desaparecido por dois anos. No momento, no entanto, Richard não parece ter muito interesse no assunto.

Richard e eu temos compartilhado de nossa esteira conjugal desde o dia em que ele despertou do coma. Temos nos tocado bastante e sido muito amistosos, mas até há duas semanas não tinha havido sexo. De fato eu começava a pensar que sexo seria mais uma das coisas apagadas de sua memória, a tal ponto ele ficara sem reação mesmo a beijos provocantes. Chegou uma noite, no entanto, em que o velho Richard de repente estava na cama comigo. É o tipo de coisa que tem acontecido em outras áreas também — de repente seu antigo espírito, sua energia e inteligência aparecem por um breve período de tempo em sua plenitude. De qualquer modo, o velho Richard foi ardente, divertido e imaginativo. Para mim foi o paraíso, pois lembrei-me de níveis de prazer que enterrara já fazia muito tempo.

Seu interesse sexual continuou por três noites consecutivas, depois foi embora de modo tão abrupto quanto sua aparição. A princípio, fiquei desapontada (isso não é bem a natureza humana? A maior parte do tempo queremos que tudo seja melhor; e quando é o melhor possível, queremos que dure para sempre), mas agora aceitei que essa faceta de sua personalidade também tem de passar por um processo de cura.

Na noite passada, Richard computou nossa trajetória pela primeira vez depois que voltou. Michael e eu ficamos encantados. "Continuamos no mesmo curso", anunciou ele com orgulho. "Estamos agora a menos de três anos-luz de Sirius."

6 DE JANEIRO DE 2210

Quarenta e seis anos. Meu cabelo agora está quase todo grisalho na frente e nos lados. Lá na Terra eu estaria debatendo a possibilidade

de começar a pintálo. Aqui em Rama não tem importância.

Estou velha demais para engravidar. É o que deveria dizer à menininha que está crescendo dentro de meu útero. Fiquei espantada quando percebi que estava na verdade grávida de novo. O início da menopausa já se anunciava com suas estranhas ondas de calor e momentos de tontura, com menstruação totalmente imprevisível. Mas o esperma de Richard fabricou mais um bebê, mais uma adição a esta família sem lar perdida à deriva no espaço.

Se jamais tornarmos a encontrar um ser humano (e se Eleonor Joana Wakefield for um bebê saudável, o que parece muito provável a esta altura), então haverá um total de seis combinações possíveis de pais para nossos netos. É quase certo que nem todas essas permutações terão lugar, mas é fascinante imaginá-las. Eu costumava pensar que Simone se acasalaria com Benjy e Katie com Patrick; mas onde irá se encaixar Ellie?

Este é meu décimo aniversário a bordo de Rama. Parece totalmente impossível que eu tenha passado apenas vinte por cento de minha vida neste cilindro gigante. Terei tido uma vez outra vida, lá no planeta oceânico a milhares de bilhões de quilômetros de distância? Terei conhecido humanos adultos além de Richard Wakefield e Michael O'Toole? Será que meu pai foi realmente Pierre des Jardins, o famoso escritor de ficção histórica? Tive um caso secreto e onírico com Henrique, príncipe de Gales, que produziu minha maravilhosa primeira filha Geneviève?

Nada disso parece possível. Pelo menos hoje, quando completo 46 anos. É engraçado, Richard e Michael me indagaram, cada um por sua vez, a respeito do pai de Geneviève. Eu continuo a não contar a ninguém. Não é ridículo? Que diferença poderia fazer a verdade em Rama? Nenhuma. Mas o segredo é meu (só compartilhado com meu pai) desde o momento em que Geneviève foi concebida. Ela é minha filha. Eu a trouxe ao mundo e a criei. Seu pai biológico, eu sempre disse a mim mesma, não tinha importância.

É claro que isso é uma bobajada. Ah! Essa palavra de novo. Quem a usava muito era o dr. David Brown. Ora vejam! Há anos que eu não pensava em nenhum dos outros cosmonautas da Newton. Me pergunto se Francesca e seus amigos ganharam todos os seus milhões com a missão Newton. Espero que Janos tenha recebido o quinhão dele. O querido dr. Tabori, um homem absolutamente encantador. É. E me pergunto também como o fato de Rama ter conseguido escapar da falange nuclear foi explicado aos cidadãos da Terra. Sem dúvida, Nicole, este é um aniversário típico: uma viagem longa e instrutiva ao longo do caminho da memória.

Francesca era tão bonita. Sempre tive ciúmes do modo pelo qual ela controlava a si mesma e os outros. Será que ela drogou o dr.

Borzov e Wilson? É provável. Não creio por um momento que fosse sua intenção matar Valeriy, mas seu código moral era realmente deturpado. Como o da maioria das pessoas autenticamente ambiciosas.

Divirto-me agora, ao relembrar o passado; como eu fui obcecada em minha maternidade aos vinte anos. Tinha de ter sucesso em tudo. Minha ambição era bem diversa da de Francesca. Queria mostrar ao mundo que podia jogar dentro de todas as regras e mesmo assim ganhar, do mesmo modo que fizera no salto triplo nas Olimpíadas. O que poderia ser mais impossível para uma mãe solteira do que ser selecionada como cosmonauta? Eu por certo era muito cheia de mim naquela época. Para sorte minha, e de Geneviève, meu pai esteve sempre a meu lado.

Cada vez que olhava para Geneviève eu sabia, é claro, que a marca de Henrique estava muito presente. Do alto dos lábios até a base do queixo ela se parece exatamente com ele. E eu não tinha realmente qualquer intenção de negar a genética. Era apenas tão importante para mim conseguir vencer sozinha, o bastante para provar ao menos para mim mesma que eu era soberba como mulher e mãe, mesmo que não servisse para ser rainha.

Eu era preta demais para ser a rainha Nicole da Inglaterra, ou até mesmo Joana d'Arc em uma festa escolar na França. Pergunto-me quantos anos se passarão até que a cor da pele não seja mais questão crucial para os seres humanos da Terra. Quinhentos? Mil? O que foi mesmo que disse o americano William Faulkner — alguma coisa sobre Sambo só ser livre no dia em que todos e cada um de seus vizinhos acordarem um dia e disserem, tanto para si quanto para seus amigos, que Sambo é livre. Eu penso que ele está certo. Já verificamos que preconceito racial não é erradicado por legislação. Ou sequer por educação. A viagem de cada indivíduo pela vida tem de ter uma epifania, um momento de verdadeira conscientização, no qual ele (ou ela) compreende, de uma vez por todas, que Sambo e todo outro indivíduo no mundo que seja de qualquer modo diferente dele (ou dela) precisa ser livre para que possamos sobreviver.

Quando fiquei no fundo daquele buraco há dez anos, certa de que ia morrer, perguntei-me que momentos específicos de minha vida eu viveria de novo se tivesse oportunidade. Aquelas horas com Henrique saltaram-me na mente, apesar do fato de ele depois ter partido o meu coração. Ainda hoje eu alçaria vôo novamente com o meu príncipe. Ter experimentado a felicidade total, mesmo que apenas por alguns minutos ou horas, é ter vivido. Não importa, em face da morte, que o companheiro de seu grande momento tenha depois traído ou desapontado. O que é importante é aquela sensação de alegria momentânea tão grande que você imagina de haver transcendido a

Terra.

Embaraçou-se um pouco, naquele buraco, que as lembranças de Henrique estivessem no mesmo nível que as de meu pai, minha mãe, minha filha. Mas compreendi desde então que não sou assim tão única ao prezar minhas lembranças daquelas horas com ele. Cada pessoa tem momentos ou acontecimentos especiais que são unicamente seus e zelosamente guardados no coração.

Minha única grande amiga na universidade, Gabrielle Moreau, passou uma noite com Geneviève e comigo em Beauvois no ano anterior à expedição Newton. Fazia sete anos que não nos víamos e passamos a maior parte da noite conversando, principalmente a respeito dos maiores acontecimentos emocionais de nossas vidas. Gabrielle era muito feliz. Tinha um marido bonitão, sensível e bem-sucedido, três filhos bonitos e saudáveis, e um belo casarão antigo perto de Chinon. Mas o momento "mais maravilhoso" de Gabrielle, confiou-me ela com um sorriso de menina, ocorrera antes que conhecesse seu marido. Ela tinha tido uma grande paixonite por um famoso astro cinematográfico que certo dia, por acaso, estava em uma locação em Tours. Gabrielle de algum modo conseguiu encontrarse com ele em seu quarto de hotel e conversar sozinha com ele durante quase uma hora. Ela o beijou uma única vez nos lábios e foi embora. E essa era sua lembrança mais preciosa.

Ah, meu príncipe, completaram-se ontem dez anos desde que o vi pela última vez. Você está feliz? É um bom rei? Alguma vez pensa na campeã olímpica preta que se deu a você, seu primeiro amor, com total abandono?

Você me fez uma pergunta indireta, naquele dia na cancha de esqui, sobre o pai de minha filha. Neguei-lhe a resposta, sem compreender que minha negação significava que ainda não o havia perdoado inteiramente. Se me perguntasse hoje, meu príncipe, eu lhe teria respondido com alegria. Sim, Henricus Rex, rei da Inglaterra, você é o pai de Geneviève des Jardins. Procure-a, conheça-a, ame os filhos dela. Eu não posso. Estou a mais de 50 mil bilhões de quilômetros de distância.

# 13

30 DE JUNHO DE 2213

Todos estavam excitados demais para poder dormir, a não ser Benjy, que Deus o abençoe, que simplesmente não compreendia o que lhe estávamos contando. Simone já explicou a ele muitas vezes que nós moramos dentro de uma gigantesca espaçonave cilíndrica — até mesmo mostrou a ele na tela negra vários aspectos de Rama tomados pelos sensores externos — mas o conceito continua a escapar a ele.

Quando o apito soou ontem, Richard, Michael e eu ficamos nos olhando por vários segundos. Já fazia tanto tempo desde que o ouvíramos. E então começamos todos a falar ao mesmo tempo. As crianças, inclusive a pequena Ellie, faziam mil perguntas e sentiam que nós estávamos excitados. Nós sete subimos imediatamente para a superfície, Richard e Katie correram para o mar sem esperar o resto da família. Simone caminhou com Benjy, Michael com Patrik. Eu carreguei Ellie porque suas perninhas não conseguiam se mexer com suficiente rapidez.

Katie estourava de entusiasmo ao correr de volta para nos saudar. "Venham, venham", disse ela, agarrando Simone pela mão. "Vocês têm de ver. É espantoso. Às cores são fantásticas."

E eram mesmo. Arco-íris de luz pipocavam de um chifre para outro, enchendo a noite ramaiana com uma exibição impressionante. Benjy ficou olhando para o sul com a boca aberta. Depois de vários segundos, ele sorriu e se virou para Simone. "É lin-do!", disse ele lentamente, muito prosa de usar a palavra.

"É sim, Benjy", respondeu Simone. "Muito lindo."

"Mui-to lin-do", repetiu Benjy, virando-se de novo para as luzes. Nenhum de nós disse muita coisa enquanto a exibição durou. Mas depois que voltamos para a toca conversamos horas a fio. É claro que alguém tinha de explicar tudo para as crianças. Simone era a única já nascida ao tempo da última manobra, e ainda era um bebê. Richard foi o explicador-mor. O apito e a exibição de luzes encheram-no de energia — ele ficou mais próximo do Richard antigo naquela noite do que em qualquer outro momento desde a sua volta — e foi tão divertido quanto informativo ao contar tudo o que sabíamos a respeito de apitos, espetáculos de luzes e manobras ramaianas.

"Você acha que as octoaranhas vão voltar para Nova York?", indagou Katie, cheia de esperanças.

"Não sei", disse Richard. "Mas é positivamente uma possibilidade."

Katie passou os quinze minutos seguintes contando a todo mundo, pela enésima vez, nosso encontro com a octoaranha há quatro anos.

Como sempre, ela enfeitou e exagerou alguns detalhes, principalmente na parte de seu solo na história, antes que ela me encontrasse no museu.

Patrick adora a história e quer que Katie a conte a toda hora. “Lá estava eu”, dizia Katie ontem à noite, “deitada de barriga, com a cabeça espiando por cima da beira de um enorme cilindro redondo que tinha caído naquela escuridão toda. Uns espetos prateados saíam dos lados do cilindro, e eu os via brilhando naquela luz fraquinha. ‘Oi’, gritei, ‘tem alguém aí?’ “Eu ouvi um som como de umas escovas de metal se arrastando, junto com um guincho. As luzes se acenderam abaixo de mim. Na base do cilindro, começando a subir pelos espetos, havia uma coisa preta com a cabeça redonda e oito tentáculos em preto e dourado. Os tentáculos iam se enrolando nos espetos enquanto ela subia depressa na minha direção…”

“Oc-to-a-ra-nha”, disse Benjy.

Quando Katie acabou sua história, Richard disse às crianças que dentro de quatro dias o chão provavelmente ia começar a tremer. Insistiu em que tudo tinha de ficar preso com todo o cuidado ao chão e que todos nós tínhamos de ficar preparados para outro conjunto de sessões no tanque de desaceleração.

Michael notou que íamos precisar de pelo menos mais uma caixa para brinquedos, para as crianças, e de várias caixas resistentes para o que era nosso, também. Acumulamos tanta coisa inútil ao longo dos anos que será uma tarefa e tanto deixar tudo preso nos próximos dias. Quando Richard e eu ficamos sozinhos, deitados em nossa esteira, demonos as mãos e conversamos por mais de uma hora. A certa altura, disse-lhe que esperava que a manobra por começar assinalasse o início do fim de nossa viagem em Rama.

“No peito a esperança sempre salta. Confiando em ter a bênção que hoje falta”, respondeu ele. Sentando-se por um momento, ele me olhou, e no escuro havia brilho em seus olhos. “Alexandre Pope”, disse ele. Depois riu. “Aposto que ele jamais esperou ser citado a 60 mil bilhões de quilômetros da Terra.”

“Você parece melhor, meu bem”, disse eu, afagando-lhe o braço. Ele franziu o cenho. “Neste momento, tudo parece claro. Mas não sei quando a neblina baixará de novo. Pode ser a qualquer instante. E ainda não consigo lembrar-me senão do mais primário desenho geral do que aconteceu nos três anos em que estive ausente.”

Tornou a deitar-se. “O que acha que irá acontecer?”, perguntei.

“Creio que teremos uma manobra. E espero que seja das grandes. Estamos nos aproximando muito rapidamente de Sirius e precisamos diminuir muito a velocidade se nosso alvo for em algum ponto do sistema Sirius.” Ele estendeu o braço e pegou minha mão. “Por você, e principalmente pelas crianças, espero que este não seja um alarme

falso.”

8 DE JULHO DE 2213

A manobra começou há quatro dias, exatamente no horário, logo depois que o terceiro e último espetáculo de luzes acabou. Não vimos e nem ouvimos aves ou octoaranhas, como tem acontecido, aliás, nos últimos quatro anos. Katie ficou muito desapontada. Queria ver as octoaranhas todas voltando para Nova York.

Ontem um par biomas louva-a-deuses entrou em nossa toca e foi direto para o tanque de desaceleração. Traziam um grande pacote, no qual estavam as cinco novas camas flutuantes (Simone, naturalmente, precisava de um tamanho novo) e todos os capacetes. Observamos suas atividades de longe enquanto instalavam as camas e verificavam o sistema do tanque. As crianças ficaram fascinadas. A breve visita dos louva-a-deuses confirmou que em breve passaríamos por uma importante alteração de velocidade.

Richard, ao que parece, estava certo com sua hipótese sobre a ligação entre o sistema principal de propulsão e o controle térmico geral de Rama. A temperatura já começara a cair na superfície. Em antecipação a uma longa manobra, temos estado muito ocupados no teclado para encomendar roupas de frio para as crianças.

O sacudir constante está de novo perturbando nossas vidas. A princípio foi muito divertido para as crianças, mas já começaram a se queixar. Quanto a mim, espero que estejamos agora perto de nosso destino final. Embora Michael fique rezando “seja feita a Tua vontade”, minhas poucas preces têm sido definitivamente mais egoístas e específicas.

1º DE SETEMBRO DE 2213

Algo de novo está positivamente acontecendo. Nos últimos dez dias, desde que acabamos a fase do tanque e a manobra terminou, temos nos aproximado de uma luz solitária situada a cerca de trinta unidades astronômicas da estrela Sirius. Richard manobrou engenhosamente a inclinação do sensor e da tela negra para que essa fonte fique em todos os momentos no exato centro de nosso monitor, seja qual for o telescópio ramaiano particular que a esteja observando.

Há duas noites começamos a perceber alguma definição no objeto. Especulamos sobre a possibilidade de ser um planeta habitado e Richard correu de lá para cá computando o input de calor de Sirius em um planeta cuja distância seria grosso modo igual à de Netuno do nosso sol. Muito embora Sirius seja muito maior, mais brilhante e mais quente do que o sol, Richard concluiu que nosso paraíso, se é que este seria na verdade nosso destino, ainda seria muito frio.

Na noite passada pudemos ver nosso alvo com mais clareza. É

uma construção alongada (Richard diz que portanto não pode ser um planeta — qualquer coisa "daquele tamanho" e, positivamente, não esférica "tem de ser artificial"), na forma de um charuto, com duas fileiras de luzes ao longo da parte superior e da inferior. Porque não sabemos com precisão a que distância está, não podemos saber ao certo seu tamanho. No entanto, Richard andou fazendo alguns "adivicálculos", baseados em nossa velocidade de aproximação, e acredita que o charuto tenha mais ou menos 150 quilômetros de comprimento e 50 de altura.

Toda a família fica sentada em nossa sala principal olhando para o monitor. Hoje pela manhã tivemos nova surpresa. Katie mostrou-nos que havia dois outros veículos na vizinhança de nosso alvo. Richard lhe havia ensinado na semana passada como mudar os sensores ramaianos que alimentam nossa tela negra, e enquanto todos estavam conversando ela deu acesso ao distante sensor de radar que fora o primeiro que usamos, há treze anos, para identificar os mísseis nucleares que estavam vindo da Terra. O objeto em forma de charuto apareceu no limite do campo de visão do radar, e postados bem na frente do charuto, quase indistinguíveis dele naquele campo largo, estavam mais dois blips.

Se o charuto gigante é nosso destino, então talvez estejamos a ponto de termos companhia.

8 DE SETEMBRO DE 2213

Não há maneira de descrever satisfatoriamente os estonteantes acontecimentos dos últimos cinco dias. A língua não tem adjetivos suficientemente superlativos para captar o que vimos e experimentamos. Michael chegou a comentar que o céu poderá parecer pálido se comparado às maravilhas que testemunhamos.

Neste instante, nossa família está a bordo de uma pequena nave de transporte sem piloto, nada maior do que um ônibus urbano na Terra, que nos está levando a grande velocidade da estação intermediária para um destino ignorado.

A estação intermediária com forma de charuto ainda está visível, porém mal e mal, através da janela abobadada na parte traseira da nave. À nossa esquerda, nosso lar por treze anos, a espaçonave cilíndrica Rama, tomou direção ligeiramente diferente da nossa. Ela partiu da estação intermediária umas poucas horas depois de nós, iluminada como uma árvore de Natal pelo lado de fora, e no presente momento estamos a uns duzentos quilômetros dela.

Há quatro dias e onze horas nossa espaçonave Rama parou em relação à estação intermediária. Éramos o terceiro veículo de uma fila espantosa. Na nossa frente estava uma espécie de estrela-do-mar giratória, com mais ou menos um décimo do tamanho de Rama, e

também uma vastíssima roda, com um módulo central e raios, que entrou na estação algumas horas antes de nós chegarmos.

A estação em si, afinal, era oca. Quando a roda imensa atingiu o centro da estação intermediária, guindastes e outros elementos móveis avançaram para recebê-la e colocá-la em seu lugar. Um conjunto de três veículos especiais de formas inusitadas (um parecia um balão, outro um dirigível e o terceiro um batisfério da Terra) penetrou na roda a partir da estação. Embora não pudéssemos ver o que estava acontecendo dentro da roda, vimos os veículos especiais saírem, um de cada vez, em intervalos irregulares, nos dois dias seguintes. Cada veículo foi recebido por uma nave de transporte, como a em que estávamos viajando agora, porém maior. Essas naves estavam estacionadas no escuro na parte direita da estação, e avançavam para a posição correta meia hora antes do encontro.

Tão logo as naves de transporte ficavam carregadas, sempre decolavam no sentido oposto ao de nossa fila. Cerca de uma hora depois do último veículo sair da roda e da última nave de transporte partir, as várias peças de equipamento mecânico que foram ligadas à roda retraíram-se e a grande espaçonave circular manobrou suavemente para sair da estação intermediária.

A estrela-do-mar à nossa frente já entrara na estação e estava sendo atendida por um outro conjunto de guindastes e outros engates, quando um apito alto convocou-nos para a superfície de Rama. O apito foi seguido por um espetáculo de luzes na Concavidade Sul. Entretanto, essa exibição foi completamente diferente das que víramos antes. O Grande Chifre foi o astro do novo show. Anéis circulares de cor formaram-se perto de sua ponta e depois navegaram lentamente para o norte, concentrando-se no eixo giratório de Rama.

Os anéis eram imensos. Richard calculou que tivessem pelo menos um quilômetro de diâmetro, com quarenta metros de espessura.

A escura noite ramaiana foi iluminada por até oito desses anéis a um só tempo. A ordem permanecia a mesma — vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, marrom, rosa e roxo — por três repetições. Quando um anel se esfacelava e desaparecia perto da estação retransmissora Alfa na Concavidade Norte de Rama, um novo anel da mesma cor era formado lá atrás, na ponta do Grande Chifre.

Ficamos paralisados e embasbacados, enquanto o espetáculo durou. Tão logo o último anel desapareceu do terceiro conjunto, um outro evento impressionante ocorreu. Todas as luzes do interior de Rama acenderam-se! A noite ramaiana começara havia apenas três horas — durante treze anos a seqüência de noite, e dia fora inteiramente regular. Agora, de repente, essa mudança. E não foram só as luzes. Havia música, também; pelo menos creio que eles chamariam aquilo de música. Soava como milhões de

campainhazinhas mínimas e parecia não vir de lugar nenhum.

Nenhum de nós se moveu durante vários segundos. Depois, Richard, que tinha os melhores binóculos, viu alguma coisa que voava em nossa direção. “São as aves”, gritou ele, dando pulos e apontando para o céu. “Acabo de me lembrar de uma coisa. Eu as visitei em seu novo lar no norte durante minha odisséia.”

Um a um, todos olhamos pelos binóculos. A princípio, não fiquei certa de que Richard estivesse correto em sua identificação, mas, à medida que se aproximavam, os cinqüenta ou sessenta pontinhos foram se transformando em grandes criaturas semelhantes a pássaros que nós chamávamos apenas de “as aves”. Elas foram diretamente para Nova York. Metade delas permaneceu no céu, a uns trezentos metros acima de sua antiga toca, enquanto a outra metade mergulhava na direção da superfície.

“Venha, papai”, gritou Katie. “Vamos logo.”

Antes que eu pudesse fazer qualquer objeção, pai e filha saíram correndo.

Fiquei observando Katie, que já corre muito depressa. Em pensamento podia ver as passadas graciosas de minha mãe cruzando a grama do parque em ChillyMazarin — Katie positivamente herdou alguma coisa de seu lado materno, muito embora seja acima de tudo filha de seu pai.

Simone e Benjy já tinham tomado o caminho da nossa toca. Patrick estava preocupado com as aves. “Elas vão ferir papai e Katie?”, perguntou.

Sorri para meu belo filho de cinco anos. “Não, querido”, respondi, “não se eles tomarem cuidado.” Michael, Patrick, Ellie e eu voltamos para a toca para observar o atendimento à estrela-do-mar na estação.

Não podíamos ver muito porque todos os acessos à estrela-do-mar ficavam do outro lado, ocultos das câmeras de Rama. Mas supúnhamos que algum processo de descarga estava ocorrendo, porque eventualmente cinco naves de transporte partiram para algum lugar desconhecido. A estrela-do-mar terminou seu processo de atendimento muito depressa, e já tinha deixado a estação intermediária quando Richard e Katie voltaram.

“Comecem a arrumar as malas”, disse Richard arfando, logo que chegaram. “Nós vamos partir. Vamos todos partir.”

“Vocês precisavam ter visto as aves”, disse Katie a Simone, ao mesmo tempo. “São enormes. E feias. Elas desceram até a toca…”

“As aves voltaram para pegar alguma coisa especial em sua toca”, interrompeu-a Richard. “Talvez algumas lembranças. De qualquer modo, tudo está dando certo. Nós vamos sair daqui.”

Enquanto eu corria de um lado para outro a fim de pôr o essencial em algumas de nossas caixas mais resistentes, critiquei-me por não

haver percebido tudo mais cedo. Nós havíamos observado tanto a roda quanto a estrela-do-mar "descarregando" na estação intermediária, mas não nos ocorrera que nós poderíamos ser a carga a ser descarregada por Rama.

Era impossível resolver o que empacotar. Vínhamos vivendo naqueles seis cômodos (inclusive os dois que usávamos como depósito) havia trezes anos.

Havíamos requisitado uma média de cinco itens por dia, por meio do teclado. É verdade que a maioria dos objetos já haviam sido jogados fora há muito tempo, mas mesmo assim… Não sabíamos para onde estávamos indo. Como poderíamos saber o que levar?

"Você tem alguma idéia do que vai nos acontecer?", perguntei a Richard. Meu marido estava fora de si tentando descobrir como transportar seu computador grande. "Nossa história, nossa ciência — tudo o que resta de nosso conhecimento está ali", disse ele, apontando para o computador, em grande agitação. "E se ele for irrecuperavelmente perdido?"

Ele pesava apenas uns oitenta quilos, ao todo. Disse-lhe que todos nós o ajudaríamos a carregar o computador depois de empacotarmos nossas roupas, objetos de uso pessoal e um pouco de água e comida.

"Você tem alguma idéia de para onde estamos indo?", repeti.

Richard deu de ombros. "Nem a mais vaga. Mas seja como for, aposto que será espantoso."

Katie entrou em nosso quarto. Ela estava segurando uma sacolinha e seus olhos brilhavam de vida e energia. "Já arrumei tudo", disse ela. "Posso ir para a superfície para esperar?"

A afirmativa do pai mal se desenhara e Katie já saía correndo porta afora.

Eu sacudi a cabeça e lancei um olhar de reprovação a Richard, e atravessei a sala para ir ajudar Simone e as outras crianças. O processo de arrumar as coisas dos meninos foi um sofrimento. Benjy ficou rabugento e confuso. Até Patrick ficou irritadiço. Simone e eu mal estávamos acabando (foi impossível empacotar o que quer que seja até nós mandarmos os dois meninos dormir um pouco) quando Richard e Katie voltaram da superfície.

"Nosso veículo já chegou", disse Richard com calma, reprimindo sua excitação.

"Está estacionado no gelo", acrescentou Katie, tirando seu casaco pesado e as luvas.

"Como sabe que é nosso?", perguntou Michael, que entrara logo depois de Richard e Katie.

"Tem oito lugares e espaço para nossa bagagem", respondeu minha filha de dez anos. "Para quem mais poderia ser?"

"Quem", disse eu mecanicamente, tentando assimilar essa

informação mais recente. Sentia-me como se viesse bebendo de uma mangueira de incêndio já fazia quatro dias.

"Vocês viram alguma octoaranha?" perguntou Patrick.

"Oc-to-a-ra-nha", repetiu Benjy, cuidadosamente.

"Não", respondeu Katie, "mas vimos quatro aviões monumentais, bem chatos, com asas muito largas. Voaram acima de nossas cabeças, vindos do sul.

Nós achamos que os aviões chatos estavam carregando as octos, não foi, papai?"

Richard concordou com um movimento de cabeça.

Eu respirei fundo. "Tudo bem, então. Agasalhem-se, todos. E vamos.

Carreguem as sacolas primeiro. Richard, Michael e eu faremos depois uma segunda viagem para buscar o computador."

Uma hora depois estávamos todos num veículo. Tínhamos subido as escadas de nossa toca pela última vez. Richard apertou um botão vermelho que piscava e nosso helicóptero ramaiano (chamo-o assim porque foi direto para cima, não porque tivesse uma pá rotativa) levantou do chão. Nos primeiros cinco minutos, a rota do nosso vôo foi lenta e vertical. Uma vez que nos aproximamos do eixo giratório de Rama, onde não havia gravidade e muito pouca atmosfera, o veículo adejou no mesmo lugar por dois ou três minutos enquanto modificava sua estrutura externa.

A derradeira visão de Rama foi espantosa. A muitos quilômetros abaixo, a ilha em que morávamos não passava de uma pequena mancha marromacinzentada no meio do mar congelado que circundava o cilindro gigante. Pude ver os chifres da abóbada sul mais claramente do que nunca, aquelas longas e surpreendentes estruturas, apoiadas sobre possantes contrafortes, maiores do que pequenas cidades na Terra, todas apontadas direto para o norte.

Senti-me estranhamente comovida, enquanto nossa nave começou a mover-se novamente. Afinal, Rama tinha sido nosso lar por treze anos, onde eu dera à luz cinco crianças. Lá eu também amadureci, lembro-me de ter pensado, e é possível que finalmente me tenha tornado a pessoa que sempre quis ser.

Havia muito pouco tempo para remoer o passado. Logo que a alteração na configuração externa terminou, nosso veículo projetou-se para fora do eixo giratório, rumo ao norte, em questão de poucos minutos. Tínhamos deixado Rama. Sabia que jamais voltaríamos. Enxuguei as lágrimas enquanto nosso trem partia da estação.

# DENTRO DO NODO

# 1

Nicole dançava. Seu parceiro na valsa era Henry. Eram jovens, estavam muito apaixonados e a música encantadora enchia o salão de baile enquanto uns vinte pares moviam-se ritmadamente pelo salão. Nicole estava estonteante em seu longo vestido de baile branco. Os olhos de Henry estavam presos nos dela. Ele a segurava com firmeza pela cintura, porém ela sentia-se completamente livre.

Seu pai era uma das pessoas de pé em torno da pista de dança. Estava encostado sobre a coluna maciça que subia uns vinte pés até o teto abobadado.

Ele acenava e sorria enquanto Nicole dançava pelos braços de seu príncipe.

A valsa parecia durar para sempre. Quando finalmente acabou, Henry tomou suas mãos e disse a Nicole que tinha algo muito importante para perguntar. Naquele exato momento, o pai de Nicole tocou suas costas. “Temos de ir. É muito tarde”, sussurrou ele.

Nicole fez uma reverência para o príncipe, mas Henry relutava em soltar suas mãos. “Amanhã”, disse ele. “Conversaremos amanhã.” Ele soprou-lhe um beijo enquanto ela deixava o salão.

Quando Nicole saiu era quase de manhã. O sedã de seu pai estava esperando. Momentos depois, enquanto corriam estrada abaixo junto ao Loire, ela vestia uma blusa e jeans. Nicole agora era mais jovem, uns quatorze anos, e seu pai dirigia mais rápido que o normal. “Não queremos nos atrasar”, disse ele. “A representação começa às oito horas.”

Diante deles agigantava-se Chateau d’Ussé. Com suas muitas torres e cúspides, o castelo tinha servido de inspiração à história original de “A Bela Adormecida”. Ficava a apenas uns poucos quilômetros rio abaixo de Beauvois e sempre tinha sido uns dos lugares favoritos de seu pai.

Era a noite da representação anual em que a história de “A Bela Adormecida” era apresentada ao vivo diante de uma platéia. Pierre e Nicole iam todos os anos. A cada vez, Nicole torcia desesperadamente para que Aurora escapasse da roca mortal que a deixaria em coma. E a cada ano ela chorava lágrimas adolescentes quando o beijo do belo príncipe acordava a bela de seu sono mortal.

A representação tinha terminado, o público já tinha ido embora. Nicole estava subindo pelos degraus circulares que levavam à torre onde supostamente a verdadeira Bela Adormecida tinha adormecido. A adolescente corria pelos degraus, rindo, deixando seu pai bem para trás.

O quarto de Aurora ficava do outro lado da janela comprida.

Nicole prendeu a respiração e olhou o suntuoso mobiliário. A cama tinha um dossel, os toucadores eram ricamente decorados. Tudo no quarto era enfeitado de branco.

Era magnífico. Num relance, Nicole voltou seus olhos para a moça que dormia e teve um sobressalto. Era ela, Nicole, deitada na cama num vestido branco! Seu coração bateu furiosamente quando ela ouviu a porta se abrir e passos vindo em direção ao seu quarto. Seus olhos permaneceram fechados enquanto o primeiro aroma de um hálito de menta atingiu seu nariz. É ele, disse ela, excitada, para si mesma. Ele a beijou, gentilmente, nos lábios. Nicole sentiuse como se voasse na mais macia das nuvens. Havia música em todo o seu redor.

Ela abriu os olhos e viu o rosto sorridente de Henry a apenas alguns centímetros.

Ela estendeu seus braços para ele, que novamente a beijou, dessa vez com paixão, como um homem beija uma mulher.

Nicole retribuiu, sem restrições, deixando seu beijo dizer que ela lhe pertencia. Mas ele se esquivou. Seu príncipe particular tinha o cenho franzido.

Ele apontou para o rosto dela, afastou-se vagarosamente e deixou o quarto.

Mal começara a chorar quando um som distante intrometeu-se no seu sonho. Uma porta se abriu, luz entrou pelo quarto. Nicole piscou, depois fechou os olhos novamente para protegê-los da luz. O intrincado conjunto de fios ultrafinos e semelhantes a plásticos preso a seu corpo reenrolou-se automaticamente nos recipientes a cada lado da esteira de lona na qual estivera dormindo.

Nicole despertou bem devagar. O sonho tinha sido extremamente vivido. A sensação de infelicidade não passou tão rápido quanto o sonho. Ela tentou espantar seu desespero conscientizando-se de que nada do que havia sonhado era real.

“Você vai ficar deitada aí para sempre?” Sua filha Katie, que estivera dormindo do seu lado esquerdo, já estava de pé e reclinada sobre ela.

Nicole sorriu. “Não”, disse ela, “mas admito que estou um pouco mais que ligeiramente grogue. Estava no meio de um sonho… Por quanto tempo nós dormimos dessa vez?”

“Um dia a menos do que cinco semanas”, respondeu Simone, que estava do outro lado. Sua filha mais velha estava sentada, penteando distraidamente seu cabelo que se embaraçara durante o teste.

Nicole espiou para o relógio, verificou que Simone estava certa e sentouse. Bocejou. “E então, como se sentem?”, disse ela para as duas meninas.

“Cheia de energia”, respondeu sorrindo Katie, de onze anos. “Quero correr, pular, brigar com Patrick… Espero que este tenha sido

nosso último sono longo.”

“A Águia disse que seria”, respondeu Nicole. “Eles esperam ter informação suficiente agora.” Sorriu. “A Águia diz que as mulheres são mais difíceis de entender — por causa das violentas variações mensais em nossos hormônios.”

Nicole levantou, espreguiçou-se e deu um beijo em Katie. Então relaxou e abraçou Simone. Apesar de não ter ainda quatorze anos, Simone era quase tão alta quanto Nicole. Era uma jovem notável, com o rosto de um marrom escuro, olhos meigos e sensíveis. Simone sempre parecia calma e serena em contraste marcante com a inquieta e impaciente Katie.

“Por que Ellie não veio conosco para o teste?”, perguntou Katie ligeiramente queixosa. “Ela também é menina, mas parece que nunca tem de fazer nada.”

Nicole passou o braço pelo ombro de Katie enquanto as três iam para a porta e para a luz. “Ela só tem quatro anos, Katie, e de acordo com a Águia, Ellie é muito pequena para dar-lhes qualquer informação fundamental de que eles ainda necessitem.”

No pequeno hall iluminado, adjacente ao quarto em que haviam dormido por cinco semanas, vestiram seus uniformes moldados no corpo, puseram seus capacetes transparentes e as sapatilhas que prendiam seus pés ao chão. Nicole verificou cuidadosamente as roupas das duas meninas antes de ativar a porta externa do compartimento. Não precisava se ter preocupado, pois esta não abriria se alguma delas não estivesse devidamente preparada para mudanças ambientais.

Se Nicole e suas filhas já não tivessem visto o grande salão do lado de fora de seu compartimento várias vezes, teriam parado perplexas para observá-lo, por vários minutos. Abria-se diante delas um salão longo, com cem metros ou mais de comprimento e cinqüenta de largura. O teto acima delas, coalhado de filas de luzes, tinha uns cinco metros de altura. O cômodo parecia um misto de sala de cirurgia de um hospital com uma fábrica terráquea de semicondutores. Nem paredes e nem cubículos dividiam-no em repartições, porém suas dimensões retangulares eram distribuídas com grande clareza entre tarefas diferentes. O salão era pleno de atividade — os robôs ou analisavam dados de um conjunto de testes ou então já preparavam algum outro. Em torno dos limites do salão havia compartimentos como aquele em que Nicole, Simone e Katie dormiram por cinco semanas, nos quais eram realizadas “experiências”.

Katie caminhou até o compartimento mais próximo à sua esquerda. Era um pouco recuado, no canto, e ficava suspenso por dois eixos, um na parede e outro no teto. Uma tela semelhante a um monitor, construída ao lado da porta metálica, mostrava uma vasta coleção do que se presumia serem dados, numa bizarra escrita de

linha cuneiforme.

“Nós não ficamos nesta, da última vez?”, perguntou Katie, apontando para o compartimento. “Não foi nesse lugar que dormimos naquela espuma branca esquisita e sentimos toda a pressão?”

Sua indagação foi transmitida para dentro dos capacetes de sua mãe e irmã. Nicole e Simone acenaram com a cabeça, depois juntaram-se a Katie e ficaram olhando para aquela tela ininteligível.

“Seu pai pensa que eles estão tentando um modo de nos fazer dormir durante todo o regime de aceleração, mesmo que dure vários meses”, retrucou Nicole. “A Águia nem confirma e nem nega sua conjectura.”

Embora as três mulheres tivessem sido submetidas, juntas, a quatro testes separados naquele laboratório, nenhuma delas jamais vira qualquer forma de vida ou inteligência, a não ser pela cerca de meia dúzia de alienígenas mecânicos que, ao que parecia, eram os encarregados de tudo. Os humanos chamavam aqueles seres de “robôs de blocos” porque, a não ser por seus “pés” cilíndricos que os permitia rolar por todo o chão, as criaturas eram todas feitas de pedaços sólidos e retangulares parecidos com aqueles blocos com que as crianças brincam na Terra.

“Por que é que você acha que nunca vimos um dos Outros?”, perguntou Katie. “Quero dizer, aqui. Nós os vemos por um ou dois segundos no Tubo, e é só.

Nós sabemos que eles estão ali — não somos os únicos a sermos testados.” “O salão é programado com o maior cuidado”, respondeu a mãe, “e é óbvio que ninguém quer que nós vejamos os outros, a não ser de passagem.”

“Mas por quê?”, insistiu Katie.

“Desculpe”, interrompeu-a Simone. “Mas acho que o Bloco Maior está vindo nos visitar.”

O maior dos robôs de bloco geralmente ficava na área de controle quadrada no centro do salão, monitorando todas as experiências realizadas. No momento, ele avançava na direção das três por uma das passagens que tornavam o salão todo quadriculado.

Katie caminhou até um outro compartimento, a cerca de vinte metros de distância. Pelo monitor ativo que ficava do lado de fora, podia saber que uma experiência estava sendo realizada. De repente, ela bateu com bastante força no metal com sua mão enluvada. “Katie!”, gritou Nicole.

“Pare com isso.” O som partiu do Bloco Maior quase ao mesmo tempo. Ele agora estava a uns cinqüenta metros e aproximava-se rapidamente.

“Não deve fazer isso”, disse o robô em perfeito inglês.

“E o que é que você vai fazer por causa disso?”, disse Katie em

tom desafiador, quando o Bloco Maior, ignorando Nicole e Simone totalmente, tomou a direção da menininha. Nicole cruzou correndo, no intuito de proteger a filha.

"Agora têm de sair", disse o Bloco Maior, pairando ameaçador a apenas um par de metros de Nicole e Katie. "O seu teste acabou. A saída é ali, onde aquelas luzes estão piscando."

Nicole puxou com firmeza o braço de Katie e a menina, com relutância, acompanhou a mãe na direção da saída. "Mas o que teriam feito eles", insistia Katie, teimosa, "se nós resolvêssemos ficar aqui até acabar uma outra experiência? Quem sabe? Talvez uma de nossas octoaranhas esteja ali dentro neste momento. Por que será que nunca temos permissão de nos encontrar com ninguém mais?"

"A Águia já explicou várias vezes", respondeu Nicole com um traço de irritação na voz, "que durante 'esta fase' nos são permitidas 'visões rápidas' de outras criaturas, porém nenhum contato maior. Seu pai já indagou repetidamente e a Águia sempre diz que no momento devido saberemos a resposta…

E eu queria que não criasse mais dificuldades, mocinha."

"Não é muito diferente de estar em uma prisão", resmungou Katie. "Aqui só temos liberdade limitada. E nunca nos dão respostas quando a pergunta é realmente importante."

Chegaram ao longo corredor que ligava o centro de transporte ao laboratório. Um pequeno veículo, parado bem junto a um tapete rolante, esperava por elas. Quando se sentaram, a capota do carro fechou-se sobre elas e as luzes internas acenderam-se. "Antes que pergunte", disse Nicole a Katie, tirando o capacete quando começaram a mover-se, "não temos permissão de olhar para fora durante esta parte de nossa transferência, porque passamos por trechos de Módulos de Engenharia que nos são vedados. Seu pai e o tio Michael fizeram esse mesmo tipo de perguntas depois de seu primeiro teste de sono." "Você concorda com papai?", indagou Simone depois que já havia viajado em silêncio por alguns minutos, "que estamos passando por todos esses testes de sono como preparação para alguma espécie de viagem espacial?"

"É o que parece", respondeu Nicole. "Mas é claro que não podemos ter certeza."

"E para onde vão nos mandar?", perguntou Katie.

"Não tenho idéia", retrucou Nicole. "A Águia tem sido muito evasiva quanto a toda e qualquer indagação sobre nosso futuro."

O carro estava se movendo a cerca de vinte quilômetros por hora, e parou ao final de um passeio de quinze minutos. A "tampa" do veículo foi removida tão logo todos os capacetes haviam sido corretamente recolocados, e as mulheres saltaram no principal centro de transporte do Módulo de Engenharia. Este era construído sobre um

plano circular e tinha uns vinte metros de altura. Além de meia dúzia de calçadas móveis que levavam a pontos no interior do módulo, o centro continha duas grandes estruturas em vários planos, das quais partiam metrôs de linhas elegantes. Estes transportavam equipamentos, robôs e criaturas vivas que iam e vinham entre os Módulos de Habitação, Engenharia e Administração, os três imensos complexos esféricos que eram os componentes primários do Nodo.

Tão logo entraram no setor, Nicole e suas filhas ouviram uma voz pelos receptores de seus capacetes. “Seu metrô sai do segundo nível. Tomem a escada rolante da direita. Partirão dentro de quatro minutos.”

Katie esticava a cabeça para um lado e para outro, observando o cento de transporte. Viu estantes de equipamentos, carros esperando para levar passageiros para seus destinos dentro do Módulo de Engenharia, luzes, escadas rolantes e plataformas de estação. Porém, nada se movia. Nem robôs e nem criaturas vivas.

“O que aconteceria”, comentou ela para a irmã e a mãe, “se nos recusássemos a subir para lá?” Ela parou no meio da estação. “Aí todo o seu horário ia virar a maior bagunça”, gritou ela para o teto.

“Vamos, Katie”, disse Nicole, impaciente; “nós acabamos de passar pela mesma coisa no laboratório.”

Katie recomeçou a caminhar. “Mas eu quero ver alguma coisa diferente”, queixou-se. “Sei que este lugar não está sempre vazio; por que somos mantidos em isolamento? É como se fôssemos contaminados, ou coisa parecida.”

“Seu metrô parte em dois minutos, do segundo nível à direita”, disse aquela voz sem corpo.

“É espantosa a capacidade desses robôs e controladores de se comunicar com todas as espécies em suas próprias línguas”, comentou Simone quando chegaram na escada rolante.

“Pois acho muito esquisito”, retrucou Katie. “Eu só queria ver, ao menos uma vez, sei lá quem ou o que controla isto aqui cometer um erro. É tudo tão lubrificado. Só queria ver eles falarem a língua das aves conosco. Queria até ouvir eles falarem em ‘aviês’ com as aves.”

No segundo nível elas seguiram por uma plataforma por uns quarenta metros, até atingirem um veículo transparente, com forma de bala e do tamanho de um automóvel terráqueo muito grande. Estava estacionado, como sempre, do lado esquerdo da trilha central. Havia ao todo quatro conjuntos paralelos de trilhos, dois a cada lado do centro. Todos os outros estavam vazios no momento.

Nicole virou-se e olhou para o centro de transporte ao seu redor. A 60° adiante, no círculo, havia outra estação, idêntica. Os metrôs daquele lado iam para o Módulo da Administração. Simone observa a mãe. “Você já esteve lá alguma vez?”, indagou.

“Não, mas seria interessante. Seu pai diz que de perto tudo parece maravilhosamente estranho.”

Richard não podia ficar sem investigar, pensou Nicole, lembrando-se da noite, quase um ano antes, em que seu marido saiu para “pedir carona” para o Módulo da Administração. Nicole teve um arrepio. Ela saíra para o átrio do apartamento com Richard, tentando dissuadi-lo enquanto ele vestia seu traje espacial. Ele descobrira um jeito de enganar o monitor da porta (no dia seguinte um sistema novo e infalível fora colocado) e mal podia esperar para dar uma olhada “não-supervisionada” por todo o local.

Nicole mal dormira naquela noite. Nas primeiras horas da manhã, seu painel de luz indicara que alguém ou algo estava no átrio. Quando olhou para o monitor, viu um estranho homem-pássaro segurando nos braços seu marido desmaiado. Fora seu primeiro contato com a Águia…

A aceleração do metrô por alguns momentos empurrou-as de encontro ao encosto de seus assentos e chamou Nicole de volta ao presente. Elas dispararam para longe do Módulo de Engenharia. Em menos de um minuto já estavam sendo projetadas a toda velocidade ao longo do cilindro longo e muito estreito que ligava os dois módulos.

O divisor central e os quatro trilhos de metrô ficavam ao centro do longo cilindro. À sua direita, bem longe, as luzes do esférico Módulo da Administração brilhavam, tendo por fundo o azul do espaço. Katie pegou seu pequeno binóculo.

“Quero estar preparada”, disse ela. “Eles sempre passam tão depressa!”

Vários minutos mais tarde, ela anunciou: “Estão vindo aí”, e as três mulheres grudaram-se no lado direito do veículo. A uma grande distância, outro metrô aproximava-se no lado oposto de sua linha. Em instantes já estava junto e elas e as humanas não tiveram mais do que um segundo para olhar para os ocupantes do veículo que se dirigia para o Módulo de Engenharia.

# 2

A festa do reencontro foi um sucesso. Benjy abraçou sua amada Simone no momento em que ela entrou no apartamento, e em menos de um minuto Katie já estava embolada com Patrick no chão.

"Viu", disse ela, "ainda consigo ganhar de você."

"Mas só um pouquinho", reagiu Patrick. "Eu estou ficando mais forte, e é melhor você se cuidar."

Nicole abraçou tanto Richard quanto Michael antes que a pequena Ellie corresse e pulasse em seus braços. Já era noite, duas horas após o jantar, segundo o relógio de 24 horas adotado pela família, e Ellie já estava quase pronta para sé deitar quando a mãe e as irmãs chegaram. A menina puxou a mãe com muito orgulho pelo corredor até seu quarto, para mostrar que agora já sabia ler "gato", "cão" e "menino".

Os adultos deixaram Patrick ficar acordado até cair de exausto, quando Michael o carregou para sua cama e Nicole o foi cobrir. "Que bom que você voltou, mamãe; estava com muitas saudades" foram suas últimas palavras sonolentas.

"Eu também senti; mas acho que não vamos mais ficar longe assim tanto tempo", respondeu Nicole.

"Espero que não; eu gosto quando você está aqui."

Lá pela uma hora já estavam todos dormindo, menos Nicole, que não estava cansada. Afinal, acabara de passar cinco semanas dormindo. Depois de ficar deitada ao lado de Richard, inquieta, por meia hora, resolveu fazer um passeio.

Embora o apartamento deles propriamente dito não tivesse janelas, o pequeno átrio logo fora do hall de entrada tinha uma janela que oferecia uma deslumbrante vista dos dois outros vértices do Nodo. Nicole caminhou para o átrio, vestiu seu traje espacial e parou junto à porta exterior, que não se abriu.

Sorrindo para si mesma, pensou: Katie talvez esteja certa. Talvez sejamos apenas prisioneiros aqui. Ficara claro desde o início de sua estada ali que a porta exterior era trancada intermitentemente. A Águia explicara que era "necessário", a fim de impedir que eles vissem coisas "que não poderiam compreender" o computador de Richard. O veículo tornou a partir imediatamente, assustando até mesmo os adultos com a rapidez de seu desaparecimento. Menos de um minuto mais tarde eles ouviram a primeira voz sem corpo.

"Bem-vindos", dissera esta em tom destituído de modulações. "Vocês chegaram ao Módulo de Habitação. Sigam diretamente em frente e parem ao atingir a parede cinzenta."

"De onde vem essa voz?", perguntou Katie, cuja voz expressava o

medo que todos estavam sentindo.

"De todo lugar", respondeu Richard. "Ela está em cima, em volta, e até embaixo de nós"; e todos ficaram examinando as paredes e o teto.

"Mas como é que ela sabe inglês?", indagou Simone. "Há mais gente por aqui?"

Richard deu um riso nervoso. "É pouco provável", respondeu. "É possível que este lugar tenha estado em contato com Rama, de algum modo, e tenha um algoritmo central de línguas. Fico imaginando…"

"Por favor, avancem", interrompeu a voz. "Estão em um complexo de transporte. O veículo que os transportará a seu setor do módulo está aguardando em um nível mais abaixo."

Levaram alguns minutos até chegar à parede cinzenta. As crianças jamais haviam estado em imponderabilidade não confinada antes. Katie e Patrick pularam da plataforma e deram cambalhotas e parafusos no ar. Benjy, vendo a farra, tentou copiar suas travessuras, mas infelizmente não conseguiu descobrir como usar o teto e as paredes para voltar à plataforma. Já estava completamente desorientado quando Simone o resgatou.

Quando toda a família e sua bagagem ficaram devidamente posicionadas em frente à parede, uma larga porta abriu-se e eles entraram em um cômodo pequeno. Trajes especiais bem justos, capacetes e sapatilhas estavam cuidadosamente arrumados sobre um banco. "O centro de transporte e a maioria das áreas comuns aqui no Nodo", disse a voz em perfeito monocórdio, "não têm atmosfera adequada à sua espécie. Terão de usar essas roupas, a não ser que estejam dentro de seu apartamento."

Quando já estavam todos vestidos, abriu-se uma porta do outro lado da sala e eles entraram no salão principal do centro de transporte do Módulo de Habitação. A estação era idêntica à que mais tarde conheceriam no Módulo de Engenharia. Nicole e sua família desceram dois andares, segundo instruções da voz, depois seguiram pela plataforma periférica circular até onde seu "ônibus" os aguardava. O veículo fechado era confortável e bem iluminado, mas não puderam olhar para fora durante a hora e meia em que ele atravessou um labirinto de passagens. Finalmente, o ônibus parou e sua parte superior abriu-se.

"Tomem o saguão à sua esquerda", uma outra voz, do mesmo tipo, instruiu-os tão logo os oito pisaram no chão metálico. "O saguão divide-se em dois corredores depois de mais ou menos quatrocentos metros. Tomem o caminho à sua direita e parem em frente à terceira marca quadrada à sua esquerda. É a porta de seu apartamento."

Patrick saiu correndo por um dos saguões. "Saguão errado", anunciou a voz, sem qualquer inflexão. "Volte à plataforma e vire para

o primeiro saguão à sua esquerda."

Não havia nada para ver na caminhada da plataforma até seu novo apartamento. Nos meses seguintes eles percorreriam o mesmo caminho muitas vezes, indo para a sala de exercícios ou, vez por outra, para teste no Módulo de Engenharia, mas continuariam a não ver nada senão paredes, tetos e as marcas quadradas que viriam a identificar como portas. O lugar era obviamente todo monitorado. Nicole e Richard tiveram a certeza, desde o início, de que alguns, talvez muitos, dos apartamentos em sua área eram ocupados por alguém ou alguma coisa, porém jamais viram qualquer dos Outros nos corredores.

Depois de encontrar e atravessar a porta especificada como sendo de seu apartamento, Nicole e sua família tiraram as roupas especiais no átrio e guardaram-nas em armários concebidos para esse determinado fim. As crianças sucediam-se para olhar pela janela para os outros dois módulos esféricos enquanto esperavam a abertura da porta interior. Alguns minutos mais tarde viram o interior de seu novo lar pela primeira vez.

Ficaram deslumbrados. Comparado com as condições relativamente primitivas em que tinham vivido em Rama, o apartamento da família no Nodo era um paraíso. Cada uma das crianças tinha seu próprio quarto. Michael tinha uma suíte só para ele em uma extremidade do corredor, enquanto o quarto de dormir principal, que tinha até uma vasta cama de casal, de Nicole e Richard, ficava no extremo oposto do apartamento, bem junto ao hall de entrada. Havia ao todo quatro banheiros, mais cozinha, sala de jantar e até mesmo uma sala de jogos para as crianças. A mobília de cada cômodo era surpreendentemente adequada e desenhada com gosto. O apartamento tinha mais de quatrocentos metros quadrados para eles viverem.

Até os adultos ficaram atônitos. "Mas como é, neste mundo, que eles puderam fazer isto?", perguntara Nicole a Richard naquela primeira noite, longe dos ouvidos das crianças que vibravam de alegria.

Richard lançou um olhar perplexo em volta. "Só posso supor que de algum modo todas as nossas ações em Rama tinham sido monitoradas e telemetradas aqui para o Nodo. Eles devem também ter acesso a nosso banco de dados e deduziram nosso modo de vida daquele conjunto de informações." Richard sorriu.

"E é claro que mesmo aqui, se tiverem receptores sensíveis, poderiam estar captando sinais de televisão da Terra. Não é embaraçoso pensar que estejamos sendo representados por tais…"

"Bem-vindos", outra voz idêntica interrompeu o pensamento de Richard com um som que parecia vir de todas as direções. "Esperamos

que tudo em seu apartamento esteja satisfatório. Se não, espero que nos digam. Não nos é possível entender tudo o que vocês dizem, em todos os momentos. Portanto, um método simples de comunicação foi estabelecido. No balcão de sua cozinha há um botão branco. O pressuposto será o de que tudo o que for dito depois de o botão ser apertado seja dirigido a nós. Quando terminarem sua comunicação, tornem a apertar o botão. Desse modo…"

"Primeiro eu tenho uma pergunta", interrompeu Katie, que correra até a cozinha para apertar o botão. "Exatamente quem são vocês?"

Uma demora mínima de cerca de um segundo antecedeu a resposta. "Nós somos a inteligência coletiva que governa o Nodo. Estamos aqui para ajudá-los, torná-los mais confortáveis e fornecer-lhes tudo o que seja essencial para sua vida. De tempos em tempos, também pediremos a vocês que executem determinadas tarefas que nos ajudarão a compreendê-los melhor…"

Nicole já não via mais o metrô que estivera observando pela janela. Na verdade, estivera tão profundamente imersa em suas lembranças da chegada ao Nodo que se esquecera temporariamente dos recém-chegados. Agora, voltando ao presente, com os olhos da mente imaginou um grupo de criaturas estranhas desembarcando em uma plataforma e ficando espantadas quando uma voz se dirigisse a elas em sua própria língua. A experiência do deslumbramento deve ser universal, pensou ela, e pertencer a todos os elementos químicos conscientes.

Seus olhos levantaram-se do seu campo imediato de visão e focalizaram o Módulo de Administração, lá longe. O que acontecerá ali? Nós, pobres criaturas sem rumo, temos de ficar indo e vindo entre a Habitação e a Engenharia. Todas as nossas atividades parecem ser orquestradas com lógica. Mas por quem? E para quê? Por que será que alguém trouxe todos esses seres para este mundo artificial?

Nicole não tinha respostas para tais indagações infinitas. Como sempre, elas lhe deram uma poderosa consciência de sua própria insignificância. Seu impulso imediato foi o de voltar para dentro e abraçar um de seus filhos. Riu-se de si mesma. Ambas as imagens são indicadores verdadeiros de nossa posição no cosmos, pensou. Somos ao mesmo tempo desesperadamente importantes para nossos filhos e absolutamente nada no esquema maior das coisas. É necessário uma grande sabedoria para perceber que não há qualquer incoerência entre esses dois pontos de vista.

# 3

O desjejum foi uma festa. Eles pediram quase um banquete aos cozinheiros excepcionais que preparavam sua comida. Os criadores de seu apartamento tiveram a consideração de equipá-lo com fornos variados e um refrigerador completo, no caso de quererem preparar suas próprias refeições a partir de matérias-primas. No entanto, os cozinheiros alienígenas (ou robôs) eram tão bons e treinados tão rapidamente que Nicole e sua família quase nunca preparavam suas refeições — só apertavam o botão branco e faziam seu pedido.

"Quero panquecas hoje", anunciou Katie na cozinha.

"Eu também", disse Patrick, seu eterno companheiro.

"Que espécie?", entoou a voz. "Temos quatro tipos diferentes em nossa memória. Temos trigo sarraceno, leite desnatado…"

"Leite desnatado", interrompeu Katie. "Três ao todo." Mas olhando o irmãozinho, acrescentou: "É melhor trazer quatro."

"Com manteiga e xarope de bordo", gritou Patrick.

"Quatro panquecas com manteiga e xarope de bordo", disse a voz. "É só isso?

"Um suco de maçã e um de laranja também", disse Katie, depois de negociações com Patrick.

"Seis minutos e dezoito segundos", disse a voz.

Quando a refeição ficou pronta, a família se reuniu em torno da mesa redonda da cozinha. As crianças menores contaram a Nicole o que tinham feito durante sua ausência. Patrick sentia particular orgulho de seu novo recorde para a corrida de cinqüenta metros na sala de exercícios. Benjy contou até dez com grande esforço, e todos aplaudiram. Tinham acabado o desjejum e estavam tirando os pratos da mesa quando a campainha da porta tocou.

Os adultos entreolharam-se e Richard, dirigindo-se ao console do controle, ligou o monitor do vídeo. A Águia estava de pé do lado de fora.

"Espero que não seja outro teste", disse Patrick com espontaneidade.

"Não… não, duvido", retrucou Nicole, dirigindo-se à entrada. "É mais provável que esteja aqui para nos dar os resultados dos últimos que fizemos."

Nicole respirou fundo antes de abrir a porta. Não importava quantas vezes encontrasse a Águia, seu nível de adrenalina sempre aumentava em presença dela. Por que seria? Seria seu avassalador conhecimento que a assustava? Ou o poder que tinha sobre eles? Ou a simples perplexidade de sua existência?

A Águia cumprimentou-a com o que ela começava a identificar

como um sorriso. “Posso entrar?” disse ela em tom agradável. “Gostaria de falar com a senhora, com seu marido, e com o sr. O’Toole.”

Nicole ficou olhando para ela (ou para aquilo, sua mente telegrafou imediatamente), como sempre. Era alta, talvez 2,25m, e tinha forma humana do pescoço para baixo. Seus braços e torso, no entanto, eram cobertos por pequenas penas cor de grafite, muito bem entrelaçadas — a não ser pelos quatro dedos de cada mão, que eram de um branco cremoso e sem penas. Abaixo da cintura, a superfície do corpo da Águia era cor de carne, porém ficava óbvio pelo brilho de sua camada externa que nenhuma tentativa de duplicar a pele humana fora feita.

Não tinha nenhum pêlo da cintura para baixo, nem articulações ou genitália visíveis. Seus pés não tinham artelhos. Quando a Águia andava, formavam-se rugas em torno da área dos joelhos, que desapareciam quando ela ficava parada.

A face da Águia era fascinante. Ela possuía dois grandes olhos azuis de cada lado de um bico acinzentado e saliente. Quando falava o bico se abria e seu inglês perfeito saía de alguma espécie de aparelho vocal eletrônico no fundo da garganta. As penas do alto de sua cabeça eram brancas e contrastavam fortemente com o cinzento escuro de sua face, seu pescoço e suas costas. A plumagem da face era rala e desigual.

“Posso entrar?”, repetiu a Águia com cortesia depois de Nicole ficar imóvel por vários segundos.

“É claro… é claro”, respondeu ela, afastando-se da porta. “Desculpe; foi só porque não a vemos há tanto tempo.”

“Bom dia, sr. O’Toole, sr. Wakefield. Olá, crianças”, disse a Águia ao entrar na sala.

Patrick e Benjy recuaram para afastar-se dela, pois das crianças apenas Katie e a pequena Ellie pareciam não ter medo dela.

“Bom dia”, respondeu Richard. “E o que podemos fazer por você hoje?”, indagou. A Águia jamais os visitava por razões apenas sociais. Sempre havia algum objetivo em suas visitas.

“Como disse à sua esposa, na porta”, respondeu a Águia, “estou precisando conversar com vocês adultos. Será que Simone poderia tomar conta das outras crianças enquanto conversamos por mais ou menos uma hora?”

Nicole já começara a conduzir os filhos de volta à sala das crianças, quando a Águia a interrompeu. “Isso não será necessário. Eles podem ficar com o apartamento todo, já que nós vamos para a sala de reuniões do outro lado do hall.”

“Hum-hum! pensou Nicole imediatamente. É coisa muito importante…

Nós jamais deixamos as crianças sozinhas no apartamento até hoje.

De repente, ela ficou muito preocupada com a segurança dos filhos.

“Desculpe, sra. Águia, mas as crianças ficarão bem aqui? Quero dizer, elas não terão nenhuma espécie de visitantes especiais ou coisa no gênero…?”

“Não, sra. Wakefield”, respondeu a Águia muito objetivamente. “Dou-lhe a minha palavra de que ninguém interferirá com as crianças.”

Do lado de fora, no átrio, quando os três humanos iam começar a vestir seus trajes espaciais, a Águia interrompeu-os. “Isso não será necessário. Ontem à noite nós reorganizamos este trecho do setor. Selamos o hall logo antes da junção com o corredor, transformando toda esta área em um habitat do tipo terreno.

Poderão fazer uso da sala de conferências sem ter de recorrer a qualquer vestimenta especial.”

A Águia começou a falar tão logo eles se sentaram na grande sala de conferências do outro lado do hall. “Desde nosso primeiro encontro que vocês vêm me fazendo repetidas perguntas sobre o que estariam fazendo aqui, e não lhes tenho dado respostas diretas. Agora que terminou seu último teste de sono — com grande sucesso, posso acrescentar — fui autorizada a informá-los a respeito da próxima fase da sua missão.”

“Tive igualmente permissão para dizer-lhes alguma coisa a meu respeito.

Como todos vocês já suspeitavam, eu não sou uma criatura viva — ao menos não do modo pelo qual vocês o definem.” A Águia riu-se. “Fui criada pela inteligência que governa o Nodo como interface com vocês em questões delicadas. Nossas primeiras observações sobre seu comportamento indicavam relutância da parte de vocês para interagir com vozes sem corpo. Já fora decidido criar-me, ou alguma coisa semelhante, como emissário junto à sua família quando você, sr.

Wakefield, quase provocou gravíssimo caos neste setor por tentar fazer uma visita não programada e não aprovada pelo Módulo de Administração. Meu aparecimento naquele momento foi concebido para evitar novos comportamentos inconvenientes.”

“Nós agora entramos”, continuou a Águia após hesitação apenas momentânea, “no período mais importante de sua estada aqui. A nave espacial que vocês chamam de Rama está no Hangar passando por uma grande reforma no equipamento e no desenho de engenharia. Vocês humanos tomarão parte, agora, no processo do novo desenho, pois alguns de vocês irão retornar, com Rama, ao sistema solar de que se originam.”

Richard e Nicole tentaram interrompê-lo. “Deixem-me acabar, primeiro”, disse a Águia. “Preparamos meus comentários muito cuidadosamente de modo a cobrir por antecipação suas indagações.”

O homem-pássaro alienígena fixou cada um dos três humanos em torno da mesa antes de continuar, em ritmo um pouco mais lento. “Notem que eu não disse que irão voltar para a Terra. Se o plano enunciado tiver sucesso, aqueles de vocês que voltarão irão interagir com outros seres humanos de seu sistema solar, porém não em seu planeta natal. Só se houver necessidade de algum desvio do plano básico é que vocês efetivamente voltarão à Terra.

“Notem que só alguns de vocês irão voltar sra. Wakefield”, disse a Águia olhando diretamente para Nicole, “você positivamente irá viajar novamente em Rama. Essa é uma das exigências que incluímos na missão. Deixaremos que você e o resto de sua família decidam quem a acompanhará na viagem. Pode ir sozinha se preferir, deixando os outros aqui no Nodo, ou poderá levar alguns dos outros.

No entanto, não poderão ir todos em Rama. Ao menos um par reprodutor tem de permanecer aqui no Nodo — para garantir certos dados para nossa enciclopédia, no caso pouco provável de a volta da missão não ser bem-sucedida.

“O objetivo primordial do Nodo é catalogar formas de vida nesta parte da galáxia. Formas de vida que viajem no espaço têm a mais alta prioridade, e nossas especificações exigem que coletemos vastas quantidades de dados sobre cada uma e todas as espécies que viajam no espaço que encontramos. A fim de cumprir tal tarefa nós elaboramos, ao longo de centenas de milhares de anos pelas suas medidas de tempo, um método de coleta de tais dados que minimiza a probabilidade de uma interferência cataclísmica no desenho evolutivo desses viajantes espaciais enquanto, ao mesmo tempo, maximiza a probabilidade de nós obtermos os dados desejados. “Nossa abordagem básica implica o envio de espaçonaves de observação em missões de reconhecimento, na esperança de atrair para nós viajantes espaciais a fim de que sejam identificados e fenotipados. Espaçonaves repetidoras são enviadas mais tarde ao mesmo alvo, primeiro para expandir o grau de interação, e em última análise para capturar um subgrupo representativo da espécie viajante, a fim de que observações a longo prazo e detalhadas possam ter lugar em um meio ambiente de nossa escolha.”

A Águia fez uma pausa. A mente e o coração de Nicole dispararam em velocidade frenética. Tinha tantas perguntas. Por que fora escolhida especificamente para voltar? Poderia ela chegar a falar com Geneviève? E o que quereria dizer a Águia exatamente com o termo “capturar” — saberia ela que a palavra era geralmente interpretada de modo hostil? Por que…

“Creio que compreendi a maior parte do que disse”, adiantou-se Richard, “mas você omitiu algumas informações cruciais. Por que estão reunindo todos esses dados sobre espécies que são viajantes espaciais?”

A Águia sorriu. “Em nossa hierarquia de informações há três níveis básicos. Acesso a cada nível por um indivíduo ou espécie é permitido ou negado segundo critérios estabelecidos. Com as declarações que fiz há pouco demos a vocês, como representantes de sua espécie, informações do Nível Dois, pela primeira vez. É um tributo à sua inteligência que sua pergunta inicial busque resposta classificada no Nível Três.”

“Toda essa enrolação significa que não vai nos dizer?”, perguntou Richard, com um riso nervoso.

A Águia concordou com um aceno de cabeça.

“Mas dirá por que razão só de mim exigem que faça essa viagem de volta?”, perguntou por seu turno Nicole.

“Há muitas razões. Em primeiro lugar, acreditamos que você tem as melhores condições físicas para realizar a viagem de volta. Nossos dados indicam também que suas aptidões de comunicação do mais alto calibre poderão ser de inestimável valor depois que a fase de captura da missão estiver completa. Há considerações adicionais, também, porém essas duas são as mais importantes.”

“Quando devemos partir?”, indagou Richard.

“Não há certeza ainda. Parte da programação depende de vocês. Nós os informaremos quando uma data de partida estiver determinada. Mas direi agora, no entanto, que muito provavelmente será em menos de quatro meses.”

Iremos partir muito em breve, pensou Nicole. E pelo menos dois de nós terão de ficar aqui. Mas quem…

“Qualquer par apto à reprodução poderá ser deixado no Nodo?” indagou Michael, que seguia a mesma linha e pensamento que Nicole.

“Quase, sr. O’Toole”, retrucou a Águia. “A menina menor, Ellie, não seria aceitável como sua parceira — poderíamos ser incapazes de mantê-lo vivo e fértil até ela atingir a maturidade sexual — mas qualquer outra combinação ficará bem. Temos de ter uma alta probabilidade de sucesso na produção de uma prole saudável.”

“Por quê?”, perguntou Nicole. “Existe uma probabilidade muito pequena, porém finita, de que sua missão não seja bem-sucedida, e que o par deixado no Nodo serão os únicos humanos que seremos capazes de observar. Como viajantes espaciais iniciantes, que atingiram tal estágio sem a ajuda usual, vocês têm interesse especial para nós.”

A conversa poderia ter durado infinitamente. No entanto, depois de várias outras perguntas, a Águia levantou-se abruptamente e

anunciou que sua participação na conferência estava terminada. Encorajou os humanos a enfrentar com brevidade a questão da "indicação", como a chamava, pois pretendia começar quase que imediatamente o trabalho com os membros da família que estariam retornando na direção da Terra. Seria tarefa deles ajudá-lo no desenho do "módulo Terra dentro de Rama". Sem qualquer outra explicação, ela deixou a sala.

Os três adultos concordaram em não contar às crianças os detalhes mais importantes de seu encontro com a Águia pelo menos por um dia, até que tivessem a oportunidade de refletir e conversar entre si. Naquela noite, depois das crianças terem ido deitar, Nicole, Richard e Michael conversaram em voz baixa na sala de estar de seu apartamento.

Nicole abriu a conversa confessando que se sentia zangada e impotente. A despeito do fato de a Águia ter sido muito delicada a respeito, basicamente ele lhes dera ordens de participar na missão de retorno. E como poderiam recusarse? Toda a família era integralmente dependente da Águia — ou pelo menos da inteligência que ela representava — para sua sobrevivência. Nenhuma ameaça fora feita, mas nenhuma ameaça era necessária. Eles não tinham escolha senão concordar com as instruções da Águia.

Mas quem, da família, haveria de ficar no Nodo? Nicole refletiu em voz alta. Michael disse que era absolutamente essencial que ao menos um adulto permanecesse no Nodo. Seu argumento era persuasivo. Quaisquer das crianças, até mesmo Simone e Patrick, necessitariam beneficiar-se da experiência e da sabedoria de um adulto para ter qualquer possibilidade de felicidade em tais circunstâncias. Michael declarou-se voluntário para ficar, afirmando que não era muito provável que ele sobrevivesse a uma viagem de volta, de qualquer modo.

Os três concordaram em que ficava claro que a inteligência Nodal tinha a intenção de que os humanos dormissem durante a maior parte do caminho para o sistema solar. Se assim não fosse, qual seria o objetivo de todos aqueles testes de sono? Nicole não gostou da idéia de as crianças perderem períodos críticos de desenvolvimento de suas vidas. Sugeriu que ela deveria voltar sozinha, deixando todos os demais membros da família a bordo do Nodo. Afinal, raciocinava ela, não era como se as crianças fossem viver uma vida "normal" na Terra depois da viagem.

"Se estamos interpretando a Águia corretamente", disse ela, "qualquer um que retorne vai acabar como passageiro de Rama a correr em alguma outra direção na galáxia."

"Disso não podemos ter certeza", disse Richard. "Por outro lado, quem ficar aqui está quase que certamente condenado a jamais ver

qualquer ser humano que não os de sua família.” Richard acrescentou que tencionava fazer a viagem de retorno em quaisquer circunstâncias, não só para acompanhar Nicole como também para vivenciar a aventura.

O trio não conseguia chegar a conclusão alguma a respeito do destino das crianças na discussão daquela primeira noite. Porém, tomaram resolução firme quanto ao que os adultos iriam fazer. Michael O’Toole ficaria no Nodo. Nicole e Richard fariam a viagem de volta ao sistema solar.

Na cama, depois da reunião, Nicole não conseguia dormir. Ficava desfiando na mente todas as possibilidades. Estava certa de que Simone seria melhor mãe do que Katie. Além do que, Simone e o tio Michael eram excepcionalmente compatíveis e Katie não haveria de querer ser separada de seu pai. Mas quem haveria de ser deixado para trás para acasalar com Simone?

Deveria ser Benjy, que amava loucamente a irmã, porém jamais seria capaz de tomar parte em uma conversa inteligente?

Nicole virou-se e revirou-se durante horas. Na verdade, nenhuma das opções a agradava, e compreendia bem a fonte de sua inquietação. De qualquer modo, ela seria obrigada a ainda uma vez separar-se, e provavelmente para sempre, de pelo menos alguns membros da família que ela amava. Deitada em sua cama no meio da noite, fantasmas e sofrimentos de separações anteriores tornaram a assombrá-la. O coração de Nicole doía quando imaginava a separação que teria lugar nos próximos meses. Imagens de sua mãe, seu pai e Geneviève feriam-lhe as fibras do coração. Talvez a vida seja só isso, pensou ela em sua depressão temporária. Uma fila sem fim de separações dolorosas.

# 4

"Mamãe, papai, acordem. Eu quero falar com vocês."

Nicole estivera sonhando, caminhando pelo bosque atrás da villa da família em Beauvois. Era primavera e as flores estavam deslumbrantes. Passaramse alguns segundos antes que ela tomasse consciência de que Simone estava sentada em sua cama.

Richard esticou-se e beijou a filha na testa. "O que foi, querida?", perguntou ele.

"Tio Michael e eu estávamos fazendo nossas orações matinais e pude ver que ele estava muito preocupado." Os olhos serenos de Simone moviam-se lentamente, indo e vindo entre o pai e a mãe. "Ele me contou tudo a respeito de sua conversa de ontem com a Águia."

Nicole sentou-se rapidamente e Simone continuou. "Tive mais ou menos uma hora para pensar cuidadosamente em tudo. Sei que sou apenas uma menina de treze anos, mas creio ter uma solução para toda essa história da indicação que deixará toda a família satisfeita."

"Simone, minha querida", respondeu Nicole, estendendo os braços para a filha, "não é sua a responsabilidade de resolver…"

"Não, mamãe", interrompeu Simone com delicadeza, "por favor escutemme até o fim. Minha solução envolve algo que nenhum de vocês adultos jamais sequer leva em consideração. Só poderia partir de mim. E é obviamente o melhor plano para todos os envolvidos".

A testa de Richard a essa altura já estava franzida. "Do que é que você está falando?"

Simone respirou fundo. "Quero ficar no Nodo com o tio Michael. Eu serei mulher dele e nós seremos o "par reprodutor" da Águia. Ninguém mais precisa ficar, porém Michael e eu ficaríamos muito contentes se Benjy ficar conosco, também…"

"O quê?" gritou Richard, estupefato. "Seu tio Michael tem setenta e dois anos! Você ainda nem fez catorze. É um desatino, é ridículo…" Repentinamente, ele ficou em silêncio.

Aquela adolescente tão madura que era sua filha sorriu. "Desatino maior do que o da Águia?" replicou ela. "Mais ridículo do que o fato de nós termos viajado oito anos-luz da Terra para encontrarmos um gigantesco triângulo inteligente que agora resolveu mandar alguns de nós de volta na direção oposta?"

Nicole encarou Simone com respeito e admiração. Não disse nada, mas esticou os braços e deu um grande abraço na filha, com os olhos rasos de lágrimas.

"Está tudo bem, mamãe", disse Simone depois que o abraço acabou. "Logo que vocês se refizerem do choque inicial, vão compreender que o que eu estou sugerindo é de longe a melhor

solução. Se você e Papai fizerem a viagem de volta juntos — como creio que devem — então ou Katie ou Ellie ou eu teremos de ficar aqui para um acasalamento com Patrick, ou Benjy, ou tio Michael. A única combinação que é geneticamente sólida seria entre Katie ou eu e o tio Michael.

Eu já examinei todas as possibilidades. Michael e eu somos muito unidos. Temos a mesma religião. Se ficarmos aqui e nos casarmos, então cada uma das outras crianças fica livre para escolher. Podem ficar aqui conosco ou voltar ao sistema solar com você e papai."

Simone pousou a mão no braço do pai. "Papai, eu sei que sob muitos aspectos isto tudo será mais difícil para você do que para mamãe. Eu ainda não mencionei minha idéia ao tio Michael. Ele por certo não a sugeriu. Se você e mamãe não me derem seu apoio, então o plano não pode funcionar. Já vai ser suficientemente difícil para Michael aceitar esse casamento, mesmo que vocês não façam objeções."

Richard sacudiu a cabeça. "Você é espantosa, Simone." Ele a abraçou e beijou. "Por favor, deixe-nos pensar um pouco sobre o assunto. Prometa não dizer uma palavra mais sobre isso enquanto sua mãe e eu não tivermos a oportunidade de conversar."

"Prometo", disse Simone. "Muito obrigada a vocês dois. Eu amo vocês", acrescentou ela junto à porta do quarto.

Ela se virou e caminhou pelo hall iluminado. Seus longos cabelos negros quase lhe alcançavam a cintura. Você se tornou uma mulher, pensou Nicole, observando o gracioso andar de Simone. E não apenas fisicamente. Você tem uma maturidade muito além de sua idade. Nicole ficou imaginando Simone e Michael como marido e mulher e ficou surpresa por a idéia não parecer merecer objeções.

Pensando bem, disse Nicole para si mesma, ao lhe ocorrer que depois dos protestos iniciais Michael O'Toole ficaria muito feliz, a sua idéia talvez seja a menos insatisfatória de todas as possíveis escolhas em uma situação difícil.r Simone não se desviou de sua intenção nem mesmo quando Michael fez violentas objeções ao que ele resolveu chamar o "martírio a que ela se propunha".

Ela explicou a ele, pacientemente, que seu casamento com ele era o único possível já que ele e Katie eram, na avaliação de todos, personalidades incompatíveis, e, fosse como fosse, Katie ainda era uma menina, um ano ou dezoito meses distante da maturidade sexual. Será que ele preferiria que ela se casasse com um de seus meio-irmãos, praticando incesto? Ele respondeu que não.

Michael concordou quando viu que não havia outras escolhas viáveis, e que nem Richard e nem Nicole levantaram maiores objeções ao casamento.

Richard, é claro, formulou sua aprovação com a frase "nestas

circunstâncias nada usuais", porém Michael percebeu que o pai de Simone havia ao menos em parte aceito a idéia de sua filha de treze anos casar-se com um homem velho o bastante para ser seu avô.

Em uma semana tudo estava decidido, com a conivência das crianças, com Katie, Patrick e Ellie indo fazer a viagem de retorno em Rama com Richard e Nicole. Patrick estava relutante em deixar seu pai, porém Michael O'Toole com muita elegância concordou que seu filho de seis anos provavelmente teria uma vida "mais interessante e gratificante" se ficasse com o resto da família. Restava apenas Benjy. O adorável menino, com oito anos cronológicos mas mentalmente com idade equivalente a três anos, foi informado de que ele seria muito bemvindo tanto em Rama quanto no Nodo. Ele mal compreendia o que estava para acontecer com sua família, e por certo não estava preparado para fazer opção tão momentosa. A decisão o assustava e confundia; começou a mostrar-se aflito e caiu em profunda depressão. Como resultado, a família adiou as discussões sobre o futuro de Benjy para momento não definido, no futuro.

"Nós estaremos ausentes por um dia e meio, talvez dois", disse a Águia a Michael e às crianças. "Rama está sendo recondicionada em uma instalação a cerca de dez mil quilômetros daqui."

"Mas eu também quero ir", disse a petulante Katie. "Eu também tenho algumas boas idéias para o módulo da Terra."

"Nós a envolveremos em fases mais adiantadas do processo", garantiu Richard a Katie. "Teremos um centro de desenho bem aqui junto a nós, na sala de conferências."

Eventualmente Richard e Nicole completaram suas despedidas e juntaram-se à Águia no saguão. Vestiram seus trajes especiais e cruzaram para a área comunitária do setor. Nicole podia ver que Richard estava excita"do. "Você adora aventuras, não é, querido?", disse ela.

Ele fez que sim. "Creio que foi Goethe quem disse que tudo o que o ser humano deseja pode ser dividido em quatro componentes — amor, aventura, poder e fama. Nossas personalidades são formadas por quanto de cada componente nós buscamos. Para mim, a aventura sempre foi o numero uno."

Nicole estava contemplativa quando eles entraram em um carro que os aguardava, junto à Águia. A capota fechou-se sobre eles e novamente não puderam ver nada durante a viagem até o centro de transporte. A aventura também é muito importante para mim, pensou Nicole, e quando era menina a fama era meu objetivo principal. Sorriu para si mesma. Mas agora é definitivamente o amor… Nós seríamos muito cacetes se não mudássemos nunca.

Eles viajaram em um veículo idêntico ao que primeiro os havia trazido para o Nodo. A Águia sentou-se na frente, Richard e Nicole atrás. A vista que ficava para trás deles, dos módulos esféricos, os corredores de transporte e todo o triângulo iluminado era absolutamente sensacional.

Iam na direção de Sirius, o elemento dominante no espaço que circundava o Nodo. A grande e jovem estrela branca brilhava à distância, aparentando grosso modo o mesmo tamanho que teria seu sol natal visto do cinturão de asteróides.

"Como escolheram este local para o Nodo?", indagou Richard à Águia depois que já estavam viajando havia mais ou menos uma hora. "O que quer dizer com isso?", replicou ele.

"Por que aqui, no sistema de Sirius, ao invés de em qualquer outro lugar?"

A Águia riu-se. "Esta localização é apenas temporária", disse o homempássaro. "Mudaremos de lugar tão logo Rama parta."

Richard ficou perplexo. "Está dizendo que todo o Nodo se move?" Ele se virou e olhou para trás, para o triângulo cujo fraco brilho ainda aparecia na distância. "Onde é o sistema de propulsão?"

"Há pequenas unidades de propulsão em cada um dos módulos, porém só são usadas em emergências. O transporte entre lugares de fixação temporária é realizado pelo que vocês chamariam de rebocadores — eles se afixam a pontos de atração nos lados das esferas e fornecem virtualmente toda a mudança de velocidade da trajetória."

Nicole pensou em Michael e Simone e ficou preocupada. "Para onde irá o Nodo?", perguntou.

"Provavelmente ainda não foi especificado com exatidão", respondeu vagamente a Águia. "É sempre uma função estocástica, de qualquer modo dependendo de como se estão desenvolvendo as várias atividades." Após um breve silêncio, continuou: "Quando nosso trabalho em um local determinado acaba, todo o conjunto — Nodo, Hangar e Estação Intermediária — é removido para outra região de interesse."

Richard e Nicole encararam-se em silêncio, no assento de trás. Tinham dificuldade em apreender a magnitude do que a Águia lhes dizia. O Nodo inteiro removido! Era demais para se acreditar. Richard resolveu mudar de assunto.

"Qual é a sua definição de espécies viajantes espaciais?", perguntou ele à Águia.

"Alguém que se aventurou, ou em si ou por meio de emissários robóticos, para além da atmosfera sensível de seu planeta natal. Se esse planeta de origem não tiver atmosfera, ou se a espécie não tem um planeta de origem específico, a definição torna-se mais

complicada.”

“Quer dizer que há criaturas inteligentes que evoluíram no vácuo? Como pode ser possível?” “Você é um chauvinista atmosférico”, retrucou a Águia. “Como todas as criaturas, você limita os modos pelos quais a vida se possa expressar a meios ambientes semelhantes ao seu.”

“Quantas dessas espécies viajantes existem em nossa galáxia?”, indagou Richard daí a algum tempo.

“Esse é um dos objetivos de nosso projeto — responder essa pergunta com precisão. Lembre-se de que há mais de cem bilhões de estrelas na Via Láctea.

Pouco mais de um quarto delas têm sistemas planetários à sua volta. Se apenas uma em cada milhão de estrelas com planetas fosse o lar de uma espécie de viajantes espaciais, já haveria 25 mil espécies só em nossa galáxia.”

A Águia virou-se e olhou para Richard e Nicole. “O número estimado de viajantes espaciais em nossa galáxia, bem como a densidade de viajantes em cada zona específica, é informação de Terceiro Nível. Mas posso dizer-lhes uma coisa. Há zonas de Densidade de Vida na galáxia onde a média do número de viajantes espaciais é mais alta do que um por cada mil estrelas.”

Richard assobiou. “São dados avassaladores”, disse ele a Nicole, muito excitado. “Significam que o milagre evolucionário local que nos produziu é um paradigma comum no universo. Somos únicos, sem dúvida, pois em nenhum outro lugar o processo que nos produziu poderá ter sido duplicado com exatidão.

Mas a característica verdadeiramente específica de nossa espécie, ou seja, a nossa capacidade para moldar nosso mundo e compreender tanto a ele quanto o lugar a que pertencemos no esquema geral das coisas, é uma capacidade que deve ser atributo de milhares de criaturas! Pois sem tal habilidade elas não poderiam ter-se transformado em viajantes espaciais.”

Nicole estava assombrada. Relembrou momento semelhante, anos antes, quando estivera com Richard na sala das fotografias na toca das octoaranhas em Rama, quando lutara por apreender a imensidão do universo em termos de conteúdo total de informação. Pois agora compreendia novamente que todo o conjunto de conhecimento dominado pela humanidade, tudo o que qualquer membro da espécie humana jamais aprendera ou vivenciara, não era mais do que mero grão de areia em uma grande praia que representasse tudo o que jamais fora sabido por todas as criaturas sensíveis do universo.

# 5

Seu veículo parou a várias centenas de quilômetros do Hangar. A unidade tinha forma estranha, completamente plana embaixo mas com lados e cobertura arredondados. As três fábricas no Hangar — uma em cada extremidade e outra no meio — pareciam pelo lado de fora cúpulas geodésicas. Erguiam-se sessenta ou setenta quilômetros acima da base da estrutura. Entre essas fábricas a cobertura era muito mais baixa, só uns oito ou dez quilômetros acima da base plana, de modo que a aparência geral do alto do Hangar era como o que se poderia esperar do dorso de um camelo de três corcovas, se uma tal criatura houvesse existido.

A Águia, Nicole e Richard pararam para observar um veículo do tipo estrela-do-mar que, segundo a Águia, já fora recondicionado e estava agora pronto para sua próxima viagem. A estrela-do-mar saíra da corcova esquerda e o veículo, pequeno em comparação com o Hangar ou Rama mas mesmo assim com dez quilômetros do centro até a ponta de cada raio, começara a girar tão logo ficara livre do Hangar. Enquanto o metrô ficava "estacionado" a uns quinze quilômetros de distância, a estrela-do-mar aumentou sua média de rotações para dez revoluções por minuto. Tão logo o nível de giros se estabilizou, a estrela-domar partiu célere para a esquerda dos observadores.

"O que deixa apenas Rama, desse conjunto", disse a Águia. "A roda gigantesca que era a primeira de sua fila na Estação Intermediária partiu há quatro meses. Só necessitava reparos mínimos."

Richard queria fazer uma pergunta mas controlou-se. Já notara durante o vôo desde o Nodo que a Águia apresentava voluntariamente quase todas as informações que tinha permissão para compartilhar. "Rama tem sido um desafio e tanto", continuou a Águia. "E ainda não temos certeza sobre quando a terminaremos."

O metrô aproximou-se da cúpula direita do Hangar e apareceram luzes no ponto das cinco horas, tomando a cúpula como um mostrador. Examinando mais detalhadamente, Richard e Nicole perceberam que algumas pequenas portas haviam sido abertas. "Vão precisar de seus trajes", disse a Águia. "Seria um feito monumental de engenharia conseguir desenhar esse local imenso com meio ambiente variável."

Nicole e Richard vestiram-se enquanto o metrô atracava em ancoradouro muito semelhante ao do centro de transportes. "Estão me ouvindo?", disse a Águia, testando o sistema de comunicação.

"Muito bem, câmbio", respondeu Richard de dentro de seu capacete. Ele e Nicole olharam-se e riram, lembrando-se de seus dias

como cosmonautas da missão Newton.

A Águia conduziu-os ao longo de um corredor comprido e largo. No final dobraram à direita e entraram em um grande balcão uns dez quilômetros acima de um piso de fábrica maior do que qualquer um pudesse imaginar. Nicole sentiu seus joelhos tremerem quando olhou aquele abismo gigantesco. Apesar da imponderabilidade, ondas de vertigem correram tanto por Richard quanto por Nicole. Ambos viraram-se para longe da visão ao mesmo tempo, focalizando seus olhares um no outro, enquanto tentavam apreender o que acabavam de ver.

"Uma vista e tanto", comentou a Águia.

Como descrição insatisfatória é um colosso, pensou Nicole. Muito lentamente ela tornou a baixar os olhos para aquele espetáculo assombroso.

Desta vez, agarrou o balaústre com ambas as mãos, a fim de conseguir manter seu equilíbrio.

A fábrica abaixo deles continha todo o Hemicilindro Norte de Rama, do porto onde haviam atracado a Newton e entrado até o final da Planície Central e as margens do Mar Cilíndrico. Não havia mar, nem cidade de Nova York, mas havia naquela fábrica encapsulada quase a mesma área de todo o estado americano de Rhode Island.

A cratera e a abóbada da extremidade norte de Rama continuavam intactas, inclusive sua proteção exterior. Esses segmentos de Rama estavam depositados à direita de Richard, Nicole e a Águia, quase que atrás deles em relação à plataforma de onde olhavam. Montados no balaústre havia uma dúzia de telescópios, cada um com uma resolução diferente, através dos quais os três podiam ver as conhecidas escadas e escadarias, lembrando três varas de um guarda-chuva, com os 30 mil degraus necessários para se descer até a Planície Central de Rama (ou para subir de volta dela).

O resto do Hemicilindro Norte estava desmontado e espalhado em pedaços, não diretamente ligados à abóboda ou uns aos outros, porém mesmo assim colocados com os setores adjacentes em seu alinhamento correto. Cada pedaço tinha mais ou menos oito quilômetros quadrados e suas bordas ficavam consideravelmente acima do nível do chão, em função da curvatura.

"Fica mais fácil fazer o trabalho inicial com essa disposição", explicou a Águia. "Uma vez fechado o cilindro, fica mais difícil entrar e sair com todo o equipamento."

Pelos telescópios, Richard e Nicole podiam ver que duas áreas diferentes da Planície Central pululavam de atividade. Não dava nem para começar a contar o número de robôs indo de um lado para o outro do chão da fábrica ali abaixo deles. Nem lhes era possível determinar exatamente o que estava sendo feito, em muitos casos. Era

engenharia em escala jamais sequer sonhada por seres humanos.

"Trouxe-os aqui primeiro para que tivessem uma visão geral", disse a Águia. "Mais tarde, desceremos para a fábrica e vocês poderão ver mais detalhes."

Richard e Nicole olharam para ele, atônitos. Rindo-se, o homem-águia continuou. "Se observarem com cuidado, verão que duas vastas regiões da Planície Central, uma perto do Mar Cilíndrico e outra cobrindo uma área que quase atinge a ponta das escadas, foram completamente esvaziadas. É onde se trabalha na reconstrução. Entre essas duas áreas, Rama tem exatamente o mesmo aspecto que tinha quando vocês a deixaram. Temos uma diretiva geral de engenharia aqui — só alteramos as regiões que serão usadas na missão seguinte."

Richard animou-se. "Está dizendo que essa espaçonave é usada repetidamente? E que para cada missão só são feitas as alterações necessárias?"

A Águia concordou.

"Então aquele conglomerado de arranha-céus que chamamos de Nova York poderia ter sido construído para uma missão muito anterior e simplesmente deixado ali porque nenhuma alteração foi exigida?"

A Águia não disse nada em resposta à indagação retórica de Richard, e apontou para a área ao norte da Planície Central. "Aquele é que será seu hábitat, ali. Acabamos de terminar a infra-estrutura, o que vocês chamariam de 'instalações básicas', inclusive água, energia, esgoto e controle ambiental da camada superior. Há bastante margem para flexibilidade de desenho no resto do processo. É por isso que os trouxemos aqui."

"O que é aquele edifício coberto com uma abóbada ao sul da área que foi esvaziada?", perguntou Richard, ainda aparvalhado com a idéia de que Nova York poderia ter sido uma espécie de sobra, de resto de alguma missão mais antiga de Rama.

"Aquele é o centro de controle", respondeu a Águia. "O equipamento que administra seu hábitat será colocado ali. Normalmente o centro de controle é oculto abaixo da área em que se vive, na carapaça de Rama, mas em seu caso os desenhistas resolveram colocá-lo na Planície."

"O que é aquela grande região do lado de lá?", disse Nicole, apontando para a área vazia logo ao norte de onde o Mar Cilíndrico estaria localizado se Rama houvesse sido completamente remontada.

"Não tenho permissão para dizer-lhe para o que serve", respondeu a Águia. "Na verdade, estou surpreso de sequer ter tido permissão para mostrarlhes que existe. Na verdade, nossos viajantes de retorno ignoram totalmente o que seu veículo contém fora de seu próprio habitat. O plano oficial, é claro, determina que cada espécie fique dentro de seu próprio módulo."

“Olhe só aquela elevação ou morro no centro”, disse Nicole a Richard, levando sua atenção para a outra região. “Deve ter quase dois quilômetros de altura.”

“E tem o feitio de uma rosca com buraco no meio. Quero dizer, o centro foi cavado.”

Podiam ver que as paredes externas do que bem poderia ser um segundo hábitat já estavam bem adiantadas. Nenhuma parte de seu interior seria visível do chão da fábrica.

“Você pode nos dar ao menos uma pista sobre o que ou quem vai morar ali?”, perguntou Nicole.

“Vamos embora”, disse a Águia com firmeza. “Está na hora de nós descermos.”

Richard e Nicole largaram os telescópios, deram uma rápida espiada sobre o plano geral de seu próprio hábitat (que não estava nem de longe tão adiantado quanto o outro) e seguiram a Águia pelo corredor. Após uma caminhada de uns cinco minutos, eles chegaram ao que a Águia lhes disse ser um elevador.

“Vocês têm de se prender muito bem nos assentos”, disse-lhes seu guia, “porque a viagem é rápida.”

A aceleração de sua bizarra cápsula oval era forte e instantânea. Menos de dois minutos mais tarde, a desaceleração foi igualmente abrupta. Tinham chegado ao piso da fábrica. “Essa coisa viaja a trezentos quilômetros por hora?”, perguntou Richard, após alguns rápidos cálculos mentais.

“A não ser que esteja com pressa”, respondeu a Águia.

Richard e Nicole seguiram o homem-pássaro até pisar na fábrica propriamente dita. Era imensa. Sob certos aspectos era mais assombrosa do que a própria Rama, porque metade da gigantesca espaçonave estava espalhada pelo chão à sua volta. Ambos lembravam-se da avassaladora sensação que tiveram viajando em seus elevadores de cadeiras em Rama, ao olhar para o Mar Cilíndrico e para os misteriosos chifres na Abóbada Sul. Voltaram-lhes aquelas mesmas sensações de reverência e temor, até mesmo ampliadas quando Richard e Nicole olharam para a atividade que tinha lugar em torno e acima deles na fábrica.

O elevador os depositara ao nível do chão perto de um dos segmentos de seu habitat. A carapaça de Rama estava defronte deles. Verificaram sua espessura quando cruzaram a saída do elevador. “Cerca de duzentos metros de espessura”, notou Richard para Nicole, respondendo uma pergunta que se faziam desde os primeiros dias em Rama. “O que ficará debaixo de nosso hábitat, na carapaça?”, indagou Nicole.

A Águia levantou três de seus quatro dedos, indicando que estavam fazendo perguntas de Terceiro Nível de informação. Ambos os

humanos riram.

"Você vai viajar conosco?", perguntou Nicole à Águia, uns momentos mais tarde.

"De volta ao seu sistema solar?… Não, não posso", respondeu ela. "Mas confesso que seria interessante."

A Águia conduziu-os a uma área de intensa atividade. Várias dúzias de robôs estavam trabalhando em uma grande estrutura cilíndrica, de cerca de sessenta metros de altura. "Essa é a principal oficina de reciclagem de fluidos", disse a Águia. "Todos os líquidos que vão para ralos ou esgotos em seu habitat eventualmente vão parar aqui. Água purificada é mandada de volta à colônia por canos, enquanto os outros elementos químicos são retidos para outros usos possíveis. A unidade será selada e impregnável. Usa tecnologia muito além de seu nível de desenvolvimento."

A Águia levou-os ao topo de uma escada, por onde entraram no habitat propriamente dito, e os conduziu por um tour detalhadíssimo. Em cada setor a Águia mostrava-lhes as características principais daquela área em particular e depois, sem interrupção, pedia a um robô que os transportasse até o próximo setor adjacente.

"O que, exatamente, você quer que nós façamos aqui?", indagou Nicole, ao fim de várias horas, quando a Águia se preparava para levá-los a mais outra parte de seu futuro lar.

"Nada de específico", respondeu. "Esta será sua única visita a Rama.

Queríamos que sentissem um pouco o tamanho da área em que vão viver, no caso de considerarem isso conveniente para o processo do desenho. Temos uma maquete em escala de um vinte avos por cento no Módulo de Habitação — todo o resto de nosso trabalho será realizado lá." E, olhando para Nicole e Richard, continuou: "Podemos partir quando quiserem."

Nicole sentou-se em uma caixa metálica cinzenta e olhou à sua volta. Só o número e a variedade de robôs eram o suficiente para deixá-la tonta. Sentira-se assombrada desde o momento em que entraram no balcão sobre a fábrica e agora sentia-se completamente anestesiada. Estendeu uma mão para Richard.

"Sei que deveria estudar o que estou vendo, querido, mas nada mais faz sentido. Estou completamente saturada."

"Eu também", confessou Richard. "Jamais pensaria que fosse possível haver alguma coisa mais espantosa e assombrosa do que Rama, porém não há dúvida de que esta fábrica o é."

"Já tentou imaginar, desde que chegamos aqui", disse Nicole, "o que deve ser a fábrica que construiu isto aqui? Melhor ainda, imagine como seria a linha de montagem para construir o Nodo."

Richard riu-se. "Podemos continuar essa linha de comentários até

uma regressão infinita. Se o Nodo for realmente uma fábrica, como parece ser, pertence por certo a um nível de máquina muito mais alto do que o de Rama.

Rama foi provavelmente desenhada aqui. E é controlada, tenho o palpite, pelo Nodo. Mas o que criou e controla o Nodo? Teria sido uma criatura como nós, resultante de uma evolução biológica? E será que ainda existe, em qualquer sentido que nós possamos compreender, ou terá se transformado em alguma outra espécie de entidade, contentando-se em deixar sua influência ser sentida pela existência dessas espantosas máquinas que criou?"

Richard sentou-se ao lado da mulher. "É demais até para mim. Acho que eu também me saturei… Vamos voltar para as crianças."

Nicole inclinou-se e tocou-o. "Você é um homem muito esperto, Richard Wakefield. E fique sabendo que essa é uma das razões pelas quais o amo."

Um grande robô parecendo uma empilhadeira veio pesadamente até perto deles, carregando umas chapas de metal enroladas. Richard ainda uma vez sacudiu a cabeça deslumbrado. "Obrigado, querida", disse ele após uma pausa.

"E você sabe que eu também a amo."

Levantaram-se juntos e fizeram um sinal à Águia, para avisar que estavam prontos para ir embora.

Na noite seguinte, de volta a seu apartamento no Módulo de Habitação, tanto Richard quanto Nicole continuaram acordados trinta minutos depois de fazerem amor. "O que foi, querido?", perguntou Nicole. "Há alguma coisa errada?"

"Tive uma nova crise de ausência hoje. Durou quase três horas", disse Richard.

"Nossa", disse Nicole, sentando-se na cama. "Mas está bem agora? Quer que eu busque o escandidor, para ver se consigo esclarecer alguma coisa pela sua biometria?"

"Não", respondeu Richard, sacudindo a cabeça. "Minhas ausências jamais registram nada em suas máquinas. Mas esta realmente me perturbou.

Compreendi o quanto fico incapacitado durante as mesmas. Mal consigo continuar funcionando, menos ainda poderia ajudar você ou as crianças em qualquer tipo de crise. Elas me assustam."

"Lembra-se do que precipitou esta?"

"De jeito nenhum. É como sempre. Estava pensando em nossa viagem ao Hangar, e particularmente sobre aquele outro habitat. Sem querer, comecei a lembrar-me de algumas poucas cenas desconexas de minha odisséia e, de repente, era tudo neblina. Não tenho a certeza de que pudesse tê-la reconhecido, nos primeiros cinco minutos."

"Sinto muito, querido", disse Nicole.

“É quase como se alguém estivesse monitorando meus pensamentos. E quando atinjo certa parte de minha memória, bam! alguém me dá alguma espécie de aviso.”

Richard e Nicole ficaram em silêncio por quase um minuto.

“Quando fecho os olhos”, disse Nicole, “ainda vejo todos aqueles robôs correndo de um lado para outro dentro de Rama.”

“Eu também.”

“E no entanto tenho grande dificuldade em acreditar que aquilo foi uma cena real e não alguma coisa que tenha sonhado ou visto no cinema”, sorriu Nicole. “Temos vivido uma vida absolutamente inacreditável nestes últimos quatorze anos, não temos?”

“Se temos”, disse Richard, virando-se para um lado, para sua posição normal de adormecer. “E quem sabe? A parte mais interessante ainda pode estar por vir.”

# 6

O modelo holográfico do Novo Éden foi projetado no centro da grande sala de conferência na escala 1/2000. Dentro de Rama, o habitat terreno efetivo ocuparia uma área de 160 quilômetros quadrados na Planície Central, começando bem em frente à base da longa escadaria norte. Seu volume fechado teria vinte quilômetros de comprimento na direção em torno do cilindro, oito quilômetros de largura na direção paralela ao eixo de giro do cilindro, e oito quilômetros de altura do piso da colônia até seu imponente teto.

A maquete do Novo Éden no Módulo de Habitação, no entanto, que a Águia, Richard e Nicole usavam para seus trabalhos de desenho, era de tamanho mais manipulável. Cabia com facilidade em um único cômodo grande, e as projeções holográficas facilitavam o caminhar dos desenhistas entre as várias estruturas. As mudanças eram feitas com o uso de sub-rotinas de desenho ajudadas por computadores que funcionavam por comandos da voz da Águia.

"Tornamos a mudar de idéia", disse Nicole, começando sua terceira maratona de discussão de desenho com a Águia, fazendo um círculo com sua "lanterna" negra em torno de uma concentração de edifícios no centro da colônia.

"Julgamos agora que é má idéia ter tudo em um lugar só, com gente se amontoando uns em cima dos outros. Richard e eu pensamos que faria mais sentido se as áreas de estar e as lojas de pequenos negócios formassem quatro aldeias separadas nos cantos do retângulo. Só os edifícios utilizados por todos os habitantes da colônia é que ficariam no complexo central."

"É claro que nosso conceito altera completamente o fluxo de transporte que você e eu discutimos ontem", acrescentou Richard, "bem como as disposições coordenadas específicas para os parques, a floresta de Sherwood, o Lago Shakespeare e o Monte Olimpo. Porém, todos os elementos originais ainda podem ser acomodados em nosso atual desenho para o Novo Éden — veja aqui, dê uma olhada neste esboço e poderá ver para onde mudamos tudo."

A Águia pareceu fazer uma careta ao olhar para seus auxiliares humanos.

Após um segundo, ela olhou para o mapa no caderno de notas eletrônico de Richard. "Espero que essa seja a última das alterações de grande porte", comentou ela. "Não vamos fazer muito progresso se cada vez que nos reunirmos tivermos, em essência, de recomeçar a desenhar tudo."

"Sentimos muito", disse Nicole. "Mas levamos algum tempo para apreender a magnitude de nossa tarefa. Agora compreendemos que

estamos desenhando uma situação de vida a longo prazo para até dois mil seres humanos — se forem necessários vários enunciados para chegar à forma correta, teremos de gastar o tempo necessário.” “Já vi que aumentaram de novo o número de grandes estruturas no complexo central”, disse a Águia. “Qual é o objetivo desse edifício atrás da biblioteca e do auditório?”

“É um edifício de esportes e recreação”, respondeu Nicole. “Terá uma pista de atletismo, um campo de beisebol, um campo de futebol, quadras de tênis, um ginásio e uma piscina — mais lugares suficientes para que, em cada área, quase todos os cidadãos possam sentar-se. Richard e eu imaginamos que atividades atléticas terão muita importância no Novo Éden, particularmente já que tantas das tarefas rotineiras serão desempenhadas por biomas.”

“Vocês ampliaram também o tamanho do hospital e das escolas…”

“Fomos muito conservadores em nossas primeiras distribuições de espaço”, interrompeu Richard. “Não deixamos áreas suficientes de piso sem designação, que abrigarão ocupações que por enquanto não podemos especificar.”

As duas primeiras reuniões de desenho duraram dez horas cada. Tanto Richard quanto Nicole espantaram-se a princípio com a velocidade com a qual a Águia era capaz de integrar seus comentários em recomendações de desenho específicas. Na altura da terceira reunião já não se espantavam mais com a velocidade e a precisão das sínteses que ela fazia. Mas o alienígena bioma continuava a surpreendê-los regularmente, por demonstrar agudo interesse em alguns dos detalhes culturais. Por exemplo, interrogou-os longamente a respeito do nome que os humanos deram à sua nova colônia. Depois de Nicole haver explicado que era essencial que o habitat tivesse algum nome específico, a Águia indagou do significado e importância de “Novo Éden”.

“Toda a família discutiu o nome do habitat quase que um dia inteiro”, explicou Richard, “e houve muitas sugestões boas, principalmente derivadas da história e literatura de nossa espécie. Utopia era um bom nome. Arcádia, Elíseo, Paraíso, Concórdia e Beauvois foram seriamente considerados. Mas no fim julgamos que Novo Éden seria a melhor escolha.”

“Compreenda”, acrescentou Nicole, “que o Éden mitológico foi um princípio, o início do que poderíamos chamar nossa cultura ocidental moderna.

Tratava-se de um paraíso verde luxuriante, supostamente concebido especialmente para seres humanos por um Deus todo-poderoso que também criara tudo o mais no universo. Aquele primeiro Éden era rico em formas de vida, mas privado de tecnologia.

"O Novo Éden também é um começo, porém, sob todos os outros aspectos, será o oposto do jardim antigo. O Novo Éden é um milagre tecnológico sem qualquer forma de vida, ao menos no início, a não ser uns poucos seres humanos."

Uma vez que a disposição geral da colônia ficou pronta, restavam ainda centenas de detalhes a serem resolvidos. Katie e Patrick receberam a tarefa de desenhar parques vicinais para cada uma das quatro aldeias. Mesmo que nenhum dos dois jamais houvesse visto uma folha de grama verdadeira, uma flor de verdade ou uma árvore alta, tinham visto muitos filmes e muitíssimas fotografias. Acabaram com quatro desenhos diferentes para os cinco acres de terreno aberto, jardins comunitários e passeios tranqüilos em cada aldeia.

"Mas onde arranjaremos a grama? E as flores?", perguntou Katie à Águia. "Serão trazidas pela gente da Terra", respondeu a Águia. "E como eles saberão o que trazer?" "Nós lhes diremos."

Foi Katie também quem reparou que o desenho do Novo Éden omitira um elemento chave, que desempenhava papel preponderante nas histórias que sua mãe lhe contava antes de dormir, quando ela era pequena. "Eu nunca vi um zôo; poderíamos ter um no Novo Éden?"

A Águia alterou o plano geral durante a sessão seguinte de desenho, a fim de incluir um pequeno zôo perto da Floresta de Sherwood.

Richard trabalhou com a Águia na maioria dos detalhes tecnológicos para o Novo Éden. A área de especialidade de Nicole era a da ambientação para a vida cotidiana. A Águia sugerira inicialmente uma espécie de casa com um conjunto padronizado de mobiliário para todas as residências na colônia. Nicole deu uma gargalhada. "Você por certo ainda não aprendeu muita coisa a respeito de nós como espécie", disse ela. "Os seres humanos precisam de variedade. De outro modo, ficam entediados. Se fizermos todas as casas iguais, essas pessoas irão começar a mudá-las imediatamente."

Por ter apenas tempo limitado (os pedidos de informação da Águia estavam mantendo Richard e Nicole no trabalho de dez a doze horas por dia — mas por sorte Michael e Simone ficavam muito contentes em tomar conta das crianças), Nicole optou por oito planos básicos para residências e quatro arranjos modulares de mobília. Ao todo, então, haveria 32 configurações diferentes de ambientes de vida. Variando o desenho externo das edificações em cada uma das quatro aldeias (detalhes esses que Nicole encontrara com Richard, após algumas contribuições importantes do historiador da arte Michael O'Toole), Nicole finalmente alcançou seu objetivo de criar um desenho geral para a vida cotidiana que não era nem uniforme e nem estéril.

Richard e a Águia concordaram quanto aos sistemas de transporte

e comunicação no Novo Éden, tanto internos quanto exteriores, em poucas horas.

Tiveram mais dificuldades com o controle geral do meio ambiente e o desenho dos biomas. A concepção original da Águia, na qual era baseada a infra-estrutura de suporte do Novo Éden, pressupunha doze horas de luz e doze de escuridão todos os dias. Períodos de sol, nuvens e chuva seriam regulares e previsíveis. Não haveria praticamente nenhuma variação de temperatura como função de tempo e espaço.

Quando Richard pediu mudanças sazonais na duração do dia e maior variedade em todos os parâmetros climáticos, a Águia salientou que concordar com tais "variações significativas" no vastíssimo volume de ar do hábitat implicaria o uso de "recursos críticos de computação" muito maiores do que os originalmente alocados durante o desenho da infra-estrutura. A Águia indicou também que os principais algoritmos de controle teriam de ser reestruturados e retestados, com resultante adiamento da data da partida. Nicole apoiou Richard na questão do tempo e das estações, explicando à Águia que um comportamento humano verdadeiro "que aparentemente você e a Inteligência Nodal desejam observar" dependia definitivamente desses fatores.

Um acordo de meio termo foi alcançado. A duração do dia e da noite ao longo do ano duplicaria a de um local a 30° de latitude na Terra. O clima no Novo Éden teria condições de evoluir naturalmente dentro de limites específicos, com o controlador principal agindo apenas quando as condições atingissem os limites da "caixa do desenho". Assim, temperatura, vento e precipitação poderiam flutuar dentro de certos limites de tolerância. A Águia permaneceu inabalável, no entanto, a respeito de dois itens. Não poderia haver nem raios e nem gelo. Se alguma dessas duas condições (ambas as quais introduziriam "novas complexidades" em seu modelo de computação) se tornasse iminente, mesmo que todos os outros parâmetros ainda continuassem dentro dos desenhos da caixa, o sistema de controle assumiria o comando automaticamente para regularizar o tempo.

Fora intenção inicial da Águia manter o mesmo tipo de biomas usados nas duas primeiras naves Rama. Tanto Richard quanto Nicole salientaram, no entanto, que os biomas ramaianos, em particular os que se assemelhavam a centopéias, louva-a-deuses, caranguejos e aranhas, não eram absolutamente apropriados.

"Os cosmonautas que pisaram nas duas naves Rama", explicou Nicole, "não seriam considerados seres humanos médios. Longe disso, na verdade.

Éramos treinados especialmente para enfrentar máquinas sofisticadas — e até alguns de nós ficamos assustados com alguns de seus biomas. Os humanos mais comuns que provavelmente irão

formar a massa dos habitantes do Novo Éden não se sentirão nada à vontade com essas engenhocas mecânicas esquisitas a correr por todo o seu mundo."

Após várias horas de discussão a Águia concordou em redesenhar o pessoal bioma de manutenção. Por exemplo, o lixo seria coletado por robôs que se pareceriam com um típico caminhão de lixo na Terra — só que não haveria motoristas. Trabalhos de construção, quando necessários, seriam realizados por robôs cujas formas eram as mesmas de veículos desempenhando funções semelhantes na Terra. Desse modo as máquinas estranhas seriam familiares em aparência para os colonos, atenuando seus medos xenofóbicos.

"E quanto à realização de atividades cotidianas, de rotina?", perguntou o homem-pássaro ao fim de uma longa reunião. "Tínhamos pensado em usar biomas humanos, que reagem à voz, distribuídos em grande número, para libertar seus colonos das tarefas mais baixas e cansativas. Gastamos tempo considerável aperfeiçoando seu desenho, desde que vocês chegaram."

Richard gostou da idéia de auxiliares robôs, mas Nicole ficou meio desconfiada com a idéia. "É imperativo", disse ela, "que esses biomas humanos sejam perfeitamente identificáveis. Não deve haver qualquer possibilidade de que ninguém, nem mesmo uma criança, possa confundi-lo com um ser humano verdadeiro."

Richard riu-se. "Você andou lendo ficção científica demais", disse ele.

"Mas é uma preocupação concreta", protestou Nicole. "Posso bem imaginar a qualidade dos biomas humanos feitos aqui no Nodo. Não estamos falando daquelas imitações inexpressivas que vimos dentro de Rama. As pessoas ficariam aterrorizadas se não pudessem perceber a diferença entre um ser humano e uma máquina."

"Então limitaremos o número de variedades", retrucou Richard. "E eles serão facilmente classificados por sua função primordial. Isso satisfaz sua preocupação…? Seria uma pena não nos beneficiarmos das vantagens desta incrível tecnologia." "Podia funcionar", disse Nicole, "desde que uma simples sessão de instruções pudesse familiarizar com facilidade todo mundo com os vários tipos de biomas. Temos de garantir de modo absoluto que não haja problemas de confusão de identificação".

Após várias semanas de esforços internos, a maioria das decisões críticas sobre o desenho já haviam sido tomadas e a carga de trabalho de Richard e Nicole diminuiu. Eles puderam retomar uma vida mais ou menos normal com as crianças e Michael. Certa noite, a Águia apareceu e informou a família de que o Novo Éden estava em seu período final de testes, basicamente no sentido de verificação da

capacidade dos novos algoritmos para monitorar e controlar o meio ambiente em toda a vasta gama de condições possíveis.

"E por falar nisso", concluiu a Águia, "inserimos esquemas de troca de gases, ou ETGs, em todos os locais — florestas de Sherwood, parques, margens do lago e encosta da montanha — nos quais as plantas que eventualmente virão da Terra irão crescer. Os ETGs funcionam como as plantas, absorvendo dióxido de carbono e produzindo oxigênio, sendo também quantitativamente equivalentes. Eles impedem o crescimento de dióxido de carbono atmosférico, que a longo prazo solaparia a eficiência dos algoritmos de clima. A operação dos ETGs exige alguma energia, de modo que reduzimos ligeiramente o número de watts previstos para consumo humano durante os primeiros tempos da colônia. No entanto, uma vez que as plantas já estejam florescentes, os ETGs podem ser removidos, e haverá energia abundante para qualquer objetivo razoável."

"OK, sr. Águia", disse Katie quando o homem-pássaro terminou, "tudo o que queremos saber é quando deveremos partir."

"Eu ia lhes dizer no Natal", respondeu a Águia, com a pequena ruga que nela passava por um sorriso aparecendo em um canto da boca; "e ainda faltam dois dias."

"Ah, diga agora, sra. Águia", disse Patrick.

"Bem… está certo", respondeu seu companheiro alienígena. "Nossa data alvo para terminar Rama no Hangar é 11 de janeiro. Esperamos embarcá-los no metrô e partir do Nodo dois dias mais tarde, na manhã de 13 de janeiro."

São só três semanas, pensou Nicole, e seu coração deu um pulo quando a realidade de sua partida a penetrou fundo. Ainda há tanto o que fazer. Ela olhou para o outro lado da sala, onde Michael e Simone estavam sentados, um ao lado do outro, no sofá. Entre outras coisas, minha filha linda, tenho de prepará-la para o seu casamento.

"Então vamos nos casar no dia de seu aniversário, mamãe", disse Simone.

"Sempre dissemos que a cerimônia seria uma semana antes de o resto da família partir."

Os olhos de Nicole encheram-se de lágrimas involuntariamente, e ela abaixou a cabeça para que as crianças não as vissem. Eu não estou pronta para dizer adeus. Não suporto pensar que jamais tornarei a ver Simone.

Nicole preferiu abandonar os jogos de salão da família que estavam tendo lugar na sala de estar. Deu a desculpa de que ainda tinha de finalizar alguns desenhos para a Águia, mas na verdade sentia desesperada necessidade de uns momentos sozinha para organizar as três últimas semanas de sua vida no Nodo.

Durante todo o jantar ficara pensando em tudo o que tinha de fazer. Quase entrara em pânico. Nicole tinha medo de que não houvesse tempo suficiente, ou de se esquecer inteiramente de alguma coisa absolutamente essencial. Uma vez elaborada uma lista completa das tarefas remanescentes, no entanto, ao lado de um cuidadoso programa para sua execução, Nicole relaxou um pouco. Não era uma lista impossível.

Um dos itens que Nicole lançara em seu caderno de notas eletrônico, todo em letras maiúsculas, era BENJY?? E enquanto estava sentada na beira de sua cama, pensando sobre seu filho mais velho retardado e punindo-se por não haver enfrentado a questão mais cedo, Nicole ouviu uma batida na porta, que logo se abriu. Foi uma coincidência espantosa.

"Ma-mãe", disse Benjy muito devagar, e com seu grande e inocente sorriso; "posso falar com você?" Pensou mais um instante. "Agora?"

"Mas é claro, querido", respondeu Nicole. "Entre e sente aqui comigo na cama."

Benjy chegou para perto da mãe e deu-lhe um grande abraço. Olhando para baixo, para seu colo, ele falou de forma hesitante, e com óbvia perturbação emocional. "Você e Richard e as outras cri-anças vão em-bora daqui a pouco por mui-to tem-po", disse ele.

"Isso mesmo", respondeu Nicole, tentando parecer alegre.

"Pa-pai e Si-mone vão ficar aqui e se ca-sar?"

Parecia mais uma pergunta. Benjy levantara o rosto e estava esperando que Nicole confirmasse sua declaração. Quando ela acenou que sim, lágrimas rolaram dos olhos dele e seu rosto contorceu-se. "E Ben-jy?", disse ele. "O que vai a-conte-cer com Ben-jy?"

Nicole puxou a cabeça dele para o ombro dela e chorou junto com o filho.

Todo o corpo dele foi sacudido por seus soluços. Nicole ficou furiosa consigo mesma por haver adiado a questão por tanto tempo. Ele sempre soube, pensou ela. Desde aquela primeira conversa. Está esperando esse tempo todo. Está pensando que ninguém o quer.

"Você pode escolher, meu querido", Nicole conseguiu dizer depois de controlar suas emoções. "Nós íamos adorar ter você conosco. E seu pai e Simone iam ficar encantados se você ficasse aqui com eles."

Benjy encarou a mãe como se não acreditasse nela. Nicole repetiu o que dissera, muito lentamente. "Você está me di-zendo a ver-dade?" perguntou ele.

Nicole concordou com ênfase.

Benjy sorriu e depois olhou para o outro lado, ficando em silêncio por algum tempo. "Não vai ter nin-guém pa-ra eu brin-car aqui", disse ele finalmente, ainda olhando para a parede. "E Simone vai ter de fi-

car com pa-pai.”

Nicole ficou espantada ante a concisão com a qual Benjy expressara suas considerações. Ele pareceu estar esperando. “Então venha conosco”, disse Nicole suavemente. “Seu tio Richard e Katie e Patrick e Ellie e eu, nós todos te amamos muito e gostaríamos de levar você conosco.” Benjy virou-se para olhar para sua mãe. Novamente lágrimas rolaram por suas faces. “Eu vou com vo-cê, mamãe”, disse ele, encostando a cabeça no ombro dela.

Ele já tinha escolhido, pensou Nicole, apertando Benjy contra seu corpo.

“Ele é mais inteligente do que nós pensamos. E só veio aqui a fim de ter a certeza de que o queríamos conosco”.

# 7

"… e Adorado Senhor, permita que eu preze adequadamente esta maravilhosa jovem com quem estou a ponto de casar-me. Permita que compartilhemos de Teu dom do amor e que cresçamos juntos em nosso conhecimento de Ti… Peço tudo isso em nome de Teu filho, que Tu mandaste à Terra para mostrar Teu amor e redimir-nos de nossos pecados. Amém."

Michael Ryan O'Toole, aos 72 anos de idade, separou as mãos e abriu os olhos. Estava sentado à escrivaninha de seu quarto. Olhou o relógio. Só mais duas horas, pensou ele, até eu me casar com Simone. Michael olhou de relance para a pintura de Jesus e o pequeno busto de São Miguel de Siena em frente dele, na escrivaninha. E depois, mais tarde, hoje à noite, após a refeição que será tanto festa de boda quanto comemoração do aniversário de Nicole, terei esse anjo em meus braços. Não lhe foi possível impedir que lhe assomasse o pensamento seguinte. Amado Senhor, por favor não me deixes desapontá-la.

O'Toole estendeu o braço para a escrivaninha e pegou uma pequena Bíblia. Era o único livro propriamente dito que possuía. Todo o resto de seu material de leitura tinha a forma de pequenos cubos de dados que inseria em seu computador portátil. Sua Bíblia era muito especial, lembrança de uma vida que vivera outrora em um planeta distante.

Durante sua infância e adolescência, aquela Bíblia fora com ele a toda parte. Ao virar o livrinho em suas mãos, foi invadido por lembranças. A primeira coisa gravada em sua memória vinha de quando ainda era bem pequeno, com seis ou sete anos. Seu pai entrara em seu quarto, em casa. Michael estava disputando uma partida de beisebol em seu computador individual e ficou um tanto embaraçado — sempre se sentia pouco à vontade quando seu pai seriíssimo o encontrava brincando.

"Michael", dissera o pai, "quero lhe dar um presente. Uma Bíblia só para você. É um livro de verdade, que você lê virando as páginas. Pusemos o seu nome na capa."

O pai ofereceu-lhe o livro e o pequeno Michael aceitou-o com um suave "obrigado". A capa era de couro e agradável ao toque. "Dentro desse volume", continuara o pai, "estão alguns dos melhores ensinamentos que a humanidade jamais poderá aprender. Leia-o com cuidado. Leia-o muitas vezes. E governe sua vida pela sabedoria que ele contém."

Naquela noite coloquei a Bíblia debaixo de meu travesseiro, lembrou-se Michael. Onde ficou por toda a minha infância. Até mesmo

o fim do ginásio.

Rememorou os estratagemas quando seu time de beisebol no ginásio fora a Springfield para o campeonato estadual. Michael levara sua Bíblia, mas não queria que seus companheiros de time a vissem. Uma Bíblia não era "jóia" para um atleta ginasiano, e o jovem Michael O'Toole não tinha ainda auto-estima suficiente que superasse o medo do riso de seus pares. De modo que desenhou um compartimento especial para sua Bíblia em um lado de sua sacola de artigos de toalete, envolta em uma capa protetora. No hotel, Michael esperou até seu companheiro de quarto ir tomar banho e então tirou-a de seu esconderijo e colocou-a debaixo de seu travesseiro.

Levei-a até em minha lua-de-mel. Kathleen era tão compreensiva. Como sempre foi a respeito de tudo. Uma rápida lembrança do sol quente e da areia branca do lado de fora de sua suíte nas ilhas Caymam foi seguida imediatamente por uma forte sensação de perda. Como vai você, Kathleen? disse Michael em voz alta. Para onde a vida a levou? Viu-a claramente com os olhos da mente, em seu condomínio de casas tradicionais de pedra marrom na Avenida Commonwealth, em Boston. Nosso neto Matthew a esta altura já deve ser um adolescente, pensou ele. Haverá outros? Quantos, ao todo?

A dor no coração agravou-se quando imaginou sua família — Kathleen, sua filha Colleen, seu filho Stephen, além de todos os netos — reunidos em torno da grande mesa para uma festa de Natal sem ele. Em sua imagem mental nevava um pouco do lado de fora, na avenida. Suponho que caiba a Stephen, agora, oferecer a prece familiar, pensou ele. Sempre foi o mais religioso dos filhos.

O'Toole sacudiu a cabeça, voltou ao presente, e abriu a Bíblia em sua primeira página. Uma bela letra de calígrafo ali escrevera "Datas Importantes" no alto da página. Os lançamentos eram poucos, oito no total, uma crônica dos principais eventos de sua vida.

> 13-07-67 Casamento com Kathleen Murphy em Boston, Massachusetts
>
> 30-01-69 Nascimento de filho, Thomas Murphy O'Toole, em Boston
>
> 13-04-70 Nascimento de filha, Colleen Gavin O'Toole, em Boston
>
> 27-12-71 Nascimento de filho, Stephen Molloy O'Toole, em Boston
>
> 14-02-92 Morte de Thomas Murphy O'Toole, em Pasadena, Califórnia.

Os olhos de Michael pararam naquele ponto, na morte de seu primogênito, e logo encheram-se de lágrimas. Lembrou-se vividamente daquele terrível dia de S. Valentim havia muitos anos. Ele saíra com

Kathleen para jantar em um encantador restaurante de frutos do mar no Porto de Boston. Já havia quase terminado quando tiveram as primeiras notícias. “Desculpe o atraso da sobremesa, senhor”, desculpou-se o rapaz que fora seu garçom. “Estava olhando o noticiário lá no bar. Acaba de haver um terremoto devastador no sul da Califórnia.”

O medo dos dois fora imediato. Tommy, seu maior motivo de orgulho e alegria, ganhara uma bolsa em Física na Cal Tech, depois de se formar em primeiro lugar em Holy Cross. Os O’Tooles abandonaram o que ainda restava de sua refeição e correram para o bar. Lá souberam que o terremoto se dera às 5:45h da tarde, hora do Pacífico. A gigantesca falha de San Andreas tinha se escancarado perto de Cajon Pass, e a pobre gente, os carros e toda estrutura em um raio de 160 quilômetros em torno do epicentro foram atirados pela superfície da Terra como barquinhos sem rumo durante um furacão. Michael e Kathleen ouviram os noticiários a noite inteira, alternando esperanças e medo, à medida que a plena magnitude do pior desastre da nação no século XXII ia sendo compreendida. O terremoto fora de apavorantes 8.2 pontos da escala Richter. Vinte milhões de pessoas ficaram sem água, eletricidade, transporte ou comunicação. Rachas de mais de quinze metros de profundidade engoliram shopping-centers inteiros. Virtualmente todas as estradas ficaram interrompidas. Os danos foram piores e mais abrangentes do que se a Los Angeles metropolitana houvesse sido atingida por várias bombas atômicas.

Logo de manhã, antes mesmo do sol nascer, a Administração Federal de Emergência anunciara um número de telefone para quem precisasse pedir informações. Kathleen O’Toole forneceu à máquina das mensagens todas as informações que tinham — endereço e telefone do apartamento de Tommy, nome e endereço do restaurante mexicano onde ele trabalhava para ganhar mais um dinheirinho, endereço e telefone da namorada.

Esperamos o dia inteiro e até a noite, lembrou-se Michael. Depois Cheryl telefonou. Ela conseguira de algum modo guiar até a casa de seus pais em Poway.

“O restaurante desmoronou, sr. O’Toole”, disse Cheryl aos prantos. “Depois pegou fogo. Falei com um dos garçons, que sobreviveu porque estava no pátio quando veio o terremoto. Tommy estava trabalhando nas mesas mais próximas da cozinha…”

Michael O’Toole respirou fundo. Isto está errado, disse ele consigo mesmo, lutando para expulsar a dolorosa lembrança da morte do filho de sua mente. Está errado, repetiu. Este é um momento de alegria, não de tristeza. Por amor a Simone, tenho de esquecer Tommy agora.

Fechando a Bíblia e limpando os olhos, ele se levantou e foi até o banheiro. Primeiro fez a barba, lenta e deliberadamente, depois entrou

no chuveiro quente.

Quinze minutos mais tarde, quando tornou a abrir a Bíblia, desta vez com a caneta na mão, Michael O'Toole havia exorcizado os demônios da morte do filho. Com letra bonita fez mais um lançamento na página dos acontecimentos importantes, parando ao terminar para apreciar as quatro linhas finais.

> 31-10-97 Nascimento de neto, Matthew Arnold, em Toledo, Ohio
>
> 27-08-06 Nascimento de filho, Benjamin Ryan O'Toole, em Rama
>
> 07-03-08 Nascimento de filho, Patrick Erin O'Toole, em Rama
>
> 06-01-15 Casamento com Simone Tiasso Wakefield

Você é um velho, O'Toole, disse ele a si mesmo, olhando para seus cabelos grisalhos e pouco densos no espelho. Fechara a Bíblia alguns minutos antes e voltara ao banheiro para dar uma última escovada no cabelo. Velho demais para se casar de novo. Lembrou-se de seu primeiro dia de casamento, 46 anos antes.

Naquele tempo meus cabelos eram louros e fartos, e Kathleen era linda. A cerimônia foi maravilhosa. Chorei no momento em que a vi despontar lá no fim da passagem para o altar.

Imaginou Kathleen em seu vestido de noiva, segurando o braço do pai lá na entrada da catedral, mas logo após a imagem transformou-se em outra lembrança dela, esta banhada de lágrimas. Nesta segunda imagem as lágrimas eram dela. Ela se sentara ao lado dele na sala de estar no Cabo Kennedy quando chegou a hora de ele se apresentar para o vôo para LEO-3, onde se juntaria aos resto da tripulação da missão Newton. "Tome cuidado", dissera ela, em uma despedida surpreendentemente emotiva. Tinham-se abraçado. "Sinto tanto orgulho de você, querido", sussurrara ela em seu ouvido. "E eu o amo muito."

"Porque eu o amo muito", também dissera Simone quando Michael lhe perguntara se realmente, realmente, queria casar-se com ele, e, se assim fosse, por quê. Uma suave imagem de Simone veio-lhe à mente e a lembrança de sua última despedida de Kathleen foi desaparecendo. Você é tão inocente, confia tanto em mim, Simone, divagou ele, pensando em sua jovem noiva. Lá na terra você ainda nem estaria começando a namorar. Ainda seria considerada uma menina.

Os treze anos em Rama passaram como um raio por sua mente em um momento. Michael lembrou-se primeiro da luta que fora o parto de Simone, inclusive o glorioso momento em que ela finalmente havia chorado e ele a colocara delicadamente sobre a barriga da mãe. A

imagem seguinte foi a de uma Simone ainda pequena, com cerca de seis anos, muito séria, estudando seu catecismo sob a orientação dele. Em outro quadro, Simone pulava corda com Katie, cantando uma canção alegre. E a última imagem fugidia foi uma cena da família fazendo um piquenique junto ao Mar Cilíndrico em Rama. E Simone, ali, aparecia muito orgulhosa ao lado de Benjy, como se fosse seu anjo da guarda.

Ela já era uma mocinha quando chegamos ao Nodo, pensou o general O'Toole, com a mente passeando por seqüências mais recentes de imagens.

Extremamente devota. Paciente e altruísta em relação às outras crianças. E ninguém jamais conseguiu fazer Benjy sorrir como Simone o fez.

Havia um tema comum a todas aquelas imagens de Simone. Na mente de Michael, eram todas banhadas pelo amor inusitado que ele sentia por sua noivamenina. Não era o amor que normalmente um homem sente por uma mulher com quem vai casar-se — era mais uma espécie de adoração. Mas era amor, mesmo assim, e aquele amor forjara um poderoso elo entre aquele casal tão disparatado.

Sou um homem de muita sorte, pensou Michael quando acabava de ajeitar sua roupa. Deus houve por bem mostrar-me suas maravilhas de muitos modos.

Na suíte principal na outra extremidade do apartamento, Nicole ajudava Simone com seu vestido. Não era um vestido de noiva no sentido clássico, mas era branco e amplo, com pequenas alças sobre os ombros. Por certo não tinha nada a ver com os trajes informais que toda a família estava acostumada a usar todos os dias.

Nicole colocou cuidadosamente os pentes nos longos cabelos negros da filha e estudou Simone no espelho. "Você está linda", disse Nicole.

Olhou para o relógio e viu que ainda tinham dez minutos. E Simone estava inteiramente pronta a não ser pelos sapatos. Ótimo. Agora podemos conversar, pensou Nicole. "Querida", começou ela, com a voz surpreendentemente presa na garganta.

"O que é, mamãe?" disse Simone com tranqüilidade. Estava sentada na cama, ao lado da mãe, calçando cuidadosamente seus sapatos pretos.

"Quando tivemos aquela nossa conversa na semana passada sobre sexo", recomeçou Nicole, "vários tópicos ficaram sem ser discutidos." Simone levantou os olhos para a mãe; sua atenção era tão total que Nicole momentaneamente esqueceu o que estava dizendo. "Você leu aqueles livros que eu lhe dei?", acabou murmurando.

A testa franzida de Simone expressava sua perplexidade. "Mas é claro, nós falamos ontem sobre eles."

Nicole tomou as mãos da filha. “Michael é um homem maravilhoso; bondoso, tem sempre consideração, é amoroso — porém, é mais velho. E quando os homens são mais velhos…”

“Não estou entendendo muito bem, mamãe”, interrompeu delicadamente Simone. “Pensei que estava querendo me dizer alguma coisa sobre sexo.”

“O que estou tentando dizer”, disse Nicole depois de respirar fundo, “é que você talvez tenha de ser muito paciente e terna com Michael na cama. Pode ser que nem tudo funcione logo de saída.”

Simone olhou para a mãe por algum tempo. “Já desconfiava disso”, disse ela tranqüilamente, “tanto pelo seu nervosismo sobre o assunto quanto por uma ansiedade não expressada que venho notando no rosto de Michael. Não se preocupe, mamãe, não tenho expectativas que não sejam razoáveis. Em primeiro lugar, não estamos nos casando em função de algum desejo de gratificação sexual. E já que eu não tenho nenhuma espécie de experiência, a não ser ficar de mãos dadas algumas vezes nesta última semana, qualquer prazer que eu venha a sentir será novo e portanto maravilhoso.”

Nicole sorriu ante sua filha de treze anos tão espantosamente madura.

“Você é uma jóia”, disse ela, com os olhos rasos de lágrimas.

“Obrigada”, respondeu Simone, abraçando a mãe. “Lembre-se”, acrescentou, “que meu casamento com Michael é abençoado por Deus. Quaisquer problemas que encontremos, pediremos a Deus que nos ajude. Nós ficaremos muito bem.”

Uma dor cortou violentamente o coração de Nicole. Mais uma semana, disse uma voz lá dentro dela, e você jamais tomará a ver essa menina tão amada.

E continuou abraçada a Simone até Richard bater na porta e dizer-lhe que todos os outros já estavam prontos para a cerimônia.

# 8

"Bom dia", disse Simone com um sorriso suave. O resto da família estava todo sentado à mesa, tomando o desjejum, quando Michael e ela entraram, de mãos dadas.

"Bom dia", respondeu Benjy, com a boca entupida de torrada com manteiga e geléia. Ele levantou-se da mesa, circundou-a lentamente, e abraçou sua irmã favorita.

Patrick estava logo atrás dele. "Você vai me ajudar com a minha matemática hoje?", perguntou ele a Simone. "Mamãe disse que agora que nós vamos voltar, eu tenho de levar meus estudos muito mais a sério." Michael e Simone sentaram-se à mesa depois que os meninos já haviam voltado a seus lugares. Simone pegou o bule do café. Ao menos sob um aspecto Simone se assemelhava a sua mãe: não funcionava bem de manhã enquanto não tomasse seu café.

"Como é, então a lua-de-mel finalmente acabou?", perguntou Katie com seu jeito sempre irreverente. "Afinal, foram três noites e dois dias. Vocês devem ter ouvido todas as músicas clássicas existentes no banco de dados."

Michael deu um riso franco. "Acabou, Katie", disse ele sorrindo para Simone. "Já tiramos o cartão de 'Não perturbem' da porta. Queremos fazer o que pudermos para ajudar todo mundo a arrumar as coisas para a viagem."

"Na verdade, está tudo indo muito bem", comentou Nicole, encantada por ver Michael e sua filha tão à vontade um com o outro, após seu período de reclusão. Não precisava ter-me preocupado; sob certos aspectos, Simone é mais adulta do que eu.

"Eu gostaria que a Águia tivesse sido mais específica a respeito da viagem de volta", queixou-se Richard. "Ela se recusa a dizer-nos quanto tempo a viagem irá demorar, ou se ficaremos ou não adormecidos durante todo o percurso, ou qualquer outra coisa clara e definida."

"Diz que não sabe ao certo", lembrou Nicole ao marido. "Há variantes 'incontroláveis' que poderiam resultar em vários cenários diferentes."

"Você sempre acredita nela", retrucou Richard. "É a mais confiante…"

A campainha da porta interrompeu a conversa. Katie foi abri-la e voltou alguns momentos mais tarde com a Águia. "Espero não estar perturbando seu desjejum", desculpou-se o homem-pássaro, "mas temos muito o que realizar hoje.

Preciso que a sra. Wakefield venha comigo."

Nicole tomou o último gole de seu café e olhou intrigada para a

Águia.

"Sozinha?" disse ela. Sentiu um medo vago dentro de si. Jamais deixara o apartamento sozinha com a Águia, em todos os dezesseis meses que haviam passado no Nodo.

"É", respondeu a Águia. "Virá sozinha comigo. Há uma tarefa que só você pode realizar."

"Me dá dez minutos para eu me aprontar?"

"É claro", respondeu a Águia.

Enquanto Nicole ficou fora da sala, Richard cobriu a Águia de perguntas.

"OK", disse Richard a certa altura, "compreendo que como resultado de todos esses testes vocês hoje têm confiança que poderemos permanecer dormindo durante os períodos de aceleração e desaceleração. Mas e durante a velocidade de cruzeiro normal? Vamos estar acordados ou dormindo?"

"Em geral dormindo", respondeu a Águia, "porque assim nós podemos não só retardar o processo de envelhecimento como também mantê-los com boa saúde. Porém, há várias incertezas nos horários previstos. Pode ser necessário despertá-los várias vezes ao longo do caminho."

"E por que não nos disse isso antes?"

"Porque ainda não havia sido definido. O cenário de sua missão é muito complicado e o plano básico só foi definido recentemente." "Eu não quero que meu processo de envelhecimento seja 'retardado'", disse Katie. "Quero ser uma mulher grande quando encontrarmos outras pessoas da Terra."

"Como eu disse ontem a seu pai", disse a Águia a Katie, "é importante que tenhamos a capacidade de ralentar o processo de envelhecimento enquanto você e sua família estão dormindo. Não sabemos exatamente quando vocês voltarão ao seu sistema solar. Se vocês tiverem de dormir cinqüenta anos, por exemplo…"

"O queeeê?" interrompeu Richard, consternado. "Quem falou em cinqüenta anos? Nós chegamos aqui em doze ou treze. Por que não haveríamos de…"

"Eu já estaria mais velha do que mamãe", disse Katie, com expressão assustada no rosto.

Nicole voltou do quarto. "Que história é essa de cinqüenta anos? Por que haveria de levar tanto tempo? Nós vamos a algum outro lugar primeiro?"

"É óbvio", disse Richard, zangado. "Por que não fomos avisados disso antes das decisões sobre 'indicações'? Poderíamos ter preferido fazer as coisas de modo diferente… Meus Deus, se levar cinqüenta anos Nicole e eu teremos cem anos!"

"Não terão, não", retrucou a Águia, sem qualquer emoção.

“Calculamos que você e a sra. Wakefield envelhecerão apenas um ano para cada cinco ou seis enquanto mantivermos nossa ‘suspensão’. Quanto às crianças, a proporção ficará mais perto de um ano para dois, pelo menos até que se complete o processo de crescimento. Temos medo de interferir muito com os hormônios que o determinam. E além disso cinqüenta anos é a possibilidade máxima, o que um engenheiro humano chamaria de um número três sigma.”

“Agora estou completamente confusa”, disse Katie, levantando e caminhando até ficar bem de frente para a Águia. “Quantos anos eu vou ter quando encontrar um ser humano que não seja parte de minha família?”

“Não posso responder essa pergunta com exatidão, porque há incertezas estatísticas envolvidas na questão”, respondeu seu colega alienígena. “Porém, seu corpo deverá estar no nível de desenvolvimento equivalente a vinte e poucos anos.

Pelo menos essa é a resposta mais provável.” A Águia fez um gesto para Nicole. “E isso é tudo o que eu vou dizer. Tenho assuntos a tratar com sua mãe. Deveremos voltar antes do jantar desta noite.”

“Como de hábito”, resmungou Richard, “quase que não nos dizem nada.

Às vezes fico desejando que não tivéssemos sido tão dispostos a cooperar”.

“Vocês poderiam ter sido mais difíceis”, comentou a Águia, quando ela e Nicole estavam deixando a sala, “e de fato as nossas previsões, baseadas em dados de observação, eram a de que deveríamos esperar menos cooperação do que tivemos. No fim das contas, no entanto, não haveria grandes diferenças substantivas no resultado. E deste modo tudo foi mais agradável para vocês.”

“Adeus”, disse Nicole.

“A-deus”, disse Benjy, abanando a mão para a mãe até mesmo depois de a porta estar fechada.

Era um documento longo. Nicole calculou que ela levaria ao menos dez, e provavelmente quinze minutos para lê-lo todo em voz alta.

“Já terminou de estudar?”, indagou novamente a Águia. “Gostaríamos de começar a gravar logo que possível.”

“Explique-me novamente o que vai acontecer com este vídeo depois que eu o gravar”, pediu Nicole.

“Nós o transmitiremos na direção da Terra vários anos antes de vocês chegarem ao sistema solar. Isso dará a seus irmãos humanos bastante tempo para reagir a ele.”

“Como saberão se eles efetivamente o receberão?”

“Pedimos um sinal simples de volta, confirmando a recepção.”

“E se vocês não receberem esse sinal de retorno?”

"É para isso que servem os planos para contingências."

Nicole tinha sérias dúvidas a respeito da leitura da mensagem. Perguntou se poderia ter algum tempo para discutir o documento com Richard e Michael.

"O que é que a preocupa?", perguntou a Águia.

"Tudo", respondeu Nicole. "Não parece certo. Sinto-me como se estivesse sendo usada para levar avante os seus objetivos — e como não sei quais sejam tais objetivos, exatamente, tenho medo de estar traindo a espécie humana."

A Águia trouxe um copo de água para Nicole e sentou-se a seu lado naquele estranho estúdio. "Olhemos a situação de maneira lógica. Já lhe dissemos muito claramente que nosso objetivo primordial é a captação de informações detalhadas sobre espécies que realizam viagens espaciais na galáxia.

Certo?"

Nicole concordou.

"Construímos também, dentro de Rama, um habitat para dois mil terráqueos e estamos enviando você e sua família para reunir esses humanos para uma viagem de observação. Tudo o que você está fazendo, nesse vídeo, é informar à Terra que estamos a caminho e que os dois mil membros de sua espécie, acompanhados pelos artefatos de suporte de sua cultura, devem encontrar-nos na órbita de Marte. O que pode haver de errado nisso?"

"O texto deste documento", protestou Nicole, apontando para a tela do computador portátil que a Águia lhe dera, "é extremamente vago. Jamais indica, por exemplo, qual será o eventual destino de todos esses humanos — só que eles serão 'cuidados' e 'observados' durante alguma espécie de viagem. Não há qualquer menção de por que esses humanos estarão sendo estudados, e nada a respeito do Nodo e sua inteligência controladora. Além do mais, o tom é extremamente ameaçador. O que digo aos habitantes da Terra que vão receber esta transmissão é que se um contingente humano não comparecer ao encontro com Rama na órbita de Marte, então a espaçonave se aproximará da Terra e 'adquirirá seus espécimes de forma menos organizada'. Essa é claramente uma afirmação hostil."

"Você poderá editar os comentários, se quiser, desde que a intenção não seja alterada", respondeu a Águia. "Mas devo dizer-lhe que temos larga experiência com esse tipo de comunicação. Com espécies semelhantes à sua sempre tivemos mais sucesso quando a mensagem não é muito específica."

"Mas por que não me deixa levar o documento de volta ao apartamento?

Eu poderia discuti-lo com Richard e Michael e poderíamos em conjunto editá-lo a fim de deixar o tom mais atenuado."

“Porque o vídeo tem de ser preparado por você hoje”, disse a Águia com teimosia. “Estamos abertos para discussão de modificações do conteúdo, e trabalharemos com você até a hora que for necessário. Porém a seqüência tem de estar pronta antes de você voltar para a sua família.”

O tom de voz era amistoso, porém o significado ficou absolutamente claro.

Não tenho escolha, fui ordenada a fazer o vídeo. Durante alguns segundos, ela olhou para a estranha criatura sentada a seu lado. Esta Águia é apenas uma máquina, refletiu Nicole, sentindo subir-lhe uma onda de raiva. Ela apenas executa as instruções que foram programadas… Minha briga não é com ela.

“Não”, disse ela abruptamente, surpreendendo até a si mesma. Sacudiu a cabeça. “Eu não faço isso.”

A Águia não estava preparada para a resposta de Nicole. Houve um longo silêncio. A despeito de sua agitação emocional, Nicole estava fascinada por sua companheira. E o que é que ela tem agora? ficou pensando. Será que complicadíssimas cambalhotas de lógica estão sendo executadas em seu equivalente de um cérebro? Ou será que ela está recebendo sinais vindos de algum outro local?

Finalmente, a Águia levantou-se. “Bem, essa é uma surpresa e tanto…

Jamais esperamos que você se recusasse a fazer o vídeo.”

“Então é porque não prestou atenção ao que eu estive dizendo… Sinto-me como se você, ou o que quer que seja que a comanda, estivesse me usando… e propositadamente me dizendo o mínimo possível… Se quiser que eu faça alguma coisa para você, então ao menos algumas de minhas perguntas têm de ser respondidas.”

“E o que é, exatamente, que você quer saber?”

“Eu já lhe disse”, respondeu Nicole, com aparente frustração. “Que raios é que realmente acontece neste lugar? Quem ou o que são vocês? Por que razão querem observar-nos…? E, já que começamos, que tal uma boa explicação para a necessidade que têm da permanência de ‘um par reprodutivo’ aqui? Jamais gostei da idéia de separar minha família — deveria ter protestado com mais veemência logo a princípio… Se sua tecnologia é tão maravilhosa que possa criar uma coisa como esse Nodo inacreditável, por que razão não podem simplesmente pegar um óvulo humano e um pouco de esperma…”

“Acalme-se, sra. Wakefield”, disse a Águia. “Jamais a vi agitada, antes. Eu a havia classificado como o indivíduo mais estável de todo o grupo.”

E a mais maleável também, aposto, pensou Nicole, esperando que sua raiva cedesse um pouco. Em algum ponto desse cérebro bizarro há sem dúvida uma avaliação quantitativa da probabilidade de que eu

obedeceria as ordens docilmente… Pois desta vez os enganei. Escute, sra. Águia", disse Nicole depois de alguns segundos. "Eu não sou estúpida. Sei quem manda aqui. Só acredito que os humanos devam ser tratados com um pouco mais de respeito. Nossas perguntas são perfeitamente legítimas."

"E se a respondermos de modo a satisfazê-la?"

"Há mais de um ano que vocês vêm me observando", disse Nicole, sorrindo. "Em alguma ocasião revelei-me totalmente irrazoável?"

"Aonde estamos indo?", perguntou Nicole.

"Um pequeno tour", respondeu a Águia. "Talvez seja o melhor meio de encarar suas incertezas."

O estranho veículo era pequeno e esférico, grande o bastante só para Nicole e a Águia. Todo o hemisfério da frente era transparente. Atrás da janela, do lado onde estava sentado o homem-pássaro alienígena, havia um pequeno painel de controle. Durante o vôo a Águia tocava ocasionalmente no painel, porém durante a maior parte do tempo a nave parecia estar operando por si mesma.

Poucos segundos depois de os dois se sentarem, a esfera saiu disparada por um corredor que, depois de várias portas duplas, desembocava em negror total. Nicole perdeu o fôlego. Sentiu-se como se estivesse boiando no espaço.

"Cada um dos três módulos esféricos do Nodo", disse a Águia, enquanto Nicole lutava para ver ao menos alguma coisa, "tem um centro oco. Acabamos de entrar na passagem que nos leva ao Módulo de Habitação."

Depois de quase um minuto, algumas luzes apareceram na frente de sua pequena nave, e logo o veículo saiu da passagem negra e entrou no imenso âmago oco. A esfera deu uma cambalhota e girou, desorientando Nicole enquanto se dirigia para a escuridão, para longe das muitas luzes que deviam estar no corpo principal do Módulo de Habitação.

"Nós observamos tudo o que ocorre com todas as espécies nossas hóspedes, sejam temporárias, sejam permanentes. Como já desconfiavam, temos centenas de equipamentos para monitorar o interior de seu apartamento. Mas todas as suas paredes são também transparentes por um lado — desta região central podemos observar suas atividades a partir de uma perspectiva muito mais ampla."

Nicole já estava acostumada com as maravilhas do Nodo, porém a nova visão à sua volta ainda assim era arrasadora. Dúzias, talvez centenas de pequenas luzinhas tremulantes moviam-se na vasta escuridão do âmago da esfera.

Pareciam um grupo de pirilampos espalhados em uma noite escura de verão.

Algumas das luzes pairavam junto às paredes, outras moviam-se lentamente pelo vácuo. Algumas estavam tão longe que pareciam estar paradas.

"Temos um grande centro de manutenção aqui também", disse a Águia apontando para um denso agrupamento de luzes bem à sua frente, mas distante.

"Todo e qualquer elemento do módulo pode ser alcançado daqui com rapidez, no caso de problemas de engenharia ou de qualquer outra natureza."

"O que está acontecendo ali?", indagou Nicole, batendo na janela. Algumas centenas de milhas para a direita, um grupo de veículos estava estacionado bem perto de uma parte grande e iluminada do Módulo de Habitação. "É uma sessão de observação especial, na qual estão sendo usados nossos mais avançados sensores de monitoração remota. Aqueles apartamentos em particular abrigam uma espécie pouco usual, com características jamais registradas antes neste setor da galáxia. Muitos de seus indivíduos estão morrendo e não compreendemos por quê. Estamos tentando descobrir como salvá-los."

"Então, nem sempre as coisas são como vocês as planejam?"

"Não", retrucou a Águia. À luz apenas refletida, a criatura pareceu estar sorrindo. "É por isso que temos tantos planos contingenciais."

"O que teriam feito se nenhum humano tivesse resolvido investigar Rama, para início de conversa?", indagou Nicole repentinamente.

"Temos métodos alternativos para atingir os mesmos objetivos", respondeu a Águia vagamente.

O veículo acelerou em seu caminho de fios na escuridão. Em breve uma esfera semelhante, ligeiramente maior do que a deles, aproximou-se pela esquerda. "Gostaria de conhecer um membro de uma espécie cujo nível de desenvolvimento é aproximadamente igual ao seu?" A Águia tocou no painel de controle e o interior de sua nave foi iluminado por luzes suaves.

Antes que Nicole pudesse responder, o segundo veículo já estava emparelhado com eles. Também tinha o hemisfério de frente transparente, porém era cheio de um líquido incolor e duas criaturas nadavam de um lado para outro.

Elas pareciam duas grandes enguias usando capas, e moviam-se ondulando pelo líquido. Nicole calculou que as criaturas tivessem uns três metros de comprimento e uns vinte centímetros de espessura. A capa preta, que se abria como uma asa quando elas estavam em movimento, tinha mais ou menos um metro de ponta a ponta, quando aberta.

"A que está à sua direita, com as marcas coloridas", disse a Águia,

“é um sistema artificial de inteligência. O outro ser é um viajante espacial de um outro mundo.”

Nicole ficou olhando para o alienígena, que havia dobrado sua capa para que ficasse apertada em torno de seu corpo ligeiramente esverdeado e estava quase que absolutamente parada no líquido. A criatura se organizara em uma configuração semelhante a uma ferradura, com as duas pontas de seu corpo voltadas para ela. Um esguicho de bolhas saiu de cada uma das extremidades.

“Ele disse ‘Olá, e puxa, como você é intrigante’“, disse a Águia.

“Como é que você sabe?”, respondeu Nicole, incapaz de afastar os olhos daquele ser tão bizarro. As duas extremidades, uma de um vermelho vivo e a outra cinzenta, tinham agora se enrolado uma na outra. Ambas estavam bem encostadas no vidro da nave.

“Meu colega no outro veículo está traduzindo e depois se comunicando comigo… Você quer responder?”

A mente de Nicole estava em branco total. Dizer o quê? pensou ela, com os olhos firmes nas inusitadas rugas e protuberâncias nas extremidades do alienígena. Havia meia dúzia de detalhes separados em cada uma das duas, inclusive um par de cortezinhos brancos no “rosto” vermelho. Nenhuma das marcas se parecia com nada que Nicole jamais houvesse visto na Terra. Ela ficou olhando, em silêncio, lembrando-se das muitas conversas que ela, Richard e Michael haviam tido sobre as perguntas que fariam se, e quando, pudessem comunicar-se diretamente com um extraterrestre inteligente. Porém, jamais imaginamos uma situação como esta, concluiu.

Mais bolhas inundaram a janela defronte a ela. “Nosso planeta natal tomou forma há cinco bilhões de anos”, disse a Águia, traduzindo. “Nossas estrelas binárias atingiram a estabilidade um bilhão de anos mais tarde. Nosso sistema tem catorze planetas principais, em dois dos quais alguma forma de vida desenvolveu-se. Nosso planeta oceânico tem três espécies inteligentes, porém nós somos a única a viajar pelo espaço. Começamos nossa exploração espacial um pouquinho mais de dois mil anos atrás.”

Nicole já se sentia agora embaraçada pelo próprio silêncio. “Olá… olá”, disse ela, muito hesitante. “É um prazer encontrá-lo… A nossa espécie só começou a viajar pelo espaço há trezentos anos. Somos o único organismo altamente inteligente em nosso planeta, que tem dois terços cobertos pela água.

Nosso calor e luz vêm de uma estrela amarela solitária e estável. Nossa evolução começou na água, há três ou quatro bilhões de anos, porém agora vivemos na terra…”

Nicole parou. A outra criatura, com as duas pontas ainda enroladas uma na outra, tinha trazido o resto do corpo para junto da janela, de modo que os detalhes de sua estrutura física podiam ser

vistos em maior detalhe. Nicole compreendeu. Ficou de pé junto à janela e virou-se lentamente. Depois esticou as mãos para a frente, mexendo os dedos. Mais bolhas apareceram.

"Você tem uma manifestação alternativa?", traduziu a Águia alguns segundos mais tarde.

"Não compreendo", retrucou Nicole. O anfitrião nodal na outra esfera comunicou a mensagem usando movimentos do corpo e bolhas.

"Nós temos duas manifestações", explicou o alienígena. "Minha prole terá apêndices, não muito diferentes dos seus, e vai morar principalmente em leitos oceânicos, construindo nossas casas, fábricas e espaçonaves. Eles, por sua vez, produzirão uma outra geração parecida comigo."

"Não, não", respondeu Nicole eventualmente. "Nós só temos uma única manifestação. Nossos filhos sempre se parecem com os pais."

A conversa durou mais de cinco minutos. Os dois viajantes espaciais falaram principalmente sobre biologia. O alienígena ficou particularmente impressionado pelo vasto leque de temperaturas nas quais os humanos podiam funcionar com sucesso, e disse a Nicole que os integrantes de sua espécie não podiam sobreviver se a temperatura ambiente ou o líquido à sua volta extrapolasse uma faixa bastante estreita.

Nicole ficou fascinada pela descrição que a criatura fez de seu planeta aquoso, cuja superfície é quase totalmente coberta por imensas placas de organismos fotossintéticos. As enguias de capa, ou fossem aquelas coisas o que fossem, viviam nos baixios logo abaixo dessas centenas de organismos, e usavam fotossintetizadores para praticamente tudo — comida, materiais para construção, e até mesmo como auxílio para reprodução.

Afinal, a Águia disse a Nicole que era hora de partir. Ela abanou a mão para o alienígena, que continuava grudado na janela. Ele respondeu com uma explosão final de bolhas e desenrolou as duas extremidades. Segundos mais tarde, a distância entre as duas cápsulas já era de centenas de metros.

Estava escuro novamente dentro da esfera que se movia. A Águia estava em silêncio. Nicole estava eufórica. Sua mente continuava disparada, ainda formulando ativamente perguntas para a criatura alienígena com a qual tivera aquele breve encontro. Vocês têm famílias? pensou. E se têm, como vivem juntas criaturas dissimilares? Vocês podem se comunicar com os habitantes das profundezas que não são seus filhos?

Um outro gênero de perguntas intrometeu-se no fluxo de consciência de Nicole e, de repente, ela se sentiu desapontada consigo mesma. Fui clínica demais, científica demais. Deveria ter perguntado a respeito de Deus, da vida depois da morte, até mesmo da ética.

“Teria sido virtualmente impossível manter o que você chamaria uma conversa filosófica”, disse a Águia alguns momentos mais tarde, depois de Nicole haver expressado sua insatisfação com os tópicos que haviam discutido. “Não havia nenhuma espécie de área comum para esse tipo de troca. Até cada um de vocês saber alguns fatos básicos a respeito do outro, não haveria referência para uma discussão de valores ou outras questões significativas.”

Mesmo assim, refletiu Nicole, eu poderia ter tentado. Quem sabe? Aquele alienígena de feitio de ferradura talvez tivesse algumas respostas…

Nicole foi arrancada de sua contemplação pelo ruído de vozes humanas.

Quando olhou indagadora para a Águia, a esfera girou completamente para o outro lado, e Nicole viu que eles estavam suspensos apenas alguns metros acima de seu lugar de moradia.

Uma luz acendeu-se no quarto que Michael e Simone estavam compartilhando. “É Benjy?” Nicole ouviu a voz de sua filha sussurrar no ouvido de seu marido de apenas poucos dias.

“Creio que sim”, respondeu Michael.

Nicole observou quieta enquanto Simone se levantou da cama, vestiu seu robe e cruzou para o hall. Quando acendeu a luz, Simone viu seu irmão mais moço retardado encolhido no sofá.

“O que é que você está fazendo aqui, Benjy?” perguntou Simone com voz bondosa. “Devia estar na cama. Já é tarde — muito tarde.” Ela acariciou a testa do irmão que dava sinais de ansiedade.

“Não consegui dormir”, respondeu Benjy com esforço. “Esta-va preo-cupado por causa de ma-mãe.”

“Ela volta para casa daqui a pouco”, disse Simone procurando acalmá-lo.

“Daqui a pouco ela está em casa.”

Nicole sentiu um nó na garganta e algumas lágrimas apareceram-lhe nos olhos. Ela olhou para a Águia, depois para o apartamento iluminado à sua frente e finalmente para os veículos que circulavam como pirilampos acima de sua cabeça. Respirou fundo. “Está bem”, disse ela lentamente, “estou pronta para gravar o vídeo.”

“Estou com ciúmes”, disse Richard. “De verdade. Estaria disposto a trocar meus dois braços por uma conversa com aquela criatura.”

“Foi espantoso”, disse Nicole. “Mesmo agora tenho dificuldade em acreditar que tudo aquilo realmente aconteceu… E também é espantoso que a Águia soubesse de algum modo como eu reagiria a tudo.”

“Estava só adivinhando. Não poderia esperar resolver com tanta facilidade o problema dela com você. Você não a fez sequer responder sua pergunta sobre a necessidade de um par reprodutivo…”

“Fiz sim”, retrucou Nicole, um pouco na defensiva. “Ela me explicou que a embriologia humana era um processo tão estonteantemente complicado que nem mesmo eles conseguiriam saber qual o exato papel desempenhado por uma mãe humana sem jamais haver observado um feto amadurecer e desenvolver-se.”

“Desculpe, querida”, disse Richard imediatamente. “Não estava querendo sugerir que você na realidade tivesse qualquer escolha…”

“Senti que eles estavam ao menos tentando satisfazer minhas objeções”, disse ela com um suspiro. “Talvez esteja me enganando porque, afinal, gravei o vídeo exatamente como eles o haviam planejado.”

Richard pôs os braços em volta de Nicole. “Como eu disse, meu bem, você realmente não tinha escolha. Não seja tão dura consigo mesma.”

Nicole beijou Richard e sentou-se na cama. “E se eles realmente estiverem anotando esses dados a fim de poderem preparar uma invasão eficiente, ou coisa no gênero?”

“Já discutimos tudo isso antes. A capacidade tecnológica deles é tão avançada que poderiam tomar a Terra em poucos minutos, se assim o desejassem. A próprio Águia já ressaltou que se invadir e subjugar fossem seus objetivos, poderiam atingi-los com procedimentos muito menos elaborados.”

“E agora quem é que está sendo crédulo?”, disse Nicole, conseguindo produzir um sorriso.

“Não crédulo; apenas realista. Tenho a certeza de que o bem-estar geral da espécie humana não constitui fator significativo na seqüência de prioridades da Inteligência Nodal. Mas também acho que você precisa parar de se preocupar com a possibilidade de ser cúmplice de um crime com o vídeo. A Águia está certa. O mais provável é que você tenha tornado o ‘processo de aquisição’ menos difícil para os habitantes da Terra, também.”

Ficaram em silêncio por alguns minutos. “Querido”, disse Nicole, finalmente. “Por que você acha que nós não vamos diretamente para a Terra?”

“Meu palpite é que vamos ter de parar em um outro lugar, primeiro.

Presumivelmente para apanhar uma outra espécie na mesma fase do projeto que nós.”

“E eles vão viver naquele outro módulo dentro de Rama?” “É o que devemos supor”, respondeu Richard.

# 9

A data da partida foi 13 de janeiro de 2215, segundo o calendário que vinha sendo anotado por Richard e/ou Nicole desde que Rama escapara da falange nuclear, com o maior cuidado. É claro que a data não significava realmente nada — a não ser para eles. Sua longa viagem até Sirius a mais ou menos a metade da velocidade da luz tinha ralentado o tempo dentro de Rama, ao menos em relação à Terra, de modo que a data usada era totalmente artificial.

Richard calculava que a data real na Terra, no momento de sua partida do Nodo, seria uns três ou quatro anos mais tarde, em 2217 ou 2218. Era-lhe impossível computar a data na Terra com exatidão, já que não possuía um histórico preciso de velocidade e tempo cobrindo todos os anos que viajaram dentro de Rama.

Assim, só de forma aproximada podiam ser feitas as correções de relatividade necessária para transformar sua própria base de tempo com a experimentada na Terra.

"A data na Terra neste exato momento realmente não tem qualquer significado para nós, de qualquer modo", explicou Richard a Nicole pouco depois de eles acordarem para seu último dia no Nodo. "Além do que, é quase certo que estaremos voltando ao sistema solar a velocidades altíssimas, o que quer dizer que haverá dilatação extra de tempo antes que cheguemos ao encontro marcado na órbita de Marte."

Nicole jamais compreendera realmente a relatividade — que permanecia inteiramente incoerente em termos de sua intuição — e por certo não queria despender qualquer energia para se preocupar com ela no último dia que tinha antes de se separar de Simone e Michael. Sabia que a separação final ia ser dificílima para todos eles, e ela queria concentrar todas as suas forças para aqueles últimos momentos de grande emoção.

"A Águia disse que viria buscar-nos às onze horas", disse Nicole a Richard, enquanto se vestiam. "Estava querendo que todos nós nos sentássemos juntos na sala de estar, depois do desjejum. Quero encorajar as crianças a expressar seus sentimentos."

Foi um desjejum leve, até alegre; mas quando os oito membros da família reuniram-se na sala de estar, tendo em mente terem menos de duas horas antes que a Águia chegasse para levar embora a todos menos Simone e Michael, a conversa ficou tensa e forçada.

Os recém-casados sentaram-se juntos no sofá de dois lugares, de frente para Richard, Nicole e as outras quatro crianças. Katie, como sempre, totalmente frenética, pulava de um assunto para outro, porém mantendo-se cuidadosamente afastada de qualquer discussão sobre a separação iminente. Katie estava no meio de um longo monólogo a

respeito de um sonho completamente louco que tivera fazia duas noites, quando sua história foi interrompida pelo som de duas vozes vindas da entrada da suíte principal.

"Raios, Sir John", disse a primeira variação da voz de Richard, "esta é a nossa última oportunidade. Eu vou lá fora para dizer adeus, quer o senhor venha, quer não venha." "Essas despedidas, meu príncipe, estraçalham-me a própria alma. Ainda não bebi o bastante para atenuar a dor. O senhor mesmo disse que a mocinha tinha a própria aparência de um anjo. Como poderia eu…"

"Bem, tudo em ordem, eu vou sozinho", disse o Príncipe Hal. Todos os olhos da família concentraram-se no robozinho príncipe quando este veio pelo hall e entrou na sala de estar. Falstaff entrou cambaleando atrás dele, parando a cada quatro ou cinco passos para beber mais um gole da garrafinha que carregava.

Hal caminhou até ficar em frente a Simone. "Queridíssima senhora", disse ele pondo um joelho no chão, "não encontro palavras para expressar adequadamente o quanto sentirei a falta de seu rosto sorridente. Em todo o meu reino não há um só membro do sexo frágil que a iguale em beleza…"

"Pelas chagas de Cristo", interrompeu Falstaff, atirando-se de joelhos ao lado do príncipe. "Quiçá Sir John tenha errado. Por que haverei eu de partir com esse grupo de saltimbancos" (sacudiu o braço no sentido de Richard, Nicole e as outras crianças) "quando poderia ficar aqui, na presença de graça tão magnífica, só tendo esse velho aí para concorrer comigo? Lembro-me de Doll Tearsheet…"

Enquanto a dupla de robôs de vinte centímetros divertia a família, Benjy levantou-se de sua cadeira e aproximou-se de Michael e Simone. "Si-mo-ne", disse ele, lutando para reter as lágrimas, "vou sen-tir muita fal-ta de vo-cê. Eu te amo." Parando um momento, Benjy olhou primeiro para Simone e depois para seu pai. "Espe-ro que você e pa-pai se-jam muito felizes."

Simone levantou-se e abraçou seu irmãozinho que estava trêmulo. "Ah, Benjy, muito obrigada. Eu também vou sentir muito a sua falta. E trarei você comigo em espírito todos os dias."

O abraço dela foi demais para o menino. O corpo de Benjy foi tomado por seus soluços, e seus gemidos suaves e tristes trouxeram lágrimas aos olhos de todos. Em instantes, Patrick tinha se metido no colo de seu pai e enterrado os olhos inchados no peito de Michael. "Papai… Papai", ficou ele repetindo, sem parar.

Nenhum coreógrafo poderia ter concebido mais bela dança de despedida.

A radiosa Simone, parecendo de algum modo ainda serena, apesar de suas lágrimas, valsava pela sala, com uma despedida especial para cada um dos membros de sua família. Michael O'Toole permaneceu

sentado no sofazinho, com Patrick no colo e Benjy a seu lado. Seus olhos transbordaram de lágrimas várias vezes à medida que cada membro da família que partia chegava até ele para um último abraço.

Quero lembrar-me deste momento para sempre. Quanto amor há aqui, disse Nicole a si mesma lançando um olhar pela sala. Michael estava apertando a pequena Ellie nos braços; Simone dizia a Katie que sentiria imensa falta de suas conversas. Ao menos uma vez na vida Katie estava presa de emoções e ficou surpreendentemente silenciosa quando Simone cruzou novamente a sala para ir novamente juntar-se a seu marido.

Michael levantou delicadamente Patrick de seu colo e tomou a mão que Simone lhe estendia. Os dois voltaram-se na direção dos outros e caíram de joelhos, com as mãos postas para orar. “Nosso Pai celeste”, disse Michael com voz forte, e parou por um momento até que toda a família, até mesmo Richard, se ajoelhasse perto do casal.

“Nós Lhe agradecemos por nos haver concedido o alegre amor desta família maravilhosa. E Lhe agradecemos também por nos haver mostrado as maravilhas de Sua obra por todo o universo. Neste momento Lhe imploramos que, se for essa a Sua vontade, cuide de todos nós quando estivermos trilhando nossos caminhos separados. Não sabemos se é do Seu plano nós tornarmos a compartilhar da camaradagem e do amor que nos têm elevado a todos. Fique conosco, seja aonde for que nossos caminhos nos levem em sua espantosa criação e permita, Senhor, que algum dia nós nos reunamos novamente — neste mundo ou no próximo. Amém.”

Alguns segundos mais tarde, a campainha soou. A Águia chegara.

Nicole saiu da casa, propositadamente desenhada como uma versão menor de sua villa familiar em Beauvois, na França, e percorreu o caminhozinho estreito que levava à estação. Passou pelas outras casas, todas escuras e vazias, e tentou imaginar como seriam as coisas se estivessem cheias de gente. Minha vida tem sido como um sonho. Sem dúvida, nenhum outro ser humano teve experiências tão variadas, pensou.

Algumas das casas projetavam sombras sobre o caminho, enquanto o sol simulado completava seu arco no teto lá longe, acima de sua cabeça. Um outro mundo notável, refletiu, observando a aldeia do canto sudeste do Novo Éden. A Águia estava certa quando disse que nosso habitat seria indistinguível da Terra.

Por um momento, Nicole pensou naquele mundo azul e oceânico a uma distância de nove anos-luz. Em sua imagem mental ela estava de pé ao lado de Janos Tabori, quinze anos antes, quando a espaçonave Newton começou a se afastar de LEO-3. “Ali é Budapeste”, dissera Janos, fazendo com os dedos um círculo em torno de um ponto

determinado no globo iluminado que brilhava na janela de observação.

Nicole então localizara Beauvois, ou pelo menos sua localização aproximada, subindo o traço do rio Loire desde sua foz no Atlântico. “Minha casa é mais ou menos aqui”, indicara ela a Janos. “É possível que meu pai e minha filha estejam olhando nesta direção agora.”

Geneviève, pensou Nicole, depois que a imagem evocada já havia desaparecido, minha Geneviève. A esta altura você já é uma jovem mulher. Está com quase trinta anos. Ela continuou a andar pelo caminho perto de sua nova casa na Terra dentro de Rama. Pensar em sua primeira filha fez Nicole lembrar-se de uma breve conversa que tivera com a Águia, durante um pequeno intervalo na gravação do vídeo no Nodo.

“Eu poderei ver minha filha Geneviève enquanto estivermos perto da Terra?”

“Não sabemos”, respondeu a Águia após breve hesitação. “Depende inteiramente do modo pelo qual seus co-irmãos humanos reagirem à nossa mensagem. Você ficará dentro de Rama, mesmo que tenhamos de recorrer a planos de emergência, porém é possível que sua filha esteja entre os dois mil que virão da Terra para viver em Rama. Já aconteceu antes, com nossos viajantes espaciais…” “E Simone? Jamais tornarei a encontrar-me com ela?”

“Isso é mais difícil de responder”, disse a Águia. “Há um número muito grande de fatores envolvidos.” A criatura alienígena encarou sua tristonha amiga humana. “Sinto muito, sra. Wakefield.”

Uma filha deixada na Terra. Outra em um alienígena mundo espacial a quase 100 mil bilhões de quilômetros de distância. E eu mesma estarei em algum outro lugar, quem sabe onde. Nicole estava se sentido muito solitária. Parando, focalizou o olhar no que havia à sua volta. Estava junto a uma área circular no parque da aldeia. Dentro de uma circunferência de pedra havia um escorregador, uma caixa de areia, um conjunto de floresta e um pequeno carrossel — um playground perfeito para crianças terráqueas. Sob seus pés, a teia de ETGs estava entretecida com todas as porções do parque que eventualmente seriam ocupadas por grama e congêneres trazidos da Terra.

Nicole curvou-se para examinar os esquemas de trocas de gases individuais. Eram objetos compactos e redondos, com apenas dois centímetros de diâmetro. Havia milhares deles dispostos em filas e colunas que cruzavam todo o parque. Plantas eletrônicas, pensou ela, convertendo dióxido de carbono em oxigênio. Tomando possível a vida para nós, os animais.

Com os olhos da mente Nicole já podia imaginar o parque com grama, árvores, nenúfares no pequeno lago, exatamente como

aparecera na imagem holográfica na sala de conferência no Nodo. Porém, mesmo sabendo que Rama estava voltando ao sistema solar para "adquirir" seres humanos, era-lhe difícil conceber aquele parque pululante de crianças. Há quase quinze anos que não vejo um só ser humano, a não ser os da minha família.

Nicole deixou o parque e continuou na direção da estação. As casas residenciais que ladeavam os caminhos estreitos eram agora substituídas por filas de edificações que eventualmente abrigariam pequenos negócios.

Naturalmente, estavam todas vazias, do mesmo modo que uma estrutura grande e retangular, destinada a ser um supermercado, bem em frente à estação.

Atravessando o portão ela pisou a bordo do trem parado, logo atrás da cabine de controle tripulada por um robô Benita Garcia. "Está quase escuro", disse Nicole em voz alta.

"Faltam dezoito minutos", respondeu o robô.

"Quanto tempo leva até o sonário?"

"A viagem até a Estação Central leva dez minutos", respondeu Benita, no momento em que o trem deixava a estação sudeste. "Depois disso, terá de caminhar dois minutos."

Nicole já sabia a resposta à sua pergunta. Só tivera vontade de ouvir uma outra voz. Aquele era seu segundo dia sozinha, e conversar com um robô Garcia era melhor do que falar sozinha.

A viagem de trem levou-a do canto sudeste da colônia para seu centro geográfico. Pelo caminho, Nicole pôde ver o lago Shakespeare do lado esquerdo do trem, e as encostas do Monte Olimpo (tudo coberto por ETGs) do lado direito.

Monitores eletrônicos de mensagens dentro do trem exibiam informações sobre o que se via, a hora do dia e a distância já percorrida. Você e a Águia trabalharam bem neste sistema ferroviário, disse Nicole a si mesma, pensando em seu marido Richard, no momento adormecido com todos os outros membros da família dele. Em breve estarei me reunindo a vocês no grande quarto circular.

O sonário era, na verdade, apenas uma extensão do principal hospital, localizado a cerca de duzentos metros da estação central dos trens. Depois de deixar o trem e passar, em seu caminho, pela biblioteca, Nicole entrou no hospital, atravessou-o e chegou ao sonário através de um longo túnel. O resto da família estava adormecido em um grande quarto circular no segundo andar. Cada um estava em um "leito", junto à parede, uma engenhoca semelhante a um caixão de defunto hermeticamente selado contra o ambiente externo. Só seus rostos ficavam visíveis através de pequenas janelinhas perto de suas cabeças.

Segundo o que a Águia lhe ensinara, Nicole examinou os

monitores que continham os dados sobre as condições físicas de seu marido, duas filhas e um filho. Estavam todos bem. Não havia sequer sugestão de irregularidades.

Nicole parou e olhou carinhosamente para cada um de seus entes queridos. Aquela seria sua última inspeção. Segundo o previsto nos procedimentos, já que os parâmetros críticos de todos permaneciam com folga dentro dos níveis de tolerância, era hora de Nicole também ir dormir. Muitos anos se passariam antes que Nicole tornasse a ver qualquer membro de sua família.

Meu querido Benjy, suspirou Nicole, estudando seu filho retardado em repouso, dentre todos nós, esta ruptura na vida será mais dura para você. Katie, Patrick e Ellie poderão recobrar tudo com facilidade. Suas mentes são rápidas e ágeis. Mas você sentirá falta dos anos que talvez o tornassem independente.

Os leitos eram presos à parede circular pelo que pareciam peças de ferro fundido trabalhado. A distância da cabeça de um leito até o pé de outro era de apenas cerca de um metro e meio. O leito vazio de Nicole ficava no meio — Richard e Katie estavam para além de sua cabeça, Patrick, Benjy e Ellie para além de seus pés.

Ela demorou-se por vários minutos junto ao leito de Richard. Ele fora o último a adormecer, havia dois dias. Segundo seu pedido, o Príncipe Hal e Falstaff estavam deitados em sua caixa, dentro do compartimento selado. Estes últimos três dias foram maravilhosos, meu amor, disse Nicole para si mesma, olhando para o rosto sem expressão do marido, pela janela. Eu não poderia ter pedido mais nada.

Eles haviam nadado e até mesmo andado de esqui aquático no lago Shakespeare, escalado o monte Olimpo e feito amor todas as vezes em que qualquer um dos dois começasse a sentir a menor vontade. Tinham ficado abraçados um ao outro a noite inteira, em sua vasta cama na casa nova. Richard e Nicole haviam verificado a situação dos filhos adormecidos, uma vez por dia, mas principalmente tinham tido muito tempo para explorar seu novo reino.

Foram momentos excitantes e emocionantes. As últimas palavras de Richard, antes de Nicole ativar o sistema que o adormeceria, foram: “Você é uma mulher magnífica e eu a amo muito.”

Agora era a vez de Nicole. Não era possível adiar mais. Ela subiu para o leito, como treinara fazer por várias vezes durante sua primeira semana no Novo Éden, e ligou todos os comutadores menos um. A espuma à sua volta era inacreditavelmente confortável. A tampa do leito fechou-se sobre sua cabeça e só faltava apertar o último comutador para fazer o gás sonífero entrar no compartimento.

Ela suspirou profundamente. Deitada de costas, Nicole lembrou-se do sonho que tivera sobre a Bela Adormecida durante um dos últimos

testes realizados no Nodo. Sua mente mergulhou no passado, em sua infância, voltando-se para todos aqueles maravilhosos fins de semana que passara com seu pai vendo os espetáculos da Bela Adormecida no Château d'Ussé.

É uma boa maneira de partir, disse ela de si para consigo, ao sentir a sonolência que invadia seu leito. Pensando que haverá algum Príncipe Encantado para ao fim me despertar.

# ENCONTRO MARCADO EM MARTE

# 1

"Sra. Wakefield."

A voz parecia vir de longe, muito longe. Penetrava ligeiramente em seu consciente, mas não chegava realmente a despertá-la de seu sono. "Sra.

Wakefield."

Desta vez fora mais alta. Nicole tentou lembrar-se de onde estava, antes de abrir os olhos. Mexeu o corpo e a espuma reorientou-se a fim de fornecer o máximo de conforto. Lentamente sua memória começou a enviar sinais para o resto de seu cérebro. Novo Éden. Dentro de Rama. Voltamos ao sistema solar, lembrou-se ela. Será que estou sonhando?

Finalmente, abriu os olhos, e teve dificuldade em focalizá-los durante vários segundos. Então, a figura reclinada sobre ela alcançou sua resolução. Era sua mãe, vestida com um uniforme de enfermeira!

"Sra. Wakefield", disse a voz. "Agora é hora de acordar e preparar-se para o encontro marcado."

Durante um momento, Nicole ficou em estado de choque. Onde estava? O que fazia sua mãe ali? E então lembrou-se. Os robôs, pensou ela. Mamãe é um dos cinco tipos de robôs humanos. Um robô Anawi Tiasso é um especialista em saúde e boa forma física.

O braço do robô ajudou Nicole a equilibrar-se e sentar-se em seu leito. O quarto não mudara nada durante o longo tempo que passara dormindo. "Onde estamos?", indagou Nicole enquanto se preparava para sair do leito.

"Já completamos o principal perfil de desaceleração e entramos em seu sistema solar", respondeu a pretíssima Anawi Tiasso. "A inserção na órbita de Marte ocorrerá em seis meses."

Seus músculos não apresentavam qualquer sensação estranha. Antes de deixar o Nodo, a Águia a informara de que cada um dos compartimentos para sono incluía componentes eletrônicos especiais que não só exercitariam regularmente a musculatura e outros sistemas biológicos, a fim de evitar qualquer atrofia, como também estariam monitorando a saúde de todos os órgãos vitais. Nicole desceu a escada, e quando chegou ao chão esticou-se toda.

"Como se sente?", indagou o robô. Era Anawi Tiasso número 017, e seu número era bem visível no ombro direito de seu uniforme.

"Nada mal. Nada mal, 017", garantiu Nicole, enquanto examinava o robô.

A semelhança com sua mãe era notável. Richard e ela haviam visto todos os protótipos antes de deixar o Nodo, mas só as Benitas Garcia se haviam tornado operacionais duas semanas antes de eles

adormecerem. Todo o resto dos robôs do Novo Éden havia sido construído e testado durante o longo vôo. Parece mesmo com a minha mãe, admirou-se Nicole, respeitando o trabalho dos artistas ramaianos desconhecidos. Fizeram todas as alterações que eu sugeri no protótipo.

Ao longe, ouviu passos que se dirigiam a elas. Nicole virou-se. Aproximava-se uma segunda Anawi Tiasso, igualmente usando uniforme branco de enfermeira. "A número 009 também foi destacada para auxiliar com o procedimento de iniciação", anunciou o robô Tiasso a seu lado.

"Destacada por quem?", perguntou Nicole, lutando por lembrar-se de suas discussões com a Águia a respeito dos procedimentos para despertar.

"Pelo plano de missão pré-programado", respondeu a número 017. "Uma vez que todos vocês humanos estejam vivos e alertas, recebemos nossas instruções de vocês."

Richard acordou mais rapidamente, mas foi bastante desajeitado ao descer a pequena escada, sendo necessário que as duas Tiassos o sustentassem para evitar que caísse. Richard ficou visivelmente encantado por encontrar a mulher. Depois de um longo abraço e de um beijo, ficou olhando Nicole por vários segundos. "Não piorou nada com o tempo", disse ele brincando. "Seu cabelo ficou um pouco mais grisalho, mas ainda há uns bons punhados de saudável cabelo preto em vários pontos."

Nicole sorriu. Como era bom falar de novo com Richard!

"Por falar nisso", perguntou ele logo depois, "quanto tempo ficamos nesses caixões malucos?"

Nicole deu de ombros. "Não sei; ainda não perguntei. A primeira coisa que fiz foi fazer você acordar."

Richard voltou-se para as duas Tiassos. "Será que as simpáticas senhoras sabem há quanto tempo nós deixamos o Nodo?"

"Vocês dormiram por dezenove anos de tempo de viajantes", respondeu Tiasso 009.

"O que quer ela dizer com 'tempo de viajante'?", indagou Nicole.

Richard sorriu. "É uma expressão relativista, querida. O tempo não significa nada a não ser que você tenha um quadro de referências. Dentro de Rama passaram-se dezenove anos, porém esses anos só se enquadram em…

"Deixe para lá", interrompeu Nicole. "Não dormi todo esse tempo para receber logo ao acordar uma aula de relatividade. Você me explica mais tarde, na hora do jantar. Nesse meio tempo, temos uma questão mais importante: em que ordem devemos acordar as crianças?"

"Tenho outra sugestão", retrucou Richard após um momento de hesitação.

“Sei que está ansiosa para acordar as crianças, e eu também. No entanto, por que não as deixamos dormir por mais algumas horas? Por certo não lhes fará mal… E você e eu temos muito que discutir. Podemos começar nossas preparações para o encontro marcado, definir o que pretendemos fazer quanto à educação das crianças, talvez até mesmo usar um pouco de tempo para nos conhecermos de novo…”

Nicole estava ansiosa para conversar com as crianças, porém seu lado lógico compreendia o mérito da sugestão de Richard. A família elaborara apenas um plano rudimentar para o que aconteceria quando despertasse, basicamente em razão da insistência da Águia de que havia número muito grande de incertezas para que se pudesse especificar com exatidão as circunstâncias. Seria bem mais fácil fazer planos antes que as crianças acordassem…

“Está bem”, disse finalmente Nicole, “desde que eu tenha a certeza de que todos estão bem…”, e olhou para a primeira Tiasso.

“Todos os dados monitorados indicam que os seus filhos venceram o longo período de sono sem qualquer irregularidade significativa”, disse a biota.

Nicole tornou a virar-se e estudou com cuidado o rosto de Richard. Ele envelhecera um pouco, porém não tanto quanto ela esperara.

“Onde está sua barba?”, disse ela repentinamente, quando sua mente registrou que ele estava muito bem barbeado.

“Barbeamos os homens ontem, enquanto dormiam”, respondeu Tiasso 009. “Também cortamos os cabelos e demos banho em todos. Segundo o plano de missão pré-programado.

Os homens? pensou Nicole. Ficou momentaneamente perplexa. Mas é claro; Benjy e Patrick agora já são homens!

Ela tomou a mão de Richard e os dois foram depressa até o leito de Patrick. O rosto que viram pela janela era espantoso. Seu pequeno Patrick não era mais um menino. Suas feições se haviam alongado consideravelmente e os contornos arredondados das faces haviam desaparecido. Nicole fixou o filho por mais de um minuto.

“Sua idade corresponde a mais ou menos dezesseis ou dezessete anos”, esclareceu Tiasso 017, respondendo ao olhar indagador de Nicole. “O sr.

Benjamin O’Toole permanece um ano e meio mais velho. É claro que essas idades são apenas aproximadas. Como a Águia lhes explicou antes de partirem do Nodo, pudemos retardar um pouco as enzimas-chaves de envelhecimento em cada um de vocês — porém nem todos na mesma escala. Quando dizemos que o sr. Patrick O’Toole tem agora dezesseis ou dezessete anos, estamos nos referindo apenas ao relógio pessoal, interno, biológico, dele. A idade citada é uma espécie de

média entre crescimento, amadurecimento e processos subsistêmicos de envelhecimento."

Nicole e Richard pararam junto a cada um dos outros leitos, olhando as crianças pelas janelinhas durante vários minutos. Nicole sacudiu repetidamente a cabeça expressando sua perplexidade. "Para onde foram os meus filhotes?", disse ela ao ver que até mesmo a pequena Ellie se tinha transformado em uma adolescente durante a longa viagem.

"Nós sabíamos que isso ia acontecer", comentou Richard sem emoção, o que não ajudava em nada a Nicole mãe a enfrentar o sentimento de perda que estava vivenciando.

"Saber é uma coisa", disse Nicole; "mas ver e vivenciar o fato é completamente outra. Este não é um caso típico de mãe que repentinamente se dá conta de que seus meninos e meninas já cresceram. O que aconteceu a nossos filhos é verdadeiramente arrasador. Seu desenvolvimento mental e social foi interrompido pelo equivalente a dez ou doze anos. Nós agora temos crianças pequenas andando por aí em corpos adultos. Como poderemos prepará-los para encontrar outros humanos em seis meses?" Nicole estava atônita. Teria uma parte dela se recusado a acreditar na Águia quando esta descrevera o que iria acontecer à sua família? Talvez. Tratavase de mais um evento inacreditável até mesmo em uma vida que havia muito tempo já abandonara qualquer compreensão. Porém, como mãe deles, tenho muito o que fazer, e quase não tenho tempo. Por que não planejamos tudo isso antes de deixar o Nodo?

Enquanto Nicole lutava com sua forte reação emocional à visão de seus filhos repentinamente já crescidos, Richard conversava com as duas Tiassos, que respondiam todas as perguntas dele com facilidade. Ele estava profundamente impressionado com a capacidade física e mental dos dois robôs. "Todos vocês têm uma riqueza assim tão grande de informações guardada em suas memórias?", perguntou ele às duas no meio da conversa.

"Só nós, Tiassos, temos dados históricos detalhados de saúde sobre a sua família", respondeu 009. "Todos os biomas humanos têm acesso a um grande leque de fatos básicos. No entanto, certa porção desse conhecimento será removida aos primeiros contatos com outros humanos. Nesse instante, os recursos de memória de biomas de todo tipo serão parcialmente eliminados.

Qualquer acontecimento ou parte de dados pertencentes à Águia, ao Nodo ou quaisquer situações ocorridas antes de vocês despertarem desaparecerão de nossos bancos de dados depois do encontro com os outros humanos. Apenas as suas informações pessoais de saúde serão disponíveis para esses períodos anteriores de tempo — e tais dados estarão localizados nos Tiassos."

Nicole já vinha pensando sobre o Nodo antes destes últimos comentários.

"Vocês ainda estão em contato com a Águia?", indagou de repente.

"Não", respondeu a o 17 desta vez. "É bastante seguro supor que a Águia, ou pelo menos algum representante da Inteligência Nodal, continue monitorando periodicamente nossa missão, porém não há mais qualquer tipo de interação com Rama a partir do momento em que deixamos o Hangar. Vocês, nós e Rama estaremos sozinhos até que os objetivos desta missão sejam alcançados."

Katie postou-se defronte do espelho grande e estudou seu corpo nu. Mesmo depois de um mês ele ainda era novidade para ela. Gostava muito de tocar em si mesma, e particularmente de correr os dedos pelos seios e observar os mamilos incharem-se reagindo ao estímulo. E gostava de fazê-lo ainda mais à noite, quando estava debaixo dos lençóis. Então ela podia esfregar-se em toda parte até ondas de arrepios percorrerem seu corpo e ela sentir vontade de gritar de prazer.

Sua mãe já lhe explicara o fenômeno, mas pareceu um tanto contrafeita quando Katie quis discuti-lo uma segunda e uma terceira vez. "A masturbação é uma coisa muito íntima, queridinha", dissera Nicole, em voz baixa, certa noite antes do jantar, "que geralmente só discutimos, se é que chegamos a discuti-la, com os amigos mais íntimos."

Ellie não ajudava. Katie jamais vira a irmã tentando examinar-se, nem uma vez sequer. Provavelmente ela não faz isso nunca. E por certo não tem a menor vontade de falar no assunto.

"Já acabou com o chuveiro?", ouviu Katie quando Ellie gritou do outro quarto. Cada uma das meninas tinha seu próprio quarto de dormir, mas compartilhavam um só banheiro.

"Já", gritou Katie por sua vez. Ellie entrou no banheiro, pudicamente enrolada em uma toalha, e olhou rapidamente para a irmã, de pé, inteiramente nua, em frente ao espelho. A menina mais moça ia começar a dizer alguma coisa, mas aparentemente mudou de idéia, pois deixou cair a toalha e entrou depressa para o chuveiro.

Katie ficou observando Ellie através da porta transparente. Primeiro olhou o corpo de Ellie, depois olhou de novo para o espelho, comparando todos os aspectos anatômicos possíveis. Katie preferia seu próprio rosto e cor de pele — ela era de longe o membro mais claro da família, a não ser pelo pai — mas o corpo de Ellie era melhor.

"Por que será que meu corpo é tão parecido com o de um menino?", Katie perguntou a Nicole certa noite, duas semanas mais tarde, depois de acabar de ler um cubo de dados que continha uns figurinos muito antigos.

“Não posso explicar exatamente”, respondeu Nicole, levantando os olhos de sua própria leitura. “A genética é um assunto complicadíssimo, muito mais complexo do que Gregor Mendel imaginou a princípio.”

Nicole riu de si mesma, ao se dar conta, logo depois, que Katie não podia de modo algum compreender o que acabara de dizer. “Katie”, continuou ela, em tom menos pedante, “cada criança é uma combinação única das características de seu pai e sua mãe. Tais características identificadoras são guardadas em moléculas chamadas de genes. Há literalmente bilhões de modos diferentes pelos quais os genes de um par de pais podem expressar-se… é por isso que os filhos de um casal não são todos idênticos.”

A testa de Katie franziu-se. Tinha esperado uma resposta diferente. Nicole percebeu logo. “Além do que”, acrescentou em tom reconfortante, “seu corpo não lembra o de um menino de todo. ‘Atlético’ seria um termo que o descreveria melhor.”

“Seja como for”, respondeu Katie, apontando para sua irmã, que estava estudando muito no canto da sala de estar, “eu certamente não me pareço com Ellie. O corpo dela é realmente atraente — os seios dela são ainda maiores e mais redondos do que os seus.”

Nicole riu com naturalidade. “Ellie tem realmente um corpo imponente.

Mas o seu é tão bom quanto o dela — só que diferente.” Nicole voltou à sua leitura, julgando que a conversa havia terminado.

“Não encontrei muitas mulheres com meu tipo de corpo nestas revistas”, insistiu Katie, após um breve silêncio. Estava mostrando seu computador portátil, porém Nicole não estava mais prestando atenção. “Sabe, mamãe, acho que a Águia cometeu algum engano nos controles do meu leito, e eu devo ter recebido alguns hormônios que eram destinados a Patrick ou Benjy.”

“Katie, querida”, respondeu Nicole, finalmente compreendendo que a filha estava obcecada com seu corpo; “é virtualmente certo que você se tornou a pessoa que seus genes foram programados para ser quando foi concebida. Você é uma moça linda e inteligente, e ficaria mais feliz se gastasse seu tempo pensando em seus muitos atributos excelentes, ao invés de descobrir alguma imperfeição em você mesma e querer ser alguma outra pessoa.”

Desde o momento do despertar que muitas das conversas de mãe e filha tinham seguido mais ou menos o mesmo rumo. Para Katie, parecia que sua mãe não tentava compreendê-la e estava sempre com uma lição ou um epigrama já prontos. “Há muito mais riquezas na vida do que apenas sentir-se bem”, era um refrão recorrente que soava nos ouvidos de Katie. Por outro lado, os elogios que a mãe fazia a Ellie sempre lhe pareciam exagerados. “Ellie é tão boa aluna, apesar de ter

começado muito tarde", "Ellie sempre ajuda, mesmo quando ninguém pede", ou "Por que você não pode ter um pouquinho mais de paciência com Benjy, como Ellie tem?"

Primeiro era Simone, e agora Ellie, dizia Katie a si mesma certa noite, quando estava deitada, nua, em sua cama, depois que ela e a irmã haviam brigado e a mãe só repreendera a ela. Eu nunca tive chance com a mamãe. Somos diferentes demais. O melhor é nem tentar.

Seus dedos passavam por todo o seu corpo, estimulando seu desejo, e Katie suspirou por antecipação. Ao menos há certas coisas para as quais eu não preciso de mamãe, concluiu.

"Richard", disse Nicole uma noite na cama, quando estavam a apenas seis semanas de distância de Marte.

"Mrnmmmm", respondeu ele lentamente, quase dormindo.

"Estou preocupada com Katie. Estou muito satisfeita com o progresso feito pelas outras crianças, até mesmo Benjy, que Deus o abençoe. Mas preocupo-me de verdade com Katie."

"Exatamente o que é que a está incomodando?", disse Richard, soerguendo o corpo e apoiando-se em um cotovelo.

"Principalmente suas atitudes. Katie é incrivelmente auto-referente. E também é de pavio curto e sem paciência com as outras crianças, até mesmo com Patrick, que positivamente a adora. Ela discute comigo o tempo todo, muitas vezes em uma espécie de disputa tola. E creio que ela passa tempo demais sozinha no quarto."

"Ela só está entediada", respondeu Richard. "Lembre-se, Nicole, que fisicamente ela é uma moça de vinte e poucos anos. Era hora de ela sair com rapazes, afirmar sua independência. Não há ninguém aqui, na verdade, que esteja à altura dela… E você tem de admitir que às vezes nós a tratamos como se tivesse uns doze anos."

Nicole não disse nada. Richard inclinou-se e tocou-lhe o braço. "Nós sempre soubemos que Katie era a mais tensa de todas as crianças. Infelizmente, ela parece muito comigo."

"Mas você pelo menos canaliza sua energia para projetos que valham a pena. Katie é tão prontamente destrutiva quanto construtiva… Falando sério, Richard, eu gostaria que você tivesse uma conversa com ela. De outro modo, temo que tenhamos problemas sérios quando encontrarmos os outros humanos."

"E o que quer que eu diga a ela?", respondeu Richard após um breve silêncio. "Que a vida não é feita de um momento excitante após outro?… E por que razão deveria eu pedir-lhe que não se retirasse para seu mundo de fantasia em seu próprio quarto? É provável que ele seja mais interessante do que este.

Infelizmente, não há nada de muito excitante para uma mulher

jovem como Katie em parte alguma do Novo Éden, neste momento.” “Esperava que você fosse um pouco mais compreensivo”, respondeu Nicole um tanto amuada. “Preciso de sua ajuda, Richard… e Katie reage melhor a você.”

Novamente Richard ficou em silêncio. “Está bem”, acabou dizendo, em tom frustrado, e tornando a deitar-se. “Levarei Katie para esquiar na água amanhã — ela adora — e pedirei que ela ao menos tenha um pouco mais de consideração com os outros membros da família.”

“Muito bom. Ótimo”, disse Richard, quando acabou de ler todo o material no caderno eletrônico de Patrick. Desligando a força, ele olhou para o filho, que estava sentado defronte do pai, um pouco nervoso. “Você aprendeu álgebra muito depressa, e positivamente tem um dom para a matemática. Quando chegarem os outros humanos no Novo Éden, você estará quase pronto para cursos universitários — pelo menos em matemática e ciência.”

“Mas mamãe diz que ainda estou muito atrasado com o meu inglês”, respondeu Patrick. “Ela diz que minhas redações parecem de criança.”

Nicole ouviu a conversa e aproximou-se, vindo da cozinha. “Patrick, querido, Garcia 041 diz que você não leva suas redações a sério. Sei que você não pode aprender tudo do dia para a noite, mas não quero que fique embaraçado quando encontrarmos os outros humanos.”

“Mas eu gosto mais de matemática e ciência”, protestou Patrick. “Nosso robô Einstein disse que poderia ensinar-me cálculo em três ou quatro semanas — se eu não tivesse de estudar tantas outras matérias.”

A porta da frente abriu-se de repente e Katie e Ellie entraram brincando.

O rosto de Katie estava brilhando e vivo. “Desculpem o atraso, mas tivemos um dia ótimo.” Voltou-se para Patrick e acrescentou: “Eu guiei o barco sozinha, e atravessei todo o lago Shakespeare. Deixamos Garcia na margem.”

Ellie não estava tão entusiasmada quanto a irmã. Na verdade, parecia um pouquinho emburrada. “Você está bem, querida?” perguntou Nicole baixinho à caçula, enquanto Katie regalava o resto da família com suas histórias da aventura no lago.

Ellie acenou com a cabeça, mas não disse nada.

“O excitante, mesmo”, vibrava Katie, “foi cruzar nossas próprias ondas em alta velocidade. Bam-bam-bam, íamos batendo de uma onda para outra. Às vezes, parecia que estávamos voando.”

“Aqueles barcos não são brinquedos”, comentou Nicole alguns

momentos mais tarde, ao chamar todos para que viessem jantar. Benjy, que estivera na cozinha pegando uns pedacinhos de salada com as mãos, foi o último a se sentar.

"O que é que você faria se o barco virasse?", perguntou Nicole depois de estarem todos sentados.

"As Garcias iriam nos salvar", respondeu Katie, sem dar muita importância ao assunto. "Havia três nos olhando da praia… Afinal, é para isso que elas servem… Além do que, estamos usando salva-vidas, e de qualquer modo eu sei nadar."

"Mas sua irmã não sabe", retrucou imediatamente Nicole, em tom crítico.

"E você sabe que ela teria ficado apavorada se tivesse sido atirada na água." Katie tentou argumentar, mas Richard interferiu e mudou de assunto, antes que a discussão pegasse fogo. Na verdade, toda a família andava um pouco nervosa. Rama havia entrado na órbita de Marte fazia um mês, mas ainda não havia qualquer sinal do contingente humano que supostamente eles deveriam encontrar. Nicole sempre supusera que seu encontro com os outros terráqueos teria lugar logo após sua inserção na órbita de Marte.

Depois do jantar, toda a família foi para o pequeno observatório de Richard no quintal da casa, para olhar para Marte. O observatório tinha acesso a todos os sensores externos de Rama (porém a nenhum dos internos fora do perímetro do Novo Éden — a Águia fora muito firme quanto a esse ponto durante suas discussões sobre o desenho da nave) e podia portanto apresentar vistas telescópicas esplêndidas de cada parte do dia do Planeta Vermelho.

Benjy gostava particularmente dessas sessões de observação com Richard.

Sentia muito orgulho de poder apontar os vulcões da região de Tharsis, o grande desfiladeiro chamado Valles Marineris, e a área Chryse, onde a primeira nave Viking pousara havia mais de duzentos anos. Uma tempestade de pó estava-se formando ao sul da Estação Mutch, centro da grande colônia marciana abandonada nos dias incertos que se seguiram ao Grande Caos. Richard especulou que o pó poderia espalhar-se por todo o planeta, já que estava na estação certa para esse tipo de tempestade global.

"O que acontecerá se os outros terráqueos não aparecerem?", indagou Katie durante um momento de pausa nas observações de Marte. "E por favor, mamãe, dê uma resposta clara, desta vez; nós não somos mais crianças."

Nicole ignorou o tom desafiador do comentário de Katie. "Se me lembro corretamente, o plano básico reza que devemos esperar aqui na órbita de Marte por seis meses", respondeu. "Se não houver encontro dentro desse período, Rama irá na direção da Terra." Fez

uma pausa de vários segundos. “Nem seu pai nem eu sabemos qual será o procedimento a partir desse ponto. A Águia nos disse que se forem postos em marcha quaisquer dos planos de emergência, eles nos dirão, no momento certo, tudo o que precisamos saber.”

A sala ficou quieta por quase um minuto, enquanto imagens de Marte em várias resoluções apareciam na gigantesca tela na parede. “Onde é a Terra?”

perguntou Benjy.

“É o planeta que fica logo para dentro de Marte, isto é, é o que fica mais perto do sol, logo a seguir de Marte”, respondeu Richard. “Não se lembra de que eu lhe mostrei na fila de planetas, na sub-rotina do meu computador?”

“Não é isso que eu quis dizer”, respondeu Benjy muito devagar. “Eu quero ver a Terra.”

Era um pedido bastante simples. Jamais ocorrera a Richard, embora houvesse trazido a família ao observatório várias vezes, que as crianças pudessem se interessar por aquela luz mal e mal azulada no céu da noite marciana. “A Terra não é muito imponente vista desta distância”, disse Richard, interrogando seu banco de dados para obter o melhor resultado do sensor. “Na verdade, parece bastante com qualquer outro objeto brilhante, como Sirius, por exemplo.”

Richard não captara o significado da coisa. Uma vez identificada a Terra em um quadro celestial específico, e centrada a sua imagem em torno daquele reflexo aparentemente insignificante, as crianças todas ficaram fascinadas olhando para ela, com a maior atenção.

Aquele é seu planeta natal, pensou Nicole, fascinada pela repentina mudança de clima na sala, muito embora jamais tenham estado lá. Imagens da Terra, guardadas na memória, inundaram Nicole, enquanto olhava para aquele pontinho no centro da tela. Teve então consciência de uma profunda saudade, de um desejo de voltar àquele abençoado planeta oceânico transbordante de tanta beleza. Lágrimas encheram-lhe os olhos e, aproximando-se das crianças, ela abriu os braços e envolveu todas elas.

“Seja para onde for que nós tenhamos de ir neste espantoso universo”, disse ela suavemente, “tanto agora quanto no futuro, aquele pontinho azul será sempre a nossa casa.”

# 2

Nai Buatong despertou na escuridão que antecede a aurora. Enfiou-se em um vestido de algodão sem mangas, parou momentaneamente para apresentar seus respeitos a seu Buda pessoal no hawng pra adjacente à sala de estar, depois abriu a porta da frente sem despertar os outros membros da família. Na brisa, pôde sentir o cheiro de flores misturado com temperos Tai — alguém na vizinhança já estava preparando o desjejum.

As sandálias dela não faziam barulho no caminho de terra fofa. Nai caminhava devagar, com a cabeça virando para a direita e a esquerda, seus olhos absorvendo todas as sombras familiares que em breve se transformariam em lembranças. Meu último dia, pensou ela. Finalmente chegou.

Após alguns minutos, ela dobrou à direita, para a rua asfaltada que levava ao pequeno distrito comercial de Lamphum. Ocasionalmente uma bicicleta passava por ela, mas de modo geral a manhã estava calma. Nenhuma das lojas se abrira, ainda.

Ao aproximar-se de um templo, Nai passou por dois monges budistas, um de cada lado da rua. Ambos os monges estavam vestidos com a rotineira roupa açafrão, e ambos carregavam grandes urnas metálicas. Procuravam seu desjejum, exatamente como faziam toda manhã na Tailândia inteira. Uma mulher apareceu na porta de uma loja, bem defronte a Nai, e derramou um pouco de comida na urna do monge. Nem trocaram palavras e nem a expressão do monge alterou-se de forma perceptível para acusar o recebimento da doação.

Eles não possuem nada, ficou pensando Nai, nem sequer aquele trapo que os veste. E no entanto são felizes. Ela recitou rapidamente o princípio básico, “A causa do sofrimento é o desejo”, e lembrou-se da incrível riqueza da família de seu novo marido, no bairro de Higashiyama, nos arredores de Kioto, no Japão.

Kenjy diz que sua mãe tem tudo, menos paz. Esta a escapa porque ela não a pode comprar.

Por um momento a lembrança recente da imponente casa dos Watanabes encheu sua mente, afastando a imagem da singela rua Tai ao longo da qual ela caminhava. Nai ficara dominada pela opulência da mansão em Kioto. Mas para ela o lugar não tinha sido amistoso. Ficara imediatamente óbvio que os pais de Kenjy a encaravam como uma intrometida, uma estrangeira inferior que se casara com seu filho sem o beneplácito deles. Não foram maus, somente frios.

Haviam-na dissecado com perguntas sobre seus antecedentes familiares e de educação, feitas com precisão lógica e sem emoção. Kenjy a consolara mais tarde salientando que sua família não estaria

com eles em Marte.

Ela parou na rua em Lamphun e olhou para o templo da rainha Chamatevi. Era seu local predileto da cidade, provavelmente seu local predileto em toda a Tailândia. Partes do templo já tinham mil e quinhentos anos; suas silenciosas sentinelas de pedra haviam testemunhado uma história tão diferente da atual que poderia ter tido lugar em algum outro planeta.

Nai atravessou a rua e parou no pátio logo dentro dos muros do templo.

Era uma manhã excepcionalmente clara, e logo acima do chedi mais alto do velho templo Tai uma forte luz brilhou no escuro céu matinal. Nai se deu conta de que aquela luz era Marte, seu destino futuro. A justaposição era perfeita. Por todos os 26 anos de sua vida (com exceção dos quatro que passara na Universidade de Chiang Mai), a cidade de Lamphun fora seu lar. Dentro de seis semanas ela estaria a bordo de uma gigantesca espaçonave que a levaria à sua residência pelos próximos cinco anos, em uma colônia espacial no Planeta Vermelho.

Nai sentou-se em posição de lótus em um canto do pátio e olhou fixamente para a luz no céu. Como é justo, pensou ela, que Marte me esteja olhando esta manhã. E iniciou a respiração rítmica que era o prelúdio de sua meditação matinal. Mas ao preparar-se para a paz e a calma que geralmente a “centravam”

para o dia que começava, Nai admitiu que havia muitas emoções fortes e não resolvidas dentro dela.

Primeiro tenho de refletir, pensou Nai, resolvendo abandonar sua meditação temporariamente. Neste dia, o último que passo em casa, tenho de fazer as pazes com os acontecimentos que mudaram completamente a minha vida.

Onze meses antes, Nai Buatong estava sentada em local idêntico a este, seus cubos de lições de inglês e francês cuidadosamente guardados a seu lado em uma sacola. Nai estava planejando organizar seu material para o próximo ano acadêmico, resolvida que seria mais interessante e cheia de energia como professora de línguas em um curso secundário.

Antes de começar a trabalhar em seus planos de aulas naquele fatídico dia do ano anterior, Nai lera o jornal diário de Chiang Mai. Enfiando o cubo no aparelho de leitura, ela passara os olhos rapidamente pelas páginas, mal lendo mais do que os cabeçalhos. Na última página aparecia um anúncio, escrito em inglês, que chamou sua atenção.

MÉDICO, ENFERMEIRA, PROFESSORA, FAZENDEIRO

VOCÊ É AVENTUREIRO, POLIGLOTA, SAUDÁVEL?

A AGÊNCIA ESPACIAL INTERNACIONAL (AEI) ESTÁ MONTANDO UMA EXPEDIÇÃO DE GRANDE PORTE PARA RECOLONIZAR MARTE. INDIVÍDUOS QUE SE DESTACAM NAS ATIVIDADES CRÍTICAS ACIMA MENCIONADAS ESTÃO SENDO PROCURADOS PARA COMPROMISSO DE CINCO ANOS NA COLÔNIA. ENTREVISTAS INDIVIDUAIS SERÃO REALIZADAS EM CHIANG MAI, NO DIA 23 DE AGOSTO DE 2244. FORMULÁRIOS PODERÃO SER PEDIDOS PELO TELECORREIO TAI # 462-62-4930.

Quando apresentou sua candidatura à AEI, Nai não julgara que suas probabilidades fossem muito grandes. Estava virtualmente certa de que não passaria na primeira seleção e, portanto, sequer ficaria qualificada para a entrevista individual. E ficou muito surpreendida, na realidade, quando seis semanas mais tarde recebeu um aviso em sua caixa de correio eletrônico, que estava provisoriamente selecionada para as entrevistas. A comunicação também informava Nai de que quaisquer indagações pessoais que tivesse deviam ser atendidas primeiro pelo correio e depois na entrevista. A AEI salientava que só desejariam entrevistar candidatos que tivessem a intenção de aceitar, caso um posto na colônia marciana lhes seja oferecido.

Nai respondeu a notificação recebida com apenas uma pergunta. Poderia uma parte significativa do que ganhasse enquanto estivesse em Marte ser direcionada para um banco na Terra? Acrescentou que essa era condição essencial para sua aceitação.

Dez dias mais tarde, recebeu outra comunicação eletrônica. Era muito sucinta. Sim, dizia a mensagem, parte de seus ganhos poderia ser enviada regularmente para um banco na Terra. Entretanto, continuava, Nai tinha de estar absolutamente certa quanto à divisão do dinheiro — a divisão estabelecida pelo futuro colono não podia ser mais alterada uma vez que ele ou ela deixasse a Terra.

Porque o custo de vida em Lamphun era baixo, o salário oferecido pela AEI a uma professora de línguas na colônia em Marte era quase o dobro do que Nai precisaria para enfrentar todas as suas obrigações familiares. A jovem arcava com grandes responsabilidades. Era a única a ganhar em uma família de cinco membros, que incluía o pai inválido, a mãe e duas irmãs mais moças.

Sua infância fora árdua, mas a família conseguira sobreviver logo acima da linha de pobreza. Durante o último ano de Nai na universidade, no entanto, o desastre se abatera sobre eles. Primeiro, o pai tivera um derrame debilitante.

Depois, sua mãe, cujo senso comercial praticamente não existia,

ignorou o que lhe recomendaram a família e os amigos e tentou administrar sozinha a loja de artesanato familiar. Dentro de um ano a família perdera tudo o que tivera e Nai se viu obrigada não só a usar parte de suas economias pessoais a fim de fornecer comida e roupa para sua família, como também a abandonar seu sonho de trabalhar em tradução literária para uma das grandes editoras de Bangkok.

Nai ensinava em uma escola durante a semana e era guia aos sábados e domingos. No sábado anterior à sua entrevista na AEI, Nai estava conduzindo uma excursão em Chiang Mai, a trinta quilômetros de sua casa, e em seu grupo havia vários japoneses, entre os quais um rapaz de boa estampa e articulado, com uns trinta e poucos anos, que falava inglês praticamente sem sotaque. Seu nome era Kenji Watanabe. Ele prestou a maior atenção a tudo o que Nai dizia, fez perguntas sempre inteligentes, e foi extremamente polido.

Quase no fim da visita aos lugares santos budistas na área de Chiang Mai, o grupo embarcou no teleférico que sobe a montanha de Doi Suthep, a fim de visitar o famoso templo budista que fica no cume. A maior parte dos turistas já estava exausta em função das atividades do dia, mas não Kenji Watanabe.

Primeiro, ele insistiu em subir a vasta escadaria do dragão, como fazem os peregrinos budistas, em lugar de subir pelo funicular que partia da estação final do teleférico. E, finalmente, quando desceram e Nai estava sentada sozinha tomando chá no lindo restaurante ao pé da montanha, Kenji deixou os outros turistas que enchiam as lojas de lembranças e aproximou-se da mesa.

“Kaw tode krap”, disse ele em excelente tai, deixando atônita a senhorita Buatong. “Posso sentar-me? Tenho mais algumas perguntas a fazer.”

“Kun pode posa thai dai mai ka?”, perguntou Nai, ainda atônita.

“Pohm kao jai pasa thai dai nitnoy”, respondeu ele, indicando que compreendia um pouco do tai. “E você? Anata wa nihon go hanashimasu ka?”

Nai sacudiu a cabeça. “Nihon go hanashimasen”, sorriu ela. “Só inglês, francês e tai. Embora às vezes possa compreender um pouquinho de japonês se for falado muito lentamente.”

“Fiquei fascinado”, disse Kenji em inglês, depois de se sentar defronte de Nai, “pelos murais que retratam a fundação do templo em Doi Suthep. É uma lenda maravilhosa — um misto de história e misticismo —, mas como historiador fiquei curioso a respeito de duas coisas. Em primeiro lugar, como poderia esse venerável monge de Sri Lanka saber, por algumas fontes religiosas de fora do reino de Lan-na, que existia uma relíquia do Buda naquele pagode abandonado ali perto? Não me parece que de outro modo ele tivesse arriscado assim sua reputação. Em segundo lugar, parece-me perfeito demais, como a

vida imitando a arte, que aquele elefante branco tivesse subido a Doi Suteph carregando a relíquia, por acaso, para morrer tão logo atingiu o topo. Existe alguma fonte histórica não-budista do século XV que corrobore essa história?"

Nai ficou olhando para o sôfrego sr. Watanabe durante vários segundos antes de responder. "Senhor", disse ela com um pálido sorriso, "nos meus dois anos como guia das excursões aos locais budistas da região, jamais tive alguém que me fizesse qualquer uma dessas duas perguntas. Eu certamente não sei as respostas, mas, se estiver interessado, posso dar-lhe o nome de um professor na Universidade Chiang Mai que é extremamente bem versado na história budista do reino de Lan-na. Ele é especialista em todo esse período, a partir do rei Mengrai…"

A conversa foi interrompida pelo anúncio de que o teleférico já estava pronto para acomodar passageiros para a primeira viagem de volta à cidade. Nai levantou-se e pediu licença ao rapaz. Kenji tornou a juntar-se ao resto do grupo.

Observando-o de longe, Nai ficou rememorando a intensidade dos olhos dele.

Eram incríveis, pensou ela; jamais vi outros olhos tão limpos e tão cheios de curiosidade.

Ela tornou a ver aqueles olhos na tarde da segunda-feira seguinte, quando foi ao Hotel Dusit Thani em Chiang Mai para sua entrevista na AEI. Ficou espantada de ver Kenji sentado atrás de uma escrivaninha com o emblema oficial da AEI na camisa. A princípio Nai ficou perturbada. "Juro que não havia visto seus documentos antes de sábado", disse Kenji à guisa de desculpas. "Se soubesse que estava entre as candidatas, eu teria tomado uma outra excursão."

A entrevista correu muito bem. Kenji foi extremamente elogioso, tanto a respeito da excepcional folha acadêmica de Nai quanto a seu trabalho voluntário nos orfanatos de Lamphun e Chiang Mai. Nai reconheceu honestamente que não sentira sempre algum "desejo incontrolável" de viajar no espaço, mas já que tinha em princípio uma "natureza aventureira" e o posto na AEI lhe permitiria também atender a todas as suas obrigações familiares, havia se candidatado à posição em Marte.

Já no final da entrevista, quando houve uma pausa no conversa, Nai perguntou agradavelmente: "É tudo?", levantando-se de sua cadeira.

"Só mais uma coisa", disse Kenji Watanabe, repentinamente desajeitado.

"Isto é, se você for boa na interpretação dos sonhos."

Nai sorriu e tornou a sentar-se. "Vamos lá", disse.

Kenji respirou fundo. "Sábado à noite eu sonhei que estava na

floresta, em algum ponto perto do sopé de Doi Suthep — sabia onde estava porque podia ver o chedi dourado no alto de minha tela de sonhos. Corria pelo meio das árvores, tentando encontrar o caminho, quando deparei com uma sucuri imensa deitada em um ramo, ao lado de minha cabeça.

"'Aonde está indo?', perguntou-me a sucuri.

" 'Estou procurando minha namorada', respondi.

"'Ela está no alto da montanha', disse a sucuri.

"Eu me safei da floresta, fiquei ao sol e olhei para o cume de Doi Suthep.

Minha namorada de infância Keiko Murosawa estava lá, de pé, acenando para mim. Eu me virei e olhei para trás, para a sucuri.

"'Olhe de novo', disse ela.

"Quando olhei para o alto da montanha uma segunda vez, o rosto da mulher tinha mudado. Não era mais Keiko — era você quem estava acenando para mim do cume de Doi Suthep."

Kenji ficou em silêncio por vários segundos. "Eu jamais tivera um sonho tão inesperado e vivido. Pensei talvez…"

Nai sentiu arrepios no braço enquanto Kenji contava sua história. Ela sabia o final — que ela, Nai Buatong, seria a mulher acenando do alto da montanha — mesmo antes de ele terminar. Nai inclinou-se para a frente, ainda sentada. "Sr. Watanabe", disse ela lentamente, "espero que o que vou dizer não o ofenda…"

Nai ficou quieta por vários segundos. "Temos um famoso ditado tai", disse ela finalmente, como os olhos evitando encontrar os dele, "que afirma que quando uma cobra fala com você em um sonho, você encontrou o homem ou a mulher com quem irá se casar."

Seis semanas mais tarde ela recebeu o aviso, lembrou-se Nai, que continuava sentada no pátio ao lado do templo da rainha Chamatevi, em Lamphun. O pacote com o material de AEI chegou três dias mais tarde, junto com as flores de Kenji.

O próprio Kenji aparecera em Lamphun no fim de semana seguinte.

"Lamento não ter telefonado ou coisa parecida, mas não faria sentido levar avante este relacionamento se você não fosse também para Marte."

Ele fizera o pedido na tarde de domingo e Nai aceitara logo. Casaram-se em Kioto três meses depois. Os Watanabes gentilmente pagaram a viagem das duas irmãs de Nai e três de suas amigas tai viajassem até o Japão para o casamento. Sua mãe não pôde comparecer, infelizmente, já que não havia mais ninguém para ficar com seu pai.

Depois de rever cuidadosamente as recentes mudanças em sua

vida, Nai estava finalmente pronta para iniciar sua meditação. Trinta minutos depois estava serena, feliz e esperançosa a respeito da vida desconhecida à sua frente. O sol já se levantara e havia outras pessoas na área do templo. Ela caminhou lentamente por todo o perímetro do terreno, tentando saborear seus últimos momentos na aldeia natal.

Dentro do viharn principal, depois de uma oferenda e de queimar incenso no altar, Nai estudou cuidadosamente cada um dos painéis de pinturas nas paredes que já vira tantas vezes antes. Os quadros mostravam a história da rainha Chamatevi, sua única heroína desde os tempos de criança. No século VII as muitas tribos da área de Lamphun tinham culturas diferentes, e freqüentemente guerreavam entre si. Tudo o que tinham em comum naquele período em particular era uma lenda, um mito que dizia que uma jovem rainha chegaria do sul, "trazida por imensos elefantes", e unificaria todas as diversas tribos do reino Haripunchai.

Chamatevi tinha apenas vinte e três anos quando um velho profeta a identificou para alguns emissários do norte como a futura rainha de Haripunchai. Ela era uma jovem e bela princesa dos Mons, povo Khmer que mais tarde construiria Angkor Wat. Chamatevi era também extremamente inteligente, uma mulher rara em sua época, muito bem vista por todos na corte real.

Os Mons ficaram, portanto, atônitos quando ela anunciou que iria renunciar à sua vida de ócio e fartura, para dirigir-se ao norte em uma arrasadora viagem de seis meses durante a qual cruzaria setecentos quilômetros de montanhas, florestas e pântanos. Quando Chamatevi, acompanhada de seu séquito, "trazida por imensos elefantes", chegou ao verdejante vale onde ficava Lamphun, seus futuros súditos imediatamente abandonaram suas lutas sectárias e colocaram no trono a jovem e linda rainha. Ela reinou por cinqüenta anos com sabedoria e justiça, elevando o reino do obscurantismo até uma era de progresso social e realização artística.

Ao setenta anos, Chamatevi abdicou de seu trono e dividiu seu reino em dois, cada parte a ser governada por um de seus filhos gêmeos. A rainha então anunciou que dedicaria o resto de sua vida a Deus. Entrou para um mosteiro budista e doou tudo o que possuía. Viveu uma vida simples e piedosa no mosteiro, morrendo aos 99 anos. A essa altura a idade de ouro de Haripunchai já acabara.

No último painel dentro do templo, uma mulher ascética e encarquilhada era carregada em magnífica carruagem para o nirvana. Uma rainha Chamatevi mais jovem, radiosamente bela ao lado de seu Buda, paira acima da carruagem no esplendor do céu. Nai Buatong Watanabe, nomeada colonizadora em Marte, ajoelhou-se no templo em Lamphun, Tailândia, e ofereceu uma prece silenciosa ao espírito de sua heroína nascida no passado distante.

Querida Chamatevi, disse ela. Há 26 anos que você vem velando por mim.

Agora estou a ponto de embarcar para um lugar desconhecido, como você quando veio para o norte em busca de Haripunchai. Guie-me com sua sabedoria e percuciência, quando eu partir para esse maravilhoso mundo novo.

# 3

Yukiko estava com uma blusa de seda preta, calças brancas e uma boina preta e branca, e cruzou a sala de estar para falar com o irmão. “Queria que você viesse, Kenji”, disse ela. “Vai ser a maior demonstração em favor da paz que o mundo jamais viu.”

Kenji sorriu para a irmã mais moça. “Eu gostaria de ir, Yuki”, respondeu.

“Porém, só tenho mais dois dias antes de partir, e quero passá-los com mamãe e papai.”

A mãe deles entrou pela porta do outro lado da sala. Como sempre, parecia aflita, e carregava uma valise grande. “Agora está tudo arrumado direito”, disse ela. “Mas ainda assim gostaria que você mudasse de idéia. Hiroshima vai estar um hospício. A Asahi Shimbun diz que estão esperando um milhão de visitantes, quase a metade de estrangeiros.”

“Obrigada, mamãe”, disse Yukiko, pegando a valise. “Como sabe, Satoko e eu vamos ficar no Hotel Hiroshima Prince, não precisa se preocupar. Nós nos comunicaremos todos os dias de manhã, antes de as atividades começarem, E estarei em casa na segunda à tarde.”

A jovem abriu a valise e enfiou a mão dentro de um compartimento especial, de onde tirou uma pulseira de brilhantes e um anel de safira. Colocou os dois. “Não acha que devia deixar essas coisas em casa?”, perguntou a mãe aflita. “Lembre-se de que vão estar lá todos esses estrangeiros; suas jóias podem ser tentação forte demais para eles.”

Yukiko riu-se com a gargalhada que Kenji adorava. “Mamãe, você só vive se preocupando. Só pensa nas coisas ruins que poderiam acontecer… Nós vamos a Hiroshima para as cerimônias comemorando o terceiro centenário da bomba atômica que foi jogada lá. Nosso primeiro-ministro vai estar lá, bem como três dos integrantes do Conselho Central do COG. Muitos dos músicos mais famosos do mundo vão tocar todas as noites. Vai ser o que papai chama uma experiência enriquecedora — e você só pensa em quem poderia roubar minhas jóias.”

“Quando eu era moça, ninguém ouvia falar de duas meninas, que ainda nem terminaram a universidade, viajarem pelo Japão sozinhas…”

“Mamãe, nós já discutimos tudo isso antes”, interrompeu Yuki. “Estou com quase 22 anos. No ano que vem, depois de conquistar meu diploma, não vou mais morar aqui em casa, vou morar sozinha, talvez até em outro país. Não sou mais criança. E Satoko e eu somos perfeitamente capazes de tomar conta uma da outra.”

Yukiko olhou para o relógio. “Agora tenho que ir. Ela provavelmente já está me esperando na estação do metrô.”

Chegando graciosamente perto da mãe, deu-lhe um beijo rotineiro. Depois, abraçou com força o irmão. “Que tudo lhe vá bem, ani-san”, sussurrou-lhe ao ouvido. “Tome conta de você mesmo e de sua linda mulher em Marte. Todos nós sentimos muito orgulho de você.”

Kenji jamais conhecera Yukiko muito bem. Afinal, ele era quase doze anos mais velho do que ela. Yuki só tinha quatro anos quando o sr. Watanabe foi indicado para a posição de presidente da divisão americana da Robótica Internacional. A família atravessara o Pacífico para ir morar em um subúrbio de San Francisco. Kenji não prestava muita atenção à irmãzinha naquele tempo. Na Califórnia, ele estivera muito mais interessado em sua nova vida, particularmente quando começou a freqüentar a universidade na UCLA.

O casal Watanabe e Yukiko voltaram ao Japão em 2232, deixando Kenji em seu segundo ano de História na universidade. Ele tivera muito pouco contato com Yukiko desde então. Durante suas visitas anuais à família em Kioto, ele sempre fazia planos de passar algumas horas só com Yukiko, mas afinal isso nunca acontecia. Ou ela estava por demais envolvida com a própria vida, ou seus pais programavam um número excessivo de eventos sociais, ou então o próprio Kenji não tinha tempo.

Kenji ficou vagamente entristecido, parado junto à porta, vendo Yukiko se afastar. Vou deixar este planeta, pensou ele, e no entanto nunca tive tempo para conhecer minha própria irmã.

A sra. Watanabe falava monotonamente atrás dele, expressando seus sentimentos de que sua vida fora um fracasso porque nenhum de seus filhos lhe tinha o menor respeito e ainda se mudavam para outro lugar. Agora seu único filho, que se casara com uma moça da Tailândia só para embaraçá-los, ia se mandar para morar em Marte e ela não o veria por cinco anos. Quanto à sua filha do meio casada com um banqueiro, essa pelo menos lhe havia dado duas netas, que eram tão desinteressantes e entediantes quanto seus pais…

“Como está Fumiko?”, disse Kenji, interrompendo a mãe. “Será que terei a oportunidade de vê-la e minhas sobrinhas antes de partir?”

“Eles virão de Kobe amanhã de noite, para jantar, embora eu não tenha idéia do que hei de dar-lhes para comer… Você sabia que Tatsuo e Fumiko não estão sequer ensinando as duas meninas a comer com os pauzinhos? Já pensou?

Uma criança japonesa não saber comer com os pauzinhos? Nada é sagrado?

Abrimos mão de nossa identidade para ficarmos ricos. Eu estava dizendo a seu pai…”

Kenji desculpou-se e afastou-se do queixoso monólogo da mãe, indo refugiar-se no escritório do pai. Fotografias emolduradas enchiam as paredes da sala, o documentário da vida pessoal e profissional de um homem bem-sucedido.

Duas das fotos traziam lembranças especiais para Kenji. Em uma delas, ele e o pai seguravam um grande troféu outorgado pelo clube de campo aos vencedores do torneio pai-filho de golfe. Na outra, um radiante sr. Watanabe estava entregando uma grande medalha ao filho, quando Kenji tirou o primeiro lugar no aproveitamento acadêmico do ginásio.

O que Kenji esquecera até ver a foto de novo era que Toshio Nakamura, filho do maior amigo e sócio comercial de seu pai, fora o segundo em ambos os casos. Em ambas as fotos, o jovem Nakamura, quase uma cabeça mais alto do que Kenji, trazia o rosto sombreado por um franzido intenso e zangado na testa. Isso foi muito antes dos problemas dele, refletiu Kenji, relembrando a manchete "Preso Excutivo de Osaka", que proclamara, havia quatro anos, o indiciamento de Toshio Nakamura. O artigo que se seguia explicava que o sr.

Nakamura, àquele tempo já vice-presidente do Grupo de Hotéis Tomozawa, fora acusado de crimes muito sérios, que iam do suborno ao lenocínio ou tráfico de escravas brancas. Dentro de quatro meses, Nakamura já estava condenado a vários anos de detenção. Kenji ficara assombrado. Mas o que será que teria acontecido a Nakamura? indagara-se ele muitas vezes, durante esses últimos quatro anos.

Ao lembrar-se de seu rival de meninice, Kenji sentiu muita pena de Keiko Murosawa, a mulher de Nakamura, por quem Kenji sentira uma afeição muito especial, quando tinha dezesseis anos em Kioto. Kenji e Nakamura, na verdade, tinham competido pelo amor de Keiko durante quase um ano. Quando ela finalmente deixou claro que preferia Kenji a Nakamura, Toshio ficara furioso.

Tinha até confrontando Kenji certa manhã no Templo Ryoanji, ameaçando-o fisicamente.

Eu mesmo poderia ter-me casado com Keiko, pensou ele, se tivesse ficado no Japão. Ele olhou pela janela para o jardim de musgo. Chovia lá fora, e de repente lembrou-se de um momento particularmente pungente em uma tarde chuvosa, durante sua adolescência. Kenji tinha caminhado até a casa dela tão logo seu pai lhe contara as novidades. Um concerto de Chopin saudara seus ouvidos no momento em que entrou na rua que levava à casa. A sra. Murosawa atendera à porta e falara energicamente com ele. "Agora Keiko está estudando", disse ela a Kenji. "Só acabará daqui a mais de uma hora."

"Por favor, sra. Murosawa", disse o rapazinho de dezesseis anos,

“é muito importante.”

A mãe estava a ponto de fechar a porta quando a própria Keiko viu Kenji pela janela. Parando de tocar, ela veio correndo, com seu sorriso radioso lançando um banho de alegria sobre o jovem. “Oi, Kenji, o que é que há?”

“Uma coisa muito importante”, disse ele misteriosamente. “Você pode dar um pequeno passeio comigo?”

A sra. Murosawa resmungou sobre o recital que estava para acontecer, mas Keiko a convenceu que podia deixar de estudar por um dia. A mocinha agarrou um guarda-chuva e juntou-se a Kenji na frente da casa. Tão logo ficaram fora da vista de suas janelas, ela deslizou o braço para prender-se ao dele, como fazia sempre que os dois caminhavam juntos.

“Então, meu amigo”, disse Keiko, quando eles tomaram seu caminho normal para as colinas por trás de seu bairro de Kioto. “O que há de tão importante?”

“Não quero lhe dizer agora”, respondeu Kenji. “Não aqui, de qualquer modo. Quero esperar até estarmos no lugar certo.”

Kenji e Keiko riram e conversaram fiado enquanto se encaminhavam para a Trilha dos Filósofos, um lindo caminho que serpenteava por vários quilômetros ao longo do sopé das colinas orientais. O caminho tornou-se famoso por causa do filósofo do século XX Nishida Kitaro, que supunha-se fazia uma caminhada todo dia de manhã. Ela passava por alguns dos mais belos pontos de Kioto, inclusive o Ginkaku (o Pavilhão de Prata), e o favorito de Kenji, o velho templo budista chamado Honen-In.

Atrás do Honen-In, para um lado, havia um pequeno cemitério, com umas setenta ou oitenta lápides e sepulturas. Antes, naquele mesmo ano, Keiko e Kenji, enquanto se aventuravam sozinhos, haviam descoberto que o cemitério abrigava alguns dos mais importantes cidadãos de Kioto no século XX, inclusive o célebre romancista Junichiro Tanizaki e o médico/poeta Iwao Matsuo. Depois de sua descoberta, Kenji e Keiko fizeram do cemitério seu ponto regular de encontro.

Certa vez, depois de ambos terem lido As irmãs Makioka, a obra-prima de Tanizaki sobre a vida em Osaka na década de 1930, eles haviam rido e discutido por mais de uma hora — sentados na lápide do autor — sobre qual das duas irmãs Makioka mais se parecia com Keiko.

No dia em que o sr. Watanabe informou Kenji de que a família iria mudarse para a América, já começara a chover quando ele e Keiko chegaram ao HonenIn, e Kenji dobrou à direita por um pequeno atalho e procurou um velho portão protegido por um telhadinho de palha. Como Keiko já sabia, eles não entraram no templo; ao invés

disso, subiram os degraus que levavam ao cemitério. Kenji, no entanto, não parou no túmulo de Tanizaki, preferindo subir para um outro, mais ao alto.

"É aqui que está enterrado o dr. Iwao Matsuo", disse Kenji, pegando seu computador portátil. "Vamos ler alguns de seus poemas."

Keiko sentou-se bem perto de seu amigo e os dois ajeitaram-se debaixo do guarda-chuva dela sob a chuva leve, enquanto Kenji recitou três poemas. "Tenho ainda um último poema", acrescentou depois Kenji, "um poema especial escrito por um amigo do dr. Matsuo."

Certo dia no mês de junho, Depois de uma fresca taça de sorvete, Nós nos despedimos.

Ambos ficaram em silêncio por algum tempo depois de Kenji recitar o haicai, de memória, uma segunda vez. Keiko ficou alarmada e até mesmo um pouco assustada quando a expressão de seriedade de Kenji não se alterou. "O poema fala de uma despedida", disse ela suavemente.

"Você está me dizendo que…"

"Não por escolha, Keiko", interrompeu-a Kenji. Depois de hesitar um pouco, disse: "Meu pai foi destacado para ir para a América. Nós nos mudamos para lá no mês que vem", disse ele, afinal.

Kenji jamais vira uma expressão de abandono igual à do lindo rosto de Keiko. Quando ela levantou o olhar para ele, com aqueles olhos terrivelmente tristes, ele pensou que seu coração fosse arrebentar. Abraçou-a estreitamente então na tarde chuvosa, ambos chorando, e ele jurou que só amaria a ela para sempre.

4 A garçonete mais jovem, a de quimono azul-claro com o obi antiquado, empurrou o biombo deslizável e entrou na salinha. Carregava uma bandeja com cerveja e saque.

"Osake onegai shimasu", disse o pai de Kenji polidamente, segurando seu copo para saque enquanto a moça o servia.

Kenji tomou um gole de sua cerveja fria. A garçonete mais velha voltou então, sem ruído, com um pequeno prato de hors d'oeuvres. Ao centro havia alguma espécie de crustáceo com um molho leve, porém Kenji seria incapaz de identificar seja o molusco, seja o molho. Não comera mais de meia dúzia dessas refeições kaiseki nos dezessete anos desde que deixara Kioto.

"Campai", disse Kenji, batendo com sua caneca no copinho de saque do pai. "Obrigado, meu pai. Sinto-me honrado em estar jantando aqui com o senhor."

Kicho era o mais famoso restaurante da região Kansai, talvez até de todo o Japão. Era também assustadoramente caro, já que

preservava integralmente as tradições de serviço individualizado, salas de jantar privadas e pratos especiais de cada estação, feitos exclusivamente de ingredientes da mais alta qualidade. Cada prato era um deleite para os olhos, tanto quanto para o paladar. Quando o sr. Watanabe informou ao filho que iriam jantar sozinhos, apenas eles dois, Kenji jamais imaginara que seria no Kicho.

Estavam conversando sobre a expedição a Marte. “Quantos dos outros colonizadores são japoneses?”, indagou o pai.

“Muitos. Quase trezentos, se me lembro bem. Havia várias candidaturas de alto nível do Japão. Só a América tem um contingente maior.”

“Você conhece alguns dos outros japoneses pessoalmente?

“Dois ou três. Yasuko Horikawa esteve algum tempo na minha turma no curso secundário em Kioto. O senhor se lembra dela. Muitíssimo inteligente.

Dentuça, óculos grossos. Ela é, ou deveria dizer era, química da Dai-Nippon.”

O sr. Watanabe sorriu. “Creio que me lembro dela”, disse. “Não esteve lá em casa na noite em que Keiko tocou piano?”

“Acho que sim”, respondeu Kenji muito à vontade. Riu-se. “Mas tenho dificuldade em me lembrar de qualquer coisa além de Keiko, naquela noite.”

O sr. Watanabe esvaziou seu copo de saque. A garçonete mais moça, discretamente ajoelhada em um canto do tatame da salinha, aproximou-se da mesa para tornar a enchê-lo. “Kenji, estou preocupado com os criminosos”, disse o sr. Watanabe depois que a moça se afastou.

“Do que é que está falando, meu pai?”

“Li uma longa reportagem em uma revista dizendo que a AEI recrutara várias centenas de condenados para serem parte da Colônia Lowell. O artigo enfatizava o fato de todos os criminosos terem tido fichas perfeitas durante seus períodos de detenção, além de qualificações de alto nível. Mas que necessidade havia de se levar todos esses condenados?” Kenji tomou um gole de sua cerveja. “Na verdade, meu pai, houve alguma dificuldade no processo de recrutamento. Primeiro, tivemos uma previsão pouco realista sobre quantas pessoas iriam candidatar-se, e por isso criamos critérios de seleção muito difíceis. Em segundo lugar, o período mínimo de cinco anos foi um erro. Principalmente para os jovens, a decisão de fazer o que quer que seja por período tão longo parece um compromisso arrasador. O mais importante, porém, é que a imprensa solapou seriamente todo o processo da criação de quadros. Na época em que estávamos buscando candidaturas, houve miríades de artigos em revistas e ‘especiais’ de televisão sobre o desaparecimento das colônias

marcianas há centenas de anos. As pessoas ficaram com medo de que a história se repetisse, e que elas também pudessem vir a ser abandonadas permanentemente em Marte."

Kenji fez uma ligeira pausa, porém o sr. Watanabe não pronunciou qualquer comentário. "Além do quê, como o senhor bem sabe, o projeto tem tido uma série de crises financeiras. Foi durante um desses apertos orçamentários no ano passado que começamos a pensar em condenados de alta capacidade como um modo de resolver alguns de nossos problemas de pessoal e de orçamento. Embora devessem receber salários apenas modestos, vários outros incentivos levavam os sentenciados a se candidatarem. A escolha significava a concessão de perdão completo, e portanto liberdade quando voltassem à Terra ao fim de cinco anos.

Além do mais, os ex-prisioneiros teriam plena cidadania na Colônia Lowell, como todo mundo, sem ter mais de tolerar a onerosa monitoração de todas as suas atividades…"

Kenji parou quando dois pequenos pedaços de peixe grelhado, delicados, bonitos e arranjados em um ninho de folhas variadas, foram postos na mesa. O sr. Watanabe pegou um dos pedaços com seus pauzinhos e deu uma dentadinha.

"Oishii desu'" comentou ele, sem olhar para o filho.

Kenji estendeu a mão para pegar seu pedaço de peixe. Aparentemente, a conversa sobre os condenados estava terminada. Kenji olhou por cima de seu pai, onde podia ver o belo jardim pelo qual era famoso o restaurante. Um fiozinho de água descia por degraus polidos e corria ao lado de meia dúzia de árvores anãs. O assento defronte à janela era sempre o lugar de honra em uma refeição tradicional japonesa. O sr. Watanabe insistira em que Kenji tivesse a vista para o jardim neste último jantar.

"Não puderam atrair colonos chineses?", perguntou o pai, depois que haviam terminado o peixe.

Kenji sacudiu a cabeça. "Só uns poucos, de Cingapura e da Malásia. Tanto o governo da China quanto do Brasil proibiram seus cidadãos de se candidatar. A decisão brasileira já era esperada — seu império sul-americano está virtualmente em guerra com o CDG — mas esperávamos que os chineses amolecessem sua posição. Acho que cem anos de isolamento não morrem com facilidade."

"Não se pode realmente culpá-los", retrucou o sr. Watanabe. "Sua nação passou por horríveis sofrimentos durante o Grande Caos. Todo o capital estrangeiro sumiu da noite para o dia e sua economia entrou imediatamente em colapso."

"Conseguimos recrutar alguns africanos negros, talvez uns cem ao todo, e um punhado de árabes. Mas a maior parte dos colonizadores vem de países que contribuem significativamente para a AEI, o que

era mais ou menos de se esperar."

Kenji ficou repentinamente embaraçado. Toda a conversa, desde que os dois chegaram ao restaurante, versava exclusivamente sobre ele e suas atividades. Durante os pratos que se seguiram, Kenji fez perguntas ao pai a respeito de seu trabalho na Robótica Internacional. O sr. Watanabe, que a essa altura era o principal executivo operacional da corporação, sempre se iluminava de orgulho quando falava de "sua" companhia. Tratava-se da maior manufatura de robôs para fábricas e escritórios do mundo inteiro. As vendas anuais da RI, como sempre era chamada, colocava-a entre os cinqüenta principais fabricantes do mundo.

"Faço 62 anos no ano que vem", disse o sr. Watanabe, que vários copos de saque haviam tornado mais comunicativo, "e pensava poder me aposentar. Mas Nakamura diz que seria um erro. Diz que a companhia ainda precisa de mim…"

Antes que servissem as frutas, Kenji e seu pai estavam novamente discutindo a projetada expedição a Marte. Kenji explicou que Nai e a maioria dos outros colonizadores asiáticos que viajariam na Pinta ou na Nina já se encontravam no centro de treinamento japonês no sul de Kiushu. Ele iria juntar-se a sua mulher tão logo deixasse Kioto, e após mais dez dias de treinamento, eles e os outros passageiros da Pinta seriam transportados para uma estação espacial OTB (Orbita Terrena Baixa), onde teriam uma semana de treino de imponderabilidade. A última etapa de sua viagem junto à Terra seria um passeio a bordo de um rebocador espacial, de OTB até a estação espacial geossincrônica em GTB-4, onde no momento a Pinta estava sendo montada enquanto era submetida aos últimos testes e também sendo equipada para a longa viagem até Marte.

A garçonete mais moça trouxe-lhes dois copos de conhaque. "Aquela sua mulher é realmente uma criatura magnífica", disse o sr. Watanabe, tomando um golezinho do licor. "Sempre julguei que as mulheres tai fossem as mais bonitas do mundo."

"Ela também é bonita por dentro", acrescentou logo Kenji, sentindo falta repentinamente de sua nova esposa. "E também é muito inteligente."

"Seu inglês é excelente", comentou o pai, "mas sua mãe diz que o japonês dela é horrível."

Kenji encrespou-se. "Nai tentou falar japonês — que, aliás, ela jamais estudou — porque mamãe se recusou a falar em inglês. Foi tudo feito deliberadamente para fazer Nai sentir-se pouco à vontade…"

Kenji controlou-se. Seus comentários em defesa de Nai não eram adequados à ocasião.

"Gomen nasai", disse ele ao pai.

O sr. Watanabe tomou um bom gole de seu conhaque. “Bem, Kenji, esta será a última vez que ficamos juntos sozinhos por pelo menos cinco anos.

Apreciei muitíssimo nosso jantar e nossa conversa.” Fez uma pausa. “Há, porém, mais um item que gostaria de discutir com você.”

Kenji mudou de posição (não estava mais acostumado a ficar sentado no chão de pernas cruzadas por períodos de quatro horas) e esticou bem o corpo, tentando ficar com a mente clara. O tom usado pelo pai já lhe dizia que aquele “mais um item” era sério.

“Meu interesse nos criminosos em sua Colônia Lowell não vem apenas de mera curiosidade”, começou o sr. Watanabe, mas parou um pouco para organizar seus pensamentos antes de continuar. “Nakamura-san veio ao meu escritório no final da semana passada, no fim do expediente, e disse-me que a segunda candidatura de seu filho para a Colônia Lowell também fora recusada.

Perguntou-me se eu podia pedir a você para dar uma olhada no assunto.”

O assunto atingiu Kenji como um raio. Jamais fora informado de que seu rival de infância tivesse se candidatado à Colônia Lowell, e agora lá estava seu pai…

“Não estive envolvido no processo de seleção de candidaturas de condenados”, respondeu Kenji lentamente. “Essa é uma divisão completamente diferente do projeto.”

O sr. Watanabe não disse nada por alguns segundos. “Nossos contatos nos informam”, continuou, depois de terminar seu conhaque, “que a única oposição à candidatura vem de um psiquiatra, um sr. Ridgemore, da Nova Zelândia, que considera, apesar da excelente ficha de Toshio durante seu período de detenção, que o filho de Nakamura continua a achar que não fez nada de errado… Eu creio que você foi pessoalmente responsável pelo recrutamento do dr.

Ridgemore para a equipe da Colônia Lowell.”

Kenji ficou estarrecido. Seu pai não estava fazendo um pedidozinho qualquer. Ele fizera pesquisas exaustivas sobre todo o quadro. Mas por quê? perguntava-se Kenji. Por que razão está ele tão interessado?

“Nakamura-san é um engenheiro brilhante”, disse o sr. Watanabe. “É pessoalmente responsável por muitos dos produtos que nos colocaram como líderes em nossa área. Porém, seu laboratório não tem sido muito inovador ultimamente. De fato, sua produtividade começou a cair mais ou menos ao tempo da prisão e condenação de seu filho.”

O sr. Watanabe inclinou-se na direção de Kenji, apoiando os cotovelos na mesa. “Nakamura-san perdeu a confiança em si mesmo. Ele e a mulher têm de visitar Toshio naquele apartamento de detenção

uma vez por mês, um permanente lembrete de como a família Nakamura caiu em desgraça. Se o filho pudesse ir para Marte, talvez…"

Kenji compreendeu muito bem o que lhe pedia seu pai. Emoções de há muito reprimidas ameaçavam entrar em erupção. Kenji ficou zangado e confuso.

Estava a ponto de dizer a seu pai que tal pedido era "impróprio" quando o velho Watanabe tornou a falar.

"Tudo tem sido igualmente duro para Keiko e a menininha. Aiko está com quase sete anos. Um fim de semana sim, um não, elas disciplinadamente tomam o trem para Ashiya…"

Por mais que tentasse, Kenji não pôde evitar que lhe viessem lágrimas aos olhos. A imagem de Keiko, alquebrada e deprimida, levando a filha até a área restrita a cada duas semanas para visitar o pai, foi mais do que pôde suportar.

"Falei pessoalmente com Keiko na semana passada", acrescentou o pai, "a pedido de Nakamura. Estava muito deprimida, mas pareceu ficar um pouco mais animada quando disse que ia pedir-lhe que intercedesse por seu marido." Kenji respirou fundo e olhou para o rosto inexpressivo do pai. Já sabia o que iria fazer, mesmo sabendo que era realmente "impróprio" — não errado, só impróprio. Mas não valia a pena torturar-se por uma decisão que já vinha implícita no pedido.

Kenji terminou seu conhaque. "Diga a Nakamura-san que procurarei o dr.

Ridgemore amanhã", disse ele.

E se minha intuição estiver errada? Então terei desperdiçado uma hora, no máximo noventa minutos, pensou Kenji ao desculpar-se na reunião familiar com sua irmã Fumiko e suas filhas, e correr para a rua. Virou imediatamente no sentido da colina. Faltava mais ou menos uma hora para o sol se pôr. Ela vai estar lá, disse ele para si mesmo. Esta será minha única oportunidade de me despedir.

Kenji dirigiu-se primeiro ao pequeno templo Anraku-Ji. Entrou no hondo esperando encontrar Keiko em seu lugar favorito, em frente ao altar lateral de madeira que homenageava duas freiras budistas do século XII, anteriormente integrantes do harém da corte, que haviam se suicidado quando o Imperador GoToba lhes ordenou que repudiassem os ensinamentos do Santo Honen. Keiko não estava lá. Nem do lado de fora, onde as duas mulheres estavam enterradas, nos limites da floresta de bambus. Kenji começou a pensar que se enganara. Keiko não estava lá, talvez estivesse muito envergonhada.

Sua única outra esperança era a de que Keiko estivesse esperando por ele no cemitério ao lado de Honen-In, onde dezessete anos antes

ele lhe dissera que ia embora do Japão. O coração de Kenji deu um salto quando tomou o caminho que levava ao templo. Ao longe, à direita, ele vislumbrou uma figura de mulher.

Ela usava um vestido preto simples e estava de pé ao lado do túmulo de Junichiro Tanizaki.

Embora ela estivesse virada para o lado oposto e ele não tivesse visão muito clara no crepúsculo, Kenji ficou certo de que a mulher era Keiko. Ele correu pelos degraus do cemitério e finalmente parou a uns cinco metros da mulher de preto.

"Keiko", disse ele, recuperando o fôlego, "fico tão contente…"

"Watanabe-san", disse formalmente a figura, virando-se, de cabeça baixa e os olhos no chão. Ela curvou-se profundamente, como se fosse uma empregada.

"Domo arrigato gozaimasu", repetiu ela duas vezes. Finalmente levantou-se, mas continuou a não olhar para Kenji.

"Keiko", disse ele suavemente. "É só o Kenji. Estou sozinho. Por favor, olhe para mim."

"Não posso", respondeu ela com voz quase inaudível. "Mas posso agradecer pelo que fez por Aiko e por mim." Curvou-se novamente. "Domo arrigato gozaimasu."

Kenji curvou-se impulsivamente e pôs a mãos sob o queixo de Keiko, levantando delicadamente seu rosto até poder ver-lhe a face. Keiko ainda era bonita, mas Kenji ficou chocado ao ver tamanha tristeza permanentemente esculpida naquelas feições delicadas. "Keiko", murmurou ele, e as lágrimas da moça cortaram-lhe o coração como pequenas facas.

"Tenho de ir", disse ela. "Eu lhe desejo felicidades." Afastou-se do toque dele e tornou a curvar-se. Depois ergueu-se e, sem olhar para ele, desceu lentamente o caminho para as sombras do crepúsculo.

Os olhos de Kenji seguiram-na até que desaparecesse na distância. Foi só então que se deu conta de que tinha estado encostado na lápide de Tanizaki. Ele ficou olhando por vários segundos para os dois caracteres Kanji, Ku e Jaku, na pedra cinza. Um dizia "Vazio"; o outro, "Solidão".

# 5

Quando a mensagem de Rama foi retransmitida para a Terra pelo sistema de satélites rastreadores em 2241, ela causou imediata consternação. O vídeo de Nicole foi imediatamente classificado como "confidencial', naturalmente, enquanto que a Agência Internacional de Inteligência, braço de segurança do CDG, lutava para compreender exatamente o que ele significaria. Uma dúzia dos seus melhores agentes foram logo destacados para a instalação de segurança máxima em Novosibirsk, para analisar o sinal recebido das profundezas do espaço, e elaborar o plano de resposta do CDG.

Uma vez verificado que nem os chineses e nem os brasileiros poderiam ter decodificado o sinal (suas capacidades tecnológicas ainda não eram iguais às do CDG), a confirmação pedida foi transmitida na direção de Rama, evitando com isso qualquer futura repetição da apresentação do vídeo de Nicole. Depois disso, os superagentes concentraram-se nos detalhes do conteúdo da própria mensagem.

Começaram realizando uma pesquisa histórica. Era largamente aceito, apesar de algumas evidências contrárias sugeridas (porém desacreditadas), que a nave espacial Rama II fora destruída pela barragem de mísseis nucleares de abril de 2200. Nicole des Jardins, o suposto ser humano do vídeo, fora dada com morta antes mesmo que a nave científica Newton houvesse deixado Rama. Era certo que ela, ou o que restava dela, tivesse sido aniquilada com a devastação nuclear. De modo que quem falava não podia ser realmente ela.

Mas se aquela pessoa falando no segmento televisivo fosse uma imitação ou um simulacro de Madame des Jardins em forma de robô, esta seria vastamente superior a quaisquer desenhos de inteligência artificial da Terra. A conclusão preliminar, portanto, foi a de que a Terra estava lidando com uma civilização avançada de capacidade inacreditável, coerente com os níveis tecnológicos já exibidos pelas espaçonaves Rama I e II.

Não havia dúvida quanto à ameaça implícita na mensagem, tampouco; quanto a isso os superagentes foram unânimes. Se havia realmente uma outra espaçonave Rama a caminho do sistema solar (embora nenhuma houvesse sido até então detectada pelas duas estações Excalibur), a Terra por certo não poderia ignorar a mensagem. É claro que havia alguma possibilidade de toda a coisa ser uma brincadeira, elaborada pelos brilhantes físicos chineses (eram eles definitivamente os suspeitos número 1), porém enquanto isso não fosse fato confirmado, o GDC precisava ter um plano definitivo. Felizmente, um projeto multinacional já fora aprovado tendo em vista

o estabelecimento de uma modesta colônia em Marte em meados da década de 2240. Nas últimas duas décadas, meia dúzia de missões exploratórias a Marte haviam reacendido o interesse de a Terra tornar o Planeta Vermelho habitável para a espécie humana. Já havia laboratórios sem operadores humanos em Marte, levando a efeito experimentos perigosos ou controversos demais para serem realizados na Terra. A maneira mais fácil de atender aos intentos do vídeo de Nicole des Jardins — sem alarmar a população do planeta Terra — seria anunciar e financiar uma colônia consideravelmente maior em Marte. Se toda a história, afinal, não passasse de uma grande vigarice, então o tamanho da colônia podia ser reduzido a suas proporções originais.

Um dos agentes, um indiano chamado Ravi Srinivasan, pesquisou cuidadosamente os vastos arquivos de dados da AEI desde o ano 2200 e ficou convencido de que Rama II não fora destruída pela falange nuclear. “É possível”, afirmou o sr. Srinivasan, “que esse vídeo seja legítimo e que quem fala seja realmente a estimada Madame des Jardins.”

“Porém, ela teria 77 anos hoje”, contestou um outro agente.

“Não há nada no vídeo que indique quando ele foi feito”, argumentou o sr.

Srinivasan. “E se compararem fotos de Madame des Jardins tiradas durante a missão com as fotos da mulher que recebemos na transmissão, elas são decididamente diferentes. Seu rosto está mais velho, talvez uma diferença de uns dez anos. Se quem fala no vídeo é um embuste, então é surpreendentemente competente.”

O sr. Srinivasan concordou, no entanto, que o plano eventualmente desenvolvido pela AEI era o correto, mesmo que o vídeo estivesse realmente apresentando uma verdade. De maneira que deixou de ser importante convencer a todos de que o seu ponto de vista estava correto. O que era absolutamente necessário, concordaram todos os superagentes, é que o número menor possível de pessoas tivesse conhecimento da existência do vídeo.

Os quarenta anos passados desde o início do século XXIII haviam testemunhado mudanças marcantes no planeta Terra. Em seguida ao Grande Caos, o Conselho dos Governos (CDG) emergira como uma organização monolítica controlando (ou pelo menos manipulando) a política do planeta. Só a China, que recuara para o isolamento após sua experiência devastadora durante o Grande Caos, ficaria fora da esfera de influência do CDG. Mas depois de 2200 apareceram sinais de que o poder indiscutível do CDG estava começado de sofrer certa erosão.

Primeiro foram as eleições da Coréia em 2209, quando o povo daquela nação, desgostoso com sucessivos regimes de políticos

corruptos que haviam enriquecido à custa do povo, efetivamente votou para se federar com os chineses.

De todos os principais países do mundo, só a China tinha uma espécie de governo significativamente diversa do capitalismo regulado que praticavam as nações ricas e as confederações na América do Norte, Ásia e Europa. O governo chinês era uma espécie de democracia socialista baseada nos princípios humanistas esposados pelo canonizado católico italiano do século XXII, S. Miguel de Siena.

O CDG, e na realidade o mundo inteiro, ficaram abobalhados ante os estarrecedores resultados na Coréia. Quando a Ali atingiu capacidade para fomentar uma guerra civil (2211–2212), o novo governo coreano e seus aliados chineses já haviam conquistado os corações e as mentes do povo. A rebelião foi facilmente sufocada e a Coréia tornou-se parte permanente da federação chinesa.

Os chineses reconheciam abertamente não ter intenção de exportar sua forma de governo por meio de ações militares, mas o resto do mundo não acreditava em sua palavra. Os orçamentos militares e de inteligência do CDG dobraram entre 2210 e 2220, enquanto a tensão voltava à cena mundial.

Nesse meio tempo, em 2218, trezentos e cinqüenta milhões de brasileiros elegeram um carismático general, João Pereira, para chefiar a nação. O general Pereira acreditava que a América do Sul era maltratada e desvalorizada pelo CDG (e não estava enganado) e exigia mudanças na carta do CDG que corrigissem tais problemas. Quando o CDG recusou, Pereira galvanizou o regionalismo sulamericano ao denunciar unilateralmente a carta do CDG. O Brasil separara-se, efetivamente, do Conselho dos Governos e durante a década que se seguiu a maioria das nações sul-americanas, encorajadas pela maciça força militar do Brasil, que se opusera com sucesso às forças de paz do CDG, seguiu o seu exemplo. O que emergiu então foi um terceiro jogador na cena geopolítica mundial, uma espécie de império brasileiro, liderado de forma enérgica pelo general Pereira.

A princípio, os embargos ameaçaram conduzir o Brasil e o resto da América do Sul de volta à indigência que grassara na região na época do Grande Caos. Mas Pereira contra-atacou. Já que os países mais avançados da América do Norte, da Ásia e da Europa se recusavam a comprar suas exportações legais, decidiu que ele e seus aliados exportariam produtos ilegais. As drogas transformaram-se no comércio principal do império brasileiro. Foi uma política de imenso sucesso. Já em 2240 havia um fluxo maciço de toda espécie e tipo de droga saindo da América do Sul para o resto do mundo.

Foi nesse ambiente político que o vídeo de Nicole foi recebido na Terra.

Embora algumas rachaduras houvessem aparecido no controle do

planeta pelo CDG, a organização ainda continuava a representar quase 70 % da população e 90 % da riqueza material da Terra. Era natural que o CDG e sua agência espacial executiva, a AEI, assumissem a responsabilidade pelo gerenciamento da resposta.

Seguindo cuidadosamente critérios de segurança definidos pela AII, um aumento que quintuplicava o número de pessoas que iriam para Marte como parte da Colônia Lowell foi anunciado em fevereiro de 2242. A partida da Terra estava programada para o final do verão ou princípio do outono de 2245.

As quatro outras pessoas que estavam na sala, todas louras de olhos azuis e integrantes de uma mesma família de Malmõ, na Suécia, saíram da sala em fila, deixando Kenji e Nai Watanabe sozinhos. Ela continuou a olhar para a Terra a 35 mil quilômetros abaixo dela. Kenji juntou-se a ela em frente à vasta janela de observação.

"Eu jamais compreendera", disse Nai a seu marido, "exatamente o que queria dizer estar em órbita geossincrônica. Daqui a Terra não se move, fica como que suspensa no espaço."

Kenji riu-se. "Na verdade, estamos ambos nos movendo, e muito depressa.

Mas como nosso período orbital e o período de rotação da Terra são iguais, a Terra sempre nos apresenta o mesmo quadro." "Era diferente na outra estação espacial", disse Nai, afastando-se da janela com seus chinelos. "Lá a Terra era majestosa, dinâmica, muito mais impressionante."

"Mas nós só estávamos a trezentos quilômetros da superfície. É claro que era…"

"Merda", ouviram gritar uma voz do outro lado da sala de observação. Um rapaz parrudo com camisa quadriculada e jeans debatia-se no ar, a pouco mais de um metro do chão, e seus movimentos frenéticos estavam fazendo-o pender para um lado. Kenji foi até ele e ajudou o recém-chegado a ficar ereto e com os pés no chão.

"Obrigado", disse o homem. "Esqueci de ficar com pelo menos um pé no chão o tempo todo. A imponderabilidade é uma porra de uma complicação esquisita para um fazendeiro."

Tinha forte sotaque sulista americano. "Opa, desculpe a linguagem, madame. Já faz muito tempo que eu só vivo entre vacas e porcos." Ele estendeu a mão a Kenji, "Sou Max Puckett, de DeQueen, Arkansas."

Kenji apresentou-se e a sua mulher. Max Puckett tinha rosto honesto e sorria com facilidade. "Sabem, quando eu me candidatei para ir a Marte, não sabia que íamos ficar sem peso durante toda a porra da viagem… O que irá acontecer com as pobres galinhas?

Provavelmente nunca mais tornarão a botar um único ovo."

Max caminhou até a janela. "São quase três horas na minha casa lá naquele planetinha engraçado ali. Meu irmão Clyde provavelmente acaba de abrir outra cerveja e a mulher dele, Winona, está preparando um sanduíche para ele."

Parou algum tempo, depois voltou-se para os Watanabes. "O que é que vocês dois vão fazer em Marte?"

"Eu sou o historiador da colônia", respondeu Kenji. "Ou pelo menos um deles. Minha mulher Nai vai ensinar inglês e francês."

"Que merda", disse Puckett. "Esperava que fossem um dos casais de agricultores do Vietnam ou do Laos. Estou querendo aprender alguma coisa a respeito de arroz."

"Você não disse alguma coisa sobre galinhas?", indagou Nai após um breve silêncio. "Nós vamos ter galinhas na Pinta?"

"Madame", retrucou Puckett, "há quinze mil das melhores de Puckett empacotadas em gaiolas em um rebocador de carga estacionado na outra ponta desta estação. A AEI pagou tanto por essas galinhas que Clyde e Winona poderiam descansar um ano inteiro, se quisessem… Se as tais galinhas não fossem conosco, não sei o que eles haveriam de fazer com elas."

"Os passageiros só ocupam vinte por cento do espaço na Pinta e na Santa Maria", lembrou Kenji a Nai. "Os suprimentos e o resto da carga usam o que sobra do espaço. Nós só teremos um total de trezentos passageiros na Pinta, a maioria funcionários da AEI e elementos do pessoal indispensáveis para otimizar as atividades iniciais da colônia."

"Otimizar as atividades iniciais", interrompeu Max. "Que merda, você fala igualzinho a esses robôs." Ele riu para Nai. "Depois de trabalhar dois anos com um robô cultivador, joguei o filho da mãe no lixo e o troquei por um daqueles mais antigos, que não falavam."

Kenji riu, à vontade. "Acho que uso muito o jargão da AEI. Fui um dos primeiros civis selecionados para a Nova Lowell, e administrei todo o recrutamento no Oriente."

Max botou um cigarro na boca, e olhou em volta do salão, de observação.

"Não estou vendo nenhum sinal avisando que fumar é permitido, de modo que se eu acender aposto que disparo uma pilha de alarmes." Botou o cigarro atrás da orelha. "A Winona fica danada quando o Clyde e eu fumamos, dizendo que hoje em dia só agricultor e puta é que ainda fumam."

Max riu, e Kenji e Nai, também. O rapaz era engraçado. "E por falar em putas", disse ele com malícia, "onde estão todas aquelas mulheres condenadas que vi na televisão? Uau, algumas delas eram pra lá de boas. Pelo menos, muito mais bonitas que minhas galinhas e

meus porcos."

"Todos os colonos que estavam presos na Terra estão viajando na Santa Maria", disse Kenji. "Nós vamos chegar dois meses antes deles."

"Você sabe um bocado sobre esta missão", disse Max. "E não fala inglês zurrapa feito os japoneses que eu conheci em Little Rock e Texarcana. Você é alguém especial?"

"Não", respondeu Kenji, sem poder conter o riso. "Como já disse, sou só o principal historiador da colônia."

Kenji estava a ponto de dizer a Max que vivera nos Estados Unidos por seis anos — o que explicaria a boa qualidade de seu inglês — quando a porta da sala se abriu e um cavalheiro respeitável, de meia-idade, vestido com um terno cinzento e usando gravata escura, entrou. "Perdão", disse a Max, que novamente colocara na boca seu cigarro apagado, "será que eu me confundi e acabei na sala dos fumantes?"

"Não, papai", respondeu Max. "Esta é a sala de observação. É bonita demais para ser área de fumante. Provavelmente, só se pode fumar em uma salinha pequena, sem janelas, ao lado de algum banheiro. Meu entrevistador da AEI me disse…"

O senhor de meia-idade estava olhando para Max como se fosse um biólogo e Max alguma espécie rara mas desagradável. "Meu nome, meu jovem", interrompeu ele, "não é papai. É Pyotr. Para ser exato, Pyotr Mishkin."

"Muito prazer, Peter", disse Max, estendendo a mão. "Eu sou Max. Esse casal são os Wabanyabes. São japoneses."

"Kenji Watanabe", corrigiu Kenji. "E esta é minha mulher Nai, que é cidadã tailandesa."

"Sr. Max", disse Pyotr Mishkin formalmente, "meu primeiro nome é Pyotr, não Peter. Já basta que eu tenha de falar inglês por cinco anos. Sem dúvida, posso pedir que meu nome, pelo menos, retenha seu som russo original."

"OK, Pee-yot-ur", disse Max, sorrindo novamente. "O que é que você faz, afinal? Deixe-me adivinhar… você é o agente funerário da colônia."

Por uma fração de segundo, Kenji temeu que o sr. Mishkin fosse explodir de raiva. Ao invés disso no entanto, um mínimo sorriso apareceu em seu rosto. "Parece, sr. Max", disse ele lentamente, "que o senhor tem certos dons para comediante. E compreendo que isso possa mesmo até ser uma virtude em uma longa e tediosa viagem espacial." Parou por um momento. "Para sua informação, não sou agente funerário. Estudei Direito. Até dois anos atrás, quando me aposentei por vontade própria a fim de buscar 'uma nova aventura', era membro do Supremo Tribunal Soviético."

"Santa merda", exclamou Max Puckett. "Estou me lembrando Eu

li a seu respeito no Time… Puxa, juiz Mishkin, desculpe. Eu não tinha reconhecido…"

"Não seja por isso", interrompeu o juiz Mishkin, com um sorriso divertido se abrindo em seu rosto. "Foi fascinante ser desconhecido por um momento e ser tomado por agente funerário. É provável que o ar de um juiz já há muito integrado em sua atividade fique bem próximo da expressão severa do empregado de uma funerária. Por falar nisso, sr…"

"Puckett, senhor."

"Por falar nisso, sr. Puckett", continuou o juiz, "gostaria de juntar-se a mim no bar para um drinque? Uma vodca ia ter um gosto particularmente delicioso neste momento."

"Uma tequila também", respondeu Max, dirigindo-se para a porta com o juiz Mishkin. "E por acaso o senhor sabe o que acontece quando se dá tequila aos porcos?… É, eu achava que não… Bem, eu e meu irmão Clyde…"

Os dois desapareceram pela porta, deixando Kenji e Nai Watanabe novamente a sós. O casal entreolhou-se e começou a rir. "Você não acha", disse Kenji, "que esses dois vão ficar amigos, acha?"

"Não vejo a menor possibilidade. Mas que par de figuras."

"Mishkin é considerado um dos maiores juristas do século. Seus pareceres são leitura obrigatória em todas as escolas de Direito soviéticas. Puckett era vicepresidente da Cooperativa dos Agricultores do Sudeste de Arkansas. Tem um conhecimento incrível de técnicas de agronomia e pecuária."

"Você sabe os antecedentes de todo mundo que está na Nova Lowell?"

"Não", respondeu Kenji. "Mas estudei as fichas de todos os que estão na Pinta."

Nai pôs o braço em torno do marido. "Fale-me a respeito de Nai Buatong Watanabe", disse ela.

"Professora tailandesa, fluente em inglês. EI de 2.48, CS de 91…"

Nai interrompeu Kenji com um beijo. "Você esqueceu a característica mais importante", disse ela.

"E qual é?"

Ela o beijou de novo. "Ser a apaixonada recém-esposa de Kenji Watanabe, historiador da colônia."

# 6

A maior parte do mundo estava olhando para a televisão quando a Pinta foi formalmente batizada várias horas antes da partida para Marte, levando passageiros e carga. O segundo vice-presidente do CDG, um executivo suíço da área imobiliária chamado Heinrich Jenzer, esteve presente no OTA-4 para a cerimônia.

Ele fez um breve discurso para comemorar tanto o término da construção das três grandes espaçonaves quanto a abertura de "uma nova era de colonização marciana". Ao terminar, o sr. Jenzer apresentou o sr. Ian MacMillan, o comandante escocês da Pinta. MacMillan, um orador cacete que parecia ser o supra-sumo do burocrata da AEI, leu um discurso de seis minutos lembrando ao mundo os objetivos fundamentais do projeto.

"Esses três veículos", disse ele no início do discurso, "transportarão quase duas mil pessoas em uma viagem de cem milhões de quilômetros até um outro planeta, Marte, onde desta vez uma presença humana permanente será estabelecida. A maioria de nossos futuros colonos marcianos será transportada pela segunda nave, a Nina, que partirá daqui do OTA-4 dentro de três semanas.

Nossa nave, a Pinta, e a última espaçonave, a Santa Maria, carregarão cada uma cerca de trezentos passageiros, bem como milhares de quilogramas de suprimentos e equipamentos necessários para o sustento da colônia."

Cuidadosamente omitindo qualquer menção à morte dos primeiros postos avançados do século anterior, o comandante MacMillan logo depois tentou ser poético, comparando a expedição iminente com a de Cristóvão Colombo, 750 anos antes. A linguagem do discurso escrito para ele era excelente, mas o tom sem graça e monótono de MacMillan transformou palavras que nas mãos de um grande orador seriam uma inspiração em uma lição de história prosaica e entediante.

Ele terminou sua fala caracterizando os colonizadores como grupo, citando estatísticas sobre suas idades, ocupações e países de origem. "Esses homens e mulheres, portanto, são sob quase todos os aspectos um corte transverso da espécie humana. Digo quase porque há pelo menos dois atributos comuns a este grupo que não seriam encontrados em uma coleção aleatória de seres humanos de dimensões semelhantes. Em primeiro lugar, os futuros residentes da Colônia Lowell são extremamente inteligentes — seu QI é ligeiramente acima de 1,86. Em segundo lugar, o que nem é preciso dizer, têm de ser corajosos ou senão jamais se candidatariam e viriam a aceitar sua indicação difícil em um ambiente novo e desconhecido."

Quando acabou, o comandante MacMillan recebeu uma garrafinha mínima de champanhe, que quebrou no casco da maquete na escala 1/100 da Pinta que estava exposta atrás dele e das outras personalidade no palanque.

Momentos depois, enquanto os colonizadores desfilavam pelo auditório e se preparavam para entrar a bordo da Pinta, MacMillan e Jenzer começaram a anunciada entrevista coletiva.

"Ele é um imbecil."

"É um burocrata minimamente competente." "É uma porra de um idiota." Max Puckett e o juiz Mishkin estavam discutindo o comandante MacMillan entre uma e outra garfada do almoço. "Não tem o menor raio de senso de humor."

"É simplesmente incapaz de apreciar qualquer coisa fora do comum."

Max estava irritado. Fora censurado pelo quadro de comando da Pinta durante uma palestra informal naquela manhã. Seu amigo, o juiz Mishkin, representara Max na audiência e evitara que os acontecimentos escapassem ao controle deles.

"Esses merdas não têm direito de julgar meu comportamento."

"Você está mais do que correto, meu amigo", respondeu o juiz, "falando de modo geral. Porém, temos um conjunto de condições únicas a bordo desta espaçonave. Eles são a autoridade aqui, pelo menos até chegarmos à Colônia Lowell e estabelecermos nosso próprio governo… De qualquer modo, não houve maiores danos. Você não sofre qualquer inconveniência por eles declararem suas ações 'insustentáveis'. Poderia ter sido muito pior."

Duas noites antes houvera uma festa para comemorar a ultrapassagem da metade da viagem da Pinta entre a Terra e Marte. Max flertara entusiasticamente por mais de uma hora com a linda Angela Rendino, uma das assistentes do estado-maior de MacMillan. O delicado escocês havia chamado Max para um lado, sugerindo que ele deixasse Angela em paz.

"Diga isso a ela", dissera Max, muito sensatamente.

"Ela é uma jovem muito inexperiente", respondeu MacMillan. "É gentil demais para dizer-lhe o quanto o seu humor animal a repugna."

Max vinha se divertindo muito até aquele momento. "Qual é a sua, comandante?", perguntou, depois de entornar mais um margarita. "Ela é só do seu pedaço, ou coisa assim?"

Ian MacMillan enrubesceu como uma beterraba. "Sr. Puckett", respondera ele após uma pausa, "se o seu comportamento não melhorar, serei forçado a confiná-lo em seu alojamento."

A confrontação com MacMillan estragara a noite de Max. Ficara furioso com o fato de o comandante recorrer à sua autoridade oficial

no que era, sem dúvida, apenas um entrevero pessoal. Max voltou para seu quarto, que compartilhava com outro americano, um especialista em florestas ensimesmado do estado do Oregon, chamado Dave Denison, e em dois tempos liquidara toda uma garrafa de tequila. Uma vez embriagado, Max ficou com saudades de casa e deprimido, resolvendo então ir até o centro de comunicações para telefonar para seu irmão Clyde.

A essa altura já era muito tarde. Para chegar ao complexo de comunicações, Max tinha de atravessar toda a nave, passando primeiro pelo salão de uso comum onde a tal festa terminara há pouco, depois pelo alojamento dos oficiais.

Na ala central, Max vislumbrou Ian MacMillan e Angela Rendino, de braços dados, indo para o apartamento particular do comandante.

"Mas que filho da puta", disse Max para si mesmo.

Bêbado, Max ficou andando de um lado para outro defronte da porta de MacMillan, no hall, cada vez mais furioso. Depois de cinco minutos finalmente teve uma idéia que o agradou. Lembrando-se do concurso de guincho de porco que vencera quando freqüentava a Universidade de Arkansas, Max feriu o silêncio da noite com um barulho aterrador.

"Quai-iiinhnhnh! Porco! Porco!", gritou ele.

Repetiu o guincho mais uma vez e depois desapareceu como um raio, antes que todas as portas na ala dos oficiais (inclusive a de MacMillan) se escancarassem para verificar o que provocara o distúrbio. O comandante MacMillan não ficou muito satisfeito de toda a sua equipe o ter visto, junto com a senhorita Rendino, já semi-despido.

O cruzeiro até Marte foi uma segunda lua-de-mel para Kenji e Nai. Nenhum dos dois tinha muito trabalho a fazer. A viagem foi relativamente tranqüila, ao menos do ponto de vista de um historiador, e as tarefas de Nai eram mínimas, já que a maioria de seus alunos de segundo grau estava a bordo das duas outras espaçonaves.

Os Watanabes passaram várias noitadas em encontros sociais com o juiz Mishkin e Max Puckett. Muitas vezes jogavam cartas (Max era ótimo no pôquer e péssimo no bridge), falavam sobre suas esperanças para a Colônia Lowell, e discutiam as vidas que haviam deixado para trás na Terra.

Quando a Pinta estava a três semanas de Marte, a tripulação anunciou um período de dois dias para comunicações externas, instando para que todos falassem para casa antes que o sistema de rádio ficasse temporariamente fora do ar. Já que estavam na época das festas de fim de ano, a ocasião era perfeita para todos telefonarem.

Max detestava as demoras por causa de horários e as conversas

sem diálogo, só com cada um falando por vez. Depois de ouvir uma discussão sem pé nem cabeça sobre os planos para o Natal em Arkansas, Max informou Clyde e Winona que não telefonaria mais, porque não gostava de "esperar quinze minutos para saber se alguém tinha rido das suas piadas."

Nevara cedo em Kioto. Os pais de Kenji haviam preparado um vídeo mostrando Ginkaku-ji e Honen-ln cobertos por um suave tapete de neve; se Nai não estivesse com ele, as saudades teriam sido insuportáveis para Kenji. Em uma breve chamada para a Tailândia, Nai deu parabéns à irmã por ter conquistado uma bolsa para a universidade.

Pyotr Mishkin não telefonou para ninguém. A mulher do velho russo morrera e ele não tinha filhos. "Tenho lembranças maravilhosas", disse ele a Max, "mas não há mais nada de pessoal na Terra, para mim."

No primeiro dia do blackout de comunicações programado, um anúncio foi inserido em todos os canais em operação, dizendo que um programa importante, que teria de ser visto por todos, seria apresentado às duas horas daquela tarde.

Kenji e Nai convidaram Max e o juiz Mishkin para assistirem o programa com eles em seu pequeno apartamento.

"Só imagino que porcaria de sermão vai ser desta vez", disse Max, sempre contrário a tudo que pudesse desperdiçar seu tempo.

Quando o vídeo começou, o presidente do CDG e o diretor da AEI foram mostrados sentados juntos em frente a uma vasta mesa de trabalho. O presidente do CDG sublinhou a importância da mensagem que todos estavam a ponto de receber de Werner Koch, diretor da AEI.

"Passageiros da Pinta", começou o dr. Koch, "há quatro anos nossos satélites do sistema de rastreamento decodificaram um sinal coerente, aparentemente originário do mais longínquo espaço na direção geral da estrela Epsilon Eridani. Depois de processado, verificou-se que o sinal continha um vídeo espantoso, que vocês verão na íntegra dentro de mais ou menos cinco minutos.

"Como irão ouvir, o vídeo anuncia a volta ao nosso sistema de uma espaçonave Rama. Em 2130 e 2200, cilindros gigantescos, com cerca de cinqüenta quilômetros de comprimento e vinte de largura, criados por uma inteligência desconhecida alienígena para objetivos que continuamos a não vislumbrar, visitaram nossa família de planetas em órbita em torno do sol.

A segunda intrusa, normalmente chamada de Rama II, fez uma correção de velocidade enquanto dentro da órbita de Vênus que a colocava em rota de impacto com a Terra. Uma esquadra de mísseis nucleares foi despachada para encontrar o cilindro alienígena e destruí-lo antes que Rama chegasse suficientemente perto de nosso

planeta para lhe causar danos.

"O vídeo que se segue afirma que outra dessas espaçonaves Rama veio agora para nossa proximidade, com o objetivo único de adquirir uma amostragem representativa de cerca de dois mil seres humanos para 'observação'. Por bizarra que tal afirmativa possa parecer, é importante notar que nosso radar efetivamente confirma que um veículo da classe Rama entrou na órbita da Marte há menos de um mês.

"Infelizmente, temos de levar a sério essa mensagem que nos chega das profundezas do espaço. Portanto, vocês, colonizadores a bordo da Pinta, foram destacados para se encontrarem com o novo objeto na órbita de Marte.

Compreendemos que esta notícia será um grande choque para a maioria de vocês, porém não nos foram dadas quaisquer opções viáveis. Se, como suspeitamos, algum gênio tresloucado planejou e organizou isso como um grande engodo, após um breve desvio de rota vocês continuarão para sua colonização de Marte, tal como fora concebida inicialmente. Se, no entanto, o vídeo que estão a ponto de ver estiver efetivamente dizendo a verdade, então vocês e seus companheiros a bordo da Nina e da Santa Maria virão a ser contingente de seres humanos que a inteligência ramaiana passará a observar.

"Vocês poderão bem imaginar que sua missão é agora a de máxima prioridade entre todas as atividades do CDG. E poderão também compreender a necessidade de segredo absoluto. A partir deste momento, e até que essa questão de Rama esteja resolvida de um modo ou de outro, toda comunicação entre o seu veículo e a Terra ficará sob o mais estrito controle. A Ali irá monitorar todas as ligações de voz. Seus amigos e suas famílias serão informados de que todos estão bem, e eventualmente que terão pousado em Marte, mas também que o sistema de comunicações na Pinta teve falha integral.

"Vocês vão ver o vídeo agora a fim de terem três semanas para se prepararem para o encontro. Um plano básico com seus procedimentos concomitantes para o encontro, elaborado em grande detalhe pela AII em conjunto com o pessoal de operações de AEI, já foi transmitido ao comandante MacMillan pelo fluxo de dados de alta velocidade, e cada um de vocês terá um conjunto específico de tarefas. Cada um de vocês terá um pacote de documentos personalizado que os equipará com as informações gerais necessárias para o desempenho de seus deveres.

"É claro que lhes desejamos que tudo corra bem. É mais provável que essa história de Rama não seja nada, e nesse caso terá havido apenas um pequeno atraso na otimização do início dos trabalhos da Colônia Lowell. Se, no entanto, esse vídeo for uma questão séria,

então terão de andar depressa para desenvolver planos cuidadosos para acomodar a chegada da Nina e da Santa Maria — nenhum dos colonizadores nessas duas naves terão tido qualquer informação a respeito de Rama ou da mudança de seu projeto."

Houve um silêncio momentâneo no apartamento dos Watanabe quando o vídeo acabou repentinamente e foi substituído na tela por uma mensagem escrita dizendo:

PRÓXIMO VÍDEO EM DOIS MINUTOS.

"Raios me partam", foi o único comentário de Max.

# 7

No vídeo, Nicole estava sentada em uma cadeira marrom comum, com uma parede lisa ao fundo. Estava vestida com o uniforme de vôo da AEI que fora o traje normal durante a missão Newton. Nicole leu a mensagem de um note book eletrônico que trazia nas mãos.

"Meus co-irmãos terráqueos", começou, "sou a cosmonauta da Newton Nicole des Jardins, falando a vocês de bilhões de quilômetros de distância. Estou a bordo de uma espaçonave Rama semelhante às duas grandes espaçonaves cilíndricas que visitaram nosso sistema solar nos últimos dois séculos. Este terceiro veículo Rama também se dirige a nosso pequeno canto na galáxia.

Aproximadamente quatro anos depois de vocês receberem este vídeo, Rama III entrará em órbita em torno do planeta Marte.

"Desde que deixei a Terra, descobri que os veículos da classe Rama eram construídos por uma avançada inteligência extraterrestre como elementos de um vasto sistema de coleta de informações, cujo objetivo último é a aquisição e catalogação de dados sobre a vida no universo. É como parte desse objetivo que esta terceira espaçonave Rama está retornando à vizinhança de nosso planeta natal.

"Dentro de Rama III, um habitat com características terrenas foi concebido para acomodar dois mil seres humanos, além de um número significativo de animais e plantas de nosso planeta de origem. A biomassa precisa e outras especificações para tais animais e plantas estão contidas no primeiro apêndice a este vídeo; no entanto, deve ser salientado que as plantas, em particular as extremamente eficientes na conversão de dióxido de carbono 'em oxigênio, são aspectos básicos no desenho fundamental do habitat terreno a bordo de Rama.

Sem as plantas, a vida dos humanos a bordo de Rama ficaria seriamente comprometida.

"O que se espera, como resultado desta transmissão, é que a Terra envie um grupo representativo de seus habitantes — junto com os suprimentos de apoio detalhados no segundo apêndice — para se encontrar com Rama III na órbita de Marte. Os viajantes serão transferidos para dentro de Rama e cuidadosamente observados enquanto vivem em um habitat que reproduz todas as condições ambientais da Terra.

"Em função da resposta hostil a Rama II que, aliás, resultou em danos pequeníssimos à espaçonave alienígena, o plano tal como foi enunciado para esta missão Rama não implica qualquer aproximação da Terra maior do que a órbita de Marte. Tal plano pressupõe, é claro, que as autoridades na Terra concordarão com os pedidos contidos nesta transmissão. Se nenhum ser humano for enviado para o encontro

com Rama III na órbita de Marte, não tenho conhecimento de como a espaçonave foi programada para reagir. Posso afirmar, no entanto, baseada em minhas próprias observações, que fica facilmente dentro da capacidade da inteligência extraterrestre adquirir seus dados de observação desejados por outros métodos, menos benignos.

"No que diz respeito aos seres humanos a serem transportados para Marte, é desnecessário dizer que os indivíduos selecionados devem representar um generoso corte transverso da humanidade, incluindo ambos os sexos, todas as idades, e tantas culturas quantas possam ser razoavelmente incluídas. A grande biblioteca de informações sobre a Terra que é pedida no terceiro apêndice do vídeo fornecerá dados adicionais significativos a serem correlacionados com os colhidos dentro de Rama.

"Eu pessoalmente não tenho conhecimento quanto ao período que os humanos deverão passar dentro de Rama, ou exatamente aonde a espaçonave os levará, ou sequer por que a inteligência superior que criou Rama está coletando informações a respeito da vida no universo. Posso dizer, no entanto, que as maravilhas que já testemunhei desde que deixei o sistema solar deram-me um sentido completamente novo de nosso lugar no universo."

A duração total do vídeo, metade da qual era dedicada aos apêndices detalhados, era de pouco mais de dez minutos. Ao longo da transmissão, a imagem básica não mudou. A fala de Nicole foi pausada e deliberada, pontuada por pequenas pausas quando seus olhos moviam-se entre a câmera e o caderno eletrônico em suas mãos. Embora houvesse certa modulação em seu tom, a expressão facial de seriedade de Nicole foi virtualmente constante. Só quando deu a entender que os ramaianos poderiam ter "outros métodos, menos benignos"

para obter os dados que desejavam é que alguma emoção forte passou por seus olhos.

Kenji Watanabe olhou a primeira parte do vídeo com intensa concentração. Durante os apêndices, no entanto, sua mente começou a divagar e a propor várias perguntas. Quem são esses extraterrestres? ficou ele imaginando. De onde vieram? Por que desejam observar-nos? E por que escolheram Nicole des Jardins para ser sua porta-voz?

Kenji começou a rir consigo mesmo, ao se dar conta de que haveria uma corrente sem fim de perguntas. Resolveu então focalizar questões mais tratáveis.

Se Nicole ainda estivesse viva hoje, pensou Kenji a seguir, então estaria com 81 anos. A mulher na televisão tinha fios brancos e seu rosto muito mais rugas do que tivera a cosmonauta des Jardins quando a Newton fora lançada da Terra, porém sua idade na tela não

chegava nem perto dos oitenta. Talvez uns 52 ou 53, no máximo, refletiu Kenji. Será então que ela fez esse vídeo há trinta anos? Ou será que o processo de envelhecimento foi de algum modo retardado? Não lhe ocorreu de todo questionar se quem falava seria Nicole ou não, pois Kenji passara tempo suficiente com os arquivos da Newton para reconhecer imediatamente as expressões faciais e os maneirismos da astronauta. Ela deve ter feito o vídeo há quatro anos mais ou menos, pensou Kenji, mas se assim for… Ele continuava a se debater com toda a situação quando a transmissão de Nicole terminou e o diretor da AEI tornou a aparecer no monitor.

O dr. Koch explicou rapidamente que o vídeo seria integralmente repetido duas vezes em todos os canais, e depois ficaria à disposição de todos os passageiros e da tripulação, segundo a conveniência de cada um.

"Que raios está acontecendo mesmo por aqui?", quis Max Puckett saber tão logo o rosto de Nicole tornou a aparecer no vídeo. Sua indagação era dirigida a Kenji.

"Se compreendi corretamente", respondeu Kenji depois de ainda olhar para a imagem na tela por alguns segundos, "nós fomos propositadamente enganados pela AEI quanto a um dos objetivos primários de nosso empreendimento. Ao que parece, essa mensagem foi recebida há quatro anos, quando o financiamento da Colônia Lowell ainda estava incerto, e foi resolvido então — depois de todas as tentativas possíveis de se provar que o vídeo era falso ou que se tratava de alguma grande brincadeira de mau gosto terem fracassado — que a investigação de Rama seria um objetivo secreto de nosso projeto."

"Merda", disse Max Puckett, sacudindo violentamente a cabeça. "E por que raios eles simplesmente não nos contaram a verdade?"

"A minha mente empaca diante da idéia de supercriaturas enviarem toda essa tecnologia só para coletar dados a nosso respeito", comentou o juiz Mishkin, depois de um breve silêncio. "Em outro nível, no entanto, pelo menos agora posso compreender algumas peculiaridades no processo de seleção de pessoal. Fiquei boquiaberto quando um grupo de adolescentes americanos sem teto foi acrescido à colônia há uns oito meses. Agora percebo que os critérios de seleção se basearam no intuito de satisfazer o pedido de 'um generoso corte transverso da humanidade' de Madame des Jardins; a possibilidade ou não de nossa mistura específica de indivíduos e capacitações vir a produzir uma colônia sociologicamente viável em Marte sempre deve ter sido uma consideração secundária."

"Eu odeio mentiras e mentirosos", disse Max, que se levantara da cadeira e andava pela sala. "Todos esses políticos e administradores do governo são iguais — os filhos da mãe mentem sem a menor dor na

consciência.”

“Mas o que eles poderiam ter feito, Max?”, retrucou o juiz Mishkin. “Quase que certamente eles realmente não levaram o vídeo a sério. Pelo menos até a nova nave ter aparecido na órbita de Marte. E se nos tivessem contado a verdade desde o início, teria havido uma onda mundial de pânico.”

“Olhe aqui, juiz, eu fui contratado para ser uma porra de um pecuarista em uma colônia em Marte. Não sabia de nada a respeito de ETs e, para falar a verdade, quero continuar a não saber. Para mim já é suficientemente difícil lidar com galinhas, porcos e gente.” “Particularmente com gente”, disse logo o juiz Mishkin, sorrindo para seu amigo. Mesmo a contragosto, Max também riu.

Alguns minutos mais tarde, o juiz Mishkin e Max despediram-se e deixaram Kenji e Nai sozinhos. Pouco depois de seus convidados saírem, o videofone tocou no apartamento do casal. “Watanabe?”, ouviram dizer o comandante MacMillan.

“Sim, senhor”, respondeu Kenji.

“Desculpe incomodá-lo, Watanabe”, disse o comandante, “mas você recebeu a primeira incumbência fora da minha equipe imediata. Suas ordens são as de informar toda a tripulação da Pinta a respeito da expedição Newton, dos Ramas e da cosmonauta des Jardins às 19:00h de hoje. Julguei que quisesse começar a preparar-se.”

“… Toda a mídia informou que em 2200 Rama II foi completamente destruída, vaporizada pelas múltiplas bombas atômicas que explodiram em sua vizinhança. Os cosmonautas desaparecidos, des Jardins, O’Toole, Takagishi e Wakefield foram naturalmente dados como mortos. Com efeito, segundo tanto os documentos oficiais da missão Newton quanto os livros e séries televisivas de grande sucesso distribuídos por Hagenest e Schmidt, Nicole des Jardins presumivelmente morreu em algum ponto de Nova York, a cidade-ilha no centro do Mar Cilíndrico, semanas antes da nave científica da Newton jamais deixar Rama para retornar à Terra.”

Kenji parou a fim de olhar para a platéia. Muito embora o comandante MacMillan tivesse explicado aos passageiros e à tripulação da Pinta que um videoteipe da apresentação de Kenji lhes ficaria acessível logo a seguir, muitos dos ouvintes estavam tomando notas. Kenji estava gozando seu momento de evidência. Deu um olhar para Nai, e sorriu antes de continuar.

“A cosmonauta Francesca Sabatini, a mais famosa sobrevivente da malfadada expedição Newton, sugeriu em suas memórias que a dra. des Jardins pudesse ter encontrado um bioma hostil, ou talvez caído em alguma das regiões de blackout de Nova York. Já que as duas mulheres haviam passado a maior parte do dia juntas — estavam

procurando o cientista japonês Shigeru Takagishi, que desaparecera misteriosamente do acampamento B na noite anterior —, a Signora Sabatini tinha plena consciência da quantidade de comida e água que a cosmonauta des Jardins carregara. 'Mesmo com seu supremo conhecimento do corpo humano', escreveu Sabatini, 'Nicole não teria qualquer possibilidade de sobreviver mais de uma semana. E se, em estado de delírio, ela tentasse obter água do gelo do venenoso Mar Cilíndrico, teria morrido ainda mais cedo.' "Da meia dúzia de cosmonautas da Newton que não voltaram do encontro com Rama II, foi Nicole des Jardins quem sempre atraiu maior interesse. Mesmo antes de o brilhante estatístico Roberto Lopez haver conjecturado, há sete anos, com base em informações de genomas guardadas em Haia, que o finado rei Henrique IX da Inglaterra fosse pai da filha de Nicole, Geneviève, a reputação da dra. des Jardins já se tornara legendária. Recentemente, a freqüência a seu memorial, construído perto da villa da família em Beauvois, na França, tem tido aumento marcante, em particular por parte de jovens do sexo feminino. Muita gente acorre, não só para prestar suas homenagens à cosmonauta des Jardins e ver os muitos vídeos e fotografias que comemoram sua vida notável, como também para ver as duas soberbas estátuas em bronze criadas pelo escultor grego Theo Papas. Em uma delas, a jovem Nicole é retratada com calção e camiseta, e a medalha de ouro das Olimpíadas pendurada no pescoço; na segunda, ela é vista como uma mulher madura, usando o uniforme de vôo da AEI semelhante ao que acabaram de ver no vídeo."

Kenji apontou para o fundo da sala do pequeno auditório da Pinta e as luzes se apagaram. Momentos depois, uma série de diapositivos começou a ser apresentada em uma das duas telas que havia atrás dele. "Estas são algumas das fotos de Nicole des Jardins guardadas em nossos arquivos na Pinta. A numeração indica que muitas fotos mais, inclusive clips de filmes históricos, poderão ser encontrados na biblioteca de reserva condicionada em nossos porões de carga, porém tais dados não nos são acessíveis durante a viagem, em função das limitações das instalações de dados para o vôo. Tais dados extras não são necessários, no entanto, pois fica claro, graças ao material aqui apresentado, que a pessoa que apareceu na transmissão de hoje à tarde ou é Nicole des Jardins ou uma cópia absolutamente perfeita dela."

Um close tirado do vídeo da tarde congelou-se na tela esquerda, justapondo-se a ele uma foto da cabeça de Nicole na noite da festa de Ano-Novo que teve lugar na Villa Adriani, nos arredores de Roma. Não havia dúvida. As duas fotos eram definitivamente da mesma mulher. Um murmúrio de aplauso elevou-se da platéia quando Kenji fez uma pausa em sua apresentação.

“Nicole des Jardins nasceu a 6 de janeiro de 2164”, continuou Kenji, em tom controlado. “Portanto, se o vídeo que vimos esta tarde foi efetivamente gravado há quatro anos, ela teria 77 anos na época. Todos nós sabemos que a dra. des Jardins estava em soberba forma física e que se exercitava regularmente, mas se a mulher que vimos hoje à tarde no vídeo tivesse 77 anos, então os ETs que construíram Rama devem ter descoberto, também, o elixir da juventude.”

Muito embora já fosse tarde da noite e Kenji estivesse muito cansado, não conseguia dormir. Os acontecimentos do dia impunham-se à sua mente e o deixavam excitado. Junto dele, na pequena cama de casal, Nai Buatong Watanabe tinha plena consciência de que o marido estava acordado.

“Você tem certeza absoluta de que o que vimos foi a verdadeira Nicole des Jardins, não tem, querido?”, disse Nai depois de Kenji se virar na cama pela enésima vez.

“Tenho. Mas MacMillan não tem. Exigiu que fizesse aquela declaração a respeito da cópia perfeita. Ele acha que tudo no vídeo é falso…”

“Depois de nossa discussão esta tarde”, continuou Nai, após uma pausa, “lembrei-me muito bem do barulho em torno da história de Nicole e o rei Henry há sete anos. Apareceu na maioria das revistas que tratam de personalidades.

Mas esqueci de um detalhe. Como foi que estabeleceram com certeza que Henry era o pai de Geneviève? O rei já não estava morto? E a família real inglesa não mantém suas informações sobre genomas privadas e secretas?”

“Lopez usou os genomas pertencentes a pais e parentes de pessoas que se casaram com membros da família real. Depois, usando uma técnica de correlação de dados inventada por ele mesmo, o dr. Lopez mostrou que Henry, que ainda era príncipe de Gales durante os Jogos Olímpicos de 2184, tinha três vezes mais probabilidades do que qualquer outra pessoa presente em Los Angeles para ser o pai do bebê de Nicole. Depois que Darren Higgins admitiu, em seu leito de morte, que Henry e Nicole passaram uma noite juntos durante as Olimpíadas, a família real permitiu que um especialista em genética tivesse acesso a seu banco de dados de genomas. O especialista concluiu, sem qualquer dúvida, que Henry era o pai de Geneviève.”

“Que mulher espantosa”, disse Nai.

“E era, mesmo”, respondeu Kenji. “Mas o que a levou a fazer esse comentário agora?”

“Como mulher”, disse Nai, “eu admiro o modo pelo qual protegeu seu segredo e criou sozinha sua princesa tanto ou mais do que qualquer de seus outros feitos.”

# 8

Eponine localizou Kimberly em um canto da sala enfumaçada e sentou-se a seu lado. Aceitou o cigarro que a amiga lhe ofereceu, acendeu-o deu uma profunda tragada.

"Ai, como é bom", disse Eponine suavemente soltando a fumaça em pequenas argolas e olhando enquanto subiam lentamente na direção dos exaustores.

"Por mais que você goste de tabaco e nicotina", sussurrou-lhe Kimberly, "sei que ia absolutamente adorar kokomo". A moça americana deu uma tragada em seu cigarro. "Sei que não vai acreditar, Eponine, mas é de verdade melhor do que sexo."

"Não para mim, mon amie", respondeu Eponine em tom caloroso e amigável. "Já tenho vícios o bastante. E nunca, jamais, poderia controlar alguma coisa que fosse melhor do que sexo."

Kimberly Henderson deu uma gostosa gargalhada, sacudindo seu grande cacheado louro que chegava até os ombros. Tinha 24 anos, era mais moça do que sua colega francesa. As duas estavam sentadas fumando na sala para fumantes ao lado dos chuveiros femininos. Era uma salinha mínima, quadrada, com não mais de quatro metros em cada parede, na qual no momento cerca de uma dúzia de mulheres fumavam, de pé ou sentadas.

"Este lugar me lembra a sala dos fundos do bar de Willie em Evergreen, nos arredores de Denver", disse Kimberly. "Enquanto uns cem caubóis e bóiasfrias ficavam dançando e bebendo no bar principal, oito ou dez de nós nos juntávamos no sagrado 'escritório' de Willie, que é como ele o chamava, e nos fodíamos completamente com kokomo."

Eponine olhou para Kimberly através da fumaça azulada. "Pelo menos aqui não há homens para nos chatear. Estes são terríveis, piores do que os caras na aldeia de detenção em Bourges. Esses caras aí acho que não pensam em nada a não ser sexo o dia inteiro."

"É fácil saber por quê", respondeu Kimberly, rindo novamente. "É a primeira vez em não sei quantos anos que não são observados dia e noite sem parar. Quando os homens de Toshio sabotaram todos os monitores ocultos, de repente todo mundo ficou livre." Lançou um olhar a Eponine. "Mas a coisa tem um lado mau, também. Houve mais dois estupros hoje, um bem na área de recreação para os dois sexos."

Kimberly acabou seu cigarro e acendeu outro imediatamente. "Você precisa de alguém que a proteja, e eu sei que Walter ia adorar o emprego. Por causa de Toshio, os presos na maioria já desistiram de cismar comigo. Minha maior preocupação agora são os guardas da AEI — eles pensam que são merda importante. Só aquele italiano lindo e

parrudo, Marcello não sei das quantas, é que me interessa. Ontem ele me disse que me faria 'gemer de prazer' se fosse me juntar a ele no quarto. Fiquei tentadíssima, até ver um dos capangas do Toshio nos olhando."

Eponine também acendeu outro cigarro. Sabia que era ridículo fumar um depois do outro, mas os passageiros da Santa Maria só tinham três "paradas" de meia hora por dia, e era proibido fumar nas superpopulosas áreas de estar.

Enquanto Kimberly foi momentaneamente distraída por uma pergunta feita por uma mulher fortona de cerca de quarenta anos, Eponine rememorou os primeiros dias desde que deixara a Terra. Em nosso terceiro dia fora, lembrou ela, Nakamura mandou um mediador me procurar. Eu devo ter sido sua primeira escolha.

O imenso japonês, lutador de sumô antes de se tornar cobrador de uma famosa cadeia de jogo, curvara-se formalmente ao aproximar-se dela na sala m/f.

"Srta. Eponine", dissera ele em inglês, com muito sotaque, "o meu amigo Nakamura-san pediu-me que lhe dissesse que a acha muito bonita. Ele lhe oferece proteção total em troca de sua amizade e um ocasional momento de prazer".

A oferta tinha seus atrativos, rememorou Eponine, e não difere muito do que a maioria das mulheres de aspecto razoável na Santa Maria acabou por aceitar. Eu já sabia que Nakamura era muito poderoso. Mas não gostei da frieza. E cometi o erro de pensar que poderia permanecer livre.

"Está pronta?" repetiu Kimberly, e Eponine acordou repentinamente de seu devaneio. Apagando o cigarro, dirigiu-se com a amiga para o vestiário.

Enquanto se despiam e se preparavam para o chuveiro, pelo menos uma dúzia de olhos banqueteavam-se com seus magníficos corpos.

"Não te chateia", perguntou Eponine quando estavam já lado a lado no chuveiro, "que essas sapatonas fiquem te devorando com os olhos?"

"Neca", respondeu Kimberly. "De certo modo, eu curto. Não deixa de ser elogioso. Não há muitas mulheres por aqui com o nosso aspecto. Até me excita ver a fome com que elas me olham."

Eponine lavou a espuma de sabão de seus seios rijos e fartos, e inclinouse para Kimberly. "Então já fez sexo com outra mulher?"

"É claro", respondeu Kimberly com seu riso grave. "Você, não?" Sem esperar pela resposta, a americana começou com uma de suas histórias.

'Minha primeira fonte de drogas em Denver era sapatão. Eu só tinha dezoito anos e era absolutamente perfeita, da cabeça aos pés.

Quando Loretta me viu nua pela primeira vez, pensou que morrera e fora para o céu. Eu acabava de entrar para a escola de enfermagem, de modo que não tinha muito dinheiro para drogas, e por isso fiz um trato com Loretta. Ela podia trepar comigo, mas só se me fornecesse cocaína regularmente. Nosso caso durou uns seis meses. A essa altura eu mesma já estava traficando e, além disso, tinha me apaixonado pelo Mágico."

"Pobre Loretta", continuou Kimberly, enquanto ela e Eponine enxugavam as costas uma da outra no lavatório junto aos chuveiros. "Ela ficou arrasada. Me ofereceu tudo o que você possa imaginar, até mesmo sua lista de clientes. Ela acabou sendo um estorvo, de modo que eu tirei a clientela dela e fiz o Mágico correr com ela de Denver."

Kimberly percebeu um fugidio olhar de desaprovação no rosto de Eponine.

"Cristo, lá vem você de novo dando uma de moralista em cima de mim. Você é a assassina mais banana que eu conheço. Às vezes, você me faz lembrar todas as santinhas de minhas colegas de secundário."

Quando estavam a ponto de sair da área dos chuveiros, uma menininha preta de cabelos trançadinhos aproximou-se por trás delas. "Você é Kimberly Henderson?", perguntou.

"Sou", confirmou Kimberly, virando-se. "Mas por que…"

"O seu homem é o rei Jap Nakamura?", interrompeu a moça.

Kimberly não respondeu. "Se for, preciso da sua ajuda", continuou a pretinha.

"O que é que você quer?", perguntou Kimberly, sem interesse.

A moça repentinamente caiu em prantos. "O meu homem Reuben não queria dizer nada. Estava bêbado com aquela merda que os guardas vendem. Ele não sabia que estava falando com o rei Jap."

Kimberly esperou a moça enxugar as lágrimas: "O que é que você tem?", sussurrou ela, enfim.

"Três facas e duas doses de dinamite kokomo", respondeu a moça preta também sussurrando.

"Traga tudo para mim", disse Kimberly com um sorriso. "E eu arranjo uma hora para Reuben se desculpar com o sr. Nakamura."

"Você não gosta da Kimberly, não é?", disse Eponine a Walter Brackeen.

Ele era um robusto negro americano de olhos suaves e dedos absolutamente mágicos em um teclado. Estava tocando um medley de jazz leve e olhando para sua linda dama enquanto seus três colegas de quarto tinham ido, de comum acordo, para a área de recreação.

"Não, não gosto", respondeu Walter lentamente. "Ela não é como nós. Pode ser muito engraçada, mas no fundo é realmente má."

"O que é que você quer dizer?"

Walter mudou para uma balada suave, com melodia mais fácil, e tocou durante quase um minuto antes de falar. “Acho que aos olhos da lei nós somos todos iguais, todos assassinos. Mas não aos meus olhos. Eu acabei com a vida de um homem que sodomizou meu irmão menor. Você matou um filho da mãe doido que estava acabando com a sua vida.” Walter parou por um momento e virou os olhos. “Mas aquela sua amiga, a Kimberly, ela e o namorado liquidaram três pessoas que nem sequer conheciam, só pelo dinheiro e as drogas.”

“Ela estava doidona na hora.”

“Não importa. Todos nós somos responsáveis por nosso comportamento.

Se eu me encho de uma merda que me torna abominável, o erro é meu. Mas não posso tirar o corpo fora de minhas responsabilidades.”

“A ficha dela no centro de detenção foi perfeita. Todos os médicos que trabalharam com ela disseram que é uma excelente enfermeira.”

Walter parou de tocar seu teclado e olhou para Eponine por vários segundos. “Não vamos falar mais de Kimberly. O tempo que temos para ficarmos juntos já é tão pouco… Você pensou na minha proposta?”

Eponine suspirou. “Pensei, Walter. E embora eu goste de você e ache fazer amor com você ótimo, o arranjo que você sugeriu parece demais com um compromisso… Além do mais, acho que a idéia só agrada a seu ego. A não ser que meu palpite esteja errado, você prefere Malcolm…”

“Malcolm não tem nada a ver conosco”, interrompeu Walter. “Há anos que é meu grande amigo, desde os meus primeiros tempos no centro de detenção da Geórgia. Nós tocamos música juntos. Compartilhamos sexo quando estamos ambos muito solitários. Somos irmãos de alma…”

“Eu sei, eu sei… Malcolm não é a questão principal; é antes o princípio da coisa que me incomoda. Eu gosto de você, Walter, você sabe disso. Mas…” A voz dela foi sumindo, enquanto Eponine enfrentava sua luta interior.

“Estamos a três semanas da Terra”, disse Walter, “e temos mais seis antes de atingirmos Marte. Eu sou o homem maior da Santa Maria. Se eu disser que você é a minha pequena, ninguém a incomodará durante essas seis semanas.”

Eponine relembrou a cena desagradável que acontecera naquela manhã, quando dois condenados alemães conversaram sobre o quanto era fácil estuprar alguém do alojamento dos condenados. Eles sabiam que ela podia ouvi-los e não fizeram o menor esforço para abaixar a voz.

Finalmente, ela se aconchegou dentro dos imensos braços de Walter.

“Está bem”, disse. “Mas não espere muita coisa… Eu sou uma mulher assim meio difícil.”

“Acho que Walter talvez tenha um problema cardíaco”, sussurrou Eponine. Era tarde da noite e as duas outras companheiras de quarto estavam dormindo. Kimberly, no beliche embaixo do de Eponine, continuava chumbada com o kokomo que fumara havia duas horas. Não conseguiria dormir ainda por várias horas.

“Os regulamentos desta nave são uma porra de uma estupidez. Cruzes, até o Complexo de Detenção de Pueblo tinha menos regulamentos. Por que raios não podemos ficar nas áreas comuns depois da meia-noite? Que mal estamos fazendo?”

“Volta e meia, ele tem umas dores no peito, e quando fazemos sexo com muito vigor, muitas vezes ele se queixa depois de falta de ar… Será que você podia dar uma espiada nele?” “E que tal aquele Marcello? Hein? Mas que cretino mais estúpido! Dizendo que posso ficar acordada a noite inteira se quiser ir ao quarto dele. Na hora em que estou sentada com Toshio. O que é que ele acha que está fazendo? Ora, nem os guardas têm direito de brincar com o rei Jap… O que foi que você disse, Eponine?”

Eponine levantou o torso, apoiou-se em um cotovelo e inclinou-se para fora de seu beliche. “Walter Brackeen, Kim; estou falando de Walter Brackeen.

Será que você pode dar um tempo e ouvir o que eu estou dizendo?”

“Tudo bem, tudo bem. O que é que há com Walter? O que é que ele quer?

Todo mundo quer alguma coisa do rei Jap. Acho que isso me faz rainha, de algum modo…”

“Acho que Walter tem um coração meio pifado”, disse a exasperada Eponine em voz mais alta. “E gostaria que você desse uma olhada nele.”

“Sh…” respondeu Kimberly. “Eles vêm nos pegar, como fizeram com aquela louca sueca… Merda, Ep, eu não sou médica. Eu reconheço quando a batida de um coração está irregular, mas é só… Você devia levar Walter àquele médico também preso, que é um cardiologista de verdade, como é o nome dele, aquele superquieto que fica sozinho sempre que não está examinando alguém…”

“Dr. Robert Turner”, cortou Eponine.

“Isso mesmo… muito profissional, isolado, distante, só sabe falar mediquês, é difícil acreditar que ele estourou os miolos de dois homens, com uma escopeta, em um tribunal… não faz sentido.” “E como é que você sabe disso?”

“Marcello me contou. Eu estava curiosa, nós estávamos rindo, ele

estava me provocando, dizendo coisas como “aquele japonês te faz gemer?” e “e aquele quietinho, será que ele te faz gemer?…”

“Cruzes, Kim”, disse Eponine, agora alarmada: “Você tem ido para a cama com o Marcello também?”

A outra riu. “Só duas vezes. Ele é melhor de papo que de foda. E que ego!

O rei Jap pelo menos aprecia o que recebe.”

“E Nakamura sabe?”

“Está pensando que eu sou louca? Eu não quero morrer. Mas pode ser que ele desconfie… Não vou fazer mais. Mas se o tal do dr. Turner só sussurrasse um pouquinho no meu ouvido, eu me lambusava toda de creme…”

Kimberly continuou a resmungar sem sentido. Eponine pensou uns momentos no dr. Robert Turner. Ele a examinara pouco depois do lançamento, quando ela aparecera com umas marcas peculiares. Ele sequer notou meu corpo, lembrou-se ela. Foi um exame completamente profissional.

Eponine esqueceu de Kimberly e concentrou-se na imagem do belo doutor.

Surpreendeu-se ao perceber que estava sentindo uma pequena fagulha de interesse romântico. Havia qualquer coisa de positivamente misteriosa a respeito do médico, pois não havia nada em seus modos ou personalidade que tivessem a mínima relação com um assassinato duplo. Deve haver uma história interessante ali, pensou.

* * *

Eponine estava sonhando. Era o mesmo pesadelo que já tivera centenas de vezes desde o assassinato. O professor Moreau estava caído no chão com os olhos fechados, em seu estúdio, e o sangue corria de seu peito. Eponine caminhava até a pia, limpava a grande faca de cozinha, e a colocava de volta no lugar. Quando passava por cima do cadáver, aqueles olhos odiados se abriam e ela via neles sua delirante insanidade. Ele estendia os braços para ela…

“Enfermeira Henderson. Enfermeira Henderson.” A batida na porta foi ficando mais alta. Eponine acordou de seu sonho e esfregou os olhos. Kimberly e uma das outras companheiras de quarto chegaram à porta quase ao mesmo tempo.

O amigo de Walter, Malcolm Peabody, um homem branco, pequenino, amaneirado, de cerca de quarenta anos, estava na porta, desesperado. “O dr. Turner pediu uma enfermeira. Venha depressa. Walter teve um ataque de coração.”

Quando Kimberly começou a se vestir, Eponine deslizou para fora

da cama. “Como está ele, Malcolm?”, perguntou, enfiando um robe. “Está morto?”

Malcolm ficou momentaneamente confuso. “Ah, oi, Eponine”, disse ele humildemente, “eu me esquecera que você e a enfermeira Henderson… Quando eu saí ele ainda estava respirando mas…”

Tomando cuidado para manter sempre um pé no chão, Eponine correu pela porta afora, pelo corredor, para a área comum central, depois pelo alojamento dos homens. Vários alarmes soaram à medida que os monitores iam lhe seguindo os passos. Quando chegou na entrada da ala de Walter, Eponine parou um momento para tomar fôlego.

Um bando de gente estava parada no corredor, do lado de fora do quarto de Walter. Sua porta estava escancarada e o terço inferior de seu corpo jazia para o lado de fora, já no hall. Eponine abriu à força seu caminho até o quarto.

O dr. Robert Turner estava ajoelhado ao lado de seu paciente, segurando os eletrodos junto ao peito de Walter. O corpo do homenzarrão sacudia com cada choque, depois saía um pouco do chão até o médico empurrá-lo de novo para a superfície.

O dr. Turner olhou para cima quando Eponine chegou. “Você é a enfermeira?”, perguntou ele, bruscamente.

Por uma fração de segundo, Eponine ficou sem fala. E embaraçada. Ali estava o seu namorado morrendo, e a única coisa que ela conseguia pensar era no azul dos olhos quase perfeitos do dr. Turner. “Não”, conseguiu dizer finalmente, perturbada. “Sou a namorada… A enfermeira Kimberly é minha companheira de quarto… Ela deve estar chegando.”

Kimberly e dois guardas AEI como escolta chegaram naquele momento. “O coração dele parou completamente há quarenta e cinco segundos”, disse o médico a Kimberly. “É tarde demais para removê-lo para a enfermaria. Vou abri-lo e tentar usar o estimulador Komori. Trouxe suas luvas?” Quando Kimberly colocou as luvas, o dr. Turner mandou toda aquela gente se afastar do paciente. Eponine não se mexeu. Quando os guardas a agarraram pelos braços, o dr. Turner resmungou alguma coisa e eles a soltaram.

O dr. Turner entregou a Kimberly seus instrumentos cirúrgicos e, trabalhando com incrível velocidade e habilidade, fez uma incisão profunda no peito de Walter. Abrindo as dobras da pele, expôs o coração. “Já executou esse tipo de procedimento, enfermeira Henderson?”

“Não”, respondeu Kimberly.

“O estimulador Komori é um engenho eletroquímico que se adapta ao coração, forçando-o a bater e a continuar a bombear o sangue. Se a patologia for temporária, como um coágulo na veia ou

uma válvula espástica, então às vezes o problema se resolve e o coração do paciente começa a funcionar novamente."

O dr. Turner inseriu o estimulador Komori, que tinha o tamanho de um selo, atrás do ventrículo esquerdo do coração e ligou a força no sistema portátil que estava pousado no chão. O coração de Walter começou a bater lentamente dois ou três segundos mais tarde. "Agora temos mais ou menos oito minutos para localizar o problema", disse o médico para si mesmo.

Ele completou sua análise dos subsistemas primários do órgão em menos de um minuto. "Nada de coágulos, nem veias ou válvulas defeituosas…"

resmungou ele; "então, por que parou de bater?"

O dr. Turner levantou com eficiência o coração latejante e inspecionou os músculos da parte inferior. O tecido muscular do aurículo direito estava descolorido e mole. Ele o tocou muito de leve com um de seus instrumentos pontudos e partes do tecido caíram como flocos.

"Meu Deus", disse o médico "mas o que é isso?" Enquanto o dr. Turner sustentava o coração, o órgão de Walter Brackeen contraiu-se mais uma vez e uma das longas estruturas fibrosas no meio do tecido muscular descolorido começou a se desenrolar. "Mas o que…?" Turner piscou duas vezes e levou a mão direita ao rosto.

"Olhe isto aqui, enfermeira", disse ele, baixo. "É absolutamente espantoso.

Os músculos estão completamente atrofiados. Nunca vi nada parecido. Não posso ajudar este homem."

Os olhos de Eponine encheram-se de lágrimas quando o dr. Turner retirou o estimulador e o coração de Walter tornou a parar de bater. Kimberly começou a tirar os grampos que prendiam a pele em torno da área, mas o médico a impediu.

"Ainda não. Vamos levá-lo para a enfermaria para eu poder fazer uma autópsia completa. Quero aprender tudo o que for possível."

Os guardas e dois dos companheiros de quarto de Walter colocaram-no cuidadosamente na maca e o corpo foi removido do alojamento. Malcolm Peabody soluçava em silêncio no beliche de Walter. Eponine caminhou até ele. Trocaram um abraço silencioso e depois ficaram sentados juntos, de mãos dadas, durante a maior parte da noite.

# 9

"O senhor ficará encarregado de tudo aqui enquanto eu estiver lá dentro", disse o comandante MacMülan a seu segundo em comando, um bonito e jovem engenheiro russo chamado Dmitri Ulanov. "No caso, sua principal responsabilidade é a segurança de passageiros e tripulantes. Se ouvir ou vir alguma coisa ameaçadora ou até mesmo suspeita, acenda os foguetes e afaste a Pinta de Rama."

Era a manhã da primeira missão de reconhecimento da Pinta no interior de Rama. A espaçonave da Terra atracara no dia anterior em uma das extremidades circulares da imensa espaçonave cilíndrica. A Pinta tinha sido estacionada bem ao lado do selo externo, mais ou menos no mesmo local das expedições ramaianas anteriores de 2130 e 2200.

Como parte das preparações para a primeira incursão, Kenji Watanabe instruíra a equipe exploratória na noite anterior a respeito da geografia das duas primeiras Rama. Quando terminou seus comentários, fora procurado por seu amigo Max Puckett.

"Você acha que a nossa Rama vai se parecer com todas aquelas fotos que nos mostrou?"

"Não exatamente", respondeu Kenji. "Espero algumas mudanças. Lembrese de que o vídeo dizia que um habitat terreno fora construído em algum ponto dentro de Rama. No entanto, já que o exterior da espaçonave é idêntico ao das outras duas, não creio que tenham mudado tudo do lado de dentro."

Max ficou perplexo. "Tudo isso fica muito para lá do meu alcance", disse ele, sacudindo a cabeça. "Falar nisso, você tem certeza de não ser o responsável por eu estar na equipe exploratória?"

"Como lhe disse hoje à tarde", respondeu Kenji, "nenhum de nós a bordo da Pinta teve qualquer coisa a ver com a seleção dessas equipes. Todos os dezesseis integrantes foram selecionados pela AEI e a AII lá na Terra".

"Mas por que me equiparam com toda essa porcaria desse arsenal? Me deram uma metralhadora laser de última geração, granadas autodirigidas e até um punhado de minas sensíveis a massa. Tenho mais poder de fogo neste momento do que tive durante a expedição de preservação da paz em Belize."

Kenji sorriu. "O comandante MacMillan, como muitos outros membros do estado-maior militar no Quartel-General do CDG, ainda acredita que toda essa história é algum tipo de armadilha. Sua designação nessa equipe exploratória é 'soldado'. A minha convicção pessoal é de que nenhuma de suas armas será necessária."

Max ainda resmungava na manhã seguinte, quando MacMillan

deixou Ulanov encarregado da Pinta e liderou pessoalmente a equipe exploratória que entraria em Rama. Embora estivessem sem peso, o equipamento militar que Max carregava em cima de seu traje espacial era canhestro e restringia sua liberdade de movimentos. “Isto é ridículo”, resmungou para si mesmo. “Eu sou um fazendeiro, não um raio de um comando.”

A primeira surpresa chegou apenas alguns minutos depois dos exploradores da Pinta passarem para o lado de dentro do selo exterior. Ao final de uma breve caminhada por um corredor largo, o grupo entrou em uma sala circular da qual três túneis levavam para regiões mais profundas da espaçonave alienígena.

Dois desses túneis estavam bloqueados com portões múltiplos de metal. O comandante chamou Kenji para consultas.

“Este desenho é completamente diferente”, disse Kenji, respondendo às perguntas do comandante. “Podemos jogar fora nossos mapas.”

“Então suponho que devo continuar pelo túnel que não está bloqueado?”

“A escolha é sua”, disse Kenji, “mas eu não vejo nenhuma outra opção, a não ser voltar para a Pinta”.

Os dezesseis homens caminharam pesada e lentamente pelo túnel aberto, em seus trajes espaciais. Com intervalos de poucos minutos eles iam lançando foguetes de iluminação na escuridão à sua frente, a fim de verem aonde estavam indo. Quando já haviam penetrado uns quinhentos metros em Rama, duas pequenas figuras apareceram repentinamente na outra extremidade do túnel. Os quatro soldados e o comandante imediatamente pegaram seus binóculos.

“Estão vindo em nossa direção”, disse um dos soldados, excitado.

“Raios me partam”, disse Max Puckett, com um arrepio a lhe correr pela espinha, “é Abraão Lincoln!”

“E uma mulher”, disse um outro, “usando algum tipo de uniforme”.

“Preparem-se para atirar”, disse MacMillan.

Os quatro soldados correram para a frente do grupo e ajoelharam-se, com suas armas apontadas para o túnel. “Alto”, gritou MacMillan quando as duas figuras estranhas atingiram uma distância de uns duzentos metros da equipe exploratória.

Abraão Lincoln e Benita Garcia pararam. “Declarem seus objetivos”, ouviram o comandante gritar.

“Estamos aqui para dar-lhes boas-vindas”, disse Abraão Lincoln com voz alta e grave.

“E para levá-los ao Novo Éden”, acrescentou Benita Garcia.

O comandante MacMillan ficou absolutamente confuso. Não sabia o que fazer. Enquanto hesitava, os outros membros do grupo ficaram

conversando entre si.

"É Abraão Lincoln que voltou, feito um fantasma", disse o americano Terry Snyder.

"A outra é Benita Garcia — vi uma estátua dela uma vez, no México."

"Vamos dar o fora daqui. Isto me dá arrepios."

"O que estariam fantasmas fazendo em órbita em torno de Marte?"

"Desculpe, comandante", disse Kenji, ao fim de algum tempo, ao atônito MacMillan. "O que pretende fazer agora?"

O escocês virou-se para encarar o especialista japonês em Rama. "É difícil decidir qual seja o comportamento adequado, é claro", disse ele. "Quero dizer, esses dois parecem perfeitamente inofensivos, mas lembre-se do Cavalo de Tróia.

Ah!… Muito bem, Watanabe, o que você sugere?" "Por que não me adianto eu, sozinho ou com um dos soldados, para falar com eles. Então saberemos…"

"Muito corajoso de sua parte, Watanabe, mas desnecessário. Não, acho que devemos avançar todos. Com cuidado, é claro. Deixando um par de homens para trás, a fim de relatarem o ocorrido no caso de sermos esfa-relados por uma pistola de raios, ou coisa no gênero."

O comandante ligou seu rádio. "Vice Ulanov, aqui MacMillan. Encontramos dois seres de alguma espécie. São humanos ou disfarçados de humanos.

Um parece com Abraão Lincoln e a outra com aquela famosa cosmonauta mexicana… O que é, Dmitri?… É, entendeu certo. Lincoln e Garcia. Encontramos Lincoln e Garcia em um túnel em Rama. Pode comunicar isso aos outros… Agora vou deixar Snyder e Finzi aqui enquanto o resto de nós avança no sentido dos desconhecidos."

As duas figuras não se moveram enquanto os catorze exploradores da Pinta se aproximavam. Os soldados estavam espalhados em leque na frente do grupo, prontos para atirar ao primeiro sinal de perigo.

"Bem-vindos a Rama", disse Abraão Lincoln, quando o primeiro elemento estava a apenas uns vinte metros dele. "Estamos aqui para escoltá-los até seus novos lares."

O comandante MacMillan não respondeu logo. Coube ao incontrolável Max Puckett quebrar o silêncio. "Você é fantasma? Quero dizer, você é mesmo Abraão Lincoln?"

"É claro que não", respondeu a figura de Lincoln com perfeita objetividade.

"Tanto Benita quanto eu somos biomas humanos. Vocês vão encontrar cinco categorias de biomas humanos no Novo Éden, cada tipo desenhado com capacidades específicas a fim de libertar os humanos de tarefas tediosas e repetitivas. Minhas áreas especiais são

tarefas secretariais e legais, contabilidade, controle de despesas inclusive domésticas, administração no lar e no escritório, e outras tarefas de organização."

Max ficou idiotizado. Ignorando as ordens do comandante para que "se afastassem", avançou até ficar a poucos centímetros de Lincoln. "É uma porra de um robô", resmungou para si mesmo. Esquecido de qualquer possível perigo, Max esticou a mão e tocou o rosto de Lincoln, primeiro a pele junto ao nariz, depois a longa barba negra. E disse alto: "Absolutamente inacreditável."

"Fomos fabricados com atenção muito cuidadosa a detalhes", disse Lincoln. "Nossa pele é quimicamente semelhante à sua e nossos olhos funcionam pelos mesmos princípios óticos básicos dos seus, porém não somos criaturas dinâmicas, constantemente renovadas, como vocês. Nossos subsistemas têm de ser mantidos e até mesmo por vezes substituídos por técnicos."

A atitude ousada de Max tinha esvaziado toda tensão. A essa altura, toda a equipe, inclusive o comandante MacMillan, estava cutucando e examinando os robôs. Ao longo de todo o exame, tanto Lincoln quanto Garcia responderam perguntas a respeito de seu desenho e implementação. A certa altura, Kenji se deu conta de que Max Puckett tinha se afastado do resto do grupo e estava sentado sozinho encostado em uma das paredes do túnel.

Kenji caminhou até o seu amigo. "O que foi, Max?" Max sacudiu a cabeça. "Que espécie de gênio poderia produzir uma coisa como esses dois? Assusta de verdade." Ficou silencioso por alguns segundos.

"Talvez eu seja esquisito, mas esses dois biomas me assustam muito mais do que esse cilindro monstruoso."

O Lincoln e a Garcia caminharam com o grupo no sentido do que parecia ser o final do túnel. Em poucos segundos, uma porta abriu-se na parede e os biomas fizeram gestos sugerindo que os humanos entrassem. Questionados por MacMillan, explicaram que os humanos estavam a ponto de entrar em um "engenho de transporte" que os levaria até as redondezas de seu habitat terreno.

MacMillan comunicou o que disseram os biomas a Dmitri Ulanov na Pinta e disse a seu vice russo que "saísse a jato" se não tivesse notícias deles em 48 horas.

A viagem no metrô foi estonteante. Max Puckett lembrou da montanharussa gigante da Feira Estadual em Dallas, no Texas. O veículo com forma de bala disparou por uma linha helicoidal de trilhos toda fechada, que caía desde a extremidade côncava norte de Rama até a Planície Central embaixo. Do lado de fora do veículo, todo envolvido por um pesado plástico transparente de espécie desconhecida, Kenji e os outros passageiros entreviam a vasta teia de

escadas e escadarias que cortava o mesmo território que o seu veículo. Mas não viram as incomparáveis vistas relatadas pelos exploradores anteriores de Rama — sua vista para o sul ficava bloqueada por uma parede altíssima de cinzento metálico.

A viagem durou menos de cinco minutos e depositou-os dentro da vasta coroa circular que circundava inteiramente o habitat Terra. Quando os exploradores da Pinta saíram do veículo, a imponderabilidade em que vinham vivendo desde a partida da Terra havia desaparecido. A gravidade era muito próxima da normal.

"A atmosfera neste corredor, como a do Novo Éden, é igual à do seu planeta natal", disse o bioma Lincoln. "O que não é verdadeiro a respeito da região à nossa direita, que fica fora da parede protetora de seu habitat."

O anel protetor que circundava o Novo Éden estava suavemente iluminado, de modo que os colonizadores não se encontravam preparados para a brilhante luz solar que os saudou quando a vasta porta se abriu e eles penetraram em seu novo mundo. Na pequena caminhada até a estação ferroviária ali perto, carregaram nas mãos seus capacetes espaciais. Os homens passaram por prédios vazios em ambos os lados do caminho — pequenas estruturas que poderiam ser casas ou lojas, bem como um outro, maior ("Essa será uma escola primária", informou-os, Benita Garcia) bem defronte à própria estação.

Um trem os esperava quando chegaram. O aerodinâmico vagão do trem tinha assentos macios e confortáveis, e um quadro eletrônico das condições no momento ia apresentando novos dados à medida que eles corriam para o centro no Novo Éden, onde receberiam "instruções compreensivas", segundo o bioma Lincoln. O trem correu, primeiro, ao longo da margem de um lago lindo e cristalino ("Lago Shakespeare", disse Benita Garcia), depois viraram à esquerda para longe das paredes cinza claro que delimitavam a colônia. Durante a última parte da viagem, uma grande montanha estéril dominava o panorama no lado direito do trem. Durante todo esse tempo, o contingente da Pinta ficou muito quieto. Na verdade, estavam completamente estarrecidos. Nem mesmo na criativa imaginação de Kenji qualquer coisa sequer semelhante ao que estavam vendo fora jamais concebida. Tudo era muito maior, muito mais magnífico, do que o imaginado.

A cidade central, onde todos os edifícios principais haviam sido localizados pelos desenhistas do Novo Éden, foi o estarrecimento final. Os integrantes do grupo ficaram em silêncio e boquiabertos ante o desfile de estruturas grandes e impressionantes que formavam o coração da colônia. O fato de os edifícios ainda estarem vazios só aumentava a impressão mística deixada por toda a experiência.

Kenji Watanabe e Max Puckett foram os dois últimos homens a entrar no edifício onde a sessão de instruções teria lugar.

"O que pensa disso tudo?", perguntou Kenji a Max, quando os dois ficaram no alto da escada do edifício da administração e examinaram o estonteante complexo à sua volta.

"Não consigo pensar", respondeu Max, com o assombro bem nítido em sua voz. "Este lugar todo desafia qualquer pensamento. É o céu, Alice no País das Maravilhas e todos os contos de fadas de minha infância em um pacote só. Fico me beliscando para ter a certeza de que não estou sonhando."

"Na tela à sua frente", disse o Lincoln bioma, "está um mapa geral do Novo Éden. Cada um de vocês receberá um pacote completo de mapas, que inclui todas as estradas e prédios da colônia. Nós estamos aqui, na Cidade Central, concebida para ser o centro administrativo do Novo Éden. Foram construídas residências, além de lojas, pequenos escritórios e escolas nos quatro cantos do retângulo contido pela parede externa. Porque o nome dessas quatro cidades ficará a cargo de seus habitantes, vamos referir-nos hoje a elas como aldeias nordeste, sudeste, noroeste e sudoeste. Ao fazermos isso estaremos seguindo a convenção adotada por exploradores anteriores de Rama vindos da Terra, de se referirem à extremidade de Rama junto à qual está atracada a sua nave de norte e…

"Cada um dos quatro lados do Novo Éden tem uma função geográfica determinada. O lago de água doce no limite sul da colônia, como já foram informados, é chamado de Lago Shakespeare. A maior parte dos peixes e outras formas de vida marítima que trouxeram com vocês viverá ali, embora algumas espécies possam ser perfeitas para serem colocadas nos dois rios que deságuam no Lago Shakespeare vindos do Monte Olimpo, aqui do lado leste da colônia, e da Floresta de Sherwood, do lado oeste…

"No momento, tanto as encostas no Monte Olimpo quanto todas as regiões da Floresta de Sherwood, bem como os parques das aldeias e os cinturões verdes que percorrem a colônia estão cobertos por uma fina treliça de engenhos de troca de gás, ou ETG, como os chamamos. Esses pequenos mecanismos têm apenas uma função — a de converter dióxodo de carbono em oxigênio. De forma muito verdadeira, eles são plantas mecânicas. Deverão ser substituídos pelas plantas verdadeiras que vocês trouxeram da Terra…

"O lado norte da colônia, entre as aldeias, ficou reservado para as fazendas. As edificações para tais fazendas foram erigidas ao longo da estrada que liga as duas cidades do lado norte. Nessa área vocês irão produzir a maior parte de seus alimentos. Entre os suprimentos de alimentos que trouxeram e a comida sintética armazenada nos altos

silos a trezentos metros ao norte deste edifício, vocês devem ser capazes de alimentar dois mil humanos por pelo menos um ano, talvez dezoito meses se o desperdício for mantido a um nível mínimo. Depois disso, fica tudo a seu cargo. Desnecessário dizer que as atividades agropecuárias, inclusive a aquacultura instalada na margem leste do Lago Shakespeare, serão componente importante de sua vida no Novo Éden…"

Para Kenji, a experiência dessas instruções foi semelhante à de se beber água de uma mangueira de incêndio. O bioma Lincoln manteve o nível de informações excepcionalmente alto por noventa minutos, ignorando perguntas dizendo ou "Isso fica fora de minha base de conhecimento" ou indicando a página e o parágrafo do Guia Básico do Novo Éden que havia distribuído. Finalmente, houve uma pausa nas informações e todos foram para uma sala adjacente, onde uma bebida que tinha gosto de Coca-Cola foi servida.

"Uau!", disse Terry Snyder limpando a testa. "Será que sou eu o único a se sentir saturado?"

"Que merda, Snyder", retrucou Max Puckett, com um sorriso maroto.

"Você está dizendo que é inferior a um raio de um robô? Pois ele não está nem perto de ficar cansado. Aposto que era capaz de falar o dia inteiro."

"Talvez até a semana inteira", disse Kenji Watanabe. "Eu me pergunto de quanto em quanto tempo esses biomas têm de ser revistos. A companhia de meu pai faz robôs. Alguns extremamente complexos, mas nada que se compare a isso.

O conteúdo de informação do Lincoln deve ser astronômico…"

"A sessão de informações continuará dentro de cinco minutos", anunciou o Lincoln. "Por favor, sejam pontuais."

Na segunda parte da sessão os vários tipos de biomas do Novo Éden foram apresentados e explicados. Baseados em seus estudos recentes de expedições Rama anteriores, os colonizadores estavam preparados para os biomas de lixo e tratores. As cinco categorias de biomas humanos, no entanto, provocaram uma reação mais emocional.

"Nossos desenhistas decidiram", disse-lhes o Lincoln, "limitar a aparência física dos biomas humanos para não haver possibilidade de alguém nos tomar por um de vocês. Eu já lhes dei minha lista de funções básicas — todos os outros Lincolns, três dos quais estão agora se reunindo a nós, foram programados de forma idêntica. Ao menos originariamente. Nós somos capazes, no entanto, de alguns níveis modestos de aprendizado que permitirão que nossos bancos de dados se diferenciem segundo nossos usos específicos se desenvolvam".

“Como poderemos distinguir um Lincoln de outro?”, perguntou um membro estonteado da equipe exploratória quando os três novos Lincolns começaram a circular pela sala.

“Cada um de nós tem um número de identificação gravado tanto aqui, no ombro esquerdo, quanto novamente aqui, na nádega direita. O mesmo sistema aplica-se às outras categorias de biomas humanos. Eu, por exemplo, sou Lincoln Número 004. Os três que acabam de entrar são 009, 024 e 071.”

Quando os biomas Lincoln deixaram a sala, foram substituídos por cinco Benitas Garcias. Uma das Garcias delineou as especialidades de sua categoria — proteção policial e contra fogo, agropecuária, saneamento, transporte, serviços de correspondência — e responderam algumas perguntas antes de ir embora.

Os biomas Einstein foram os seguintes. Os exploradores caíram na gargalhada quando quatro dos Einsteins, cada um deles uma réplica indisciplinada, desleixada e de cabelos brancos do gênio científico do século XX, entraram juntos na sala. Os Einsteins explicaram que eram os engenheiros e cientistas da colônia.

Sua função primária, vital e englobando muitos deveres diversos, era a de “garantir a operação satisfatória da infra-estrutura da colônia”, inclusive, é claro, a do exército de biomas.

Um grupo de biomas femininas altas e pretas como azeviche apresentaram-se como as Tiassos, especialistas em cuidados com a saúde. Seriam as médicas, as enfermeiras, as agentes de saúde pública, as que cuidariam das crianças quando os pais não estivessem à mão. E quando o segmento Tiasso na sessão estava quase terminando, um bioma ligeiramente oriental, com olhos intensos, entrou na sala. Carregava uma lira e um cavalete eletrônico.

Apresentou-se como Yasunari Kawabata antes de tocar uma linda peça breve em sua lira.

“Nós os Kawabatas somos artistas criativos”, disse ele com simplicidade.

“Somos músicos, atores, pintores, escultores, escritores, e às vezes fotógrafos e cinegrafistas. Somos poucos numericamente, porém muito importantes para a qualidade de vida do Novo Éden.”

Quando a sessão oficial de instruções e informações finalmente terminou, a equipe exploratória foi servida de um excelente jantar em um grande salão.

Cerca de vinte dos biomas reuniram-se aos humanos para essa reunião, embora naturalmente não comessem nada. O pato assado simulado estava espantosamente autêntico, e até os vinhos teriam sido aprovados por todos a não ser os mais eruditos enólogos da Terra.

Mais tarde, quando os humanos já se sentiam mais à vontade com seus companheiros biomas e os cobriam de perguntas, uma figura

feminina solitária apareceu na porta aberta. A princípio não foi notada. Porém, a sala ficou logo em silêncio depois que Kenji Watanabe pulou de seu lugar e aproximou-se da recémchegada com a mão estendida.

"Dra. des Jardins, eu presumo", disse ele com um sorriso.

# 10

A despeito da garantia dada por Nicole de que tudo no Novo Éden estava em perfeito acordo com o que afirmara antes no vídeo, o comandante MacMillan recusou-se a permitir que os passageiros e a tripulação da Pinta entrassem em Rama e ocupassem seus novos lares antes que estivesse certo de que não havia perigo. Ele conferenciou longamente com o pessoal da AEI na Terra, depois enviou um pequeno contingente chefiado por Dmitri Ulanov a Rama para obter maiores informações. O principal oficial médico da Pinta, um melancólico holandês chamado Darl van Roos, era o membro mais importante da equipe de Ulanov. Kenji Watanabe e dois soldados do primeiro grupo também acompanharam o engenheiro russo. As instruções do médico eram claras. Deveria examinar os Wakefields, todos eles, para certificar-se de que eram realmente humanos. Sua segunda tarefa seria analisar os biomas e categorizá-los segundo seus aspectos nãobiológicos. Tudo foi feito sem incidentes, embora Katie Wakefield se mostrasse nada cooperativa e bastante sarcástica durante seu exame. Por sugestão de Richard, um bioma Einstein demonstrou em um Lincoln, a nível de funcionamento, como operavam os subsistemas mais sofisticados. O vice Ulanov ficou devidamente impressionado.

Dois dias mais tarde, os viajantes da Pinta começaram a transferir suas bagagens para Rama. Uma grande equipe de biomas ajudou o descarregamento da espaçonave e a mudança de todos os suprimentos para o Novo Éden. O processo levou quase três dias para ser completado. Mas onde se assentariam todos? Em uma decisão que teria mais tarde conseqüências significativas para a colônia, quase todos os trezentos viajantes da Pinta optaram por morar na Aldeia Sudeste, onde os Wakefields haviam feito seu lar. Só Max Puckett e um punhado de fazendeiros é que se mudaram diretamente para a região agrícola ao longo do perímetro norte do Novo Éden, decidindo morar em outro ponto da colônia.

Os Watanabes mudaram-se para uma pequena casa na mesma rua de Richard e Nicole. Desde o início, Kenji e Nicole tinham se sentido harmônicos, e a amizade inicial crescera a cada contato subseqüente. Na primeira noite que Kenji e Nai passaram em sua nova casa, foram convidados a compartilhar do jantar familiar dos Wakefields.

"Por que não vamos para a sala de estar? É mais confortável", disse Nicole quando terminaram a refeição. "O Lincoln tira a mesa e se encarrega da louça."

Os Watanabes levantaram-se e seguiram Richard pela passagem no final da sala de jantar. A nova geração Wakefield cortesmente esperou que Kenji e Nai saíssem, depois juntaram-se aos pais e aos

hóspedes na aconchegante sala de estar na frente da casa.

Fazia cinco dias desde que a equipe exploratória da Pinta entrara em Rama pela primeira vez. Cinco dias espantosos, pensava Kenji ao sentar-se na sala dos Wakefields. Sua mente varreu rapidamente o caleidoscópio de impressões misturadas que ainda não haviam sido ordenadas por seu cérebro. E sob certos aspectos este jantar foi a experiência mais espantosa de todas. Tudo por que esta família já passou é inacreditável.

"As histórias que nos contaram", disse Nai a Richard e Nicole quando já estavam todos acomodados, "são absolutamente espantosas. Há tantas perguntas que desejo fazer que não sei por onde começar… Fico particularmente fascinada pela criatura que vocês chamam de Águia. Ele era um dos ETs que construíram o Nodo e Rama, para início de conversa?"

"Não", disse Nicole. "A Águia também era bioma. Pelo menos, foi o que nos disse e não temos nenhuma razão para não acreditar nele. Foi criado pela inteligência que governa o Nodo a fim de nos fornecer uma interface física específica."

"Mas quem construiu o Nodo?"

"Essa é positivamente uma pergunta de Terceiro Nível", disse Richard com um sorriso. Kenji e Nai riram. Nicole e Richard haviam explicado a hierarquia de informações da Águia a eles na longa história que contaram no jantar. "Perguntome se seria sequer possível para nós", divagou Kenji, "conceber seres de tal modo avançados que suas máquinas possam criar outras máquinas mais inteligentes do que nós".

"E eu me pergunto", interrompeu Katie, "se seria possível nós conversarmos sobre assuntos bem triviais. Por exemplo, onde estão todos os jovens da minha idade? Até agora penso que não vi mais de dois colonos entre os 12 e os 25".

"A maior parte do grupo jovem está na Nina", respondeu Kenji. "Ela deve chegar aqui dentro de umas três semanas com o grosso da população da colônia.

Os passageiros da Pinta foram selecionados para verificar a veracidade do vídeo recebido."

"O que é veracidade?", perguntou Katie.

"Verdade e precisão", disse Nicole. "Mais ou menos. Era uma das palavras favoritas de seu avô… E por falar em seu avô, ele também acreditou muito que devia ser permitido aos jovens ouvir a conversa dos adultos, mas não interrompêla… Temos muitas coisas para discutir esta noite com os Watanabes. Vocês quatro não precisam ficar…"

"Eu quero ir lá fora ver as luzes todas", disse Benjy. "Quer fazer o favor de vir comigo, Ellie?"

Ellie Wakefield levantou-se e pegou Benjy pela mão. Os dois disseram boanoite educadamente e saíram seguidos por Katie e Patrick. “Vamos ver se encontramos alguma coisa excitante para fazer”, disse Katie, quando saíam. “Boa noite, sr. e sra. Watanabe. Mamãe, nós voltaremos dentro de uma ou duas horas.”

Nicole sacudiu a cabeça quando a última filha saiu da sala. “Katie tem estado frenética desde a chegada da Pinta”, explicou; “mal dorme à noite. Quer conhecer e conversar com todos”.

O bioma Lincoln, que já acabara de arrumar a cozinha, estava discretamente de pé na porta, atrás da cadeira de Benji. “Gostariam de beber alguma coisa?”, perguntou Nicole a Kenji e Nai, fazendo um gesto na direção do bioma.

“Não temos nada tão delicioso quanto o suco de frutas frescas que trouxeram da Terra, mas Linc sabe fabricar umas bebidas sintéticas muito interessantes.”

“Eu estou ótimo”, disse Kenji sacudindo a cabeça. “Mas acabo de me dar conta que passamos a noite toda falando de sua incrível odisséia. Na certa vocês têm perguntas a fazer. Afinal, passaram-se quarenta e cinco anos na Terra desde o lançamento de Newton.”

Quarenta e cinco anos, pensou Nicole repentinamente. Será possível? Será que Geneviève está com quase sessenta anos?

Nicole lembrou-se com clareza da última vez em que vira seu pai e sua filha na Terra. Pierre e Geneviève a haviam acompanhado até o aeroporto em Paris. Sua filha ficara fortemente abraçada a ela até a última chamada para o embarque e depois a olhara com imenso amor e orgulho. Os olhos da menina estavam marejados de lágrimas, porém Geneviève não conseguira dizer nada. E nesses quarenta e cinco anos meu pai morreu, Geneviève está no fim da meia-idade, talvez já seja avó. Enquanto eu tenho perambulado pelo espaço. Num país de maravilhas.

As lembranças foram fortes demais para Nicole, que respirou fundo para retomar seu equilíbrio. Continuava tudo em silêncio na sala dos Wakefield quando ela voltou ao presente.

“Está tudo bem?”, perguntou Kenji, com delicadeza. Nicole acenou e avistou os olhos suaves e abertos de seu novo amigo. Por um instante imaginou que estivesse conversando com seu colega astronauta da Newton, Shigeru Takagishi. Este homem está louco de curiosidade, como Shig sempre esteve. Posso confiar nele. E ele conversou com Geneviève há poucos anos.

“Boa parte da história geral da Terra nos foi explicada, ao menos uns pedacinhos, durante nossas conversas com outros passageiros da Pinta”, disse Nicole após um longo silêncio. “Mas não sabemos nada sobre as nossas famílias a não ser o que você nos contou rapidamente naquela primeira noite. Tanto Richard quanto eu gostaríamos de saber

se se lembrou de mais algum detalhe que lhe tenha escapado em nossa primeira conversa."

"Na verdade", disse Kenji, "eu reli meus arquivos hoje à tarde onde estão as anotações que fiz durante as pesquisas preliminares para meu livro sobre a Newton. A coisa mais importante que esqueci de mencionar em nossa primeira conversa é o quanto Geneviève se parece com o pai, ao menos da boca para baixo.

O rosto do rei Henry era memorável, como estou certo de que se lembrará. E quando adulta, o de Geneviève alongou-se e começou a semelhar-se ao dele de forma muito marcante… Veja aqui, consegui encontrar umas fotos dos três dias que passei em Beauvois, no meu banco de dados".

Ver as fotos sufocou Nicole. Lágrimas acorreram-lhe imediatamente aos olhos e correram-lhe pelas faces. As mãos tremeram quando pegou as duas fotos de Geneviève com seu marido, Louis Gaston. Ah, Geneviève, como tenho sentido falta de você. Como gostaria de apertá-la em meus braços ao menos por um momento.

Richard inclinou-se sobre seu ombro para olhar as fotos. Ao fazê-lo, acariciou suavemente Nicole. "Ela realmente se parece um pouco com o príncipe", comentou ele delicadamente, "porém, parece muito mais com a mãe."

"Geneviève, além do mais, foi extremamente cordial", acrescentou Kenji, "o que me surpreendeu, depois de tudo o que sofreu durante a barulhada feita pela mídia em 2238. Respondeu minhas perguntas com grande paciência. Tive planos de fazê-la um dos pontos centrais de meu livro sobre a Newton, até meu editor dissuadir-me de todo o projeto."

"Quantos dos cosmonautas da Newton ainda estão vivos?", perguntou Richard, mantendo a conversa viva enquanto Nicole continuava em silêncio a olhar para as duas fotografias.

"Só Sabatini, Tabori e Yamanaka", respondeu Kenji. "O dr. David Brow teve um derrame arrasador, e morreu seis meses mais tarde, em circunstâncias um tanto inusitadas. Creio que foi em 2208. O almirante Heilman morreu de câncer em 2214 mais ou menos. Irina Turgenyev sofreu um colapso mental total, vítima da síndrome 'Volta à Terra', identificada em alguns dos cosmonautas do século XXI, e acabou se suicidando em 2211." Nicole ainda lutava com suas emoções. "Até três noites atrás", disse ela aos Watanabes quando a sala tomou a ficar em silêncio, "eu jamais contara a Richard ou às crianças que Henry era o pai de Geneviève. Enquanto morei na Terra, só meu pai soube da verdade. Henry pode ter desconfiado, mas não tinha certeza. Mas quando você me contou a respeito de Geneviève, compreendi que eu é que deveria contar à minha família. Eu…"

A voz de Nicole sumiu e mais lágrimas apareceram em seus olhos.

Ela limpou o rosto com os lenços que Nai lhe entregou. “Sinto muito”, disse ela.

“Nunca me comporto assim. Foi só o choque de ver as fotografias e relembrar tanta coisa…”

“Todo o tempo em que vivemos em Rama II e depois no Nodo” disse Richard, “Nicole foi um modelo de estabilidade. Era um rochedo. Não importava o que encontrávamos, por bizarro que fosse, ela continuava inabalável. As crianças e Michael O’Toole e eu todos dependíamos dela. É muito raro vê-la…”

“Chega”, disse Nicole, depois de limpar o rosto e guardar as fotos. “Vamos mudar de assunto. Falemos dos cosmonautas da Newton, particularmente da francesa Sabatini. Ela conseguiu o que queria? Fama e riqueza inimagináveis?”

“Ou pelo menos perto disso”, disse Kenji. “Eu não era nascido durante seu período de maior glória no início do século, mas ainda agora ela é muito famosa.

Foi uma das pessoas entrevistadas recentemente pela televisão sobre a importância da recolonização de Marte.”

Nicole inclinou-se para a frente. “Eu não lhe disse durante o jantar, mas estou certa de que Francesca e Brown drogaram Borzov, a fim de provocar os sintomas de apendicite. E deixou-me de propósito no fundo daquele buraco em Nova York. A mulher era totalmente desprovida de escrúpulos.”

Kenji ficou em silêncio por vários segundos. “Nos idos de 2208, logo antes do dr. Brow morrer, ele teve períodos ocasionais de lucidez, durante seu estado geralmente inconstante. Em um desses períodos, ele deu uma entrevista fantástica ao repórter de uma revista, na qual confessava responsabilidade parcial pela morte de Borzov e implicava Francesca em seu desaparecimento.

Signora Sabatini disse que toda a história era ‘baboseira — os espasmos loucos de um cérebro doente’, processou a revista por um milhão de marcos, depois conseguiu um acordo polpudo fora dos tribunais. A revista despediu o repórter e ofereceu desculpas formais a ela.”

“Francesca sempre ganha, no fim”, comentou Nicole.

“Eu quase trouxe toda a história à baila de novo há três anos”, continuou Kenji, “quando estava fazendo pesquisas para o meu livro. Já se tinham passado mais de vinte e cinco anos, todos os dados da missão Newton eram de domínio público e portanto à disposição de qualquer um que os quisesse ver. Eu encontrei o conteúdo de seu computador pessoal, inclusive o cubo de dados que deve ter vindo de Henry, espalhados pelos fios de telemetria. Fiquei persuadido de que a entrevista do dr. Brown continha realmente a verdade.”

“E em que deu tudo isso?”

“Fui entrevistar Francesca em sua casa em Sorrento. Pouco depois, parei de trabalhar em meu livro…” Kenji hesitou um momento. Será que devo dizer mais? perguntou-se.

Voltou os olhos para sua mulher, tão apaixonada. “Não, disse para si mesmo, este não é nem o lugar e nem a hora.”

“Sinto muito, Richard.”

Ele estava quase dormindo quando ouviu a voz da mulher no quarto.

“Hum? Disse alguma coisa, querida?”

“Eu sinto muito”, repetiu Nicole. Ela se virou para chegar mais para perto dele e buscou com a sua mão a dele debaixo das cobertas. “Eu devia ter te contado a respeito de Henry há anos e anos… Você ainda está zangado?”

“Mas nunca fiquei zangado”, disse Richard. “Surpreendido, sem dúvida, talvez um tanto atônito. Mas não zangado. Você tinha suas razões para guardar seu segredo.” Ele apertou a mão dela. “Além do mais, foi lá na Terra, em uma outra vida. Se você tivesse me contado logo que nos conhecemos, talvez tivesse tido importância. Eu poderia ter sentido ciúmes, e quase que com certeza me sentiria inferiorizado. Mas agora não.”

Nicole espichou-se para dar-lhe um beijo. “Eu te amo, Richard Wakefield”, disse ela.

“E eu a você”, respondeu ele.

Kenjy e Nai fizeram amor pela primeira vez depois de deixarem a Pinta e ela adormeceu imediatamente. Kenji sentia-se surpreendentemente alerta. Ficou ali deitado, pensando sobre a noitada com os Wakefields. Por alguma razão a imagem de Francesca Sabatini entrou-lhe na mente. A mais bonita mulher de setenta anos que vi em minha vida, foi seu primeiro pensamento. E que vida fantástica.

Kenji lembrou-se com clareza da tarde de verão quando seu trem parou na estação em Sorrento. O motorista do táxi elétrico reconhecera imediatamente o endereço. “Capisco”, dissera agitando a mão e partindo na direção de ‘il palazzo Sabatini’.

Francesca morava em um hotel que dominava a baía de Nápoles. Era uma estrutura de 21 cômodos que pertencera outrora a um príncipe do século XVII.

Do escritório onde Kenji esperou que a Signora Sabatini aparecesse, podia ver o funicular que levava quem queria nadar para a linda baía azul ao fundo do penhasco íngreme.

La signora atrasou-se meia hora e em pouco tempo estava já impaciente para concluir a entrevista. Por duas vezes, Francesca

informou Kenji que só concordara em falar com ele porque seu editor lhe dissera que ele era um "jovem escritor notável". "Para falar com franqueza", disse ela em seu excelente inglês, "a esta altura acho toda conversa sobre a missão Newton extremamente cacete".

Seu interesse na conversa cresceu bastante quando Kenji lhe falou dos "novos dados," os arquivos do computador pessoal de Nicole que haviam sido telemetrados para a Terra, no "modo do gotejamento" durante as últimas semanas da missão. Francesca ficou silenciosa, até reflexiva, enquanto Kenji comparava as notas internas que Nicole fizera com a "confissão" feita pelo dr.

Brown ao repórter da revista em 2208. "Eu o subestimei", disse Francesca com um sorriso quando Kenji lhe perguntou se não julgava uma "notável coincidência" que o diário de Nicole na Newton e a confissão do dr. Brown tivessem tantos pontos de concordância. Ela jamais respondeu suas perguntas diretamente. Em lugar disso, ela se levantou, insistiu em que Kenji ficasse até mais tarde e disse que conversaria com ele à noite.

Ao crepúsculo, chegou uma nota para Kenji, em seu quarto no palácio de Francesca, dizendo-lhe que o jantar seria às oito e meia e que ele deveria usar paletó e gravata. Um robô chegou na hora marcada e conduziu-o a uma sala de jantar magnífica com as paredes cobertas por murais e tapeçarias, lustres fulgurantes no teto altíssimo, e todos os arremates de madeira delicadamente talhados. A mesa estava posta para dez e Francesca já estava na sala, de pé junto a um robô de serviço a um canto do imenso salão.

"Kon ban wa, Watanabe-san", disse Francesca em japonês, ao oferecer-lhe uma taça de champagne. "As áreas de estar estão sendo redecoradas, de modo que sinto muito, mas teremos que tomar nossos coquetéis aqui mesmo. Fica tudo muito gaúche, como diriam os franceses, mas não há outro jeito."

Francesca estava esplendorosa. Seus cabelos louros estavam empilhados no alto da cabeça, seguros por um imenso pente. Uma gargantilha de brilhantes cercava seu pescoço e um vasto solitário de safira pendia de um rico colar de diamantes. Seu vestido sem alças era branco, com dobras e pregas que acentuavam as curvas de seu corpo que ainda parecia jovem. Kenji não conseguia acreditar que ela tivesse setenta anos.

Ela o tomou pela mão, depois de explicar que improvisara rapidamente aquele jantar "em honra dele" e levou-o para ver as tapeçarias na parede do fundo. "Você conhece Aubusson?", indagou. Quando ele sacudiu a cabeça, Francesca lançou-se em uma discussão a respeito da história das tapeçarias européias.

Meia hora mais tarde, Francesca tomou seu lugar na cabeceira da mesa.

Um professor de música de Nápoles com a mulher (supostamente uma atriz), dois jogadores de futebol profissional, bonitões e morenos, o curador das ruínas de Pompéia (de uns cinqüenta e poucos anos), uma poetisa italiana de meia-idade e duas moças de vinte e poucos anos, ambas deslumbrantes, ocuparam os outros lugares. Após consultas com Francesca, uma das moças sentou-se defronte a Kenji e a outra a seu lado.

A princípio, a cadeira de braços oposta à Francesca, na outra extremidade da mesa, ficou vazia. Francesca sussurrou alguma coisa ao chefe dos garçons, no entanto, e cinco minutos mais tarde um homem muito velho, trôpego e quase cego, entrou na sala escoltado. Kenji reconheceu-o imediatamente, era Janos Tabori.

A refeição foi maravilhosa, e a conversa brilhante. A comida foi servida por garçons, não por robôs como faziam todos os restaurantes a não ser os mais refinados, e cada prato foi enriquecido por um vinho italiano diferente. E que grupo notável! Todos, até mesmo os jogadores de futebol, falavam um inglês passável, ambos tinham interesse e muito conhecimento na área de história espacial. A jovem em frente a Kenji tinha até mesmo lido seu livro mais popular sobre o início da exploração de Marte. A medida que a noite foi passando, Kenji, que àquela altura era um rapaz solteiro de 30 anos, foi ficando menos inibido. Sentia-se excitado por tudo à sua volta — as mulheres, o vinho, as conversas sobre história, poesia e música.

Só uma vez durante as duas horas à mesa houve qualquer menção da entrevista da tarde. Durante uma pausa na conversa, depois da sobremesa e antes do conhaque, Francesca quase gritou para Janos. “Esse jovem japonês — muito brilhante, sabe — pensa que encontrou provas, no computador pessoal de Nicole, que corroboram aquelas mentiras horríveis que David contou antes de morrer.”

Janos não fez qualquer comentário. Sua expressão facial não se alterou.

Mas depois da refeição ele entregou uma nota a Kenji e desapareceu. “Você só conhece a verdade e não tem ternura”, dizia a nota. “E, assim, julga injustamente. — Aglaya Yepanchin ao príncipe Mishkin. O Idiota, de Fyodor Dostoievsky.”

Kenji só estava em seu quarto fazia uns cinco ou dez minutos quando bateram à sua porta. Quando abriu, deparou com a jovem italiana que se sentara defronte dele à mesa. Estava usando um biquíni reduzidíssimo que revelava a maior parte de seu corpo excepcional. Estava também segurando um calção de banho de homem.

“Sr. Watanabe”, disse ela com um sorriso sexy, “por favor junte-se a nós para nadar um pouco. Este deve ficar bom.”

Kenji sentiu imediatamente uma grande onda de desejo que não diminuiu muito depressa. Um tanto embaraçado, ele esperou um ou

dois minutos depois de pronto para ir juntar-se à moça no corredor.

Três anos mais tarde, mesmo deitado no Novo Éden ao lado da mulher que amava, era impossível para Kenji não se lembrar com certa excitação da noite que passara no palácio de Francesca. Um grupo de seis desceu pelo funicular para a baía, para nadar ao luar. Na cabana junto ao mar eles beberam e dançaram. Fora uma noite de sonho.

Em uma hora, lembrou-se Kenji, já estavam todos alegremente nus. O plano do jogo ficou claro. Os dois jogadores de futebol eram para Francesca. As duas madonas eram para mim.

Kenji remexeu-se na cama, rememorando tanto a intensidade de seu prazer e o riso de Francesca quando o encontrou enrolado com as duas moças, de madrugada, em uma das enormes espreguiçadeiras, junto à baía.

Quando cheguei a Nova York quatro dias mais tarde, meu editor disse-me que achava que eu devia abandonar o projeto Newton. Não discuti com ele.

Provavelmente eu teria feito a mesma sugestão.

# 11

Ellie estava fascinada com as estatuetas de porcelana. Pegou uma, de uma moça vestida com um leve traje de balé, e virou-a em suas mãos. “Olhe só isso, Benjy”, disse ela ao irmão. “Alguém fez isso — sozinho.”

“Essa, na verdade, é uma cópia”, disse o espanhol dono da loja, “mas um artista realmente fez o original, do qual o computador fez a cópia. O processo de reprodução é tão preciso hoje em dia que até mesmo os especialistas têm dificuldade em saber quais são as cópias.”

“E você colecionou todos esses lá na Terra?”, Ellie mostrou com a mão cerca de cem estatuetas que estavam sobre a mesa ou em pequenas vitrines.

“Sim, senhora”, disse o sr. Murillo com orgulho. “Embora fosse funcionário público em Sevilha — licenças para construção e coisas no gênero — minha mulher e eu também tínhamos uma pequena loja. Nos apaixonamos por porcelana há cerca de dez anos e temos colecionado com avidez desde então.”

A sra. Murillo, também beirando os cinqüenta, apareceu vindo de uma sala nos fundos, onde continuava a desempacotar mercadorias. “Decidimos”, disse ela, “muito antes de sabermos que havíamos realmente sido escolhidos como colonizadores da AEI, que por mais restritivas que fossem as instruções sobre bagagem para a viagem na Nina, haveríamos de trazer toda a nossa coleção de porcelana conosco.”

Benjy estava segurando uma dançarinazinha a poucos centímetros de seu rosto. “Be-le-za”, disse ele com um largo sorriso.

“Obrigado”, disse o sr. Murillo. “Esperávamos poder começar uma sociedade de colecionadores na Colônia Lowell. Três ou quatro outros passageiros da Nina também trouxeram várias peças.”

“Podemos olhar?”, perguntou Ellie. “Teremos o maior cuidado.”

“Por favor”, disse a sra. Murillo. “Eventualmente, quando já estiver tudo organizado, nós iremos vender ou trocar algumas peças — certamente as duplicatas. No momento estão expostas só para serem apreciadas.”

Enquanto Ellie e Benjy examinavam as obras em porcelana, várias outras pessoas entraram na loja. Os Murillos tinham aberto seu negócio fazia apenas poucos dias. Vendiam velas, guardanapos enfeitados, e outros pequenos adornos para casa.

“Você não perdeu tempo, Carlos”, disse um americano fortão, alguns minutos mais tarde. Por sua saudação inicial, percebia-se que também viajara na Nina.

“Foi mais fácil para nós, Travis”, disse o Sr. Murillo. “Não temos

família e só precisamos de um lugar pequeno para morar."

"Nós ainda nem sequer nos instalamos em uma casa", queixou-se Travis.

"Vamos com certeza morar nesta aldeia, mas Chelsea e as crianças não conseguem encontrar uma casa de que todos gostem… Chelsea continua muito desconfiada com tudo isto aqui, pois acha que a AEI não está dizendo a verdade nem agora."

"Confesso que é muito difícil aceitar que esta estação espacial tenha sido construída por alienígenas só para eles nos observarem… e seria mais fácil acreditar na história da AEI se tivéssemos fotos do tal Nodo. Mas por que haveriam eles de mentir para nós?"

"Já mentiram antes. Ninguém jamais falou deste lugar a não ser um dia antes de nossa chegada… Chelsea acredita que somos parte de uma experiência em colonização espacial da AEI. Diz que vamos ficar aqui um pouco, e depois seremos transferidos para a superfície de Marte, para que os dois tipos de colônia possam ser comparados." O sr. Murillo riu-se. "Já vi que Chelsea não mudou nada desde que deixamos a Nina." E continuou, mais sério: "Sabe, Juanita e eu também tivemos nossas dúvidas, especialmente depois que a primeira semana se passou sem que víssemos qualquer sinal dos alienígenas. Passamos dois dias andando por aí, conversando com outras pessoas — em essência, realizamos nossa própria investigação. E finalmente concluímos que a história da AEI tem de ser verdadeira. Em primeiro lugar, é estapafúrdia demais para ser mentira; em segundo, aquela Wakefield foi muito convincente. Na reunião aberta ela respondeu perguntas durante quase duas horas e nem Juanita e nem eu conseguimos detectar uma só incoerência."

"É difícil imaginar que alguém possa dormir por doze anos", disse Travis, sacudindo a cabeça.

"É claro. Para nós também. Mas nós fomos inspecionar o sonário onde a família Wakefield supostamente dormiu. Tudo era exatamente como Nicole descrevera na reunião. O edifício em si, aliás, é imenso. Há beliches suficientes para abrigar todo mundo na colônia, se necessário… Não faria muito sentido a AEI construir uma instalação daquele porte só para consubstanciar uma mentira."

"Talvez você tenha razão."

"De qualquer modo, nós resolvemos levar tudo da melhor maneira. Ao menos por agora. E ninguém pode se queixar das condições de vida. Todas as moradias são de primeira ordem. Juanita e eu temos até nosso próprio robô Lincoln para dar uma mãozinha em casa e na loja."

Ellie estava seguindo a discussão com grande atenção. Lembrava-se do que a mãe lhe havia dito na véspera, à noite, quando lhe perguntara se ela e Benjy poderiam ir dar um passeio pela aldeia.

“Acho que sim, querida”, disse Nicole, “mas se alguém reconhecer você como uma Wakefield e começar a fazer muitas perguntas, não diga nada. Seja cortês, depois volte para casa o mais depressa possível. O sr. MacMillan não nos quer conversando com quem não for da equipe da AEI por enquanto.”

Enquanto Ellie estava admirando as estuetas de porcelana e ouvindo atentamente a conversa entre o sr. Murillo e o homem chamado Travis, Benjy saiu caminhando sozinho. Quando Ellie se deu conta de que ele não estava a seu lado, começou a entrar em pânico.

“O que é que você está olhando, menino?”, Ellie ouviu uma voz ríspida de homem, do outro lado da loja.

“O ca-belo de-la é muito bo-nito”, respondeu Benjy. Ele estava atravancando a passagem, impedindo que o casal avançasse. Ele sorriu e estendeu a mão na direção da bela cabeleira loura da mulher. “Eu posso pegar nele?”, perguntou.

“Está maluco?… Claro que não… E agora sai do…”

“Jason, eu acho que ele é retardado”, disse a mulher, baixo, segurando a mão do marido antes que ele empurrasse Benjy.

Nesse momento, Ellie chegou perto do irmão. Compreendendo que o homem estava zangado, não sabia o que fazer. Empurrou ligeiramente o ombro de Benjy. “Olha, Ellie”, exclamou ele, atrapalhando as palavras em sua excitação, “o-lha que bo-nito ca-be-lo a-ma-re-lo.” “Esse bobalhão é seu amigo?”, indagou o homem alto.

“Benjy é meu irmão”, respondeu Ellie, com dificuldade.

“Pois então tire-o daqui. Ele está chateando a minha mulher”.

“Senhor”, disse Ellie, tomando coragem, “meu irmão não pretende fazer qualquer mal. Ele jamais tinha visto cabelos louros de perto antes”.

O rosto do homem franziu-se de raiva e perplexidade. “O quêêêê? disse ele, olhando para a mulher. “O que é que há com esses dois? Um é idiota e a outra…”

“Vocês não são os meninos Wakefield?”, interrompeu uma agradável voz feminina atrás de Ellie.

A atônita Ellie virou-se. A sra Murillo colocou-se entre os adolescentes e o casal. Ela e o marido tinham se aproximado tão logo ouviram as vozes se elevarem, “Sim, senhora”, disse Ellie, baixinho. “Somos, sim.”

“Quer dizer que esses são dois dos guris que vieram do espaço?”, perguntou o homem chamado Jason.

Ellie conseguiu puxar Benjy rapidamente para a porta da loja. “Desculpem”, disse Ellie, antes de sair com Benjy. “Não queríamos criar dificuldades.”

“Tarados!”, Ellie ouviu alguém dizer quando a porta se fechou atrás deles.

Fora outro dia exaustivo. Nicole estava mais do que cansada. Ficou defronte do espelho, acabando de lavar o rosto. “Ellie e Benjy tiveram alguma espécie de experiência desagradável na aldeia”, disse Richard do quarto. “Mas não quiseram me falar muito a respeito.”

Nicole passara treze longas horas naquele dia ajudando a processar os passageiros da Nina. Não importava o quanto ela e Kenji Watanabe e os outros trabalhassem”, parecia que ninguém jamais ficava satisfeito e sempre havia mais tarefas a serem executadas. Muitos dos novos colonos tinham sido abertamente petulantes quando Nicole tentou explicar-lhes os procedimentos estabelecidos pela AEI para distribuição de comida, casas e áreas de trabalho.

Havia vários dias que ela não dormia o suficiente. Nicole olhou para suas grandes olheiras. Mas nós temos de acabar esse grupo antes que a Santa Maria chegue, disse para si mesma; eles vão ser muito piores.

Nicole enxugou o rosto com a toalha e cruzou para o quarto de dormir, onde Richard estava sentado, de pijama. “Como foi o seu dia?”, perguntou ela.

“Nada mau… Até que bastante interessante… Aos poucos, mas com certeza, os engenheiros humanos começam a se sentir melhor lidando com os Einsteins.” Fez uma pausa. “Você ouviu o que eu disse sobre Ellie e Benjy?”

Nicole acenou com a cabeça. O tom da voz de Richard transmitiu-lhe a verdadeira mensagem. Apesar de seu cansaço, ela saiu do quarto e atravessou o hall.

Ellie já estava dormindo, porém Benjy ainda estava acordado no quarto que dividia com Patrick. Nicole sentou-se ao lado de Benjy e tomou-lhe a mão.

“O-lá, Ma-mãe”, disse o menino. “O tio Richard disse que você e Ellie foram à aldeia hoje à tarde”, disse Nicole a seu filho mais velho.

Uma expressão de dor marcou o rosto do menino por momentos, depois desapareceu. “Fo-mos, ma-mãe.”

“Ellie disse-me que vocês foram reconhecidos e que um dos colonos novos xingou vocês”, disse Patrick do outro lado do quarto.

“Foi mesmo, querido?”, perguntou Nicole a Benjy, sempre segurando e acariciando sua mão.

O menino fez um sinal afirmativo, quase imperceptível, com a cabeça e ficou em silêncio olhando para a mãe. “O que é um bo-ba-lhão, Mamãe?”, disse ele repentinamente, com os olhos rasos de lágrimas.

Nicole abraçou Benjy. “Alguém chamou você de bobalhão hoje?” perguntou ela suavemente.

Benjy concordou. “A palavra não tem um significado específico”,

respondeu Nicole. “Qualquer um que seja diferente ou talvez inconveniente, poderia ser chamado de bobalhão.” Tornou a acarinhar Benjy. “As pessoas usam palavras como essa quando não pensam. Quem o chamou de bobalhão provavelmente estava confuso, ou perturbado por outros acontecimentos em sua vida, e só agrediu você porque não o compreendeu… Você fez alguma coisa que o incomodasse?”

“Não, ma-mãe, só disse que gos-ta-va do ca-be-lo ama-re-lo da mulher.”

Ao fim de alguns minutos, Nicole já tinha captado a essência do que acontecera na loja de porcelana. Depois que achou que Benjy já estava tranqüilo, Nicole cruzou o quarto para dar um beijo de boa noite em Patrick. “E você? Teve um bom dia, hoje?”

“A maior parte”, disse Patrick. “Só me aconteceu um desastre — no parque.” Tentou sorrir. “Uns meninos dos novos estavam jogando basquete e me convidaram para jogar com eles… e eu fui absolutamente horrível. Alguns deles riram de mim.”

Nicole deu um abraço longo e terno em Patrick. Patrick é forte, disse Nicole para si mesma depois de sair e dirigir-se a seu próprio quarto. Porém, até ele precisa de apoio. Respirou fundo. Será que estou agindo certo? perguntou-se ela pela enésima vez desde que se envolvera mais profundamente com todos os aspectos do planejamento da colônia. Sinto-me tão responsável por tudo aqui.

Quero que o Novo Éden comece da maneira certa… Mas meus filhos ainda precisam mais do meu tempo… Será que algum dia vou conseguir equilibrar tudo?

Richard ainda estava acordado quando Nicole se aninhou junto a ele, e ela contou ao marido o relato de Benjy. “Lamento não ter podido ajudá-lo”, disse Richard. “Há certas coisas que só a mãe…”

Nicole estava tão exausta que já começou a adormecer antes de Richard concluir a frase. Ele a segurou no braço com firmeza. “Nicole, há um assunto que precisamos discutir. Infelizmente, não pode esperar — nós talvez não tenhamos nenhum tempo só para nós dois de manhã.”

Ela se virou e olhou para Richard, intrigada. “É sobre Katie”, disse ele.

“Eu realmente preciso de sua ajuda… Vai haver outra noite de dança para os jovens se conhecerem amanhã — lembra-se de que na semana passada dissemos a Katie que ela poderia ir, mas só se Patrick fosse com ela e voltasse a uma hora razoável…? Pois bem, hoje à noite a vi por acaso defronte do espelho usando um vestido novo, curto e muito revelador. Quando perguntei sobre o vestido e disse que não era adequado só para uma dancinha aqui na vizinhança, ela teve um ataque de fúria. Ficou dizendo que eu a estava ‘espionando’ e me

informou que eu era um caso perdido, ‘de uma ignorância sem esperanças’ a respeito de moda.”

“E o que você disse?”

“Eu a repreendi. Ela me lançou um olhar furioso, mas não disse nada. E alguns minutos mais tarde saiu de casa sem dizer uma palavra. As outras crianças e eu jantamos sem ela… Katie só voltou uma meia hora antes de você, cheirando a fumo e cerveja. Quando tentei falar com ela, só disse ‘Não me amole’ e foi para o quarto, batendo a porta.”

É o que eu sempre temi, pensou Nicole, deitada ao lado de Richard em silêncio. Os sinais sempre estiveram ali, desde pequena. Katie é brilhante, mas também é egoísta e impetuosa…

“Estive a ponto de dizer a Katie que ela não poderia ir à festa amanhã à noite”, estava dizendo Richard, “quando me dei conta de que segundo qualquer definição normal ela é uma adulta. Afinal, o cartão de registro dela na administração central diz que ela tem 24 anos. Não podemos tratá-la como criança.”

Mas emocionalmente ela tem uns catorze anos, pensou Nicole, estremecendo quando Richard começou a enumerar todos os problemas aparecidos em relação a Katie desde a chegada dos outros humanos a Rama.

Nada importa para ela senão aventura e excitação.

Nicole lembrou-se do dia que passara com Katie no hospital, na semana anterior à chegada dos passageiros da Nina. Katie ficara fascinada por todo o sofisticado equipamento médico, e verdadeiramente interessada em seu funcionamento; no entanto, quando Nicole sugeriu que ela pudesse querer trabalhar no hospital até a abertura da universidade, a jovem rira. “Está brincando?” dissera a filha. “Não consigo imaginar nada mais chato. Ainda mais quando haverá centenas de pessoas para se conhecer.”

Não há muito que Richard ou eu possamos fazer, refletiu Nicole, com um suspiro. Podemos sofrer por Katie, e oferecer-lhe nosso amor, porém ela já resolveu que todo o nosso conhecimento e toda a nossa experiência são irrelevantes.

O quarto ficou em silêncio. Nicole esticou-se para beijar Richard. “Falarei com Katie amanhã sobre o vestido, mas duvido que adiante muito.” Patrick estava sentado, sozinho, em uma cadeira de armar junto à parede do ginásio.

Tomou mais um gole de seu refrigerante e olhou o relógio, enquanto a música lenta acabava e a dúzia de pares que ainda dançavam finalmente parou. Katie e Olaf Larsen, um sueco alto cujo pai era da equipe do comandante MacMillan, trocaram um rápido beijo antes de caminharem, de braços dados, na direção de Patrick.

“Olaf e eu vamos lá fora para fumar um cigarro e tomar mais um

uisquinho", disse Katie quando chegou perto do irmão. "Por que não vem conosco?"

"Nós já estamos atrasados, Katie", respondeu Patrick. "Dissemos que estaríamos em casa à meia-noite e meia." O sueco deu um tapinha nas costas de Patrick. "Vamos lá, rapaz, relaxa.

Sua irmã e eu estamos nos divertindo."

Olaf já estava bêbado. Seu rosto estava afogueado com a bebida e a dança.

Apontou para o outro lado da sala. "Está vendo aquela moça de cabelo vermelho, vestido branco, e uns peitões enormes? O nome dela é Beth e é superquente. Está esperando a noite inteira que você a tire para dançar. Quer quer eu o apresente?"

Patrick sacudiu a cabeça. "Olha, Katie, eu quero ir embora. Fiquei aí sentado, pacientemente…"

"Mais meia hora, irmãozinho", interrompeu Katie. "Eu vou lá fora um instante e volto para umas duas danças. Depois nós vamos, OK?"

Ela beijou Patrick no rosto e dirigiu-se à porta com Olaf. O sistema de som do ginásio começou a tocar uma música rápida. Patrick ficou olhando fascinado para os jovens casais que se moviam segundo o forte ritmo. "Você não dança?", perguntou-lhe um rapaz que passeava em volta da pista de dança.

"Não", disse Patrick. "Nunca tentei."

O rapaz lançou um olhar estranho para Patrick, depois parou e sorriu. "É claro, você é um dos Wakefields… Olá, meu nome é Brian Walsh. Sou de Wisconsin, no meio dos Estados Unidos. Meus pais é que estão aqui para organizar a universidade."

Patrick não havia trocado mais de duas palavras com ninguém a não ser Katie desde que chegaram na festa havia várias horas. Apertou a mão de Brian alegremente e os dois conversaram amistosamente durante alguns minutos.

Brian, que estava no meio de seus estudos de graduação em engenharia de computadores quando a família foi escolhida para a Colônia Lowell, tinha 20 anos e era filho único. Estava, também, curiosíssimo a respeito das experiências de seu companheiro.

"Diga-me", disse ele a Patrick, quando começaram a sentir-se mais à vontade um com o outro, "esse tal lugar chamado o Nodo existe mesmo? Ou é parte de alguma história de enganação inventada pela AEI?"

"Não", disse Patrick, esquecendo-se de que não devia discutir esse tipo de coisa. "O Nodo está lá, mesmo. Meu pai acha que é uma estação de processamento extraterrestre."

Brian deu uma boa risada. "Então, em algum ponto lá perto de Sirius há um triângulo gigantesco construído por uma espécie desconhecida? E seu objetivo é ajudá-los a estudar outras criaturas

que viajam no espaço? Puxa! É a história mais fantástica que já ouvi. Na verdade, quase tudo que sua mãe nos contou naquela sessão aberta era inacreditável. Mas confesso que tanto a existência desta estação espacial quanto o nível tecnológico dos robôs tornam tudo mais plausível."

"Tudo o que minha mãe disse é verdade", disse Patrick. "E algumas das histórias mais extraordinárias foram deixadas de fora, de propósito. Por exemplo, minha mãe conversou uma vez com uma enguia de capa que falava por meio de borbulhas. E também…" Patrick parou, lembrando-se das advertências de Nicole.

Brian estava fascinado. "Uma enguia de capa? E como é que ela sabia o que é que a enguia estava dizendo?" Patrick olhou o relógio. "Desculpe, Brian", disse abruptamente, "mas estou aqui com minha irmã e tenho de encontrar com ela…"

"É aquela com o vestido decotadíssimo?"

Patrick concordou com a cabeça. Brian passou o braço pelos ombros de seu novo amigo. "Deixe eu lhe dar um conselho. Alguém precisa conversar com a sua irmã. Do jeito que ela se comporta com todos esses caras, todos pensam que ela é uma trepada fácil."

"Mas é o jeito de Katie", disse Patrick na defensiva. "Ela nunca teve contato com ninguém a não ser a família."

"Desculpe", disse Brian, dando de ombros. "Afinal, não é da minha conta… Escuta, por que não me dá um toque, um dia desses? Gostei muito da nossa conversa."

Patrick despediu-se de Brian e começou a caminhar para a porta. Onde estaria Katie? Por que não voltara para o ginásio?

Assim que saiu pela porta, ouviu risos altos. Katie estava parada no playground com três homens, um dos quais era Olaf Larsen. Estavam todos fumando e bebendo de uma garrafa que passava de um para outro.

"Então, qual é a posição que você gosta mais?", perguntou um rapaz moreno, de bigodes.

"Ah, eu prefiro ficar em cima", disse Katie, rindo e tomando mais um gole na garrafa. "Assim fico controlando a situação."

"Parece bom", respondeu o homem, cujo nome era Andrew. Ele deu uma risada discreta e colocou a mão sugestivamente no traseiro dela. Katie a empurrou, ainda rindo, e logo depois viu Patrick que se aproximava.

"Chega aqui, irmãozinho", gritou Katie. "Esta merda que estamos bebendo é dinamite."

Os três homens, que estavam bem perto de Katie, afastaram-se um pouco quando Patrick foi chegando. Embora ainda fosse magrelo e ainda tivesse muito o que encorpar, sua altura o tornava figura imponente, à meia-luz.

“Estou indo para casa agora, Katie”, disse Patrick recusando a garrafa ao chegar ao lado dela, “e creio que deva ir comigo”.

Andrew riu. “Grande garota de programa você arranjou, Larsen”, disse ele com sarcasmo, “que anda escoltada pelo irmão adolescente”.

Os olhos de Katie fuzilaram de raiva. Ela tomou outro gole e passou a garrafa para Olaf. Depois, agarrou Andrew e beijou-o com descontrolado exagero nos lábios, apertando seu corpo contra o dele.

Patrick ficou embaraçado. Olaf e o terceiro homem aplaudiram e assoviaram quando Andrew devolveu o beijo de Katie. Ao fim de quase um minuto, Katie afastou-se dele. “Agora vamos, Patrick”, disse ela com um sorriso, ainda fixando os olhos no homem que beijara. “Acho que já basta por uma noite.”

# 12

Eponine estava olhando pela janela do segundo andar para a suave elevação da encosta. Os ETG cobriam a colina, com sua delicada trama metálica quase ocultando o solo marrom por baixo.

"Então, Ep, o que acha?", perguntou Kimberly. "Até que é bem jeitoso. E uma vez plantada a floresta, vamos ter árvores e relva e até mesmo um ou dois esquilos à vista de nossa janela. O que é um bônus."

"Não sei", respondeu Eponine, distraída, após alguns segundos. "É um pouco menos do que o que gostei ontem, em Positano. E tenho certas dúvidas quanto a morar aqui em Hakone. Não tenho conhecido muitos orientais…

"Olhe aqui, amiga, não podemos esperar para sempre. Eu lhe disse ontem que devíamos ter feito algumas escolhas alternativas. Havia outras sete duplas querendo o apartamento de Positano — o que não surpreende, dado que só restavam quatro unidades na aldeia inteira — e nós simplesmente não tivemos sorte. Tudo o que resta agora, a não ser aqueles apartamentos mínimos nos altos de lojas na rua principal de Beauvois — e não quero morar lá porque não há a mínima privacidade — fica ou aqui ou em San Miguel. E todos os pretos e pardos estão morando em San Miguel."

Eponine sentou-se em uma das cadeiras. Estavam na sala de um apartamento com dois quartos de dormir. Era modestamente mobiliado, mas o que havia era adequado, pois havia duas cadeiras e um grande sofá do mesmo tom de marrom que a mesinha de café. Ao todo, o apartamento, que tinha um único banheiro e uma cozinha além da sala e dois quartos, media pouco mais de cem metros quadrados.

Kimberly Henderson caminhava impaciente pela sala. "Kim", disse Eponine lentamente, "sinto muito, mas estou tendo dificuldade em me concentrar na escolha de um apartamento quando tanta coisa está nos acontecendo. Que lugar é este? Onde estamos? Por que estamos aqui?" Sua mente voltou-se imediatamente para a incrível sessão de informações de três dias antes, quando o comandante MacMillan informara a todos que estavam dentro de uma espaçonave construída e equipada por extraterrestres "com o objetivo de observar os terráqueos".

Kimberly Henderson acendeu um cigarro e soltou com força a fumaça, depois deu de ombros. "Merda, Eponine, eu não sei quais são as respostas para essas perguntas… Mas sei que se não escolhermos um apartamento vamos acabar ficando com o que ninguém mais quis."

Eponine olhou para a amiga por vários segundos, depois suspirou. “Não acho que o processo tenha sido muito justo”, queixou-se. “Os passageiros da Pinta e da Nina puderam todos escolher suas casas antes de nós sequer chegarmos aqui. Somos forçadas a escolher só entre o que restou.”

“E o que é que você esperava?”, respondeu logo Kimberly. “Nossa nave transportava os condenados — é claro que recebemos a escória. Mas ao menos estamos finalmente livres.”

“Então, você quer ficar com este apartamento?”, disse Eponine, afinal. “Quero”, respondeu Kimberly.”E também botar nossos nomes na lista para os dois outros apartamentos que vimos hoje de manhã, perto do mercado de Hakone, no caso de perdemos este. Se não tivermos um lugar para morar definido depois da distribuição de hoje à noite, vamos ficar mal.”

Isto foi um erro, ficou pensando Eponine, enquanto olhava Kimberly andando pela sala. Eu jamais deveria ter concordado em rachar qualquer moradia com ela… Mas que escolha tive eu? O que resta como casa para uma pessoa só é deprimente.

Eponine não estava habituada a mudanças rápidas em sua vida. Ao contrário de Kimberly Henderson, que tivera uma vasta gama de experiências antes de ser condenada por assassinato aos dezenove anos, Eponine tivera infância e adolescência relativamente abrigadas. Crescera em um orfanato perto de Limoges, na França, e até o Professor Moreau levá-la a Paris para ver os grandes museus, quando já tinha dezessete anos, Eponine jamais estivera fora de sua província natal. Fora uma decisão muito difícil para ela alistar-se no projeto da Colônia Lowell; mas Eponine estava cumprindo uma pena de prisão perpétua em Bourges, e em Marte tinha a oportunidade de ficar livre. Após longa deliberação, tomou coragem e mandou seu formulário de candidatura para a AEI.

Eponine fora selecionada como colonizadora porque tinha ficha acadêmica excepcional, particularmente na área das artes, era fluente em inglês e fora uma prisioneira exemplar. Seu dossiê nos arquivos AEI revelava como melhor probabilidade sua indicação como “professora de arte ou drama em escolas secundárias”. A despeito das dificuldades ligadas à fase de viagem da missão depois da partida da Terra, Eponine sentira um palpável fluxo de adrenalina e excitação quando Marte apareceu pela primeira vez na janela de observação da Santa Maria. Seria uma nova vida em um mundo novo.

Dois dias antes do encontro programado, no entanto, os guardas da AEI anunciaram que a espaçonave não iria lançar suas naves de desembarque como planejado. Ao contrário, haviam dito aos passageiros condenados, a Santa Maria seguiria “um desvio temporário para encontrar-se com uma estação espacial na órbita de

Marte". Eponina ficara confusa e preocupada com o anunciado. Ao contrário da maioria de seus companheiros de viagem, ela lera com muita atenção o material da AEI para os membros da nova colônia e jamais vira qualquer mensão sobre alguma estação espacial que orbitasse Marte.

Só depois que a Santa Maria já fora inteiramente descarregada e tanto os passageiros quanto os suprimentos já estavam dentro do Novo Éden, e que alguém realmente dissera a Eponine e aos outros condenados o que estava acontecendo. E mesmo depois da fala de MacMillan muito poucos dos condenados acreditaram que lhes estivesse sendo dita a verdade. "Ora vamos", dissera Willis Meeker, "será que ele realmente pensa que somos estúpidos a esse ponto? Um bando de ETs é que construíram isto aqui e esses robôs malucos? Isto aqui é tudo uma armação. Só estamos testando o funcionamento de algum conceito novo de prisão."

"Mas, Willis", retrucara Malcolm Peabody, "e os outros, os que vieram na Pinta e na Nina? Andei conversando com eles, que são gente normal, quero dizer, não são condenados. Se a sua teoria estivesse certa, o que é que eles estariam fazendo aqui?" "E como é que eu vou saber, sua bicha? Eu não sou gênio. Só sei que esse palhaço do MacMillan não está contando a verdade."

Eponine não permitiu que suas incertezas quanto às informações de MacMillan a impedissem de ir com Kimberly até a Cidade Central para apresentar pedidos para os três apartamentos em Hakone. Desta vez tiveram sorte e foram designadas para sua primeira escolha. As duas mulheres passaram um dia mudando-se para o apartamento nos limites da Floresta de Sherwood, e depois apresentaram-se à central de empregos no complexo administrativo, a fim de serem cadastradas.

Porque as outras duas espaçonaves haviam chegado bem antes da Santa Maria, os procedimentos para a integração dos condenados na vida do Novo Éden haviam sido cuidadosamente definidos. Não levou quase tempo algum para designar Kimberly, que tinha realmente uma excepcional ficha de enfermeira, para o hospital central.

Eponine teve entrevistas com o superintendente da escola e quatro outros professores antes de aceitar sua designação para a Escola Secundária Central.

Seu novo emprego exigia uma breve viagem diária de trem, enquanto que poderia ir a pé para o trabalho se tivesse decidido ensinar na Escola Média de Hakone.

Mas Eponine achou que compensava, pois gostou muito tanto do diretor quanto de vários professores que estavam ensinando na escola secundária.

A princípio, os outros sete médicos que trabalham no hospital

ficaram meio desconfiados com os dois condenados médicos, particularmente com o dr.

Robert Turner, cujo dossiê mencionava de forma crítica seus brutais assassinatos sem detalhar qualquer das circunstâncias atenuantes. Mas ao fim de um semana mais ou menos, durante a qual seus extraordinários conhecimentos, habilidade e profissionalismo tornaram-se evidentes, a equipe escolheu-o por unanimidade para ser diretor do hospital. O dr. Turner ficou realmente atônito com a escolha e comprometeu-se, em um breve discurso de aceitação, a dedicar-se completamente ao bem-estar da colônia.

Seu primeiro ato oficial foi propor ao governo provisório um exame médico completo de todos os cidadãos do Novo Éden, a fim de que todas as fichas médicas pudessem ser postas em dia. Ao ser aceita a proposta, o dr. Turner distribuiu todos os Tiassos pela colônia afora como paramédicos. Os biomas realizavam todos os exames rotineiros e coletavam os dados a serem analisados pelos médicos. Ao mesmo tempo, lembrando-se da excelente rede de dados que existia entre todos os hospitais na área metropolitana de Dallas, o incansável Dr.

Turner começou a trabalhar com todos os Einsteins para desenhar um sistema inteiramente computadorizado para rastreamento da saúde dos coloniais.

Certa noite, durante a terceira semana depois da chegada da Santa Maria em Rama, Eponine estava sozinha em casa, como sempre (o esquema diário de Kimberly Henderson já estava estabelecido — quase nunca estava no apartamento. Se não estava trabalhando no hospital, saía com Toshio Nakamura e seus comparsas), quando soou o videofone. Foi o rosto de Malcolm Peabody que apareceu na tela. “Eponine”, disse ele um tanto timidamente, “tenho um favor para pedir a você.”

“O que é, Malcolm?” “Recebi um chamado de um dr. Turner no hospital faz uns cinco minutos.

Ele disse que há algumas ‘irregularidades’ nos meus dados de saúde coletados por aqueles robôs na semana passada. Ele quer que eu vá lá para exames mais detalhados.”

Eponine esperou impaciente mais alguns segundos. “Estou compreendendo”, disse afinal. “Qual é o favor?”

Malcolm respirou fundo. “Deve ser sério, Eponine. Ele quer que eu vá agora… Será que você podia ir comigo?”

“Agora?” disse Eponine, olhando o relógio. “São quase onze da noite.”

Repentinamente lembrou-se de Kimberly a se queixar de que o dr. Turner era viciado em trabalho, “tão maníaco quanto aquelas enfermeiras robô pretas”.

Eponine lembrou-se também do espantoso azul de seus olhos.

“Está bem. Encontro com você na estação do trem daqui a dez minutos.”

Eponine não vinha saindo muito à noite. Desde que ficara com o emprego de professora, tinha passado a maior parte de suas noites fazendo planos de aula. Em um sábado à noite, ela saíra com Kimberly, Toshio Nakamura e várias outras pessoas para ir a um restaurante japonês que acabara de ser inaugurado.

Mas a comida era estranha, o grupo quase todo oriental, e vários dos homens, depois de beber demais, tinham começado umas cantadinhas patéticas. Kimberly a repreendera por ser “exigente e metida”, mas Eponine recusara todos os convites subseqüentes da colega de casa para atividades sociais.

Eponine chegou à estação antes de Malcolm. Enquanto esperava, espantou-se ao ver o quão completamente a aldeia fora transformada pela presença dos humanos. Vejamos, pensou ela, a Pinta chegou aqui há três meses, a Nina cinco semanas depois. Já havia lojas por toda a parte, tanto perto da estação quanto na própria aldeia. As armas e bagagens da existência humana. Se ficarmos aqui um ano ou dois, não será mais possível distinguir a colônia da Terra.

Malcolm mostrou-se muito nervoso e falante durante a breve viagem de trem. “Eu sei que é meu coração, Eponine. Venho tendo dores, fortes, aqui, desde a morte de Walter. A princípio, pensei que fosse só cuca.”

“Não se preocupe”, respondeu Eponine, reconfortando o amigo. “Aposto que não é nada sério.”

Eponine estava tendo dificuldade em manter os olhos abertos. Já passava das três da manhã. Malcolm dormia no banco ao lado dela. O que estava fazendo o médico? Ele disse que não ia demorar.

Pouco depois de sua chegada, o dr. Turner examinara Malcolm com um estetoscópio computadorizado e então, dizendo que “precisaria de testes mais completos”, o levara para uma ala separada do hospital. Malcolm voltara à sala de espera uma hora mais tarde. Eponine só vira o médico por um momento, quando fez Malcolm entrar em seu consultório para começar o exame.

“Você é amiga de Peabody?”, disse uma voz. Eponine devia ter cochilado.

Quando sua visão entrou em foco, os belos olhos azuis estavam a olhá-la a uma distância de não mais de um metro. O médico parecia cansado e perturbado. “Sou”, disse Eponine baixinho, tentando não perturbar o homem que dormia encostado em seu ombro.

“Ele vai morrer daqui a muito pouco tempo”, disse o dr. Turner; “possivelmente dentro das próximas duas semanas.”

Eponine sentiu uma onda de sangue subir em seu corpo. Será que

estou ouvindo bem? pensou. Será que Malcolm vai morrer dentro de duas semanas?

Eponine ficou estarrecida.

"Ele vai precisar de muito apoio", estava dizendo o médico. Calou-se por um momento, encarando Eponine. Tentava se lembrar onde a tinha visto antes.

"Você poderá ajudá-lo?", perguntou dr. Turner.

"Eu… assim espero", respondeu Eponine.

Malcolm começou a se agitar. "Nós precisamos acordá-lo agora", disse o médico.

Não havia qualquer emoção que se pudesse detectar nos olhos do dr.

Turner. Ele passara seu diagnóstico, não sua afirmação, sem qualquer traço de sentimento. Kim tem razão, pensou Eponine. Ele é tão autômato quanto os robôs Tiasso.

Por sugestão do médico, Eponine acompanhou Malcolm ao longo de um corredor até uma sala cheia de instrumentos médicos. "Alguém inteligente", disse o dr. Turner a Malcolm, "escolheu o equipamento que trouxeram da Terra.

Embora nossa equipe seja limitada, nosso equipamento para diagnóstico é de primeira".

Os três caminharam até o um cubo transparente de mais ou menos um metro de lado. "Este engenho espantoso", disse o dr. Turner, "chama-se projetor de órgãos. É capaz de apresentar uma reconstrução, de alta fidelidade, de quase todos os principais órgãos do corpo humano. O que estamos vendo agora, olhando lá para dentro, Mr. Peabody, é uma representação gráfica, de computador, do seu coração, exatamente tal como aparecia há noventa minutos, quando injetei o material de contraste em suas veias".

O dr. Turner apontou para a sala ao lado, onde aparentemente Malcolm fora submetido a seus exames. "Enquanto ficou sentado àquela mesa, foi feito um milhão de varreduras por segundo por aquela máquina com a lente grande. Pela localização do material de contraste e aqueles bilhões de varreduras instantâneas, uma imagem muito precisa, tridimensional de seu coração foi construída. É isso que o senhor está vendo dentro do cubo."

O dr. Turner parou por um instante, depois olhou fixamente para Malcolm. "Não estou querendo tornar as coisas mais difíceis para o senhor", disse ele baixo, "mas queria explicar por que pude saber o que há de errado com o senhor. Para que saiba que não houve erro."

Os olhos de Malcolm estavam insanos de pavor. O médico tomou-o pela mão e conduziu-o até uma posição específica ao lado do cubo. "Olhe bem ali, na parte de trás do coração, perto do alto. Está vendo aquele esgarçamento estranho e estiramento nos tecidos? Aqueles são

os músculos de seu coração, que passaram por deterioração irreparável." Malcolm ficou olhando para o interior do cubo pelo que pareceu uma eternidade, depois baixou a cabeça. "Eu vou morrer, doutor?", indagou ele humildemente.

Robert Turner tomou a outra mão do paciente. "Vai; vai, sim, Malcolm. Na Terra, talvez pudéssemos ter a esperança de um transplante de coração, aqui no entanto, isso fica fora de cogitação, já que não temos nem o equipamento e nem o doador… Se quiser, posso abri-lo para ver seu coração de perto. Mas é pouquíssimo provável que visse qualquer coisa que alterasse o diagnóstico."

Malcolm sacudiu a cabeça. Lágrimas começaram a rolar por sua face.

Eponine pôs os braços em torno do homenzinho e ela também começou a chorar.

"Lamento ter demorado tanto para completar o diagnóstico", disse o dr. Turner, "mas em casos desta seriedade tenho de ter certeza absoluta".

Alguns momentos mais tarde, Malcolm e Eponine dirigiram-se para a porta. Malcolm virou-se. "O que é que eu faço agora?", perguntou ele ao médico.

"Tudo o que lhe der prazer", respondeu o dr. Turner.

Depois que saíram, o dr. Turner voltou a seu escritório, onde cópias rigor, rosas dos gráficos e fichas de Malcolm Peabody estavam espalhados sobre sua mesa. O médico estava profundamente preocupado. Estava virtualmente certo — mas não podia saber definitivamente enquanto não completasse a autópsia — que o coração de Peabody estava sofrendo da mesma doença que matara Walter Brackeen na Santa Maria. Os dois foram amigos íntimos por vários anos, desde os tempos do início de suas penas na prisão na Geórgia. Não era provável que ambos houvessem contraído por coincidência a mesma doença cardíaca. Mas se não fosse coincidência, então a patogenia devia ser transmissível.

Robert Turner sacudiu a cabeça. Qualquer doença que afetasse o coração era alarmante. Mas uma que pudesse ser passada de um indivíduo a outro? Seria um espectro aterrorizante.

Estava muito cansado. Antes de deitar a cabeça na mesa, o dr. Turner fez uma lista das referências a vírus cardíacos que gostaria de obter do banco de dados. E então adormeceu logo.

Quinze minutos mais tarde, o videofone o despertou repentinamente. Uma Tiasso estava no outro terminal, chamando da Sala de Emergências. "Duas Garcias encontraram um corpo humano lá na Floresta de Sherwood", disse ela, "e estão agora a caminho daqui. Pelas imagens que transmitiram, dá para ver que este caso exigirá a

sua interferência pessoal".

O dr. Turner lavou exaustivamente as mãos, tornou a vestir seu avental e chegou à Sala de Emergências pouco antes das Garcias entrarem com o corpo.

Apesar de toda a sua experiência, o dr. Turner foi forçado a virar o rosto daquele corpo horrivelmente mutilado. A cabeça fora quase que completamente separada do corpo — estava pendendo por uma única camada muscular fina — e o rosto fora amassado e desfigurado para tornar difícil qualquer possibilidade de reconhecimento. Além disso, na área genital das calças havia apenas um grande buraco aberto e coberto de sangue.

O par de Tiassos começou a trabalhar imediatamente, limpando o sangue e preparando o corpo para a autópsia. O dr. Turner sentou-se em uma cadeira e preencheu o primeiro relatório de morte do Novo Éden. "Como era o nome dele?", perguntou aos biomas.

Um dos Tiassos examinou rapidamente o que restava das roupas do morto e encontrou um cartão de identificação.

"Danni", respondeu o bioma. "Marcello Danni."

# EPITALÂMIO

# 1

O trem que vinha de Positano estava cheio, e ao parar na pequena estação às margens do Lago Shakespeare, a meio do caminho para Beauvois, descarregou uma vasta mescla de humanos e biomas. Muitos carregavam sacolas com comida, cobertores e cadeiras dobradiças. Algumas das crianças menores correram da estação para a relva farta e recém-cortada que circundava o lago, rindo e escorregando pela suave encosta que cobria os 150 metros entre a estação e a borda da água.

Para os que não queriam sentar-se na relva, pequenas arquibancadas de madeira haviam sido construídas bem defronte ao estreito píer que se estendia por cinqüenta metros para dentro da água antes de formar uma plataforma retangular. Um microfone, uma espécie de púlpito e várias cadeiras estavam dispostos na plataforma; era dali que o governador Watanabe faria seu discurso comemorando o Dia do Assentamento, depois que terminasse a exibição de fogos de artifício.

Uns quarenta metros à esquerda das arquibancadas, os Wakefields e os Watanabes haviam colocado uma mesa comprida coberta com uma toalha azul e branca. Pratos com pequenas guloseimas estavam arrumados com muito gosto sobre a mesa, enquanto recipientes refrigerados guardavam embaixo as bebidas.

Suas famílias e amigos estavam reunidos nas imediações da área e comiam, ou se ocupavam com algum jogo ou apenas conversavam animadamente. Dois biomas Lincoln caminhavam em meio ao grupo, oferecendo bebidas e canapés aos que estavam longe demais para se servirem da mesa ou das geladeiras.

A tarde estava quente. Quente demais, na verdade, o terceiro dia seguido excepcionalmente quente. Mas quando o sol artificial completou seu miniarco na cúpula acima de suas cabeças e a luz começou lentamente a diminuir, a multidão que esperava nas margens do Lago Shakespeare esqueceu-se do calor.

O último trem chegou apenas alguns minutos antes de a luz desaparecer completamente. Chegava da Cidade Central, ao norte, trazendo coloniais que moravam em Hakone ou San Miguel. Não eram muitos os retardatários, pois a maioria chegara cedo para armar seus piqueniques na relva. Eponine estava nesse último trem. A princípio não tivera qualquer intenção de comparecer à comemoração, mudando de idéia no último instante.

Eponine ficou confusa quando saltou do trem para a relva. Havia tanta gente! Acho que todo o Novo Éden está aqui, pensou ela, e por um momento desejou não ter vindo. Estavam todos com família ou

amigos, enquanto ela estava sozinha.

Ellie Wakefield estava jogando ferraduras com Benjy quando Eponine saltou do trem. Ele reconheceu imediatamente a professora, mesmo de longe, por causa de sua braçadeira vermelho vivo. “É Eponine, mamãe” disse Ellie, correndo até Nicole. “Posso convidá-la para ficar conosco?”

“É claro”, respondeu Nicole.

Uma voz no sistema de alto-falantes interrompeu a música tocada por uma pequena banda para anunciar que os fogos de artifício teriam início em dez minutos. Houve alguns aplausos esparsos. “Eponine! Olhe aqui!”, gritou Ellie, sacudindo os braços.

Eponine ouviu chamarem seu nome, mas não conseguia enxergar direito na penumbra. Depois de alguns momentos, ela começou a caminhar na direção de Ellie e, no caminho, sem querer tropeçou em um menininho que mal sabia andar e que estava sozinho na relva. “Kevin!”, gritou a mãe, “afaste-se dela!”

No mesmo instante, um homem grandão e louro agarrou o menininho e afastou-o de Eponine. “Você não devia estar aqui”, disse ele, “no meio de gente decente!”

Um tanto abalada, Eponine continuou na direção de Ellie, que vinha pela relva na direção dela. “Vá para casa, Quarenta e Um”, gritou uma mulher que observara o incidente. Um menino gordo de dez anos, com o nariz cheio de espinhas, apontou o dedo para Eponine, fazendo um comentário inaudível para sua irmã.

“Que bom ver você”, disse Ellie à professora. “Não quer vir comer alguma coisa conosco?”

Eponine concordou. “Tenho pena dessa gente”, disse Ellie, em tom suficientemente alto para que todos pudessem ouvir. “É lamentável que sejam tão ignorantes.”

Ellie conduziu Eponine para a grande mesa e apresentou-a a todos: “Olha aqui, pessoal; para quem não sabe, esta é minha professora e amiga Eponine. Ela não tem sobrenome, de modo que não adianta perguntar como é.”

Eponine e Nicole já se haviam encontrado várias vezes antes, e ficaram trocando amenidades, enquanto um Lincoln oferecia umas tiras de vegetais e uma soda a Eponine. Nai Watanabe trouxe arrastados seus filhos gêmeos, Kepler e Galileo, que haviam completado dois anos na semana anterior, para conhecer a recém-chegada. Um grupo grande de Positano ficou olhando quando Eponine pegou Kepler no colo e este disse, apontando para o rosto de Eponine: “Bonitinha.”

“Deve ser muito difícil”, disse Nicole em francês, com a cabeça indicando o grupo que olhava ofensivamente para Eponine.

“Oui”, respondeu ela. Difícil? refletiu. Esse é o cúmulo da

delicadeza para descrever a situação. Que tal absolutamente impossível? Não basta eu ter alguma doença horrível que muito provavelmente vai me matar. Não, ainda tenho de usar uma braçadeira para que os outros me evitem, se assim o preferirem.

Max Puckett levantou os olhos do tabuleiro de xadrez e viu Eponine. “Olá, olá; você deve ser a professora a respeito de quem tenho ouvido falar tanto.”

“Esse é Max”, disse Ellie conduzindo Eponine até ele. “É muito namorador, mas inofensivo. E aquele mais velho que fica nos ignorando é o juiz Pyotr Mishkin… Pronunciei certo, juiz?” “Muito certo, minha jovem”, respondeu o juiz Mishkin, com os olhos presos ao tabuleiro de xadrez. “Raios, Puckett, o que é que você está querendo fazer com esse cavalo? Como sempre, sua jogada é estúpida ou brilhante, e eu não consigo decidir se é uma ou outra.”

O juiz acabou levantando os olhos do tabuleiro e, quando viu a braçadeira de Eponine, levantou-se imediatamente. “Desculpe, senhorita, sinto muito, mesmo. Já é forçada a suportar o suficiente sem ter de aturar desconsiderações de um velho esquisitão e egoísta.”

Um ou dois minutos antes de os fogos de artifício começarem, um grande iate foi visto aproximando-se da área do piquenique, vindo da parte oeste do lago.

Luzes coloridas e moças bonitas podiam ser vistas no deque. O nome Nakamura aparecia em grandes letras em um lado do barco. Ao alto, acima do deque principal, Eponine viu Kimberly Henderson com Toshio Nakamura, que estava ao leme.

O grupo a bordo acenou para quem estava na margem. Patrick correu, excitado, até a mesa. “Olhe só, mamãe, lá está Katie no barco.”

Nicole pôs os óculos para ver melhor. Era realmente sua filha que, de biquíni, acenava a bordo do iate. “Era só, o que faltava”, disse Nicole para si mesma, quando os primeiros fogos explodiram acima deles, enchendo o céu de cor e luz.

“Há três anos”, começou Kenji Watanabe em seu discurso, “uma equipe exploratória da Pinta pisou pela primeira vez neste mundo novo. Nenhum de nós sabia o que esperar. Todos nós nos perguntávamos, particularmente durante aqueles dois meses nos quais passávamos oito horas por dia no sonário, se alguma coisa semelhante a uma vida normal seria possível aqui no Novo Éden.

“Nossos temores iniciais jamais se concretizaram. Nossos anfitriões alienígenas, sejam eles quem forem, nem por uma só vez interferiram em nossas vidas. Pode ser verdade que, como Nicole Wakefleld e outros já sugeriram, que eles estejam continuamente, a nos observar, mas não sentimos suas presenças de forma alguma. Fora de nossa colônia a espaçonave Rama corre para a estrela que

chamamos Tau Ceti em velocidade inacreditável. Aqui dentro, nossas atividades cotidianas mal são influenciadas pelas notáveis condições exteriores de nossa existência.

"Antes dos dias no sonário, enquanto ainda éramos viajantes dentro do sistema planetário que gira em torno de nossa estrela natal, o Sol, muitos de nós pensamos que nosso 'período de observação' seria breve. Acreditávamos que após alguns meses seríamos devolvidos à Terra, ou até mesmo ao nosso destino em Marte, ou que esta terceira espaçonave Rama desapareceria no espaço distante, como acontecera às outras duas. Aqui onde me encontro, hoje, neste momento, nossos navegadores me informam que continuamos a nos mover para longe do nosso sol, como vimos fazendo há dois anos e meio, a aproximadamente à velocidade da luz. Se, na verdade, será nossa boa sorte voltar um dia a nosso sistema solar primitivo, esse dia estará pelo menos a vários anos de distância no futuro.

"Tais fatores ditaram o tema principal deste meu último discurso do Dia do Assentamento. O tema é simples: meus companheiros coloniais, nós temos de assumir plena responsabilidade por nosso próprio destino. Não podemos esperar que os avassaladores poderes que criaram nosso pequeno mundo nos salvem de nossos erros. Temos de administrar o Novo Éden como se nós e nossos filhos fôssemos ficar aqui para sempre. Cabe a nós zelar pela qualidade de vida aqui, tanto agora como nas gerações futuras.

"No momento, nossa colônia enfrenta uma série de desafios. Reparem que os chamo de 'desafios' e não de problemas. Se trabalharmos juntos, poderemos enfrentar a tais desafios. Se pesarmos cuidadosamente as conseqüências a longo prazo de nossas ações, tomaremos as decisões acertadas. Mas se formos incapazes de compreender conceitos como 'gratificação protelada' ou 'para o bem de todos', então o futuro do Novo Éden está soturno.

"Permitam que tome um exemplo para ilustrar o que digo. Richard Wakefield explicou, tanto na televisão quanto em diversas ocasiões públicas, que o esquema principal que controla nosso clima baseia-se em certos pressupostos para as condições atmosféricas de nosso habitat. Mais especificamente, nosso algoritmo de controle do tempo supõe que tanto os níveis de dióxido de carbono quanto a concentração de partículas de fumaça sejam menores do que uma dada magnitude. Sem compreender exatamente como funciona a matemática da questão, podem perceber que as computações que governam os imputs externos de nosso habitat não ficarão corretos se os pressupostos básicos não forem exatos.

"Não é minha intenção fazer uma conferência científica a respeito de um assunto muito complexo. O que desejo falar realmente é sobre política. Já que a maioria de nossos cientistas acredita que o tempo

estranho dos últimos quatro meses é resultado de índices indevidamente altos de dióxido de carbono e de partículas de fumaça na atmosfera, meu governo apresentou propostas específicas para tratar dessas questões. Todas as nossas recomendações foram rejeitadas pelo Senado.

"E por quê? Nossa proposta de impor uma proibição gradativa de lareiras — que de início são totalmente desnecessárias no Novo Éden — foi chamada de 'restrição de liberdades individuais'. Nossa recomendação cuidadosamente detalhada em favor da reconstituição de parte da rede de ETG, para que a perda de superfície de plantas resultante do desenvolvimento de partes da Floresta de Sherwood e das pastagens no norte pudesse ser compensada, também foi derrotada pelo voto. A razão? A oposição argumentou que a colônia não tinha condições de pagar tal tarefa e, além disso, que a energia consumida pelas novas áreas de rede de ETG resultaria em severas medidas de conservação de eletricidade.

"Senhoras e senhores, é ridículo que enterremos nossas cabeças na areia e esperemos que tais problemas ambientais desapareçam. Cada vez que adiamos assumir uma ação positiva isso significa maiores dificuldades para a colônia no futuro. Não posso acreditar que tantos dos senhores aceitem os devaneios da oposição, de que de algum modo viremos a ser capazes de descobrir como efetivamente funciona o algoritmo do tempo alienígena alterando-o para que funcione adequadamente sob condições e níveis mais altos de dióxido de carbono e partículas de fumaça. Que hybris colossal!"

Tanto Nicole quanto Nai estavam observando a reação à fala de Kenji com muito cuidado. Vários de seus partidários o haviam aconselhado a fazer um discurso leve e otimista, sem discussão de problemas cruciais. O governador, no entanto, fora firme em sua resolução de fazer um discurso significativo.

"Pronto, ele perdeu o público", sussurrou Nai, inclinando-se para Nicole.

"Está sendo pedante."

As arquibancadas positivamente estavam ficando inquietas, e metade da platéia estava sentada nelas. O iate de Nakamura, que ancorara perto da margem durante os fogos, partira ostensivamente antes de o governador falar.

Kenji mudou do tópico do meio ambiente para o retrovírus RV-41. Já que essa era uma questão que provocava atitudes apaixonadas na colônia, a atenção da platéia aumentou acentuadamente. O governador explicou então que a equipe médica do Novo Éden, sob a liderança do dr. Robert Turner, fizera heróicos progressos na compreensão da moléstia, mas ainda precisava realizar pesquisas mais extensas para determinar como tratá-la. Passou então a

criticar o nível de histeria que forçara a aprovação de uma lei, até mesmo derrubando seu veto, obrigando os coloniais com anticorpos RV-41 em seus sistemas a usar braçadeiras vermelhas em todos os momentos.

"Buuuu!", gritou um grande grupo composto principalmente de orientais que faziam piquenique no lado oposto ao de Nicole e Nai, para além da arquibancadas.

"… essa pobre e infeliz gente já enfrenta angústias suficientes…", começou ele a dizer.

"São putas e veados", gritou um homem atrás do grupo WakefieldWatanabe. Os que estavam em tomo dele riram e aplaudiram.

"… O dr. Turner já afirmou repetidamente que esta doença, como a maior parte das retroviroses, só pode ser transmitida por sangue e sêmen…"

A multidão estava ficando agitada. Nicole esperou que Kenji estivesse atentando para o fato e resumisse seus comentários. Ele tinha a intenção de falar também a respeito da sabedoria (ou falta dela) em se falar de expandir a exploração de Rama para fora do Novo Éden, mas sentiu que perdera contato com o público.

O governador Watanabe parou por um momento e depois emitiu um assovio de arrebentar os tímpanos no microfone. Com isso, os ouvintes se aquietaram momentaneamente.

"Tenho mais alguns comentários a fazer que não devem ofender a ninguém…"

"Como sabem, minha mulher Nai e eu temos filhos gêmeos, que nos fazem sentir abençoados. Neste Dia do Assentamento peço a cada um de vocês que pensem a respeito de seus filhos e imaginem um outro Dia do Assentamento, daqui a cem anos ou até mesmo mil. Imaginem-se cara a cara com aqueles que geraram, seus filhos e os filhos de seus filhos. E ao falarem com eles, e segurá-los em seus braços, será que poderão dizer-lhes que fizeram tudo o que foi razoavelmente possível para deixar para eles um mundo do qual teriam boas probabilidades de encontrar felicidade?" com mulheres à vontade. Tudo o que fazia tinha sucesso. Planejando com muita esperteza seus investimentos, Nakamura já estava em posição, pouco depois da eleição de Kenji Watanabe para governador, de pleitear a compra de um quinto da Floresta de Sherwood do governo. Sua oferta permitiu ao Senado evitar um aumento de impostos que de outro modo seria indispensável para o financiamento das primeiras pesquisas sobre o RV-41.

Parte da floresta que germinava foi devastada e substituída pelo palácio pessoal de Nakamura, além de um novo e fulgurante hotel/ cassino, uma área de entretenimento, um complexo de restaurantes e

vários clubes. A fim de conciliar seu monopólio, Nakamura, por meio de um lobby vitorioso, conseguiu que fosse votada legislação restringindo o jogo à área em torno de Hakone. Seus capangas passaram então a convencer todo e qualquer empresário de que ninguém gostaria realmente de entrar em concorrência com o "rei Jap", em matéria de jogatina.

Quando seu poder ficou imune aos ataques, Nakamura permitiu que seus sócios se expandissem nos ramos da prostituição e das drogas, nenhum dos quais era proibido no Novo Éden. Mas para o fim do mandato de Watanabe, quando as políticas do governo começavam a entrar em crescente conflito com sua agenda pessoal, Nakamura resolveu que deveria controlar o governo também, embora não quisesse se ver arcando com o tédio do cargo. Precisava de um testade-ferro manipulável, e recrutou Ian MacMillan, o infeliz ex-comandante da Pinta que fora o perdedor na primeira eleição para governador, vencida por Kenji Watanabe. Nakamura ofereceu a MacMillan o posto de governador em troca de sua fidelidade a ele.

Não havia nada sequer remotamente semelhante a Vegas em qualquer outra parte da colônia. A arquitetura básica desenhada pelos Wakefields e a Águia fora austera, extremamente funcional, com fachadas simples e geométricas. Vegas era exagerada, espalhafatosa, incoerente — uma mixórdia de estilos arquitetônicos. Mas era interessante, e o jovem Patrick O'Toole ficou visivelmente impressionado quando ele e Max Puckett cruzaram o portão externo do complexo.

"Uau!!!" disse ele, de olhos esbugalhados para o vasto anúncio luminoso que piscava acima do portal.

"Não quero diminuir seu entusiasmo, rapaz", disse Max acendendo um cigarro, "mas a energia necessária para operar apenas esse anúncio seria suficiente para quase um quilômetro quadrado de ETGs."

"Você parece minha mãe e meu tio", respondeu Patrick.

Antes de entrar no cassino ou em qualquer dos clubes, cada pessoa tinha de assinar um registro central. Nakamura não perdia uma: tinha um arquivo completo sobre tudo o que cada visitante fizera em Vegas a cada vez que ali entrara. Desse modo, Nakamura ficava informado sobre que segmentos de seus negócios deveriam expandir-se e, melhor ainda, o vício ou vícios especiais de cada cliente.

Max e Patrick entraram no cassino. Enquanto ficavam parados junto à mesa de dados, Max tentou explicar ao rapaz como funcionava o jogo. Patrick, no entanto, não conseguia tirar os olhos das moças que serviam as bebidas em trajes reduzidíssimos.

"Você já trepou, rapaz?", perguntou Max.

“Perdão, senhor?”, respondeu Patrick.

“Você algum dia já fez sexo, sabe como é, teve uma relação sexual com uma mulher?” “Não, senhor”, disse Patrick, corando.

Uma voz dentro da cabeça de Max disse-lhe que não era sua responsabilidade apresentar o rapaz ao mundo do prazer, enquanto a mesma voz também lembrava a Max que aquilo era o Novo Éden e não Arkansas, pois de outro modo ele teria levado Patrick até Xanadu e financiado sua primeira experiência sexual.

Havia mais de cem pessoas no cassino, uma multidão, levando-se em conta o tamanho da colônia, e todos pareciam estar se divertindo. As garçonetes estavam na verdade distribuindo bebidas grátis tão depressa quanto podiam. Max pegou uma margarita e ofereceu outra a Patrick.

“Não vejo nenhum bioma”, comentou Patrick.

“Não há nenhum no cassino”, respondeu Max. “Nem sequer operando as mesas, onde seriam mais eficientes do que os humanos. O rei Jap acredita que a presença deles inibe o instinto do jogo. Mas são usados com exclusividade em todos os restaurantes.”

“Max Puckett, mas parece mentira”.

Max e Patrick viraram-se. Uma moça bonita usando um vestido suave, cor-de-rosa, aproximou-se deles. “Há meses que não o vejo”, disse ela.

“Olá, Samantha”, disse Max, depois de um encabulado silêncio de vários momentos, bem pouco característico dele.

“E quem é esse jovem bonitão?”, disse Samantha, batendo os longos cílios e olhando para Patrick.

“Este é Patrick O’Toole”, respondeu Max. “Ele é…”

“Ora, vejam só”, exclamou Samantha. “Eu nunca tinha encontrado com nenhum dos colonizadores o-ri-gi-nais”, e ficou estudando Patrick por alguns segundos. “Diga-me, sr. O’Toole”, indagou ela, “é mesmo verdade que vocês todos dormiram durante anos?”

Patrick concordou com a cabeça, embaraçado.

“Minha amiga Goldie diz que essa história toda é uma porrada de mentira, e que você e toda a sua família são agentes da AEI. Ela não acredita nem que a gente tenha saído da órbita de Marte… E Goldie ainda diz mais que todo aquele tempo chatíssimo que nós passamos naqueles tanques também foi parte da mesma embromação.”

“Eu lhe garanto, minha senhora”, respondeu Patrick polidamente, “que nós realmente dormimos durante vários anos. Eu só tinha seis anos quando meus pais me colocaram no beliche. E tinha aspecto quase igual ao de hoje quando acordei”.

“Ora, eu acho isso fascinante, mesmo sem conseguir saber o que pensar de toda a história… Então, Max, o que é que você anda

fazendo? E por falar nisso, você vai me apresentar oficialmente?"

"Desculpe… Patrick, está é a srta. Samantha Porter do grande estado de Mississipi. Ela trabalha no Xanadu…"

"Eu sou uma prostituta, sr. O"Toole. Uma das melhores… O senhor já tinha conhecido alguma prostituta antes?"

Patrick enrubesceu. "Não, senhora." Samantha colocou um dedo debaixo do queixo dele. "Ele é engraçadinho", disse ela a Max. "Traga ele lá. Se for virgem, eu faço o serviço de graça." Deu um rápido beijo nos lábios de Patrick, fez meia-volta e foi embora.

Max não conseguiu pensar em nada apropriado para dizer depois que Samantha partiu. Pensou em pedir desculpas mas decidiu que não seria necessário. Max passou o braço nos ombros de Patrick e os dois caminharam para os fundos do cassino, onde as mesas de apostas mais altas ficavam atrás de um cordão de isolamento.

"Tudo bem, agora, yo", gritou uma jovem de costas para eles. "Cinco e seis fazem um yo."

Patrick olhou para Max, surpreendido. "Aquela é Katie", disse ele, apressando o passo na direção dela.

Katie estava completamente absorta no jogo. Deu uma tragada rápida no cigarro, virou de uma vez a bebida que lhe foi servida por um homem moreno que estava a seu lado, depois segurou os dados bem alto, acima da própria cabeça.

"Todos os números", disse ela, entregando as fichas ao crupiê. "Aqui estão 26 mais cinco marcos ou oito duro… Agora apareça, 44", disse ela atirando os dados contra o outro extremo da mesa, com um rápido movimento do pulso.

"Quarenta e quatro", gritou em uníssono todo o grupo que estava em torno da mesa.

Katie deu vários pulos no mesmo lugar, abraçou seu acompanhante, entornou outra bebida e tirou uma longa e lânguida baforada de seu cigarro.

"Katie", disse Patrick, bem no momento em que ela se preparava para tornar a lançar os dados.

Ela parou em meio ao movimento e virou-se com expressão intrigada em seu rosto. "Raios me partam", disse ela. "É o meu irmãozinho caçula."

Katie veio tropeçando para onde Patrick estava, para saudá-lo, enquanto os crupiês e os outros jogadores gritavam para que ela continuasse.

"Você está bêbada, Katie", disse Patrick baixinho, enquanto a segurava em seus braços.

"Não, Patrick", respondeu Katie, sacudindo-se e indo aos trancos de volta para a mesa. "Eu estou voando. Estou na minha nave pessoal para as estrelas."

Ela deu as costas à mesa dos dados e levantou o braço direito bem alto.

“Tudo certo agora, yo. Você está aí dentro, yo?”, gritou ela.

# 2

Os sonhos tornaram a voltar nas primeiras horas da manhã. Nicole acordava e tentava lembrar-se do que estivera sonhando, mas só conseguia evocar uma ou outra imagem isolada. O rosto sem corpo de Omeh aparecera em um sonho. Seu bisavô Senoufo estava tentando avisá-la de alguma coisa, porém Nicole fora incapaz de compreender o que ele dizia. Em outro sonho, Nicole via Richard entrar em um oceano calmo logo antes de um vagalhão devastador chegar até a praia. Nicole esfregou os olhos e olhou o relógio. Eram quase quatro horas.

Praticamente a mesma hora todas as manhãs desta semana, pensou ela. Ela se levantou e cruzou para o banheiro.

Alguns momentos mais tarde, já estava na cozinha, com seus trajes para exercícios. Bebeu um copo de água. Um bioma Abraão Lincoln, que repousava imóvel junto à parede no final do balcão da cozinha, foi ativado com a aproximação de Nicole.

"Deseja um café, sra. Wakefield?" perguntou ele, pegando o copo vazio da mão dela.

"Não, Linc", respondeu Nicole. "Agora vou sair. Se alguém perguntar por mim, diga que estarei de volta antes das seis."

Nicole atravessou o corredor e chegou à porta. Antes de sair da casa, passou pelo escritório, à direita do corredor. Havia papéis espalhados por toda a mesa de Richard, ao lado e em cima do novo computador que ele mesmo criara.

Richard sentia-se extremamente orgulhoso desse computador novo, que Nicole o estimulara a construir, muito embora pouco provavelmente ele viesse a substituir inteiramente o brinquedo eletrônico favorito do marido, o computador de bolso AEI standard. Richard carregava o pequeno portatilzinho religiosamente desde antes do lançamento da Newton.

Nicole reconheceu a caligrafia de Richard em alguns dos papéis, mas era incapaz de ler aquela linguagem simbólica de computador que era dele. Ele tem passado muitas horas aqui nos últimos tempos, pensou Nicole, sentindo uma pontada de culpa. Mesmo acreditando que o que está fazendo seja errado.

A princípio, Richard se recusara a participar da tentativa de decodificação do algoritmo regulador do tempo no Novo Éden. Nicole lembrava-se bem de suas discussões. "Se você e eu optarmos por desrespeitar suas leis, seremos péssimos exemplos para os outros…"

"Isto não é uma lei", interrompeu-a Richard. "É apenas uma resolução. E você sabe tão bem quanto eu que é uma idéia incrivelmente estúpida. Tanto você quanto Kenji lutaram contra ela…

E além disso não é você quem me disse certa vez que é nosso dever protestar contra a estupidez da maioria?"

"Por favor, Richard", retrucou Nicole. "Você pode muito bem, é claro, explicar a todo mundo por que considera a resolução errada. Mas o projeto do algoritmo transformou-se agora em questão de campanha política. Todo mundo na colônia sabe que nós somos muito amigos dos Watanabes, e se você ignorar a resolução vai parecer que Kenji esteja propositadamente solapando…"

Enquanto rememorava sua antiga conversa com o marido, os olhos de Nicole corriam pelo escritório. Foi com alguma surpresa que, quando sua mente voltou ao presente, Nicole se deu conta de que estava colocando três estatuetas em uma prateleira da estante acima da mesa de trabalho de Richard. Príncipe Hal, Falstaff, OB, pensou ela. Há quanto tempo Richard não nos entretém com vocês?

Nicole examinou as longas e monótonas semanas desde que sua família despertara de seus anos de sono. Enquanto ainda aguardavam a chegada dos outros coloniais, os robôs de Richard haviam sido sua principal fonte de divertimento. Na memória, Nicole ainda podia ouvir o riso alegre das crianças e ver o marido sorrindo de alegria. Eram tempos mais singelos e mais fáceis, disse ela a si mesma. Fechou a porta, continuou pelo corredor e pensou: Antes de a vida ficar complicada demais para se brincar. Agora seus amiguinhos ficam na prateleira, em silêncio.

Do lado de fora, na alameda, Nicole parou por um momento junto à grade das bicicletas. Hesitou, olhando para sua bicicleta, depois virou-se e tomou o caminho do quintal dos fundos. Um minuto mais tarde, já cruzara a área relvada atrás da casa e tomara a trilha que serpenteava pelo Monte Olimpo.

Nicole caminhava depressa, afundada em pensamento. Durante muito tempo, sequer prestou atenção ao que a cercava. Sua mente saltava de um assunto para outro, dos problemas que atormentavam o Novo Éden para seus estranhos esquemas de sonho, para suas preocupações com os filhos, em particular com Katie.

Chegou a uma bifurcação na trilha. Um cartaz pequeno e de bom gosto explicava que o caminho da esquerda levava à estação do bondinho a cabo, a oitenta metros de distância, em que se podia viajar até o alto do Monte Olimpo. A presença de Nicole na bifurcação fora eletronicamente detectada, fazendo com que uma robô Garcia se aproximasse, vindo da estação.

"Não se incomode", gritou Nicole. "Eu vou a pé."

A vista tornou-se cada vez mais espetacular à medida que o caminho ia e voltava subindo a face da montanha que dava para o resto da colônia. Nicole parou em um dos belvederes, a quinhentos metros de altitude e a pouco menos de três quilômetros da casa dos

Wakefields, e olhou para todo o Novo Éden. A noite estava clara, com pouca ou nenhuma umidade no ar.

Hoje não chove, pensou ela, sabendo que as manhãs dos dias de chuva eram sempre úmidas com vapor d'água. Logo abaixo dela estava a aldeia Beauvois — as luzes da nova fábrica de mobília lhe permitiam identificar a maior parte dos edifícios da região que lhe eram familiares, mesmo àquela distância. Ao norte, a aldeia de San Miguel estava escondida pela massa da montanha. Mas do outro lado da colônia, para além da Cidade Central ainda escura, Nicole conseguia vislumbrar os focos de luz que marcavam a Vegas de Nakamura.

Ela ficou imediatamente de mau humor. Aquela droga daquele lugar fica aberto a noite inteira, resmungou ela, desperdiçando energia em situação crítica e oferecendo divertimentos repugnantes.

Impossível não pensar em Katie ao olhar para Vegas, refletiu Nicole, com uma abafada dor no coração acompanhando a lembrança da filha. Não podia deixar de se perguntar se Katie ainda estaria acordada naquela brilhante vida de fantasia do outro lado da colônia. Que desperdício monumental, pensou Nicole, sacudindo a cabeça.

Richard e ela discutiam muitas vezes o caso de Katie. Só havia dois assuntos em torno dos quais eles brigavam — Katie e política no Novo Éden. E nem era inteiramente correto dizer que brigavam no caso da política. Richard considerava que basicamente todos os políticos com exceção de Nicole e talvez de Watanabe, eram basicamente destituídos de princípios. Seu método de discussão era o de fazer grandes afirmações genéricas a respeito dos insípidos acontecimentos no Senado, ou até mesmo no próprio tribunal de Nicole, e depois se recusar a sequer tornar a falar sobre o assunto. Katie era uma outra questão. Richard sempre argumentava que Nicole era dura demais em relação a Katie. Ele também me culpa, refletiu Nicole, enquanto olhava as luzes distantes, por não passar tempo suficiente com ela. Alega que ao me atirar na política da colônia eu deixei as crianças com uma mãe de tempo parcial no que seria o mais crucial período de suas vidas.

Katie raramente aparecia em casa, agora. Ela ainda tinha um quarto na casa dos Wakefields, mas passava a maior parte de suas noites em um dos apartamentos enfeitados que Nakamura construíra dentro do complexo de Vegas.

"Como é que você paga o aluguel?", perguntara Nicole à filha certa noite, pouco antes de costumeira cena desagradável.

"Como é que você acha, mamãe?", respondeu Katie, agressiva. "Eu trabalho. Eu tenho muito tempo; só estou fazendo três disciplinas na universidade."

"Que tipo de trabalho você faz?"

“Sou anfitriã, divirto os outros… você sabe, faço qualquer coisa que seja preciso”, respondeu Katie, bem vaga.

Nicole afastou o olhar de Vegas. Naturalmente, é perfeitamente compreensível que Katie esteja confusa. Ela não teve adolescência. Mas, mesmo assim, ela não parece estar apresentando qualquer melhora… Nicole começou a andar rapidamente montanha acima, tentando se livrar de uma tristeza crescente.

Entre os quinhentos e os mil metros de altitude, a montanha estava coberta com grossas árvores que já alcançavam cinco metros de altura. Aqui o caminho para o topo corria entre a montanha e a parede externa da colônia, em um trecho muito escuro que se estendia por mais ou menos um quilômetro. Só havia uma quebra nesse negror, perto do final, um belvedere voltado para o norte.

Nicole já alcançara o ponto mais alto em sua subida. Parando no belvedere, ela olhou para San Miguel, na distância. Está ali a prova de que nós fracassamos do Novo Éden, pensou ela, sacudindo a cabeça. Apesar dos pesares, há pobreza e desespero no Paraíso.

Ela antevira o aparecimento do problema, chegara mesmo a fazer uma previsão bastante precisa no final de seu mandato de um ano como governadora provisória. Por ironia, o processo que produzira San Miguel, onde o nível de vida era apenas a metade do que existia nas outras três aldeias do Novo Éden, começara logo após a chegada da Pinta. O primeiro grupo de coloniais se estabelecera principalmente na aldeia do sudeste que se transformaria em Beauvois, criando um precedente que se acentuara depois que Nicole chegou a Rama. A medida que ia sendo implementado o plano de assentamento livre, quase todos os orientais resolveram instalar-se juntos em Hakone; os europeus, americanos brancos e os do Oriente Médio escolheram ou Positano ou o que restava de Beauvois. Os mexicanos, outros hispânicos, americanos pretos e africanos haviam todos gravitado para San Miguel.

Como governadora, Nicole tentara resolver essa segregação de fato na colônia com um plano utópico de reassentamento que colocaria em cada uma das quatro aldeias percentagens raciais que espelhassem a colônia como um todo.

Sua proposta poderia ter sido aceita logo no início da história da colônia, em particular logo depois dos dias no sonário, quando a maioria dos outros cidadãos viam em Nicole uma espécie de deusa. Mas, ao fim de um ano, já era tarde demais. A livre iniciativa já criara diferenças tanto de riqueza pessoal quanto de valores imobiliários. Até mesmo os mais leais seguidores de Nicole perceberam a impossibilidade de seu conceito de reassentamento àquela altura.

Depois de seu período como governadora, o Senado aprovara calorosamente a designação por Kenji de Nicole como um dos cinco

juizes permanentes do Novo Éden. No entanto, sua imagem na colônia sofreu bastante quando circularam comentários feitos por ela em defesa do reassentamento fracassado.

Nicole argumentara que seria essencial para os coloniais viver em pequenos bairros integrados a fim de que desenvolvessem uma real apreciação das diferenças raciais e culturais. Seus críticos julgaram sua posição "inacreditavelmente ingênua".

Nicole ficou olhando para as tremulantes luzes de San Miguel durante os vários minutos em que também descansou do esforço da subida. Logo antes de se virar para começar a descer na direção de sua casa em Beauvois, ela repentinamente lembrou-se de outro conjunto de luzes tremulantes, na cidade suíça de Davos, no planeta Terra. Durante as últimas férias de esqui de Nicole, ela e sua filha Geneviève jantaram na montanha acima de Davos e, depois de comer, as duas haviam ficado de mãos dadas no revigorante frio na varanda do restaurante. As luzes de Davos brilhavam como pequenas jóias a muitos quilômetros abaixo delas. Lágrimas assomaram aos olhos de Nicole, ao lembrarse da graça e do humor de sua primeira filha, a quem não via já fazia tantos anos. Mais uma vez obrigada, Kenji, balbuciou ela quando recomeçou a andar, lembrando-se das fotografias que seu amigo trouxera da Terra, por compartilhar comigo a sua visita a Geneviève.

Estava novamente tudo negro em torno enquanto Nicole seguia as curvas do caminho na encosta da montanha. A parede externa estava agora à sua esquerda, e ela continuou a pensar sobre a vida no Novo Éden. Precisamos de uma coragem especial agora, disse para si mesma. Coragem, valores e visão. Mas no fundo do coração sentia que o pior ainda estava à frente de todos na colônia.

Infelizmente, refletiu ela sombriamente, Richard e eu, e até mesmo as crianças, permanecemos estranhos, apesar de tudo o que tentamos fazer. Não é provável que consigamos mudar muito alguma coisa.

Richard verificou tudo para ter a certeza de que os três biomas Einstein haviam copiado corretamente os procedimentos e dados dos vários monitores em seu escritório. Quando os quatro estavam saindo da casa, Nicole deu-lhe um beijo.

"Você é um homem maravilhoso, Richard Wakefield", disse ela.

"Você é a única a pensar assim", respondeu ele, forçando um sorriso.

"E sou também a única que sabe". Parou por um momento. "Falando sério, querido, eu realmente aprecio o que você está fazendo. Eu sei…"

"Não vou ficar até muito tarde", ele a interrompeu. "Os três Als e

eu só temos duas idéias básicas que ainda restam para serem testadas… Se não tivermos sucesso hoje, vamos desistir."

Com os três Einsteins a segui-lo de perto, Richard correu para a estação de Beauvois e apanhou o trem para Positano. O trem fez uma parada rápida jun-to ao grande parque perto do Lago Shakespeare, onde, dois meses antes, tivera lugar o piquenique do Dia do Assentamento. Richard e seu elenco de apoio biótico desembarcaram alguns minutos mais tarde em Positano e caminharam pela aldeia do canto sudoeste da colônia. No outro extremo, depois de terem suas identidades checadas por um humano e duas Garcias, tiveram permissão para passar pela saída da colônia para o anel que circunscrevia o Novo Éden. Até houve mais uma rápida inspeção eletrônica antes que atingissem a única porta aberta na espessa parede externa que cercava o habitat. Esta se abriu e Richard conduziu os biomas para dentro da própria Rama.

Richard tivera dúvidas quando, dezoito meses antes, o Senado aprovara a criação e colocação de uma sonda penetrante que testasse as condições ambientais em Rama fora do módulo. Richard servira no comitê que examinara os conceitos de engenharia da sonda; temera que o ambiente externo fosse avassaladoramente hostil e que o desenho da sonda não pudesse proteger corretamente a integridade do habitat. Muito tempo e dinheiro foram gastos a fim de garantir que os limites do Novo Éden ficassem hermeticamente selados durante todo o procedimento, enquanto a sonda estivesse lentamente penetrando pela parede.

Richard perdera credibilidade na colônia quando foi constatado que o meio ambiente em Rama não era significativamente diferente do Novo Éden. Do lado de fora, havia escuridão permanente, variações periódicas tanto de pressão quanto de componentes atmosféricos, mas o meio ambiente ramaiano era tão semelhante ao da colônia que os exploradores humanos não tiveram sequer de usar seus trajes espaciais. Duas semanas depois da sonda revelar a atmosfera benigna de Rama, os coloniais haviam completado o mapeamento da área da Planície Central que lhes era agora acessível.

O Novo Éden e uma segunda construção retangular, quase idêntica, que Richard e Nicole acreditavam ser o habitat para uma segunda forma de vida, estavam englobados, juntos, em uma região maior, também retangular, cujas barreiras metálicas, cinzentas, extraordinariamente altas, a separava do resto de Rama. As barreiras nos lados norte e sul dessa região maior eram extensões das paredes dos próprios habitats. Tanto no lado leste quanto no oeste dos dois habitats isolados, no entanto, havia cerca de dois quilômetros de espaço aberto.

Nos quatro cantos do retângulo exterior havia vastas estruturas

cilíndricas. Richard e o resto do pessoal técnico da colônia estavam convencidos de que os impenetráveis cilindros dos cantos continham os fluidos e mecanismos de bombeamento por meio das quais as condições ambientais dentro dos habitats eram mantidas.

A nova região exterior, que não tinha teto senão do lado oposto da própria Rama, cobria a maior parte do hemicilindro setentrional da espaçonave. Uma grande cabana metálica, do formato de um iglu, era a única edificação na Planície Central entre os dois habitats. A cabana era o centro de controle do Novo Éden e ficava localizada a aproximadamente ao sul da parede da colônia.

Quando saíram do Novo Éden, Richard e os três Einsteins iam na direção do centro de controle, onde vinham trabalhando juntos havia quase duas semanas numa tentativa de penetrar o principal controle lógico que governava o tempo dentro do Novo Éden. A despeito das objeções de Watanabe, o Senado já havia votado a verba necessária para um "esforço total" pelos "melhores engenheiros" da colônia no sentido de se alterar o algoritmo do tempo dos alienígenas. A legislação fora promulgada depois de ouvirem o depoimento de um grupo de cientistas japoneses sugerindo que condições meteorológicas estáveis podiam ser na verdade mantidas dentro do Novo Éden, mesmo com níveis mais altos de dióxido de carbono e partículas de fumaça na atmosfera.

Era uma conclusão que atraía os políticos. Se, quem sabe, nem a proibição da queima de madeira para fogo nem planejar uma rede reconstituída de ETG fossem realmente necessários, sendo preciso apenas ajustar alguns parâmetros no algoritmo dos alienígenas que haviam sido, afinal, desenhados inicialmente segundo certos pressupostos que não eram mais válidos, então…

Richard odiava esse tipo de raciocínio. Evite o assunto enquanto for possível, era como ele o classificava. No entanto, tanto graças aos apelos de Nicole quanto à incapacidade total dos outros engenheiros da colônia para compreender qualquer aspecto do processo do controle do tempo, Richard concordara em enfrentar a tarefa. Insistira, no entanto, em trabalhar essencialmente sozinho, só com a ajuda dos Einsteins.

No dia em que Richard planejara fazer sua última tentativa de decodificação do algoritmo do tempo do Novo Éden, ele e seus biomas pararam primeiro perto de um lugar a um quilômetro de distância da saída da colônia. Sob grandes luzes, Richard viu um grupo de arquitetos e engenheiros trabalhando em uma mesa muito comprida.

"O canal não será difícil de construir — o solo é muito macio."

"E o esgoto? Vamos cavar fossas ou devemos carregar o lixo de volta para o Novo Éden a fim de ser processado?"

"As necessidades de energia para este assentamento serão

substanciais.

Não só a iluminação, em função da escuridão do ambiente, mas também por todo o equipamento. Além disso, estamos suficientemente distantes do Novo Éden que devemos prever perdas não-triviais nas linhas… Nossos melhores materiais em supercondutores são por demais críticos para esse uso."

Richard sentiu um misto de repugnância e raiva ao ouvir a conversa. Os arquitetos e engenheiros estavam realizando um estudo de exeqüibilidade para uma aldeia externa que pudesse abrigar os portadores do RV-41. O projeto, cujo nome era Avalon, era resultado de um frágil acordo político entre o governador Watanabe e sua oposição. Kenji permitira o financiamento do estudo para demonstrar que estava "aberto" na questão de como se enfrentar o problema do RV-41.

Richard e os três Einsteins continuaram seu caminho indo mais ou menos para o sul. Ao norte do centro de controle, eles alcançaram um grupo de humanos e biomas que se dirigiam ao local da segunda sonda de habitat, levando equipamentos impressionantes.

"Olá, Richard", disse Marilyn Blackstone, a compatriota britânica que Richard recomendara para chefiar a tarefa da sonda. Marilyn vinha de Taunton, em Somerset, se formara em engenharia em Cambridge em 2232 e era extremamente competente.

"Como vai o trabalho?", indagou Richard.

"Se tiver um minuto, venha dar uma olhada", sugeriu Marilyn. Richard deixou os três Einsteins no centro de controle e acompanhou Marilyn e sua equipe através da Planície Central até o segundo habitat. Enquanto andava, ele relembrou uma conversa que tivera com Watanabe e Dmitri Ulanov no escritório do governador na tarde anterior à data da aprovação oficial do projeto sonda.

"Quero que compreendam", dissera Richard, "que sou categoricamente contra toda e qualquer tentativa de se interferir com a santidade do outro habitat.

Nicole e eu estamos virtualmente certos de que ele abriga uma outra forma de vida. Não há nenhum argumento de peso em favor da penetração".

"Suponha que ele esteja vazio", retrucara Ulanov. "Suponha que o habitat tenha sido colocado lá para nós, na suposição de que fôssemos suficientemente inteligentes para descobrir como usá-lo."

"Dmitri", Richard quase gritara, "será que ouviu alguma das coisas que Nicole e eu temos dito a você em todos esses meses? Você continua agarrado a uma absurda noção antropocêntrica a respeito de nosso lugar no universo. Só porque somos a espécie dominante no planeta Terra, você supõe que sejamos seres superiores. Mas não somos. Deve haver centenas…"

“Richard”, interrompera Kenji com voz suave, “já conhecemos sua posição quanto a este assunto. Mas os coloniais do Novo Éden não concordam com você.

Eles jamais viram a Águia, as octoaranhas, ou qualquer dessas criaturas maravilhosas de que vocês falam. Eles querem saber se temos espaço para nos expandirmos…”

Kenji já estava com medo então, pensou Richard, quando ele e a equipe de exploração se aproximaram do segundo habitat. Ele continua apavorado que MacMillan ganhe de Ulanov na eleição e entregue a colônia a Nakamura.

Dois biomas Einstein começaram a trabalhar tão logo a equipe chegou ao sítio da sonda. Instalaram cuidadosamente a perfuratriz laser compacta no lugar onde um buraco na parede já havia sido iniciado. Dentro de cinco minutos, a perfuratriz já estava expandindo, lentamente, o buraco na parede.

“Quanto vocês já penetraram?”, perguntou Richard.

“Só cerca de 35 centímetros até agora”, respondeu Marilyn. “Estamos indo muito devagar. Se a parede for da mesma espessura que a nossa, levaremos ainda mais umas três ou quatro semanas antes que a atravessemos completamente… E por falar nisso, a análise espectrográfica de partes da parede indica que se trata do mesmo material que forma as nossas paredes.”

“E uma vez que penetrem no interior?”

Marilyn riu. “Não se preocupe, Richard. Estamos seguindo todos os procedimentos que você recomendou. Teremos um mínimo de duas semanas de observação passiva antes de avançar para a próxima fase. Daremos a eles todas as oportunidades para reagirem — se é que eles estão realmente lá dentro.”

O ceticismo na voz dela era claro. “Não você também, Marilyn”, disse Richard. “O que é que há com todo mundo? Acha que Nicole, as crianças e eu inventamos todas aquelas histórias?”

“Afirmações extraordinárias exigem provas extraordinárias”, retrucou ela.

Richard sacudiu a cabeça. Ia começar a discutir com Marilyn, mas se deu conta de que tinha coisas mais importantes para fazer. Após alguns minutos de conversa polida sobre engenharia, ele voltou para o centro de controle onde os seus Einsteins estavam esperando.

A grande coisa a respeito de se trabalhar com os biomas Einstein era Richard poder tentar várias idéias ao mesmo tempo. Sempre que tinha determinada possibilidade em mente, podia esquematizá-la para um dos biomas e ter a certeza de que ela seria adequadamente implementada. Os Einsteins jamais sugeriam novos métodos próprios; eram engenhos de memória perfeita, muitas vezes lembrando Richard

de que suas idéias eram semelhantes a alguma técnica anteriormente experimentada que fracassara.

Todos os outros engenheiros que tentavam modificar o algoritmo do tempo haviam primeiro tentado compreender o funcionamento interior do supercomputador alienígena localizado no meio do centro de controle, o que fora seu erro fundamental. Richard, sabendo a priori que a operação interna do supercomputador seria para ele indistinguível da mágica, concentrou-se no isolamento e identificação da produção de sinais emanados do vasto processador.

Afinal, raciocinava, a estrutura básica do processo devia ser bastante direta.

Algum conjunto de medidas define as condições dentro do Novo Éden a qualquer momento dado. Os algoritmos alienígenas deveriam usar tais dados de medidas a fim de computar comandos que de algum modo são passados às vastíssimas estruturas cilíndricas, onde a efetiva atividade física tem lugar e leva a modificações na atmosfera, dentro do habitat.

Richard não levou muito tempo para desenhar um diagrama do bloco funcional do processo. Porque não havia contatos elétricos diretos entre o centro de controle e as estruturas cilíndricas, era óbvio que existiria alguma espécie de comunicação eletromagnética entre as duas entidades. Mas que espécie? Quando Richard varreu o espectro para verificar em que comprimento de onda a comunicação estaria tendo lugar, encontrou muitos sinais potenciais.

Analisar e interpretar tais sinais era um pouco como procurar agulha em palheiro. Com a ajuda dos biomas Einstein, Richard eventualmente determinou que as transmissões mais freqüentes eram da faixa das microondas. Durante uma semana, ele e os Einsteins catalogaram as trocas em microondas, passando em revista as condições do tempo no Novo Éden tanto antes quanto depois, tentando zerar o conjunto de parâmetros específicos que modulava a força da resposta no lado do cilindro na interface. Durante a mesma semana, Richard também testou e validou um transmissor portátil de microondas que ele e os biomas construíram juntos. Seu objetivo era criar um sinal de comando que pareceria vir do centro de controle.

Sua primeira tentativa séria no último dia foi um fracasso completo.

Adivinhando que a precisão no timing de sua transmissão poderia constituir o problema, ele e os Einsteins desenvolveram a seguir uma rotina de controle seqüencial que lhes permitiria emitir sinais com precisão de fentos-segundo, a fim de que os cilindros recebessem o comando dentro de uma faixa mínima de tempo.

Um instante depois de Richard haver emitido o que ele pensava ser um novo conjunto de parâmetros para o cilindro, um alarme alto

soou no centro de controle. Dentro de poucos segundos, uma imagem fantasmagórica da Águia apareceu no ar, acima de Richard e dos biomas. “Seres humanos”, disse a Águia holográfica. “Tenham muito cuidado.

Grande cuidado e conhecimento foram usados para criar o delicado equilíbrio de seu habitat. Não mudem esses algoritmos críticos a não ser que haja uma emergência genuína.”

Muito embora estivesse chocado, Richard agiu prontamente, ordenando que os Einsteins gravassem o que estavam vendo. A Águia repetiu o aviso uma segunda vez e depois desapareceu, mas toda a cena ficou arquivada nos subsistemas de videogravação dos biomas.

# 3

"Você vai ficar deprimido para sempre?", perguntou Nicole ao marido, à mesa do café. "Além do mais, até agora não aconteceu nada de muito terrível. O tempo tem estado ótimo."

"Acho que tem estado melhor do que antes, tio Richard", confirmou Patrick. "Você é o herói da universidade — mesmo com uma parte da moçada achando que você é parcialmente alienígena!"

Richard conseguiu dar um sorriso. "O governo não está seguindo minhas recomendações", disse ele baixinho, "nem prestando a menor atenção às recomendações da Águia. Há até gente no escritório da engenharia dizendo que eu mesmo inventei o holograma da Águia. Já imaginaram?"

"Kenji acredita no que você disse, querido".

"Então, por que deixa essa turma do tempo aumentar sem parar o nível de resposta comandada? Eles não têm a menor possibilidade de prever os efeitos a longo prazo."

"Com o que é que você está preocupado, Papai?", indagou Ellie, um momento depois.

"Administrar um volume tão grande assim de gás é um processo muito complicado, Ellie, e eu sinto o maior respeito pelos ETs que desenharam a infraestrutura básica do Novo Éden. Foram eles que insistiram na necessidade de se manter o dióxido de carbono e as concentrações de partículas abaixo de níveis especificados. Eles devem saber alguma coisa."

Patrick e Ellie terminaram sua refeição matinal e pediram licença para sair da mesa. Alguns minutos mais tarde, depois de os dois jovens terem deixado a casa, Nicole caminhou em torno da mesa e pousou as mãos nos ombros de Richard. "Você se lembra da noite em que discutimos Albert Einstein com Patrick e Ellie?"

Richard olhou para Nicole com o cenho franzido.

"Mais tarde, naquela mesma noite, quando já estávamos deitados, comentei que a descoberta, por Einstein, da inter-relação entre massa e energia fora "horrível" porque levara à existência de armas nucleares… Lembra-se do que me respondeu?"

Richard sacudiu a cabeça. "Você me disse que Einstein era um cientista cuja tarefa na vida era buscar conhecimento e verdade. 'Nenhum conhecimento é horrível', você disse, 'só o que outros seres humanos fazem com esse conhecimento é que pode ser chamado de horrível.'" Richard sorriu. "Você está tentando me livrar da responsabilidade nessa questão do tempo?"

"Talvez", respondeu Nicole. Abaixando-se, ela beijou-lhe os lábios. "Eu sei que você é um dos seres humanos mais inteligentes e

criativos que já viveram, e não gosto de vê-lo a arcar com todos os pesados problemas da colônia."

Richard beijou-a de volta com considerável vigor. "Você acha que teremos tempo de acabar antes de Benjy acordar?", sussurrou ele. "Hoje ele não tem colégio e ficou acordado até muito tarde ontem."

"Quem sabe", respondeu ela com um sorriso coquete. "Podemos ao menos tentar. Meu primeiro caso só está marcado para as dez horas."

A disciplina de Eponine para os ultimanistas da Escola Secundária Central levava apenas o título "Arte e Literatura", abrangendo muitos aspectos de cultura que os coloniais haviam deixado para trás ao menos temporariamente.

Em seu currículo básico, Eponine cobria um conjunto multicultural e eclético de fontes, encorajando os alunos a desenvolver estudos independentes em quaisquer áreas específicas que lhes parecessem estimulantes. Embora sempre fizesse planos de aulas e elaborasse algumas apostilas para o conteúdo geral da disciplina, Eponine era do tipo de professor que adapta cada aula aos interesse dos alunos.

Eponine, pessoalmente, julgava Les Misérables de Victor Hugo o maior romance jamais escrito, e o pintor impressionista Pierre Auguste Renoir, nascido em Limoges, que era também sua cidade natal, o melhor pintor que já existira.

Sempre incluía obras de seus dois compatriotas em suas aulas, mas estruturava cuidadosamente o resto da bibliografia de modo a oferecer uma representatividade justa a outras nações e culturas.

Já que os biomas Kawataba a auxiliavam todos os anos na montagem de peça dos alunos, era natural utilizar os romances do Kawataba verdadeiro, Mil graças e Terra de neve como exemplos de literatura japonesa. As três semanas sobre poesia cobriam de Frost a Rilke e a Ornar Khayyam. No entanto, o principal foco poético era Benita Garcia, não só em função da presença das biomas Garcia por todo o Novo Éden, como também porque a poesia e a vida de Benita fascinavam os jovens.

Só havia onze alunos nessa turma em seu último ano na classe de Eponine no ano em que foi exigido que ela usasse a braçadeira vermelha porque seu teste dera RV-41 positivo. O resultado do teste apresentara à escola um difícil dilema. Embora o diretor tivesse resistido corajosamente às tentativas, por parte de um barulhento grupo de pais, quase todos de Hakone, de conseguir que Eponine fosse "dispensada" da escola, ele e sua equipe de algum modo cederam à histeria da colônia tornando a disciplina de Eponine optativa. Conseqüentemente, ela tivera muito menos alunos do que nos dois

anos anteriores.

Ellie Wakefield era uma das alunas prediletas de Eponine. A despeito das grandes lacunas de conhecimento da jovem devidas aos anos em que ela passara dormindo na viagem de volta ao sistema solar, vindo do Nodo, sua inteligência natural e sua fome de saber tornavam-na uma alegria na sala de aula. Eponine com freqüência pedia a Ellie que executasse tarefas especiais. Na manhã em que foi iniciado o estudo da poesia de Benita Garcia que, aliás, foi a mesma em que Richard Wakefield discutira com a filha suas preocupações quanto às atividades de controle do tempo na colônia, foi pedido a Ellie que decorasse um dos poemas do primeiro livro de Benita Garcia, Sonhos de uma moça mexicana, escrito quando a autora ainda era adolescente. Antes que a moça começasse a declamar, no entanto, Eponine tentou incendiar a imaginação de seus jovens alunos com uma pequena palestra sobre a vida de Benita.

"A verdadeira Benita Garcia foi uma das mulheres mais espantosas que já viveram", disse Eponine, apontando com a cabeça para a inexpressiva bioma Garcia, de pé a um canto, que a ajudava com as tarefas rotineiras da aula.

"Poeta, cosmonauta, líder política, mística — sua vida é a um só tempo um reflexo de seu tempo e uma inspiração para todos nós."

"Seu pai foi grande latifundiário no estado mexicano de Yucatán, longe do coração artístico e político do país. Benita foi filha única, de mãe maia e um pai muito mais velho do que a esposa. Passou a maior parte de sua infância na fazenda da família que beirava as maravilhosas ruínas Puuc Maias em Uxmal.

Em menina, Benita muitas vezes brincou entre as pirâmides e edifícios daquele centro cerimonial de mil anos.

"Foi estudante bem-dotada desde o início, mas foram sua imaginação e seu entusiasmo que a distinguiram verdadeiramente do resto de sua classe.

Benita escreveu seu primeiro poema aos nove anos, e aos quinze, quando estava em um colégio interno católico em Merida, capital de Yucatán, dois de seus poemas já haviam sido publicados no prestigioso Diário de México.

"Após terminar o curso secundário, Benita surpreendeu professores e família anunciando que desejava ser cosmonauta. Em 2129 foi a primeira mexicana jamais admitida na Academia Espacial do Colorado. Ao graduar-se quatro anos mais tarde, os grandes cortes nos programas espaciais já haviam começado. Depois da crise de 2134, o mundo afundou na depressão conhecida como o Grande Caos e virtualmente toda exploração espacial parou. Benita foi afastada pela AEI em 2137, e pensou que sua carreira espacial estivesse terminada.

“Em 2144, um dos últimos veículos de transporte interplanetário, o James Martin, voltou capengando de Marte até a Terra, lotado principalmente com mulheres e crianças das colônias marcianas. A espaçonave mal conseguiu entrar em órbita terrestre e parecia que todos os passageiros morreriam. Benita Garcia e três de seus amigos do corpo de cosmonautas improvisaram um veículo de salvamento e conseguiram resgatar 24 dos viajantes na missão espacial mais espetacular de todos os tempos…”

O pensamento de Ellie desligou-se da narrativa de Eponine para flutuar livremente imaginando como teria sido gratificante participar da missão de salvamento de Benita. Benita pilotara sua espaçonave manualmente, sem ligação com as missões de apoio da Terra, arriscando sua vida para salvar outras.

Poderia haver maior dedicação a seus companheiros de espécie?

Ao pensar no desprendimento de Benita Garcia, uma imagem de sua mãe apareceu no cérebro de Ellie. Uma montagem de imagens de Nicole emergiu logo a seguir. Ellie viu sua mãe, com sua toga de juiz falando articuladamente ante o Senado. Depois, Nicole massageava o pescoço do pai de Ellie tarde da noite, no escritório, ou pacientemente ensinava Benjy a ler, dia após dia, ou saía de bicicleta com Patrick para uma partida de tênis no parque, ou dizia a Linc o que preparar para o jantar. Na última imagem, Nicole estava sentada à beira da cama de Ellie, à noite, respondendo perguntas sobre a vida e o amor. Minha mãe é uma heroína, compreendeu Ellie, repentinamente. Ela é tão desprendida quanto Benita Garcia.

“… Imaginem, por exemplo, uma mocinha mexicana de dezesseis anos, chegando em casa do colégio interno para passar as férias, a subir lentamente os degraus da Pirâmide do Mágico em Uxmal. A seus pés, na manhã de primavera que já está morna, iguanas brincam entre as rochas e as ruínas…”

Eponine acenou a cabeça para Ellie. Estava na hora de seu poema. Ela se levantou e recitou.

Você já viu tudo, lagarto,
Nossa alegria e o nosso pranto,
Os nossos corações quando sonham
Nossos desejos mais terríveis.
Será que alguma coisa muda?
A índia mãe de minha mãe
Sentou aqui nestes degraus
Já faz pelo menos mil anos
Contando a você as paixões
Que ninguém mais conheceria?

Eu olho as estrelas à noite
E ouso ver-me estar com elas.
O meu coração voa livre
Entre o possível e as pirâmides.
Benita, os iguanas disseram
Sim a você e à sua avó
Cujos sonhos de tantos anos
Vão concretizar-se em você.

Quando Ellie terminou, suas faces brilhavam com as lágrimas silenciosas que lhe haviam rolado. A professora e os colegas provavelmente julgaram que ela ficara profundamente comovida com o poema e a palestra sobre Benita Garcia.

Não poderiam compreender que Ellie acabara de experimentar uma epifania emocional, que ela acabara de descobrir a profundidade de seu amor e respeito por sua mãe.

Aquela era a última semana de ensaios para a peça teatral da escola.

Eponine escolhera uma peça antiga, Esperando Godot, do ganhador do Prêmio Nobel no século XX Samuel Beckett, por seu tema ser tão próximo ao Novo Éden.

Os dois personagens principais, ambos vestidos em trapos durante toda a obra, seriam interpretados por Ellie Wakefield e Pedro Martinez, um bonito rapaz de dezenove anos que fora um dos adolescentes "perturbados" incorporados ao contingente que partia para a colônia nos últimos meses antes do lançamento.

Eponine não poderia ter produzido a peça sem os Kawabatas. Os biomas desenharam e executaram tanto o cenário quanto os figurinos, ficavam encarregados da luz e chegavam mesmo a dirigir ensaios quando ela não podia estar presente. A escola tinha quatro Kawabatas ao todo, e três deles ficavam sob a jurisdição de Eponine durante as seis semanas que precediam a estréia da peça.

"Trabalharam muito bem", disse Eponine alto, aproximando-se dos alunos que estavam no palco. "Acho que chega por hoje."

"Srta Wakefield", disse o Kawabata 052, "houve três momentos nos quais suas palavras não foram inteiramente corretas. Na fala que começa…"

"Diga a ela amanhã", interrompeu Eponine, fazendo um delicado sinal para que os biomas se afastassem. "Será melhor para ela." Virando-se para o pequeno elenco. "Alguma pergunta?"

"Sei que já passamos por tudo isso antes, srta. Eponine", disse Pedro Martinez, meio hesitante, "mas seria de grande ajuda para mim se pudéssemos discuti-lo novamente… A senhorita disse que Godot

não era uma pessoa, que ele, ou essa coisa seria apenas um conceito, ou uma fantasia… que todos nós estamos sempre esperando por alguma coisa… Sinto muito, mas é difícil para mim compreender exatamente o que…"

"A peça toda é, basicamente, um comentário a respeito do absurdo da vida", respondeu Eponine após alguns segundos. "Rimos porque nos vemos naqueles vagabundos no palco, ouvimos nossas palavras quando eles falam. O que Beckett captou é o anseio essencial do espírito humano. Seja ele quem for, Godot fará tudo sair bem. De algum modo, ele haveria de transformar nossas vidas e nos fazer felizes."

"Godot não poderia ser Deus?", perguntou Pedro.

"Naturalmente", disse Eponine. "Ou até mesmo os extraterrestres superavançados que construíram Rama e supervisionam O Nodo onde Ellie e sua família ficaram. Qualquer poder ou força ou ser que for uma panacéia para todos os nossos sofrimentos poderia ser Godot. É por isso que a peça é universal."

"Pedro", uma voz autoritária gritou do fundo do pequeno auditório, "já acabou?"

"Só um momento, Mariko", respondeu o rapaz. "Estamos tendo uma discussão muito interessante. Por que não vem juntar-se a nós?"

A moça japonesa continuou de pé junto à porta. "Não", disse ela com grosseria. "Não quero — agora vamos".

Eponine dispensou o elenco e Pedro saltou do palco. Ellie aproximou-se da professora quando o rapaz correu para a porta. "Por que ele haveria de deixar que ela se comporte assim?" indagou-se Ellie em voz alta.

"Não me pergunte", retrucou Eponine, dando de ombros. "Eu é que não sou nenhuma especialista em relacionamentos."

Aquela tal Kobayashi é um problema, pensou Eponine, lembrando-se de como Mariko havia tratado a ela e a Ellie como se fossem, insetos, certa noite depois de ensaios. Os homens são tão estúpidos, algumas vezes.

"Eponine", perguntou Ellie, "você se importa se os meus pais vierem ao ensaio geral? Beckett é um dos dramaturgos favoritos de meu pai e…"

"Seria ótimo", respondeu Eponine. "Seus pais são bem-vindos a qualquer momento. Além do mais, quero agradecer a eles…"

"Srta. Eponine", uma jovem voz de homem gritou do outro lado da sala.

Era Derek Brewer, um dos alunos de Eponine que nutria uma paixonite escolar por ela. Derek correu alguns passos, depois gritou novamente. "Já ouviu a novidade?"

Eponine sacudiu a cabeça. Derek estava obviamente

excitadíssimo. “O juiz Mishkin julgou o uso das braçadeiras inconstitucional!”

Eponine levou alguns segundos para absorver a informação. A essa altura, Derek já estava a seu lado, encantado por ser ele a lhe dar a notícia. “Você… tem certeza?”, perguntou Eponine.

“Acabamos de ouvir no rádio do escritório.”

Eponine estendeu a mão para o braço, odiando sua braçadeira vermelha.

Olhou para Derek e Ellie e com um movimento rápido arrancou a tira do braço e jogou-a para longe. Ao observar o arco que esta percorreu até cair no chão, seus olhos encheram-se de lágrimas.

“Obrigada, Derek”, disse ela.

Em poucos instantes, Eponine sentiu quatro jovens braços que a envolviam e abraçavam.

“Parabéns”, disse Ellie suavemente.

# 4

O quiosque de hambúrgueres na Cidade Central era totalmente operado por biomas. Dois Lincolns administravam o restaurante sempre muito freqüentado e quatro Garcias tomavam nota dos pedidos dos fregueses. A preparação da comida era feita por uma dupla de Einsteins, e o local era mantido imaculadamente limpo por uma única Tiasso. O quiosque gerava um lucro enorme para seu proprietário, porque não havia custos depois da conversão inicial do prédio e da matéria-prima.

Ellie sempre comia ali na quinta-feira à noite, quando trabalhava no hospital como voluntária. No dia em que se soube do que veio a ser conhecido como a Proclamação Mishkin, Ellie encontrou-se no quiosque com sua professora Eponine, agora sem braçadeira. "Não sei por que nunca a encontro no hospital", disse Eponine, mordendo uma batata frita. "O que é que você faz lá, afinal?"

"Principalmente tomo conta das crianças doentes", respondeu Ellie. "Há quatro ou cinco com doenças graves, temos até um menininho com RV-41, e eles gostam muito de ter visitas humanas. As biomas Tiasso são muito eficientes em fazer o hospital funcionar e em executar todos os procedimentos, mas não são lá muito carinhosas."

"Se não se importa que eu pergunte", disse Eponine depois de mastigar e engolir um pedaço de hambúrguer, "por que faz isso? Você é jovem, bonita, saudável. Deve haver umas mil coisas que você preferisse fazer."

"Para falar a verdade, não", respondeu Ellie. "Minha mãe tem um senso muito forte de comunidade, como sabe, e eu me sinto mais merecedora do que tenho depois de ajudar as crianças." Hesitou um momento. "Além do que, socialmente eu sou meio canhestra… Fisicamente, tenho dezenove ou vinte anos, o que é demais para a escola secundária, mas não tenho praticamente nenhuma experiência social", disse Ellie enrubescida. "Uma de minhas amigas na escola disse que os rapazes estão convencidos de que eu sou extraterrestre."

Eponine sorriu para sua protegida. Até mesmo ser um extraterrestre seria melhor do que ter RV-41, pensou ela. Mas essa rapaziada não sabe o que está perdendo, se na verdade estão deixando você de lado.

As duas moças terminaram seus jantares e deixaram o pequeno restaurante. Saíram caminhando pela praça da Cidade Central, no meio da qual havia um monumento, apropriadamente cilíndrico, inaugurado como parte das cerimônias comemorando o Dia do Assentamento. O monumento tinha dois metros e meio de altura. Suspensa no cilindro à altura dos olhos, havia uma esfera transparente

com cinqüenta centímetros de diâmetro. A pequena luz no centro da esfera representava o Sol, o plano paralelo ao solo era como o plano elíptico que contém a Terra e os outros planetas do sistema solar, e as luzes espalhadas pela esfera apresentavam posições relativas corretas de todas as estrelas dentro de um raio de vinte anos-luz do Sol.

Uma linha iluminada ligava o Sol e Sirius, indicando o caminho trilhado pelos Wakefields em sua odisséia de ida e de volta do Nodo. Uma outra linha de luz partia do sistema solar ao longo da trajetória seguida por Rama II desde que fora enriquecida pela colônia humana na órbita de Marte. A espaçonave anfitriã, representada por uma grande luz vermelha que piscava, no momento estava em uma posição mais ou menos a um terço do caminho entre o Sol e a estrela Tau Ceti.

"Ouvi dizer que a idéia do monumento veio inicialmente de seu pai", disse Eponine, quando as duas pararam perto da esfera celeste.

"Foi", disse Ellie. "Meu pai é realmente muito criativo na área de ciência e eletrônica."

Eponine ficou olhando para a luz que piscava. "Ele não fica aborrecido por estarmos indo em uma direção diferente, e não na de Sirius ou do Nodo?"

Ellie deu de ombros. "Acho que não. Mas nós não falamos muito sobre isso… Ele me disse que de qualquer jeito nenhum de nós teria capacidade para compreender o que esses extraterrestres estão fazendo." Eponine olhou em volta, pela praça. "Olhe só essa gente toda, correndo daqui para lá. A maior parte não pára nunca sequer para ver onde estamos… eu verifico a posição uma vez por semana." De repente, ela ficou muito séria. "Desde que me diagnosticaram o RV-41 tenho sentido uma necessidade compulsiva de saber onde estou, no universo… Não sei se isso é parte de meu medo da morte."

Após um longo silêncio, Eponine pôs o braço no ombro de Ellie. "Você alguma vez questionou a Águia sobre a morte?", disse ela.

"Não", respondeu suavemente Ellie. "Mas eu só tinha 4 anos quando deixei o Nodo. E por certo não tinha qualquer conceito de morte."

"Quando eu era criança, pensava como criança…", disse Eponine de si para si. "A respeito de que vocês falavam com a Águia?"

"Não me lembro exatamente", disse Ellie. "Patrick diz que a Águia gostava particularmente de nos ver distraindo com nossos brinquedos."

"É mesmo?", disse Eponine. "É surpreendente. Pela descrição de sua mãe, eu julgava a Águia séria demais para se interessar por jogos ou brincadeiras."

"Eu ainda consigo me lembrar muito bem da figura dele", disse Ellie, "mesmo sendo tão pequena. Mas não consigo me lembrar do som de sua voz".

“Algum dia você sonhou com ele?”, perguntou Eponine, pouco depois.

“Muitas vezes. Uma delas, ele estava em pé no alto de uma árvore enorme, olhando para mim lá de cima, nas nuvens.”

Eponine tornou a rir, e logo depois verificou a hora em seu relógio. “Estou atrasada para o meu compromisso. A que horas você vai para o hospital?”

“Tenho de estar lá às sete.” “Então é melhor irmos.”

Quando Eponine se apresentou no consultório do dr. Turner para seu check-up quinzenal, a Tiasso de serviço levou-a ao laboratório, obteve amostras de urina e sangue, depois pediu-lhe que se sentasse. A bioma depois informou Eponine de que o médico “estava atrasado”.

Um preto com olhos penetrantes e um sorriso amigável também estava na sala de espera. “Olá”, disse, quando seus olhos se encontraram; “meu nome é Amadou Diaba. Sou farmacêutico.”

Eponine apresentou-se, pensando que já havia visto aquele homem em algum lugar.

“Que dia lindo, não é?”, comentou o homem, após um breve silêncio. “É um alívio tirar aquela maldita braçadeira.”

Eponine então lembrou-se de Amadou. Ela o vira uma ou duas vezes em reuniões de portadores de RV-41. Alguém dissera a Eponine que ele adquirira o vírus por meio de uma transfusão de sangue, nos primórdios da colônia. Quantos seremos ao todo: 93 ou 94? Cinco apanharam a doença em transfusões de sangue, pensou Eponine.

“As grandes notícias sempre parecem chegar em pares”, dizia Amadou. “A Proclamação Mishkin foi anunciada apenas poucas horas antes das tais coisas pernudas serem vistas pela primeira vez.” Eponine olhou para ele intrigada. “Do que é que está falando?”, perguntou.

“Você ainda não ouviu falar dos pernudinhos?”, disse Amadou, rindo um pouco. “Mas onde é que você andou?”

Amadou esperou uns momentos até começar sua dissertação. “A equipe exploratória lá do outro habitat vinha há alguns dias trabalhando no processo de ampliação do ponto de penetração. Hoje repentinamente foram confrontados por um grupo de seis criaturas estranhas que saíram se arrastando do buraco que eles haviam feito na parede. Esses pernudinhos, como a televisão os chama, ao que parece vivem no outro habitat. Parecem bolas de golfe peludas presas a seis pernas articuladas gigantescas, que se movem muito, muito depressa… Eles engatinharam por cima dos homens, dos biomas e do equipamento durante mais ou menos uma hora, depois tornaram a desaparecer pelo buraco do ponto de penetração.”

Eponine estava a ponto de fazer algumas perguntas a respeito dos

pernudinhos, quando o dr. Turner saiu pela porta do consultório. “Sr. Diaba e srta.

Eponine, “tenho um relatório detalhado a respeito de cada um; quem vai ser o primeiro?”

O médico continuava a ter os olhos azuis mais maravilhosos. “O sr. Diaba já estava aqui antes de mim”, respondeu Eponine. “De modo que…”

“As damas sempre vêm primeiro”, interrompeu Amadou. “Até mesmo no Novo Éden.”

Eponine entrou na sala particular do dr. Turner. “Até agora tudo vai bem”, disse ele. “Você sem dúvida tem o vírus no seu sistema, porém não há qualquer sinal de deterioração do músculo cardíaco. Não sei exatamente por que, mas a doença parece evoluir mais rapidamente em uns que em outros…”

Como pode acontecer, meu médico bonitão, pensou Eponine, que você siga todos os dados da minha saúde tão de perto mas nunca parece notar os olhares que eu lhe venho lançando todo este tempo?

“Vamos mantê-la sob medicação normal de imunidade de sistema. Não tem efeitos colaterais graves e talvez seja em parte responsável por não encontrarmos indícios de atividades destrutivas do vírus… Fora isso, vem se sentido bem?”

Eles caminharam juntos até a sala de espera. O dr. Turner recordou para Eponine os sintomas que indicariam que o vírus tivesse evoluído para um novo estágio de seu desenvolvimento. Enquanto conversavam, a porta abriu-se e Ellie entrou na sala. A princípio, o dr. Turner ignorou sua presença, mas momentos depois sua cabeça voltou-se e um novo olhar foi bem diferente do primeiro.

“Posso fazer alguma coisa, mocinha?” perguntou ele a Ellie.

“Eu vim perguntar uma coisa a Eponine”, respondeu respeitosamente Ellie, “mas se estou perturbando, posso esperar lá fora.”

O dr. Turner sacudiu a cabeça e a partir daí foi surpreendentemente Ela deu uma tragada frenética e soltou a fumaça em pequenos jatos. “Aquele puto desta vez conseguiu, mesmo, Ep… me empurrou para o abismo… Filho da puta metido… acha que pode fazer o que quiser… eu aturei os casos dele e às vezes até deixava uma das mais moças vir conosco — a noite a três aliviava o tédio… mas eu era sempre ichiban, numero uno, ou pelo menos eu pensava que era…”

Kimberly apagou o cigarro e começou a torcer as mãos. Estava quase chorando. “E então hoje à noite ele me diz que eu ia me mudar… ‘O que’, perguntei eu, “o que você está querendo dizer?’… ‘Você vai se mudar’, disse ele…

Sem sorrir, sem discutir… ‘Junte as suas coisas’, disse ele, ‘tem

um apartamento para você lá atrás, em Xanadu.' 'É lá que as putas moram', eu respondi… Ele deu um sorrisinho e não disse nada… 'Então é isso, estou despedida', disse eu… e tive uma acesso de fúria… 'Você não pode fazer isso', eu disse… Tentei bater nele e ele agarrou minha mão e ainda me deu um bofetão na cara… 'Vai fazer o que eu mandar', disse ele… 'Não, senhor, seu puto'… e peguei um vaso e atirei. Bateu numa mesa e se espatifou. Em dois segundos dois homens tinham agarrado meus braços e prendido atrás de mim… 'Levem ela embora', disse o rei Jap.

"Eles me levaram para o meu apartamento novo. Muito simpático. No quarto de vestir tinha uma caixa enorme de kokomo enrolado… Eu fumei um inteiro e só faltei voar… Puxa, eu disse para mim mesma, isto aqui não é tão ruim assim. Pelo menos, não terei de aturar os desejos sexuais estranhos de Toshio…

Aí eu fui para o cassino, e estava me divertindo, superalta, até eu ver os dois…

em público, na frente de todo mundo… eu enlouqueci — gritei, guinchei, praguejei — cheguei até a pular em cima dela… mas alguém bateu na minha cabeça… e lá estava eu no meio do cassino, no chão, com o Toshio curvado em cima de mim… 'Se você algum dia tornar a fazer um coisa dessas', ele sibilou, 'vai ser enterrada ao lado de Marcello Danni'."

Kimberly enterrou o rosto nas mãos e começou a soluçar. "Ah, Ep", disse um pouco depois, "estou tão desesperada. Não tenho para onde ir. O que é que eu posso fazer?"

Antes que Eponine pudesse dizer alguma coisa, Kimberly começou a falar novamente. "Eu sei, eu sei, eu sei; eu podia tornar a trabalhar no hospital. Eles ainda precisam de enfermeira de verdade — por falar nisso, onde está o seu Lincoln?"

Eponine sorriu e apontou para o armário. "Muito bem", riu-se Kimberly.

"Mantenha o robô no escuro. Só deixe ele sair para lavar o banheiro, lavar a louça e cozinhar. Depois é direto para o armário…" Ela riu. "Os pintos deles não funcionam, sabe. Quero dizer, ter eles têm, anatomicamente é tudo perfeito, mas duro não fica. Uma noite quando eu estava doidona e sozinha peguei um para trepar comigo, mas na hora que eu disse 'entra' ele nem sabia do que eu estava falando… parecia até uns caras que eu conheci."

Kimberly andava agitada pela sala. "Eu não sei bem por que eu vim aqui", disse ela, acendendo outro cigarro. "Pensei em você e em mim, quero dizer, houve um tempo em que nós fomos amigas…" A voz dela foi sumindo. "Agora estou baixando, começando a me sentir deprimida. É horrível, terrível. Não posso suportar. Não sei o que esperava, mas você tem sua própria vida… É melhor eu ir embora."

Kimberly atravessou a sala e foi dar em Eponine um abraço meio inexpressivo. “Vê se se cuida, OK?”, disse Kimberly. “Não se preocupe comigo. Vai dar tudo certo.” Foi só depois que a porta se fechou e Kimberly já tinha ido embora que Eponine se deu conta de que não dissera uma única palavra enquanto sua examiga estivera na sala. E Eponine teve a certeza de que jamais tornaria a vê-la.

# 5

A sessão do Senado era aberta e qualquer habitante da colônia poderia assisti-la. A galeria só tinha trezentos lugares, que estavam lotados. Outras cem pessoas permaneciam de pé junto à parede ou sentadas nas passagens. No plenário, os 24 integrantes do legislativo do Novo Éden agora davam atenção a seu presidente, o governador Kenji Watanabe.

"Nossas discussões sobre o orçamento continuam hoje", disse Kenji, após bater seu martelo várias vezes para silenciar os presentes, "com uma fala do diretor do Hospital do Novo Éden, dr. Robert Turner. Ele fará um resumo do que foi realizado com as verbas da saúde no ano passado e apresentará suas necessidades para o ano que vem."

O dr. Turner caminhou até o pódio e fez um gesto para as duas Tiassos que estavam sentadas a seu lado. As biomas rapidamente armaram um projetor e montaram uma tela em cubo para o material visual que apoiaria a fala do dr.

Turner.

"Demos grandes passos no ano passado", começou o dr. Turner, "tanto na construção de um meio ambiente médico sólido para o Novo Éden quanto na compreensão de nosso nêmesis, o retrovírus RV-41, que continua a atacar nossa população. Nos últimos doze meses nós não só determinamos integralmente o ciclo de vida desse organismo complexo, como também desenvolvemos testes que nos permitem identificar com precisão todo e qualquer portador da moléstia…

"Todo mundo no Novo Éden foi testado em um período de três semanas que terminou há sete meses; 96 indivíduos na colônia foram identificados como infectados pelo retrovírus naquele momento. Desde o término daquela bateria de testes, apenas um novo transmissor foi encontrado. Houve três mortes por RV-41 nesse meio tempo, de modo que nossa população infectada, neste momento, é de 93…

"O RV-41 é um retrovírus fatal que ataca os músculos do coração, provocando uma atrofia irreversível. O portador humano acaba morrendo. Não há cura conhecida. Estamos experimentando uma variedade de técnicas que adiem o progresso da moléstia e recentemente tivemos alguns sucessos esporádicos e inconclusivos. No momento atual, até que consigamos abrir alguma nova brecha em nosso trabalho, temos de aceitar que todos os indivíduos afetados pelo retrovírus acabarão por sucumbir ante a sua virulência.

"O gráfico que vou projetar no cubo mostra os vários estágios da doença.

O retrovírus passa de um indivíduo para outro quando estes

compartilham fluidos corporais que impliquem qualquer combinação de sêmen e sangue. Não há indicação de que haja qualquer outro método de transmissão. Repito", disse o dr. Turner, agora gritando para poder ser ouvido acima do burburinho da galeria, "verificamos que só há contágio quando sêmen ou sangue estão implicados. Não podemos declarar categoricamente que outros fluidos corporais, tais como suor, muco, lágrimas, saliva e urina não possam ser agentes do contágio, porém nossos dados até aqui dão forte indício de que o RV-41 não possa ser passado adiante por meio de tais fluidos."

A conversa na galeria agora era generalizada. O governador Watanabe bateu com seu martelo várias vezes para aquietar a sala. Robert Turner limpou a garganta e continuou. "Esse retrovírus em particular é muito esperto, se é que poderia usar tal termo, e particularmente bem adaptado a seu anfitrião humano.

Como poderão ver pelo diagrama no cubo, ele é relativamente benigno nos primeiros dois estágios, quando em essência ele apenas reside, sem qualquer malefício, dentro das células do sangue e do sêmen. Pode ser que durante esse tempo ele já tenha começado a atacar o sistema imunológico. Não podemos ter certeza, porque durante esse estágio todos os dados de diagnóstico mostram um sistema imunológico saudável.

"Não sabemos o que detona o declínio do sistema imunológico. Algum processo inexplicável em nossos corpos complexos — e essa é uma área na qual precisamos de pesquisa mais intensa — repentinamente sinaliza ao vírus RV-41 que o sistema imunológico está vulnerável, e um poderoso ataque então tem início. A densidade do vírus no sangue e no sêmen repentinamente se eleva por várias ordens de magnitude. É então que a moléstia é mais contagiante, e é também então que o sistema imunológico é destruído."

O dr. Turner fez uma pausa, e mexeu nos papéis que estava lendo antes de continuar. "É curioso que o sistema imunológico nunca sobreviva a esse ataque. De algum modo, o RV-41 sabe quando pode ganhar, e jamais se multiplica antes de aquela condição específica de vulnerabilidade ser atingida.

Uma vez destruído o sistema imunológico, a atrofia dos músculos cardíacos começa e segue-se uma morte previsível.

"Nos últimos estágios da moléstia, o retrovírus RV-41 desaparece completamente tanto do sêmen quanto do sangue. Como poderão imaginar, tal desaparecimento cria um caos absoluto para o processo de diagnóstico. Para onde ele vai? Será que ele se 'esconde' de algum modo, transformando-se em alguma coisa que ainda não identificamos? Será que ele fica supervisionando a destruição gradativa dos músculos do coração, ou será a atrofia um simples efeito colateral do ataque anterior ao sistema imunológico? Todas essas são

indagações para as quais não temos respostas hoje.”

O médico parou um momento para tomar um gole de água. “Parte de nossa programação no ano que se acaba foi dedicada à investigação das origens da moléstia.

“Houve boatos de que de algum modo o RV-41 fosse natural do Novo Éden, talvez colocado aqui como alguma espécie de diabólica experimentação extraterrestre. Isso não passa de tolice. Nós positivamente trouxemos o retrovírus da Terra. Dois passageiros da Santa Maria morreram de RV-41 com diferença de três meses um do outro, o primeiro ainda durante a viagem da Terra para Marte.

Podemos estar certos, embora isso não nos sirva de encorajamento, de que nossos colegas na Terra estão também em luta contra esse demônio.

“Quanto à origem do RV-41, só posso especular. Se o banco de dados médicos que trouxemos da Terra tivesse sido de maior ordem de magnitude, então talvez eu pudesse identificar sua origem sem adivinhações… No entanto, devo ressaltar que o genoma deste retrovírus RV-41 é surpreendentemente semelhante a um patógeno criado pela engenharia genética dos humanos como parte dos testes de um conjunto de vacinas realizados nos primeiros anos de século XXII.

“Permitam-me que eu explique um pouco mais. Depois do desenvolvimento bem-sucedido de vacinas para o retrovírus AIDS, que foi uma praga terrível das duas últimas décadas do século XX, a tecnologia médica aproveitouse da engenharia biológica para expandir o leque de todas as vacinas existentes.

Mais especificamente, os biólogos e os médicos usaram a engenharia para criar retrovírus e bactérias novos e mais mortíferos a fim de provar que determinada classe de vacina tinha um grande espectro de aplicações bem-sucedidas. Todo esse trabalho, é claro, foi realizado sob cuidadoso controle e sem risco para a população.

“Quando ocorreu o Grande Caos, no entanto, as verbas de pesquisa foram severamente cortadas e muitos laboratórios médicos tiveram de ser abandonados.

Os patógenos armazenados em pontos isolados pelo mundo afora foram presumivelmente destruídos. A não ser que… e é nesse ponto que minha especulação entra nesta explicação.

“O retrovírus que nos tem afetado aqui no Novo Éden é surpreendentemente semelhante ao retrovírus AQT19 que a engenharia criou em 2107 no Laboratório Médico Laffont no Senegal. É possível, devo admitir, que um agente de ocorrência natural pudesse ter um genoma semelhante ao AQT19, e que portanto minha especulação estivesse errada. Entretanto, estou persuadido de que todos os AQT19 daquele laboratório no Senegal não foram convencido. Estou convencido de que de algum modo esse retro-vírus

em particular sobreviveu, passou por pequenas mutações no século seguinte — possivelmente vivendo em hospedeiros símios — e eventualmente fez seu caminho até seres humanos.

Sendo esse o caso, nós seríamos os criadores originais da moléstia que nos está matando."

Na galeria estourou uma gritaria. O governador Watanabe novamente bateu seu martelo para aquietar a platéia, desejando intimamente que o dr.

Turner guardasse suas conjecturas para si mesmo. Nessa altura, o diretor do hospital começou sua discussão de todos os projetos que precisariam de verba no ano seguinte. O dr. Turner pedia que sua verba fosse o dobro do que tivera no ano anterior, o que provocou um gemido audível no plenário.

Os vários oradores que se seguiram imediatamente ao dr. Turner não passaram na realidade de enfeite. Todo mundo sabia que a única fala importante do dia além daquela seria a de Ian MacMillan, candidato a governador da oposição nas eleições que se realizariam daqui a três meses. Todos sabiam, também, que o atual governador, Kenji Watanabe e o candidato de seu partido, Dmitri Ulanov, eram a favor de significativo aumento no orçamento médico, mesmo que novos impostos fossem necessários para financiá-lo. Constava que MacMillan era contra qualquer aumento nas verbas do dr. Turner.

Ian MacMillan fora fragorosamente derrotado por Kenji Watanabe na primeira eleição geral realizada na colônia. Desde então, MacMillan mudara sua residência de Beauvois para Hakone, fora eleito para o Senado pelo distrito de Vegas e aceitara uma lucrativa posição no crescente império comercial de Toshio Nakamura. Era um casamento perfeito. Nakamura precisava de alguém "aceitável" para dirigir a colônia para ele, e MacMillan, que era um homem ambicioso sem quaisquer valores ou princípios definidos, queria ser governador.

"E muito fácil", começou Ian MacMillan a ler seu discurso, "ouvir o dr.

Turner e depois abrirmos nossos corações e bolsas, aprovando verbas para todos os seus pedidos. Isso é que está errado nesses debates sobre orçamento. Cada chefe de departamento é capaz de apresentar fortes argumentos em favor de suas propostas. Mas ouvindo o que se diz sobre cada item em separado acabamos ficando cegos ao quadro geral. Não estou querendo dizer que o programa do dr.

Turner não seja em tudo meritório, no entanto, penso que um debate sobre prioridades justifica-se neste momento."

O estilo oratório de MacMillan melhorara bastante desde que ele se mudara para Hakone e era óbvio que ele fora cuidadosamente ensaiado. No entanto, ele não era um orador nato e muitas vezes os

gestos que preparara pareciam quase cômicos. Seu principal argumento era o de que os portadores de RV-41 compunham menos de cinco por cento da população do Novo Éden e que os custos do que se fazia para ajudá-los eram inacreditavelmente caros.

"Por que deveria o resto da população da colônia ser forçada a passar privações em benefício de um grupo tão pequeno?", disse ele. "Além do que, há outras questões, mais prementes, exigindo maiores verbas, questões que afetam cada um dos habitantes da colônia e provavelmente terão impacto sobre nossa própria sobrevivência."

Quando Ian MacMillan apresentou sua versão da história dos pernudinhos que "saíram correndo" do habitat vizinho a Rama e "assustaram" a equipe exploratória da colônia, ele deu a entender que seu "ataque" fora a primeira incursão de uma planejada guerra interespécies. MacMillan fantasiou que os pernudinhos seriam seguidos por "criaturas mais temíveis" que aterrorizariam os coloniais, particularmente as mulheres e crianças. "Dinheiro para defesa é dinheiro para todos nós", disse ele.

O candidato MacMillan sugeriu também que a pesquisa ambiental fosse outra atividade "muito mais importante para o bem-estar da colônia" do que o programa médico delineado pelo dr. Turner. Louvando o trabalho realizado pelos engenheiros do tempo, disse ser possível antever um futuro no qual todos os habitantes teriam conhecimento total do tempo que estaria por vir.

Sua fala foi interrompida várias vezes por aplausos na galeria. Quando finalmente ele discutiu a questão dos indivíduos sofrendo de RV-41, o sr.

MacMillan delineou um plano "com maior eficácia para os custos" para enfrentar "sua terrível tragédia". "Criaremos uma nova aldeia para eles, do lado de fora do Novo Éden, onde poderão passar seus últimos dias em paz."

"Em minha opinião", disse ele, "todos os esforços médicos em relação ao RV-41 deverão, no futuro, restringir-se às tentativas de se isolar e identificar todos os mecanismos por meio dos quais essa praga é transmitida de indivíduo a indivíduo. Até tal pesquisa terminar, será do interesse de toda a população desta colônia, inclusive dos infelizes portadores da moléstia, manter os portadores sob quarentena a fim de que não possa haver mais contaminações acidentais".

Nicole e sua família estavam na galeria. Tinham atormentado Richard para que comparecesse, mesmo apesar de ele não gostar de reuniões políticas.

Richard ficara enojado com o discurso de MacMillan. De sua parte, Nicole ficara assustada, já que o que o homem dissera não deixava de ter certo apelo. Eu me pergunto quem estará escrevendo os discursos dele, pensou, quando ele terminou, e sentiu-se culpada por

haver subestimado Nakamura.

Quase no fim do discurso de MacMillan, Ellie Wakefield havia deixado silenciosamente seu lugar na galeria. Seus pais ficaram atônitos, alguns instantes mais tarde, ao vê-la lá embaixo, no plenário, aproximando-se do pódio. O mesmo aconteceu com as outras pessoas na galeria, que pensaram ser Ian MacMillan o último orador do dia. Todos estavam se preparando para sair, mas quase todos tornaram a se sentar quando Kenji Watanabe apresentou Ellie.

"Na nossa aula de civismo na escola secundária", começou ela, com o nervosismo patente em sua voz, "nós temos estudado a constituição e os procedimentos do Senado. Pouca gente sabe que qualquer cidadão do Novo Éden tem o direito de falar em sessões abertas como esta…"

Ellie respirou fundo antes de continuar. Na galeria, tanto sua mãe quanto sua professora Eponine inclinaram-se para a frente e agarraram o balaústre metálico que ficava à sua frente. "Hoje eu quis falar", disse Ellie com mais força, "porque acredito ter um ponto de vista único quanto à questão dos que são vítimas do RV-41. Em primeiro lugar, sou jovem e, em segundo, até pouco mais de três anos eu jamais tivera o privilégio de interagir com qualquer ser humano fora da minha família.

"Por ambos os motivos, eu encaro a vida humana como um tesouro. A minha palavra foi escolhida cuidadosamente. Um tesouro é uma coisa a que se dá grande valor. Esse homem, esse incrível médico que trabalha o dia inteiro e às vezes a noite inteira para nos manter com boa saúde, obviamente também encara a vida humana como um tesouro.

"Quando falou, o dr. Turner não lhes disse por que nós deveríamos financiar seus programas, só o que era a moléstia e como a deveríamos combater.

Ele supunha que todos nós já deveríamos saber por quê. Depois de ouvir o sr.

MacMillan, comecei a ter minhas dúvidas.

"Nós temos de continuar a estudar essa horrível moléstia, até ela ficar circunscrita e controlada, porque a vida humana é um produto muito precioso.

Cada pessoa é, individualmente, um milagre único, uma espantosa combinação de elementos químicos complexos com talentos, sonhos e experiências particulares. Nada pode ser mais importante para a colônia de modo geral do que uma atividade que tenha por objetivo a preservação da vida humana.

"Compreendi pelo que o dr. Turner nos disse hoje aqui que seu programa é caro. Se for necessário aumentar os impostos para pagar por ele, então cada um de nós talvez tenha de passar sem algum item

especial que estava desejando.

É um preço bastante baixo para se pagar pelo tesouro da companhia de um outro ser humano.

“Minha família e meus amigos me dizem às vezes que eu sou desesperadamente ingênua. Pode ser que seja verdade. Mas talvez a minha inocência me permita ver as coisas com mais clareza do que os outros. Neste caso, creio que só há uma pergunta a fazer: se você ou algum membro de sua família recebesse um diagnóstico de RV-41 positivo, você então apoiaria o plano do dr. Turner? Muito obrigada.” Houve um estranho silêncio quando Ellie desceu do pódio, depois vieram aplausos ensurdecedores. Lágrimas corriam nas faces de Nicole e Eponine. No plenário, o dr. Turner estendeu as mãos para Ellie.

# 6

Quando Nicole abriu os olhos, Richard estava sentado a seu lado, na beira da cama, segurando uma xícara de café. “Você disse que queria ser acordada às sete”, disse ele.

Ela sentou-se e pegou a xícara. “Obrigada, querido. Mas por que não deixou o Linc…”

“Resolvi trazer o café eu mesmo… Há notícias da Planície Central de novo.

Eu queria conversar com você sobre o assunto, mesmo sabendo que você não gosta de ser obrigada a pensar sério logo que acorda.”

Nicole tomou um longo gole de café e sorriu para o marido. “Quais são as novidades?”, perguntou.

“Houve mais dois incidentes com pernudinhos ontem à noite, o que completa quase uma dúzia esta semana. Nossas forças de defesa, ao que consta, destruíram três pernudinhos que estavam ‘perturbando’ a equipe de engenharia.”

“Os pernudinhos deram indícios de querer lutar?”

“Não, nenhum. Ao primeiro ruído de tiros, eles saíram correndo para o buraco que dá no outro habitat… A maior parte escapou, como acontecera anteontem.”

“E você continua convencido de que eles sejam observadores à distância, como os biomas aranha de Rama I e II?”

Richard fez que sim. “E você pode imaginar o que os outros estarão pensando de nós… atiramos em criaturas desarmadas sem provocação… reagimos de forma hostil ao que certamente é uma tentativa de estabelecer contato…”

“Eu também não gosto disso”, disse Nicole suavemente. “Mas o que poderemos fazer? O Senado autorizou explicitamente as equipes exploratórias a se defenderem.”

Richard estava a ponto de responder quando notou que Benjy estava parado na porta. O rapazinho sorria. “Posso entrar, Mamãe?”, perguntou.

“É claro, querido”, respondeu Nicole abrindo os braços. “Venha me dar um grande abraço de aniversário.”

“Feliz aniversário, Benjy”, disse Richard quando o menino, maior do que a maioria dos homens, foi abraçar a mãe na cama.

“Obrigado, tio Richard.”

“Nós ainda vamos fazer um piquenique na Floresta de Sherwood hoje?”, perguntou Benjy vagarosamente.

“Claro que sim”, respondeu sua mãe. “E de noite vamos ter uma festona.”

“Vivaaa!”, disse Benjy. Era sábado. Tanto Patrick quanto Ellie

estavam dormindo até tarde porque não tinham aula. Linc serviu o desjejum de Richard, Nicole e Benjy, enquanto os adultos olhavam o noticiário da manhã na televisão. Apareceu um pequeno filme da mais recente "confrontação com pernudinhos" perto do segundo habitat, além de comentários feitos por ambos os candidatos ao governo.

"Como venho dizendo há semanas", salientou Ian MacMillan ao repórter da televisão, "temos de expandir de forma dramática os preparativos de defesa. Já começamos finalmente a elevar o patamar das armas disponíveis para nossas forças, mas temos de agir com mais ousadia nesse terreno."

Uma entrevista com o diretor do serviço meteorológico concluiu as notícias matinais. A mulher explicou que o tempo excepcionalmente seco e ventoso que vinham tendo recentemente era causado por um "erro de modelo" em suas simulações de computador. "Durante toda a semana temos tentado em vão produzir chuva. Agora, é claro, já que estamos no fim de semana, programamos muito sol… Mas prometemos chuva para a semana que vem."

"Eles não têm a menor idéia do que estão fazendo", resmungou Richard, desligando a televisão. "Estão supersaturando o sistema de comandos e gerando o caos."

"O que é o 'caos', tio Richard?", perguntou Benjy.

Richard hesitou por um instante. "Acho que a definição mais fácil é a ausência da ordem. Porém, na matemática a palavra tem um sentido mais preciso. Ela é usada para descrever respostas desmedidas a pequenas perturbações", riu Richard. "Desculpe, Benjy. Às vezes, eu gosto de falar na língua do pê científica."

Benjy sorriu. "Eu gosto quando você fala comigo como se eu fosse normal", disse ele. "E às ve-zes eu com-pre-en-do um pou-qui-nho."

Nicole pareceu preocupada enquanto Linc tirava a mesa do café. Quando Benjy saiu da sala para escovar os dentes, ela se inclinou na direção do marido.

"Você falou com Katie?", perguntou. "Ela não atendeu ao telefone, nem ontem de tarde e nem ontem à noite."

Richard sacudiu a cabeça.

"Benjy vai ficar arrasado se ela não aparecer para a festa dele… Vou mandar Patrick procurá-la, agora de manhã."

Richard levantou-se de sua cadeira e deu a volta à mesa. Curvando-se, ele pegou a mão de Nicole. "E você, sra. Wakefield, programou algum descanso e relaxamento em algum ponto de seu sobrecarregado programa? Lembre-se de que estamos no fim de semana."

"Vou ao hospital hoje de manhã ajudar a treinar as duas paramédicas novas. Depois, Ellie eu pretendemos sair daqui às dez horas, com Benjy. Na volta, eu paro um instante no tribunal — ainda

não li os dossiês dos casos programados para segunda-feira. Tenho uma reunião rápida com Kenji às duas e dou minha aula de patologia às três… Às quatro e meia devo estar em casa."

"O que lhe dará estritamente o tempo necessário para preparar a festa de Benjy. Fora de brincadeira, querida, você precisa diminuir um pouco essa batida.

Afinal, você não é uma bioma." Nicole beijou o marido. "Olhe só quem fala. Você não é quem trabalha vinte ou trinta horas sem parar quando se envolve com algum projeto excitante?"

Ela fez uma pequena pausa e ficou séria. "Tudo isso é tão importante, querido…

Sinto que estamos em um momento crucial para a colônia, e que o que faço realmente faz diferença, no caso."

"Não há dúvida, Nicole. Você está tendo uma grande importância. Mas precisa também de algum tempo para você mesma."

"Isso é artigo de luxo", disse Nicole abrindo a porta do quarto de Patrick, "a ser saboreado em minha velhice".

Quando eles saíram do meio das árvores para o grande prado, coelhos e esquilos saíram correndo de seu caminho. No outro lado do prado, tranqüilamente comendo no meio de uma área de flores púrpuras, estava um filhote de alce. Ele virou sua cabeça de galhada nova na direção de Nicole, Ellie e Benjy, quando estes se aproximaram, e correu aos saltos para a floresta.

Nicole consultou seu mapa. "Deve haver umas mesas para piquenique em algum ponto por aqui, bem ao lado do prado."

Benjy ajoelhou-se junto a um grupo de flores amarelas onde havia muitas abelhas "M-mel", disse ele, sorrindo. "As a-be-lhas fazem mel em suas col-méias."

Ao fim de alguns minutos eles conseguiram localizar as mesas e estenderam a toalha sobre uma delas. Linc havia preparado sanduíches — os preferidos de Benjy eram de manteiga de amendoim com geléia — e laranjas e grapefruits frescos dos pomares perto de San Miguel. Enquanto almoçavam, uma outra família passou pelo outro lado do prado e Benjy acenou para eles.

"A-que-las pes-soas não sabem que é meu a-ni-ver-sá-rio", disse ele.

"Mas nós sabemos", disse Ellie, erguendo seu copo de limonada para fazer um brinde. "Parabéns, meu irmão!"

Logo antes de eles terminarem sua refeição, uma pequena nuvem passou sobre suas cabeças e as brilhantes cores do prado escureceram por alguns momentos. "É uma nuvem, excepcionalmente escura", comentou Nicole para Ellie; mas logo depois a relva e as flores ficaram novamente banhadas pelo sol.

“Quer sobremesa agora?”, perguntou Nicole a Benjy. “Ou prefere esperar um pouco?”

“Primeiro, vamos brincar.” Ele pegou seu equipamento de beisebol que estava na sacola do piquenique e entregou a luva a Ellie. “Vamos”, disse ele, correndo para o prado.

Enquanto seus dois filhos jogavam bola, Nicole guardou os restos da refeição. Estava a ponto de juntar-se a Ellie e Benjy quando ouviu o alarme de seu rádio de pulso. Apertou o botão do receptor, e em lugar de visor digital de hora apareceu uma imagem de televisão. Nicole aumentou o volume para ouvir o que Kenji Watanabe tinha a dizer-lhe.

“Sinto muito incomodá-la, Nicole”, disse Kenji, “mas temos uma emergência. Foi registrado um caso de estupro, e a família deseja um indiciamento imediato. É um caso delicado, em sua jurisdição, e creio que tem de ser atendido agora… Não desejo dizer mais nada agora”.

“Estarei aí em meia hora”, respondeu Nicole.

A princípio, Benjy ficou acabrunhado porque seu piquenique teria de ser encerrado. No entanto, Ellie persuadiu a mãe de que não haveria problema se ela ficasse com Benjy na floresta mais uma hora ou duas. Ao deixar o prado, Nicole entregou o mapa da Floresta de Sherwood a Ellie, e justo naquele momento uma nuvem bem maior apareceu cobrindo o sol artificial do Novo Éden.

Não havia qualquer sinal de vida no apartamento de Katie. Patrick ficou temporariamente sem ação. Onde procurá-la? Nenhum de seus colegas de faculdade morava em Vegas, de modo que ele realmente não sabia sequer por onde começar.

Resolveu telefonar a Max Puckett de um telefone público. Max deu a Patrick o nome e telefone de três indivíduos conhecidos dele que moravam em Vegas “Nenhuma dessas pessoas é do tipo que você convidaria para a sua casa, se é que me compreende”, disse Max, rindo? “mas têm bom coração e provavelmente encontrarão sua irmã”.

O único nome que Patrick reconheceu foi o de Samantha Porter, cujo apartamento ficava a umas poucas centenas de metros do telefone. Muito embora já estivesse no início da tarde, ela ainda estava de robe quando finalmente atendeu à porta. “Pensei que era você, quando olhei pelo monitor”, disse ela com um sorriso sexy. “Você é Patrick O’Toole, não é?”

Patrick acenou que sim e ficou arrastando os pés, desconfortável, durante um longo silêncio. “Srta. Porter”, disse ele finalmente, “estou com um problema…”

“Você é jovem demais para ter problemas”, interrompeu Samantha, rindo bastante. “Por que você não entra e nós discutimos o assunto?”

Patrick enrubesceu. “Não, senhora”, disse ele, “não é esse tipo de problema… É só que eu não consigo encontrar minha irmã Katie e pensei que talvez pudesse me ajudar”.

Samantha, que já estava se virando para conduzir o rapaz para dentro do apartamento, parou e voltou-se para encará-lo. “É por isso que veio me procurar?” disse ela. Sacudindo a cabeça, ela tornou a rir. “Mas que desapontamento! Pensei que tinha vindo para umas brincadeirinhas. E depois eu ia poder contar para todo mundo se, afinal, você é ou não um extraterrestre!”

Patrick continuou na porta, sem saber o que fazer. Depois de alguns segundos, Samantha deu de ombros. “Acho que Katie passa a maior parte do tempo no palácio”, disse. “Vá até o cassino e pergunte por Sherry. Ela vai saber por onde anda a sua irmã.”

“Eu sei, eu sei, Mr. Kobayashi, eu compreendo. Wakarimasu”, estava dizendo Nicole ao senhor japonês em seu escritório. “Posso bem imaginar o que deve estar sentindo. Pode ter a certeza de que a justiça será feita.” Ela acompanhou o homem até a sala de espera, onde ele se juntou à sua mulher. Os olhos de sra. Kobayashi estavam inchados de tanto chorar. Sua filha de dezesseis anos estava no hospital do Novo Éden, passando por um exame médico completo. Tinha sido fortemente espancada, porém sua condição não era crítica.

Nicole telefonou ao dr. Turner depois de conversar com os Kobayashis.

“Há esperma fresco na vagina da moça”, disse o médico, “e escoriações em praticamente cada centímetro quadrado de seu corpo. Além do que, ela está emocionalmente arrasada — o estupro parece ser uma forte possibilidade.”

Nicole suspirou. Mariko Kobayashi havia dado o nome de Pedro Mar-tinez, o rapaz que estrelara com Ellie na peça da faculdade, como sendo o estuprador.

Seria possível? Nicole rodou a cadeira até o outro lado de sua sala, para alcançar o banco de dados da colônia por seu computador.

Martinez, Pedro Escobar… nascido a 26 de maio de 2228 em Manágua, Nicarágua… mãe solteira, Maria Escobar, empregada doméstica, freqüentemente desempregada… pai provavelmente Ramon Martinez, portuário preto do Haiti…

seis meio-irmãos e irmãs, todos mais moços… condenado por venda de kokomo, 2241, 2242… estupro, 2243… oito meses na Casa de Correção de Manágua…

prisioneiro modelo… Transferido para a Casa do Acordo na Cidade do México, 2244… IE 1.86, CS 52.

Nicole leu duas vezes as breves informações do computador antes de fazer Pedro entrar em seu escritório. Ele sentou-se segundo

sugestão de Nicole, e ficou olhando para o chão. Um bioma Lincoln permaneceu de pé a um canto durante toda a entrevista, gravando cuidadosamente a conversa.

"Pedro", disse Nicole suavemente. Não houve resposta. Ele sequer levantou os olhos. "Pedro Martinez", repetiu ela, agora com mais força, "você compreende que está sendo acusado de haver estuprado Mariko Kobayashi ontem à noite?... Estou certa de não precisar explicar a você a seriedade dessa acusação... Você tem agora a oportunidade de responder à acusação feita por ela".

Pedro continuou sem dizer nada. "No Novo Éden", continuou Nicole, finalmente, "temos um sistema judiciário que pode ser diferente do que você conheceu na Nicarágua. Aqui os casos criminais não resultam em indiciamento imediato, a não ser que um juiz, após examinar os fatos, acredite que haja razão suficiente para tal indiciamento. É por isso que eu estou falando com você".

Após um longo silêncio, o rapaz, sem levantar os olhos, resmungou alguma coisa inaudível.

"O que foi?", perguntou Nicole.

"Ela está mentindo", disse Pedro, bem mais alto. "Eu não sei por que, mas Mariko está mentindo."

"Você gostaria de me contar a sua versão do que aconteceu?"

"E que diferença iria fazer? Ninguém vai acreditar em mim, de qualquer modo."

"Pedro, escute... Se, com base na investigação inicial, meu tribunal concluir quê não há razões suficientes para prosseguir com a acusação, seu caso será dispensado... É claro que a seriedade da acusação exige uma investigação muito completa, o que significa que você terá de fazer uma declaração completa e de responder algumas perguntas bastante duras."

Pedro Martinez levantou a cabeça e encarou Nicole com olhos tristes.

"Juíza Wakefield", disse ele com tranqüilidade, "Mariko e eu fizemos sexo ontem à noite, mas foi idéia dela... ela achou que seria divertido ir para a floresta..." O rapaz calou-se e tornou a ficar olhando para o chão.

"Você já tinha tido relações sexuais com Mariko em outras ocasiões?", perguntou Nicole depois de alguns momentos.

"Só uma vez — há mais ou menos dez dias", respondeu Pedro. "Pedro, quando vocês fizeram amor ontem à noite... foi tudo muito físico?"

Lágrimas rolaram dos olhos de Pedro, por suas faces. "Eu não bati nela", disse ele apaixonadamente. "Eu jamais a machucaria..."

Enquanto o rapaz falava, ouviu-se um estranho som a distância, como o estalar de um grande chicote, apenas em tom bem mais grave.

“O que foi isso?”, perguntou-se Nicole, em voz alta.

“Soou como um trovão”, comentou Pedro.

O trovão também foi ouvido na aldeia de Hakone, onde Patrick estava sentando em uma suíte luxuosa do palácio de Nakamura, conversando com sua irmã Katie, esta envergando um caro conjunto de seda azul.

Patrick ignorou o ruído inexplicado, pois estava com muita raiva. “Você está dizendo que não vai nem tentar ir à festa de Benjy hoje à noite? E o que é que eu devo dizer a mamãe?”

“Diga o que bem quiser”, disse Katie, pegando um cigarro e colocando-o entre os lábios. “Diga que não me encontrou.” Acendendo o cigarro com um isqueiro de ouro, ela soprou a fumaça na direção do irmão. Ele tentou afastá-la sacudindo a mão.

“O que é isso, irmãozinho”, disse Katie rindo. “Pode deixar que não mata.”

“Pelo menos não imediatamente”, respondeu ele.

“Olhe, Patrick”, disse Katie levantando-se e começando a andar pela suíte, “Benjy é um idiota, um retardado. Nós jamais fomos muito unidos. Ele nem sequer vai notar que eu não estou lá, a não ser que alguém fale no assunto.”

“Está enganada, Katie. Ele é mais inteligente do que você pensa. Está sempre perguntando por você.”

“Merda, irmãozinho”, respondeu Katie, “você só está dizendo isso para me fazer sentir culpada… Olhe, eu não vou. Quero dizer, eu até poderia pensar no assunto se fosse só você, Benjy e Ellie — muito embora ela tenha virado um pé no saco desde seu discurso ‘maravilhoso’. Mas você sabe como é comigo e com a mamãe. Ela não larga nunca do meu pé”.

“Ela se preocupa com você, Katie.”

Katie deu um riso nervoso e acabou o cigarro com uma última tragada.

“Claro que sim, Patrick… A única coisa com que ela se preocupa é que eu não deixe a família embaraçada.” Patrick levantou-se para sair. “Você não tem de ir agora”, disse Katie. “Por que não fica um pouco? Eu visto uma roupa e nós descemos até o cassino…

Lembra-se de como nós costumávamos nos divertir juntos?”

Katie dirigiu-se para o quarto. “Você está tomando alguma droga?”, perguntou Patrick repentinamente.

Ela parou e virou-se para o irmão. “Quem quer saber?”, perguntou Katie desafiadora. “Você ou Madame Cosmonauta Doutora Governadora Juíza Nicole des Jardins Wakefield?”

“Eu quero saber”, disse Patrick tranqüilamente.

Katie atravessou a sala e pousou as mãos nas faces de Patrick. “Eu

sou sua irmã e te amo", disse ela. "Nada mais tem importância."

Nuvens escuras se haviam juntado em torno das amenas colinas da Floresta de Sherwood. O vento estava varrendo as árvores, soprando para trás os cabelos de Ellie. Um relâmpago foi imediatamente seguido por um trovão.

Benjy assustou-se e Ellie apertou-o junto a si. "De acordo com o mapa, nós estamos a apenas um quilômetro da borda da floresta."

"E isso é muito longe?", perguntou Benjy.

"Se andarmos depressa", gritou Ellie para ser ouvida apesar do vento, "então podemos chegar lá em apenas dez minutos". Pegando a mão de Benjy, ela o foi puxando a seu lado pelo caminho.

Um momento mais tarde, um raio rachou uma árvore atrás deles e um grande galho caiu atravessado no caminho. O galho bateu nas costas de Benjy, derrubando-o. A maior parte de seu corpo caiu na trilha, mas a cabeça aterrissou nas plantas e na hera verde que ficavam na base das árvores da floresta. O barulho do trovão quase o ensurdeceu.

Ele ficou no chão da floresta por vários segundos, tentando compreender o que lhe acontecera, mas finalmente levantou-se. "Ellie", disse ele à forma prostrada de sua irmã, do outro lado da trilha, com os olhos fechados.

"Ellie!" gritou Benjy, meio andando, meio se arrastando para o lado em que ela estava. Ele a agarrou pelos ombros e sacudiu-a levemente. Os olhos dela não se abriram, mas o inchaço em sua testa, para cima e para o lado de seu olho direito já estava do tamanho de uma laranja.

"O que é que eu vou fazer?", disse Benjy em voz alta. Ele sentiu cheiro de fogo e olhou imediatamente para as copas das árvores. Viu as chamas saltando de um ramo para outro, batidas pelo vento. Veio um outro relâmpago, mais trovões. Na frente dele, mais adiante, na direção em que estavam indo, Benjy viu que um grande incêndio estava se espalhando por ambos os lados do caminho, e ficou olhando em pânico.

Ele segurou a irmã em seus braços e deu-lhe uns tapinhas no rosto.

"Ellie", disse ele, "por favor acorde". Ela não se mexeu e o fogo se espalhava rapidamente em torno deles. Em breve aquela área da floresta estaria transformada em um inferno.

Benjy estava aterrorizado. Ele tentou levantar Ellie, mas tropeçou e caiu.

"Não, não, não", gritou ele, ficando novamente de pé e curvando-se para erguer Ellie para seus ombros. A fumaça estava ficando grossa. Benjy começou a moverse lentamente, descendo pelo caminho, com

Ellie nas costas.

Estava exausto quando atingiu o prado. Com delicadeza, deixou Ellie em uma das mesas de pedra e sentou-se em um banco. O fogo estava ficando fora de controle no lado norte do prado. E agora o que é que eu faço? pensou. Seus olhos caíram no mapa no bolso da camisa de Ellie. Isso pode me ajudar. Ele agarrou o mapa e olhou-o. A princípio não conseguiu compreender nada e começou a entrar novamente em pânico.

Calma, Benjy, ouviu ele, no tranqüilizador tom usado por sua mãe. É um pouco difícil, mas você consegue. Os mapas são muito importantes. Eles nos dizem aonde ir… E a primeira coisa a se fazer é sempre botar o mapa de um jeito que se possa ler o que está escrito. Viu? Isso mesmo. Quase sempre a parte que fica para cima se chama norte. Ótimo. Este é um mapa da Floresta de Sherwood…

Benjy virou o mapa nas mãos até as letras ficarem de cabeça para cima.

Os raios e os trovões continuavam. Uma mudança repentina do vento enfiou fumaça em seus pulmões e ele tossiu. Depois tentou ler as palavras escritas no mapa.

Novamente pareceu-lhe ouvir a voz de sua mãe. Senão reconhecer uma palavra da primeira vez pegue cada letra por seu som e pronuncie, bem devagar.

E depois deixe os sons irem se juntando até formar uma palavra que você conheça.

Benjy olhou para Ellie, deitada na mesa. “Acorda, por favor acorda, Ellie”, disse ele. “Eu preciso de sua ajuda”. Mas ela não se mexeu.

Ele se debruçou sobre o mapa e tentou concentrar-se. Com esforço e resolução, Benjy foi dizendo o som das letras até se convencer de que a mancha verde no mapa era o prado onde estava sentado. As linhas brancas são os caminhos, disse ele para si mesmo. Há três linhas brancas que vão dar na mancha verde.

Benjy levantou os olhos do mapa, contou os três caminhos que levavam para fora do prado, e sentiu uma onda de autoconfiança. Momentos mais tarde, no entanto, uma lufada de vento carregou umas brasas pelo prado e incendiou as árvores do lado sul. Benjy moveu-se com rapidez. Eu tenho de ir, disse ele, e novamente carregou Ellie nas costas.

Ele agora compreendia que o incêndio principal estava na parte norte do mapa, para o lado da aldeia de Hakone. Benjy ficou olhando de novo para o papel em suas mãos. Então eu tenho de ficar nas linhas brancas na parte de baixo, pensou ele.

O rapaz foi andando pesadamente pelo caminho abaixo e uma outra árvore explodiu bem acima de sua cabeça, ao longe. Sua irmã

continuava deitada em seu ombro e na mão direita ele empunhava o mapa. Benjy parava para olhar o mapa a cada dez passos, verificando a cada vez se ainda continuava na direção correta. Quando finalmente alcançou um entroncamento principal de caminhos, Benjy pousou Ellie delicadamente no chão e com o dedo seguiu as linhas brancas no mapa. Ao fim de um minuto, ele deu um grande sorriso, tornou a carregar a irmã e seguiu pelo caminho que levava à aldeia de Positano. Houve mais um relâmpago, um trovão reboou, e uma chuva torrencial começou a cair sobre a Floresta de Sherwood.

# 7

Várias horas mais tarde, Benjy dormia pacificamente em sua cama, em casa. Enquanto isso, do outro lado da colônia, o hospital do Novo Éden era um hospício. Humanos e biomas corriam de um lado para outro, macas com corpos estavam espalhadas pelos corredores, pacientes urravam em agonia. Nicole estava falando com Kenji Watanabe no telefone. “Precisamos de todos os Tiassos da colônia aqui, o mais rápido possível. Tente substituir as que estão na geriatria e na pediatria por Garcias ou até mesmo por Einsteins. Providencie pessoal humano para as clínicas das aldeias. A situação está muito séria.”

Ela mal conseguia ouvir o que Kenji dizia, por causa do barulho no hospital. “Está muito, muito ruim”, disse ela. “Até agora atendemos 27, e sabemos já de quatro mortes. Toda a área de Nara — aquele bairro de casas de madeira em estilo japonês atrás de Vegas, cercado pela floresta — é um desastre.

O fogo apareceu rápido demais… As pessoas entraram em pânico.”

“Dra. Wakefield, Dra. Wakefield. Por favor, venha ao Número 204 imediatamente.” Nicole desligou o telefone e correu pelo corredor, subindo as escadas de dois em dois degraus. O homem morrendo no 204 era um velho amigo coreano, Kim Lee, que fora o elemento de ligação de Nicole com a comunidade Hakone durante o período em que ela fora governadora provisória.

O sr. Kim fora o primeiro a construir uma casa nova em Nara. Durante o incêndio, ele tinha entrado correndo na casa em chamas a fim de salvar seu filho de sete anos. O filho ia viver, pois o sr. Kim o protegera com muito cuidado ao atravessar as chamas. Mas o próprio Kim Lee sofrera queimaduras de terceiro grau no corpo todo.

Nicole passou pelo dr. Turner no corredor. “Acho que não podemos fazer nada por seu amigo no 204”, disse ele. “Gostaria de sua opinão… Pode me chamar na sala de emergência. Acabam de trazer mais um caso crítico, uma mulher que ficou presa dentro da casa.”

Nicole respirou fundo e abriu lentamente a porta do quarto. A mulher do sr. Kim, uma bonita coreana de trinta e poucos anos, estava sentada em silêncio a um canto. Nicole entrou e abraçou-a. Enquanto Nicole consolava a sra. Kim, a Tiasso que estava monitorando os dados do sr. Kim trouxe-lhe um conjunto de gráficos. A condição do homem era realmente sem esperanças.

Quando Nicole levantou os olhos dos papéis, ficou surpresa ao ver sua filha Ellie, com um grande curativo do lado direito da cabeça, de pé ao lado da cama do sr. Kim, segurando a mão do moribundo.

“Nicole”, disse o sr. Kim em agoniado sussurro tão logo a reconheceu. Seu rosto era só pele enegrecida e dizer qualquer palavra provocava imensa dor.

“Quero morrer”, disse o homem, indicando com a cabeça a mulher, lá em seu canto.

A sra. Kim levantou-se e se aproximou de Nicole. “Meu marido quer que eu assine os papéis da eutanásia”, disse ela. “Mas não estou disposta a fazê-lo a não ser que você me diga que não há absolutamente nenhuma possibilidade de ele jamais poder tornar a ser feliz.” Começando logo depois a chorar, ela se obrigou a parar.

Nicole hesitou um momento. “Não posso dizer-lhe uma coisa dessas, sra.

Kim”, disse soturnamente Nicole, alternando seu olhar entre o queimado e sua mulher. “O que posso dizer-lhe é que ele provavelmente morrerá em algum momento nas próximas 24 horas e que sofrerá incessantemente até morrer. Se por algum milagre médico ele sobreviver, ficará gravemente deformado e debilitado para o resto de sua vida.”

“Eu quero morrer agora”, repetiu com esforço o sr. Kim.

Nicole mandou a Tiasso buscar os documentos para a eutanásia. Os papéis exigiam assinatura do médico assistente, do cônjuge, e do próprio indivíduo se, na opinião do médico, estivesse com capacidade para tomar suas próprias decisões. Enquanto a Tiasso se ausentou, Nicole fez um gesto para que Ellie fosse encontrar com ela no lado de fora do quarto.

“O que é que você está fazendo aqui?”, perguntou Nicole em voz baixa, quando já não podiam ser ouvidas. “Eu disse a você para ficar em casa descansando. Você teve uma concussão muito séria.”

“Eu estou bem, mamãe”, disse Ellie. “Além do que, quando soube que o sr.

Kim estava muito queimado, quis fazer alguma coisa para ajudar. Ele foi tão bom amigo, nos primeiros tempos.”

“Ele está em péssimo estado”, disse Nicole, sacudindo a cabeça. “Não consigo acreditar que ainda esteja vivo.”

Ellie esticou o braço para tocar no braço da mãe. “Ele quer que sua morte tenha utilidade”, disse ela. “A sra. Kim conversou comigo… Já mandei chamar Amadou, mas preciso que você fale com o dr. Turner.”

Nicole ficou olhando para ela. “Mas, afinal, do que é que você está falando?”

“Você não se lembra de Amadou Diaba…? O amigo de Eponine, o farmacêutico nigeriano com a mãe Senoufo. É aquele que pegou RV-41 em uma transfusão… Seja como for, Eponine me disse que o coração dele está se deteriorando muito rapidamente.”

Nicole ficou em silêncio por vários segundos, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Finalmente disse: “Você quer que eu peça ao dr. Turner para realizar um transplante cardíaco manual agora, no meio de toda essa crise?”

“Se ele resolver agora, poderia operar esta noite, mais tarde, não poderia?

O coração do sr. Kim pode ser mantido saudável pelo menos por esse período de tempo.”

“Olhe, Ellie, nós nem sequer sabemos…”

“Eu já verifiquei”, interrompeu Ellie. “Uma das Tiasso já verificou que o sr.

Kim seria um doador aceitável.”

Nicole tornou a sacudir a cabeça. “Está bem, está bem”, disse ela. “Vou pensar no assunto. Mas nesse meio tempo, quero que deite e descanse.

Concussão não é uma coisinha à toa.”

“Está me pedindo que eu faça o quê?”, disse um incrédulo Dr. Turner a Nicole.

“Bem, dr.. Turner”, disse Amadou com seu sotaque britânico muito correto, “não é a dra. Wakefield quem realmente faz tal pedido. Sou eu. Eu lhe imploro que execute tal operação. E por favor não leve em consideração o ser ela arriscada. O senhor mesmo já me informou de que não tenho mais de três meses de vida. Sei muito bem que posso morrer na mesa de operação. Mas se sobreviver, segundo as estatísticas que me mostrou, tenho cinqüenta por cento de chances de viver por mais oito anos. Eu poderia até mesmo me casar e ter um filho”.

O dr. Turner virou-se e olhou para o relógio na parede de seu consultório.

“Esqueça por um momento, sr. Diaba, que já é mais de meia-noite e que passei nove horas consecutivas trabalhando em vítimas de queimaduras. Pense no que está me pedindo. Há cinco anos que não faço um transplante. E nunca fiz um sem o apoio da melhor equipe cardiológica e o melhor equipamento da Terra.

Todo o trabalho cirúrgico, por exemplo, sempre foi executado por robôs.”

“Compreendo tudo isso, dr. Turner. Porém, não é realmente relevante.

Sem a operação, eu morro com certeza. É quase certo que não apareça um outro doador dentro de um futuro próximo. Além do que, Ellie me disse que o senhor tem andado revendo todos os procedimentos de transplante cardíaco como parte de seu trabalho de elaboração dos pedidos orçamentários para novos equipamentos…”

O dr. Turner lançou um olhar enigmático a Ellie. “Minha mãe me

contou o quanto seus estudos preliminares foram detalhados, dr. Turner. Espero que não fique aborrecido por eu ter dito alguma coisa a Amadou."

"Eu terei prazer em ajudá-lo em tudo o que for possível", acrescentou Nicole. "Embora eu jamais tenha feito qualquer cirurgia cardíaca pessoalmente, fiz uma residência completa em um instituto de cardiologia."

O dr. Turner olhou em volta da sala, primeiro para Ellie, depois para Amadou e Nicole. "Bem, acho que fica resolvido, então. Parece que ninguém me deu muita escolha."

"Vai operar?", exclamou Ellie, transbordando de entusiasmo juvenil.

"Vou tentar", respondeu o médico. Ele foi até Amadou Diaba e estendeulhe ambas as mãos. "Você sabe, não sabe, que há muito poucas probabilidades de você despertar?"

"Sei, sim, dr. Turner. Porém, pouquíssimas probabilidades são sempre melhor do que nenhuma… Eu fico muito agradecido."

O dr. Turner voltou-se para Nicole. "Nós nos encontraremos na minha sala para uma revisão de procedimentos dentro de quinze minutos… E por falar nisso, dra. Wakefield, por favor peça a uma Tiasso que nos traga um bule de café fresco."

A preparação para o transplante reviveu lembranças que o dr. Turner enterrara no mais profundo de sua mente. Uma ou duas vezes, ele chegou mesmo a imaginar durante vários segundos que estava de volta ao Centro Médico de Dallas. Lembrou-se principalmente do quanto fora feliz naqueles dias distantes em um outro mundo. Ele amava seu trabalho; tinha amado sua família. Sua vida tinha sido quase perfeita.

Os doutores Turner e Wakefield escreveram cuidadosamente a seqüência exata dos acontecimentos que seguiriam antes de iniciar o procedimento. Depois, durante a operação em si, eles pararam para verificar um com o outro quando cada etapa principal era completada. Nada de inesperado ocorreu em qualquer momento durante o procedimento. Quando o dr. Turner retirou o antigo coração de Amadou, ele o virou para que Nicole e Ellie (que insistira em ficar para o caso de haver alguma coisa na qual pudesse ajudar) pudessem ver até que ponto os músculos já estavam atrofiados. O coração do homem estava um desastre. Era provável que morresse em menos de um mês.

Uma bomba automática manteve o sangue do paciente circulando enquanto o novo coração era "engatado" em todas as principais artérias e veias. Era a parte mais difícil e perigosa da operação. Em toda a experiência do dr. Turner, aquele segmento jamais fora

executado por mãos humanas.

A habilidade cirúrgica do dr. Turner fora refinadíssima pelas muitas operações manuais que realizara em seus três anos no Novo Éden. Até ele mesmo ficou surpreendido com a facilidade com que ligou o novo coração aos vasos sangüíneos críticos de Amadou.

Já mais para o fim de todo o processo, quando todas as fases perigosas já haviam sido completadas, Nicole ofereceu-se para executar as tarefas que ainda faltavam, mas o dr. Turner sacudiu a cabeça. Apesar de já ser quase manhã na colônia, estava resolvido a concluir ele mesmo toda a operação.

Seria a fadiga extrema que fazia com que os olhos do dr. Turner lhe pregassem peças durante os últimos minutos da operação? Ou teria sido talvez a onda de adrenalina que acompanhou sua compreensão de que o procedimento iria ser bem-sucedido? Fosse qual fosse a razão, durante os estágios finais da operação, Robert Turner observou periodicamente transformações notáveis no rosto de Amadou Diaba. Várias vezes o rosto de seu paciente alterou-se lentamente ante seus olhos, com as feições de Amadou transformando-se nas de Carl Tyson, o jovem preto que o dr. Turner assassinara no Texas. Uma vez, ao terminar um ponto, o dr. Turner levantou os olhos para Amadou e ficou assustado com o sorriso abusado de Carl Tyson. O médico piscou, tornou a olhar, mas na mesa de operação só quem estava era Amadou Diaba.

Depois daquele fenômeno ocorrer várias vezes, o dr. Turner perguntou a Nicole se o notara alguma coisa inusitada a respeito do rosto de Amadou. “Nada além de seu sorriso”, respondeu ela. “Eu jamais vira alguém sorrir sob anestesia.”

Quando a operação terminou e a Tiasso comunicou que todos os sinais vitais do paciente estavam excelentes, o dr. Turner, Nicole e Ellie ficaram exultantes, apesar da exaustão. O médico convidou as duas mulheres para se juntarem a ele em seu consultório para uma comemoração final com uma xícara de café. Naquele momento, ele ainda não sabia que ia pedir Ellie em casamento.

Ellie ficou atônita e só olhando para o médico. Ele olhou para Nicole, depois tornou a fixar o olhar em Ellie. “Eu sei que é repentino”, disse o dr.

Turner. “Porém, não há dúvidas em minha mente. Eu já vi o bastante. Eu a amo.

Quero casar-me com você. E quanto mais depressa melhor.” A sala ficou em silêncio total por quase um minuto. O médico caminhou até a porta de seu consultório e trancou-a. Depois desligou o telefone. Ellie começou a falar, mas ele interrompeu apaixonadamente: “Não. Há uma coisa que tenho de fazer, primeiro.”

Sentando-se em sua cadeira, ele respirou fundo. “Algo que eu já devia ter feito há muito tempo”, disse ele, falando baixo. “Além do que, vocês merecem saber da verdade a meu respeito.”

Lágrimas começaram a rolar dos olhos do dr. Turner até mesmo antes de ele começar a contar sua história. Sua voz fraquejou assim que começou a falar, mas depois ele se controlou e iniciou sua narrativa.

“Eu tinha 33 anos e estava cego de felicidade. Já era um dos principais cirurgiões cardíacos da América e tinha uma mulher bonita e amorosa, e duas filhas, de dois e três anos. Vivíamos em uma mansão com uma piscina dentro de um comunidade de um clube de campo a cerca de quarenta quilômetros de Dallas, Texas.

“Uma noite, quando cheguei em casa do hospital — já era muito tarde, porque eu tinha supervisionado uma operação excepcionalmente delicada de coração aberto — fui parado no portão de nossa comunidade pelos guardas da segurança. Agiram de modo muito estranho, como se não soubessem o que fazer, mas depois de um telefonema e uns olhares esquisitos na minha direção, deixaram-me passar.

“Dois carros da polícia e uma ambulância estavam estacionados em frente à minha casa. Três caminhões de reportagem de televisão estavam espalhados pelo beco sem saída logo adiante de onde eu morava. Quando comecei a dobrar para entrar para a minha entrada, um policial me parou. Com flashes pipocando por todo lado e refletores de televisão me cegando, o policial me levou para dentro de casa.

“Minha mulher jazia debaixo de um lençol, no hall de entrada, ao lado da escada que levava ao andar de cima. Sua garganta fora cortada. Ouvi gente conversando lá em cima e corri para ver minhas filhas. As duas ainda estavam caídas onde haviam sido mortas — Christie no chão do banheiro, Amanda na caminha dela. O filho da mãe também cortara suas gargantas.”

Grandes soluços de desolação sacudiam o dr. Turner. “Jamais me esquecerei daquela terrível visão. Amanda deve ter sido morta enquanto dormia, pois não havia qualquer marca nela a não ser o talho… Que espécie de ser humano poderia matar criaturinhas tão inocentes?”

As lágrimas do dr. Turner caíam em cascatas por suas faces. Seu peito arfava sem controle. Durante alguns momentos, não pôde falar. Ellie, suavemente, foi até a cadeira dele, sentou-se no chão e segurou-lhe a mão.

“Durante os cinco meses que se seguiram fiquei absolutamente entorpecido. Não conseguia trabalhar, nem comer. Várias pessoas tentaram ajudar-me — amigos, psiquiatras, outros médicos — porém

eu não conseguia funcionar. Eu simplesmente não podia aceitar que minha mulher e minhas filhas tivessem sido assassinadas.

"A polícia já tinha um suspeito em menos de uma semana. Seu nome era Carl Tyson. Era um jovem preto, de 23 anos, que entregava compras para um supermercado lá perto. Minha mulher sempre usava a televisão para as compras. Carl Tyson tinha vindo à nossa casa várias vezes antes — eu me lembro até de vê-lo uma ou duas delas — e sem dúvida conhecia o interior da casa.

"Apesar de meu atordoamento durante todo aquele período, tive consciência do que vinha acontecendo na investigação do assassinato de Linda. A princípio, tudo parecia muito simples. Impressões digitais recentes de Carl Tyson foram encontradas na casa inteira. Ele estivera no condomínio fazendo entregas naquela mesma tarde. A maior parte das jóias de Linda desaparecera, de modo que o roubo era o motivo óbvio. Supus que o suspeito seria sumariamente condenado e executado.

"Mas o caso foi ficando muito complexo. Nenhuma das jóias de Linda foi jamais encontrada. Os seguranças haviam lançado o horário de entrada e saída de Carl Tyson no livro de ocorrências, e ele só estivera no condomínio por vinte e dois minutos, o que não era tempo suficiente para entregar as compras e executar o roubo, além de cometer os assassinatos. Além do que, depois que um advogado famoso resolveu defender Tyson e o ajudou a preparar seus depoimentos sob juramento, Tyson insistiu em que Linda lhe pedira para mudar alguns móveis de lugar naquela tarde, o que seria a explicação perfeita para a presença de suas impressões digitais pela casa afora…"

O dr. Turner fez uma pausa, pensando, com a dor estampada em seu semblante. Ellie apertou-lhe ligeiramente a mão e ele continuou.

"Quando chegou o momento do julgamento, a promotoria argumentou que Tyson trouxera compras para nossa casa naquela tarde e descobrira, ao conversar com Linda, que eu estaria operando até muito mais tarde naquela noite. Já que minha mulher era uma pessoa simpática e confiante, não seria implausível que conversasse um pouco com o rapaz das entregas e até mesmo mencionado que eu só chegaria mais tarde… Seja como for, o promotor argumentou que Tyson voltara depois do trabalho no supermercado, subira o muro de pedra construído pelo clube de campo para o condomínio, e atravessara o campo de golfe. Ele então teria entrado na casa no intuito de roubar as jóias de Linda e esperado que toda a família estivesse dormindo. Aparentemente, minha mulher o teria enfrentado e Tyson, entrando em pânico, matara primeiro Linda e depois as crianças, para ter a certeza de que não haveria testemunhas.

"A despeito do fato de ninguém ter visto Tyson voltar para nossa

vizinhança, julguei o caso apresentado pela promotoria como extremamente persuasivo, acreditando que o homem seria facilmente condenado. Afinal, ele não tinha qualquer álibi para o período de tempo durante o qual ocorreram os assassinatos. A lama encontrada nos sapatos de Tyson era exatamente igual à do riacho que ele teria de atravessar para chegar aos fundos da casa. Ele não aparecera para trabalhar nos dois dias que se seguiram aos crimes. E mais, quando foi preso Tyson estava carregando uma grande quantia em dinheiro que ele disse ter "ganho em um joguinho de pôquer".

"Durante o período da defesa, no julgamento, comecei a nutrir sérias dúvidas quanto ao sistema judiciário americano. O advogado dele transformou o caso em uma questão racial, retratando Carl Tyson como um pobre e infeliz rapaz preto que estava sendo embrulhado por provas circunstanciais. Seu advogado argumentou enfaticamente que tudo o que Tyson havia feito naquele dia de outubro fora entregar compras na minha casa. Uma outra pessoa, disse o advogado, algum maníaco desconhecido, subira o muro de Greenbriar, roubara as jóias e depois assassinara Linda e as crianças. "Nos últimos dois dias do julgamento fiquei convencido, mais pela observação da linguagem corporal dos jurados do que por qualquer outra coisa, de que Tyson seria absolvido. Fiquei enlouquecido de indignação moral. Não havia a menor dúvida em minha mente de que o rapaz cometera os crimes. Pensar que ele saísse livre dali era intolerável.

"Todos os dias durante o julgamento — que durou cerca de seis semanas — eu compareci ao tribunal carregando minha maleta médica. A princípio os seguranças verificavam a maleta cada vez que eu chegava, porém depois, e especialmente porque a maioria se solidarizava com minha angústia, eles simplesmente me deixavam entrar.

"No fim de semana antes do julgamento ser concluído, eu voei até a Califórnia, ostensivamente a fim de comparecer a um seminário médico, mas na verdade a fim de comprar uma espingarda de caça no mercado negro que coubesse dentro de minha maleta de médico. Como esperava, no dia do veredicto ser anunciado, os guardas não me fizeram abrir a maleta.

"Quando a absolvição foi anunciada, houve uma gritaria no tribunal.

Todos os pretos nas galerias gritavam vivas. Carl Tyson e seu advogado, um sujeito chamado Irving Bernstein, caíram nos braços um do outro. Eu estava pronto para agir. Abri minha maleta, armei rapidamente a arma, pulei a separação e matei os dois, um com cada cartucho."

O dr. Turner respirou fundo e fez uma pausa. "Jamais admiti antes, sequer para mim mesmo, que o que fiz seja errado. No entanto,

há algum momento durante esta operação em seu amigo sr. Diaba compreendi claramente o quanto o meu ultraje emocional me tem envenenado a alma durante todos esses anos…

Meu violento ato de vingança não me trouxe de volta minha mulher e minhas filhas. E nem me fez feliz, a não ser por aquela doentia felicidade animal que senti no instante em que soube que tanto Tyson quanto seu advogado iriam morrer."

Lágrimas de contrição apareceram então nos olhos do dr.. Turner. Ele olhou para Ellie. "Embora talvez eu não a mereça, eu a amo, Ellie Wakefield, e desejo muito casar-me com você. Espero que você possa perdoar o que fiz há tantos anos."

Ellie levantou os olhos para o dr. Turner e tornou a apertar sua mão. "Eu sei muito pouco a respeito de romance", disse ela lentamente, "pois não tive nenhuma experiência. Mas o que sinto a por você é maravilhoso. Eu o admiro, eu o respeito, talvez eu até o ame. Eu gostaria de conversar com meus pais sobre o assunto, naturalmente… mas sim, dr. Robert Turner, se eles não fizerem objeção, eu ficaria muito feliz em me casar com você".

# 8

Nicole debruçou-se sobre a pia e examinou seu rosto no espelho. Passou os dedos pelas rugas debaixo dos olhos e alisou a franja grisalha. Você já é quase uma velha, disse a si mesma, depois sorriu. "Estou envelhecendo, envelhecendo, vou ter de enrolar a barra das calças", disse alto.

Nicole riu e se afastou do espelho, virando-se para poder ver como parecia pelas costas. O vestido em verde irlandês que estava planejando usar para o casamento de Ellie ajustava-se bem a seu corpo, que continuava esguio e atlético depois de tantos e tantos anos. Nada mau, pensou Nicole, com aprovação. Pelo menos não dá para Ellie se sentir envergonhada.

Na mesa-de-cabeceira junto à sua cama estavam duas fotografias de Geneviève e seu marido que Kenji Watanabe lhe dera. Quando voltou para o quarto, Nicole pegou as fotos e ficou olhando para elas. Não pude ir a seu casamento, Geneviève, pensou ela repentinamente, em um acesso de saudades.

Sequer conheci seu marido.

Lutando com suas emoções, Nicole cruzou rapidamente para o outro lado do quarto e ficou durante quase um minuto olhando para uma fotografia de Simone e Michael O'Toole, tirada no dia de seu casamento no Nodo. E eu a deixei apenas uma semana depois da cerimônia… Você era tão jovem, Simone, disse Nicole para si mesma, porém sob muitos aspectos era bem mais madura do que Ellie…

Ela não se permitiu completar o pensamento. Era sempre doloroso demais pensar em Geneviève ou em Simone. Seria mais saudável concentrar-se no presente, e Nicole resolutamente esticou a mão e pegou na foto de Ellie que ficava pendurada na parede, ao lado das de suas irmãs e seus irmãos. Então, você será minha terceira filha a casar-se. Parece impossível. Às vezes, a vida anda depressa demais.

Uma montagem de imagens de Ellie passou como um relâmpago pela mente de Nicole. Tornou a vê-la como um bebezinho tímido deitada a seu lado na Sala Branca na Rama II, o rostinho atônito de menininha quando eles se aproximaram do Nodo a bordo do transporte, suas novas feições de adolescente quando despertou do longo sono, e finalmente a maturidade da decisão e coragem que apareceram quando falou diante dos cidadãos do Novo Éden em defesa do programa do dr. Turner. Foi uma viagem maravilhosa pelo passado.

Nicole recolocou a foto de Ellie na parede e começou a despir-se. Acabara de pendurar o vestido no armário quando ouviu um som estranho, algo como um choro, nos limites extremos de sua audição. O

que era aquilo? perguntou-se.

Nicole ficou sentada, imóvel, por vários minutos, porém não ouviu quaisquer outros ruídos. Quando se levantou, no entanto, repentinamente teve a estranha sensação de que tanto Geneviève quanto Simone estavam no quarto com ela.

Nicole olhou em torno, porém continuava sozinha.

O que está acontecendo comigo? Será que tenho trabalhado demais? Será que a mistura do Caso Martinez com o casamento me empurraram para além dos limites? Ou será este mais um de meus episódios psíquicos?

Nicole tentou acalmar-se respirando lenta e profundamente. Não conseguiu, no entanto, livrar-se da sensação de que Geneviève e Simone estivessem efetivamente no quarto com ela. A presença das duas era tão forte que Nicole teve de fazer enorme esforço para não falar com elas.

Lembrava-se com muita clareza das discussões que tivera com Simone antes de seu casamento com Michael O'Toole. Talvez seja por isso que estão aqui.

Vieram lembrar-me que tenho andado tão ocupada que não tive minha conversa de casamento com Ellie. Nicole deu uma pequena gargalhada, mas continuou a sentir um arrepio em seus braços. Desculpem-me, minhas queridas, disse ela tanto à foto de Ellie quanto aos espíritos de Geneviève e Simone ali no quarto. Prometo que amanhã…

Desta vez o guincho foi inconfundível. Nicole ficou paralisada em seu quarto com a adrenalina correndo pelo seu corpo. Em poucos segundos, saiu correndo, atravessando a casa na direção do escritório onde Richard estava trabalhando.

"Richard", disse, mesmo antes de alcançar a porta do escritório, "você ouviu…?"

Nicole parou no meio da frase. O escritório estava um caos. Richard estava no chão, cercado por um par de monitores e uma pilha confusa de equipamentos eletrônicos. O robozinho do Príncipe Hal estava em uma das mãos, e o precioso computador portátil que Richard guardara da missão Newton estava na outra.

Três biomas — duas Garcias e um Einstein parcialmente desmontado — curvavam-se sobre ele.

"Ora, olá, querida", disse Richard, muito à vontade. "O que está fazendo aqui? Pensei que a esta hora estaria dormindo."

"Richard, tenho a certeza de que ouvi o guincho de uma daquelas aves.

Não faz mais de um minuto. Foi muito perto." Nicole hesitou, tentando decidir se deveria contar-lhe ou não a respeito da visita de Geneviève e Simone.

A testa de Richard franziu-se. “Eu não ouvi nada”, respondeu ele. “Algum de vocês ouviu?”, perguntou ele aos biomas. Todos sacudiram a cabeça, inclusive o Einstein, cujo peito estava todo aberto e ligado por quatro cabos aos monitores no chão.

“Eu sei que ouvi alguma coisa”, insistiu Nicole, e depois ficou em silêncio por um momento. Será esse outro sinal de Estresse Terminal? perguntou-se ela.

Depois, Nicole olhou para o caos no chão e em frente a ela. “E por falar nisso, o que é que você está fazendo?”

“Isto?”, perguntou Richard com um gesto vago que englobava tudo. “Ora, nada de especial. Só mais um projeto meu.”

“Richard Wakefield”, respondeu ela depressa, “você não está me dizendo a verdade. Toda essa bagunça aí no chão não pode ser ‘nada de especial’ — eu te conheço muito bem. Então, o que é que há de tão secreto que…?

Richard mudara a imagem em seus três monitores ativos e agora estava sacudindo a cabeça com vigor. “Não estou gostando disso”, resmungou ele. “Nem um pouco.” Levantou os olhos para Nicole. “Você, por acaso, obteve acesso a meus arquivos de dados recentes que estão guardados no supercomputador central? Talvez até inadvertidamente?”

“Claro que não. Eu não sei sequer seu código de entrada… mas não era disso que eu queria falar…”

“Alguém obteve…” Richard digitou rapidamente um diagnóstico de subrotina de segurança e estudou um dos monitores. “Pelo menos cinco vezes nas últimas três semanas… Tem certeza de que não foi você?”

“Tenho, Richard”, respondeu enfaticamente Nicole. “Mas você está continuando a mudar de assunto. Eu quero saber o que é tudo isto.” Richard pousou o Príncipe Hal no chão na frente dele e levantou os olhos para Nicole. “Não estou ainda realmente pronto para lhe contar, querida”, disse ele após a hesitação de um momento. “Por favor, dê-me mais uns dois dias.”

Nicole ficou intrigada. Mas finalmente seu rosto alegrou-se. “Tudo bem, querido; se for um presente de casamento para Ellie esperarei com o maior prazer…”

Richard voltou ao trabalho. Nicole sentou-se na única cadeira que não estava empilhada de coisas. Ao observar o marido, percebeu o quanto ela estava cansada, e convenceu-se de que sua fadiga é que deveria tê-la levado a imaginar o guincho que ouvira.

“Querido”, disse ela suavemente um ou dois minutos mais tarde.

“O que é”, respondeu ele, olhando-a do chão.

“Você alguma vez se pergunta o que, realmente, está sendo realizado no Novo Éden? Quero dizer, por que razão fomos deixados

aqui tão sozinhos pelos criadores de Rama? A maior parte dos coloniais levam avante suas vidas sem jamais pensar no fato de estarem viajando pelo espaço interestelar em uma espaçonave construída por extraterrestres. Como isso pode ser possível? Por que razão a Águia ou qualquer outra manifestação igualmente maravilhosa de sua superior tecnologia alienígena não aparece por aqui, de repente? Então talvez nossos problemas mesquinhos…"

Nicole parou quando Richard começou a rir. "O que foi?", perguntou.

"Isso me lembra de uma conversa que tive certa vez com Michael O'Toole.

Ele estava frustrado porque eu não aceitava, por fé, o testemunho ocular dos apóstolos. E depois ele me disse que Deus deveria saber que haveria uma espécie de Tomés duvidadores, e programado freqüentes visitas de Cristo após a ressurreição."

"Mas a situação é completamente outra", argumentou Nicole.

"Será?", retrucou Richard. "O que os primeiros cristãos relataram a respeito de Cristo não pode ter sido mais difícil de aceitar do que nossas descrições do Nodo ou de nossa longa jornada que dilatava o tempo com suas velocidades relativistas… É muito mais reconfortante para os coloniais acreditar que esta espaçonave foi criada como uma experiência da AEI. Muito poucos entendem o suficiente de ciência para compreender que Rama está muitíssimo além de nossas potencialidades tecnológicas."

Nicole ficou em silêncio por um momento. "Então não há nada que possamos fazer para convencê-los…"

Ela foi interrompida pelo zunido triplo indicando que o telefonema que chegava era urgente. Nicole tropeçou pelo chão para ir atendê-lo, e o rosto preocupado de Max Puckett apareceu no monitor.

"Estamos com uma situação perigosa aqui do lado de fora do conjunto de detenção", disse ele. "Há uma turba furiosa, talvez umas setenta ou oitenta pessoas, principalmente de Hakone. Querem chegar até Martinez. Já liquidaram duas biomas Garcia e atacaram três outras. O juiz Mishkin está tentando argumentar com eles, mas o clima é péssimo. Aparentemente, Mariko Kobayashi se suicidou há cerca de duas horas. Toda a família dela está aqui, inclusive o pai…"

Nicole tinha vestido um training em menos de um minuto. Richard tentou em vão argumentar com ela. "A decisão foi minha", disse ela, enquanto montava na bicicleta. "Sou eu quem deve arcar com as conseqüências."

Ela manobrou a bicicleta para fora de casa, chegou à ciclovia principal e começou a pedalar furiosamente. Mantendo alta velocidade, ela poderia chegar ao centro administrativo em quatro ou cinco minutos. Menos da metade do tempo que levaria se fosse de

trem àquela hora da noite. Kenji errou, pensou ela.

Deveríamos ter feito uma entrevista coletiva hoje de manhã. E eu poderia ter explicado a decisão.

Quase cem coloniais se encontravam reunidos na praça principal da Cidade Central. Estavam caminhando por perto do complexo de detenção do Novo Éden, onde Pedro Martinez se encontrava desde o momento em que fora indiciado pelo estupro de Mariko Kobayashi. O juiz Mishkin estava parado no alto da escadaria da frente do centro, e falava à turba zangada por meio de um megafone.

Vinte biomas, principalmente Garcias com um par de Lincolns e Tiassos agregado ao grupo, estavam de braços dados na frente do juiz Mishkin e evitavam que a turba subisse as escadas à frente do juiz.

"Escutem aqui", estava dizendo o russo grisalho, "se Pedro Martinez for culpado, então ele será condenado. Porém, nossa constituição lhe garante um julgamento justo…"

"Cala a boca, velho", gritou alguém na multidão. "Nós queremos Martinez", gritou uma outra voz.

Do lado esquerdo, em frente ao teatro, seis jovens orientais estavam construindo uma forca improvisada. Houve vivas da platéia quando um deles amarrou uma grossa corda, com um laço, na trave superior. Um japonês parrudo de vinte e poucos anos abriu caminho até a frente da multidão. "Sai do caminho, velho", disse ele. "E leva esses biomas mecânicos com você. Não é com você que estamos brigando. Estamos aqui para garantir justiça para a família Kobayashi."

"Lembrem-se de Mariko", gritou uma jovem. Ouviu-se um barulho forte quando um rapazola ruivo bateu na cara de uma Garcia com um bastão de beisebol metálico. A Garcia, com os olhos destruídos e o rosto deformado e irreconhecível, não reagiu mas não deixou seu lugar.

"Os biomas não vão reagir", disse o juiz Mishkin ao megafone. "Eles foram programados para serem pacifistas. Mas destruí-los não traz qualquer proveito. É uma violência sem sentido, tola."

Dois indivíduos chegaram correndo de Hakone, distraindo momentaneamente a turba de seu objetivo. Pouco mais de um minuto depois, a turba indócil aplaudiu o aparecimento de duas vastas toras de madeira, carregadas por uma dúzia de jovens cada. "Agora vamos remover os biomas que estão protegendo o assassino Martinez", disse o jovem porta-voz japonês. "Esta é sua última oportunidade, velho. Saia do caminho antes de se machucar."

Muitos indivíduos da multidão correram para tomar posição junto às toras que pretendiam usar como aríetes. Nesse momento, Nicole Wakefield entrou na praça em sua bicicleta.

Ela desmontou rapidamente, caminhou através do cordão de

isolamento e correu escada acima para ficar ao lado do juiz Mishkin. “Hiro Kobayashi”, gritou ela no megafone antes de a multidão a reconhecer. “Vim aqui para lhe explicar por que não haverá julgamento por júri para Pedro Martinez. Quer fazer o favor de chegar até aqui a frente, para eu poder vê-lo?”

O Kobayashi pai, que tinha estado para um lado da praça, caminhou vagarosamente até a base dos degraus à frente de Nicole.

“Kobayashi-san”, disse Nicole em japonês, “lamento muito saber da morte de sua filha…”

“Hipócrita”, gritou alguém em inglês, e a multidão começou a resmungar.

“Sendo mãe”, continuou Nicole, “posso imaginar a dor terrível que deve se passar pela morte de uma filha…”

“E agora”, disse ela, falando em inglês e dirigindo-se à multidão em geral, “permitam que eu explique a todos minha decisão de hoje. Nossa constituição no Novo Éden reza que todo cidadão terá direito a um ‘julgamento justo’. Em todos os outros casos desde que esta colônia foi fundada, indiciamento por crime tem levado a um julgamento por júri. No caso do sr Martinez, no entanto, em razão de toda a publicidade havida, estou convencida de que não seria possível encontrar um corpo de jurados sem preconceitos.”

Um coro de assovios e vaias interrompeu Nicole por momentos. “Nossa constituição não define o que se deve fazer para garantir o ‘julgamento justo’ quando um júri de pares não é possível. No entanto, nossos juízes foram supostamente escolhidos para fazer valer a lei e foram treinados para resolver casos com base em evidências. E é por isso que entreguei o indiciamento de Martinez à jurisdição do Tribunal Especial do Novo Éden. Lá todas as provas — algumas delas jamais trazidas a público — serão cuidadosamente avaliadas.”

“Mas todos nós sabemos que o rapaz Martinez é culpado”, gritou em resposta um desatinado sr. Kobayashi. “Ele até mesmo confessou ter tido sexo com minha filha. E sabemos também que ele estuprou uma moça na Nicarágua, lá na Terra… Por que está protegendo-o? Que tal justiça para a minha família?”

“Porque a lei…” começou Nicole a responder, mas a multidão afogou suas palavras.

“Queremos Martinez. Queremos Martinez.” Aquela espécie de canto foi crescendo quando as duas grandes toras, que haviam sido pousadas no chão à chegada de Nicole, foram novamente levantadas pela gente que enchia a praça.

Quando era feita a tentativa de transformar as toras em aríetes, uma delas inadvertidamente se chocou com o monumento onde ficava marcada a posição celestial de Rama. A esfera espatifou-se e os componentes eletrônicos que indicavam as estrelas mais próximas

rolaram pelo pavimento. A pequena luz que piscava e representava a própria Rama quebrou-se em centenas de pedaços.

"Cidadãos do Novo Éden", gritou Nicole ao megafone, "ouçam-me até o fim. Há algo a respeito deste caso que nenhum de vocês sabe. Se ao menos me escutarem…"

"Matem a puta negra!", gritou o rapaz ruivo que agredira a bioma Garcia com o bastão de beisebol.

Nicole encarou o rapaz com os olhos em fogo. "O que foi que você disse?", bradou ela. O estranho canto parou repentinamente. O rapaz ficou isolado. Nervoso, ele lançou um olhar à sua volta. "Matem a puta negra!", repetiu ele.

Nicole desceu os degraus em um instante. A multidão abriu caminho enquanto ela se dirigia diretamente para o rapaz. "Repita mais uma vez", disse ela com as narinas vibrando, quando estava a menos de um metro de seu antagonista.

"Matem…" começou ele.

Ela deu-lhe um tapa de mão aberta no rosto. O barulho ressoou por toda a praça. Nicole deu-lhe as costas abruptamente e partiu na direção dos degraus, mas foi agarrada por mãos vindas de todo lado. O rapaz, chocado, fechou a mão como um punho…

Nesse momento, duas explosões altas abalaram a praça. Enquanto todos tentavam descobrir o que acontecera, duas outras detonaram no céu acima das cabeças de todos. "Sou só eu e minha espingarda", disse Max Puckett no megafone. "E agora, se vocês derem licença para a juíza passar… isso, assim está melhor… e agora vão todos para casa, que é melhor para todo mundo."

Nicole libertou-se das mãos que a seguravam, porém a multidão não se dispersou. Max levantou sua arma, mirou no grande nó da corda da forca improvisada e tornou a atirar. A corda explodiu em pedaços, com alguns destes caindo sobre a multidão.

"E agora, pessoal", disse Max, "acontece que eu sou muito mais tinhoso do que esses dois juízes. E já estou sabendo que vou ter de passar algum tempo nesta casa de detenção por violar as leis da colônia sobre armas. E eu ia ficar danado da vida se tivesse que atirar em um de vocês também…"

Max apontou sua arma para a multidão. Todos se encolheram instintivamente. Max deu tiros de festim acima das cabeças de todos e riu-se às gargalhadas quando a multidão começou a sair correndo da praça. Nicole não conseguia dormir. A mesma cena passava e repassava em sua lembrança. Ficava a ver-se no meio da multidão estapeando o rapaz ruivo. O que me mostra que não sou melhor do que ele, pensou.

"Você ainda está acordada, não está?", disse Richard.

"Hum-hum."

"Está tudo bem?"

Houve um breve silêncio. "Não, Richard", respondeu Nicole. "Nada bem…

Sinto-me muito perturbada por haver batido no rapaz."

"Ora, o que é isso. Pare de se torturar… Ele mereceu… Ele a insultou da pior maneira possível… Gente assim não merece nada a não ser o uso da força".

Richard estendeu a mão e começou a massagear as costas de Nicole. "Meu Deus", disse ele. "Nunca a vi tão tensa… você está que é um nó só, de alto a baixo."

"Estou preocupada", disse Nicole. "Tenho uma sensação terrível de que todo o tecido de nossa vida aqui no Novo Éden está a ponto de esgarçar-se todo…

E que tudo o que fiz ou ainda faço é absolutamente inútil."

"Você fez o melhor que pôde, querida… confesso que sempre fiquei espantado de ver o quanto você tenta." Richard continuou a massagear as costas dela suavemente. "Mas você tem de se lembrar que está tratando com seres humanos… Você pode transportá-los para um novo mundo e dar-lhes um paraíso, mas mesmo assim eles virão equipados com seus temores e inseguranças e predileções culturais. Um novo mundo só poderia ser realmente novo se todos os seres humanos envolvidos começassem com mentes totalmente vazias, como computadores novos sem softwares e sem sistemas de operação, só com pilhas de potencial inexplorado."

Nicole conseguiu dar um sorriso. "Meu querido, você não é muito otimista."

"E por que haveria de ser? Nada que vi até hoje aqui no Novo Éden ou na Terra me sugere que a humanidade seja capaz de alcançar harmonia em suas relações consigo mesma, menos ainda com qualquer outra criatura viva.

Ocasionalmente, aparece um indivíduo, ou até mesmo um grupo, capaz de transcender as deficiências genéticas e ambientais da espécie… Porém, tais pessoas são milagres, pois certamente não são a norma."

"Não concordo com você", disse Nicole suavemente. "Sua visão é muito desesperada. Creio que a maioria das pessoas deseja ardentemente atingir essa harmonia. Só não sabemos como fazê-lo. É por isso que precisamos de mais educação. E mais bons exemplos."

"Até mesmo aquele rapaz ruivo? Você acredita que a educação será capaz de destruir sua intolerância?"

"Tenho de acreditar, querido. De outro modo… temo que eu simplesmente desista de tudo."

Richard emitiu um som entre uma tosse e um riso. "O que foi?", perguntou Nicole.

“Estava apenas imaginando”, disse Richard, “se Sísifo algum dia teve a ilusão de acreditar que talvez na vez seguinte aquela pedra não tornasse a rolar colina abaixo.”

Nicole sorriu. “Ele tinha de acreditar que houvesse alguma possibilidade da pedra permanecer no alto, pois de outro modo não tentaria com tamanho afinco… Pelo menos, é assim que eu penso.”

# 9

Quando Kenji Watanabe desceu do trem em Hakone foi-lhe impossível não lembrar-se de um outro encontro com Toshio Nakamura, anos antes, em um planeta a bilhões de quilômetros de distância. Ele me telefonou naquela vez, também, pensou Kenji. Insistiu, que conversássemos sobre Keiko.

Kenji parou defronte à vitrine de uma loja e consertou a gravata. No reflexo distorcido pôde ele com facilidade imaginar-se como um idealista adolescente de Kioto a caminho de seu encontro com um rival. Mas isso foi há muito tempo, sem nada em jogo a não ser nossos egos. Agora todo o destino de nosso pequeno mundo…

Sua mulher, Nai, não queria que ele fosse encontrar-se com Nakamura.

Encorajara Kenji a pedir a Nicole uma segunda opinião. Nicole também se opusera a qualquer encontro entre o governador e Toshio Nakamura. "Ele é desonesto, um megalômano louco pelo poder", dissera Nicole. "Nenhum bem poderá vir de um tal encontro. Ele quer apenas descobrir quais são os seus pontos fracos."

"Mas ele disse que poderia reduzir a tensão na colônia."

"A que preço, Kenji? Fique de olho no preço. Aquele homem jamais oferece alguma coisa por nada."

E então por que razão viera? perguntou uma voz dentro de Kenji quando este olhou para o palácio que seu companheiro de infância construíra para si.

Não tenho certeza, exatamente, respondeu uma outra voz. Talvez por honra. Ou auto-respeito. Alguma coisa das profundezas de minha herança.

O palácio de Nakamura e as residências em torno dele eram construídos de madeira, em estilo clássico de Kioto. Telhados de telhas azuis, jardins cuidadosamente tratados, árvores frondosas, calçadas imaculadamente limpas — até o cheiro das flores lembravam Kenji de sua casa naquele planeta distante.

Foi recebido na porta por uma linda moça usando sandálias e quimono, que se curvou e saudou-o com toda a formalidade japonesa. Kenji deixou seus sapatos na prateleira e calçou sandálias também. Os olhos da moça ficaram no chão enquanto o guiava através de alguns dos poucos cômodos ocidentais do palácio até a área recoberta por tatames onde, dizia-se, Nakamura passava a maior parte de seu tempo, divertindo-se com suas concubinas.

Ao final de um curto caminho, a moça parou e afastou para um lado um biombo de papel decorado com garças voando. "Dozo" disse ela, apontando para que entrasse. Kenji entrou no cômodo de seis

tatames e sentou-se, de pernas cruzadas, em uma das duas almofadas defronte de uma brilhante mesa de laca preta. Ele virá com atraso, pensou Kenji. É parte da estratégia.

Uma jovem diferente, também bonita, discretíssima e vestida com um quimono em tom pastel, entrou na sala sem fazer barulho, carregando água e chá japonês. Kenji tomou o chá lentamente enquanto passava os olhos pela sala. Em um canto havia um biombo de madeira de quatro painéis. A uma distância de poucos metros, Kenji pôde perceber que era delicadamente esculpido. Levantouse de sua almofada para observá-lo mais detalhadamente.

O lado virado para ele retratava as belezas do Japão, cada painel dedicado a uma das quatro estações. O quadro do inverno retratava uma estação de esqui nos alpes japoneses recobertos por metros de neve; a primavera mostrava cerejeiras em flor ao longo do Rio Kama em Kioto. O verão era um dia de cristalina clareza com o cume nevado do Monte Fuji a dominar uma paisagem verde. O outono apresentava um delírio de cores nas árvores que cercam o altar e o mausoléu da família Tokugawa em Nikko.

Toda essa espantosa beleza, refletiu Kenji, sentindo-se repentinamente tomado de saudades de seu país natal. Ele tentou recriar o mundo que deixou para trás. Mas por quê? Por que gastaria tanto de seu dinheiro sórdido em arte tão magnífica? Ele é um homem estranho e incoerente.

Os quatro painéis no reverso do biombo falavam de um outro Japão. A riqueza de cores mostrava a batalha do Castelo Osaka, no início do século XVII, depois da qual Ieysu Tokugawa ficou praticamente sem oposição como xogum do Japão. O biombo estava coberto de figuras humanas — guerreiros samurais na batalha, homens e mulheres da corte espalhados pelo terreno do castelo, até mesmo o próprio Senhor Tokugawa, maior do que os outros e parecendo contentíssimo com sua vitória. Kenji divertiu-se ao notar que o xogum esculpido ostentava semelhança mais do que casual com Nakamura.

Kenji estava a ponto de tornar a sentar-se na almofada quando o biombo se abriu e seu adversário entrou. “Omashido sama deshita” disse Nakamura, fazendo ligeiro cumprimento em sua direção.

Kenji curvou-se por sua vez, um tanto canhestramente porque não conseguia tirar os olhos de seu compatriota. Toshio Nakamura estava vestido em traje samurai completo, inclusive sabre e punhal! Tudo isso é parte de alguma manobra psicológica, disse Kenji a si mesmo. Foi concebido para confundir-me ou assustar-me.

“Ano, hajememashoka”, disse Nakamura, sentando-se na almofada defronte à de Kenji. “Kocha ga, oishii desu, ne?”

“Totemo oishii desu”, respondeu Kenji, tomando mais um gole. O

chá era realmente excelente. Mas ele não é meu xogum, pensou Kenji. Tenho de alterar esta atmosfera antes de iniciar qualquer conversa séria.

"Nakamura-san, nós somos ambos homens ocupados", disse o governador Watanabe em inglês. "É importante para mim que dispensemos as formalidades e entremos direto no essencial. Seu representante disse-me pelo telefone, hoje pela manhã, que você está 'perturbado' quanto aos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas e tem algumas 'sugestões positivas' que poderiam reduzir a tensão no Novo Éden. É por isso que vim aqui conversar com você."

O rosto de Nakamura não demonstrava nada; no entanto, um ligeiro sibilar enquanto falava expressava seu desprazer com a objetividade de Kenji.

"Está esquecido de suas maneiras japonesas, Watanabe-san. É gravemente impolido começar uma discussão de negócios antes de haver cumprimentado seu anfitrião pelo que o cerca e indagado sobre sua boa disposição. Esse tipo de impropriedade sempre leva a discordâncias desagradáveis, que podem ser evitadas…"

"Sinto muito", disse Kenji com ligeiro traço de impaciência, "mas não preciso de lições, logo suas, sobre minhas maneiras. E além disso nós não estamos no Japão, não estamos sequer na Terra, e nossos costumes antigos japoneses são hoje em dia tão apropriados quanto o figurino que está usando…"

Kenji não tinha a intenção de insultar Nakamura, mas não poderia ter utilizado melhor estratégia para levar seu adversário a revelar suas verdadeiras intenções. O magnata pôs-se abruptamente de pé. Por um momento, o governador chegou a pensar que ele iria puxar da espada.

"Pois muito bem", disse Nakamura, com olhos implacavelmente hostis, "vamos fazer tudo à sua moda… Watanabe, você perdeu o controle da colônia. Os cidadãos estão muito infelizes com a sua liderança e minha gente me informa de que há muitos boatos de impeachment e/ou insurreição. Você meteu os pés pelas mãos tanto na questão do RV-41 quanto na ambiental, e agora sua juíza preta, após uma série de adiamentos, anunciou que um crioulo estuprador não será julgado por júri. Alguns dos coloniais mais bem-pensantes, sabendo que você e eu temos antecedentes comuns, pediram-me que intercedesse, tentando convencê-lo de afastar-se antes que o derramamento de sangue e o caos se alastrem".

Isto é inacreditável, pensou Kenji, enquanto ouvia Nakamura. O homem está absolutamente insano. O governador resolveu falar o menos possível na conversa.

"Então, você crê que eu deveria pedir demissão?", perguntou Kenji após um prolongado silêncio.

“Creio”, respondeu Nakamura, com seu tom se tornando cada vez mais imperioso. “Porém, não imediatamente. Só amanhã. Hoje você tem de exercer seu privilégio executivo para tirar a jurisdição do caso Martinez das mãos de Nicole des Jardins Wakefield. Ela obviamente tem preconceitos quanto ao caso. Os juízes Ianella ou Rodriguez, um ou outro, seriam mais adequados. “Note”, disse ele forçando um sorriso, “que não estou sugerindo que o caso seja transferido para o tribunal do juiz Nishimura.”

“Mais alguma coisa?” perguntou Kenji.

“Só uma. Diga a Ulanov para retirar-se da eleição. Ele não tem qualquer possibilidade de ganhar e a continuação dessa campanha que divide a colônia só serve para tornar mais difícil trabalharmos todos juntos depois da vitória de MacMillan. Precisamos estar unidos. Prevejo uma séria ameaça à colônia por parte de seja qual for o inimigo que mora no outro habitat. Os pernudinhos, que você parece crer sejam ‘observadores inócuos’, são apenas seus sentinelas avançados…”

Kenji ficou perplexo diante do que estava ouvindo. Como teria Nakamura ficado tão deformado? Ou será que sempre fora assim?

“… Devo salientar que o tempo é essencial”, dizia Nakamura, “em particular com relação à questão Martinez e à sua demissão. Pedi a Kobayashi-san e a outros membros da comunidade asiática que não ajam com precipitação, porém depois da noite de ontem não sei se poderei controlá-los. Sua filha era uma jovem bonita e talentosa. Seu bilhete de suicídio deixa claro que não lhe era possível viver com a vergonha implícita nos repetidos adiamentos do julgamento de seu estuprador. Há uma raiva muito genuína e generalizada…”

O governador Watanabe esqueceu-se temporariamente de sua resolução de se manter em silêncio. “Você está ciente”, disse ele levantando-se também, “que o sêmen de dois indivíduos diferentes foi encontrado em Mariko Kobayashi depois da noite em que ela foi supostamente estuprada? E que tanto Mariko quanto Pedro Martinez repetiram insistentemente que estiveram juntos e sozinhos durante toda a noite?… Até mesmo quando Nicole sugeriu a Mariko, na semana passada, que havia provas de uma outra relação sexual a jovem ficou firme em sua versão.”

Nakamura perdeu momentaneamente sua segurança. Encarou Kenji sem expressão alguma. “Não pudemos identificar quem foi o outro participante”, continuou Kenji. “As amostras de sêmen desapareceram misteriosamente do laboratório do hospital antes que a análise integral de DNA fosse completada. Só o que temos são os registros do exame original.”

“Tais registros poderiam estar errados”, disse Nakamura, recobrando sua autoconfiança. “É muito pouco provável. Mas de

qualquer modo, podemos assim compreender o dilema da Juíza Wakefield. Todo mundo na colônia já decidiu que Pedro é culpado. Ela não quis que um júri o condenasse erradamente."

Houve um longo silêncio. O governador preparou-se para partir.

"Você me surpreende, Watanabe", disse Nakamura finalmente, "pois não compreendeu de todo a razão deste nosso encontro. O fato daquele porcaria daquele Martinez ter ou não estuprado Mariko Kobayashi não tem realmente a menor importância… Eu prometi ao pai dela que o rapaz nicaragüense seria punido. E é isso o que conta".

Kenji Watanabe olhou com repugnância para seu colega de infância. "Vou sair agora", disse ele, "antes que me zangue realmente."

"Você não terá outra oportunidade", disse Nakamura, novamente com hostilidade nos olhos. "Esta foi minha primeira e última oferta."

Kenji sacudiu a cabeça, abriu ele mesmo o biombo de papel e saiu para o corredor.

Nicole estava caminhando por uma praia linda e ensolarada. A cerca de cinqüenta metros à sua frente, Ellie estava parada ao lado do dr. Turner. Estava usando seu vestido de noiva, porém o noivo estava usando um calção de banho.

O bisavô de Nicole, Omeh, estava realizando a cerimônia vestido com sua linda túnica tribal verde.

Omeh colocou as mãos de Ellie nas do dr. Turner e começou um cântico Senoufo. Levantou os olhos para o céu. Uma ave extraterrestre sobrevoava o quadro, gritando no ritmo do cântico de bodas. Quando Nicole olhou para a ave, o céu escureceu. Nuvens de tempestade invadiram o quadro, substituindo o céu plácido.

O oceano começou a encapelar-se e o vento a soprar. O cabelo de Nicole, agora totalmente grisalho, estendeu-se para trás. O grupo das bodas ficou totalmente desorganizado. Todos correram para buscar abrigo e fugir da tempestade que se aproximava. Nicole não conseguia mover-se. Seus olhos estavam fixos em um grande objeto sendo batido pelas ondas.

O objeto era uma grande sacola verde, parecida com os sacos plásticos usados para lixo de jardim no século XXI. A sacola estava cheia e vinha em direção à praia. Nicole queria tentar agarrá-la mas tinha medo do mar bravio. Ela apontou para a sacola e gritou por socorro.

No canto esquerdo superior da tela de seu sonho viu uma grande canoa.

Quando esta se aproximou, Nicole se deu conta que seus oito ocupantes eram extraterrestres alaranjados, menores que os humanos. Pareciam ser feitos de massa de pão. Tinham olhos e rostos, mas eram

glabros. Os alienígenas conduziram sua canoa até a sacola verde e pegaram-na.

Os extraterrestres alaranjados depositaram a sacola na praia e Nicole não se aproximou enquanto eles não tornaram a entrar em sua canoa e voltaram para o oceano. Ela acenou para eles como despedida e caminhou até a sacola, cujo zíper abriu cuidadosamente. Quando havia puxado aproximadamente metade, viu o rosto morto de Kenji Watanabe. Nicole teve um arrepio, gritou e sentou-se na cama. Estendeu a mão para Richard, porém a cama estava vazia. O relógio digital na mesa mostrava que eram 2:48 da manhã. Nicole tentou ralentar a respiração e libertar sua mente daquele sonho horrível.

A vivida imagem de Kenji Watanabe morto demorou-se em sua memória.

Andando até o banheiro, Nicole lembrou-se de seus sonhos premonitórios sobre a morte de sua mãe, nos tempos em que tinha dez anos. E se Kenji Watanabe realmente fosse morrer? pensou ela, sentindo uma primeira onda de pânico.

Forçou-se a pensar sobre outra coisa. Onde estaria Richard àquela hora da noite?

ficou imaginando. Enfiando um robe, Nicole saiu do quarto.

Caminhou silenciosamente, passou pelos quartos das crianças e foi para a parte da frente da casa. Benjy roncava, como de hábito. A luz estava acesa no escritório, mas Richard não estava lá. Dois dos novos biomas e o Príncipe Hal também tinham sumido. Um dos monitores na mesa de trabalho de Richard ainda tinha a tela ocupada.

Nicole sorriu e lembrou-se do acordo que tinha entre eles. Apertou as teclas Nicole no teclado e o quadro mudou. “Minha queridíssima Nicole”, leu ela na mensagem que apareceu, “se acordar antes de eu voltar, não se preocupe.

Planejo estar de volta de madrugada, o mais tardar amanhã às oito da manhã.

Venho fazendo um trabalho com os biomas da série 300 — você se lembra, aqueles que não foram inteiramente programados em firmware e portanto podem ser designados para tarefas especiais — e tenho motivos para pensar que alguém anda espionando meu trabalho. Portanto, acelerei a conclusão de meu projeto em curso e saí do Novo Éden para um teste final. Eu te amo. Richard.”

Estava escuro e frio na Planície Central. Richard tentou ser paciente. Ele mandara seu Einstein aprimorado (Richard referia-se a ele como o Super-A1) e Garcia 325 até o local de exploração do segundo habitat, na frente. Eles tinham explicado ao vigia noturno, um bioma Garcia standard, que a programação publicada de experiências fora mudada e que uma investigação especial estava a

ponto de ser realizada. Com Richard ainda invisível, Al havia então retirado todo o equipamento da abertura que dava para o outro habitat e o colocado no chão. O processo consumira uma preciosa hora. Agora que o Super-A1 finalmente terminara, ele fez um sinal para que Richard se aproximasse. O Garcia 325 com grande habilidade levou o vigia bioma para uma outra área para além da sonda a fim de que ele não pudesse ver Richard.

Sem perder tempo, Richard tirou o Príncipe Hal do bolso e o colocou na abertura. “Vá depressa”, disse ele, montando seu pequeno monitor no chão da passagem. A abertura para o outro habitat fora gradativamente alargada ao longo daquelas semanas de modo que agora se tornara aproximadamente um quadrado com oitenta centímetros de lado. Havia mais do que espaço suficiente para o robozinho.

O Príncipe Hal precipitou-se para o outro lado. O desnível da passagem para o chão no interior era de mais ou menos um metro. Com eficiência, o robô ligou um pequeno cabo a uma escora que colou ao chão da passagem e depois abaixou-se por ele. Richard observava todos os movimentos em sua tela e transmitia por rádio suas instruções. Richard esperava que existisse um anel exterior de proteção do segundo habitat e estava correto. Então o desenho básico dos dois habitats é semelhante, pensou. Ele antecipara igualmente que houvesse algum tipo de abertura na parede interior, algum portão ou porta por onde os pernudinhos poderiam ir e vir, e o Príncipe Hal seria suficientemente pequeno para entrar no habitat pelo mesmo acesso.

Hal não demorou muito para encontrar a entrada para a área principal do habitat. No entanto, o que era obviamente uma porta estava mais de vinte metros acima do piso do anel. Tendo observado as gravações em vídeo dos pernudinhos a percorrerem superfícies verticais dos bulldozer bióticos no sítio de observação Avalon, Richard se havia preparado também para tal possibilidade.

“Escale”, ordenou ele ao Príncipe Hal depois de um olhar nervoso para o relógio. Eram quase seis horas. A aurora já estava para chegar no Novo Éden. Em breve, os cientistas regulares estariam voltando para o sítio de exploração.

A entrada para o interior do habitat era cem vezes a altura do Príncipe Hal acima do piso. A ascensão do robô seria o equivalente de um ser humano subir a parede de um edifício de sessenta andares. Em casa, Richard fizera o robozinho praticar, escalando a casa, porém ele sempre estivera ali, a seu lado. Haveria reentrâncias para apoio de mãos e pés na parede que Hal deveria subir? Pelo monitor não dava para Richard perceber. Estariam incluídas no subprocessador mecânico de engenharia do Príncipe Hal todas as equações corretas?

Logo, logo eu vou descobrir, refletiu Richard quando seu aluno mais brilhante começou a subir.

O Príncipe Hal escorregou e ficou pendurado pelas mãos uma vez, mas acabou conseguindo chegar ao alto. Porém, a subida levou mais meia hora.

Richard sabia que seu tempo estava se esgotando. Quando Hal se suspendeu até o peitoril de uma vigia circular, Richard viu que o ingresso do robô no habitat propriamente dito estava bloqueado por uma tela. No entanto, uma pequena parte do interior podia ser mal e mal divisada à luz mortiça. Richard posicionou cuidadosamente a camerazinha de Hal de modo a poder olhar através da grade.

"O vigia insiste em ter de voltar para seu posto", anunciou Garcia 325 pelo rádio. "Ele tem de fazer seu relatório diário às 6:30."

Merda, pensou Richard, isso só me deixa mais seis minutos. Lentamente, ele girou Hal ao longo da beirada da vigia, para ver se conseguia identificar alguns objetos no habitat interior. Richard não conseguiu ver nada específico.

"Guinche", ordenou Richard aumentando o volume do robô até o máximo.

"Guinche até eu lhe dizer para parar."

Richard não havia testado o novo amplificador que instalara no Príncipe Hal em sua potência máxima. Ficou portanto atônito pelo alcance da imitação do grito das aves por Hal. Ela ressoou na passagem e Richard deu um pulo para trás. Está danado de bom, disse Richard depois de se recompor, pelo menos se a minha memória for precisa.

O vigia noturno bioma em pouco chegou onde estava Richard e, seguindo suas instruções programadas, pediu-lhe seus papéis pessoais e uma explicação do que estivera fazendo. Super-Al e Garcia 325 tentaram confundir o vigia, porém quando este viu que não conseguia obter a cooperação de Richard, insistiu em que teria de fazer um relatório de emergência. No monitor Richard viu toda a tela metálica abrir para um lado e seis pernudinhos pularem em torno do Príncipe Hal, enquanto o robô continuava a guinchar.

A Garcia vigia noturno começou a transmitir seu sinal de emergência.

Richard tomou consciência de que só teria alguns minutos antes de ser forçado a sair dali. "Venha embora, raios, venha embora" disse ele, observando o monitor entre rápidas olhadelas para a Planície Central atrás dele. Ainda não aparecera qualquer luz vinda do lado de sua cidade.

A princípio, Richard pensou que tivesse imaginado. Mas depois tornou a ouvir o rufar de grandes asas. Um dos pernudinhos estava obscurecendo parcialmente sua visão, mas momentos mais tarde viu

uma garra familiar tentando alcançar o Príncipe Hal. O grito da ave que se seguiu confirmava o que vira. A imagem no monitor ficou confusa.

"Se tiver possibilidade", gritou Richard no rádio, "tente voltar para a passagem. Eu volto para buscá-lo mais tarde."

Virando-se, ele guardou o monitor em sua sacola. "Vamos", disse ele a seus dois colaboradores biomas, e os três começaram a correr na direção do Novo Éden.

Richard estava triunfante ao correr para casa. Meu palpite estava certo, disse ele, exultante, para si mesmo. Isso muda tudo… mas agora eu tenho de ir casar uma filha.

# 10

O casamento estava previsto para as sete da noite no auditório da Escola Secundária Central. A recepção, para um grupo muito maior, fora planejada para o ginásio, edifício que não ficava a mais de vinte metros do outro. Durante todo o dia, Nicole lutou com os probleminhas de última hora, salvando as preparações de um desastre possível atrás de outro.

Não teve tempo de refletir sobre a significação da nova descoberta de Richard. Ele chegara em casa excitadíssimo, querendo discutir a questão das aves, e até a de quem poderia estar espionando sua pesquisa, porém Nicole estava simplesmente incapaz de se concentrar em nada que não fosse o casamento. Ambos concordaram em não dizer nada a respeito das aves antes de terem a oportunidade para uma longa discussão do assunto.

Nicole saíra de manhã para uma caminhada no parque com Ellie. Haviam falado sobre casamento, amor e sexo por mais de uma hora, porém Ellie estava tão excitada com o casamento que não conseguira concentrar-se no que estava sendo dito. Quase no fim de sua caminhada, Nicole parará sob uma árvore para resumir sua mensagem.

"Lembre-se ao menos de uma coisa, Ellie", disse Nicole segurando nas suas ambas as mãos da filha. "O sexo é um componente importante do casamento, mas não o mais importante, Por causa de sua falta de experiência, é provável que o sexo não seja maravilhoso para você logo de saída. No entanto, se você e Robert se amam e têm confiança um no outro, e ambos desejarem verdadeiramente dar e receber prazer, vão verificar que a compatibilidade física aumenta de ano para ano." Duas horas antes da cerimônia, Nicole, Nai e Ellie chegaram juntas à escola. Eponine já estava lá, esperando por elas. "Está nervosa?", disse a professora com um sorriso. Ellie concordou com a cabeça. "Estou apavorada", acrescentou Eponine, "e não passo de dama de honra!"

Ellie pedira à mãe que fosse sua dama de honra principal, sendo as outras Nai Watanabe, Eponine e sua irmã Katie. O dr. Edward Stafford, que compartilhava da paixão de Robert Turner por história médica, era o padrinho.

Já que não tinha colaboradores íntimos a não ser os biomas do hospital, Robert escolhera suas testemunhas no círculo familiar e de amizades dos Wakefields. Eram Kenji Watanabe, Patrick e Benjy.

"Mamãe, eu estou enjoada", disse Ellie logo que todos se reuniram no vestiário. "Vai ser tão constrangedor se eu vomitar de vestido de noiva. Será que devo tentar comer alguma coisa?" Nicole já

havia previsto tal situação e entregou a Ellie uma banana e um iogurte, garantindo a filha que era perfeitamente normal ficar de estômago embrulhado antes de um acontecimento tão importante.

A preocupação de Nicole quanto ao dia foi crescendo à medida que o tempo passava e Katie não aparecia. Com tudo organizado no vestiário da noiva, ela resolveu cruzar o hall e ir falar com Patrick. Os homens já estavam prontos antes mesmo de Nicole ir bater à sua porta.

"Como está a mãe da noiva?", indagou o juiz Mishkin quando ela entrou.

O notável juiz iria realizar a cerimônia do casamento.

"Um pouquinho assustada", respondeu Nicole com um sorriso pálido.

Encontrou Patrick no fundo da sala, ajeitando as roupas de Benjy.

"Que tal pareço?", perguntou Benjy à mãe, quando ela se aproximou.

"Muito bonitão", respondeu Nicole ao filho sorridente. "Você já falou com Katie hoje?", perguntou ela a Patrick.

"Não", disse ele. "Mas reconfirmei o horário com ela, segundo o que você me pediu, ainda ontem à noite… Ela ainda não veio?"

Nicole sacudiu a cabeça. Já eram 18:15h, faltando apenas 45 minutos para o início da cerimônia, segundo o programado. Ela saiu para o hall a fim de telefonar, mas o cheiro de cigarro informou-a de que Katie finalmente chegara.

"Imagine só, irmãzinha", dizia Katie, falando muito alto, enquanto Nicole voltava para o vestiário da noiva, "hoje de noite você vai fazer sexo pela primeira vez. Uuuuuuiiiii! Aposto que só pensar nisso leva esse seu corpo lindo à loucura!"

"Katie", disse Eponine, "não me parece muito apropriado…"

Nicole entrou no quarto e Eponine calou-se. "Ora, mamãe", disse Katie, "como você está bonita. Eu tinha esquecido de que havia uma mulher escondida por trás daquela toga de juíza".

Katie soltou fumaça no ar e bebeu mais champanhe da garrafa sobre uma cômoda a seu lado. "Então aqui estamos nós", disse ela fazendo um gesto espetacular, "para casar minha irmãzinha caçula…"

"Pare com isso, Katie, você já bebeu demais." A voz de Nicole estava fria e dura. Ela pegou a garrafa de champanhe e o maço de cigarros de Katie. "Acabe de se vestir e pare com essas palhaçadas… Eu devolvo tudo depois da cerimônia." "OK, juíza… como quiser", disse Katie soprando argolas de fumaça e rindo para as outras presentes. E então, ao abaixar-se para bater a cinza do cigarro, Katie perdeu o equilíbrio. Ela caiu dolorosamente contra a cômoda e derrubou vários vidros abertos de cosméticos antes de se estatelar no chão. Eponine e Ellie correram para ajudá-la.

“Você está bem?”, perguntou Ellie.

“Cuidado com seu vestido, Ellie”, disse Nicole, olhando para Katie no chão, com ar desaprovador. Nicole pegou uns lenços de papel e começou a limpar o que fora derramado.

“Isso, Ellie”, disse Katie com sarcasmo alguns segundos mais tarde, ao ficar novamente de pé. “Cuidado com o vestido. Você tem de ficar toda bem limpinha para casar com seu assassino duplo.”

Ninguém respirou na sala. Nicole ficou lívida. Aproximou-se de Katie, postou-se bem defronte dela. “Peça desculpas à sua irmã”, ordenou.

“Não peço”, retrucou Katie desafiadora poucos instantes antes da mão aberta de Nicole atingir-lhe o rosto. As lágrimas explodiram nos olhos de Katie.

“Ah, hah”, disse ela, esfregando o rosto, “é a estapeadora mais famosa do Novo Éden. Apenas dois dias depois de recorrer à violência na Praça da Cidade Central, bate na própria filha em um replay de seu mais famoso gesto…”

“Mamãe, não… por favor”, interrompeu Ellie, temendo que Nicole tornasse a bater em Katie de novo.

Nicole virou-se e olhou para a noiva aflita. “Desculpe”, sussurrou.

“Isso mesmo”, disse Katie, zangada. “Diga a ela que sente muito. Foi em mim que a senhora bateu, Juíza. Lembre-se de mim, sua filha mais velha, solteira. Aquela que você chamou de ‘nojenta’ faz três semanas… Você me disse que meus amigos são ‘sórdidos e imorais’… são essas as palavras exatas?… mas no entanto a sua preciosa Ellie, paradigma de virtudes, você vai entregar a um assassino duplo… e ainda leva de quebra uma outra assassina como dama de honra…”

Todas as mulheres compreenderam ao mesmo tempo que Katie não estava apenas bêbada e briguenta. Estava profundamente perturbada, e seu olhar tresloucado condenava a todas enquanto continuava em sua diatribe interminável.

Ela está se afogando, disse Nicole de si para si, e implorando ajuda desesperadamente. Eu não só ignorei seus clamores como ainda a empurrei para mais fundo na água.

“Katie”, disse Nicole, falando baixo, “eu sinto muito. Agi como uma tola e sem pensar”. Ela se encaminhou para a filha, de braços abertos.

“Não”, respondeu Katie, afastando os braços da mãe. “Não, não, não… não quero a sua piedade.” Ela se afastou para a porta. “Na verdade, não quero estar presente nessa porcaria desse casamento… eu não me enquadro aqui… Boa sorte, irmãzinha. Um dia desses conte-me se o seu médico bonitão é bom de cama.”

Katie virou-se e saiu tropeçando pela porta. Tanto Ellie quanto Nicole ficaram chorando em silêncio depois que ela saiu.

Nicole tentou concentrar-se no casamento, mas seu coração estava pesado depois da triste cena com Katie. Ela ajudou Ellie a se maquiar de novo, condenando-se repetidamente por haver reagido a Katie com raiva.

Logo antes de começar a cerimônia, Nicole voltou ao vestiário dos homens e comunicou que Katie resolvera não comparecer ao casamento. Depois ela deu uma rápida espiada na multidão que chegava, notando que havia cerca de uma dúzia de biomas já sentados. Meu Deus, pensou Nicole, nós não fomos suficientemente claros em nossos convites. Não era incomum alguns coloniais trazerem seus Lincolns ou Tiassos a funções especiais, particularmente quando tinham filhos. Antes de voltar para onde estava a noiva, Nicole se perguntou se haveria lugares bastante para todos.

Alguns momentos mais tarde, ou pelo menos assim parecia, os padrinhos estavam no palco em torno do juiz Mishkin e a música anunciou a chegada da noiva. Como todo mundo, Nicole voltou-se para olhar para o fundo do auditório.

Lá estava sua linda filha mais moça, resplandecente em seu vestido branco com arremates vermelhos, avançando pela passagem central no braço de Richard.

Nicole lutou contra as lágrimas, mas quando viu grandes gotas brilhando nas faces da noiva, não pôde mais controlar-se. Eu a amo minha Ellie, como desejo que você seja feliz.

O juiz Mishkin preparara uma cerimônia eclética, a pedido dos noivos.

Louvava o amor entre um homem e uma mulher e falava do quanto seu compromisso era importante para a criação correta de uma família. Suas palavras aconselhavam tolerância, paciência e altruísmo. Elevou uma prece de nenhuma denominação específica, invocando Deus para que “fizesse emergir” da noiva e do noivo “a compreensão e a compaixão que enobrecem a espécie humana”.

A cerimônia foi breve mas elegante. O dr. Turner e Ellie trocaram alianças e fizeram seus votos com vozes fortes e positivas. Voltaram-se para o juiz Mishkin e ele juntou-lhes as mãos. “Com a autoridade a mim outorgada pela colônia do Novo Éden, proclamo Robert Turner e Eleonor Wakefield marido e mulher.”

Quando o dr. Turner estava levantando o véu de Ellie para o beijo tradicional, soou um tiro, logo seguido por outro. O juiz Mishkin caiu para a frente, por cima dos noivos, jorrando sangue da testa. Kenji Watanabe caiu a seu lado.

Eponine mergulhou entre o casal de noivos e os convidados, quando foram ouvidos um terceiro e um quarto tiros. Todos gritavam. O anfiteatro tornou-se um caos.

Dois tiros seguiram-se em rápida sucessão. Na terceira fila, Max

Puckett finalmente desarmou o bioma Lincoln que fora o matador. Max se virara instantaneamente, tão logo ouviu o primeiro tiro, e pulara por cima das cadeiras um momento mais tarde. No entanto, o bioma Lincoln, que se levantara da cadeira ao som das palavras "e mulher", disparou automaticamente seis vezes antes que Max o dominasse inteiramente.

Havia sangue por todo o palco. Nicole arrastou-se para ir examinar o governador Watanabe. Ele já estava morto. O dr. Turner segurava nos braços o juiz Mishkin, quando o bondoso velho fechou os olhos pela última vez. A terceira bala aparentemente era para o dr. Turner, pois Eponine recebeu-a pelo lado, em seu esforço desesperado para se atirar e salvar os noivos. Nicole pegou o microfone que caíra com o juiz Mishkin. "Senhoras e Senhores. Esta é uma tragédia mais que horrível. Por favor não entrem em pânico. Creio não haver mais perigo. Por favor fiquem em seus lugares até podermos atender aos feridos."

As últimas quatro balas não haviam feito muito estrago. Eponine sangrava, mas não estava em condição crítica. Max acertara o Lincoln logo antes de ele disparar o quarto tiro, quase que certamente salvando a vida de Nicole, já que aquela bala em particular passara a poucos centímetros dela. Dois dos convidados haviam sido arranhados pelos dois tiros finais, disparados quando o Lincoln estava caindo.

Richard juntou-se a Max e Patrick, que estavam segurando o bioma matador. "Ele não responde uma só pergunta", disse Max.

Richard olhou para o ombro do bioma. Era o número 323. "Levem-no lá para os fundos", disse Richard. "Vou querer dar uma olhada nele mais tarde."

No palco, Nai Watanabe estava de joelhos, segurando a cabeça de seu bem-amado Kenji em seu colo. Seu corpo estremecia com suspiros profundos e desesperados. A seu lado, os gêmeos Galileo e Kepler choravam, assustados.

Ellie, com o vestido de noiva todo coberto de sangue, tentava consolar os dois meninos.

O dr. Turner estava atendendo Eponine. "Devemos ter uma ambulância aqui em poucos minutos", disse ele depois de pensar seu ferimento. Beijou-a depois na testa. "Não há maneira de Ellie e eu jamais podermos agradecer o que fez."

Nicole estava com os convidados, verificando que nenhum dos presentes atingidos pelas balas estivesse seriamente ferido. Estava a ponto de voltar ao microfone a fim de dizer a todos que podiam começar a se retirar quando um colonial histérico prorrompeu pelo auditório.

"Um Einstein enlouqueceu", gritou ele antes de olhar o quadro à sua frente. "Ulanov e o juiz Iannella estão mortos."

“Nós deveríamos ir embora. E agora”, disse Richard, “mesmo que você não vá, Nicole, eu vou. Sei coisas demais a respeito dos biomas de série 300 — e o que a gente de Nakamura tem feito para mudá-los. Virão atrás de mim esta noite ou amanhã pela manhã.”

“Tudo bem, querido”, respondeu Nicole. “Eu compreendo. Mas alguém tem de ficar com a família. E lutar contra Nakamura. Mesmo sem esperanças. Não podemos nos submeter à sua tirania.”

Já se passavam três horas desde o perturbado final do casamento de Ellie.

O pânico já corria por toda a colônia. A televisão acabara de anunciar que cinco ou seis biomas haviam enlouquecido simultaneamente e que pelo menos onze dos principais cidadãos do Novo Éden haviam sido mortos. Felizmente, o bioma Kawabata que tocava um concerto em Vegas fracassara em sua tentativa contra o candidato a governador Ian MacMillan e o conhecido industrial Toshio Nakamura…

“Balela”, dissera Richard ao ver o noticiário. “Isso era só parte do plano deles.” Estava certo de que todos os acontecimentos haviam sido planejados pela gente de Nakamura. E, além disso, Richard tinha a certeza de que ele e Nicole também tinham sido alvos pretendidos. Estava convencido de que os acontecimentos do dia resultariam em um Novo Éden completamente diferente, sob o controle de Nakamura, com Ian MacMillan como seu títere no governo.

“Não dirá pelo menos adeus a Patrick e Benjy?”, perguntou Nicole. “Melhor não”, respondeu Richard. “Não porque não os ame, mas porque talvez com isso mudasse de idéia.” “Você vai usar a saída de emergência?”

Richard concordou. “Não me deixariam sair pelo caminho normal.”

Enquanto ele verificava seu equipamento de mergulho, Nicole entrou no escritório. “Acabam de dizer no noticiário que tem gente espatifando seus biomas por toda a colônia. Um dos coloniais entrevistado disse que toda essa chacina foi planejada por alienígenas.”

“Bonito. A propaganda deles já começou.”

Ele empacotou o máximo de comida e água que lhe pareceu poder carregar sem problemas. Quando ficou pronto, estreitou Nicole em seus braços por mais de um minuto. Havia lágrimas nos olhos de ambos quando se separaram.

“Você sabe para onde vai?”, perguntou Nicole suavemente.

“Mais ou menos”, respondeu Richard, junto à porta dos fundos. “É claro que não vou dizer-lhe para onde, a fim de que não fique comprometida…”

“Eu compreendo”, disse ela. Ambos ouviram um certo ruído na frente da casa e Richard saiu correndo pelo quintal dos fundos.

O trem do Lago Shakespeare não estava correndo. O Garcia que operava um trem anterior na mesma linha fora liquidado por um grupo de coloniais furiosos, e todo o sistema fora fechado. Richard começou a caminhar no sentido do lado leste do Lago Shakespeare.

Caminhando pesadamente sob o peso de seu equipamento de mergulho e sua mochila, teve a sensação de que estava sendo seguido. Duas vezes pareceulhe ver alguém com o canto do olho, mas quando parou e olhou em tomo, não viu nada. Finalmente, atingiu o lago. Já passava da meia-noite. Lançou um último olhar na direção das luzes da colônia e começou a vestir o equipamento de mergulho. O sangue de Richard gelou quando um Garcia saiu das folhagens enquanto ele se despia.

Esperou ser morto. Ao fim de vários e longos segundos, o Garcia falou.

“Você é Richard Wakefield?”, perguntou.

Richard não se moveu e nem disse nada. “Se for”, acabou dizendo o bioma, “trago uma mensagem de sua mulher. Ela diz que o ama e deseja que Deus o acompanhe”.

Richard respirou lentamente. “Diga-lhe que eu também a amo”, disse ele.

# O JULGAMENTO

# 1

Na parte mais profunda do Lago Shakespeare havia uma entrada para um longo canal submarino que corria por baixo da aldeia de Beauvois e da parede do habitat. Quando estava sendo desenhado o Novo Éden, Richard, que tinha considerável experiência prática em engenharia de convergência, sublinhara a importância de uma saída de emergência da colônia.

"Mas para o que haveria de precisar dela?", perguntara a Águia.

"Não sei", disse Richard. "Mas circunstâncias imprevisíveis muitas vezes ocorrem na vida. Um projeto de engenharia saudável sempre prevê proteção para contingências."

Richard nadou cuidadosamente através do túnel, diminuindo o ritmo a cada tantos minutos para verificar sua reserva de ar. Quando chegou ao fim, passou por uma série de comportas que eventualmente o elevaram a uma passagem subterrânea seca. Ele caminhou uns cem metros antes de remover seu equipamento de mergulho e deixá-lo guardado em um lado do túnel. Quando atingiu a saída, que ficava na extremidade leste da área circunscrita que incluía ambos os habitats no Hemicilindro Norte de Rama, Richard tirou sua jaqueta térmica de sua mochila à prova d'água.

Mesmo sabendo que ninguém tinha a menor possibilidade de saber onde ele estava, Richard abriu a porta circular no teto da passagem com muito cuidado, antes de sair lentamente para a Planície Central. Até aqui, tudo bem, pensou ele, com um suspiro de alívio. Agora vamos ao Plano B.

Durante quatro dias, Richard ficou no lado leste da planície. Usando seus excelentes binóculos pequenos, pôde ver as luzes que indicavam atividade na área do centro de controle, na região de Avalon, ou no sítio das pesquisas de penetração do segundo habitat. Como Richard previra, houve grupos de busca na região entre os habitats por um dia ou dois, porém apenas um veio na direção dele e foi fácil evitá-lo.

Seus olhos foram se acostumando ao que ele pensava ser uma total escuridão na Planície Central. Na verdade, havia uma pequena luminosidade em segundo plano, vinda dos reflexos das superfícies de Rama. Richard supôs que a fonte ou fontes de luz deveriam estar no Hemicilindro Sul, do outro lado do distante muro do segundo habitat.

Richard desejou saber voar, para que pudesse pairar acima das paredes e mover-se livremente pela vastidão do mundo cilíndrico. A existência de níveis baixíssimos de luz refletida atiçava seu interesse pelo resto de Rama. Ainda haveria um Mar Cilíndrico ao sul da parede-limite? Nova York ainda existiria como uma ilha naquele mar?

E o que ficava no Hemicilindro Sul, se é que alguma coisa ficava, pois a região era ainda maior do que a que continha os dois habitats setentrionais? No quinto dia depois de sua fuga, Richard acordou depois de um sonho particularmente perturbador sobre seu pai e começou a caminhar na direção do que ele agora chamava o habitat das aves. Ele alterara seu horário de sono para que ficasse diametralmente oposto ao ciclo diurno do Novo Éden, de modo que dentro da colônia seriam agora sete horas da noite. Sem dúvida, todos os humanos que trabalhavam na penetração a esta altura já teriam deixado o sítio naquele dia.

A mais ou menos meio quilômetro de distância da abertura na parede do habitat das aves, Richard parou para verificar, com seus binóculos, que não houvesse mais humanos na região. E enviou Falstaff para distrair o bioma vigia noturno.

Richard não tinha certeza de que a passagem que levava ao outro habitat fosse toda uniforme. Ele desenhara um quadrado de oitenta centímetros no chão de seu escritório e convenceu-se de que poderia arrastar-se por ele. Mas o que fazer se a passagem fosse de tamanho irregular? Vamos descobrir logo, logo, resmungou Richard ao aproximar-se do sítio.

Só um conjunto de cabos e instrumentos fora novamente inserido na passagem, de modo que não foi difícil removê-lo. Falstaff também fora bemsucedido — Richard nem viu e nem ouviu o bioma vigia noturno. Ele atirou sua pequena mochila na abertura e depois tentou subir. Não foi possível. Primeiro tirou a jaqueta, depois a camisa, as calças e os sapatos. Só de roupa de baixo e meias, Richard mal cabia na passagem. Ele amarrou suas roupas em um pacote, prendeu-o ao lado da mochila, e enfiou-se na abertura.

Tinha de se arrastar muito devagar. Centímetro por centímetro, Richard avançou de barriga, usando mãos e cotovelos, e empurrando sua bagagem na frente. A cada movimento, seu corpo roçava nos lados e no teto. Sentindo que seus músculos começavam a ficar cansados, ele parou ao fim de quinze metros para dentro do túnel, mas para chegar ao outro lado ainda faltavam quase quarenta.

Durante o descanso, Richard se deu conta de que seus cotovelos, joelhos e até mesmo o alto de sua cabeça onde o cabelo estava rareando estavam arranhados e sangrando. Apanhar curativos em sua sacola ficava fora de cogitação — só ficar de costas e olhar para trás era um esforço monumental naquele aperto.

Ele se deu conta, também, de que estava com muito frio. Enquanto se arrastava, a energia necessária para avançar o mantivera aquecido. Mas, uma vez parado, seu corpo exposto esfriara rapidamente. Ter área tão grande de seu corpo encostada diretamente em superfícies metálicas e frias também não ajudava.

Começou a bater os dentes.

Richard avançou, dolorosamente, por mais quinze minutos. Aí teve cãibras no quadril direito, e, no movimento involuntário do corpo em reação a ela, bateu com a cabeça no alto da passagem. Meio tonto com o golpe, ficou alarmado quando sentiu sangue correr no lado de sua cabeça.

Não havia luz à sua frente. A mortiça iluminação que lhe permitia monitorar o progresso do Príncipe Hal havia desaparecido. Lutou para se virar e olhar para trás. Estava tudo escuro e ele começou a sentir frio novamente. Richard apalpou a cabeça, tentou determinar a gravidade do corte que recebera, e começou a entrar em pânico ao constatar que a hemorragia ainda continuava. Até então, ele não se sentira claustrofóbico, porém, agora, repentinamente, entalado em uma passagem que podia sentir fazendo pressão nele por todos os lados, teve a sensação de que não conseguiria respirar. As paredes pareciam querer amassá-lo. Não pôde controlar-se. Gritou.

Em menos de um minuto algum tipo de luz brilhou na extremidade da passagem do lado que ele estava deixando. Ouviu o curioso sotaque inglês do bioma Garcia, mas não conseguiu compreender o que ele dizia. Quase que certamente, pensou, ele irá registrar um relatório de emergência. Preciso andar depressa.

Começou a se arrastar de novo, ignorando o cansaço, a cabeça sangrando e os joelhos e cotovelos sem pele. Richard calculou só ter mais uns doze metros para avançar, quinze no máximo, quando a passagem começou a parecer que estava encolhendo. Ele não ia conseguir passar! Fez todos os esforços, mas não adiantou nada. Estava definitivamente entalado. Enquanto procurava uma posição diferente para se arrastar que lhe fosse geometricamente mais favorável, ouviu um suave ruído de passos que se aproximavam, vindo do habitat das aves.

Momentos depois, sentiu-se coberto por tais passos. Richard passou cinco segundos de terror absoluto antes de sua mente informá-lo de que a sensação de cócegas que sentia em toda a sua pele era causada por pernudinhos. Lembrou-se de os ver na televisão — pequeninas criaturas esféricas de mais ou menos dois centímetros de diâmetro ligadas as seis pernas radialmente simétricas dotadas de várias juntas, de quase dez centímetros de comprimento quando esticadas.

Uma delas tinha parado, e montado diretamente em seu rosto, com as pernas cobrindo seu nariz e boca. Tentou empurrá-la para outra parte, mas bateu novamente com a cabeça. Richard começou a se mexer todo a fim de sacudir os pernudinhos. Com eles ainda a cobri-lo por todo o lado, arrastou-se pelos metros finais até a saída.

Ele atingiu o anel exterior das aves no momento em que ouviu

uma voz humana atrás dele. “Olá, há alguém aí?” dizia ela. “Seja você quem for, por favor identifique-se. Estamos aqui para ajudá-lo.” Uma luz forte iluminou a passagem.

Richard descobriu então que tinha um novo problema. Sua saída ficava a um metro acima do piso do anel. Eu devia ter me arrastado para trás, puxando minha bagagem e minhas roupas. Teria sido muito mais fácil.

Era tarde demais para esse tipo de descoberta. Com a mochila e as roupas no chão abaixo dele, e uma segunda voz humana a fazer perguntas, agora vinda de trás, Richard continuou a se arrastar até metade de seu corpo ficar para fora da passagem. Ao sentir-se cair, Richard estendeu as mãos para trás da cabeça, empurrou o queixo na direção do peito e tentou se transformar em uma bola. E então ele caiu e rolou no anel da terra das aves. Quando caiu, os pernudinhos pularam fora e desapareceram na escuridão.

As luzes que os humanos estavam projetando pela passagem refletiam-se na parede interior do anel. Depois de primeiro verificar que não sofrerá maiores ferimentos, e que sua cabeça já não sangrava muito, Richard pegou seus pertences e capengou até uns duzentos metros para a esquerda, parando exatamente debaixo da vigia onde o Príncipe Hal fora capturado pela ave.

Apesar de sua fadiga, Richard não perdeu tempo para começar sua escalada. Tão logo acabou de cuidar de seus ferimentos, começou a escalada.

Tinha a certeza de que uma câmara portátil em breve seria empurrada até o anel a fim de procurar por ele.

Felizmente, havia uma pequena plataforma na frente da vigia que era suficientemente grande para acomodar Richard. Ali ficou sentado enquanto cortava a tela metálica. Esperava que os pernudinhos aparecessem a qualquer momento, mas permaneceu sozinho. Não era possível a Richard ver ou ouvir o que quer que fosse no interior do habitat. Embora por duas vezes tentasse contactar o Príncipe Hal pelo rádio, não obteve qualquer resposta a seu chamado.

Richard ficou olhando para a completa escuridão do habitat das aves. O que haverá aqui? imaginava. A atmosfera do interior, raciocinou, devia ser a mesma do anel, porque o ar podia circular livremente de um lado para o outro.

Richard estava a ponto de tirar do bolso sua lanterna, quando ouviu sons abaixo e atrás dele. Segundos mais tarde, viu um jato de luz vindo em sua direção lá no piso do anel.

Ele se enfurnou como pôde para o interior do habitat, a fim de evitar a luz, e ouviu cuidadosamente os sons que chegavam até ele. É a câmera portátil, pensou ele. Mas seu alcance é limitado, pois não pode operar sem o cabo que a conduz.

Richard ficou muito quieto. E o que faço agora? perguntou-se ele, quando ficou claro que a luz presa à câmera continuava a varrer a área embaixo da vigia.

Eles devem ter visto alguma coisa. Se eu acender minha lanterna e houver um mínimo de reflexo, saberão que estou aqui.

Ele deixou cair um pequeno objeto no piso do habitat para ter a certeza de que seu nível era o mesmo do anel. Não ouviu nada. Tentou um objeto ligeiramente maior, mas mesmo assim continuou a não haver qualquer som do mesmo batendo no chão.

Suas batidas cardíacas aceleraram-se muito quando constatou que o piso do interior do habitat seria muito abaixo do piso do anel. Lembrou-se da estrutura básica de Rama, com sua grossa casca externa, e compreendeu que o fundo do habitat poderia ficar várias centenas de metros abaixo do ponto em que estava sentado. Richard esticou-se para a frente e novamente espiou para o vazio.

A câmera manobrável repentinamente parou de se mover e sua luz ficou focalizada em um ponto específico no anel. Richard concluiu que alguma coisa devia ter caído de sua mochila enquanto ele corria capengando da passagem até a área embaixo da vigia. Sabia que outras luzes e câmeras chegariam em breve.

Richard pôde imaginar-se preso e levado de volta para o Novo Éden. Ele não sabia que lei específica da colônia ele poderia ter quebrado, mas sabia que cometera várias violações. Um profundo ressentimento percorreu-o quando contemplou a possibilidade de passar meses ou anos detido. Em nenhuma circunstância hei de permitir que isso aconteça.

Ele alcançou o muro interno do habitat para verificar se havia falhas suficientemente grandes onde pudesse apoiar os pés e as mãos. Contente por não ser uma decida impossível, revirou a mochila atrás da corda de alpinismo e fixou uma ponta no eixo que sustentava a porta da tela. Caso eu escorregue, pensou ele. Havia uma segunda luz no anel atrás dele. Richard deslizou para dentro do habitat com a corda firmemente amarrada na cintura. Ele não se pendurou na corda, mas usou-a como apoio ocasional enquanto tateava atrás dos apoios na escuridão. A descida não era tecnicamente difícil, havia pequenas saliências onde Richard podia apoiar os pés.

E lá foi ele, descendo sem parar. Quando calculou já ter descido uns sessenta ou setenta metros, Richard resolveu parar e tirar a lanterna da mochila.

A luz que brilhou na parede não lhe trouxe qualquer consolo; continuava a não conseguir ver o fundo. O que pôde ver, talvez uns cinqüenta metros mais abaixo, era muito difuso, assim como uma nuvem, ou talvez neblina. Essa é grande, pensou sarcasticamente Richard, essa é realmente grande.

Mais outros trinta metros e ele chegou ao fim de sua corda de escalada.

Richard já podia sentir a umidade da neblina. Àquela altura, ele estava extraordinariamente cansado. Já que não estava disposto a abandonar a segurança da corda, ele voltou atrás por vários metros, enrolou a corda à sua volta várias vezes e adormeceu com o corpo grudado na parede.

# 2

Seus sonhos foram muito esquisitos. Muitas vezes estava caindo, caindo de cabeça para baixo, sem nunca chegar ao fundo. Em seu último sonho antes de acordar, Toshio Nakamura e dois imensos capangas orientais o interrogavam em uma pequena sala de paredes brancas.

Ao despertar, Richard ficou sem saber onde estava por vários segundos.

Seu primeiro movimento foi para afastar o rosto da superfície metálica da parede.

Alguns momentos depois, Richard lembrou-se de que havia adormecido em posição vertical na parede interna do habitat das aves e, acendendo sua lanterna, apontou-a para baixo. Seu coração deu um pulo quando viu que não havia mais neblina mas, ao invés, dava para ver a parede continuar ainda muito para baixo e o que parecia água no ponto onde ela finalmente terminava.

Ele encostou a cabeça para trás e olhou para cima. Já que sabia estar cerca de noventa metros abaixo da vigia (sua corda para escalada tinha cem metros), calculou a distância até a água em cerca de 250 metros. Seus joelhos ficaram moles quando seu cérebro começou a apreender integralmente sua situação. Quando começou a desembaraçar-se das várias voltas extras que dera com a corda antes de dormir, notou que seus braços e mãos estavam tremendo.

Sentia um tremendo desejo de fugir, de subir novamente para a vigia e abandonar de vez aquele mundo que lhe era alheio. Não, disse Richard a si mesmo, lutando contra a reação instintiva. Ainda não; só se não houver qualquer outra opção viável.

Decidiu que primeiro comeria alguma coisa. Com eficiência, Richard livrou-se de parte da corda e tirou um pouco de comida e água da mochila.

Depois conseguiu virar-se um pouco e voltou sua lanterna para o interior do habitat. Pensou poder discernir alguns volumes e formas a distância, mas não tinha certeza. Pode ser pura imaginação. Acabando de comer, verificou as reservas de comida e água e fez uma lista mental de suas opções. É tudo muito simples, disse de si para si, com um riso nervoso. Posso voltar para o Novo Éden e virar um condenado. Ou posso abdicar da segurança de minha corda e continuar descendo. Parou e olhou para cima e para baixo. Ou posso ficar aqui e esperar por um milagre.

Lembrando-se de que as aves vieram rapidamente quando o Príncipe Hal guinchara, Richard começou a gritar. Ao fim de dois ou três minutos, parou e começou a cantar. Cantou intermitentemente

durante quase uma hora. Começou com seus dias na Universidade de Cambridge, depois passou para canções populares durante seus solitários dias de adolescência. Richard ficou surpreendido por lembrar-se tão bem das letras. A memória é um engenho espantoso. O que será que explica sua confiabilidade seletiva? Por que razão sou capaz de me lembrar de praticamente toda a letra dessas canções tolas e virtualmente nada de minha odisséia em Rama?

Richard estava a ponto de pegar novamente sua lanterna, quando de repente o habitat se iluminou. Ficou tão assustado que seus pés escorregaram da parede e todo o seu peso ficou preso pela corda durante alguns segundos. A luz não chegava a ser ofuscante, era antes parecida com a da chegada da aurora em Rama II no momento em que ele estava subindo no elevador de cadeira, mas mesmo assim era luz. Tão logo Richard se sentiu novamente firme, ele começou a observar o mundo que agora se desvelava à sua frente.

A fonte de iluminação era uma grande bola envolta em uma coberta que pendia do teto do habitat. Richard calculou que a bola estivesse a uns quatro quilômetros de distância dele e cerca de um quilômetro acima do alto da estrutura mais proeminente que podia ver, um grande cilindro no centro geométrico do habitat. Uma cobertura opaca envolvia três quartos superiores da bola brilhante, de modo que a maior parte de sua luz estava voltada para baixo.

O princípio básico do desenho do interior do habitat era a simetria radial.

No centro ficava ereto o cilindro marrom, parecendo que fosse feito de terra e provavelmente medindo 1.500 metros de altura. Richard, naturalmente, só podia ver um dos lados da estrutura, porém pela curvatura calculou que seu diâmetro ficasse entre dois e três quilômetros.

Não havia janelas ou portas no exterior do cilindro. Nenhuma luz escapava de seu interior. A única alteração do lado externo da estrutura era um conjunto de linhas curvas e bem separadas, cada uma das quais começava no alto e corria em torno de todo o cilindro antes de atingir a base exatamente embaixo de seu ponto de origem. A base do cilindro ficava mais ou menos à mesma altura que a vigia pela qual Richard havia entrado.

Circundando o cilindro havia um conjunto de pequenas estruturas brancas dentro de dois círculos separados por uns trezentos metros. Os dois quadrantes norte (Richard entrara no habitat das aves através da vigia norte) desses círculos eram idênticos, cada quadrante tinha cinqüenta ou sessenta construções distribuídas segundo plano igual. Richard deduziu da simetria que os outros dois quadrantes estariam em conformidade com o mesmo desenho.

Um fino canal circular, com talvez sessenta ou setenta metros de

largura, cercava as estruturas. Tanto o canal quanto as edificações brancas estavam localizados em um platô, cuja altitude era a mesma que a da base do cilindro marrom. Do lado de fora do canal, no entanto, uma grande área do que pareciam ser coisas que crescem preferencialmente de cor verde, ocupava a maior parte do resto do habitat. O chão na região verde inclinava-se uniformemente desde o canal até a margem de um fosso de quatrocentos metros de largura, que ficava logo dentro da parede interior. Os quatro quadrantes idênticos na região verde eram ainda subdivididos em quatro setores cada, que Richard, baseando suas designações em análogos terrestres, chamou de floresta, bosques, pradaria e deserto.

Por uns dez minutos, Richard ficou olhando aquele vasto panorama, muito quieto. Como o nível de iluminação caía em proporção direta com a distância do cilindro, não conseguia ver as regiões próximas mais claramente do que as distantes. No entanto, os detalhes mesmo assim eram impressionantes.

Quanto mais ele olhava, mais coisas novas percebia. Havia pequenos lagos e rios na região verde, pequeninas ilhas ocasionais no fosso e o que pareciam estradas entre as construções brancas. É claro, viu-se ele pensando, por que haveria de esperar algo diferente? Nós reproduzimos uma pequena Terra no Novo Éden. Isto deve representar, de algum modo, o planeta natal das aves.

Seu último pensamento lembrou-o de que tanto Nicole quanto ele estavam convencidos de que as aves não eram mais (se é que algum dia haviam sido) uma espécie viajante espacial, de alta tecnologia. Richard pegou seu binóculo e estudou o distante cilindro marrom. Que segredos você guarda? indagou ele, momentaneamente vibrando com as possibilidades aventura e descoberta.

A seguir, Richard procurou no céu por algum sinal das aves. Ficou desapontado. Pensou ver criaturas voando uma ou duas vezes no alto do cilindro marrom, mas os pontinhos entravam e saíam tão rapidamente de seu campo de visão que não pôde ter certeza. Em nenhum dos outros lugares para os quais olhava — todos os cantos da região verde, a vizinhança das construções brancas, até mesmo o fosso — viu qualquer sugestão de movimento. Não havia nenhuma indicação positiva de qualquer coisa viva no habitat das aves.

A luz desapareceu ao fim de quatro horas e Richard ficou novamente no escuro, no meio daquela parede vertical. Examinou seu termômetro, inclusive seu banco de dados histórico. A temperatura não variara mais do que meio grau de 26 °C desde que ele entrara no habitat. Impressionante controle térmico. Mas por que tão limitado? Por que usar tanto de sua energia para manter uma temperatura fixa?

Quando a escuridão já começava a durar horas, Richard foi ficando impaciente. Embora ele descansasse regulamente cada

conjunto de músculos sustentando-se temporariamente em posições diversas com sua corda, seu corpo estava aos poucos ficando exausto. Já era hora de ele pensar em tomar alguma atitude. Relutantemente, ele decidiu que seria total imprudência abandonar a corda e descer para o fosso. O que faria ao chegar lá, afinal? pensou. Cruzá-lo nadando? E depois? Eu continuaria a ter de voltar se não encontrasse comida imediatamente.

Ele começou lentamente a subir para a vigia. Enquanto descansava a mais ou menos metade do caminho até a saída julgou ouvir algo muito fraco à sua direita. Richard parou e silenciosamente procurou na mochila seu receptor.

Com um mínimo de movimento, aumentou o volume até o máximo e colocou os fones de ouvido. A princípio, não ouviu nada. Porém, ao fim de vários minutos captou um som abaixo dele, vindo do fosso. Era impossível identificar exatamente o que estava ouvindo — poderiam ser vários barcos se movendo na água — porém não havia dúvida de que algum tipo de atividade estava tendo lugar por lá.

Não seria aquilo um leve bater de asas também, novamente em algum ponto à sua direita? Sem aviso, Richard repentinamente gritou a plenos pulmões, depois cortou abruptamente o grito. A agitação de asas deixou de ser ouvida logo depois, mas por um segundo ou dois não haveria como deixar de reconhecê-la.

Richard ficou exultante. “Eu sei que vocês estão aí”, gritou ele com alegria.

“Sei que estão me observando.”

Ele tinha um plano, sem dúvida de possibilidades remotas, mas por certo era melhor do que nada. Richard verificou a comida e a água, teve a certeza de que seriam suficientes, e respirou fundo. Era agora, ou nunca, pensou ele.

Ele treinou descer sem depender do apoio da corda. Tornou o avanço mais difícil, mas ia conseguir. Quando chegou ao fim da corda, Richard retirou o arreio que o prendia a ela e iluminou a parede, para baixo, com sua lanterna. Pelo menos até o alto da neblina havia saliências disponíveis em quantidade. Ele continuou a descer com muito cuidado, admitindo para si mesmo que estava assustado. Várias vezes julgou ouvir as batidas do próprio coração pelo fone de ouvido.

E agora, se estou certo, vou ter companhia lá embaixo. A umidade tornou a descida duas vezes mais difícil. Uma vez ele escorregou e quase caiu, mas conseguiu recuperar-se. Richard deu uma parada em um lugar no qual os apoios para mãos e pés estavam particularmente firmes. Calculou que estivesse uns cinqüenta metros acima do fosso. Vou esperar até ouvir alguma coisa. Com a neblina, eles terão de chegar mais perto.

Em breve, ele tornou a ouvir as asas. Desta vez, o som sugeria um par de aves. Richard ficou parado ali por mais de uma hora, até a neblina começar a ficar mais fina. Por várias vezes ele ouviu o rufar das asas de seus observadores.

Planejou esperar até ficar claro de novo para descer até a água. Mas quando a neblina desapareceu e a luz continuou a não voltar, Richard começou a ficar preocupado com o tempo. Começou a descer pela parede no escuro. A mais ou menos dez metros acima do fosso, ele ouviu seus observadores voando para mais longe. Dois minutos depois, o interior do habitat das aves ficou novamente iluminado.

Richard não perdeu tempo. Seu plano era simples. Baseado no ruído de barcos que ouvira no escuro, supôs que haveria alguma coisa acontecendo no fosso que era crítica para as aves ou para quem quer que fosse que morava no cilindro marrom. Se não, raciocinou, por que razão haveriam eles de levar avante sua atividade sabendo que ele os poderia ouvir? Se eles houvessem adiado tudo por pelo menos algumas horas, ele quase que certamente já se teria retirado do habitat.

Era intenção de Richard entrar no fosso. Se as aves se sentirem de algum modo ameaçadas, farão alguma coisa. Se não, começarei imediatamente minha subida de volta para o Novo Éden.

Logo antes de entrar com cuidado na água, Richard tirou os sapatos, com alguma dificuldade, e os colocou em sua mochila à prova d'água. Ao menos não estariam molhados se ele tivesse de subir de novo. Segundos mais tarde, tão logo seu pé tocou a água, um par de aves voou na direção dele vindas de onde haviam estado se escondendo na região verde exatamente oposta, do outro lado do fosso.

Elas estavam frenéticas. Matraqueavam e guinchavam e agiam como se fossem estraçalhar Richard com suas garras. Ele estava tão deslumbrado por seu plano ter funcionado que virtualmente ignorou toda aquela exibição. As aves pairaram acima dele e tentaram empurrá-lo de volta para a parede. Ele ficou andando na água e estudando detalhadamente as duas.

Elas eram ligeiramente diferentes das que ele e Nicole haviam encontrado em Rama II. Estas tinham a mesma cobertura aveludada em todo o corpo, porém o veludo aqui era roxo. Um único anel circundava-lhes os pescoços, e era negro.

Elas também eram menores (talvez sejam mais jovens, pensou Richard) do que as primeiras aves, e muito mais frenéticas. Uma das criaturas efetivamente tocou a face de Richard com sua garra quando ele não se dirigiu rapidamente para a parede.

Richard acabou subindo na parede, apenas o suficiente para sair da água, porém isso não apaziguou as aves. Quase que imediatamente

os dois pássaros começaram a executar — cada um por sua vez — vôos de desenho cada vez mais estreito, indicando a Richard que queriam que ele subisse. Quando ele não se moveu, tornaram-se ainda mais frenéticas.

"Eu quero ir com vocês", disse Richard apontando para o cilindro marrom.

A cada vez que ele repetia o gesto de mão, as criaturas gigantescas guinchavam e matraqueavam e voavam na direção da vigia. As aves estavam ficando frustradas e Richard começou a ficar preocupado com a possibilidade de elas o atacarem.

Repentinamente, ele teve uma idéia brilhante, mas será que me lembro do código de entrada? Já foi há tantos anos.

Quando ele abriu a mochila e enfiou a mão nela, as aves fugiram imediatamente. "Isso prova", disse Richard em voz alta enquanto ligava seu bemamado computador portátil, "que os pernudinhos são seus observadores eletrônicos. De outro modo, como poderiam saber que os seres humanos podem guardar armas em mochilas como esta?"

Ele apertou cinco letras no teclado e deu um grande sorriso quando viu que a tela estava mostrando o que queria. "Venham cá", disse Richard, acenando para os dois imensos pássaros que haviam se afastado quase que para o outro lado do fosso. "Venham cá", repetiu, "eu tenho uma coisa para mostrar a vocês".

Ele levantou o monitor e exibiu o complexo gráfico de computador que ele usara muitos anos antes, em Rama II, a fim de convencer as aves a carregar Nicole e ele através do Mar Cilíndrico. Era um gráfico elegante que mostrava três aves carregando duas figuras humanas por cima de uma área de água, por meio de arreio. As duas criaturas aproximaram-se um tanto hesitantes. Isso mesmo, disse Richard para si mesmo, excitado. Venham aqui e dêem uma boa olhada.

# 3

Richard não sabia exatamente há quanto tempo estava vivendo naquele quarto semi-escuro. Perdera conta do tempo pouco depois que eles lhe tiraram sua mochila. Sua rotina era sempre a mesma, dia após dia. Ele dormia em um canto do quarto. Sempre que despertava, fosse de um cochilo ou de um sono prolongado, duas aves entravam em seu quarto vindo do corredor e lhe entregavam um melão maná para comer. Ele sabia que elas vinham da porta trancada que ficava no fim do corredor, mas quando ele tentava dormir perto da porta elas simplesmente lhe negavam comida. Foi uma lição simples para Richard aprender.

Dia sim, dia não, mais ou menos, um novo par de aves entrava em sua prisão e limpava seus dejetos. Suas roupas estavam fedendo e Richard sabia que estava insuportavelmente imundo, porém não conseguira comunicar a seus captores que desejava um banho.

Ele ficara exultante a princípio. Quando as duas aves jovens finalmente se aproximaram o bastante para olhar o gráfico e depois tentaram tirar-lhe o computador pela primeira vez, alguns minutos mais tarde, Richard resolvera programar a tela para repetir o mesmo quadro indefinidamente.

Em menos de uma hora, a maior ave que jamais vira, com corpo de veludo cinzento e três brilhantes círculos cereja no pescoço voltara com as duas jovens, e as três levantaram Richard com suas garras. Elas o carregaram para o outro lado do fosso, pousaram-no temporariamente em uma área deserta e depois, após uma série de matraqueações entre si, que devia ter sido um debate a respeito da melhor maneira de carregá-lo, elas o haviam levantado para bem alto.

Fora um vôo de tirar o fôlego. A vista que Richard dominara da paisagem no habitat o lembrara de um passeio de balão que fizera certa vez pelo sul da França. Ele voara nas garras das aves até o topo do cilindro marrom, diretamente embaixo da brilhante bola parcialmente coberta. Lá foram recebidos por meia dúzia de outras aves, uma delas carregando o computador de Richard que continuava a repetir seu sinal gráfico. Depois, ele foi levado por um corredor vertical para o interior do cilindro.

Nas primeiras quinze horas, mais ou menos, Richard fora levado de um grupo de aves para outro. Ele pensara que seus anfitriões estavam apenas apresentando-o a todos os cidadãos da avelândia. Pressupondo que não houvesse muitas aves que comparecessem a mais de uma sessão de matraqueamento e guinchos, Richard calculou que existiam aproximadamente setecentas aves.

Depois de sua parada pelas salas de conferência do reino aviano,

Richard fora levado a um quarto pequeno onde uma ave de três círculos e duas companheiras, também criaturas enormes com três círculos vermelhos no pescoço, observaram-no noite e dia durante uma semana. Durante esse tempo, Richard teve acesso a seu computador e a todos os itens dentro de sua mochila. Ao final da observação, no entanto, elas lhe haviam tirado todos os seus pertences e o levado para sua prisão.

Isso deve ter sido há três meses, uma semana mais ou menos, disse Richard a si mesmo, enquanto começava sua caminhada que, duas vezes por dia, constituía seu exercício regular básico. O corredor fora de seu quarto tinha aproximadamente duzentos metros de comprimento. Normalmente ele dava oito voltas completas, indo e vindo da porta no fim do corredor até a parede de pedra fora de seu quarto.

E durante todo esse tempo não houve uma única visita dos líderes. De modo que o período de observação deve ter sido meu julgamento… Ou pelo menos seu equivalente em termos de aves… E será que me consideraram culpado de alguma coisa? Será por isso que fiquei preso nesta celinha miserável?

Os sapatos de Richard estavam se acabando e suas roupas estavam em trapos. Já que a temperatura era confortável (conjecturou que a temperatura de 26 °C devia ser constante em todo o habitat), não se preocupava com a possibilidade de frio. Mas por várias razões não esperava com entusiasmo ficar permanentemente nu depois de suas roupas finalmente se desintegrarem. Sorriu, lembrando-se de seu pudor durante o período de observação. Fazer cocô com três aves gigantescas te observando a cada momento certamente não era tarefa das mais fáceis.

Ele estava cansado de comer melão maná em todas as suas refeições. O líquido que ficava dentro era refrescante e a carne úmida de sabor agradável. Mas Richard ansiava por algo diferente para comer. Até aquela coisa sintética da Sala Branca seria uma mudança bem-vinda, persuadiu-se ele, por várias vezes.

Em sua solidão, o maior desafio para Richard era o da preservação de sua acuidade mental. Começara a resolver problemas matemáticos de cabeça. Mais recentemente, preocupado com a possibilidade de que a agudeza de sua memória já houvesse decaído em certa medida em função da idade, começara a passar o tempo reconstruindo eventos e até mesmo os principais segmentos cronológicos de sua vida.

De particular interesse para ele durante esses exercícios de memória eram os grandes vazios associados à sua odisséia em Rama II, durante a viagem da Terra para o Nodo. Embora fosse difícil para Richard lembrar-se de acontecimentos específicos da odisséia, comer

melão maná sempre evocava fragmentos de memória de sua longa permanência com as aves durante a jornada.

Certa vez, depois de uma refeição, ele repentinamente lembrou-se de uma grande cerimônia com muitas aves. Lembrou-se de um fogo em uma estrutura abobadada e todas as aves lamentando-se em uníssono depois que o fogo se apagou. Richard ficara perplexo. Não foi capaz de se recordar de nada no contexto daquela lembrança. Onde tivera lugar aquilo? Fora logo antes de eu ser capturado pelas octoaranhas? ficou imaginando. Mas como sempre, quando tentava lembrar-se do que experimentara entre as octoranhas, acabava com uma tremenda dor de cabeça.

Richard estava pensando sobre sua odisséia anterior novamente quando, na última volta da sua caminhada diária, passou debaixo da solitária lâmpada do corredor. Olhando para a frente, viu que a porta de sua prisão estava aberta.

Pronto, disse a si mesmo, finalmente enlouqueci. Agora estou vendo coisas.

Porém, a porta permaneceu aberta quando ele se aproximou. Richard continuou andando, atravessando-a, parando para tocar a porta aberta e para verificar que não perdera sua sanidade. Passou por mais duas lâmpadas antes de chegar a uma pequena sala de depósito do lado direito. Oito ou nove melões manás estavam meticulosamente empilhados nas prateleiras. Ah, ha, pensou Richard, já compreendi. Ampliaram a minha prisão. De agora em diante tenho permissão de vir pegar minha própria comida. Mas se houvesse um banheiro em algum lugar…

Mais adiante na passagem havia realmente água corrente em um outro pequeno quarto do lado esquerdo. Richard bebeu com prazer, lavou o rosto e ficou muito tentado a tomar um banho. No entanto, sua curiosidade foi forte demais. Ele queria saber qual era a extensão de seus novos domínios.

O corredor fora de sua cela terminava em uma intersecção perpendicular.

Richard poderia ir para um lado ou para outro. Pensando que talvez estivesse em algum tipo de labirinto que fosse testar sua capacidade mental, ele deixou cair sua camisa na intersecção e continuou para a direita. Positivamente, havia mais luzes naquela direção.

Depois de caminhar uns vinte metros, ele viu um par de aves se aproximando na distância. Na verdade, primeiro ele ouviu seu matraquear, pois elas estavam engajadas em animadíssima discussão. Quando estavam a apenas cinco metros, Richard parou. As duas aves olharam para ele, assinalaram sua presença com um guincho breve em tom diferente, depois continuaram pelo corredor afora.

Mais adiante, encontrou um trio de aves com aproximadamente o mesmo tipo de reação. O que está acontecendo por aqui? ficou pensando Richard enquanto caminhava pelo corredor. Será que não estou mais preso?

Na primeira sala grande que passou, quatro aves estavam sentadas juntas, em círculo, passando um conjunto de varas de madeira polida de uma para outra, e matraqueando sem cessar. Mais tarde, logo antes do corredor alargar-se para formar uma grande sala de reuniões, Richard parou na porta de um outro quarto e ficou olhando fascinado enquanto um par de pernudinhos fazia o que parecia ser uma série de flexões, em cima de uma mesa quadrada. Meia dúzia de aves, quietas, estudavam atentamente os pernudinhos.

Havia vinte daquelas criaturas com aspecto de ave na sala de reuniões.

Estavam todas reunidas em torno de uma mesa, olhando para um documento feito de algo que parecia papel, aberto à sua frente. Uma das aves tinha um bastão indicador preso na garra e usava-o para identificar itens específicos no documento. Havia estranhos rabiscos no papel, totalmente incompreensíveis, porém Richard convenceu-se de que as aves estavam examinando um mapa.

Quando Richard tentou aproximar-se da mesa para ver melhor, as aves na frente dele gentilmente chegaram para o lado. Uma vez, durante a conversa que se seguiu, Richard chegou a pensar, deduzindo da linguagem corporal em torno da mesa, que uma das perguntas fora dirigida a ele. Eu estou realmente perdendo a cabeça, pensou ele, sacudindo a dita cuja.

Mas continuo sem saber por que me foi concedida toda essa liberdade, ruminou Richard, quando se sentou em seu quarto e comeu seu melão maná. Já se haviam passado seis semanas desde que a porta de sua prisão fora aberta.

Muitas mudanças haviam sido feitas em sua cela. Duas luzes do tipo lanterna foram instaladas em suas paredes e agora Richard dormia em cima de uma pilha de material semelhante a feno. Havia até um recipiente sempre cheio de água em um canto do quarto.

Richard ficou certo, logo que as restrições a ele foram levantadas, que seria apenas uma questão de horas, ou no máximo um dia ou dois, antes que alguma coisa realmente significativa acontecesse. De certo modo, estava correto, pois na manhã seguinte duas aves muito jovens o despertaram e começaram suas lições de linguagem de aves. Começaram com coisas muito simples, tais como melão maná, água e até mesmo Richard, sempre apontando primeiro e depois repetindo lentamente um som, claramente uma palavra em matraqueamento, para aquele item determinado. Com algum esforço, Richard adquiriu

um vocabulário considerável, embora sua capacidade para diferenciar guinchos e matraqueamentos muito próximos um do outro não fosse das melhores. Mas seu fracasso total era quando chegava a hora de emitir aqueles sons. Ele simplesmente não tinha o equipamento necessário para falar a linguagem das aves.

Mas Richard esperava que de algum modo seu conhecimento de um quadro mais amplo fosse se esclarecendo, porém isso não aconteceu. Era certo que as aves estavam tentando educá-lo, e lhe haviam dado liberdade total para perambular por onde quisesse em seu cilindro — ele até mesmo comeu com elas ocasionalmente, quando estava com o grupo e os melões manás chegavam — mas para que servia tudo aquilo? O modo de olharem para ele, particularmente os líderes, sugeria a Richard que estavam à espera de alguma resposta de sua parte, mas que resposta? perguntou Richard a si mesmo pela centésima vez, ao terminar seu melão maná.

No que lhe foi possível perceber, as aves não tinham qualquer linguagem escrita. Richard não vira um único livro e nenhuma das criaturas jamais escreveu o que quer que seja. Havia aqueles estranhos documentos que pareciam mapas, que elas estudavam ocasionalmente, pelo menos segundo a interpretação que Richard dava àquela atividade, porém jamais criavam um deles… ou marcavam um deles… Eram um enigma.

E o que dizer dos pernudinhos? Richard esbarrara com as criaturinhas duas ou três vezes por semana, e certa vez um par ficou em seu quarto por várias horas, mas não ficavam quietos nunca nem deixavam que analisasse um deles.

Outra vez, quando tentou segurar um pernudinho em sua mão, Richard recebera um choque forte, quase que certamente elétrico, que o levara a soltar o pernudinho quase que imediatamente.

A mente de Richard saltava de imagem para imagem enquanto tentava assegurar-se da existência de algum plano ou modelo perceptível para sua vida na terra das aves. Ficou frustradíssimo. No entanto, não aceitava nem por um momento a não-existência de algum plano por trás de sua captura e subseqüente ampliação de liberdade. E continuava a procurar uma resposta revendo todas as suas experiências naquele domínio.

Só uma área principal da residência das aves permanecia fora dos limites para Richard, que provavelmente não poderia mesmo alcançá-la, já que não sabia voar. Ocasionalmente, via uma ou duas aves descer pelo grande corredor vertical e ir até abaixo dos níveis normalmente freqüentados por ele. Uma vez, Richard viu um par de pintainhos, não maiores do que uma mão humana, sendo trazidos para cima, vindos lá das escuras regiões inferiores. Em outra ocasião, Richard apontou para a escuridão que ficava embaixo, mas a ave que

o acompanhava sacudiu a cabeça. A maior parte das criaturas já aprendera os simples movimentos de cabeça correspondentes a sim ou não na linguagem de Richard.

Mas em algum lugar deve haver informações adicionais. Eu devo estar deixando escapar algumas pistas. Ele jurou conduzir um levantamento completo de toda a área em que viviam as aves, não só os densos apartamentos do outro lado do corredor vertical, onde geralmente sentia ser indesejado, mas também nos grandes depósitos de melão maná dos níveis mais baixos. Eu farei um mapa, pensou, para ter a certeza de que não me esqueci de algo importante.

Tão logo Richard transcreveu a área em que viviam as aves em gráfico tridimensional, percebeu o que antes deixara de notar. As muitas passagens, muitas vezes desorganizadas, inclusive corredores verticais e horizontais tanto para se andar quanto para voar, jamais haviam sido sintetizadas por Richard em uma imagem coerente. É claro, disse para si mesmo quando projetou vistas diferentes de seu complexo mapa no monitor de seu computador. Como pude ser tão estúpido? Mais de setenta por cento do cilindro ainda não têm explicação.

Richard resolveu levar suas imagens de computador até um dos líderes das aves e pedir, de algum modo, para conhecer o resto do cilindro. Não era tarefa fácil. Alguma espécie de crise andava preocupando as aves naquele dia em particular e os corredores estavam cheios de aves matraqueando, guinchando e correndo de um lado para outro. Do grande corredor vertical central, Richard observou trinta ou quarenta das criaturas maiores saírem voando do cilindro em alguma espécie de formação organizada.

Finalmente, Richard conseguiu obter a atenção de um dos gigantes de três círculos. Este ficou fascinado pelos detalhes que viu no monitor do computador e por todas as várias representações geométricas de seu lar. Mas Richard não conseguiu transmitir sua mensagem principal — a de que desejava ver o resto do cilindro.

O líder chamou alguns colegas para ver a demonstração e Richard foi alvo de excitada matraqueação de apreço. Ele foi dispensado, no entanto, quando um outro pássaro interrompeu sua reunião com o que deviam ser notícias importantes a respeito da crise em curso.

Richard voltou para sua cela. Estava deprimido. Deitou-se em seu colchão de feno e pensou na família que deixara no Novo Éden. Talvez seja hora de eu ir embora, pensou, indagando-se sobre qual seria o protocolo na avelândia para a obtenção de permissão para partir. Enquanto estava deitado, entrou uma visita em seu quarto.

Richard jamais vira aquela espécie de ave antes. Tinha quatro anéis azulcobalto em torno do pescoço e a camada de veludo que cobria seu corpo era de um preto profundo com ocasionais tufos

brancos. Seus olhos eram espantosamente claros e — ou assim pensou Richard — muito tristes. A ave esperou que Richard se pusesse de pé e então começou a falar, muito devagar.

Richard compreendeu algumas das palavras, e — muito importante — a combinação muitas vezes repetida “siga-me”.

Fora da cela três outras aves aguardavam respeitosamente de pé. Estas caminharam atrás de Richard e seu importante visitante. O grupo deixou a área da cela, cruzou a única ponte que atravessava todo o grande corredor vertical e entraram no setor do cilindro no qual eram guardados os melões manás.

Atrás de um dos galpões de depósito de melões manás havia reentrâncias na parede que Richard não notara quando realizou seu levantamento. Quando Richard e as aves se aproximaram até poucos metros das mesmas, a parede deslizou para um lado e revelou o que parecia ser um enorme elevador. O superlíder das aves fez um gesto para que ele entrasse.

Uma vez lá dentro, cada uma das quatro aves matraqueou “adeus” e as quatro formaram um círculo para formalizar a despedida com um giro e uma curvatura. Richard fez o que pôde para imitar seu matraquear antes de ele também curvar-se e entrar no elevador. A parede fechou-se segundos mais tarde.

# 4

A descida no elevador foi dolorosamente lenta. O imenso carro tinha um piso de cerca de trinta metros quadrados, com oito ou dez metros de pé direito. O piso era liso e plano em toda a área, a não ser por dois pares de sulcos paralelos, um a cada lado de Richard, que corriam da porta até o fundo do elevador. Sem dúvida, eles podem transportar cargas enormes nisto aqui, pensou Richard, olhando para o alto teto.

Tentou fazer uma estimativa da velocidade de descida, mas era impossível, pois não tinha qualquer ponto de referência. Segundo o mapa do cilindro feito por Richard, os depósitos de melão maná deviam ficar a mil e cem metros acima da base. De modo que se formos até embaixo, ao que seria a velocidade normal de um elevador na Terra, esta viagem demoraria vários minutos.

Foram os três minutos mais longos de sua vida. Richard não tinha absolutamente qualquer idéia do que encontraria quando as portas do elevador se abrissem. Talvez eu me veja do lado de fora, pensou de repente. Talvez esteja no limiar daquela região com as edificações brancas… Será que estão me mandando para casa?

Estava justamente começando a imaginar como a vida poderia ter mudado no Novo Éden, quando o elevador parou. As grandes portas se abriram e durante vários segundos Richard teve a sensação de que o coração lhe tinha saído pela boca. Paradas exatamente defronte dele, e claramente a observá-lo com todos os seus olhos, estavam duas criaturas muito mais estranhas do que qualquer coisa que ele já houvesse imaginado.

Richard não conseguia se mover. O que via era de tal modo inacreditável que ele ficou paralisado enquanto sua mente lutava com os bizarros dados que recebia por meio de seus sentidos. Cada um dos seres diante dele tinha quatro olhos em sua “cabeça”. Além dos ovais, grandes e leitosos, a cada lado de uma linha de simetria invisível, que dividia em dois a cabeça, cada criatura tinha dois olhos adicionais ligados a duas hastes que se elevavam uns dez ou doze centímetros acima da testa. Atrás das grandes cabeças, seus corpos tinham mais dois segmentos, com um par de apêndices para cada segmento, o que lhes dava um total de seis pernas. Os alienígenas estavam eretos, de pé nas patas traseiras, com os quatro apêndices frontais cuidadosamente recolhidos de encontro a seus ventres de cor creme.

Quando elas avançaram na direção dele no elevador, Richard recuou, assustado; as duas criaturas viraram-se uma para a outra e comunicaram-se entre si por meio de um ruído de alta freqüência que vinha de um pequeno orifício circular abaixo dos olhos ovais. Richard

piscou, sentiu-se tonto, e caiu sobre um joelho para se reequilibrar, com o coração ainda batendo furiosamente.

Os alienígenas também mudaram de posição, pousando no chão suas pernas do meio. Em tal posição, eles pareciam formigas gigantes com as patas dianteiras recolhidas e a cabeça alta. Durante o tempo todo, as esferas pretas na ponta das hastes dos olhos continuaram a girar, varrendo os 360°, enquanto os materiais leitosos nos ovais marrons escuros se moviam de um lado para outro.

Por vários minutos as criaturas ficaram mais ou menos paradas, como que encorajando Richard a examiná-las. Lutando contra o medo, ele tentou estudá-las de forma objetiva, científica. As criaturas eram mais ou menos do tamanho de cães de porte médio, mas por certo pesariam muito menos. Seus corpos eram magros e muito firmes. Os segmentos das extremidades eram maiores do que o do meio, e as três divisões corporais ostentavam uma carapaça brilhante feita de alguma espécie de material duro.

Richard os classificaria como insetos muito grandes, se não fosse por seus extraordinários apêndices, que eram grossos, talvez até dotados de músculos e cobertos por um "cabelo" curto, muito denso e preto com listras brancas que fazia com que as criaturas parecessem estar usando meias-calças. Suas mãos, se fosse esse seu rótulo adequado, eram livres dessa camada de cabelo e tinham quatro dedos cada, inclusive um polegar com movimento de oposição no par dianteiro.

Richard conseguira tomar coragem suficiente para olhar novamente para aquelas cabeças inacreditáveis quando se ouviu um ruído agudo, como o de uma sirene, atrás dos dois alienígenas, que se viraram. Richard levantou-se e viu uma terceira criatura aproximando-se com passos rápidos. Seus movimentos eram fascinantes. Corria como um gato de seis pernas, esticando-se paralelamente ao chão e dando impulso com um par diferente de pernas a cada passada.

Os três puseram-se a conversar rapidamente e o recém-chegado, levantando a cabeça e as patas da frente, indicou com clareza a Richard que ele deveria deixar o elevador. Ele saiu e caminhou atrás do trio até entrar em um grande salão.

Este era, também, um depósito de melões manás, porém essa era sua única semelhança com o setor das aves no cilindro. Alta tecnologia e equipamento automatizado estavam em evidência por toda parte. No teto, a dez metros acima deles, uma coletora automática movia-se em um sistema de trilhos. Pegava um a um os melões e os empilhava em vagões de carga presos a sulcos no fundo do salão. Enquanto Richard e seus anfitriões observavam, um dos carros de carga correu pelo sulco e parou junto do elevador.

As criaturas saíram pulando por um dos caminhos que atravessavam o grande espaço e Richard apressou-se em segui-las. Elas o esperaram junto à porta, depois partiram correndo para a esquerda, olhando para trás a fim de verificar se ainda podiam vê-lo. Richard correu atrás delas por quase dois minutos, até chegarem a um grande átrio aberto, de muitos metros de altura, com um engenho para transporte no centro.

O engenho era uma espécie de primo distante de uma escada rolante. Na realidade havia dois deles, um subindo e um descendo, em espirais em torno de dois grandes eixos no centro do átrio. Eram rampas e moviam-se muito rapidamente e em ângulos muito inclinados. A cada cinco metros mais ou menos elas atingiam outro nível, ou andar, e o passageiro então andava mais ou menos um metro até a espiral em torno de outro eixo. O que fazia as vezes de corrimão era uma barra a apenas uns trinta centímetros de altura. Os alienígenas viajavam em posição horizontal, com as seis patas na rampa movediça. Richard, que a princípio ficara de pé, rapidamente ficou de gatinhas a fim de não cair da rampa. Durante o trajeto, cerca de uma dúzia de alienígenas, na metade descendente da rampa, passou por Richard e ficaram estarrecidos ao olhá-lo com suas caras espantosas. Mas como será que comem? pensou Richard, notando que o buraco circular que usavam para se comunicar certamente não seria suficientemente grande para a passagem de alimentos. Não havia outros orifícios em suas cabeças, e alguns botões e rugas cujos objetivos eram desconhecidos.

Eles estavam levando Richard para o oitavo ou nono nível. As três criaturas esperaram até que ele atingisse a plataforma desejada. Richard seguiu-as até um edifício hexagonal com marcas vermelho vivo na frente. Engraçado, pensou Richard, olhando para os estranhos rabiscos. Eu já vi essas escritas antes… É claro, no mapa ou documento que as aves estavam lendo.

Richard foi colocado em um cômodo bem iluminado e decorado com gosto, todo com desenhos geométricos em preto e branco. Em torno dele havia objetos de toda forma e tamanho, porém Richard não tinha a menor noção do que seria qualquer um deles. Os alienígenas recorreram a uma linguagem de sinais para indicar a Richard que era ali que ele ficaria. Depois foram embora. Um exausto sr. Wakefield estudou a mobília, tentando descobrir qual daquelas coisas poderia ser a cama, depois deitou-se no chão para dormir.

Myrmigatos. É assim que os vou chamar. Richard acordara depois de dormir durante quatro horas, e não podia parar de pensar naquelas criaturas alienígenas. Queria dar-lhes um bom nome. Depois de desistir de gat-ormiga e de gatosseto, lembrou-se de que quem estuda formigas é chamado de myrmecólogo.

Escolheu myrmigato porque em sua mente o i soava melhor do que o e no meio da palavra.

O quarto de Richard era bem iluminado. De fato, em todos os pontos que vira do habitat dos myrmigatos havia boa iluminação, em contraste com os corredores escuros, sugerindo catacumbas, das partes superiores do cilindro marrom. Não vi mais nenhuma ave desde minha viagem de elevador. De modo que parece que estas duas espécies não vivem juntas. Ao menos, não completamente.

Mas ambas usam melões manás… Qual exatamente será a ligação entre elas?

Um par de myrmigatos entrou pulando pela porta, colocou cuidadosamente um melão cortado e uma caneca de água em frente a ele, depois desapareceu. Richard estava faminto e sedento. Vários segundos depois de ele terminar seu desjejum, o par de criaturas voltou. Usando as mãos de suas pernas dianteiras, os myrmigatos sugeriram que ele se levantasse. Richard ficou olhando para eles. Serão estas as mesmas criaturas que vi ontem? Será este o mesmo par que me trouxe melão e água? Tentou lembrar-se de todos os myrmigatos que vira, inclusive os com que cruzara na rampa. Não conseguiu lembrar-se de uma única característica que distinguisse ou identificasse qualquer indivíduo. Será que todos são iguais? Mas, nesse caso, como poderão saber qual é qual?

Os myrmigatos levaram-no para o corredor e saíram disparados para o lado direito. Isso é ótimo, disse Richard a si mesmo, começando a correr depois de passar alguns segundos apreciando a beleza do andar dos outros. Eles devem pensar que os humanos sejam todos atletas. Um dos myrmigatos parou uns quarenta metros à frente dele. Não se virou, mas Richard sabia que o estava observando, porque ambas as hastes de olhos estavam dobradas para trás, na direção dele. “Já vou”, gritou Richard. “Mas não posso correr tanto assim.” Não levou muito tempo até Richard perceber que o par de alienígenas estava levando-o para um tour pelo habitat dos myrmigatos. O tour fora planejado com grande lógica. A primeira parada, muito rápida, foi em um depósito de melão maná. Richard viu dois carros de carga cheio de melões deslizar por sulcos para um elevador semelhante (ou igual) ao que ele usara para descer, na véspera.

Depois de outra corrida de cinco minutos, Richard entrou em setor radicalmente diferente do antro dos myrmigatos. Enquanto que as paredes na outra seção eram em sua maioria metálicas, em branco e cinzento a não ser pelo seu quarto, aqui tanto as salas quanto os corredores eram profusamente decorados, seja com cores, seja com desenhos geométricos, ou com ambos. Um vasto salão do tamanho de um teatro tinha em seu piso três piscinas. Cerca de cem myrmigatos estavam nessa sala, metade aparentemente nadando nas piscinas (só

com as hastes de olhos e a metade superior de suas carapaças fora da água) e a outra metade ou sentada nas divisórias que separavam as piscinas ou perambulando por um estranho edifício na outra extremidade da sala.

Mas estariam realmente nadando? Um exame mais detalhado fez Richard notar que as criaturas não se mexiam na água — elas simplesmente submergiam em um ponto dado e ficavam debaixo da água por vários minutos. O líquido em duas das piscinas era bastante grosso, mais ou menos com a consistência de uma sopa cremosa na Terra, enquanto que a terceira, clara, quase que certamente continha água. Richard ficou seguindo um único myrmigato em seu percurso de uma das piscinas cremosas para a de água, depois novamente para a outra cremosa. E por que razão será que me trouxeram aqui?

Na mesma hora, um myrmigato bateu de leve no ombro de Richard. Ele apontou para Richard, depois para as piscinas, depois para a boca de Richard, que não conseguiu ter a menor idéia do que lhe estava sendo dito. A seguir, o myrmigato guia desceu a inclinação no sentido das piscinas e afundou-se em uma delas, de líquido mais grosso. Quando voltou, ficou de pé no par de pernas traseiras e apontou para os sulcos entre os segmentos de seu baixo-ventre macio, de cor creme.

Obviamente, era importante para os myrmigatos que Richard compreendesse o que acontecia nas piscinas. Na parada seguinte, ele observou uma combinação de myrmigatos e algumas máquinas de alta tecnologia a moer um material fibroso para depois misturá-lo com água e outros líquidos a fim de criar uma pasta fina parecida com o que havia dentro das piscinas. Finalmente, um dos alienígenas pôs o dedo dentro da pasta e depois tocou com o material os lábios de Richard. Eles devem estar me dizendo que as piscinas são para alimentação. Quer dizer então que eles não comem melões manás, afinal? Ou pelo menos que têm uma dieta mais variada? Isto é tudo muito fascinante.

Em breve, eles partiram para mais uma corrida até outro recanto distante do antro. Lá Richard viu trinta ou quarenta criaturas menores, obviamente myrmigatos juvenis, engajados em atividades supervisionadas por adultos. Em aparência física, os pequenos assemelhavam-se a seus maiores, a não ser por uma diferença significativa — não tinham carapaça. Richard concluiu que a camada dura que os recobria não era elaborada pela criatura enquanto seu crescimento não estivesse completo. Embora Richard imaginasse que aquilo que via acontecer com os jovens fosse o equivalente aproximado de um colégio, ou talvez de uma escola maternal, é claro que não tinha meios de sabê-lo com certeza. Mas a certa altura ficou certo de ouvir os jovens repetirem em uníssono uma seqüência de sons

emitidos por um myrmigato adulto.

A seguir, viajou na rampa automática com seu par de guias turísticos.

Mais ou menos no vigésimo nível, as criaturas deixaram o corredor principal e o átrio aberto, seguindo por um corredor que terminava em uma vasta fábrica cheia de myrmigatos e máquinas engajados em um impressionante conjunto de tarefas.

Seus guias pareciam sempre estar com pressa, de modo a tornar difícil para Richard estudar qualquer processo em particular. A fábrica era semelhante à sua equivalente na Terra. Havia toda espécie de barulhos, cheiros de elementos químicos e metais, com os tons agudos da comunicação dos myrmigatos perpassando todo o espaço. Em um ponto Richard viu um par de myrmigatos consertando uma máquina para colheita, semelhante à que vira em operação no depósito de melões manás no dia anterior.

Em um canto da fábrica havia uma área especial, separada do resto.

Embora seus guias não o conduzissem naquela direção, a curiosidade de Richard foi provocada. Ninguém o parou quando atravessou a porta da área especial.

Dentro do grande cubículo um operador myrmigato presidia um processo automatizado de manufatura.

Peças longas e finas de metal leve ou de plástico entravam na sala por uma esteira transportadora em determinado ponto. Pequenas esferas de uns dois centímetros de diâmetro vinham de um outro cubículo, ao lado, por uma outra esteira transportadora. Onde as duas esteiras se uniam, uma máquina grande e retangular, montada em uma armação pendurada do teto, descia até os componentes com um som peculiar de sucção. Trinta segundos depois, o operador myrmigato levantava de novo a máquina e um par de pernudinhos saltavam da esteira, encolhia as longas pernas em torno de si e pulava para seu lugar em uma caixa que parecia um vasto invólucro de ovos.

Richard observou o processo se repetindo várias vezes. Ficou fascinado, e também um tanto perplexo. Então os myrmigatos fazem os pernudinhos. E os mapas. E provavelmente também a nave espacial, lá onde for o lugar de onde vêm as aves. Então isto aqui o que é? Alguma espécie avançada de simbiose?

Ele sacudiu a cabeça, enquanto o processo de montagem de pernudinhos continuava a ter lugar à sua frente. Momentos mais tarde, Richard ouviu um barulho de myrmigato atrás de si. Quando se virou, um dos guias ofereceu-lhe uma fatia de melão maná.

Richard estava ficando exausto. Não tinha idéia de há quanto tempo vinha fazendo seu tour, mas tinha a sensação de que já seriam

várias horas.

Não havia a menor possibilidade de ele conseguir sintetizar tudo o que estava vendo. Depois de viajar no pequeno elevador até as áreas superiores da região dos myrmigatos, onde Richard não só visitou o hospital das aves, dirigido e operado por myrmigatos, como também viu aves saindo de ovos marrons, parecendo de couro, sob os olhos de médicos myrmigatos, ele ficou certo da existência de uma complexa relação simbiótica entre as duas espécies. Mas por quê? ficou pensando, quando seus guias permitiram-lhe descansar perto do alto da rampa rolante. As aves claramente beneficiam-se dos myrmigatos. Mas o que recebem das aves esses gigantescos gatos-formigas? Seus guias levaram-no por um corredor largo na direção de uma grande porta a várias centenas de metros de distância. Várias, desta vez, não correram.

Ao se aproximarem da porta, três outros myrmigatos entraram na passagem vindos de corredores menores, laterais, e as criaturas começaram a conversar em sua linguagem de alta freqüência. A certa altura, as cinco pararam e Richard imaginou que algum tipo de debate estivesse tendo lugar. Estudou-os cuidadosamente enquanto falavam, particularmente os rostos. Até mesmo as rugas e dobras em torno do orifício para a emissão de ruídos e os olhos ovais eram idênticos de criatura para criatura. Não havia qualquer maneira de se distinguir um myrmigato do outro.

Finalmente, todo o grupo recomeçou a andar para a porta. De longe, Richard subestimara seu tamanho. Ao chegar perto, constatou que tinha de doze a quinze metros de altura, e mais de três de largura. Sua superfície era toda esculpida, de forma intrincada e magnífica, sendo o foco central do trabalho artístico uma decoração quadrada, de quatro painéis, com uma ave voando no quadrado esquerdo do alto, um melão maná no da direita ao alto, um myrmigato correndo na esquerda baixa e algo que parecia algodão-doce em flocos grandes e densos, na direita baixa.

Richard parou para admirar todo aquele trabalho artístico. A princípio, teve uma vaga sensação de já ter visto aquela porta antes, ou pelo menos seu desenho, mas disse a si mesmo que isso era impossível. No entanto, ao correr os dedos pela figura esculpida do myrmigato, sua memória repentinamente despertou. É claro, disse excitadíssimo a si mesmo. No fundo da toca das aves em Rama II. Foi lá que houve o incêndio.

Momentos mais tarde, a porta abriu-se e Richard foi escoltado para dentro do que parecia uma grande catedral subterrânea. O cômodo no qual se viu tinha mais de cinqüenta metros de altura. A forma básica de seu piso era um círculo, com cerca de trinta metros de diâmetro, e seis naves separadas saíam para os lados, em torno do

círculo. As paredes eram deslumbrantes. Virtualmente, cada centímetro quadrado era coberto por esculturas ou afrescos criados com meticulosa atenção para os detalhes. Era de beleza avassaladora.

No centro da catedral ficava uma plataforma elevada na qual, de pé, falava um myrmigato. Abaixo dele, havia uma dúzia de outros, todos sentados sobre as quatro pernas traseiras e observando o orador, com fascinada atenção.

Andando em torno do salão, Richard percebeu que a decoração nas paredes, em uma faixa de um metro de largura que ficava a uns oitenta centímetros do chão, contava uma história ordenada. Richard seguiu a faixa em silêncio até atingir o que julgou ser o início da história. A primeira decoração era um retrato esculpido de um melão maná. Nos três painéis seguintes, percebeu que havia uma coisa crescendo dentro do melão. Fosse o que fosse o que estava crescendo era mínimo no segundo painel, porém à altura da quarta escultura já ocupava quase todo o interior do melão.

No quinto painel, uma cabecinha mínima com dois olhos ovais e leitosos, brotos de hastes e um pequeno orifício circular abaixo dos olhos podiam ser vistos forçando sua saída do melão. A sexta escultura, que apresentava um jovem myrmigato muito semelhante aos que Richard vira naquele mesmo dia, confirmou o que vinha deduzindo ao seguir a série de decorações. Mas que merda! disse Richard para si mesmo, então um melão maná é um ovo de myrmigato! Mas isso não faz sentido. As aves comem os melões… De fato, os próprios myrmigatos até os servem a mim… O que será que está acontecendo por aqui?

Richard ficou tão espantado com sua descoberta (e tão cansado de tanto correr durante o seu tour) que se sentou defronte da escultura dos jovens myrmigatos. Tentou compreender qual seria a relação entre os myrmigatos e as aves. Não conseguiu referir-se a qualquer outra simbiose paralela na Terra, embora tivesse perfeita consciência de que espécies muitas vezes trabalhavam juntas a fim de melhorar as possibilidades de sobrevivência de uma e outra.

Porém como poderia uma espécie continuar a manter relações amigáveis com outra quando seus ovos constituíam a única alimentação da segunda espécie?

Richard concluiu que o que ele julgava serem princípios fundamentais biológicos não se aplicavam a aves e myrmigatos.

Enquanto Richard refletia sobre as estranhas coisas que tinha aprendido, um grupo de myrmigatos reuniu-se em torno dele. Todos fizeram-lhe gestos para que se levantasse. Um minuto mais tarde, ele os estava seguindo por uma rampa circular do outro lado do salão para uma cripta especial no porão de sua catedral.

Pela primeira vez desde que entrara no habitat, a luz era mortiça.

Os myrmigatos a seu lado moviam-se lenta, quase que reverentemente, enquanto desciam por uma passagem larga com o teto em arco. No outro extremo da passagem havia um par de portas que se abriram para uma grande sala cheia de um material branco e macio. Embora o material, que de longe lembrava algodão, parecesse denso pela quantidade, cada filamento individual era de modo geral muito fino, a não ser pelo fato de eles se apresentarem em bolos, ou gânglios, espalhados sem qualquer plano definido pela grande massa branca.

Richard e os myrmigatos pararam na entrada, cerca de um metro de onde o material branco começava. Aquela teia parecendo algodão estendia-se em todas as direções, no que foi possível a Richard ver. Enquanto estudava sua intrincada construção de malha, os elementos do material começaram a mover-se lentamente, afastando-se para formar uma trilha que continuaria o caminho do corredor para o interior daquela rede. Está vivo, pensou Richard, cujo pulso disparou enquanto olhava tudo fascinado.

Cinco minutos mais tarde, a trilha se abrira o bastante para que Richard entrasse dez metros para dentro do material. Os myrmigatos à sua volta estavam todos apontando no sentido da teia de algodão. Richard começou a abanar a cabeça. Desculpe, pessoal, quis dizer, mas há qualquer coisa a respeito desta situação que eu não gosto. De modo que vou pular esta parte do tour, se não se importam.

Os myrmigatos continuavam apontando. Richard sabia que não tinha escolha. O que será que isso me fará? indagou-se, ao dar o primeiro passo à frente. Me comer? Será que tudo afinal leva a isso? Mas não faria sentido.

Virou-se. Os myrmigatos não tinham se mexido. Richard respirou fundo e caminhou os dez metros da trilha, até chegar a um ponto no qual podia tocar um dos estranhos gânglios daquela malha viva. Enquanto examinava cuidadosamente o gânglio, o material à sua volta começou a se mover novamente, Richard girou e viu que a trilha atrás dele estava se fechando. Momentaneamente frenético, ele tentou correr naquela direção, de volta para o corredor, mas foi uma perda de energia. A teia o apanhou e ele resignou-se a aceitar o que quer que estivesse para acontecer a seguir. Richard ficou perfeitamente imóvel enquanto a teia o envolvia. Os elementos minúsculos, com fios, tinham mais ou menos um milímetro de largura.

Lenta e inexoravelmente, eles começaram a cobrir-lhe o corpo. Espere, pensou Richard. Esperem, vocês vão me sufocar. Porém, surpreendentemente, muito embora centenas de filamentos já se estivessem enrolando em torno de sua cabeça e seu rosto, ele não tinha a menor dificuldade em respirar.

Antes que suas mãos ficassem imobilizadas, Richard tentou puxar

um daqueles elementos minúsculos de seu braço. Era quase impossível. Do mesmo modo que iam se enrolando em torno dele, faziam pequenas inserções em sua pele. Depois de puxar muito, ele finalmente conseguiu libertar os filamentos brancos de uma pequena área de seu braço, porém ficou sangrando na área que libertou. Richard olhou para seu corpo e calculou que provavelmente estava com cerca de um milhão de unidades daquela malha viva na camada externa de sua pele. Estremeceu.

Richard continuava espantado por não se sentir sufocado. Quando sua mente começou a se perguntar como o ar estaria chegando até ele através daquela teia, ouviu uma outra voz dentro de sua cabeça. Pare de tentar analisar tudo, dizia ela. Jamais chegará a compreender, de qualquer modo. Ao menos uma vez na vida, simplesmente experimente essa aventura inacreditável.

# 5

Novamente Richard perdeu a noção do tempo. Em algum momento durante os últimos dias (ou seriam semanas?) em que vivera dentro daquela teia alienígena, ele havia mudado de posição. Durante os primeiros cochilos, a rede havia também removido suas roupas e agora Richard estava deitado de costas, sustentado por um segmento extremamente denso naquela teia fina que envolvia seu corpo.

Sua mente não indagava mais, conscientemente, como ele estaria conseguindo sobreviver. De algum modo, sempre que sentia fome ou sede, suas necessidades eram rapidamente satisfeitas. Seus desejos sempre desapareciam em poucos minutos. A respiração era fácil, muito embora ele estivesse totalmente cercado pela teia viva.

Richard passava muitas de suas horas conscientes estudando a criatura à sua volta. Olhando com cuidado, ele podia ver que aqueles elementos minúsculos estavam sempre em movimento. O desenho da teia à sua volta se alterava muito constantemente, mas definitivamente ia mudando. Richard fez uma gráfico mental das trajetórias dos gânglios que conseguia ver. A certa altura, três gânglios diferentes migraram para a vizinhança dele e formaram um triângulo em frente à sua cabeça.

A teia desenvolveu um ciclo reconhecível de interação com Richard. Ela mantinha seus milhares de filamentos presos a ele de quinze a vinte horas de cada vez, depois o soltava inteiramente por várias horas. Richard dormia sem sonhar sempre que não estava preso à teia. Se acaso acordava livre, ficava enervado e apático. Porém cada vez que os fios começavam a se enrolar nele novamente, sentia uma nova onda de energia. Seus sonhos eram ativos e vividos se ele adormecia ligado à teia. Richard jamais fora de muito sonhar antes, e muitas vezes rira das preocupações de Nicole com seus sonhos. Mas à medida que suas imagens em sonho se tornavam mais complexas, e em alguns casos mais bizarras, Richard começou a apreciar as razões pelas quais Nicole prestaria tanta atenção a elas. Certa noite, ele sonhou que era novamente adolescente e estava no teatro vendo uma montagem de Como quiserem em Stratford-on-Avon, sua cidade natal. A moça loura e linda que estava interpretando Rosalind desceu do palco e estava sussurrando em seu ouvido.

“Você é Richard Wakefield?” perguntou ela, no sonho.

“Sou”, respondeu ele.

A atriz começou a beijar Richard, primeiro lentamente, depois mais apaixonadamente, com uma língua viva que saltitava fazendo cócegas pelo interior de sua boca. Ele sentiu uma onda avassaladora de desejo e então despertou abruptamente, estranhamente

embaraçado tanto por sua nudez quanto por sua ereção. E agora o que era tudo isso? ficou imaginando Richard, ecoando uma frase que muitas vezes ouvira de Nicole.

Em algum estágio de seu cativeiro suas lembranças de Nicole ficaram muito mais nítidas, mais claramente delineadas. Richard descobriu, para surpresa sua, que na ausência de outros estímulos ele era capaz, se se concentrasse, de recordar conversas inteiras com Nicole, inclusive detalhes, como o tipo de expressão facial que ela usara para pontuar suas frases. No prolongado período dentro da teia, Richard muitas vezes sofreu de solidão, com as lembranças vividas fazendo-o sentir falta ainda maior de sua amada mulher.

Suas lembranças das crianças eram igualmente nítidas. Ele sentia falta de todas, e especialmente de Katie. Lembrava-se de sua última conversa com aquela sua filha especial, vários dias antes do casamento, quando ela tinha aparecido em casa para buscar umas roupas. Katie estava deprimida e necessitada de apoio, porém Richard não fora capaz de dá-lo. Simplesmente não havia ligação nenhuma, pensou Richard. A imagem recente de Katie como uma jovem mulher sexy foi substituída por outra, de uma menina de dez anos, sem medo, a saltar pelas praças de Nova York. A superimposição das duas imagens provocou uma profunda sensação de perda em Richard. Jamais me senti à vontade com Katie depois que ela despertou, compreendeu ele com um suspiro. Eu continuava querendo a minha menininha.

A clareza de suas lembranças de Nicole e Katie convenceu Richard de que algo extraordinário estava acontecendo à sua memória. Descobriu que também podia lembrar-se do resultado exato de cada quarta-de-final, semifinal e final de todas as Copas do Mundo entre 2174 e 2190. Richard soubera toda essa informação inútil como rapaz, pois fora um apaixonado fã de futebol. No entanto, durante os anos antes do lançamento da Newton, quando tantas coisas novas estavam atulhando seu cérebro, muitas vezes fora incapaz, até mesmo durante discussões sobre futebol com os amigos, de lembrar-se sequer de que países haviam jogado nesta ou naquela partida crucial da Copa do Mundo.

À medida que as imagens de sua memória continuavam a tornar-se cada vez mais nítidas, Richard descobriu que estava também rememorando as emoções associadas às imagens. Era quase como se ele estivesse revivendo integralmente as experiências. Em uma longa rememoração, ele se lembrou não só dos avassaladores sentimentos de amor e adoração que sentira por Sarah Tydings quando a vira pela primeira vez atuando em um palco, como também a emoção e vibração de seu namoro e até mesmo a paixão desenfreada de sua primeira noite de amor. Esta o deixara sem respiração então e agora,

muitos anos mais tarde, envolto por uma criatura alienígena semelhante a uma teia de neurônios, a reação de Richard foi igualmente forte.

Em breve, tudo parecia como se Richard não tivesse mais controle sobre as lembranças ativadas em seu cérebro. A princípio, ou assim achava ele, havia pensado propositadamente em Nicole ou nos filhos ou até mesmo em seu namoro com a jovem Sarah Tydings, só para se sentir feliz. Agora, disse ele um dia durante uma conversa imaginária com aquela teia suave, depois de haver refrescado minha memória — só Deus sabe com que objetivo — parece que você está lendo tudo o que há nela.

Durante muitas horas, gostou da leitura forçada de sua memória, em particular dos trechos que cobriam sua vida em Cambridge e na Academia Espacial, quando seus dias eram preenchidos pela alegria constante do novo conhecimento… Física quântica, a explosão cambriana, probabilidade e estatísticas, até mesmo o vocabulário de há muito esquecido de suas lições de alemão, lembraram-no de quanto sua felicidade na vida se devera à excitação de aprender. Outra lembrança particularmente prazerosa fez sua mente pular de peça em peça, cobrindo todas as montagens teatrais de Shakespeare que vira entre os dez e os dezessete anos. Todo mundo precisa de um herói, pensou Richard depois de rever aquela colagem de cenas, como um incentivo para a realização do melhor de si mesmo. O meu herói foi definitivamente William Shakespeare.

Algumas lembranças foram dolorosas, em particular as de sua infância.

Em uma delas, Richard estava novamente com oito anos, sentado em um banquinho à pequena mesa da sala de jantar da família. A atmosfera estava tensa. Seu pai, bêbado e zangado com o mundo, lançava olhares odientos a todos eles, enquanto comiam em silêncio. Richard acidentalmente derramou um pouquinho de sopa e segundos mais tarde a mão do pai atingiu-o no rosto com força bastante para derrubá-lo do banco e atirá-lo em um canto da sala, onde ficou tremendo de medo e choque. Havia anos que ele não se lembrava daquele episódio, mas não pôde reter as lágrimas ao rememorar o quanto ficara indefeso e amedrontado perto daquele pai neurótico e agressivo.

Certo dia, de repente, Richard começou a lembrar-se de detalhes de sua longa odisséia em Rama II, e uma dor de cabeça fortíssima quase o cegou. Viu-se em uma sala desconhecida, deitado no chão, cercado por três ou quatro octoaranhas. Dúzias de sondas e outros instrumentos haviam sido implantados nele, e alguma espécie de teste estava sendo realizado.

“Parem, parem”, gritou Richard, destruindo a imagem na

memória com sua intensa agitação. “Minha cabeça está me matando.”

Miraculosamente, a dor de cabeça começou a ceder e novamente Richard viu-se em meio às octoaranhas em sua memória. Lembrou-se dos dias e dias de testes por que passara e as minúsculas criaturas vivas que foram inseridas em seu corpo. Lembrou-se também de um peculiar conjunto de experimentações sexuais quando fora sujeitado a toda espécie de estímulo externo e recompensado quando ejaculava. Richard ficou surpreendido com essas novas lembranças às quais jamais tivera acesso antes, nem um só vez, desde que despertara do coma no qual sua família o havia encontrado em Nova York. Agora me lembro de outras coisas também a respeito das octoaranhas, refletiu excitado. Elas falavam entre si em cores que se enrolavam em torno de suas cabeças. Eram basicamente amistosas, porém determinadas a aprender tudo o que pudessem a meu respeito. Elas…

A imagem mental desapareceu e a dor de cabeça de Richard voltou. Os fios da teia acabavam de ser desligados. Richard estava exausto e adormeceu rapidamente.

Depois de dias e dias de uma lembrança após a outra, a leitura cessou abruptamente. A mente de Richard deixou de ser motivada por alguma força externa atuante. Os fios da teia permaneciam desligados por longos períodos de tempo.

Uma semana se passou sem incidentes. Na segunda, no entanto, um gânglio esférico bem diferente, muito maior e mais densamente enrolado do que os novelos normais da teia viva, começou a se desenvolver a uns vinte centímetros da cabeça de Richard. O gânglio cresceu até ficar mais ou menos do tamanho de uma bola de basquete. Pouco depois, o imenso novelo emitiu centenas de filamentos que se inseriram em torno da circunferência da caveira de Richard. Finalmente, pensou Richard, ignorando a dor causada pela invasão dos fios em seu cérebro, agora vamos ver o porquê de tudo isto.

Começou imediatamente a ver uma espécie de imagens, tão difusas que não lhe era possível identificar nada em particular. A qualidade das imagens mentais de Richard melhorou muito rapidamente, no entanto, quando ele concebeu inteligentemente um meio rudimentar de comunicação com a teia. Tão logo a primeira imagem apareceu em sua mente, Richard concluiu que a teia que vinha lendo o produto de sua memória havia dias, agora estava tentando escrever alguma coisa em seu cérebro. Mas a teia, ficava claro, não tinha meios para medir a qualidade das imagens que Richard estava recebendo. Lembrando-se de suas visitas a seu médico oculista quando menino e os modelos de comunicação que resultavam na especificação definitiva das lentes para seus óculos, Richard usou os dedos para indicar se cada mudança feita pela teia em seu processo

de transmissão o melhorara ou piorara. Desse modo, em breve Richard pôde "ver" o que o alienígena estava tentando mostrar-lhe.

As primeiras imagens foram de um planeta, tomadas de uma nave espacial. O mundo coberto de nuvens com duas luas pequenas e uma estrela amarela distante e solitária como sua fonte de luz e calor quase que com certeza seria o planeta natal daquelas teias sésseis. A seqüência de imagens que se seguiu mostrou a Richard várias paisagens do planeta.

A neblina era onipresente no mundo natal dos sésseis. Sob a neblina, na maioria das imagens, havia uma superfície marrom, sem rochas, estéril. Só os litorais, onde a terra estéril se encontrava com as ondas do líquido verde de mares e lagos, sugeriam alguma vida. Em um desses oásis viu não só várias aves como também uma fascinante mistura de outras coisas vivas. Richard poderia ter passado dias examinando apenas uma. daquelas imagens, mas não tinha controle sobre a sua seqüência. A teia tinha algum objetivo para sua comunicação, estava convencido, e o primeiro conjunto de imagens era apenas uma introdução.

Todo o resto das imagens apresentava ou uma ave, um melão maná, um myrmigato, uma teia séssil ou alguma combinação desse mesmo quarteto. As cenas eram tomadas do que Richard supôs ser a "vida normal" em seu planeta natal, e abrangia o tema geral da simbiose entre as espécies. Em várias das imagens, as aves eram mostradas defendendo as colônias subterrâneas de myrmigatos e sésseis de invasões pelo que pareciam ser pequenos animais e plantas. Outras retratavam os myrmigatos cuidando das aves recém-chocadas ou transportando grandes quantidades de melões manás para um abrigo de aves.

Richard ficou perplexo quando viu várias imagens que mostravam pequeníssimos melões manás incrustados dentro das criaturas sésseis. Por que razão haveriam os myrmigatos de botar seus ovos ali? indagou-se. Para proteção?

Ou seriam essas estranhas teias uma espécie de placenta pensante?

Uma impressão clara deixada em Richard pela seqüência de imagens era a de que os sésseis eram, em um sentido hierárquico, a espécie dominante das três.

Todas as imagens sugeriam que tanto os myrmigatos quanto as aves rendiam homenagens às criaturas que constituíam as malhas. Será que essas teias, de algum modo pensam tudo o que há de importante para as aves e o myrmigatos? perguntou-se Richard. Que incrível relacionamento simbiótico!… Como seria possível que elas se desenvolvessem?

Havia um total de vários milhares de imagens na seqüência.

Depois de ser repetida duas vezes, os filamentos soltaram-se de Richard e voltaram ao gânglio gigante. Nos dias seguintes, Richard foi, em essência, deixado sozinho, com as ligações com seus hospedeiros reduzidas às necessárias para sua sobrevivência.

Quando uma trilha se formou na teia, e Richard pôde ver a porta pela qual entrara várias semanas antes, pensou que fosse ser libertado. Seu entusiasmo momentâneo, no entanto, foi rapidamente abafado. Mal fez ele sua primeira tentativa de se mexer, a tela séssil apertou seu contato em todas as partes de seu corpo.

Então, qual é o objetivo da trilha? Enquanto Richard olhava, um trio de myrmigatos entrou vindo do corredor. A criatura do meio tinha duas pernas partidas e seu segmento posterior estava amassado, como se houvesse sido atropelado por um carro pesado ou um caminhão. Seus dois companheiros carregavam o myrmigato incapacitado para dentro da teia e depois partiram.

Dentro de segundos a teia começou a se enrolar em torno do recém-chegado.

Richard estava a cerca de dois metros do myrmigato aleijado, e a área entre ele e o ferido continuava vazia de fios ou novelos. Richard jamais vira qualquer espaço vazio dentro da massa viva. Então, minha educação vai continuar. O que será que devo aprender agora? Os sésseis são médicos dos myrmigatos, assim como os myrmigatos são médicos da aves?

A teia não restringiu suas atenções às partes danificadas do myrmigato.

De fato, durante um longo período desperto, Richard observou a teia envolver inteiramente a criatura em um casulo apertado. Ao mesmo tempo, o grande gânglio logo perto de Richard mudou-se para perto do casulo. Mais tarde, depois de um cochilo, Richard notou que o gânglio estava de volta a seu lado. O casulo do outro lado da grande falha na teia já estava quase que completamente desenrolado. O pulso de Richard bateu duas vezes mais forte quando o casulo desapareceu completamente e não restava o menor traço do myrmigato.

Richard não teve muito tempo para se indagar a respeito do que poderia ter acontecido ao myrmigato. Em poucos minutos, os filamentos do gânglio grande já estavam novamente agregados à sua cabeça e outra sessão de imagens era apresentada a seu cérebro. Na primeira imagem, Richard viu cinco soldados humanos acampados na margem do fosso dentro do habitat das aves. Estavam comendo sua refeição. A seu lado, estava um imponente conjunto de armas, inclusive duas metralhadoras.

As imagens que se seguiram mostravam humanos atacando todo o segundo habitat. Duas das primeiras cenas foram particularmente

cruentas. Na primeira, uma ave jovem fora decapitada em pleno ar e estava caindo no chão.

Um par de humanos satisfeitos congratulava-se mutuamente na parte inferior do mesmo quadro. A segunda imagem retratava um grande buraco quadrado em um dos setores do prado da região verde. Dentro do buraco eram vistos os restos de várias aves mortas. Um humano com um carrinho de mão contendo mais dois cadáveres de aves estava se aproximando da grande vala comum, vindo da esquerda.

Richard ficou arrasado pelo que estava vendo. Afinal, o que são essas imagens? perguntou-se. E por que razão eu deveria vê-las agora? Ele reviu rapidamente todos os acontecimentos recentes em seu mundo séssil e concluiu, bastante chocado, que o myrmigato ferido deveria ter efetivamente visto tudo o que lhe estava sendo mostrado, e a criatura de teia havia de algum modo removido as imagens da mente do myrmigato e as transferido para o cérebro de Richard.

Uma vez compreendido o que estava vendo, Richard prestou maior atenção às imagens em si. Ficou absolutamente indignado com a invasão e a matança que presenciava. Em uma das imagens subseqüentes, três soldados humanos eram vistos invadindo um complexo de apartamentos das aves dentro do cilindro marrom. Não houve sobreviventes.

Essas pobres criaturas estão condenadas, disse Richard de si para si, e é preciso que elas o saibam…

Repentinamente, formaram-se lágrimas nos olhos de Richard e a mais profunda tristeza que jamais conheceu acompanhou sua tomada de consciência de que membros de sua própria espécie estavam exterminando sistematicamente as aves. Não! gritou ele silenciosamente. Parem, por favor, parem. Será que não vêem o que estão fazendo? Essas aves também são exemplo que proclama o milagre da elevação de elementos químicos até o nível da consciência. Elas são como nós. São nossos irmãos.

Nos segundos que se seguiram, os muitos contatos e interações que Richard tivera com aquelas criaturas de aspectos de pássaro inundaram sua memória e expulsaram as imagens implantadas. Elas salvaram a minha vida, pensou ele, fixando na mente o longo vôo através do Mar Cilíndrico. Sem qualquer proveito para elas mesmas. Que humano, refletiu ele amargamente, teria feito semelhante boa ação por uma ave? Richard raramente soluçara em sua vida. Porém, sua dor pelas aves dominou-o. Enquanto chorava, todas as suas experiências desde que entrara no habitat das aves passaram por sua mente. Richard rememorou em particular a repentina mudança de tratamento em relação a ele e sua subseqüente transferência para o reino dos myrmigatos. Depois veio o tour guiado e eventualmente

minha instalação aqui… é óbvio que eles vêm tentando se comunicar comigo… Mas por quê?

Naquele mesmo instante, Richard teve uma epifania de tal força que as lágrimas novamente inundaram seus olhos. Por que elas estão desesperadas, respondeu a si mesmo. Elas estão implorando que eu as salve.

# 6

Novamente um grande vazio foi criado no interior do séssil. Richard observou cuidadosamente enquanto trinta pequenos gânglios formaram uma esfera de uns cinqüenta centímetros de diâmetro na outra ponta da área vazia. Um filamento inusitadamente grosso ligava cada gânglio ao centro da esfera. A princípio, Richard não conseguiu detectar nada dentro da esfera, porém, depois de os gânglios se mudarem para outra posição, ele viu, onde estivera a esfera, um minúsculo objeto verde com centenas de fios infinitesimais a prendê-lo ao resto da teia.

Ele cresceu muito devagar. Os gânglios já se haviam movido para três posições novas, repetindo a mesma configuração esférica a cada vez, antes que Richard reconhecesse que o que estava crescendo dentro do séssil era um melão maná. Ficou aparvalhado. Richard não pudera imaginar que o myrmigato desaparecido pudesse ter deixado atrás de si ovos que demorassem tanto para germinar. E eles deviam ter sido apenas umas poucas células. Embriõezinhos microscópicos de algum modo criados aqui…

Seus pensamentos foram interrompidos por sua compreensão de que esses melões manás estavam se desenvolvendo em uma região do séssil a quase vinte metros de ponto no qual o myrmigato fora encasulado. Será então que esta criatura de teia transportou os ovos de um lugar para o outro? E depois ainda os guardou durante semanas?

A mente lógica de Richard começou a rejeitar a hipótese de o myrmigato desaparecido ter posto qualquer ovo. Lenta, porém firmemente, ele desenvolveu uma nova explicação alternativa para o que observara, que sugeria uma biologia mais complexa do que qualquer que encontrara na Terra. Imaginemos, pensou, que os melões manás, os myrmigatos e esta teia séssil sejam todos o que nós chamaríamos a mesma espécie?

Estarrecido ante as ramificações desse pensamento simples, Richard passou dois longos períodos em que esteve desperto revendo tudo o que testemunhara dentro do segundo habitat. Olhando para os quatro melões manás crescendo defronte dele do outro lado daquele vazio, Richard concebeu um ciclo de metamorfose no qual os melões manás geravam os myrmigatos, que por sua vez morriam e forneciam matéria nova para a teia séssil, que então punha ovos de melão maná que começavam de novo todo o processo. Não havia nada que tivesse observado que não fosse coerente com tal explicação. Porém, o cérebro de Richard estava explodindo com milhares de perguntas, não só sobre como esse intrincado grupo de metamorfoses tinha lugar, mas

também por que essa espécie havia se desenvolvido de modo a se tornar um ser de tal modo complexo, para início de conversa.

A maior parte do estudo acadêmico de Richard fora em campos do que ele se habituara a chamar de “ciências duras”. Matemática e física foram os elementos primordiais de sua educação. Ao lutar para compreender o possível ciclo de vida da criatura na qual ele vinha vivendo havia várias semanas, Richard ficou espantado com a própria ignorância. Queria ter aprendido mais biologia.

Pois como hei de poder ajudá-los? perguntou-se. Não tenho a menor idéia sequer de por onde começar.

Muito mais tarde, Richard se indagaria se àquela altura de sua estada dentro do séssil a criatura já tivesse aprendido não só a ler sua memória como também a interpretar seus pensamentos. Seus visitantes chegaram poucos dias depois. Novamente, formou-se uma trilha no séssil entre a posição de Richard e a entrada original. Quatro myrmigatos idênticos entraram pela trilha e por gestos sugeriram que Richard os seguisse. Estavam carregando suas roupas. Quando Richard fez um esforço para se mover, seu anfitrião alienígena não tentou retê-lo.

Suas pernas estavam um tanto fracas, mas depois de vestir-se Richard conseguiu seguir os myrmigatos de volta ao corredor nas profundezas do cilindro marrom.

O vasto salão tinha sido obviamente modificado fazia pouco tempo. O vasto mural de suas paredes ainda não estava terminado. De fato, ao mesmo tempo em que o professor myrmigato de Richard lhe apontava itens específicos nas pinturas já prontas, artistas myrmigatos ainda trabalhavam no restante do mural. Durante as primeiras lições de Richard no salão, chegava às vezes a uma dúzia o número de criaturas ocupadas em esboçar ou pintar os outros segmentos.

Bastou uma visita ao salão dos murais para que Richard ficasse certo de seu objetivo. Todo o salão estava sendo criado para fornecer-lhe informações sobre como ele poderia ajudar a espécie alienígena a sobreviver. Ficou claro que aqueles extraterrestres sabiam que estavam a ponto de serem dominados e destruídos pelos humanos. As pinturas no salão eram sua tentativa de fornecer os dados com os quais Richard poderia tentar salvá-los. Mas poderia ele aprender o suficiente apenas pelas pinturas?

O trabalho artístico era brilhante. De tempos em tempos, Richard interrompia a atividade da metade esquerda de seu cérebro que estava tentando interpretar as mensagens das pinturas para que a metade direita pudesse apreciar o talento dos artistas myrmigatos. As criaturas trabalhavam em sua posição vertical, com as duas pernas traseiras no chão e as quatro fronteiras operando em conjunto a fim de

implementar o esboço ou pintura. Conversavam entre si, aparentemente para fazer perguntas, porém não faziam ruído suficiente para que Richard fosse perturbado do outro lado do salão.

Toda a primeira parte do mural era um texto didático de biologia alienígena. Provava que a compreensão fundamental de Richard da estranha criatura estava correta. Havia mais de cem pinturas individuais na seqüência principal, das quais duas dúzias mostravam diferentes estágios no desenvolvimento do embrião myrmigato, ampliando consideravelmente o conhecimento que Richard colhera das esculturas dentro da catedral dos myrmigatos. Os painéis primários explicando o progresso embriológico seguiam uma linha reta em torno das paredes do salão. Acima e abaixo das imagens dessa seqüência principal havia quadros de apoio ou suplementação, a maioria dos quais ficava além da compreensão de Richard. Por exemplo, um quarteto de pinturas de suporte havia sido arrumado em torno de uma imagem de um melão maná recentemente removido da teia séssil, porém antes que fosse iniciado qualquer desenvolvimento de myrmigato em seu interior. Richard tinha a certeza de que os quatro quadros adicionais tentavam dar-lhe informações específicas sobre as condições ambientais necessárias para o início do processo de germinação. No entanto, os artistas myrmigatos haviam usado cenas de seu planeta natal, para ilustrar as condições desejadas com paisagens de neblina e lagos com sua flora e fauna nativa, para comunicar os dados. Richard apenas sacudia a cabeça, quando seu professor myrmigato indicou as pinturas. Um diagrama que atravessava o alto da seqüência principal usava sóis e luas para especificar escalas de tempo. Richard deduziu de sua disposição que o tempo de vida da manifestação myrmigato da espécie era muito breve em comparação com o dos sésseis. Foi incapaz, no entanto, de decifrar qualquer coisa mais que o diagrama estivesse tentando transmitir.

Richard ficou um tanto confuso, também, quanto às relações numéricas entre as diferentes manifestações da espécie. Estava claro que cada melão maná resultava em um único myrmigato (não estava representado ali nenhum caso de gêmeos) e que um séssil podia produzir muitos melões manás. Mas qual seria a proporção de sésseis para myrmigatos? Em uma imagem, um grande séssil era apresentado com uma dúzia de myrmigatos diferentes em seu interior, cada um em uma fase diferente de encasulamento. O que supostamente indicaria aquilo?

Richard dormia em um pequeno quarto não longe do salão dos murais.

Suas lições duravam de três a quatro horas cada, depois do que ele era alimentado ou tinha permissão para dormir. Às vezes, ao entrar no salão, Richard dava um olhada nas pinturas, algumas ainda

incompletas, na segunda metade do mural. Se isso acontecia, imediatamente as luzes do salão se apagavam. Os myrmigatos queriam ter a certeza de que primeiro Richard aprendesse sua biologia.

Ao fim de cerca de dez dias a segunda metade do mural foi terminada.

Richard ficou atônito quando finalmente teve permissão para estudá-la. A representação dos muitos seres humanos e aves era de excepcional precisão. O próprio Richard aparecia meia dúzia de vezes nas pinturas. Com seus cabelos e barba longos, em mais de metade já brancos, ele quase não se reconheceu. Eu podia passar por Cristo nessas pinturas, riu-se ele ao passear pelo salão.

Parte do que restava do mural era um resumo histórico da invasão do habitat alienígena pelos humanos. Havia mais detalhes do que Richard vira em seu espetáculo pictórico mental enquanto dentro do séssil, porém não apresentou nada de substancialmente novo. Ficou, no entanto, novamente perturbado emocionalmente pelos horríveis detalhes do contínuo massacre.

As pinturas também precipitaram uma questão interessante em sua mente. Por que razão o conteúdo dos murais não fora transmitido diretamente a ele pelo séssil, eliminando com isso todo o esforço feito pelos artistas myrmigatos?

Talvez o séssil seja um engenho exclusivamente registrador, incapaz em imaginação. Talvez ele só possa mostrar o que já foi visto por um myrmigato. O resto do mural definia explicitamente o que as criaturas myrmigato/séssil estavam pedindo que Richard fizesse. Em todos os seus retratos ele usava uma mochila azul nas costas. A mochila tinha dois grandes bolsos na frente e mais dois atrás, contendo melões manás. Havia mais dois bolsos menores nos lados da mochila. Um estava entupido com um tubo cilíndrico prateado de cerca de quinze centímetros, e o outro continha dois ovos de aves, parecendo couro.

O mural mostrava as atividades sugeridas para Richard em seqüência bem ordenada. Ele deixaria o cilindro marrom por uma saída abaixo do nível do chão e emergiria na região verde do outro lado tanto do círculo de edificações brancas quanto do canal fino. Lá, guiado por um par de aves, ele desceria para a margem do fosso, onde seria apanhado por um pequeno submarino. O submarino mergulharia abaixo da parede do módulo, entraria em uma grande massa de água e eventualmente voltaria à superfície na margem de uma ilha com muitos arranha-céus.

Richard sorriu ao estudar o mural. Então tanto o Mar Cilíndrico quanto Nova York continuam aí. Lembrou-se do que a Águia lhe dissera a respeito de não serem feitas alterações desnecessárias em Rama. Isso significa que a Sala Branca também continua lá.

Havia muitos quadros adicionais cercando a seqüência da fuga de Richard, algumas dando maiores detalhes, a respeito das plantas e dos animais alienígenas da região verde, outras fornecendo instruções detalhadas sobre como operar o submarino. Quando Richard tentou copiar o que lhe pareceu mais importante nessas informações em seu computador portátil vindo da Newton, o professor myrmigato de repente mostrou-se impaciente. Richard ficou imaginando se a situação de crise se teria agravado.

No dia seguinte, depois de um cochilo prolongado, Richard foi equipado com sua mochila e levado ao salão dos sésseis por seus anfitriões. Lá, os quatro melões manás que ele vira crescer duas semanas antes foram removidos da teia pelos myrmigatos e colocados em sua mochila. Eram bastante pesados. Richard calculou que pesassem, em conjunto, uns vinte quilos. Um outro myrmigato então utilizou um instrumento semelhante a uma tesoura para remover do séssil um volume cilíndrico contendo quatro gânglios no conjunto de seus filamentos.

Esse material séssil foi colocado em um tubo prateado e enfiado em um dos bolsos menores de Richard, e os ovos das aves foram os últimos elementos a serem carregados.

Richard respirou fundo. Isto deve ser a despedida, pensou ele, quando os myrmigatos apontaram para o corredor. Por alguma razão ele se lembrou da insistência de Nai Watanabe em ser a saudação Tai chamada de wai, uma pequena curvatura com as mãos postas na frente da parte superior do peito, sinal universal de respeito. Sorrindo para si mesmo, Richard executou um wai para a meia dúzia de myrmigatos que o cercava. Atônito, ele viu cada um deles juntar as quatro patas da frente aos pares na frente do corpo e fazer uma ligeira curvatura em sua direção.

O porão mais profundo do cilindro marrom obviamente não era habitado.

Depois de deixar a sala dos sésseis, Richard e seu guia passaram primeiro por muitos outros myrmigatos, particularmente na vizinhança do átrio. Mas uma vez entrados na rampa que descia para o porão, não encontraram mais nenhum deles.

O guia de Richard despachara um pernudinho na frente deles. Este saiu correndo pelo estreito túnel final e a saída de emergência abobadada que o levaria à região verde. Quando o pernudinho voltou, ficou parado durante vários segundos na parte de trás da cabeça do myrmigato, depois saiu disparado pelo chão. O guia fez um gesto para que Richard entrasse no túnel.

Do lado de fora, na região verde, Richard foi recebido por duas aves das maiores e imediatamente levado pelos ares. Uma tinha uma

feia cicatriz em uma asa, como se houvesse sido atingida por uma saraivada de balas. Richard viu-se em uma floresta de alguma densidade, crescendo à sua volta até uns três ou quatro metros de altura. Embora a luz fosse fraca, não foi difícil para Richard encontrar caminho ou seguir as aves que voavam acima dele. Ocasionalmente ouvia, ao longe, momentos de tiroteio.

Os primeiros quinze minutos passaram-se sem incidentes. A densidade da floresta diminuiu. Richard acabava de calcular que estaria no fosso para o encontro com o submarino dentro de mais uns dez minutos quando, sem qualquer aviso, uma metralhadora começou a atirar a não mais de uns cem metros. Uma das aves-guias caiu ao solo. A outra desapareceu. Richard escondeu-se em um ponto de vegetação mais densa quando ouviu soldados vindo em sua direção.

"Dois círculos, com certeza", disse um deles. "Talvez até três… Isso já me soma vinte círculos só esta semana."

"Mas, cara, isto não é concurso. Essa não devia nem contar. O raio da ave nem sabia que você estava perto."

"Problema dela. Vou contar os anéis do pescoço do mesmo modo. Ah, ali está ela. Ora, merda, só tem dois."

Os homens estavam a apenas uns quinze metros de Richard. Ele ficou absolutamente imóvel, sem ousar se mexer, por mais de cinco minutos. Os soldados, nesse meio tempo, ficaram nas redondezas do cadáver da ave, fumando e falando da guerra.

Richard começou a sentir uma dor em seu pé direito. Ele mudou ligeiramente a distribuição de seu peso, pensando em aliviar o músculo que estava sendo forçado, porém a dor aumentou ainda mais. Finalmente, ele olhou para baixo e viu, horrorizado, que uma das criaturas do tipo roedor que ele vira no manual do salão já roera o que restava de seu sapato e estava começando a mastigar seu pé, Richard tentou sacudir a perna com força, porém em silêncio.

Não obteve sucesso. Embora o roedor houvesse largado seu pé, os soldados ouviram o barulho e começaram a andar em sua direção.

Richard não podia correr. Mesmo que houvesse um caminho de fuga, o peso extra que carregava o tornaria presa fácil para os soldados. Em menos de um minuto um deles gritou: "Aqui, Bruce, acho que há alguma coisa nessa moita."

O homem apontou sua arma na direção de Richard, que disse: "Não atirem. Eu sou humano."

O segundo soldado juntou-se a seu camarada. "Que porra é que você está fazendo aqui sozinho?" "Estou fazendo uma caminhada", respondeu Richard.

"Está maluco?" disse o primeiro soldado. "Venha cá para fora; deixe-nos dar uma olhadela em você."

Richard saiu lentamente da moita. Mesmo àquela luz mortiça,

devia ser uma visão espantosa, com seus cabelos e barba longos e sua mochila.

"Jesus Cristo… Mas, quem raios é você?… Onde fica o seu destacamento?"

"Isso não é nenhuma droga de soldado", disse o outro homem, ainda fixando Richard. "Esse é lélé… Deve ter fugido da instalação de Avalon e caminhado até aqui por engano… Escuta aqui, bunda mole, não está vendo que isto aqui é território perigoso? Podem te matar…"

"Olha só os bolsos dele", interrompeu o primeiro soldado. "Está carregando quatro daqueles raios de melões, enormes…"

De repente, eles foram atacados pelo céu. Devia haver pelo menos uma dúzia de aves, tomadas de fúria e ao gritos enquanto atacavam. Os dois soldados humanos foram derrubados. Richard começou a correr. Uma das aves pousou no rosto do primeiro soldado e começou a despedaçá-lo com suas garras. Outros soldados, nas vizinhanças, ouvindo a barulhada, abriram fogo e vieram correndo ajudar os patrulheiros.

Richard não sabia como haveria de encontrar o submarino. Correu morro abaixo o mais rápido que seus pés e sua carga o permitiram. O tiroteio tinha aumentado. Ouviu gritos de dor dos soldados e guinchos de morte das aves.

Encontrou o fosso, mas não qualquer sinal do submarino, e ouvia vozes humanas descendo a encosta logo atrás dele. Quando estava quase entrando em pânico, ouviu um guincho breve vindo de uma moita à sua direita. A ave-líder com seus quatro círculos cobalto passou voando sobre a sua cabeça, não muito alto, e continuou ao longo da margem do fosso, para a esquerda.

Localizaram o pequeno submarino em três minutos, e a nave já havia submergido quando os humanos em perseguição atingiram a área limpa da região verde. A bordo, Richard livrou-se da mochila, colocando-a atrás dele no pequeno compartimento do controle. Olhando para a ave sua companheira, ele tentou uma ou duas frases simples na linguagem de matraqueamento. A ave-líder respondeu, muito lenta e claramente, com o equivalente, em matraqueado, de "Todos nós lhe agradecemos muito."

A viagem durou pouco mais de uma hora. Richard e a ave disseram muito pouco um ao outro. Durante a primeira parte do percurso, Richard observou atentamente a ave-líder operando o submarino. Fez algumas anotações em seu computador e, na segunda parte da viagem, chegou mesmo a assumir o comando por um breve espaço de tempo. Quando não estava ocupada demais para isso, a mente de Richard fazia perguntas a respeito de tudo que vivenciara no segundo habitat. Acima de tudo, desejava saber por que era ele quem estava no submarino com os melões e a fatia de séssil, e não um dos

myrmigatos. Deve haver alguma coisa que eu não percebi, disse ele a si mesmo.

Pouco depois, o submarino emergiu bem próximo à costa e Richard viu-se em território familiar. Os arranha-céus de Nova York cresciam à sua volta.

“Aleluia!” disse Richard, carregando sua mochila cheia para a ilha. A ave-líder ancorou o submarino bem perto da orla e preparou-se para partir. Deu meia volta em círculo, curvou-se ligeiramente para Richard e decolou na direção do norte. Enquanto olhava a criatura se afastando pelo ar, Richard deu-se conta de que estava parado exatamente onde ele e Nicole haviam esperado, todos aqueles anos antes, em Rama II, pelas três aves que os levariam através do Mar Cilíndrico, para a liberdade.

# 7

Logo no primeiro segundo em que Richard ficou parado na superfície de Nova York, cem bilhões de pedacinhos de dados foram adquiridos pelos microscópicos sensores ramaianos espalhados por toda a espaçonave cilíndrica.

Tais dados foram transmitidos em tempo real a centros manipuladores de dados locais, também eles de tamanho microscópico, onde ficavam arquivados até que o tempo que lhes era alocado os remetesse ao processador central de telecomunicações enterrado embaixo do Hemicilindro Sul.

Todo segundo de todas as horas de todos os dias os sensores ramaianos adquiriam esses cem quintilhões de dadozinhos. No processador de telecomunicações os dados eram rotulados, filtrados, analisados, compactados e arquivados em engenhos de gravação cujos componentes individuais eram menores do que um átomo. Depois de arquivados têm acesso a eles as dúzias de processadores distribuídos por vários pontos, cada um deles gerenciando uma função separada, que em conjunto controlam a espaçonave Rama. Milhares de algoritmos espalham-se pelos processadores e depois operam com base em tais dados, extraindo informações de tendências e síntese na preparação dos pacotes de dados regularmente programados que transmitem o estado da missão à Inteligência Nodal.

Os pacotes de dados contêm um misto de dados crus, compactados e sintetizados, dependendo dos formatos específicos selecionados pelos diferentes processadores. A parte mais importante de tais pacotes é o relato narrativo, no qual a inteligência unificada, porém distribuída de Rama, apresenta seu sumário priorizado do progresso da missão. O resto do pacote é composto essencialmente de informações de apoio, imagens ou medidas ou produtos dos sensores que ou fornecem dados adicionais de pano de fundo ou apóiam diretamente conclusões contidas no sumário.

A linguagem usada para o sumário narrativo é matemática em estrutura, precisa em definição, e altamente codificada. Ela é também muito rica em notas de pé de página, com cada frase ou sentença equivalente contendo, como parte de sua estrutura de transmissão, informações quanto aos dados que efetivamente sustentam a afirmação específica sendo feita. O relatório não poderia, no sentido mais verdadeiro do termo, ser traduzido para qualquer linguagem tão primitiva quanto as utilizadas por seres humanos. No entanto, o que se segue é uma aproximação grosseira do relatório sumário recebido pela Inteligência Nodal, emitido por Rama logo após a chegada de Richard em Nova York.

Relatório Número 298
Hora de transmissão: 156 307 872 491.5116
Tempo Desde Primeiro Estágio de Alerta: 29.2873
Referências: Nodo 23-419
Espaçonave 947
Viajantes do Espaço 47 249 (A & B) 32 806 2 666

Durante o último intervalo os humanos (Viajante do Espaço Número 32 806) continuaram a fazer uma bem-sucedida guerra contra o par simbiótico Ave/Séssil (número 47 249 A & B). Os humanos agora controlam quase todo o interior do habitat ave/séssil, inclusive a porção superior do cilindro marrom onde as aves viviam anteriormente. As aves lutaram corajosamente, porém em vão, contra a invasão humana. Elas têm sido implacavelmente dizimadas e agora resta pouco mais de uma centena delas.

Até aqui os humanos não violaram a integridade do domínio dos sésseis.

No entanto, eles encontraram os vãos dos elevadores que levam às partes inferiores do cilindro marrom. Os humanos estão neste momento desenvolvendo planos para um ataque à toca dos sésseis.

Os sésseis são uma espécie indefesa. Não há armas de qualquer natureza em seu domínio. Até mesmo sua forma móvel, que tem a destreza física para usar armas, é essencialmente não-violenta. A fim de protegê-los do que temem será uma inevitável invasão de humanos, os sésseis orientaram os myrmigatos móveis para que construíssem fortalezas cercando os quatro mais velhos e mais desenvolvidos de sua espécie. Nesse meio tempo, os melões manás não têm permissão para germinar e os myrmigatos não envolvidos no processo de construção estão encasulando cedo. Se os humanos adiarem seu ataque por vários intervalos mais, como parece provável, é possível que venham encontrar muito poucos myrmigatos durante sua invasão.

O habitat humano continua a ser dominado por indivíduos de características decididamente diferentes das do contingente humano observado dentro de Rama II e no Nodo. O objetivo dos atuais líderes humanos é a retenção do poder pessoal, sem consideração mais séria em relação ao bem-estar da colônia.

A despeito da mensagem em vídeo e da presença de mensageiros humanos em seu grupo, tais líderes não devem acreditar que estejam efetivamente sendo observados, pois seu comportamento de forma alguma reflete a possível existência de algum conjunto de valores ou legislação ética que supere os de seu próprio domínio.

Os humanos continuam a levar avante a guerra contra os aves/ sésseis basicamente para desviar a atenção de outros problemas em sua colônia, inclusive a degradação ambiental criada pelos próprios

humanos e o recente declínio agudo da qualidade de vida. Os líderes humanos, e em verdade a maioria dos coloniais, não têm evidenciado nenhuma espécie de remorso pela destruição e possível extermínio das aves.

A família humana que permaneceu por mais de um ano no Nodo não tem mais qualquer impacto significativo nos assuntos coloniais. A mulher que foi a primeira mensageira continua presa, essencialmente por opor-se à ação dos líderes atuais, e corre perigo de ser executada. Seu marido tem vivido com as aves e os sésseis e, no momento, é elemento crucial em sua tentativa de sobreviver ao ataque humano. Os filhos ainda não alcançaram grau de amadurecimento suficiente para que se tornem fator decisivo na colônia humana.

Muito recentemente, o marido fugiu do domínio séssil para a ilha que fica no centro da espaçonave, carregando consigo tanto embriões de ave quanto de sésseis. No momento, encontra-se em ambiente familiar e portanto deve poder sobreviver e criar os filhotes da outra espécie. Sua fuga bem-sucedida pode ser devida ao menos em parte à intervenção não-invasora que começou ao tempo ao primeiro alerta. Os sinais de intervenção quase que certamente desempenharam um papel na decisão dos sésseis de confiar seus embriões a um ser humano.

Não há qualquer indício, no entanto, de que as transmissões de intervenção tenham afetado o comportamento de qualquer dos humanos. Para os sésseis, o processamento de informações é uma atividade primordial e, por isso mesmo, não é de surpreender que fossem susceptíveis a sugestões interventoras.

Os humanos, por outro lado, e em particular seus líderes, têm vidas de tal modo cheias de atividades que há muito pouco tempo para a cogitação, se é que tal tempo chega a existir.

Há um problema adicional com os humanos e a intervenção não-invasora.

Como espécie, eles variam tanto, de indivíduo para indivíduo, que não se pode criar um único pacote de transmissão com largo espectro de aplicabilidade.

Determinado conjunto de sinais que pudesse resultar em modificação positiva de comportamento de um ser humano quase que certamente não teria impacto para ninguém mais. Experiências com tipos diferentes de processos de intervenção estão sendo realizadas, porém é bem possível que os humanos pertençam ao pequeno grupo de viajantes espaciais imune a intervenções não-invasoras.

No sul da espaçonave, as octoaranhas (Número 2 666) continuam a florescer em uma colônia quase indistinguível de qualquer de suas outras colônias isoladas no espaço. O espectro total de possíveis expressões biológicas permanece latente, primeiro em razão da

restrição dos recursos territoriais e pela falta de verdadeira concorrência. Entretanto, elas estão carregando consigo o potencial significativo para expansão que tem caracterizado suas várias transferências bem-sucedidas de um sistema estelar para outro.

Até os humanos perfurarem a parede de seu próprio habitat e quebrar o selo de seu recinto, as octoaranhas davam muito pouca atenção às duas outras espécies na espaçonave. Desde que os humanos começaram a explorar, no entanto, as octoaranhas vêm observando os acontecimentos ao norte com crescente interesse. Sua existência continua desconhecida para os humanos, porém as octoaranhas já começaram a elaborar um plano contingencial que cubra uma possível confrontação com seus vizinhos agressivos.

A possível perda de toda a comunidade das aves/sésseis reduz grandemente o valor da missão. É possível que os únicos sobreviventes de sésseis e aves na viagem sejam aqueles do pequeno zôo das octoaranhas e, possivelmente, os criados pelo humano na ilha. Mesmo a perda irrevogável de uma única espécie não pede um alerta de estágio dois, no entanto, o continuado comportamento imprevisível e negador da vida dos atuais líderes humanos produz uma preocupação interessante de que a missão possa vir a sofrer novas e sérias perdas. As atividades de intervenção do futuro próximo serão focalizadas naqueles humanos que, a um só tempo, se opõem aos líderes atuais e já indicaram, por seu comportamento, amadurecimento que supera o territorialismo e a agressão.

# 8

"Meu país chamava-se Tailândia. Tinha um rei, cujo nome também era Rama, como a nossa espaçonave. Sua avó e seu avô — minha mãe e meu pai — provavelmente ainda moram lá, em uma cidade chamada Lamphun… Ei-la."

Nai apontou para um pontinho no mapa desbotado. A atenção dos meninos começou a dispersar-se. Ainda são muito pequenos, pensou ela. Até mesmo para crianças inteligentes, é demais para se esperar só aos quatro anos.

"Tudo bem, agora", disse ela dobrando o mapa. "Podemos ir lá para fora brincar."

Galileu e Kepler vestiram suas jaquetas pesadas, pegaram uma bola e saíram correndo para a rua. Em segundos, já estavam jogando futebol um contra o outro. Ah, Kenji, pensou Nai olhando da porta para os dois meninos. Como eles sentem a sua falta. Não há ninguém que, sozinho, possa fazer papel de mãe e pai.

Ela começara a aula de geografia, como sempre, lembrando aos meninos que todos os coloniais do Novo Éden vinham, primitivamente, de um planeta chamado Terra. Depois disso, ela mostrara aos meninos um mapa-múndi de seu planeta natal, discutindo primeiro o conceito básico de continentes e oceanos, e depois identificando o Japão, o país natal de seu pai. A atividade fizera Nai sentirse tanto saudosa quanto solitária.

Talvez essas lições não sejam de todo para vocês, pensou ela, ainda olhando o joguinho de futebol à luz fraca das ruas de Avalon. Galileu driblou Kepler e deu um chute contra um gol imaginário. Talvez elas sejam realmente para mim.

Eponine estava vindo pela rua na direção deles. Ela pegou a bola e atiroua de volta para os meninos. Nai sorriu para sua amiga. "Que prazer vê-la. Eu sem dúvida posso mostrar um rosto alegre hoje!"

"O que houve, Nai?", indagou Eponine. "A vida em Avalon está deixando você deprimida? Pelo menos, é domingo. Você não está trabalhando naquela fábrica de armas e os meninos não têm de ficar lá no centro."

As duas mulheres entraram. "E, sem dúvida, suas condições de vida não podem ser a causa de seu desespero." Eponine fez um gesto largo, abrangendo a sala. "Afinal, vocês três têm um cômodo grande, metade de um aparelho sanitário e um banheiro que compartilha com cinco outras famílias. O que mais poderiam desejar?"

Nai riu e abraçou Eponine. "Você me ajuda muito", disse ela.

"Mamãe, mamãe", disse Kepler, da porta, um momento mais tarde.

“Venha depressa. “Ele está de volta… e está falando com Galileu.”

Nai e Eponine voltaram-se para a porta. Um homem com o rosto gravemente desfigurado estava ajoelhado na terra ao lado de Galileu. O menino estava obviamente amedrontado. O homem segurava uma folha de papel em sua mão enluvada. Nele uma grande rosto humano com cabelos longos e barba farta fora cuidadosamente desenhado.

“Você conhece esse rosto, não conhece?” dizia o homem, com insistência.

“É Mr. Richard Wakefield, não é?”

Nai e Eponine aproximaram-se cautelosamente do homem. “Nós lhe dissemos da última vez”, disse Nai com firmeza, “para não importunar novamente os meninos. Agora volte para a enfermaria ou nós chamamos a polícia.”

Os olhos do homem estavam enlouquecidos. “Eu o vi de novo ontem à noite”, disse ele. “Parecia Jesus, mas era Richard Wakefield, sem dúvida. Eu ia atirar nele e elas me atacaram. Cinco delas. Arrancaram pedaços de meu rosto…”

O homem começou a chorar.

Um enfermeiro veio correndo pela rua e agarrou o homem. “Eu o vi”, gritou o louco enquanto era levado. “Eu sei que vi. Por favor, acreditem em mim.”

Galileu estava chorando e Nai abaixou-se para consolá-lo. “Mamãe”, disse o menino, “acha que aquele homem viu Mr. Wakefield, de verdade?”

“Não sei”, respondeu ela, olhando para Eponine. “Mas alguns de nós gostariam de acreditar que sim.”

Os meninos tinham finalmente adormecido em suas camas em um canto.

Nai e Eponine estavam sentadas, lado a lado, nas duas cadeiras. “Há boatos de que ela está muito doente”, disse Eponine baixinho. “Eles mal a alimentam.

Fazem-na sofrer de todos os modos possíveis.”

“Nicole jamais há de desistir”, disse Nai com orgulho. “Eu gostaria de ter a força e a coragem dela.”

“Nem Ellie e nem Robert puderam vê-la nos últimos seis meses… Nicole sequer sabe que tem uma neta.”

“Ellie me disse na semana passada que ela entrou com outra petição a Nakamura para visitar sua mãe”, disse Nai. “Fico preocupada com Ellie. Ela continua a trabalhar com incrível intensidade.”

Eponine sorriu. “Ellie é tão maravilhosa, mesmo que seja inacreditavelmente ingênua. Insiste em que se obedecer todas as leis da colônia, Nakamura a deixará em paz.”

“Não é de espantar… especialmente quando se leva em conta que Ellie ainda pensa que o pai esteja vivo”, disse Nai. “Ela falou com todos aqueles que afirmam ter visto Richard desde que ele desapareceu.”

“Todas essas histórias sobre Richard lhe dão esperanças”, disse Eponine.

“E todos nós podemos bem usar uma dose de esperança, de tempos em tempos.”

Houve uma pausa momentânea na conversa. “E você, Eponine? Você se permite…?”

“Não”, retrucou Eponine. “Sou sempre honesta para comigo mesma… Vou morrer em breve, só não sei exatamente quando… Além do que, por que haveria de lutar para viver mais? As condições aqui em Avalon são muito piores do que eram até mesmo no centro de detenção em Bourges. Se não fosse pelas poucas crianças que vão à escola…” Ambas ouviram o ruído do lado de fora da casa ao mesmo tempo. Nai e Eponine ficaram absolutamente imóveis. Se sua conversa tivesse sido gravada por um dos biomas ambulantes de Nakamura, então…

A porta abriu-se de repente. As duas mulheres quase morreram de susto.

Max Puckett pulou para dentro, rindo. “Estão presas”, disse ele, “por sustentarem uma conversa sediciosa.”

Max carregava uma grande caixa de madeira. As duas mulheres ajudaram-no a arrumá-la em um canto. Max tirou sua jaqueta pesada. “Desculpem por aparecer tão tarde, senhoras, mas não pude evitá-lo.”

“Outro raid pegando comida para os soldados?”, perguntou Nai em tom suave, apontando para os gêmeos adormecidos.

Max fez que sim. “O rei Jap”, disse em voz baixa, “sempre nos lembra que todo exército só caminha na barriga.”

“Era uma das máximas de Napoleão.” Eponine olhou para Max com um sorriso sarcástico. “Na certa nunca ouviram falar dele lá em Arkansas.”

“O-ho!” respondeu Max. “A linda professora está em clima de muitas espertezas, esta noite.” Ele tirou do bolso um maço ainda fechado de cigarros.

“Talvez eu devesse guardar o presente dela para mim.”

Eponine saltou para agarrar os cigarros. Após uma falsa luta de alguns momentos, Max os deu a ela. “Obrigada, Max”, disse Eponine, com sinceridade.

“Não há muitas alegrias permitidas àqueles de nós…

“Ora, escute aqui”, disse Max, sempre sorrindo. “Eu não vim até aqui tão longe para ouvir que você ter pena de você mesma. Parei em Avalon para ser inspirado por seu lindo rosto… Se você começar a

ficar deprimida, eu pego meu milho e meus tomates…”

“Milho e tomates!” exclamaram Nai e Eponine em uníssono. As mulheres correram até a caixa. “As crianças não comem nada de fresco há meses”, disse Nai, excitada, enquanto Max abria a caixa com uma barra de aço.

“Tenha muitíssimo cuidado com esses”, disse Max, sério. “Vocês sabem que o que estou fazendo é absolutamente ilegal… Os alimentos frescos quase não dão para os soldados e os líderes do governo. Mas resolvi que vocês mereciam alguma coisa mais do que restos de arroz.”

Eponine abraçou Max. “Obrigada”, disse ela.

“Os meninos e eu ficamos muito gratos, Max”, disse Nai. “Não sei como jamais poderei retribuir.”

“Eu acharei um jeito”, disse Max.

As duas mulheres voltaram para suas cadeiras e Max sentou-se no chão entre elas. “Por acaso”, disse ele, “encontrei com Patrick O’Toole lá no segundo habitat… Ele me pediu que dissesse alô às duas.”

“Como vai ele?” perguntou Eponine.

“Parece-me perturbado”, retrucou Max. “Quando foi sorteado, deixou Katie persuadi-lo a apresentar-se ao exército — o que estou certo jamais faria se Nicole ou Richard lhe pudessem ter falado por um só momento — e creio que ele compreende o erro que cometeu. Não disse nada, mas pude sentir sua aflição.

Nakamura o retém na linha de frente por causa de Nicole.”

“A guerra não está quase acabando?” perguntou Eponine.

“Penso que sim”, disse Max. “Porém, não fica muito claro que o rei Jap queira que ela acabe… Pelo que me dizem os soldados, a resistência que resta é mínima. Estão só arrematando a limpeza no cilindro marrom.”

Nai inclinou-se para a frente. “Ouvimos um boato de que havia uma outra espécie inteligente vivendo no cilindro — alguma coisa completamente diferente das aves.”

Max riu. “Quem sabe no que acreditar? A televisão e os jornais dizem o que Nakamura lhes diz, e todos sabem disso. Há sempre centenas de boatos… Eu mesmo já encontrei algumas plantas e animais alienígenas muito estranhos dentro do habitat, de modo que nada me surpreende.”

Nai abafou um bocejo. “É melhor eu ir embora”, disse Max, levantando-se, “e deixar nossa anfitriã ir dormir.” Olhou para Eponine. “Quer que alguém a acompanhe até em casa?”

“Depende de quem for”, disse Eponine com um sorriso.

Alguns minutos mais tarde, Max e Eponine chegaram à minúscula cabana em uma das ruelas secundárias de Avalon. Max deixou cair o cigarro que os dois tinham compartilhado e pisou-o no chão. “Quer

que alguém…” começou ele.

“Sim, Max, é claro que gostaria”, respondeu Eponine com um suspiro. “E se esse alguém tivesse de ser alguém, ele positivamente seria você.” Ela olhou-o diretamente nos olhos. “Mas se você compartilhasse a minha cama, mesmo que uma só vez, eu passaria a querer mais. E se, por algum infeliz acaso, a despeito de todo e qualquer cuidado que nós pudéssemos tomar, você jamais, jamais, passasse a ter um teste positivo de RV-41 eu jamais me perdoaria.”

Eponine encostou-se nele para esconder suas lágrimas. “Muito obrigado por tudo. Você é um bom homem, Max Puckett, talvez o único que ainda reste neste universo louco.”

Eponine estava em um museu em Paris cercada por centenas de obrasprimas. Um grande grupo de turistas estava passando pelo museu. Despenderam um total de 45 segundos olhando cinco magníficos quadros de Renoir e Monet.

“Parem”, gritou Eponine em seu sonho. “Não é possível que os tenham visto.”

As batidas na porta espantaram seu sonho. “Somos nós, Eponine”, ouviu Ellie dizer. “Se é cedo demais, podemos tentar voltar mais tarde, antes de você sair para a escola. Robert estava preocupado com a possibilidade de nós ficarmos ocupados demais na enfermaria psiquiátrica.”

Eponine virou-se e pegou o robe pendurado na solitária cadeira do quarto.

“Um minuto”, disse ela. “Eu já vou.”

Ela abriu a porta para os amigos. Ellie estava com seu uniforme de enfermeira, carregando a pequena Nicole nas costas, em uma armação improvisada. O bebê adormecido estava habilidosamente envolto em algodão, a fim de ficar protegido do frio. “Podemos entrar?”

“É claro”, respondeu Eponine. “Desculpem, eu não ouvi vocês logo…”

“É um horário ridículo para uma visita”, disse Ellie. “Mas com todo o nosso trabalho no hospital, se não viéssemos agora de manhã jamais conseguiríamos aparecer.”

“Como está se sentindo?”, perguntou o dr. Turner um momento depois, segurando um varredor defronte de Eponine e os dados já começavam a aparecer no monitor do computador portátil.

“Um pouquinho cansada”, disse Eponine. “Mas pode ser só psicológico.

Desde que me disse há dois meses que meu coração estava começando a mostrar alguns sinais de degradação, imagino-me tendo um ataque cardíaco ao menos uma vez por dia.”

Durante o exame, Ellie operava o teclado ligado ao monitor, a fim de se assegurar que as informações mais importantes do check-up ficassem registradas no computador. Eponine esticou o pescoço para ver a tela. “Como está funcionando o sistema, doutor?”

“Tivemos várias falhas nas varreduras”, respondeu ele. “Ed Stafford diz que é de se esperar por causa dos testes insuficientes… Ainda não temos um bom esquema de gerenciamento de dados, mas de modo geral estamos bastante satisfeitos.”

“Tem sido uma salvação, Eponine”, disse Ellie sem levantar os olhos do teclado. “Com nosso orçamento limitado, mais todos os feridos da guerra, não teríamos modo de manter nossos arquivos RV-41 em dia sem este tipo de automação.”

“Só queria que tivéssemos podido utilizar mais dos conhecimentos de Nicole no desenho original”, disse Robert Turner. “Eu não sabia que ela era tão especializada em sistemas de monitoração.” O médico viu alguma coisa inusitada no gráfico que apareceu na tela. “Imprima uma cópia disso, está bem, querida?

Quero mostrá-la a Ed.”

“Tiveram notícias de sua mãe?”, perguntou Eponine a Ellie, quando o exame já estava quase terminado.

“Vimos Katie há duas noites”, respondeu Ellie muito lentamente. “Foi uma noite muito difícil. Ela tinha um outro ‘acordo’ de Nakamura e MacMillan que queria discutir…” A voz dela foi sumindo. “De qualquer modo, definitivamente o julgamento terá lugar antes do Dia do Assentamento.”

“Ela viu Nicole?”

“Não. Que eu saiba, ninguém a viu. Sua comida é levada por um Garcia e seu check-up mensal é feito por uma Tiasso.”

A pequena Nicole mexeu-se e choramingou nas costas da mãe. Eponine estendeu a mão e tocou o pedacinho da bochecha da menina que estava exposto ao ar. “Elas são inacreditavelmente macias”, disse. E nesse momento a menina abriu os olhos e começou a chorar.

“Está na hora de amamentá-la, Robert?” perguntou Ellie. O dr. Turner olhou para o relógio. “Tudo bem”, disse ele, “já quase acabamos aqui… Já que tanto Wilma Margolin e Bill Tucker ficam no prédio ao lado, por que não vou eu mesmo vê-los, e depois volto aqui?”

“Você consegue fazer tudo sem mim?”

“Com dificuldade. Particularmente no caso do pobre Tucker.”

“Bill Tucker está morrendo muito lentamente”, disse Ellie a Eponine, como explicação. “Ele vive sozinho e tem muita dor. Mas depois que o governo botou a eutanásia fora da lei, não podemos fazer nada.”

“Não há qualquer indicação de nova atrofia em seus dados”, disse

o dr.

Turner a Eponine alguns momentos depois. “Creio que devemos ficar agradecidos.”

Ela não o ouviu. Em sua mente, Eponine estava imaginando sua própria lenta e dolorosa morte. Eu não deixarei que aconteça assim, disse ela a si mesma.

Jamais. Tão logo eu não seja mais útil… Max há de me trazer uma arma.

“Desculpe, Robert”, disse ela. “Devo estar muito mais sonolenta do que pensava. O que foi que disse?”

“Que você não piorou.” Robert deu um beijo no rosto de Eponine e dirigiuse s porta. “Voltarei dentro de uns vinte minutos”, disse ele a Ellie.

“Robert parece muito cansado”, disse Eponine, depois que ele saiu.

“E está”, respondeu Ellie. “Continua a trabalhar o tempo todo… E se preocupa quando não está trabalhando.” Ellie estava sentada no chão de terra, encostada na parede da cabana. Nicole estava em seus braços, mamando e emitindo barulhinhos de alegria ao mesmo tempo.

“Parece ser muito divertido”, disse Eponine.

“Nada que eu já tenha experimentado é nem de longe parecido. O prazer é indescritível.”

Isso não é para mim, disse a voz interior de Eponine. Nem agora e nem nunca. Por uma fração de segundo, Eponine relembrou uma noite de paixão na qual quase não dissera ‘não’ a Max Puckett. Uma profunda sensação de amargura invadiu-a, mas ela lutou para combatê-la.

“Dei um ótimo passeio com Benjy ontem”, disse ela mudando de assunto.

“Tenho a certeza de que ele me contará tudo hoje”, disse Ellie. “Ele adora esses passeios dominicais com você. É só o que lhe resta, a não ser por minhas visitas ocasionais… E você sabe o quanto eu fico grata.”

“Esqueça. Eu gosto de Benjy. Eu também preciso que precisem de mim, se é que me compreende… Benjy na verdade adaptou-se surpreendentemente bem.

Ele não se queixa tanto quanto os 41s, e sem dúvida muito menos do que as pessoas designadas para aqui a fim de trabalhar na fábrica de armas.”

“Ele esconde a sua dor”, respondeu Ellie. “Benjy é bem mais inteligente do que qualquer um possa pensar… Ele realmente não gosta da enfermaria, mas sabe que é incapaz de cuidar dele mesmo. E não quer ser um peso para ninguém…” De repente, lágrimas apareceram nos olhos de Ellie e seu corpo foi perpassado por um

tremor. A pequena Nicole parou de mamar e olhou para sua mãe. “Você está bem?” perguntou Eponine.

Ellie sacudiu a cabeça afirmativamente e enxugou os olhos com os pequenos retalhos de algodão que segurava junto ao seio para evitar que qualquer gota de leite derramasse. Nicole tornou a mamar. “O sofrimento já é bastante difícil de ser suportado”, disse Ellie. “Mas o sofrimento desnecessário corta o coração.”

O guarda examinou cuidadosamente seus papéis de identificação e depois entregou-os a outro homem uniformizado sentado atrás de um console de computador. O segundo homem digitou algo no computador e devolveu os documentos ao guarda.

“Por que”, perguntou Ellie quando já não podia mais ser ouvida, “aquele homem fica olhando para a nossa fotografia todos os dias? Ele deve ter nos visto passando por esse ponto de controle pelo menos uma dúzia de vezes no último mês.”

Eles estavam andando pelo caminho que levava da saída do habitat até Positano. “É o trabalho dele”, respondeu Robert, “e ele gosta de se sentir importante. Se não fizer um ritual daquilo tudo a cada vez, nós poderíamos nos esquecer de que ele tem poder sobre nós.”

“Tudo funciona muito melhor quando são os biomas tomando conta da entrada.”

“Os que ainda estão funcionando são muito necessários para o esforço de guerra… Além do mais, Nakamura tem medo de que o fantasma de Richard Wakefield apareça e de algum modo confunda os biomas.”

Caminharam em silêncio por alguns momentos. “Você não acha que meu pai ainda esteja vivo, acha, meu bem?”

“Não, querida”, respondeu Robert após uma breve hesitação. Ele ficara surpreendido por ter sido a pergunta tão direta. “Porém, muito embora eu não pense que ele esteja vivo, ainda continuo esperando que esteja.”

Robert e Ellie finalmente chegaram aos arredores de Positano. Umas poucas casas novas de estilo europeu ladeavam o caminho que descia suavemente para o coração da aldeia, “A propósito, Ellie”, disse Robert, “falar em seu pai lembrou-me de algo que venho querendo discutir com você… Lembra-se do projeto de que lhe falei, aquele em que Ed Stafford está trabalhando?”

Ellie sacudiu a cabeça.

“Ele está tentando classificar e categorizar toda a colônia em termos de agrupamentos genéticos gerais. Pensa que tais classificações, mesmo que sejam totalmente arbitrárias, possam conter certas pistas sobre quais indivíduos têm mais probabilidade de

adquirir tais e quais doenças. Não concordo inteiramente com sua maneira de ver — me parece mais numérica e forçada, antes que médica — porém estudos paralelos feitos na Terra mostraram que pessoas com genes semelhantes efetivamente têm tendências semelhantes em questões de doenças."

Ellie parou e olhou para o marido, intrigada. "Por que haveria de querer discutir isso comigo?" Robert riu. "Pode deixar, já chego lá… Seja como for, Ed definiu uma diferença métrica — um método numérico de se medir o quanto dois indivíduos são diferentes, utilizando o modo pelo qual os quatro aminoácidos básicos estão encadeados no genoma — e depois disso, como teste, dividiu todos os cidadãos do Novo Éden em grupos. Ora, a métrica não queria dizer realmente nada…"

"Robert Turner", interrompeu-o Ellie, rindo. "Quer fazer o favor de chegar ao ponto? O que é que você está querendo me dizer?"

"Bem, é esquisito", disse ele. "Não sabemos o que concluir exatamente do fato. Quando Ed fez sua primeira estrutura de classificação, duas das pessoas testadas não pertenciam a grupo algum. Manipulando as definições de categorias, ele eventualmente conseguiu definir uma extensão quantitativa que cobrisse uma delas. Mas a estrutura do encadeamento dos aminoácidos da última pessoa era tão diferente da de todas as outras que ela não podia ser enquadrada em qualquer dos grupos…"

Ellie estava olhando para Robert como se ele tivesse perdido o juízo.

"Os dois indivíduos eram seu irmão Benjy e você", concluiu Robert, desajeitadamente. "Você é a que fica fora de todo e qualquer grupo."

"E eu deveria me preocupar com isso?", indagou Ellie depois que eles haviam caminhado mais uns trinta metros em silêncio.

"Acho que não", disse Robert, casualmente. "Provavelmente, é só um artifício da métrica particular que Ed escolheu. Ou então foi cometido algum tipo de erro… Porém, seria fascinante se de algum modo a radiação cósmica pudesse ter alterado sua estrutura genética durante seu desenvolvimento embrionário."

A essa altura, eles já haviam chegado à praça principal de Positano. Ellie inclinou-se e beijou o marido. "Isso foi muito interessante, querido", disse ela caçoando um pouquinho dele, "mas ainda não tenho a certeza de saber do que é que você estava falando."

Uma grande armação para bicicletas ocupava a maior parte da praça.

Duas dúzias de filas e outras tantas colunas de postos para estacionamento espalhavam-se pela área defronte da qual existira a estação ferroviária. Todos os coloniais, com exceção dos líderes do

governo, que tinham carros elétricos, agora usavam bicicletas como meio de transporte.

O serviço de trens do Novo Éden fora interrompido pouco depois do início da guerra. Os trens originalmente haviam sido construídos pelos extraterrestres com materiais muito leves e excepcionalmente fortes, que as fábricas humanas na colônia jamais foram capazes de duplicar. Tais ligas eram extremamente valiosas para várias funções militares. Em meados da guerra, portanto, a agência de defesa havia requisitado todos os carros do sistema ferroviário.

Ellie e Robert partiram em suas bicicletas na direção do lago Shakespeare.

A pequena Nicole havia acordado e olhava tranqüilamente a paisagem à sua volta. Eles passaram o parque onde o Dia do Assentamento era sempre celebrado, depois viraram para o norte. "Robert", disse Ellie muito séria. "Você tornou a pensar sobre a longa discussão que tivemos ontem à noite?"

"Sobre Nakamura e política?"

"É. Continuo a achar que nós deveríamos nos opor a seu decreto suspendendo as eleições até a guerra acabar… Você tem grande projeção na colônia. A maior parte dos profissionais da saúde seguiriam uma oposição sua.. Nai pensa até que os operários da fábrica em Avalon seriam capazes de fazer greve."

"Eu não posso", disse Robert após um longo silêncio. "E por que não, querido?"

"Porque acho que não iria funcionar… Em sua visão idealista do mundo, Ellie, as pessoas agem por engajamento com princípios ou valores. Na realidade, elas não se comportam assim. Se nos opusermos a Nakamura, o resultado mais provável é o de que seríamos presos. O que aconteceria então à nossa filha? Além do mais, todo o apoio para o trabalho com RV-41 seria retirado, deixando essa pobre gente em posição pior do que já está. O hospital ficaria com menos pessoal ainda… Muita gente sofreria com o nosso idealismo. Como médico, julgo tais possíveis conseqüências inaceitáveis."

Ellie enveredou com a bicicleta para um pequeno parque a mais ou menos quinhentos metros das primeiras edificações da Cidade Central. "Por que estamos parando?" perguntou Robert. "Estão nos esperando no hospital."

"Quero tirar cinco minutos para ver as árvores, cheirar as flores, e abraçar Nicole."

Depois que Ellie desmontou, Robert ajudou-a a tirar a menina das costas.

Ellie então sentou-se na relva com Nicole no colo. Nenhum dos dois adultos disse coisa alguma enquanto observavam Nicole examinar três folhas de grama que arrancara com sua mão rechonchudinha.

Finalmente, Ellie abriu um cobertor e deitou nele, delicadamente, a filha.

Depois se aproximou do marido e passou-lhe os braços em torno do pescoço. “Eu te amo, Robert, muito e muito”, disse ela. “Mas devo admitir que às vezes não concordo totalmente com você.”

# 9

A luz vinda da solitária janela da cela formava um desenho no reboco da parede oposta à cama de Nicole. As barras da janela criavam a imagem de um quadrado com um plano para jogo-da-velha, uma matriz quase perfeita de trêspor-três. A luz na cela avisava Nicole de que estava na hora de ela se levantar. Ela cruzou o quarto desde o catre de madeira onde dormia, e lavou o rosto na pia.

Depois, respirou fundo e tentou reunir suas forças para enfrentar o dia.

Nicole estava razoavelmente certa de que sua mais recente prisão, na qual estava havia já uns cinco meses, ficava em algum ponto do Novo Éden na área de plantio entre Hakone e San Miguel. Tivera os olhos tapados ao ser transferida a última vez. Nicole concluíra rapidamente, no entanto, que estava em área rural.

Ocasionalmente um forte odor de animais entrava na cela pela janela de quarenta centímetros quadrados bem junto ao teto e, além do mais, ela não conseguia ver nenhuma espécie de iluminação entrando pela janela quando era noite no Novo Éden.

Estes últimos meses foram os piores, pensou Nicole, ao ficar nas pontas dos pés para empurrar algumas gramas de arroz de sabor artificial pela janela.

Nada de conversa, nada de leitura, nada de exercício. Duas refeições por dia de arroz e água. O pequeno esquilo vermelho que a visitava todo dia de manhã apareceu do lado de fora. Nicole podia ouvi-lo. Ela recuou para o fundo da cela a fim de poder vê-lo comer o arroz.

"Você é minha única companhia, meu belo amigo", disse ela em voz alta.

O esquilo parou de comer e ficou ouvindo, sempre alerta ante a possibilidade de algum perigo. "E nunca entendeu uma só palavra do que eu digo."

O esquilo não se demorou. Assim que acabou de comer sua ração de arroz, foi-se embora, deixando Nicole sozinha. Por vários minutos, ela ficou olhando para a janela, para onde estivera o esquilo, imaginando o que teria acontecido com sua família.

Até seis meses antes, quando seu julgamento por sedição fora "indefinidamente adiado", na última hora, Nicole podia ter uma visita por semana, durante uma hora. Mesmo sendo a conversa testemunhada por um guarda e qualquer menção sobre política ou acontecimentos do momento estritamente proibida, ela aguardara sofregamente suas sessões semanais com Ellie ou Patrick. Geralmente, era Ellie quem vinha. Por meio de frases muito cuidadosamente

redigidas por parte dos dois filhos, Nicole deduzia que Patrick estava envolvido em alguma espécie de trabalho governamental e só tinha tempo ocasionalmente.

Nicole ficara a princípio zangada e, a seguir, deprimida, ao saber que Benjy tinha ido parar em uma instituição e não teria permissão para vê-la. Ellie tentara garantir-lhe que Benjy estava bem, dadas as circunstâncias. Haviam falado muito pouco sobre Katie. Nem Ellie e nem Patrick souberam como explicar a Nicole que sua irmã mais velha não mostrara realmente o menor interesse em visitar a mãe.

A gravidez de Ellie era sempre um tópico tranqüilo de conversar, durante aquelas primeiras visitas. Nicole vibrava ao tocar na barriga da filha ou ao conversar sobre os sentimentos especiais de uma futura mãe. Ellie contava como o bebê era ativo. Nicole compartilhava a experiência e comparava com as suas próprias ("Grávida de Patrick", disse Nicole certa vez, "nunca me sentia cansada.

Você por outro lado foi um pesadelo para sua mãe — sempre dando pontapés no meio da noite, quando eu queria dormir"); se Ellie não se sentia bem, Nicole receitava alimentos ou atividades físicas que a ajudaram em circunstâncias semelhantes.

A última visita de Ellie tivera lugar dois meses antes da data prevista para o nascimento do bebê. Nicole fora removida para sua nova cela na semana seguinte, e não falara mais a um único ser humano, desde então. Os biomas mudos que atendiam Nicole jamais davam qualquer indicação de haver ouvido suas perguntas. Uma vez, em um ataque de frustração, ela gritava com a Tiasso que lhe dera seu banho semanal. "Não compreende? Minha filha estava para ter um bebê, meu neto, algum dia da semana passada. Eu preciso saber se eles estão bem!"

Nas celas anteriores, Nicole sempre tivera permissão para ler. Novos livrodiscos lhe eram trazidos da biblioteca sempre que pedia, de modo que os dias entre as visitas passavam de forma mais ou menos rápida. Ela relera quase todos os romances históricos de seu pai, além de alguma poesia, história, e alguns de seus livros médicos mais interessantes. Nicole ficara particularmente fascinada pelos paralelos entre a sua vida e as de suas duas heroínas de infância, Joana d'Arc e Eleonor de Aquitânia. Ela amparava sua própria força notando que nenhuma das duas mulheres permitira que suas posições básicas se alterassem a despeito de longos e difíceis períodos na prisão.

Logo que se mudou, quando a Garcia que a atendia na nova cela não devolveu seu ledor eletrônico junto com seus outros pertences pessoais, Nicole pensou que fosse apenas um simples engano. No entanto, depois de pedir o aparelho várias vezes, e este continuar a não aparecer, compreendeu que agora lhe era negado o privilégio da

leitura.

O tempo passava muito lentamente para Nicole em sua nova cela. Durante várias horas por dia, ela deliberadamente caminhava de um lado para outro, tentando manter ativos seu corpo e sua mente. Tentou organizar essas sessões de caminhada, mantendo-se afastada de pensamentos a respeito de sua família, que ela sabia causarem inevitavelmente sensações de solidão e depressão sempre mais fortes, e voltando-se para conceitos e idéias filosóficas mais gerais. Muitas vezes, na conclusão de tais sessões, ela focalizava algum acontecimento passado de sua vida, tentando extrair dele algum significado mais profundo.

Durante uma dessas sessões, Nicole rememorou com clareza uma seqüência de acontecimentos que tiveram lugar quando ela tinha 15 anos. Àquela altura, ela e seu pai viviam confortavelmente aconchegados em Beauvois e Nicole estava fazendo mais do que bonito na escola. Ela resolvera entrar no concurso nacional que escolheria três mocinhas para desempenhar Joana d'Arc em quadros vivos que comemorariam os 750 anos do martírio da donzela em Rouen.

Nicole atirou-se no concurso com uma paixão e uma vontade que tanto emocionavam quanto preocupavam seu pai. Depois de ganhar o concurso regional em Tours, Pierre chegou mesmo a parar de trabalhar em seus romances por seis semanas a fim de ajudar sua amada filha a preparar-se para as finais em Rouen.

Nicole ficou em primeiro lugar, tanto na parte atlética quanto nas partes intelectuais do concurso. Até mesmo tirou nota alta na avaliação de interpretação. Ela e o pai estavam certos de que seria escolhida. Mas quando as vencedoras foram anunciadas, Nicole ficara entre as segundas colocadas.

Durante anos, pensou Nicole enquanto caminhava em sua cela no Novo Éden, pensei que havia fracassado. O que meu pai dissera sobre a França ainda não estar pronta para uma Joana d'Arc cor de cobre não teve importância. Em minha mente, eu fracassara. Fiquei arrasada. Minha auto-estima na verdade não se recuperou até as Olimpíadas, e aí passaram-se só uns poucos dias antes que Henry tomasse a me derrubar.

O preço foi terrível, continuou Nicole. Durante anos fiquei totalmente absorvida comigo mesma em razão de minha falta de auto-estima. Só muito mais tarde é que finalmente fiquei contente comigo mesma. E só então me tornei capaz de me dar aos outros. Parou por um momento em seus pensamentos. Por que será que tantos de nós passamos por essa mesma experiência? Por que a juventude será tão egoísta, por que haveremos de ter primeiro de encontrar a nós mesmos, para só depois compreender quanta coisa mais existe na

vida? Quando a Garcia que sempre trazia suas refeições incluiu um pouco de pão fresco e algumas cenouras cruas no jantar, Nicole desconfiou de que alguma mudança estava para acontecer em seu regime. Dois dias mais tarde, a Tiasso entrou em sua cela com uma escova de cabelo, maquilagem, um espelho, e até um pouco de perfume. Nicole tomou um longo e farto banho e refrescou-se pela primeira vez em meses. Quando o bioma pegou a banheira de madeira e se preparou para sair, ele entregou-lhe um bilhete. “Você terá uma visita amanhã de manhã”, estava escrito.

Nicole não conseguiu dormir. De manhã, falou sem parar, como uma menina, conversando com seu amigo esquilo, discutindo suas esperanças e preocupações quanto ao encontro que se anunciava. Ajeitou várias vezes o rosto e os cabelos, antes de proclamar que nenhum dos dois tinha solução. O tempo passou muito devagar.

Finalmente, logo antes do almoço, ela ouviu passos humanos vindos pelo corredor na direção de sua cela. Nicole correu para a porta, esperando. “Katie”, gritou ela, quando viu a filha aparecer na última curva do corredor.

“Olá, Mamãe”, disse Katie abrindo a porta com a chave e entrando na cela.

As duas mulheres abraçaram-se por vários segundos. Nicole tentou reter as lágrimas que jorravam de seus olhos.

Elas sentaram-se na cama de Nicole, única peça de mobiliário do cômodo, e conversaram amigavelmente por vários minutos a respeito da família. Katie informou a Nicole que ela tinha uma netinha nova (“Nicole des Jardins Turner”, disse ela, “você deveria estar orgulhosa”) e depois puxou umas vinte fotografias.

As fotos incluíam instantâneos do bebê com seus pais, Ellie e Benjy em um parque em algum lugar, Patrick de uniforme, e até mesmo algumas de Katie de vestido de noite. Nicole estudou-as uma a uma, os olhos se enchendo de lágrimas a todo momento. “Ah, Katie”, exclamou várias vezes.

Quando acabou, Nicole agradeceu profusamente a filha por ter trazido as fotos. “Pode ficar com elas, Mamãe”, disse Katie, pondo-se de pé e caminhando até a janela. Abrindo a bolsa, ela tirou cigarros e isqueiro.

“Querida”, disse Nicole, hesitante, “será que poderia não fumar aqui? A ventilação é péssima. O cheiro iria durar várias semanas.”

Katie encarou a mãe por alguns momentos, depois guardou os cigarros e o isqueiro na bolsa. Nesse momento, um par de Garcias apareceu carregando uma mesa e duas cadeiras.

“O que é isso?” perguntou Nicole.

Katie sorriu. “Nós vamos almoçar juntas. Mandei preparar algo de especial para esta ocasião — frango com molho de cogumelos em

vinho".

A comida, que cheirava deliciosamente, logo depois foi trazida à cela por uma terceira Garcia e colocada na mesa coberta ao lado da louça e da prata de ótima qualidade. Havia até uma garrafa de vinho e dois copos de cristal.

Foi difícil para Nicole lembrar-se de suas boas maneiras. O frango estava tão delicioso, os cogumelos tão macios, que ela comeu a refeição inteira sem falar.

De vez em quando, ao tomar um gole de vinho, Nicole murmurava "mmmm", ou "fantástico", porém basicamente não disse nada enquanto seu prato não foi completamente limpo.

Katie, que se habituara a comer muito pouco, mordiscou a comida e olhou para a mãe. Quando Nicole acabou, Katie chamou uma Garcia para remover os pratos e trazer café. Fazia quase dois anos desde que Nicole bebera uma boa xícara de café.

"Então, Katie", disse Nicole com um sorriso caloroso, depois de agradecer pelo almoço, "e você? O que anda fazendo?" Katie deu uma gargalhada grosseira. "A merda de sempre. Agora sou "Diretora de Entretenimento" de todo o conjunto Vegas… Programo os números a serem apresentados… As coisas vão indo muito bem apesar…" Katie interrompeuse a tempo, lembrando-se de que sua mãe não sabia que houvesse uma guerra no segundo habitat.

"Encontrou um homem que aprecie os seus atributos?" perguntou Nicole, com tato.

"Ninguém que fique." Katie ficou meio constrangida com a própria resposta e repentinamente ficou agitada. "Escute aqui, Mamãe", disse ela inclinando-se sobre a mesa. "Não vim aqui para discutir minha vida amorosa…

Tenho uma proposta para você, ou melhor, a família tem uma proposta para você, que todos nós apoiamos."

Nicole encarou a filha com expressão de perplexidade. Pela primeira vez, notou que Katie envelhecera muito nos dois anos desde que a vira pela última vez, "Não compreendo", disse Nicole. "Que espécie de proposta?"

"Bem, como talvez você já saiba, o governo vem preparando o caso contra você já faz tempo. Agora já estão prontos para o julgamento. A acusação é sedição, que implica obrigatoriamente pena de morte. O promotor nos disse que as provas contra você são avassaladoras, e que com certeza será condenada. No entanto, em virtude de seus serviços passados à colônia, se você se declarar culpada da acusação menor de 'sedição involuntária', ele esquecerá…"

"Mas eu não sou culpada de nada", disse Nicole com firmeza. "Eu sei, Mamãe", replicou Katie, com um traço de impaciência. "Porém nós — Ellie, Patrick e eu — concordamos em que é muito provável

que você seja condenada. O promotor prometeu que se você simplesmente se declarar culpada da acusação menor, você será imediatamente transferida para um ambiente mais agradável com permissão para ter visitas da família, inclusive sua netinha nova… Ele chegou mesmo a sugerir que talvez pudesse interceder para que Benjy fosse morar com Ellie e Robert…"

Nicole ficara muito perturbada. "E todos vocês acham que eu deveria aceitar essa barganha e me reconhecer culpada, muito embora tenha inabalavelmente proclamado minha inocência desde que fui presa?"

Katie acenou com a cabeça. "Não queremos que você morra. Especialmente sem que haja motivo".

"Não haja motivo", os olhos de Nicole de repente soltaram faíscas. "Você acha que eu estaria morrendo sem motivo?" Ela se afastou da mesa, levantou-se e começou a caminhar pela cela. "Eu estaria morrendo pela justiça", disse Nicole, mais para si mesma do que para Katie, "ao menos assim o penso, e não há uma única alma neste mundo que me compreenda."

"Mas, Mamãe", exclamou Katie, "do que é que ia adiantar? Seus filhos é sua neta ficariam para sempre privados de sua companhia, Benjy iria ficar para sempre naquela instituição nojenta…"

"E então aparece essa barganha", interrompeu-a Nicole, elevando a voz, "uma versão mais insidiosa do pacto de Fausto com o diabo… Abandone seus princípios, Nicole, e reconheça sua culpa, muito embora você jamais tenha transgredido. E não venda sua alma por alguma mera recompensa terrena. Não, isso seria muito fácil de rejeitar… Pedem-lhe que faça esse acordo porque sua família pode beneficiar-se dele… Será que algum apelo mais tentador poderá jamais ser feito a uma mãe?"

Os olhos de Nicole estavam em fogo. Katie pegou a bolsa, tirou um cigarro e o acendeu com mão trêmula. "E quem é que me vem aqui com tal proposta?"

continuou Nicole. Agora já estava gritando. "Quem me traz comida deliciosa e vinho e retratos de minha família para me amolecer para o golpe de faca autoinfligido que sem dúvida me há de matar com muito mais dor do que a cadeira elétrica? Ora, a minha filha, o amado fruto do meu ventre."

Nicole de repente avançou e agarrou Katie. "Não banque o Judas para eles, Katie", disse Nicole sacudindo a filha assustada. "Você é muito melhor do que isso. Com o tempo, se eles me condenarem e executarem com essas acusações falsas, você há de apreciar o que estou fazendo."

Katie livrou-se das mãos da mãe e cambaleou para trás. Tirou uma baforada do cigarro. "Isso é só bafo, Mamãe", disse ela um

momento depois. “Bafo de merda, do princípio ao fim… Você está apenas sendo mais direita e santa do que os outros, como de hábito… Olhe, eu vim aqui para ajudá-la, para oferecer-lhe uma possibilidade de continuar viva. Será que nem por uma vez você será capaz de ouvir o que os outros dizem, na droga da sua vida?”

Nicole fixou Katie por vários segundos. Sua voz estava mais suave quando tornou a falar. “Eu estive ouvindo você, Katie, e não gostei do que ouvi. E estive também a observá-la… Não creio nem por um momento que você tenha vindo aqui hoje para me ajudar. Isso seria totalmente incoerente com tudo o que tenho visto do seu caráter nestes últimos anos. Tem de haver algum ganho para você nisso tudo…

“E tampouco acredito que de forma alguma você represente Ellie e Patrick.

Se assim fosse, eles teriam vindo com você. Devo confessar que por algum tempo, antes fiquei confusa e sentindo que talvez estivesse causando dor excessiva a meus filhos… Mas nestes últimos minutos percebi com muita clareza o que estava acontecendo por aqui… Katie, minha querida Katie…”

“Não me toque de novo”, gritou Katie, quando Nicole se aproximou dela.

Os olhos de Katie estavam rasos de lágrimas. “E poupe-me sua piedade de ser superior…”

A cela ficou momentaneamente em silêncio. Katie terminou seu cigarro e tentou se recompor. “Olhe”, disse ela finalmente, “não me importo merda nenhuma com o que você sinta por mim, isso não é importante, mas por que, Mamãe, por que não pode pensar em Patrick e Ellie e até mesmo na pequena Nicole? Será que ser santa é tão importante para você que eles tenham de sofrer por isso?”

“Com o tempo”, respondeu Nicole, “você há de compreender.”

“Com o tempo”, disse Katie com raiva, “você estará morta. Muito em breve… Será que você compreende que no momento em que eu sair daqui e disser a Nakamura que você não topou o trato, a data do seu julgamento será marcada?

E que você não tem a menor chance, não tem a menor porra de chance nenhuma?”

“Você não pode me assustar”, Katie. “Não posso assustá-la, não posso tocá-la, não posso sequer apelar para seu critério de julgamento. Como todos os santos bons, você só escuta suas próprias vozes.”

Katie respirou fundo. “Então, acho que isto é o fim… Adeus, mamãe.” A despeito de si mesma, Katie sentiu novamente lágrimas nos olhos. Nicole chorava abertamente. “Adeus, Katie”, disse ela. “Eu te amo.”

# 10

"A defesa pode, agora, apresentar seus argumentos finais."

Nicole levantou-se de sua cadeira e caminhou em torno da mesa. Estava surpreendida de se sentir tão cansada. Os dois anos na prisão haviam positivamente diminuído sua lendária resistência.

Lentamente, ela se aproximou do júri de quatro homens e duas mulheres.

A mulher na primeira fila, Karen Stolz, era originariamente da Suíça. Nicole a conhecera bastante bem quando a sra. Stolz e seu marido operavam a padaria na esquina da casa dos Wakefields em Beauvois.

"Olá de novo, Karen", disse Nicole em voz baixa, parando diretamente em frente aos jurados, sentados em duas filas de três cadeiras cada. "Como estão John e Marie?… Já devem ser adolescentes agora."

A sra. Stolz remexeu-se na cadeira. "Estão ótimos, Nicole", respondeu ela muito baixinho.

Nicole sorriu. "E você continua a fazer aqueles deliciosos pãezinhos de canela aos domingos de manhã?"

A batida do martelo do juiz soou por todo o tribunal. "Sra. Wakefield", disse o juiz Nakamura, "esta não é bem a hora para esse tipo de conversa. Seus argumentos finais estão restritos a cinco minutos e o relógio já está correndo."

Nicole ignorou o juiz. Inclinando-se por sobre a divisória entre ela e o júri, seus olhos fixaram-se em um magnífico colar em torno do pescoço de Karen Stolz. "As jóias são lindas", disse ela em um murmúrio. "Porém eles teriam pago muito, muito mais."

Novamente o martelo bateu. Dois guardas aproximaram-se rapidamente de Nicole, porém ela já se afastara de Karen Stolz. "Senhores e senhoras do júri, durante toda esta semana ouviram a promotoria repetidamente em insistir que eu incitei à resistência ao governo legítimo do Novo Éden. Por tais ações que me foram imputadas, sou acusada de sedição. Terão agora de decidir, com base nas provas apresentadas neste julgamento, se sou culpada. Por favor, lembrem-se, ao deliberar, de que a sedição é uma ofensa capital — um veredicto de culpada trará consigo necessariamente a pena de morte.

"Em meus argumentos finais, gostaria de examinar cuidadosamente a estrutura do caso da procuradoria. Nos depoimentos do primeiro dia, foram todos irrelevantes quanto às acusações contra mim e, creio eu, permitidos pelo juiz Nakamura em clara violação das leis da colônia que se ocupam de testemunhos em casos de ofensas capitais…" "Sra. Wakefield", interrompeu zangado o juiz Nakamura,

“como já lhe disse antes esta semana, não posso tolerar comentários tão desrespeitosos em meu tribunal. Mais uma declaração desse gênero e não só será culpada de desrespeito à corte como também terminarei definitivamente seus argumentos finais.”

“Durante todo aquele dia a promotoria tentou demonstrar que minha moralidade sexual era questionável, e que portanto eu de algum modo me tornava candidata provável a envolvimento com conspiração política. Senhoras e senhores, teria prazer em discutir com os senhores as circunstâncias pouco comuns associadas à concepção de cada um de meus seis filhos. No entanto, minha vida sexual, passada, presente ou até mesmo futura não tem a menor relevância para este caso. A não ser por seu possível valor como entretenimento, os testemunhos do primeiro dia não tiveram o menor sentido.”

Houve alguns risinhos nas galerias apinhadas, mas os guardas logo calaram a multidão. “O grupo seguinte de testemunhas”, continuou Nicole, “gastou muitas horas implicando meu marido em atividades sediciosas. Confesso abertamente que sou casada com Richard Wakefield. Porém, sua culpa ou ausência dela, na verdade, também não tem a menor importância para este julgamento. Só provas que supostamente me tornem culpada de sedição são relevantes aqui para o seu veredicto.

“A promotoria sugeriu que meus atos sediciosos originaram-se com meu envolvimento com o vídeo que eventualmente resultou na criação desta colônia.

Reconheço que eu realmente ajudei na preparação do vídeo transmitido de Rama para a Terra, porém nego categoricamente que tenha “conspirado desde o início com os alienígenas” ou tenha conspirado com os extraterrestres que construíram esta espaçonave contra meus irmãos humanos.

“Participei da feitura do vídeo, como indiquei ontem quando permiti que o promotor me interrogasse, porque senti que não tinha alternativa. Minha família e eu estávamos nas mãos de uma inteligência e de um poder muito além de qualquer coisa que qualquer de nós pudéssemos jamais imaginar. Sentíamos grande preocupação com a possibilidade de a recusa em concordar com seus pedidos de ajuda com o vídeo pudesse resultar em represálias contra nós.”

Nicole voltou à mesa da defesa rapidamente e bebeu um pouco de água.

Depois virou-se e tornou a encarar o júri. “Isso deixa apenas duas fontes possíveis para qualquer evidência que me condenem por sedição — o testemunho de minha filha Katie e aquela estranha gravação de áudio, uma coleção sem pé nem cabeça de comentários feitos por mim a outros membros de minha família depois de presa,

que os senhores ouviram ontem pela manhã.

"Os senhores sabem muito bem como gravações desse tipo podem ser distorcidas e manipuladas. Os dois principais técnicos de áudio admitiram aqui, no banco das testemunhas, que haviam ouvido centenas de horas de conversas entre meus filhos e eu antes de conseguir produzir trinta minutos de "provas comprometedoras", sendo que em momento algum mais do que dezoito segundos consecutivos foram tomados de uma mesma conversa. Dizer que meus comentários ali gravados foram apresentados fora de contexto é o mínimo que se pode dizer sobre eles.

"Em relação ao testemunho de minha filha Katie Wakefield só posso dizer, com profunda tristeza, que ela mentiu repetidamente em suas afirmações originais. Eu jamais tive conhecimento dessas supostas atividades ilegais de meu marido, e certamente jamais o ajudei nas mesmas.

"Hão de lembrar-se de que, ao ser interrogada por mim, Katie ficou confusa quanto aos fatos e acabou repudiando seu testemunho inicial, antes de desmaiar no banco das testemunhas. O juiz os havia advertido de que minha filha em tempos recentes vinha tendo saúde mental precária, e que deveriam ignorar comentários feitos por ela sob pressão emocional durante meu interrogatório. Eu lhes imploro que se lembrem de cada palavra dita por Katie, não só quando o promotor a interrogava, mas também durante o tempo no qual eu estava tentando obter dela datas e locais específicos para as ações sediciosas que ela me havia atribuído."

Nicole aproximou-se do júri uma última vez, estabelecendo cuidadosamente contato com cada um deles. "Em última análise, os senhores têm de julgar onde está a verdade deste caso. Eu os encaro de coração pesado, sem acreditar mesmo agora na série de acontecimentos que me levaram a ser acusada desses crimes gravíssimos. Eu servi bem à colônia e à espécie humana. Não sou culpada das acusações que me são feitas. Todo e qualquer poder ou inteligência que exista neste espantoso universo há de reconhecer tal fato, a despeito do resultado deste julgamento."

A luz lá fora estava diminuindo rapidamente. Contemplativa, Nicole encostou-se na parede de sua cela, imaginando se aquela seria sua última noite de vida. Teve um tremor involuntário. Desde o anúncio do veredicto, Nicole ia dormir todas as noites esperando morrer no dia seguinte.

A Garcia trouxe-lhe o jantar logo depois que escureceu. A comida tinha sido muito melhor nos últimos dias. Enquanto comia seu peixe grelhado, Nicole refletiu sobre os cinco anos desde que ela e sua família receberam a primeira equipe exploratória da Pinta. O que fora

que dera errado aqui? indagou-se Nicole.

Quais foram nossos erros fundamentais?

Ela podia ouvir a voz de Richard em sua cabeça. Sempre cínico e sem confiança no comportamento humano, ele sugerira no final do primeiro ano que o Novo Éden fosse bom demais para a humanidade. “Eventualmente, nós o arruinaremos, como fizemos com a Terra”, disse ele. “Nossa bagagem genética — tudo aquilo, sabe, territorialismo e agressão e comportamento de réptil — é forte demais para que a educação e o esclarecimento possam derrotar. Veja só os heróis de O’Toole, ambos, Jesus e aquele jovem italiano, S. Miguel de Siena.

Foram destruídos porque sugeriram que os humanos deveriam tentar ser mais do que chimpanzés espertos.”

Mas aqui, no Novo Éden, pensou Nicole, havia tantas oportunidades para um mundo melhor. As necessidades básicas da vida eram fornecidas pela colônia.

Vivíamos cercados por uma prova incontestável de que existia no universo uma inteligência muito mais adiantada do que a nossa. Isso deveria ter produzido um ambiente no qual…

Ela terminou seu peixe e puxou para si o pequeno pudim de chocolate.

Nicole sorriu, lembrando-se o quanto Richard gostava de chocolate. Tenho sentido tanta falta dele. Em especial de sua conversa e percuciência. Nicole surpreendeu-se ao ouvir passos vindos na direção da cela. Um profundo arrepio de medo cruzou-lhe o corpo. Seus visitantes eram dois jovens, cada um carregando uma lanterna. Usavam o uniforme da polícia especial de Nakamura.

Os homens entraram na cela com modos muito profissionais. Não se apresentaram. O mais velho, provavelmente aí por uns 35 anos, rapidamente puxou de um documento legal e começou a lê-lo. “Nicole de Jardins Wakefield”, disse ele, “você foi condenada pelo crime de sedição e será executada amanhã às 8:00h. Seu desjejum será servido às 6:30h, dez minutos depois da primeira luz do dia, e nós viremos buscá-la para a execução às 7:30h. Você será amarrada à cadeira elétrica às 7:58h, e a corrente será aplicada exatamente dois minutos mais tarde… Tem alguma pergunta?”

O coração de Nicole estava batendo com tal velocidade que ela mal conseguia respirar. Lutou para se acalmar. “Tem alguma pergunta?”, repetiu o policial.

“Qual é o seu nome, rapaz?” perguntou Nicole, mas sua voz vacilou.

“Franz”, respondeu o rapaz com uma hesitação de perplexidade.

“Franz de quê?” disse Nicole.

“Franz Bauer”, respondeu ele.

“Pois muito bem, Franz Bauer”, disse Nicole, tentando forçar um sorriso, “será que por favor você poderia informar-me quanto tempo levará até que eu morra? Depois de aplicarem a corrente, é claro.”

“Eu não sei, realmente”, disse ele, um tanto confuso. “Perderá a consciência quase que instantaneamente, em uns dois segundos. Mas não sei quanto tempo…”

“Obrigada”, disse Nicole, começando a sentir-se desfalecente. “Será que agora podiam ir embora? Eu gostaria de ficar sozinha.” Os dois rapazes abriram a porta da cela. “E, se me permitem”, acrescentou Nicole, “será que poderiam me deixar uma das lanternas? E talvez papel e tinta, ou até mesmo um anotador eletrônico?”

Franz Bauer sacudiu a cabeça. “Sinto muito. Não podemos…”

Nicole despediu-se com um gesto e cruzou para o fundo da cela. Duas cartas, disse ela a si mesma, respirando compassadamente para recobrar as forças. Eu só queria escrever duas cartas, uma para Katie e uma para Richard. Já fiz minha paz definitiva com todos os demais.

Depois que os policiais saíram, Nicole relembrou as longas horas que passara no buraco em Rama, há tantos anos, quando esperara morrer de fome.

Passara então o que pensava seriam seus últimos dias relembrando os momentos felizes de sua vida. Isso não é necessário agora. Não há evento de meu passado que já não tenha sido inteiramente examinado. São as vantagens de dois anos na prisão.

Nicole ficou surpresa quando descobriu que estava zangada por não poder escrever suas duas cartas finais. Vou levantar a questão novamente de manhã.

Eles me deixarão escrever as cartas se eu fizer barulho suficiente. A despeito de si mesma, Nicole sorriu. “Não com delicadeza…” disse ela em voz alta. Repentinamente, sentiu seu pulso disparar de novo. Com os olhos da mente Nicole viu a cadeira elétrica na sala escura. Estava sentada nela; um estranho elmo foi preso à sua cabeça. O elmo começou a brilhar e Nicole viu-se caindo para a frente.

Meu Deus, pensou ela, seja você quem ou o que for, por favor, dê-me alguma coragem nesta hora. Eu estou muito assustada.

Nicole sentou-se em sua cama, na escuridão da cela. Em poucos minutos, sentiu-se melhor, quase calma. Viu-se especulando como seria o instante da morte. Será assim como adormecer, e depois nada? Ou será que alguma coisa especial acontece no último momento, alguma coisa que nenhum ser vivo conhece?

Uma voz a estava chamando de longe. Nicole agitou-se mas não acordou completamente. “Sra. Wakefield”, chamou de novo a voz.

Nicole sentou-se rapidamente na cama, pensando já ser de manhã. Sentiu uma onda de medo quando sua mente a informou que

só tinha ainda umas poucas horas de vida. “Sra. Wakefield”, disse a voz, “aqui, do lado de fora de sua cela… É o Amadou Diaba.”

Nicole esfregou os olhos e se esforçou para ver a figura junto à porta, no escuro. “Quem?” disse ela, cruzando o quarto devagar.

“Amadou Diaba. Há dois anos a senhora ajudou o dr. Turner a fazer meu transplante de coração.”

“O que está fazendo aqui, Amadou? E como entrou?”

“Vim trazer-lhe uma coisa. Subornei todos os que foram necessários. Eu tinha de vê-la.”

Muito embora o homem estivesse só a cinco metros dela, Nicole só percebia muito vagamente sua silhueta no escuro. E seus olhos cansados também se confundiam. Em dado momento, quando tentou muito focalizar os olhos, por um instante pensou que o visitante fosse seu bisavô Omeh. Um calafrio cortante percorreu seu corpo.

“Está bem, Amadou” disse Nicole, afinal. “O que foi que você trouxe para mim?”

“Preciso explicar primeiro”, disse ele. “E mesmo aí pode ser que não faça muito sentido… Eu mesmo não compreendi direito. Eu só sei que tive que trazer, esta noite, para a senhora.”

Ele fez uma pequena pausa. Quando Nicole não disse nada, Amadou começou logo a contar sua história. “No dia seguinte ao da minha seleção para a Colônia Lowell, quando eu ainda estava em Lagos, recebi um recado estranho de minha avó Senoufo, dizendo que era urgente que eu a fosse ver. Fui na primeira Oportunidade, duas semanas mais tarde, depois de haver recebido outro recado de minha avó dizendo que minha visita era “questão de vida ou morte.”

“Quando cheguei à aldeia dela na Costa do Marfim, já era noite. Minha avó acordou e vestiu-se imediatamente. Acompanhados pelo pajé da aldeia, fizemos uma longa caminhada pela savana naquela mesma noite. Eu estava exausto quando chegamos ao nosso destino, uma pequena aldeia chamada Nidougou.” “Nidougou?” interrompeu Nicole.

“Isso mesmo”, respondeu Amadou. “Seja como for, havia lá um homem estranho e encarquilhado que deve ter sido alguma espécie de superxamã. Minha avó e nosso pajé ficaram em Nidougou enquanto esse homem e eu fizemos uma escalada exaustiva até uma montanha estéril ao lado de um pequeno lago.

Chegamos logo antes do nascer do sol. ‘Olhe’, disse-me o velho quando os primeiros raios do sol atingiram o lago, ‘olhe dentro do Lago de Sabedoria. O que vê?’ “Disse-lhe que via trinta ou quarenta objetos semelhantes a melões repousando no fundo de um lado do lago. ‘Ótimo’, disse ele sorrindo,’você sem dúvida é o certo’.

‘O certo o quê?’ perguntei-lhe.

“Ele não respondeu. Caminhamos em volta do lago, mais perto de

onde os melões estavam submersos — não podíamos vê-los mais porque o sol já estava mais alto no céu — e o superxamã tirou de algum lugar um vidrinho pequeno.

Mergulhou-o na água, tampou-o e depois me deu. Também me deu uma pedrinha que parecia e tinha a forma daqueles objetos semelhantes a melões que estavam no fundo do lago.

'São os presentes mais importantes que receberá em sua vida,' disse-me ele.

'Por quê?', perguntei.

"Alguns segundos mais tarde seus olhos ficaram completamente brancos e ele caiu em um transe, entoando algo em Senoufo ritmado. Ele dançou por vários minutos e de repente pulou no lago para nadar.

'Espere aí', gritei eu. 'O que devo fazer com seus presentes?' 'Leve-os sempre com você a todo lugar', disse ele. 'Quando chegar a hora, você vai saber'."

Nicole pensou que o bater de seu coração tinha ficado tão alto que até Amadou o ouviria. Estendendo o braço através das grades da cela, ela tocou-lhe o ombro. "E ontem à noite", disse ela, "uma voz em um sonho, que talvez nem sequer tenha sido um sonho, disse-lhe que me trouxesse o vidrinho e a pedra esta noite."

"Exatamente", disse Amadou. "Como é que a senhora soube?"

Nicole não respondeu. Não conseguia falar. Todo o seu corpo tremia.

Momentos mais tarde, quando Nicole sentiu os dois objetos em sua mão, seus joelhos estavam tão fracos que pensou que fosse cair. Agradeceu duas vezes a Amadou e insistiu para que ele se fosse antes que o descobrissem.

Ela cruzou lentamente a cela até a cama. Será possível? E como foi possível? Tudo isto de algum modo já era sabido desde o princípio? Melões manás na Terra? O sistema de Nicole estava sobrecarregado. Eu perdi o controle, pensou, e nem sequer ainda bebi do vidrinho.

Só segurar o vidro e a pedra relembrou Nicole vivamente da incrível visão que tivera no fundo do buraco em Rama II. Nicole abriu o vidro, respirou fundo duas vezes e engoliu precipitadamente o conteúdo. A princípio, pensou que nada estivesse acontecendo. O negror à sua volta não mudou. Mas, de repente, uma grande bola alaranjada formou-se no meio da cela. Ela explodiu e espalhou cor por toda a escuridão. Seguiu-se uma bola vermelha, depois uma púrpura. Quando Nicole recuou ante o brilho da explosão púrpura, ouviu um riso alto do lado de fora de sua janela. Olhou naquela direção.

A cela havia desaparecido. Nicole estava fora, em um campo.

Estava escuro, porém ela podia ver as silhuetas dos objetos. Bem distante, Nicole tornou a ouvir o mesmo riso. Amadou, chamou ela em

sua mente. Nicole correu pelo campo em velocidade ofuscante. Ia apanhar o homem. Quando chegou perto, seu rosto mudou. Não era Amadou, era Omeh.

Ele tornou a rir e Nicole parou. Ronata, chamou ele. Seu rosto estava crescendo. Maior, maior, estava do tamanho de um carro, depois do tamanho de uma casa. Seu riso era ensurdecedor. O rosto de Omeh era um imenso balão que subia cada vez mais para dentro da noite. Ele riu mais uma vez e seu rosto de balão explodiu, jorrando água como um chuveiro sobre Nicole.

Ela estava encharcada, submersa, nadando debaixo da água. Quando emergiu, Nicole estava no lago do oásis na Costa do Ouro, onde, aos sete anos, ela enfrentara a leoa durante o Poro. A mesma leoa estava caminhando em volta do lago. Nicole era de novo uma menina. E estava muito assustada.

Eu quero minha mãe, pensou Nicole. Descansando, deitado, seja o sono abençoado, cantarolou. Nicole começou a sair da água. A leoa não a perturbou.

Ela lançou um olhar para o animal e o rosto da leoa passou a ser o de sua mãe.

Nicole correu e abraçou a mãe. Em lugar disso, Nicole virou a própria leoa, passeando na margem da lagoa no oásis no meio da savana africana.

Havia agora seis crianças nadando na lagoa. Enquanto a leoa Nicole continuava a cantar o Acalanto de Brahms, uma a uma as crianças foram saindo da água. Geneviève foi a primeira, depois Simone, Katie, Benjy, Patrick e Ellie. Um a um eles passaram por ela, a caminho da savana. Nicole saiu correndo atrás deles.

Ela estava correndo em uma pista em um estádio. Nicole era humana de novo, jovem e atlética. Seu pulo final foi anunciado. Quando se dirigiu à cabeceira da pista do salto triplo, um juiz japonês aproximou-se dela. Era Toshio Nakamura. Você vai queimar, disse ele com ar zangado.

Nicole pensou que estivesse voando ao se aproximar velozmente do ponto de salto. Pisou na marca com perfeição, alçou vôo no salto, deu uma pisada perfeita para o segundo e pulou velocíssima para a caixa de areia. Sabia que fora um bom salto. Nicole correu para onde deixara seu agasalho. Seu pai e Henry apareceram para abraçá-la. “Muito bom” disseram ambos em uníssono. “Muito bom, mesmo.”

Joana d’Arc levou-lhe a medalha de ouro no pódio e pendurou-a em torno do pescoço de Nicole. Eleonor da Aquitânia entregou-lhe uma dúzia de rosas.

Kenji Watanabe e o juiz Mishkin ficaram a seu lado e deram-lhe parabéns. O altofalante anunciou que seu salto era um novo recorde mundial. A multidão a aplaudia de pé. Nicole olhou para aquele mar

de rostos e viu que não havia só humanos na multidão. A Águia estava lá, em um camarote especial, sentada ao lado de todo um grupo de octoaranhas. Todos a saudavam, até mesmo as aves e as criaturas esféricas com seus tentáculos parecendo teias de aranha, enquanto uma dúzia das enguias de capa se apertavam de encontro à janela de vasto aquário. Nicole acenou para todos. Seus braços transformaram-se em asas e ela começou a voar. Nicole era um falcão voando muito alto, acima das árvores de plantação do Novo Éden. Ela olhou lá embaixo para o prédio onde tinha ficado presa. Virando para oeste, Nicole localizou a fazenda de Max Puckett. Embora fosse noite, Max estava do lado de fora, trabalhando no que parecia ser uma ampliação de um de seus celeiros.

Nicole continuou a voar para oeste, na direção das brilhantes luzes de Vegas. Desceu quando chegou perto do complexo, voando atrás das grandes casas noturnas, uma a uma. Katie estava sentada do lado de fora, em uns degraus no fundo, sozinha. Tinha o rosto afundado entre as mãos, e todo o seu corpo sacudia. Nicole tentou consolá-la, porém o único som foi o grito de um falcão, e Katie olhou para o alto, perplexa.

Voou depois para Positano, perto da saída do habitat, e esperou que a porta externa se abrisse. Assustando o guarda, Nicole deixou o Novo Éden.

Chegou a Avalon em menos de um minuto. Robert, Ellie, até a pequena Nicole e uma auxiliar de enfermagem estavam todos na sala de visitas, com Benjy na enfermaria. Nicole não tinha idéia por que eles estariam acordados no meio da noite. Gritou para eles e Benjy chegou na janela e olhou para a escuridão.

Nicole ouviu uma voz que a chamava. Muito fraca, vinha de muito longe, ao sul. Voou rapidamente até o segundo habitat, entrando pelo buraco aberto que os humanos haviam cavado na parede externa. Depois de passar muito depressa pelo anel e descobrir uma porta, pairou acima da região verde no interior. Não ouvia mais a voz, mas conseguiu ver seu filho Patrick acampado com outros soldados perto da base do cilindro marrom.

Uma ave com quatro círculos azul-cobalto foi encontrar com ela no ar. Ele não está mais aqui, disse ela. Tente Nova York. Nicole saiu rapidamente do segundo módulo e voltou à Planície Central. Tornou a ouvir a voz. Subindo cada vez mais, o falcão Nicole já quase não conseguia respirar.

Voou para o sul por cima da parede perimetral que envolvia o Hemicilindro Norte. O Mar Cilíndrico estava embaixo dela. A voz ficou mais distinta. Era Richard. Seu coração de falcão bateu furiosamente.

Ele estava de pé na orla, na frente dos arranha-céus, acenando

para ela.

Venha até mim, Nicole, dizia sua voz. Ela podia ver os olhos dele até mesmo no escuro. Nicole desceu e pousou no ombro de Richard.

Só havia negror à volta dela. Nicole estava de volta à sua cela. Seria um pássaro que ouvira voando logo fora de sua janela? Seu coração ainda trepidava.

Ela cruzou o pequeno quarto. Obrigada, Amadou, disse ela. Ou Omeh, sorriu. Ou Deus.

Nicole estendeu-se em sua cama. Alguns segundos mais tarde, já estava dormindo.

*FIM*